

UNIVERSIDADE ABERTA

Os Avós na Família e Sociedade Contemporâneas Uma Abordagem Intergeracional e Intercultural



Tese de Doutorado em Psicologia Especialidade Psicologia Intercultural

João Paulo Vieira Rodrigues

**Orientadora:
Professora Doutora Natália Ramos**

Outubro de 2013

RESUMO

O estudo sobre a importância dos avós na família e sociedade contemporâneas visa compreender qual o papel que os avós têm para a dinâmica familiar, quer como recurso quer como transmissão de saberes numa perspectiva intergeracional.

Foram analisadas neste estudo 50 famílias, 25 famílias num contexto rural e 25 famílias num contexto urbano. Foram entrevistadas diferentes gerações ou seja, pais, mães, avós e avôs do mesmo núcleo familiar perfazendo um total de 200 entrevistas.

Concluiu-se que os avós são um recurso familiar, social e económico imprescindível e são muito importantes na transmissão de valores sociais e culturais e no cuidar dos seus netos.

Também a transmissão de saberes por parte dos avós, sobretudo das avós sobre os cuidados infantis, são uma mais-valia para as mães que estão a iniciar o seu projeto maternal.

Na atualidade, os recursos de saúde disponíveis são melhores no entanto os recursos de saúde locais nem sempre dão resposta às necessidades dos pais e das mães.

A utilização de cuidados tradicionais diminuiu, apesar de alguns ainda continuarem a ser utilizados pelas avós.

Verifica-se uma diminuição intergeracional na importância e transmissão das práticas, tradições e valores religiosos dos pais, na educação e na proteção infantil, apesar dos mesmos não se oporem a que os seus filhos frequentem as igrejas ou pratiquem a religião.

A investigação sublinha a manutenção da importância do núcleo familiar para a qualidade de vida, bem-estar e crescimento harmonioso dos seus elementos, assim como da solidariedade familiar existente entre avós, pais e netos.

Palavras-chave: Avós; Família; Intergeracionalidade; Interculturalidade; Cuidados de saúde infantis; Solidariedade familiar; Transmissão cultural.

RESUMEN

El estudio sobre la importancia de los abuelos en la familia y sociedad contemporáneas busca comprender cuál es el papel que los abuelos tienen en la dinámica familiar, sean como recurso sean como transmisores de conocimiento en una perspectiva intergeneracional.

Fueron utilizadas para este estudio 50 familias, 25 familias de ambiente rural y 25 familias de ambiente urbano. Se entrevistaron diferentes generaciones, o sea, padres, madres, abuelos y abuelas del mismo núcleo familiar realizándose un total de 200 entrevista.

Se verificó que los abuelos son un recurso familiar, social y económico imprescindible y son muy importantes en la transmisión de valores sociales y culturales y en el cuidado de sus nietos.

También la transmisión de conocimientos por parte de los abuelos, sobre todo de las abuelas sobre los cuidados infantiles es una plusvalía para las madres que están iniciando su proyecto maternal.

En la actualidad, los recursos sanitarios disponibles son mejores, aunque los recursos sanitarios locales no siempre dan respuesta a las necesidades de los padres y de las madres.

La utilización de los cuidados tradicionales disminuyó, a pesar de que aún se continúan a utilizar por los abuelos.

Se verifica una disminución intergeneracional en la importancia y transmisión de las prácticas, tradiciones y de los valores religiosos de los padres en la protección infantil, a pesar de que los mismos no se oponen a que sus hijos frecuenten las iglesias o practiquen una religión.

La investigación subraya el mantenimiento de la importancia del núcleo familiar para la calidad de vida, bienestar y crecimiento armonioso de sus elementos, así como de la solidaridad entre abuelos, padres y nietos.

Palabras-clave: Abuelos; Familia; Intergeneracionalidad; Interculturalidad; Cuidados sanitarios infantiles; Solidaridad familiar; Transmisión cultural.

SUMMARY

The study on the importance of the grandparents in the contemporary family and society aims at understanding the role they play on the family dynamics, either as a resource or the transfer of know-how in an intergeneration perspective.

The study included 50 families, 25 families living in a rural context and another 25 living in a urbane one. People from very different generations were interviewed, i.e, fathers, mothers, grandmothers and grandfathers, and from the very same family nucleus, in a total os 200 individuals.

The conclusion drawn is that grandparents are indeed an indispensable family, social and economical resource, and are also very important on the transfer of social and cultural values, as well as looking after their grandchildren.

The grandparents' transfer of know-how, particularly the knowledge transferred from grandmothers as far as infant caretaking is concerned, are an added value for mothers who are initiating their maternal Project.

Today, the health resources available are better; however in terms of local health care resources, these do not always meet the fathers and mothers needs.

The use of the traditional health care procedures has decreased, although some are still being used by grandmothers.

There is an intergeneration decrease regarding the importance and transfer of parents' religious practices, traditions and values on infant protection, although not opposing to their children attending a church nor practicing a religion.

The research underlines the need to keep the importance of the family nucleus on its elements quality of life, well-being and harmonious growth, as well as the family solidarity existing among grandparents, parents and grandchildren.

Keiwords: Grandparents; family; intergeneration, interculturality; interculture, infant health care, family solidarity, cultural transfer.

Ai ai ai como é bom ser avozinho,
ai ai ai como é lindo o meu netinho.
Oh meu querido netinho,
que estás a olhar para mim,
tu és a mais linda flor,
qu'eu tenho no meu jardim.
Vou-te contar um segredo,
guardado no meu pensamento,
eu já estava à tua espera,
há muito, muito tempo.
Nasceste no mês de Maio,
mês de fé e de Maria,
que Deus te proteja meu anjo,
quer de noite quer de dia.
Gosto do teu sorriso,
adoro o teu beijo molhado,
anda cá meu amorzinho,
que sejas sempre abençoado.

Quim Barreiros in *Use Álcool* (2007)
Editora Espacial

(Musica e letra que o popular cantor
dedicou ao seu neto)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer à Professora Doutora Natália Ramos, orientadora desta investigação, pela disponibilidade, partilha de saberes e coragem instituída nos meus momentos de fraqueza.

Ao meu amigo Dr. Armando Ramos pela ajuda técnica e amizade, sem o qual era impossível a conclusão desta tese.

Às minhas colegas do Serviço de Pediatria do Hospital de Santarém E.P.E, pela ajuda e apoio nos momentos mais difíceis.

Por último, às pessoas entrevistadas, avós, avôs pais e mães, cujo contributo e experiências de vida me enriqueceram, como pessoa e como investigador.

A todos o meu muito obrigado

ÍNDICE	PÁGINA
INTRODUÇÃO.....	22
PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	31
CAPITULO 1 – SOCIEDADE, ENVELHECIMENTO E AVOSIDADE.....	32
1.1 – ENVELHECIMENTO E AVOSIDADE.....	32
1.2 – O DESAFIO DE ENVELHECER.....	35
1.3 – AVÓS E NETOS.....	39
1.4 – IMPORTÂNCIA SOCIAL E JURIDICA DOS AVÓS.....	43
CAPITULO 2 – CULTURA, FAMÍLIA E INTERGERACIONALIDADE.....	46
2.1 – SAÚDE DESENVOLVIMENTO E RELAÇÕES INTERCULTURAIS.....	51
2.2 – AVÓS, RELAÇÕES INTERGERACIONAIS E DE GÉNERO.....	59
2.3 – CONTEXTOS DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E ETNOTEORIAS SOBRE CUIDADOS INFANTIS.....	67
PARTE II – INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA.....	71
CAPITULO 3 – METODOLOGIA.....	72
3.1 – OBJECTIVOS.....	72
3.2 - METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO.....	73
3.3 - CONTEXTO DO ESTUDO E PARTICIPANTES.....	74
3.4 - PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS.....	74
CAPITULO 4 – CARACTERIZAÇÃO SÓCIO/DEMOGRÁFICA DOS PARTICIPANTES.....	76
4.1 – CARACTERIZAÇÃO GERAL DOS PARTICIPANTES.....	76
4.2 – CARACTERIZAÇÃO SÓCIO/DEMOGRÁFICA DAS AVÓS.....	79
4.2.1 – <u>Idade das avós</u>	79

4.2.2 – <u>Naturalidade e residência das avós</u>	80
4.2.3 – <u>Habilitações literárias das avós</u>	85
4.2.4 – <u>Estado civil das avós</u>	87
4.2.5 – <u>Número de filhos das avós</u>	88
4.2.6 – <u>Número de netos das avós</u>	89
4.2.7 – <u>Religião das avós</u>	91
4.2.8 – <u>Situação profissional das avós</u>	92
4.2.9 – <u>Composição do agregado familiar das avós</u>	93
4.2.10 – <u>Distância das avós e dos seus netos</u>	94
4.3 – CARACTERIZAÇÃO SÓCIO/DEMOGRÁFICA DOS AVÔS.....	96
4.3.1 – <u>Idade dos avôs</u>	96
4.3.2 – <u>Naturalidade e residência dos avôs</u>	97
4.3.3 – <u>Habilitações literárias dos avôs</u>	102
4.3.4 – <u>Estado civil dos avôs</u>	104
4.3.5 – <u>Número de filhos e de netos dos avôs</u>	105
4.3.6 – <u>Religião dos avôs</u>	108
4.3.7 – <u>Situação profissional dos avôs</u>	110
4.3.8 – <u>Composição do agregado familiar dos avôs</u>	112
4.3.9 – <u>Distância dos avôs e dos seus netos</u>	113
4.4 – CARACTERIZAÇÃO SÓCIO/DEMOGRÁFICA DAS MÃES.....	114
4.4.1 – <u>Idade das mães</u>	114
4.4.2 – <u>Naturalidade e residência das mães</u>	116
4.4.3 – <u>Habilitações literárias das mães</u>	120
4.4.4 – <u>Estado civil das mães</u>	121
4.4.5 – <u>Profissão das mães</u>	122
4.4.6 – <u>Religião das mães</u>	125
4.4.7 – <u>Composição do agregado familiar e número de filhos das mães</u> ...	127
4.4.8 – <u>Tipo de habitação das mães e distância da casa dos avôs</u>	130
4.5 – CARACTERIZAÇÃO SÓCIO/DEMOGRÁFICA DOS PAIS.....	132
4.5.1 – <u>Idade dos pais</u>	132

4.5.2 – <u>Naturalidade e residência dos pais</u>	134
4.5.3 – <u>Habilitações literárias dos pais</u>	137
4.5.4 – <u>Estado civil dos pais</u>	138
4.5.5 – <u>Profissão dos pais</u>	139
4.5.6 – <u>Religião dos pais</u>	141
4.5.7 – <u>Composição do agregado familiar e número de filhos dos pais</u>	142
4.5.8 – <u>Tipo de habitação dos pais e distância da casa dos avós</u>	143
4.6 – SÍNTESE FINAL.....	145
CAPÍTULO 5 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	146
5 – ANÁLISE E RESULTADOS – AVÓS.....	146
5.1 – CUIDADOS INFANTIS PRESTADOS PELAS AVÓS.....	146
5.1.1 – <u>Cuidados das avós aos seus netos</u>	146
5.1.2 – <u>Onde as avós obtiveram conhecimentos para cuidar dos seus netos</u>	154
5.2 – SOLIDARIEDADE FAMILIAR; GÉNERO E INTERGERACIONALIDADE.....	163
5.2.1 – <u>Tipos de ajudas dos pais das avós</u>	163
5.2.2 – <u>Tipos de ajudas das avós aos seus filhos</u>	171
5.2.3 – <u>Diferença intergeracional do papel de avó</u>	176
5.2.4 – <u>Importância das avós na família quando eram jovens mães</u>	179
5.2.5 – <u>Recursos das avós quando eram jovens mães</u>	184
5.2.6 – <u>Diferença intergeracional dos cuidados aos mais idosos</u>	188
5.3 – CUIDADOS TRADICIONAIS PRESTADOS ÀS CRIANÇAS PELAS AVÓS.....	192
5.4 – CUIDADOS PRESTADOS PELOS ESPOSOS DAS AVÓS.....	209
5.5 – RECURSOS DE SAÚDE NO PERÍODO INTERGERACIONAL...	213
5.5.1 – <u>Importância dos vizinhos e outros familiares no cuidar das crianças</u>	218
5.6 – PRÁTICAS MÁGICO/RELIGIOSAS DAS AVÓS PRATICADAS	

AOS FILHOS E NETOS.....	221
5.7 – O SER AVÓ NA INTERGERACIONALIDADE.....	232
5.8 – IMPORTÂNCIA DAS UNIDADES DE SAÚDE LOCAIS PARA AS AVÓS.....	235
5.9 – IMPORTÂNCIA DOS AVÓS PARA AS CRIANÇAS/FAMÍLIA.....	240
5.9.1 – <u>Substituição dos avós pela creche segundo os avós</u>	245
5.10 – SER AVÓ: EXPERIÊNCIAS, VIVÊNCIAS E MENSAGENS....	251
5.11 – SÍNTESE FINAL - AVÓS.....	265
6. – ANÁLISE E RESULTADOS – AVÓS.....	271
6.1 – IMPORTÂNCIA DOS AVÓS PARA OS AVÓS.....	271
6.2 – AVÓS E SOLIDARIEDADE FAMILIAR.....	276
6.3 – AVÓS E CUIDADOS INFANTIS.....	281
6.3.1 – <u>Cuidados dos avós aos seus filhos</u>	282
6.3.2 – <u>Cuidados dos avós aos seus netos</u>	285
6.3.3 – <u>Cuidados prestados pelos avós dos avós</u>	288
6.3.4 – <u>Diferenças nos cuidados prestados pelos avós aos seus filhos e aos seus netos</u>	292
6.3.5 – <u>Importância dos avós junto dos netos</u>	295
6.3.6 – <u>Substituição dos avós pela creche, segundo os avós</u>	297
6.3.7 – <u>Presença dos pais junto dos filhos no espaço intergeracional</u>	300
6.4 – TRANSMISSÃO DE SABERES INTERGERACIONAIS E DIFERENÇAS DE GÊNERO NO CUIDAR.....	302
6.5 - CUIDADOS DE SAÚDE INFANTIS E INTERGERACIONALIDADE.....	311
6.5.1 – <u>Cuidados de saúde infantil no espaço intergeracional</u>	311
6.5.2 – <u>Cuidados tradicionais prestados aos avós</u>	314
6.6 - SER AVÔ: EXPERIÊNCIAS, VIVÊNCIAS E MENSAGENS.....	319
6.7 – SÍNTESE FINAL - AVÓS.....	329
7 – ANÁLISE E RESULTADOS - MÃES.....	334
7.1 – MÃES E CUIDADOS INFANTIS.....	334
7.1.1 – <u>Onde as mães obtiveram conhecimentos para cuidarem dos seus</u>	

<u>filhos</u>	336
7.1.2 – <u>Importância dos saberes da mãe/sogra para as mães</u>	339
7.1.3 – <u>Cuidados tradicionais prestados pelas mães</u>	345
7.1.4 – <u>Semelhanças e diferenças das fontes de saberes das mães</u>	349
7.2 – PRÁTICAS E CRENÇAS RELIGIOSAS PRATICADAS PELAS MÃES AOS SEUS FILHOS.....	352
7.3 – IMPORTÂNCIA DOS AVÓS PARA AS MÃES.....	355
7.3.1 – <u>Importância que tem para as mães, os cuidados dos avós aos seus filhos</u>	360
7.4 – RECURSOS DE SAÚDE E CUIDADOS INFANTIS.....	361
7.4.1 – <u>Importância dos saberes adquiridos nos serviços de saúde e os transmitidos pelas mães/sogra e outras pessoas</u>	367
7.5 – AJUDAS DOS ESPOSOS E DOS AVÓS ÀS MÃES.....	374
7.5.1 – <u>Tipos de ajudas dos avós</u>	374
7.5.2 – <u>Tipos de ajudas dos esposos</u>	380
7.5.3 – <u>Substituição dos avós pelas creches segundo as mães</u>	382
7.6 – MÃES E AVÓS.....	388
7.6.1 – <u>Mensagens especiais das mães para as avós</u>	392
7.7 – SÍNTESE FINAL - MÃES.....	396
8 – ANÁLISE E RESULTADOS – PAIS.....	398
8.1 – IMPORTÂNCIA DOS AVÓS PARA OS PAIS.....	398
8.1.1 – <u>Ajudas dos avós aos pais</u>	400
8.2 – PAIS E CUIDADOS INFANTIS.....	404
8.2.1 – <u>Importância dos avós para as crianças segundo os pais</u>	404
8.2.2 – <u>Substituição dos avós pelas creches segundo os pais</u>	407
8.2.3 – <u>Qual das avós está mais presente segundo os pais</u>	410
8.2.4 – <u>Cuidados prestados pelos pais aos seus filhos</u>	410
8.2.5 – <u>Fontes onde os pais obtiveram conhecimentos para cuidar dos filhos</u>	413
8.2.6 – <u>Cuidados tradicionais realizados aos pais e filhos</u>	417

8.2.7 – <u>Importância da religião na proteção infantil para os pais</u>	421
8.2.8 – <u>Recursos de saúde utilizados pelos pais</u>	422
8.3 – PAIS E AVÓS.....	426
8.3.1 – <u>Saberes transmitidos pelos avós aos pais</u>	427
8.3.2 – <u>Relações avós e netos segundo os pais</u>	428
8.3.3 – <u>Importância dos avós para a família</u>	433
8.3.4 – <u>Experiências/vivências dos pais com os avós</u>	436
8.3.5 – <u>Mensagens especiais dos pais para os avós</u>	439
8.4 – SÍNTESE FINAL - PAIS.....	442
CONCLUSÃO	443
BIBLIOGRAFIA	455
ENDEREÇOS ELETRÔNICOS	466
FILMOGRAFIA	467
ANEXOS	468
Anexo nº 1 – Questionários utilizados para a caracterização sociodemográfica da amostra: avós	469
Anexo nº 2 - Questionários utilizados para a caracterização sociodemográfica da amostra: avôs	472
Anexo nº 3 - Questionários utilizados para a caracterização sociodemográfica da amostra: pais	475
Anexo nº 4 - Questionários utilizados para a caracterização sociodemográfica da amostra: mães	478
Anexo nº 5 – Guião das entrevistas das avós	481
Anexo nº 6 – Guião de entrevistas dos avôs	484
Anexo nº 7 – Guião de entrevistas dos pais	486
Anexo nº 8 – Guião de entrevistas das mães	488

ÍNDICE DE GRÁFICOS**PÁGINA**

Gráfico nº 1 – Idade das avós.....	79
Gráfico nº 2 – Idade das avós rurais.....	79
Gráfico nº 3 – Idade das avós urbanas.....	80
Gráfico nº 4 – Naturalidade das avós rurais.....	81
Gráfico nº 5 – Naturalidade das avós urbanas.....	82
Gráfico nº 6 – Residência das avós rurais.....	83
Gráfico nº 7 – Residência das avós urbanas.....	83
Gráfico nº 8 – Número de anos que as avós habitam nas suas casas.....	84
Gráfico nº 9 – Número de anos que as avós rurais habitam na sua casa.....	84
Gráfico nº 10 – Número de anos que as avós urbanas habitam na sua casa.....	85
Gráfico nº 11 – Habilitações literárias das avós.....	85
Gráfico nº 12 – Habilitações literárias das avós Rurais.....	86
Gráfico nº 13 – Habilitações literárias das avós urbanas.....	86
Gráfico nº 14 – Estado civil das avós.....	87
Gráfico nº 15 – Estado civil das avós urbanas.....	87
Gráfico nº 16 – Número de filhos das avós.....	88
Gráfico nº 17 - Número de filhos das avós rurais.....	88
Gráfico nº 18 – Número de filhos das avós urbanas.....	88
Gráfico nº 19 – Número de netos das avós.....	89
Gráfico nº 20 – Número de netos das avós rurais.....	89
Gráfico nº 21 – Número de netos das avós urbanas.....	90
Gráfico nº 22 – Número de avós que já são bisavós.....	90
Gráfico nº 23 – Prática da religião pelas avós.....	91
Gráfico nº 24 – Prática da religião das avós rurais.....	91
Gráfico nº 25 – Prática da religião pelas avós urbanas.....	91
Gráfico nº 26 – Situação profissional das avós.....	92
Gráfico nº 27 – Situação profissional das avós rurais.....	92
Gráfico nº 28 – Situação profissional das avós urbanas.....	93
Gráfico nº 29 – Composição do agregado familiar das avós.....	93
Gráfico nº 30 – Composição do agregado familiar das avós rurais.....	94
Gráfico nº 31 – Composição do agregado familiar das avós urbanas.....	94
Gráfico nº 32 – As avós habitam ou não perto dos netos.....	95
Gráfico nº 33 – As avós rurais habitam ou não perto dos netos.....	95
Gráfico nº 34 – As avós urbanas vivem ou não perto dos netos.....	95
Gráfico nº 35 – Idade dos avós.....	96
Gráfico nº 36 – Idade dos avós rurais.....	96
Gráfico nº 37 – Idade dos avós urbanas.....	97
Gráfico nº 38 – Naturalidade dos avós rurais.....	98
Gráfico nº 39 – Naturalidade dos avós urbanas.....	99

Gráfico nº 40 – Residência dos avôs rurais.....	100
Gráfico nº 41 – Residência dos avôs urbanos.....	100
Gráfico nº 42 – Número de anos que os avôs habitam nas suas casas.....	101
Gráfico nº 43 – Número de anos que os avôs rurais habitam nas suas casas.....	101
Gráfico nº 44 – Número de anos que os avôs urbanos habitam nas suas casas.....	101
Gráfico nº 45 – Habilitações literárias dos avôs.....	102
Gráfico nº 46 – Habilitações literárias dos avôs rurais.....	103
Gráfico nº 47 – Habilitações literárias dos avôs urbanos.....	103
Gráfico nº 48 – Estado civil dos avôs.....	104
Gráfico nº 49 – Estado civil dos avôs rurais.....	105
Gráfico nº 50 – Número de filhos dos avôs.....	105
Gráfico nº 51 – Número de filhos dos avôs rurais.....	106
Gráfico nº 52 – Número de filhos dos avôs urbanos.....	106
Gráfico nº 53 – Número de netos dos avôs.....	107
Gráfico nº 54 – Número de netos dos avôs rurais.....	107
Gráfico nº 55 – Número de netos dos avôs urbanos.....	108
Gráfico nº 56 – Número de avôs que já são bisavôs.....	108
Gráfico nº 57 – Religião dos avôs.....	108
Gráfico nº 58 – Religião dos avôs rurais.....	109
Gráfico nº 59 – Prática da religião pelos avôs.....	109
Gráfico nº 60 – Prática da religião pelos avôs rurais.....	109
Gráfico nº 61 – Prática da religião pelos avôs urbanos.....	110
Gráfico nº 62 – Situação profissional dos avôs.....	110
Gráfico nº 63 – Situação profissional dos avôs rurais.....	111
Gráfico nº 64 – Situação profissional dos avôs urbanos.....	111
Gráfico nº 65 – Composição do agregado familiar dos avôs.....	112
Gráfico nº 66 – Composição do agregado familiar dos avôs rurais.....	112
Gráfico nº 67 – Composição do agregado familiar dos avôs urbanos.....	113
Gráfico nº 68 – Os avôs habitam ou não perto dos netos.....	113
Gráfico nº 69 – Os avôs rurais habitam ou não perto dos netos.....	114
Gráfico nº 70 – Os avôs urbanos habitam ou não perto dos netos.....	114
Gráfico nº 71 – Idade das mães.....	115
Gráfico nº 72 – Idade das mães rurais.....	115
Gráfico nº 73 – Idade das mães urbanas.....	116
Gráfico nº 74 – Naturalidade das mães rurais.....	116
Gráfico nº 75 – Naturalidade das mães urbanas.....	117
Gráfico nº 76 – Residência das mães rurais.....	117
Gráfico nº 77 – Residência das mães urbanas.....	118
Gráfico nº 78 – Número de anos que as mães habitam nas suas casas.....	118
Gráfico nº 79 – Número de anos que as mães rurais habitam nas suas casas.....	119
Gráfico nº 80 – Número de anos que as mães urbanas habitam nas suas casas.....	119
Gráfico nº 81 – Habilitações literárias das mães.....	120

Gráfico nº 82 – Habilitações literárias das mães rurais.....	120
Gráfico nº 83 – Habilitações literárias das mães urbanas.....	121
Gráfico nº 84 – Estado civil das mães.....	121
Gráfico nº 85 – Estado civil das mães rurais.....	122
Gráfico nº 86 – Estado civil das mães urbanas.....	122
Gráfico nº 87 – Profissão das mães rurais.....	123
Gráfico nº 88 – Profissão das mães urbanas.....	124
Gráfico nº 89 – Religião das mães.....	125
Gráfico nº 90 – Religião das mães urbanas.....	125
Gráfico nº 91 – As mães praticam ou não a sua religião.....	125
Gráfico nº 92 – As mães rurais praticam ou não a sua religião.....	126
Gráfico nº 93 – As mães urbanas praticam ou não a sua religião.....	126
Gráfico nº 94 – Agregado familiar das mães.....	127
Gráfico nº 95 – Agregado familiar das mães rurais.....	127
Gráfico nº 96 – Agregado familiar das mães urbanas.....	128
Gráfico nº 97 – Número de filhos das mães.....	128
Gráfico nº 98 – Número de filhos das mães rurais.....	129
Gráfico nº 99 – Número de filhos das mães urbanas.....	129
Gráfico nº 100 – As mães vivem ou não perto da mãe/sogra.....	130
Gráfico nº 101 – As mães rurais vivem ou não perto das mães/sogras.....	130
Gráfico nº 102 – As mães urbanas vivem ou não perto das mães/sogras...	130
Gráfico nº 103 – Tipo de habitação das mães.....	131
Gráfico nº 104 – Tipo de habitação das mães rurais.....	131
Gráfico nº 105 – Tipo de habitação das mães urbanas.....	131
Gráfico nº 106 – Idade dos pais.....	132
Gráfico nº 107 – Idade dos pais rurais.....	132
Gráfico nº 108 – Idade dos pais urbanos.....	133
Gráfico nº 109 – Naturalidade dos pais rurais.....	134
Gráfico nº 110 – Naturalidade dos pais urbanos.....	135
Gráfico nº 111 – Residência dos pais rurais.....	135
Gráfico nº 112 – Residência dos pais urbanos.....	136
Gráfico nº 113 – Número de anos que os pais habitam nas suas casas.....	136
Gráfico nº 114 – Habilitações literárias dos pais.....	137
Gráfico nº 115 – Habilitações literárias dos pais rurais.....	137
Gráfico nº 116 – Habilitações literárias dos pais urbanos.....	138
Gráfico nº 117 – Estado civil dos pais.....	138
Gráfico nº 118 – Profissão dos pais rurais.....	139
Gráfico nº 119 – Profissão dos pais urbanos.....	140
Gráfico nº 120 – Os pais têm ou não religião.....	141
Gráfico nº 121 – Os pais rurais têm ou não religião.....	141
Gráfico nº 122 – Os pais urbanos têm ou não religião.....	141
Gráfico nº 123 – Prática ou não da religião pelos pais.....	142
Gráfico nº 124 – Composição do agregado familiar dos pais.....	142
Gráfico nº 125 – Número de filhos dos pais.....	143
Gráfico nº 126 – Tipo de habitação dos pais.....	143

Gráfico nº 127 – Os pais vivem ou não perto da mãe/sogra.....	144
Gráfico nº 128 – Cuidados prestados pelas avós aos seus netos.....	147
Gráfico nº 129 – Periodicidade dos cuidados prestados pelas avós aos seus netos.....	148
Gráfico nº 130 – Periodicidade dos cuidados das avós rurais aos seus netos.....	148
Gráfico nº 131 – Periodicidade dos cuidados das avós urbanas aos seus netos.....	149
Gráfico nº 132 – Os pais das avós ajudaram ou não a cuidar dos seus filhos.....	163
Gráfico nº 133 – Os pais das avós rurais ajudaram ou não a cuidar dos seus filhos.....	164
Gráfico nº 134 - Os pais das avós urbanas ajudaram ou não a cuidar dos seus filhos.....	164
Gráfico nº 135 – As avós foram ou não cuidadas pelos seus avós.....	165
Gráfico nº 136 - As avós rurais foram ou não cuidadas pelos seus avós...	165
Gráfico nº 137 - As avós urbanas foram ou não cuidadas pelos seus avós.....	165
Gráfico nº 138 – Tipos de ajudas das avós aos seus filhos.....	171
Gráfico nº 139 – Tipos de ajudas das avós rurais aos seus netos.....	175
Gráfico nº 140 - Tipos de ajudas das avós urbanas aos seus netos.....	176
Gráfico nº 141 – Tipos de ajudas dos avôs aos seus filhos.....	276
Gráfico nº 142 – Tipos de ajudas dos avôs rurais aos seus filhos.....	277
Gráfico nº 143 - Tipos de ajudas dos avôs urbanos aos seus filhos.....	277
Gráfico nº 144 – Os avós ajudaram ou não a cuidar dos seus filhos.....	282
Gráfico nº 145 - Os avós rurais ajudaram ou não a cuidar dos seus filhos.	282
Gráfico nº 146 - Os avós urbanos ajudaram ou não a cuidar dos seus filhos.....	283
Gráfico nº 147 – Cuidados prestados pelos avôs aos seus netos.....	286
Gráfico nº 148 - Cuidados prestados pelos avôs rurais aos seus netos.....	287
Gráfico nº 149 - Cuidados prestados pelos avôs urbanos aos seus netos...	287
Gráfico nº 150 – Os avôs foram ou não cuidados pelos seus avós.....	288
Gráfico nº 151 - Os avôs rurais foram ou não cuidados pelos seus avós...	288
Gráfico nº 152 - Os avôs urbanos foram ou não cuidados pelos seus avós.	289
Gráfico nº 153 – Os pais dos avós ajudaram ou não a cuidar dos seus filhos.....	289
Gráfico nº 154 - Os pais dos avós rurais ajudaram ou não a cuidar dos seus filhos.....	289
Gráfico nº 155 - Os pais dos avós urbanos ajudaram ou não a cuidar dos seus filhos.....	290
Gráfico nº 156 – Qual das avós está mais presente no cuidar dos filhos...	334
Gráfico nº 157 - Qual das avós está mais presente no cuidar dos filhos das mães rurais.....	335
Gráfico nº 158 - Qual das avós está mais presente no cuidar dos filhos das mães urbanas.....	335

Gráfico nº 159 – Onde as mães obtiveram conhecimentos para cuidarem dos seus filhos.....	336
Gráfico nº 160 - Onde as mães rurais obtiveram conhecimentos para cuidarem dos seus filhos.....	337
Gráfico nº 161 – Outros locais onde as mães rurais obtiveram conhecimentos para cuidar dos seus filhos.....	337
Gráfico nº 162 - Onde as mães urbanas obtiveram conhecimentos para cuidarem dos seus filhos.....	338
Gráfico nº 163 – Outros locais onde as mães urbanas obtiveram conhecimentos para cuidar dos seus filhos.....	339
Gráfico nº 164 – As mães consideram ou não importantes os cuidados dos avós aos seus filhos.....	360
Gráfico nº 165 - As mães rurais consideram ou não importantes os cuidados dos avós aos seus filhos.....	361
Gráfico nº 166 – Recursos de saúde das mães em caso de doença dos filhos.....	361
Gráfico nº 167 – Outros recursos de saúde das mães.....	362
Gráfico nº 168 – Tipos de ajudas dos avós às mães.....	375
Gráfico nº 169 - Tipos de ajudas dos avós às mães rurais.....	376
Gráfico nº 170 - Tipos de ajudas dos avós às mães urbanas.....	376
Gráfico nº 171 – Tipos de ajudas dos avós aos pais.....	400
Gráfico nº 172 – Tipos de ajudas dos avós aos pais rurais.....	401
Gráfico nº 173 - Tipos de ajudas dos avós aos pais urbanos.....	402
Gráfico nº 174 – Qual das avós está mais presente no cuidar dos filhos dos pais.....	410
Gráfico nº 175 – Onde os pais obtiveram conhecimentos para cuidar dos seus filhos.....	413
Gráfico nº 176 - Onde os pais rurais obtiveram conhecimentos para cuidar dos seus filhos.....	414
Gráfico nº 177 – Outros locais onde os pais rurais obtiveram conhecimentos para cuidar dos seus filhos.....	415
Gráfico nº 178 - Onde os pais urbanos obtiveram conhecimentos para cuidar dos seus filhos.....	415
Gráfico nº 179 - Outros locais onde os pais urbanos obtiveram conhecimentos para cuidar dos seus filhos.....	416

INDICE DE QUADROS

PÁGINA

Quadro nº 1 – Quadro referente à caracterização geral dos participantes.....	76
Quadro nº 2 – Quadro referente aos cuidados praticados pelas avós rurais aos seus netos.....	150
Quadro nº 3 – Quadro referente aos cuidados praticados pelas avós urbanas aos seus netos.....	152
Quadro nº 4 – Quadro referente às fontes onde as avós rurais obtiveram conhecimentos para cuidar de crianças.....	154
Quadro nº 5 – Quadro referente às fontes onde as avós a urbanas obtiveram conhecimentos para cuidar de crianças.....	156
Quadro nº 6 – Quadro referente às diferenças entre o cuidar dos filhos e dos netos pelas avós rurais.....	158
Quadro nº 7 – Quadro referente às diferenças entre o cuidar dos filhos e dos netos pelas avós urbanas.....	161
Quadro nº 8 – Quadro referente ao tipo de ajudas dadas pelos pais das avós rurais.....	166
Quadro nº 9 – Quadro referente ao tipo de ajudas dadas pelos pais das avós urbanas.....	168
Quadro nº 10 – Quadro referente às ajudas das avós aos seus filhos	172
Quadro nº 11 – Quadro referente à diferença intergeracional do papel das avós rurais.....	176
Quadro nº 12 – Quadro referente à diferença intergeracional do papel das avós urbanas.....	178
Quadro nº 13 – Quadro referente ao papel das avós rurais na família quando eram mães jovens.....	180
Quadro nº 14 – Quadro referente ao papel das avós urbanas na família, quando eram mães jovens.....	181
Quadro nº 15 – Quadro referente aos recursos das avós rurais quando eram jovens mães.....	184
Quadro nº 16 – Quadro referente aos recursos das avós urbanas quando eram jovens mães.....	186
Quadro nº 17 – Quadro referente aos cuidados prestados às pessoas mais idosas no tempo dos pais das avós rurais.....	188
Quadro nº 18 – Quadro referente aos cuidados prestados às pessoas mais idosas no tempo dos pais das avós urbanas.....	190
Quadro nº 19 - Quadro referente aos cuidados tradicionais prestados pelas avós rurais aos seus filhos.....	194
Quadro nº 20 - Quadro referente aos cuidados tradicionais prestados pelas avós urbanas aos seus filhos.....	198
Quadro nº 21 - Quadro referente aos cuidados tradicionais prestados pelas avós rurais aos seus netos.....	201

Quadro nº 22 - Quadro referente aos cuidados tradicionais prestados pelas avós urbanas aos seus netos.....	203
Quadro nº 23 - Quadro referente aos cuidados tradicionais prestados pelos pais das avós rurais.....	204
Quadro nº 24 - Quadro referente aos cuidados tradicionais prestados pelos pais das avós urbanas.....	207
Quadro nº 25 – Quadro referente aos cuidados prestados pelos esposos das avós rurais e urbanas.....	209
Quadro nº 26 – Quadro referente aos recursos de saúde no tempo das avós.....	213
Quadro nº 27 – Quadro referente à importância de vizinhos e outros familiares no cuidar das crianças.....	218
Quadro nº 28 - Quadro referente às práticas mágicas/religiosas praticadas pelas avós rurais aos seus filhos/netos.....	222
Quadro nº 29 - Quadro referente às práticas mágico/religiosas praticadas pelas avós urbanas aos seus filhos/netos.....	228
Quadro nº 30 – Quadro referente ao papel dos avós na intergeracionalidade.....	233
Quadro nº 31 – Quadro referente à importância das unidades de saúde locais para as avós.....	236
Quadro nº 32 – Quadro referente à importância dos avós para as crianças/família.....	240
Quadro nº 33 – Quadro referente à substituição dos avós pela creche.....	246
Quadro nº 34 – Quadro referente ao que as avós sentiram quando foram avós.....	252
Quadro nº 35 – Quadro referente às experiências/vivências das avós.....	256
Quadro nº 36 – Quadro referente às mensagens especiais das avós, para os avós.....	259
Quadro nº 37 – Quadro referente à importância dos avós para os avôs.....	271
Quadro nº 38 – Quadro referente à importância dos avôs no período intergeracional.....	273
Quadro nº 39 – Tipos de ajudas dos avós aos filhos.....	278
Quadro nº 40 – Quadro referente aos cuidados prestados pelos avôs aos seus filhos	283
Quadro nº 41 – Quadro referente aos cuidados prestados pelos avôs dos avôs.....	290
Quadro nº 42 – Quadro referente à diferença dos cuidados dos avôs aos filhos e aos netos.....	293
Quadro nº 43 – Quadro referente aos benefícios da presença dos avôs junto dos netos.....	295
Quadro nº 44 – Quadro referente à substituição dos avós pela creche.....	297

Quadro nº 45 – Quadro referente aos pais estarem mais presentes ou mais ausentes no espaço intergeracional.....	300
Quadro nº 46 – Quadro referente aos saberes adquiridos pelos avôs, através dos seus avôs.....	302
Quadro nº 47 – Quadro referente à transmissão de saberes dos avôs aos netos.....	305
Quadro nº 48 – Quadro referente à maior ou menor importância das avós em relação aos avôs, no cuidar infantil.....	308
Quadro nº 49 – Quadro referente ao que pensam os avôs dos cuidados de saúde hoje.....	311
Quadro nº 50 – Quadro referente aos cuidados tradicionais prestados aos avôs.....	315
Quadro nº 51 – Quadro referente à presença ou ausência dos avôs junto dos netos.....	319
Quadro nº 52 – Quadro referente ao que os avôs sentiram quando foram avôs.....	321
Quadro nº 53 – Quadro referente às experiências/vivências dos avôs.....	324
Quadro nº 54 - Quadro referente às mensagens especiais dos avôs para os avôs.....	327
Quadro nº 55 – Quadro referente à importância dos saberes da mãe/sogra para as mães.....	340
Quadro nº 56 – Quadro referente à atualidade dos saberes da mãe/sogra para as mães.....	343
Quadro nº 57 – Quadro referente aos cuidados tradicionais prestados pelas mães.....	346
Quadro nº 58 – Quadro referente às semelhanças/diferenças entre os saberes adquiridos pelas mães nos serviços de saúde e pelas mães/sogra.....	349
Quadro nº 59 – Quadro referente às práticas e crenças religiosas praticadas pelas mães aos seus filhos.....	352
Quadro nº 60 – Quadro referente à importância dos avôs para as mães.....	356
Quadro nº 61 – Quadro referente aos recursos de saúde utilizados pelas mães.....	362
Quadro nº 62 – Quadro referente à resposta dos serviços de saúde na comunidade.....	364
Quadro nº 63 – Quadro referente à maior ou menor importância, dos saberes adquiridos pelas mães nos serviços de saúde e pelas mães/sogra.....	368
Quadro nº 64 – Quadro referente à importância dos saberes de outras pessoas para as mães.....	372
Quadro nº 65 - Quadro referente aos tipos de ajudas que dão os pais/sogros às mães.....	377

Quadro nº 66 – Quadro referente aos tipos de ajudas dos esposos às mães.....	380
Quadro nº 67 – Quadro referente à substituição dos avós pelas creches segundo as mães.....	383
Quadro nº 68 – Quadro referente às experiências/vivências das mães com os seus avós.....	388
Quadro nº 69 – Quadro referente às mensagens especiais das mães para as avós.....	392
Quadro nº 70 – Quadro referente à importância que os avós têm para as famílias segundo os pais.....	398
Quadro nº 71 – Quadro referente às ajudas que os pais/sogros dão aos pais.....	402
Quadro nº 72 – Quadro referente à importância dos avós para as crianças segundo os pais.....	405
Quadro nº 73 – Substituição dos avós pela creche segundo os pais.	407
Quadro nº 74 – Quadro referente aos cuidados prestados pelos pais aos seus filhos.....	411
Quadro nº 75 – Quadro referente aos cuidados tradicionais prestados pelos avós aos pais.....	417
Quadro nº 76 – Quadro referente aos cuidados tradicionais prestados pelos pais aos seus filhos.....	419
Quadro nº 77 – Quadro referente à importância da religião para os pais.....	421
Quadro nº 78 – Quadro referente aos recursos de saúde utilizados pelos pais.....	423
Quadro nº 79 – Quadro referente aos recursos de saúde serem ou não suficientes para os pais.....	424
Quadro nº 80 – Quadro referente aos saberes transmitidos pelos avós aos pais.....	427
Quadro nº 81 – Quadro referente à opinião dos pais sobre a educação dada pelos avós aos netos.....	429
Quadro nº 82 – Quadro referente à maior ou menor presença dos avós, junto dos netos.....	432
Quadro nº 83 – Quadro referente à importância ou não dos avós, para a coesão familiar.....	434
Quadro nº 84 – Quadro referente às experiências/vivências dos pais com os seus avós.....	437
Quadro nº 85 – Quadro referente às mensagens especiais dos pais para os avós.....	440

INDICE DE FOTOGRAFIAS

PÁGINA

Fotografia nº 1 – A família Almeida – fotografia do autor: data Dezembro de 2012.....	Capa
Fotografia nº 2 – Avô com o neto. Família Almeida – Fotografia do autor: data Dezembro de 2012.....	31
Fotografia Nº 3 – Interação familiar. Família Almeida - Fotografia do autor: data Dezembro de 2012.....	71
Fotografia nº 4 – Malvas – Retirado do website: http://permaculturaportugal.ning.com/group/plantasselvagenswildplants/forum/topics/que-plantas-selvagens-ja (2013).....	195
Fotografia nº 5 – Opuntia Ficus Indica – Fotografia do autor: data Maio de 2012.....	197
Fotografia nº 6 – Avó a fazer a reza do quebranto. Início da reza da água – Fotografia do autor: data – Fevereiro de 2013.....	226
Fotografia nº 7 – Colocação da gota de azeite na água – Fotografia do autor: data – Fevereiro de 2012.....	227
Fotografia nº 8 – Colocação da gota de azeite na água 2 – Fotografia do autor: data – Fevereiro de 2012.....	227

INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população é um problema contemporâneo da sociedade portuguesa e tem sido objeto de estudos multidisciplinares, bem como de intervenções políticas, demográficas, económicas, sociológicas, sanitárias, antropológicas e psicológicas, devido às consequências transversais que dele advêm.

O agravamento desta realidade social e demográfica é frequentemente divulgado na comunicação social, bem como estudos a alertar para o facto de algumas decisões governamentais, tais como o aumento da austeridade, promoverem uma taxa de desemprego elevada e a emigração da população jovem, agravando as implicações sócio/económicas e familiares num futuro próximo.

Verifica-se que na diáspora intergeracional, os emigrantes que saíram de Portugal na década de sessenta do século vinte, tinham poucas habilitações académicas e quase nenhuma experiência laboral, tratando-se de indivíduos que sobreviviam com a agricultura familiar e poucos recursos. Nos países de acolhimento trabalhavam na construção civil e em fábricas, tendo como principal objetivo, preparar o regresso ao país de origem, construir uma casa e ter melhor qualidade de vida. Na contemporaneidade, os jovens que emigram têm na sua maioria uma licenciatura ou formação superior, indo exercer a sua atividade laboral na área da sua formação, devido à inexistência de emprego no seu país de origem e nenhuma esperança de futuro, indo à procura de uma oportunidade de fazer carreira e ter também melhor qualidade de vida.

O alerta lançado pela Associação Portuguesa de Demografia, sobre o envelhecimento da população portuguesa e as consequências sociais dramáticas previstas para as próximas décadas, especialmente o desequilíbrio entre a taxa de natalidade e a taxa de mortalidade, como consequência do aumento da esperança média de vida, implicará uma diminuição da produtividade, um aumento de utilização de recursos de saúde e contribuirá para um grande empobrecimento do país, se não se inverter esta tendência.

A crise económica que o nosso país atravessa, obrigou à tomada de algumas decisões, que poderão ter efeitos na dinâmica familiar. Além da perda do poder de compra, o aumento da idade da reforma e o espectro do desemprego a aumentar têm vindo a criar na população, estados de ansiedade e desesperança em relação ao futuro das gerações e da família, assim como o receio da diminuição da solidariedade familiar intergeracional.

Desde sempre, os avós têm sido um recurso precioso e um pilar para as famílias. Atualmente, devido à conjuntura existente e aos inúmeros papéis desempenhados pelos pais na sociedade, torna-se mais evidente o papel dos avós, que são chamados a dar apoio na ajuda económica, no cuidar das crianças, quer devido à sua maior disponibilidade, quer devido à sua maior estabilidade financeira.

As recentes decisões governamentais sobre as pensões e a idade da reforma, iniciaram uma espiral de transformações, uma vez que os cortes nas reformas/pensões diminuem o orçamento familiar dos avós e conseqüentemente, diminui a sua capacidade de ajudar os descendentes. Por outro lado, o prolongar da idade da reforma tem como consequência, a menor disponibilidade de tempo e limitação dos avós, como recurso para o cuidar familiar intergeracional.

O empobrecimento e a diminuição de recursos económicos das famílias, torna os avós mais vulneráveis, por deixar de poder ajudar ativamente os membros da família e esta, não poder ajudar os membros mais idosos em caso de necessidade, porque os cuidados de saúde são hoje mais caros, as famílias não podem prescindir dos seus empregos para poder cuidar das crianças e dos mais idosos e a institucionalização destes, parece ser um recurso cada vez mais utilizado, sempre que haja um comprometimento da autonomia da pessoa, apesar dos seus custos também muito elevados e de qualidade muitas vezes duvidosa.

Mendes, (2012), afirma que para as pessoas constituírem família e decidirem ter filhos, a estabilidade económica é fundamental.

Os avós têm tido um papel ativo nessa mesma estabilidade, mas as intervenções políticas e sociais podem enfraquecer a solidariedade económica intergeracional e intervir diretamente na taxa de fecundidade.

Dados estatísticos revelam um aumento da esperança média de vida, no entanto, tal facto não leva necessariamente a uma melhoria na qualidade de vida das pessoas.

Carneiro, (2004), afirma que a família é o espaço intergeracional e é o motor capital da “*economia moral*” de qualquer sociedade. Apesar de poder parecer que os laços têm vindo a tornar-se mais fracos, os estudos demonstram o contrário, uma vez que os laços das gerações, hoje são mais importantes do que outrora devido a uma maior convivência entre as diferentes gerações, devido ao aumento da esperança de vida, da descida dos índices de natalidade e consequente envelhecimento da sociedade, o que pode aumentar a duração de determinados papéis, como os de cônjuge, mãe/pai, avô/avó e irmão/irmã.

O peso da família na sociedade portuguesa continua a ser dominante, tal como nos países do sul da Europa, apesar do número de divórcios e de famílias reconstruídas, nos aproximar dos países do norte europeu, nomeadamente dos escandinavos.

Os cuidados e a transmissão cultural e de valores de avós para netos, continua a ter grande importância para os pais, mas a tendência é de colocar os filhos em creches e jardins-de-infância, considerando os constrangimentos supracitados.

Existe uma preocupação por parte das famílias, em relação aos custos das creches e do ensino e a pouca flexibilidade destas instituições, em relação ao horário laboral dos pais, sendo os avós o recurso mais utilizado para cuidar e vigiar as crianças no período pós-escolar. Muitas famílias têm horários de trabalho que vão muito para além dos horários praticados pelas creches e escolas.

As diferenças interculturais no espaço intergeracional, devido ao aumento de recursos tecnológicos, dos meios de comunicação social e das políticas governativas, não parecem ter enfraquecido os laços familiares e de transmissão cultural intergeracional, onde continuam a ter importância a prática e partilha de valores sociais,

a transmissão de saberes empíricos e os laços afetivos entre os membros de uma mesma família.

A família continua a ser o espaço onde se mantêm tradições culturais, onde se transmite de geração em geração os valores socioculturais, onde se criam laços afetivos, onde se promove a socialização dos seus membros, dando continuidade à genealogia, onde se promove o exercício da cidadania, onde se realiza a proteção dos seus membros perante as adversidades, plena de interações sociais, psicológicas e afetivas. Os avós têm um papel predominante nessa transmissão sociocultural e afetiva, tendo uma maior responsabilidade e aproximação junto dos seus netos, pois na contemporaneidade, verifica-se um papel mais proactivo dos avós na família, nomeadamente na solidariedade familiar e na socialização das crianças. (Ramos, 2012).

Ramos (2005, p.196) afirma que *“A solidariedade social e familiar intergeracional e a qualidade dos vínculos afetivos, relacionais e comunicacionais entre as gerações, favorecem o sentimento de segurança e de pertença, a saúde e a qualidade de vida individual e familiar, contribuem para a produção de novas relações, papéis e representações, reforçam a coesão e integração do grupo, promovem diferentes formas de solidariedade intergeracional”*.

Também não nos podemos esquecer que o casamento une duas famílias diferentes, na maioria das vezes, apresentando algumas características socioculturais diferentes, mas o objetivo é dar continuidade ao legado familiar com o nascimento dos netos, indo estes ser influenciados por ambas as partes da família, paterna ou materna.

Burguière et al (1986) já afirmavam que os estudos das famílias europeias, revelaram a importância da ajuda familiar e a intensidade das relações que transitavam de pais para filhos.

As práticas de cuidados infantis, sendo culturalmente responsabilidade do género feminino, têm vindo a sofrer alterações no espaço intergeracional, onde se verifica que os homens, avós ou pais, participam cada vez mais nesses cuidados, Ramos, (1993, 2004, 2005, 2012).

Legalmente, os avós também têm um peso importante na guarda das crianças, especialmente em Portugal, onde algumas decisões jurídicas foram favoráveis a que as crianças, em risco de serem institucionalizadas, fossem cuidadas pelos seus avós, quando os seus pais apresentam limitações para o cuidar e crescimento saudável dos seus filhos.

Ramos (2005, p.207) afirma que *“Na cultura popular portuguesa, ser avó e avô é ser mãe e pai duas vezes. Ser avô proporciona novas identidades, novos papéis, novas interações, dá um sentido à vida e um desejo de continuidade. Junto dos netos, os avós têm uma influência direta e, enquanto pais dos pais dos netos, têm uma influência importante nas atitudes e nos comportamentos educativos dos seus filhos, agora pais e educadores”*.

Na contemporaneidade mantém-se a transmissão de saberes intergeracionais, saberes empíricos que passaram de geração em geração, apesar de terem um menor peso nas gerações mais jovens, devido aos recursos tecnológicos existentes, mas existe sempre a preocupação de que esses saberes poderão um dia vir a ser úteis em caso de falência da tecnologia, tendo-se observado uma crescente procura do legado etnobotânico deixado pelos mais idosos, como um recurso de saúde que possa ainda ser utilizado pelas gerações mais novas. Muitos avós tentam acompanhar a evolução tecnológica para poderem estar ao mesmo nível dos seus netos, nomeadamente em conhecimentos em informática e outros, existindo uma reciprocidade de saberes em ambas as gerações.

Continuam a ser realizados estudos, sobre as propriedades fitossanitárias e farmacêuticas de plantas utilizadas e a procura destes produtos ditos “naturais”, ainda origina um volume económico considerável.

As ervanárias ainda continuam a ter uma atividade paralela em relação às farmácias.

No entanto, nas práticas de cuidados infantis ainda existe uma transmissão de saberes intergeracional, especialmente passada de mães para filhas ou de sogras para noras, caso sejam as avós paternas as mais presentes, que vêm completar os ensinamentos.

dados pelos profissionais de saúde. As mães consideram que é dada muita informação em muito pouco tempo, no período de internamento após o nascimento, sendo as avós o recurso mais utilizado devido à sua experiência e saber empírico adquirido nos cuidados aos seus filhos.

Neste estudo, quisemos saber se a transmissão de saberes intergeracionais são importantes para os pais e avós, qual o tipo de solidariedade familiar, assim como as especificidades e diferenças entre as famílias que vivem em contexto rural e urbano, as diferenças de género e a evolução das etnoteorias sobre cuidados infantis.

Os múltiplos papéis dos avós são considerados muito importantes, mas a sua visibilidade apesar de ter vindo a aumentar com a implementação do dia internacional dos avós, ainda tem pouco impacto em estudos académicos. Existem muito poucos estudos em Portugal sobre os avós, quer em abordagens sociológicas, quer psicológicas, quer noutras ciências da saúde e educação, pelo que partimos para esta investigação, abordando a intergeracionalidade e suas interfaces com as dimensões interculturais, de género e os diferentes contextos urbano e rural, tentando analisar várias dimensões. No entanto, consideramos que estudar o impacto dos avós na sociedade, revela-nos um paradigma ainda pouco explorado.

Escolhemos famílias onde fosse possível entrevistar pais, mães, avós e avôs, independentemente de serem os avôs maternos ou paternos e que vivessem nos dois contextos socioculturais, urbano e rural.

Foram escolhidas famílias nucleares, apesar do aumento do número de famílias reconstruídas em Portugal, mas como o casamento oficial continua a prevalecer como instituição familiar predominante, optámos por deixar para estudos futuros esse contexto familiar próprio.

Foi escolhido o concelho de Salvaterra de Magos, e algumas localidades limítrofes rurais de Santarém, para contextualizar a zona rural. O contexto urbano englobou as cidades de Santarém, Almeirim, Rio Maior e a localidade de Alverca.

A maioria das entrevistas foram realizadas no domicílio familiar dos participantes, exceto 4 entrevistas que foram realizadas nos locais de trabalho, por dificuldade na articulação dos horários entre o investigador e os participantes.

Ao fazermos uma abordagem intergeracional, quisemos saber as diferenças de recursos existentes, as práticas tradicionais (o uso/desuso das mesmas), as influências culturais e religiosas, as diferenças das ajudas e da solidariedade familiar praticadas e a importância dos avós para as famílias segundo a perspectiva dos pais.

Também a questão da saúde foi abordada, tentando conhecer as diferenças de recursos existentes no espaço intergeracional, quais os recursos mais utilizados pelos pais e pelos avós e qual a opinião sobre a eficácia dos mesmos, nos cuidados de saúde infantis e pediátricos.

Devido às características etnográficas deste estudo, recorreu-se a uma abordagem predominantemente qualitativa, para uma melhor compreensão da riqueza e diversidade da informação recolhida e abrangência dos conteúdos.

Este estudo está dividido em duas partes:

Uma primeira parte engloba a revisão bibliográfica para a contextualização teórica da problemática. Na segunda parte constituída pelo estudo empírico, foi realizada uma análise quantitativa para a caracterização sócio/demográfica dos participantes e uma análise qualitativa dos conteúdos das entrevistas realizadas.

Foram entrevistadas 50 famílias num total de 200 entrevistas em que 25 famílias viviam em contexto rural e 25 famílias viviam em contexto urbano. Entrevistámos pais, mães, avós e avôs do mesmo núcleo familiar.

Foram assim definidos os seguintes objetivos:

1 – Analisar as vivências e a importância dos avôs e avós, no cuidar e educação das crianças em diferentes contextos sociais e culturais.

2 – Compreender as diferenças intergeracionais do papel dos avós, no cuidar e desenvolvimento holístico das crianças.

3 – Analisar as representações e práticas sobre cuidados infantis nos diferentes contextos, as suas semelhanças e diferenças no espaço intergeracional e nos diferentes ambientes sócio/culturais.

4 – Compreender a importância dos avós para a família e quais os laços de solidariedade existentes nos diferentes contextos.

5 – Analisar as representações e práticas sobre cuidados infantis nos diferentes contextos e as semelhanças/diferenças no espaço intergeracional estudado.

6 – Analisar as concepções dos participantes deste estudo, sobre a importância do papel dos avós na educação, desenvolvimento infantil e para a sociedade em geral.

7 – Identificar os recursos sociais, educacionais e de saúde, existentes nos diferentes contextos estudados, numa perspetiva intergeracional e intercultural.

Depois da análise e discussão dos dados, foi elaborada uma síntese final dos resultados, tendo sido realizada uma apresentação de algumas narrativas de vida de avós e de avôs. A tese termina com a Conclusão, a Bibliografia, a Filmografia, os Endereços Eletrónicos e os Anexos com os instrumentos de colheita de dados.

Todos os avós deste estudo referiram que o nascimento dos seus netos, foi um dos acontecimentos mais importantes e marcantes da sua vida, relatando alguns desses momentos de uma maneira muito emotiva. Também alguns pais se emocionaram, ao narrar episódios passados com os seus avós e que os marcaram positivamente ao longo da sua vida.

A dimensão cultural e intercultural neste estudo, é evidenciado pela evolução socio/política que decorreu em Portugal no espaço intergeracional estudado, influenciando culturalmente as gerações dos avós, através da democratização de Portugal e da entrada na Comunidade Europeia, pondo fim a uma guerra colonial e à independência das antigas colónias portuguesas e a influência da globalização na geração dos pais e das crianças, que aparenta distanciar mais as três gerações, mas que

continua a não impedir a transmissão cultural interfamiliar e a transmissão de valores sociais, devido ao papel interveniente dos avós na família e sociedade contemporâneas.

PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA



Fotografia nº 2 – Avô com o neto – Família Almeida

Fonte: fotografia do autor (2012)

CAPITULO 1 – SOCIEDADE ENVELHECIMENTO E AVOSIDADE

1.1 - ENVELHECIMENTO E AVOSIDADE

Na conjuntura social atual, os avós têm uma importância não só na transmissão cultural e de valores sociais, como na ajuda material afetiva e económica aos seus filhos e netos.

Muitas pessoas ao atingirem a idade da reforma, continuam a trabalhar para poder dar sustentabilidade económica à sua família, aproveitando assim o facto de poder usufruir de um valor monetário que não sofre oscilações muito significativas ao longo do tempo, apesar das reformas económicas que Portugal vive na contemporaneidade e da consequente perda de poder de compra, que é extensível aos reformados.

O envelhecimento da população tem sido objeto de estudo por parte de equipas de investigadores multidisciplinares, devido ao impacto social, económico e demográfico na sociedade portuguesa.

Segundo o Instituto Nacional de Estatística, a população portuguesa em 2012 era de 10542398 pessoas e este valor, traduziu-se numa taxa de crescimento efetivo negativa de 0,29% em relação ao ano de 2011.

O mesmo organismo (2013, p.1), refere o seguinte: *“Os factos demográficos registados entre 2001 e 2011 revelam: uma diminuição do número de nados vivos, atingindo em 2011 o valor mais baixo de sempre; uma redução generalizada da mortalidade geral, com aumentos de esperança média de vida às várias idades; uma diminuição do número de casamentos, atingindo-se em 2011 a taxa de nupcialidade mais baixa observada; uma inversão da tendência de crescimento do número de divórcios verificada desde 2001, registando-se em 2011 um valor inferior ao de 2010”*.

Foram divulgados os dados relativos ao índice de envelhecimento, referindo que este era de 102,6 em 2001 e em 2011 de 127,6, observando-se assim um aumento muito significativo.

O índice de dependência total passou de 48,6 em 2001 para 51,4 em 2011; o índice de dependência de jovens de 24,0 em 2001 para 22,6 em 2011 e o índice de dependência de idosos passou de 24,6 em 2001 para 28,8 em 2011.

Este organismo refere que Portugal mantém a tendência do envelhecimento demográfico, verificando-se um estreitamento na base da pirâmide etária e o alargamento do topo da mesma, o que corresponde a uma ascensão da proporção de pessoas idosas devido ao aumento da esperança de vida. Em resultado desta tendência, o índice de envelhecimento aumentou de 103 para 128 idosos por cada 100 jovens entre 2001 e 2011. Também a taxa bruta de natalidade, situou-se assim em 9,2 nados vivos por mil habitantes em 2011, o valor mais reduzido de sempre”. (INE, 2013).

De acordo com a Associação Internacional de Seguridade Social (AISS), no site da ONU no Brasil, num artigo sobre o envelhecimento da população (2012, s/p.), refere-se que a proporção de pessoas com 65 anos ou mais, assim como a percentagem da população ativa, duplicará na Europa durante os próximos 40 anos e até triplicará na Ásia, enquanto a natalidade permanece baixa. Isso provocará uma crescente pressão sobre a sustentabilidade dos sistemas de pensões.

O mesmo artigo cita números da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico, OCDE, afirmando que nos seus Estados membros, as pessoas com mais de 65 anos consomem entre 45 a 50% dos gastos com a saúde, com tendência a aumentar devido ao envelhecimento da população.

O mesmo organismo OCDE (2013 s/p), num texto sobre envelhecimento e qualidade de vida, afirma numa projeção feita para 2050, que Portugal terá 32% de pessoas com 65 e mais anos e que a média nos países da OCDE é de 25,7; as pessoas com 80 e mais anos serão 11% e a média dos países da OCDE será de 10%. Em Portugal, apesar dos cuidados às pessoas mais idosas ter sido uma prioridade política, com a criação da Rede de Cuidados Continuados, o mesmo organismo refere que os gastos com estes cuidados são de apenas 0,1% do Produto Interno Bruto (PIB), bem mais abaixo da média dos países da OCDE que é de 1,6%.

A Comissão Económica das Nações Unidas para a Europa (CEE-ONU), referiu que o envelhecimento da população é um dos maiores desafios que o continente europeu enfrenta.

A Europa conta atualmente com 4,4 pessoas em idade de trabalhar, por cada pessoa de 65 anos ou mais. Atendendo a que a população ativa europeia deverá diminuir acentuadamente no futuro, esse número deverá baixar para 3,1, em 2025 e para apenas 2,1 em 2050, segundo as estimativas, (ONUSIC, 2013).

Os indicadores de fecundidade revelaram que as mulheres, continuam a adiar o nascimento dos filhos mantendo-se o número médio de filhos por mulher, muito abaixo do limiar de renovação de gerações, (INE, 2013).

O índice sintético de fecundidade, (ISF) passou de 1,45 para 1,35 crianças por mulher entre 2001 e 2011. A idade média da mulher ao nascimento de um filho, aumentou de 28,8 anos para 30,9 anos no mesmo período de tempo e a idade média da mulher ao nascimento do seu primeiro filho, aumentou de 26,8 para 29,2 anos.

Já no que se refere à esperança média de vida, foi de 76,47 anos para os homens e 82,43 anos para as mulheres, para o triénio de 2009/2011, (INE 2013).

Rego et al (2008), num trabalho sobre políticas públicas no combate ao envelhecimento, salienta que em Portugal em 2006, a média de filhos desejado era de 2,09 mas o número de filhos tido era de 1,11. Também na tomada de decisão de 1 filho ou dois filhos, o aumento do rendimento familiar não parece produzir efeito, mas tem um efeito significativo na decisão de ter um terceiro filho, especialmente o rendimento da mãe.

Mendes (2012), no encontro científico “Presente no Futuro”, refere que Portugal poderá perder meio milhão de habitantes em 2030 e que o número de pessoas com 65 e mais anos poderá representar quase metade do número de pessoas em idade ativa, quando atualmente equivale a pouco mais de um quarto.

Em relação às mulheres, a mesma autora (2012, s/p) num artigo no Diário de Notícias, refere que a atual crise económica poderá agravar mais o problema do envelhecimento populacional porque, “...*poderá provocar um aumento de natalidade entre as mulheres mais velhas, que "não podem esperar muito mais", e uma redução entre as mais novas*”

Refere ainda em relação à maternidade que: “*As mulheres com mais de 35 anos, que "não podem adiar muito mais" só têm duas opções: "ou renunciam completamente a ter filhos ou independente da crise poderão recuperar esse adiamento e terem pelo menos um filho mesmo em tempo de crise"*. (Ibidem, 2012, s/p).

Este problema poderá ter vários cenários, mas com as políticas economicistas que intervêm no aumento da austeridade, poderá diminuir o número de nascimentos devido à taxa de desemprego, aos baixos salários dos pais, à perda da capacidade de

ajuda por parte dos avós, quer por limitações económicas, quer pelo aumento da idade da reforma que poderá passar para os 67 anos. Também poderá diminuir o número de emigrantes para Portugal, que já se está a verificar, agravando ainda mais o crescimento populacional ativo (Ramos 2012).

Num cenário futurista, como os avós trabalham até mais tarde, não estão tão disponíveis para tomar conta dos seus netos e como a tendência das mulheres é de terem os filhos com mais idade, esta situação conduzirá a uma obrigatoriedade da institucionalização das crianças em creches e jardins-de-infância. Este cenário neste momento tem duas vertentes: as instituições que são apoiadas por organismos estatais ou da igreja como as misericórdias, são mais económicas mas apresentam listas de espera; as privadas são menos acessíveis aos ordenados mais comuns dos Portugueses. Portanto, hoje é um desafio para alguns pais cuidar dos seus filhos, quer pela limitação de disponibilidade física e material, quer pela diminuição dos recursos económicos.

1.2 – O DESAFIO DE ENVELHECER

O envelhecimento traz repercussões tanto a nível individual como a nível social e familiar

Ao nível individual, as alterações físicas inerentes ao processo e às suas limitações. A nível social e familiar, a produtividade e a dependência.

Devido às alterações sociais da família, espera-se que as pessoas mais velhas sejam independentes e que ajudem os outros membros. Quando começam a ser dependentes, um grande número de pessoas são institucionalizadas, delegando o cuidar para as instituições em vez da família.

Guimarães et al (2012, p.252), num estudo sobre pessoas idosas emigrantes nos Estados Unidos da América provenientes dos Açores, referem que “... *a comunidade portuguesa não gosta de abandonar os seus velhinhos em lares...*” e os mesmos autores apontam como causas, o amor que as famílias demonstram pelos mais idosos e a inexistência de técnicos de saúde que falem português, o que decerto dificultaria a relação interpessoal e a satisfação de algumas necessidades comunicacionais.

Na realidade portuguesa é difícil para um membro da família ser cuidador informal, quer devido à sua atividade profissional, quer aos problemas económicos que

isso acarreta e à falta de disponibilidade de tempo e de espaço, muito embora, muitos idosos são cuidados na família. Grande parte dos idosos dependentes estão em lares ou no seu domicílio, com o apoio de instituições de solidariedade social que trabalham em parceria com as instituições governamentais, ou empresas privadas, mas os maus-tratos verificados em idosos tem sofrido um aumento significativo em Portugal. Os cuidados aos idosos que eram da responsabilidade da família, especialmente das mulheres, passaram a ser em grande parte, da responsabilidade da instituição que os acolhe.

Algumas instituições foram criadas para apoiar as pessoas mais dependentes pelo menos durante o dia, altura em que quase todos os membros da família estão a trabalhar, denominando-se Centros de Dia. Nestes Centros, no final da tarde, as pessoas regressam às suas casas ou a casa de familiares, mantendo o contacto com os outros membros da família, nomeadamente os netos.

Silva (2011), refere que apesar da interação entre as pessoas idosas, estas referem ser muito importantes os laços criados com os cuidadores dos centros de dia, quer pelas actividades desenvolvidas, quer pela satisfação de algumas actividades de vida diárias.

Fonseca (2007, s/p), na sua comunicação no 1º Congresso Internacional sobre Envelhecimento e Qualidade de vida, refere um estudo da Fundação MacArthur (1984/1988), onde salienta três condições para se envelhecer com qualidade:

- 1º - Manter um baixo risco de doença, (nível de vida saudável).
- 2º - Manter um funcionamento físico e mental elevado.
- 3º - Manter um envolvimento/compromisso ativo pela vida.

O mesmo autor cita Castellón num estudo realizado em Espanha, em que 2/3 dos entrevistados valorizavam sobretudo a saúde e a autonomia como padrões de qualidade. (ibidem, 2007, s/p).

Este autor refere ainda o seguinte: *“O conceito de envelhecimento “com qualidade de vida”, só faz sentido numa perspectiva ecológica, visando o individuo no seu contexto sócio/cultural, integrando a sua vida atual e passada, ponderando uma dinâmica de forças entre as pressões ambientais e as suas capacidades adaptativas.”* (Ibidem 2007 s/p).

Silva (2011, p.24), refere que os idosos necessitam de conviver, quer com os seus pares, quer com as diferentes gerações e cita Sousa que refere que no seu estudo “...*todos os idosos demonstraram uma necessidade imperiosa de convívio*”.

Já Nery (2007, p.34) salienta o seguinte: “*Velhice normal significa ausência de patologias biológicas ou psicológicas, em contraposição à patológica caracterizada por degenerescência associada a doenças crónicas, a doenças e síndromes típicas da velhice e à desorganização biológica que pode acometer os idosos. Falar em velhice ótima significa tomar como fonte de referência, algum estado ideal de bem-estar pessoal e social*”.

A mesma autora refere que existem dois tipos de idade: a idade biológica que é a estimativa da posição do indivíduo com respeito ao seu potencial de vida residual e a idade funcional, que é a capacidade de adaptação do indivíduo ao ambiente e o conceito mais recente sobre o envelhecimento biológico é o de gerodinâmica, que se apoia em teorias biológicas sobre sistemas abertos, em que a troca recíproca de energia entre o ambiente físico e social, tende à organização e à transformação crescentes, através de interações entre ambos, combatendo o isolamento e a solidão.

Soeiro (2010), refere que Portugal é um dos países da Comunidade Europeia mais envelhecidos e também um dos países da comunidade com evidentes carências, onde se torna visível a pouca qualidade de vida deste grupo.

A mesma autora refere que as carências abrangem indistintamente todos os grupos sociais, porque a maioria das pessoas idosas sofrem de solidão, independentemente dos seus recursos financeiros e que, “*Nos centros urbanos os modos de vida e as habitações desagregam cada vez mais cedo as estruturas familiares tradicionais, nos meios rurais porque é muito evidente o êxodo dos mais jovens para as urbes em busca de novos estilos de vida*” (ibidem, 2010, p.110).

Por seu lado Sampaio (2008, p.62) destaca o seguinte: “*A sociedade dos nossos dias vê crescer o número de idosos sem considerar alternativas uteis para a sua vida. A colocação de idosos em lares, quer sejam de boa hotelaria ou simplesmente depósitos degradados, parte da mesma filosofia: entreter quem já não tem grande valor*”.

Atualmente começou a ser frequente o aparecimento de notícias na comunicação social sobre a morte de pessoas em casa, descobertas muitos dias depois de terem

falecido, apenas porque os vizinhos se queixam de mau cheiro, ou há muitos dias que não as vêem e ficaram desconfiados de que algo lhes tinha acontecido.

No entanto existem dois conceitos que são diferentes. O conceito de pessoa idosa isolada que é diferente de pessoa idosa sozinha.

O conceito de isolamento social envolve as poucas interações sociais combinadas com experiências de solidão e *“o conceito de isolamento social diz respeito à integração de uma pessoa e/ou grupo num contexto social. Inclui dados objetivos, como seja o número, o tipo e duração de contactos e o meio social envolvente”*. Estes aspetos são referidos por Chau et al (2012, p. 88) no relatório final do estudo sobre o envelhecimento da população, realizado pela Universidade Católica Portuguesa.

Os mesmos autores referem que: *“O estabelecimento de relações de confiança surge, efetivamente, como o melhor antídoto para combater o sentimento de solidão que, independentemente do contexto onde se vive, espreita por detrás do isolamento físico ou geográfico, de um estilo de vida solitário, de uma doença grave ou incapacitante, de uma perda, da morte iminente ou, simplesmente, da dificuldade em exprimir sentimentos acerca da respetiva condição de vida.”* (Ibidem, p. 88).

Segundo os Censos 2011, em Portugal Continental das 1 949 557 pessoas com mais de 65 anos que vivem sozinhas: 433 901 tem entre 75-79 anos; 301 251 tem entre 80 – 84 anos; e 243 137 têm mais de 85 anos.

O impacto da solidão nos idosos, como um dos problemas sociais graves, levou à criação de mecanismos de monitorização dessas pessoas e ao contacto por períodos de tempo curtos, especialmente nas zonas urbanas, onde os laços de vizinhança e de solidariedade entre as pessoas parecem ser mais raros, ao contrário das zonas rurais, mas existem em Portugal, muitas zonas de desertificação humana nas zonas mais interiores onde apenas vivem idosos, pois os jovens transferiram-se para a cidade na esperança de melhores condições de vida e de recursos.

Verificou-se ainda que os idosos analfabetos, *“vêm acrescidas a sua solidão, pelas dificuldades que têm no acesso à informação, escrita e mesmo falada, reforçando ainda mais o seu isolamento”* (Paul, 1992, p.73); outros estudos mostram que os níveis elevados de solidão *“ocorrem em classes sociais mais baixas, com poucos interesses específicos e com uma baixa capacidade de ocupação em atividades de índole pessoal... relacionada com a fraca ou inexistente educação escolar, bem como com a*

falta de experiência anterior em atividades de ocupação de tempos livres.” Fonseca (2004) citado por Chau et al (2012, p. 89).

Alguns programas criados por algumas autarquias do interior, tentaram implementar medidas para fixar os jovens nessas zonas, criando melhores condições de vida e recursos, de maneira a que fosse economicamente viável e interessante uma jovem família viver no interior do país.

No entanto, algumas autarquias também já se envolveram na interação com as pessoas idosas e pensionistas, criando atividades que vão desde visitas de estudo à criação de universidades da terceira idade, atividades do foro educacional, físico, intergeracional e cultural, permitindo um convívio e uma aprendizagem que muitas pessoas consideram uteis e onde as inscrições nessas atividades superaram as expectativas, segundo informaram as instituições autárquicas, nomeadamente a autarquia de Salvaterra de Magos.

1.3 – AVÓS E NETOS

O ser avô ou avó, é ver a continuidade genética familiar, a transmissão e o orgulho do nome de família mantido pelos do pai e da mãe e o cumprir do objetivo humano, da continuidade da espécie.

Sampaio (2008, p.58), refere que: “ *O anúncio de que se vai ser avô introduz um novo ciclo familiar. Começa por ser antecipado, porque quase todos temos, em maior ou menor grau, um certo desejo de que a família não acabe*”.

O ser avô pode desencadear sentimentos antagónicos nas pessoas.

Segundo Ferland (2006, p.43), “*Alguns consideram não ter qualquer papel a desempenhar junto do neto e não sentem ter qualquer responsabilidade ou razão para se envolverem com ele*”. Mas nem todos são assim pois alguns, “*...gostam de estar perto do neto, mas desejam proteger ciosamente a sua independência*”. (Ibidem, pag.44).

A mesma autora refere que “*...muitos são aqueles que ardem de impaciência por ter netos e que, quando esse dia chega, ficam loucos de alegria*”. (Ibidem, p.44).

As relações entre avós e netos vão evoluindo com o crescimento das crianças e Sampaio (2008, p.63), refere ainda que, “ *A relação de amor entre avós e netos*

constrói-se dia-a-dia. A partir de pequenas ações do quotidiano, sem metas definidas nem caminhos pré-estabelecidos”.

O amor incondicional e a chamada relação açucarada, podem contribuir para um crescimento harmonioso das crianças, onde os avós muitas vezes servem de ponte entre a relação pais/filhos.

Ferland (2006, p.25), refere o seguinte: *“Os avós podem ter uma influência sobre o neto em diferentes aspetos. Transmissores da memória e das tradições familiares, contribuem para reforçar as raízes identitárias do neto; servem também de «correias de transmissão» para as tradições valores e conhecimentos. Além disso, oferecem à criança uma preciosa fonte de afeto”.*

Esta autora refere que: *“Em muitos casos, os avós são, para o neto, confidentes discretos e recetivos, prontos a ouvir tudo ou quase tudo, em geral mais do que aquilo que os próprios filhos lhes confiavam”.* (Ibidem, p.29).

Na sociedade portuguesa e devido ao aumento da esperança média de vida, será cada vez mais frequente o surgimento dos bisavôs e acompanhar os netos no início da sua idade adulta, ou seja, estes conseguem acompanhar os seus descendentes desde o nascimento até serem adultos. (Ramos, 2005, 2012, Sampaio 2008).

Isambert (1971 e Ramos, 2005, 2012), também referem que graças à higiene e à medicina, existe uma nova geração de avós que permanecem tão dinâmicos como os filhos, senão ainda mais.

A mesma autora refere que, *“A avó que faz malha ao canto da lareira pertence ao folclore”.* (Isambert, 1971 p.14).

No entanto, a perda das faculdades físicas e mentais e a perda da autonomia, poderão causar comportamentos de ajuda por parte dos netos em relação aos avós, mas o mesmo autor refere que *“...é bom que os avós se queixem o menos possível, porque a vida atual não favorece sentimentos de compaixão, mas tudo dependerá da intensidade da relação estabelecida ao longo da vida”.* (Ibidem, p.115).

Segundo Brazelton e Sparrow (2004, p.325), *“ A «nova» geração de avós, que ainda se encontram eles próprios profissionalmente ativos, sentem uma maior dificuldade em apoiar os seus filhos e os seus genros e noras”.*

Os horários de trabalho sobrepõem-se às atividades familiares e podem por vezes distanciar mais os seus membros.

A ajuda dos avós é sempre bem-vinda e especialmente nas mulheres, o papel será multifacetado tal como refere Ramos (2005) e Ferland (2006) em que o papel da avó, é cada vez mais desempenhado simultaneamente com o de esposa, de filha de uma mãe, de um pai ou de uns sogros muito idosos, e de trabalhadora, pois no nosso país, só aos 65 anos é que se pode ser reformado se não houver outras atenuantes e para muitas mulheres, não é fácil assumir esses múltiplos papéis de esposa, mãe ou sogra, assalariada e avó.

Parece não haver reciprocidade de cuidados de parte a parte, mas segundo Ferland (2006, p. 30), *“O mais belo dos presentes que os avós podem oferecer ao neto é a sua atenção. Reservar tempo para brincar, discutir, passear, estar com a criança, constitui um presente inestimável. Dar-lhe tempo é dar-lhe amor”*.

O chamado amor incondicional, dá uma nova razão de viver aos avós e obriga-os a traçar novos objetivos, baseados na segurança e no futuro dos seus descendentes. Muitas vezes a falta de disponibilidade dos pais para interagirem com os seus filhos, faz dos avós um recurso importante independentemente da condição social da família. Os avós são muitas vezes melhores ouvintes. *“Têm tempo para escutar e, geralmente, não têm essa tendência para corrigir constantemente a criança”* (Ibidem, p.30).

Ramos (2005, p.208), afirma que: *“Os avós constituem um apoio emocional, educativo e instrumental importante para os netos e pais, assumindo hoje o seu papel de múltiplas formas...”*.

Os avós também têm um papel importantíssimo na educação dos seus netos (Ramos, 2004, 2005, 2012). Se bem que alguns pais se sintam por vezes desautorizados pelos avós. Silva, (2012, p.73), num estudo sobre a colaboração dos avós na educação dos netos concluiu o seguinte: *“As crianças referem que os avós dão carinho, afeto, castigam e aceitam esta autoridade sem questionamento”*.

Os dados desse estudo revelaram que *“... as crianças que têm o apoio dos avós como cuidadores, são mais calmas, concentrados e têm melhores relações de socialização do que as crianças cuidadas apenas pelos pais de outras pessoas”* (Ibidem, p. 73).

Cotrim et al (2006), concluiu que os avós não apresentam um comportamento diferente dos pais, quando estes estão ausentes na vida da criança. Os avós contribuem para o desempenho escolar, para a formação do carácter da criança, através de histórias,

ensino de tarefas e valores importantes para a constituição do cidadão, oferecendo à criança elementos que facilitem o seu relacionamento e a sua socialização.

O papel dos avós junto das crianças é multifacetado e intervém em diversos contextos.

Brazelton e Sparrow (2004, p.322), referem que *“Numa geração em busca de valores a transmitir aos seus filhos, os pais farão bem em virar-se para os valores culturais, étnicos e religiosos dos seus pais”*.

Ramos (2005), cita Neugerten e Weinstein, tendo estes autores distinguido cinco formas dos avós assumirem o seu papel: o lúdico, o formal, o autoritário, o distante e o substitutivo.

No entanto, as crianças segundo Carvalho (2010, s/p), num estudo sobre os olhares das crianças na família, referem que os avós caracterizam-se por brincar, dar prendas, dar amor, ajudar e alimentar.

Outro estudo anterior realizado por Dias e Silva (2003), sobre a perspectiva que jovens universitários tinham sobre os avós, concluíram que as categorias mais relevantes encontradas foram sabedoria, experiência de vida, respeito, afeto/carinho e que eles são como os segundos pais. O mesmo estudo revelou que os jovens consideravam a influência dos avós como mais emocional e que tiveram importância na construção do seu carácter.

As relações entre avós e netos tendem a ser na maioria das pessoas, harmoniosas e imprescindíveis para o desenvolvimento das crianças. Se bem que existam crianças que nunca conheceram os seus avós e que se tornaram pessoas equilibradas no aspeto psico/emocional, foram no entanto privadas de um convívio que decerto as iria marcar para sempre, podendo sentir “saudade” desse tempo de convívio e aprendizagem.

Ramos (2005, p 207) refere que *“Avós e avôs deixam memórias e recordações nas crianças e adultos, muitas vezes diferentes. Os avôs são recordados e relacionados pelos netos à história social, sendo descritos no seu trabalho, atividades e implicações no domínio exterior/publico. Por seu lado, as avós são relacionadas com a história familiar, a casa, a cozinha, as roupas, numa clara divisão de papéis”*.

As relações afetivas entre avós e netos, tendem a ser recordadas como momentos especiais que perduram na memória dos que tiveram essa oportunidade.

1.4 – IMPORTÂNCIA SOCIAL E JURIDICA DOS AVÓS

A importância dos avós na sociedade é reconhecida por todos. São estes que ficam com a guarda das crianças quando os seus pais apresentam dificuldades no cuidar, ou se as crianças foram alvo de negligência e maus-tratos. Em Portugal, estas só são institucionalizadas, quando os seus avós não têm condições para o fazer.

Foi determinado o dia 26 de Julho como o dia dos avós. A escolha deste dia teve influência religiosa pois comemora-se nesta data o dia de Santa Ana e de São Joaquim, os pais de Nossa Senhora e portanto, os avós de Jesus Cristo.

Ramos (2005), afirma que a legislação portuguesa reconhece a importância dos avós, sendo o convívio entre estes e os seus netos um direito legislado no código civil, no (artigo 1887-A, aditado pela lei nº 84/95, de 31/08), que consagra não só o direito do menor ao convívio com os avós, mas em caso de conflito entre os pais e os avós, o interesse deste ultimo será o critério decisivo para que seja concedido ou negado o «direito de visita».

No Brasil, os avós que ficam com a tutoria dos netos denominam-se avós guardiões e segundo Ferreira (2009, s/p), no trabalho apresentado no 3º Congresso Ibero-americano de Psicogerontologia, *“Observamos uma sobrecarga dos idosos avós e bisavós guardiões que abdicaram dos seus projetos para exercerem a guarda de facto. Se não fosse a dedicação dos guardiões, haveria um número maior de crianças abrigadas”*.

Em relação à guarda dos avós, Santana (2001, p.134), refere-se às políticas publicas brasileiras: *“Esta política publica, consolida o entendimento de que é a solidariedade familiar e o apoio intergeracional, mais que a participação direta do estado na integração das crianças e adolescentes a um núcleo familiar sadio e autossustentável, que possibilita aos netos, convivendo sob a responsabilidade formal e informal dos avós, uma sobrevivência digna e o cumprimento de seu desenvolvimento pleno”*

Ramos (2004, a, p.56) em relação à institucionalização das crianças, refere que: *“A institucionalização das crianças...tem relevado alguns benefícios, mas também muitas carências e limitações para assegurar o equilíbrio psicológico e o pleno desenvolvimento da criança”*.

A mesma autora, afirma que estão presentes algumas manifestações clínicas nas crianças quando estas são institucionalizadas, nomeadamente isolamento, instabilidade comportamental, inibição motora, insónia e depressão. (Ibidem, 2004).

Os avós estão preparados para cuidar dos seus netos desde que tenham condições físicas, económicas e emocionais para o fazer. Muitos menores são retirados aos pais por negligência ou maus tratos, associados a problemas de alcoolismo ou toxicoddependência, sendo os avós a referência mais importante para as crianças logo a seguir aos pais.

Mesmo sem as limitações dos pais, os avós têm um papel ativo na educação dos netos. Pedro (2006, p. 21) refere que é a inserção da mulher no mercado de trabalho que condiciona a intervenção das avós e que, *“Os estudos feitos mostram que as avós vão ao médico com os netos, vão às reuniões escolares, passeiam e, sobretudo, brincam”*.

Os avós, além de estarem ligados aos seus netos por laços de parentesco, têm também laços jurídicos importantes e pode-lhes ser dada a guarda dos netos através do artigo nº 1919, do código civil Português, (Exercício do poder paternal enquanto se mantiver a providência).

1. Quando tiver sido decretada alguma das providências referidas no Artigo anterior, os pais conservam o exercício do poder paternal em tudo o que com ela se não mostre inconciliável.
2. Se o menor tiver sido confiado a terceira pessoa ou a estabelecimento de educação ou assistência, será estabelecido um regime de visitas aos pais, a menos que, excecionalmente, no interesse do filho o desaconselhe.

La Porta (2011, p.16), cita Scuro e Oltamari (2009), referindo o seguinte: *“A convivência familiar é essencial para uma vida digna de cada membro do grupo familiar, objetivando-se, desse modo, o fortalecimento dos vínculos domésticos, preponderando a dignidade e o desenvolvimento irrestrito dos seus integrantes”*.

A mesma autora refere que mesmo que surja o fim do relacionamento conjugal, não deve ser afastado o papel dos avós e *“Dessa forma, após a rutura da sociedade conjugal, torna-se ainda mais importante o convívio dos netos com os avós, uma vez que o infante não pode perder o referencial da família em virtude da separação dos pais”* (ibidem, p.16).

Antônio (2004, p. 16), refere que os jovens consideram importantes os papéis dos avós, especialmente de manter os laços com a família e transmitir valores e tradições e *“...verifica-se que as relações intergeracionais Avós/Netos, são governadas por fatores estruturais, por sistemas de valores e por mudanças na própria conjuntura da família, que, se vão mudando o seu teor, vão ao mesmo tempo conservando a sua continuidade e relevância”*.

Os avós são capazes de cuidar e de acompanhar o crescimento das crianças e jovens e de educar, transmitindo valores que protegem a família e a pessoa na sua integridade.

CAPITULO 2 – CULTURA, FAMÍLIA E INTERGERACIONALIDADE

Para um desenvolvimento harmonioso e saudável, as crianças necessitam de um ambiente familiar que responda às suas necessidades psicológicas, físicas e materiais, como salienta Ramos (2004 b).

Para esta autora, (Ramos, 2004 b, p. 156), *“A família proporciona suportes afetivos e materiais necessários ao desenvolvimento integral e bem-estar dos seus membros, desempenha um papel fundamental na socialização e na educação, constituindo um espaço onde são construídos laços de solidariedade e identidades e transmitidos valores morais, humanitários e culturais”*.

Na família, os avós são responsáveis pela transmissão de valores culturais aos seus netos.

Ramos (2001, p.162), refere que *“É através da influência da cultura que os indivíduos aprendem a comunicar”*. A cultura é a intervenção do indivíduo no seu ambiente, abrangendo todas as suas interações e relações.

Barradas, et al (2009, p.11), refere o seguinte: *“O desenvolvimento do ser humano está ligado à cultura e à saúde. É impossível falar destes três aspetos de uma forma isolada e independente. Esta tríade encontra-se intimamente relacionada, orientando e influenciando cada uma das suas concepções e contribuindo para a afirmação do indivíduo como membro de um grupo, de uma sociedade, do mundo com uma identidade única e inimitável”*.

Já Cardoso (1969), refere que a tradição através das gerações, conservava a memória dos eventos passados e tornava mais consistente e segura a consciência de si mesmo, pela continuidade que dava à vida humana, *“...é como se lhe emprestasse raízes, concedendo-lhe estabilidade no espaço e sequência ininterrupta no tempo...”* e *“...via de regra, o homem orgulha-se dos seus antepassados...”*, (ibidem, p.131).

Nota-se uma grande evolução no espaço intergeracional em relação às práticas de saúde, quer devido à melhoria de recursos, quer à informação das pessoas que estando mais informadas, interrogam os profissionais de saúde sobre alguns procedimentos e decisões.

Malinowski, citado por Cuche (2003), crítica a atomização da realidade cultural e que esta conduz a investigações de corrente difusionista, que se caracterizam por uma abordagem museográfica dos factos culturais, reduzindo a cultura a traços colecionáveis, sem compreender o lugar que ocupam num sistema global.

Cuche (2003, p.116), refere que a noção de cultura popular em ciências sociais tem duas teses diametralmente opostas.

A primeira refere que, *“As culturas populares seriam simples produtos derivados da cultura dominante, única a poder ser reconhecida como legítima, e correspondendo portanto à cultura central, a cultura de referência...”*.

A segunda mais maximalista refere que: *“...as culturas populares seriam autênticas, culturas completamente autónomas que nada deveriam à cultura das classes dominantes.”*. (Ibidem, p.116).

No entanto o mesmo autor refere que a realidade é mais complexa que as duas teses apresentadas: *“As culturas populares revelam-se à análise como nem por completo dependentes nem por completo autónomas, nem de pura imitação, nem de criação pura”*.

Certeau, citado por Cuche (2003, p.117), define cultura popular como: *“...a cultura “comum” das pessoas comuns, quer dizer, uma cultura que é fabricada no quotidiano, em actividades ao mesmo tempo banais e cada dia renovadas.”*.

Com a globalização e a emigração, especialmente dos países mais pobres para os mais desenvolvidos, observa-se que as pessoas das mesmas etnias e culturas tendem a viver nos mesmos bairros, comungando assim dos seus hábitos ancestrais, mas as gerações mais novas estão mais sujeitas aos fenómenos de aculturação, de maneira a fundirem-se com os jovens autóctones e esperarem pelas mesmas oportunidades sociais e de trabalho.

Cruz (1995, p.515) refere: *“A teoria da sociedade constrói um círculo de pessoas que, tal como na comunidade, vivem pacificamente lado a lado, enquanto, no entanto, separados na essência. Enquanto que na comunidade permanecem unidas, apesar de todas as separações, em sociedade estão separadas apesar de tudo o que as une”*.

No entanto, têm surgido problemas nalgumas cidades europeias, envolvendo conflitos e violência entre as maiorias e as minorias, como por exemplo, a comunidade

magrebina em Paris ou certas comunidades africanas em Portugal. Pessoas que vieram à procura de uma melhor qualidade de vida na Europa mas que são apanhadas por uma crise económica, que envolve atualmente não só emigrantes como também os próprios autóctones.

Ferreira et al (1995 p.138), cita Simmel e refere que para este autor, “...o grande problema que se levanta ao individuo da sociedade moderna é o da preservação da própria identidade e universalidade em face dos movimentos que a atravessam”

O mesmo autor destaca ainda o seguinte: “A liberdade que o homem alcançou em face de todas as tutelas tradicionais teve por contrapartida o seu próprio desmembramento como individuo, o qual se viu transformado num agregado de papéis sociais especializados”. (Ibidem, p.138).

Boudon (1995, p.469) desenvolve o conceito de cultura no plural a qual “...abrange conjuntos de práticas e de representações associadas a diversas identidades: culturas dos ofícios, cultura das etnias, cultura própria de cada classe etária, culturas locais, etc.”

Na contemporaneidade, a evolução social da família com o surgimento de novas configurações familiares, veio alterar o conceito tradicional de família nuclear, modificando comportamentos familiares tradicionais, inclusive o papel dos avós.

Segundo o Instituto Nacional de Estatística, no Censos de 2012, o número de divórcios em Portugal foi de 25.722. Segundo o mesmo instituto, a tendência de divórcios aumentou significativamente desde 1975, mas diminuiu ligeiramente em relação ao ano de 2011.

Mesquita (2011, p. 225), cita Sullerot afirmando que “ O aumento do número de divórcios, a par com a maior aceitação social das mulheres divorciadas e a viver só com os filhos, levou a que as mesmas deixassem de se culpabilizar em relação ao mesmo, de se preocupar tanto com as suas consequências, e passassem a não o assumir necessariamente, e só, como um fracasso e a percecioná-lo, também, como uma possibilidade de abertura a novas oportunidades de vida, sem o ónus de poder ficar sem os filhos, dado serem normalmente elas a ficar com a sua tutela”.

No caso de existirem filhos nos casais que se divorciaram, os avós maternos e paternos vivenciam “sofrimentos, tristezas difíceis de sarar” mas “neste contexto, os

avós podem assegurar a continuidade da identidade da criança e a estabilidade na sua vida ”. (Ferland, 2006, p. 83, 84).

Para além de assegurarem apoio emocional, material e físico, Ramos, (2005, 2012), os avós também podem perfeitamente substituir os pais e *“Nas famílias sem pai, ou cujo pai está ausente, o avô pode oferecer uma imagem masculina estável importante para o equilíbrio da criança ”* (Ferland, 2006, p. 51).

Também a evolução do papel social da mulher e a sua integração no mercado de trabalho, veio alterar a responsabilidade exclusiva da esfera feminina em relação às tarefas domésticas e práticas de cuidados familiares.

Mesquita, (2011, p.218), refere que a integração das mulheres no mercado de trabalho, *“implicou alterações de equilíbrio e a definição de novas necessidades, inclusive de adequação, que vão interferir com a organização familiar, nomeadamente coma divisão do trabalho entre os sexos, com a tradicional divisão de tarefas dentro do lar, com a organização dos tempos livres, entre outros tempos do quotidiano das famílias. (...) Não obstante, como vários estudos demonstram, se continue a verificar uma divisão do trabalho familiar entre os sexos, que está ainda longe da plena equidade e que sobrecarrega sobretudo as mulheres ”.*

Este facto pode ser responsável pelo surgimento de conflitos no casal, especialmente se os dois estiverem envolvidos numa carreira profissional.

A solidariedade intergeracional familiar, veio modificar um pouco o sentido do ditado Português *“casamentos, apartamentos ”.*

Solidariedade, segundo Silva, (2011) é a responsabilidade recíproca entre elementos de dois grupos sociais, partilhando alegrias, sofrimento, a adesão a uma causa a um movimento ou a um princípio.

O termo intergeracional surge das relações entre diferentes gerações, a interação planeada de grupos de pessoas com diferentes idades, em diferentes contextos e em diferentes fases de vida.

A família, grupo social de excelência devido aos fortes laços afetivos e emocionais entre os seus membros, é um lugar primordial onde ocorrem trocas intergeracionais, baseadas na solidariedade, sendo percebida como fonte permanente de entreatajuda.

Segundo Queirós, (2005), as relações de solidariedade entre avós e netos, podem ter quatro dimensões:

1ª – Solidariedade consensual e normativa – É a que é relativa à concordância ou partilha de valores e crenças e ao compromisso no cumprimento das obrigações familiares.

2ª – Solidariedade afetiva – Refere-se ao tipo e à qualidade das relações que se estabelecem entre os membros de uma família.

3ª – Solidariedade associacional ou associativa - É relativa à regularidade às situações em que se dão as interações.

4ª – Solidariedade estrutural – Relativa aos fatores que potenciam ou reduzem a oportunidade de interação social entre as gerações, como por exemplo a distância geográfica ou problemas com saúde.

António, (2004) ainda reconhece outro tipo de solidariedade denominada de funcional, relativa às trocas de recursos e apoio que se dão entre os membros de uma família.

Fernandes, (2001), afirma que as trocas monetárias ou de valores económicos, ocorrem de avós para netos e de pais mais idosos para filhos, mesmo que muitas vezes os rendimentos dos primeiros sejam inferiores aos dos segundos. Quanto aos serviços prestados, estes ocorrem habitualmente nos dois sentidos.

Os avós, muito importantes em todos os aspetos da solidariedade familiar, tendem a ser mediadores nos conflitos familiares.

Sampaio, (2008), afirma que é aconselhável o avô ser confidente e dar um apoio mais frequente ao filho/filha e não deve tomar uma posição hostil face ao genro/nora. Em caso de divórcio, as mulheres ao ficarem com a tutela das crianças, ficam numa situação de educador único, o que acarreta uma sobrecarga familiar exigente.

“Aos avós, compete uma presença continuada, sem crítica, que permita a reorganização emocional de pais e filhos” (Sampaio, 2006, p. 121).

Os avós são muito importantes na mediação familiar, na reorganização familiar, durante as ruturas dos seus membros e depois na reestruturação da família e dos seus membros, (Ramos, 2005, 2012).

2.1 – SAÚDE, DESENVOLVIMENTO E RELAÇÕES INTERCULTURAIS

O conceito de saúde é hoje um conceito alargado que abrange não só a ausência de doença, mas engloba uma visão sistémica do indivíduo e a sua interação com o ambiente.

Ramos (2004, a, p.101) cita O'Donnell (1986) que engloba o conceito de saúde em várias dimensões e são elas, a saúde emocional, a saúde intelectual, a saúde social, a saúde espiritual e a saúde física.

A promoção da saúde é um objetivo comum entre os indivíduos e a comunidade e destaca “...o papel dos indivíduos, dos grupos e das organizações enquanto agentes que intervêm na definição e implementação de práticas de saúde e de políticas que conduzam ao bem-estar individual e coletivo...” (Ramos, 2004, a, p. 102).

Kleiman (1980) citado por Ramos (2004, a, p.104/), desenvolveu a noção de “*Health care System*” que é uma estrutura constituída por três setores:

“1 – O popular – leigo e informal onde se inclui o auto-tratamento, a automedicação e aqueles que são recomendados pelos amigos familiares e grupos, estando também incluídas as crenças sobre saúde e doença.

2 – O tradicional – mais presente nas sociedades não ocidentais onde estão incluídos os curandeiros e os tratamentos que fundem o natural com o sagrado. A própria Organização Mundial de Saúde, (OMS), recomendava sobretudo para os países em desenvolvimento e com poucos recursos médicos, a integração das práticas tradicionais de cura à medicina moderna, apelando ao respeito e colaboração entre os diversos sistemas de tratamento e cura.

3 – Profissional – corresponde à medicina científica ocidental, de que fazem parte todos os profissionais das equipas multidisciplinares de saúde e que são regulamentadas e protegidas por lei. No entanto nalgumas regiões, esta representa apenas uma pequena proporção dos recursos de saúde das populações que recorrem assim aos cuidados possíveis oferecidos pela sua comunidade”.

Com a globalização e o aumento das relações interculturais, desenvolve-se o conceito trabalhado nas áreas da saúde, sociais e educacionais, de interculturalidade, conceito também aplicado nas disciplinas da saúde nomeadamente por Leininger (1999) e Ramos, (2004, 2008).

Nos anos 70, Leininger desenvolveu o que chamou de *Modelo Sunrise*, para guiar pesquisadores e clínicos a alcançar um cuidado de saúde culturalmente congruente com os aspetos culturais do indivíduo. A estrutura do modelo ilustra um novo cuidado, envolvendo a participação direta dos utentes no processo de cuidar, uma vez que este influencia esse processo mediante suas crenças, valores e a visão de mundo, ou seja, o modo como os indivíduos percebem o seu mundo e universo e nele inserem sua perspectiva de vida. (Oriá et al, 2007).

Ramos (2008, p.98) afirma que: *“O aumento da globalização e da multiculturalidade faz com que as sociedades e as diferentes instâncias sociais sejam confrontadas com uma grande heterogeneidade linguística e cultural dos seus utentes, o que exige destas a adoção de estratégias e políticas adequadas para fazer face a esta nova realidade social, cultural e sanitária”*.

A mesma autora também cita Wolton (2006), que afirma que a *“cultura veicula as visões do mundo, a comunicação visões da relação com o outro”*. (Ibidem, p.100).

Leininger (1999), afirma que cuidar é dar apoio, conforto e ajuda ao paciente e é cultural, ou seja, apela para a valorização das crenças que influenciam a forma como manifestam a sua necessidade de cuidados.

Esta autora concebeu a sua teoria da diversidade cultural baseada na crença de que as pessoas de culturas diferentes, podem informar e orientar os profissionais de saúde para receberem o tipo de cuidados que desejam, ou necessitam dos outros.

A multi/interculturalidade surge com os fenómenos migratórios e a coabitação de diversas culturas, cujas vivências, crenças, religiões e interações com o meio, divergem frequentemente com as autóctones e surgem novas interações e relações interculturais.

Ramos (2008, p.101) afirma que *“...cada cultura tem o seu modo próprio de lidar com a doença e de cuidar, sendo este modo próprio transmitido de geração em geração, através do uso de símbolos, de linguagem, de práticas e rituais.”*

Pessoas com culturas ou subculturas diferentes, podem atribuir significados diferentes às mesmas realidades e na díade saúde/doença, as diferentes visões podem originar problemas comunicacionais com os profissionais de saúde, especialmente aqueles que utilizam o modelo biomédico, que apenas se interessa pelo corpo biológico e descuidam as interações do indivíduo com a cultura, o ambiente e a comunidade.

“...o modelo da medicina moderna está, sobretudo, orientado para a perspectiva quantitativa e biológica e não para fatores qualitativos e subjetivos, nomeadamente aspetos psicológicos e socioculturais. (...) na perspectiva médica ocidental, não se tem em conta o contexto em que aparecem as doenças, que determina o sentido de doença para o doente e para os que o rodeiam, considerando-se irrelevantes fatores como crenças culturais e religiosas, estatuto socioeconómico e aspetos psicológicos na realização do diagnóstico e do tratamento”. (Ramos, 2008, p.103).

A comunicação entre médico e paciente é muito importante para o desenrolar de todo o processo de cuidados.

Ramos, (2008) refere que as investigações realizadas sobre comunicação em saúde, revelaram que a maioria dos doentes deseja ter informações sobre o seu estado clínico e a sua doença, mesmo quando há perspectivas de más notícias.

“Contudo, nas práticas dos profissionais de saúde, predomina a ausência de informação ao doente sobre a sua situação clínica, diagnóstico, tratamento, prognóstico, defendendo estes que o fornecimento de informação pode causar efeitos negativos no doente, tais como, diminuição da adesão ao tratamento, aumento da ansiedade e das queixas sobre os efeitos secundários do tratamento”. (Ramos, 2008, p.109).

Esta atitude comportamental e comunicacional dos profissionais de saúde, tem sido objeto de algumas intervenções nomeadamente jurídicas e sociais, pois todas as pessoas têm o direito à comunicação do seu estado de saúde e a ausência desse direito, intervém na liberdade da pessoa, nos direitos e deveres dos doentes, e nos deveres dos profissionais.

“O que por vezes acontece, é a comunicação dada às pessoas conter muitos termos técnicos de compreensão inacessível, ficando estas sem a informação desejada (...) Uma parte da insatisfação dos utentes/doentes, com a qualidade dos cuidados de saúde, está relacionada com as atitudes e o comportamento profissional dos técnicos de saúde, mais especificamente, insatisfação relacionada com os desempenhos comunicacionais dos técnicos de saúde, em geral”. (Ramos, 2008, p. 109).

Na sociedade portuguesa, existem vários contextos culturais e sociais, diferindo geograficamente e demograficamente, estando longe uma uniformização cultural e

social, existindo diferenças entre o interior do país e as zonas urbanas e litorais e mesmo nestas, com subculturas criadas pelas comunidades emigrantes, existindo subgrupos sociais formados por indivíduos agrupados por comunidades provenientes da mesma região.

Dominam vários processos de transmissão cultural, como a socialização, enculturação e aculturação. (Ramos 2004).

A mesma autora, (2004, p.217), cita Mead e Bateson (1938), referindo que enculturação é “...um processo de incorporação da cultura, um processo de interiorização pelo indivíduo das tradições, sistemas de referência e valores do seu grupo, processo que se faz essencialmente por via inconsciente”.

É o processo em que nós aprendemos com tudo o que nos rodeia, essencialmente transmitido pela tríade família/comunidade/ambiente. Ramos (2003, p.165), refere que “o contexto familiar e o comportamento dos pais com a criança, são influenciados pelo meio social e cultural no qual vive a família”.

No entanto, o conceito de socialização é um pouco diferente. Para Ramos (2004, a, p.217), este conceito “...resulta sobretudo, das influências exercidas conscientemente sobre o indivíduo pelo meio envolvente com o qual está em interação”.

O que difere nestes dois conceitos é a forma inconsciente ou consciente em que os conceitos são interiorizados pelos indivíduos.

Para esta autora, a enculturação e a socialização são responsáveis pela introdução do indivíduo num determinado contexto cultural desde o seu nascimento e têm uma função humanizadora, desenvolvendo e estruturando os indivíduos, através dos padrões culturais transmitidos pelas várias interações do indivíduo com o seu meio familiar, social e comunitário.

Ramos, (2004, b, p. 149), afirma que “As crianças e as famílias estão inseridas em meios culturais, físicos, sociais e económicos, relacionais específicos, em diferentes “nichos ecológico-culturais e de desenvolvimento”, as características e acontecimentos que ocorrem nestes nichos, influenciam direta ou indiretamente as crianças e as famílias, o seu desenvolvimento, educação, saúde e bem-estar”.

A mesma autora refere ainda que: “No desenvolvimento, educação e socialização das crianças é necessário ter em conta um conjunto de elementos socioeconómicos e culturais, mas também elementos de ordem afetiva e familiar,

fatores individuais e psicológicos, ocupando a dimensão psicológica e familiar um espaço muito importante ao nível da saúde, prevenção e estruturação do ser humano, no começo da vida e no desenvolvimento e adaptação posterior” (Ramos, 2004, b, p. 149).

As crianças estão muito vulneráveis aos fenómenos de violência familiar, infantil e social e Ramos (2004, a, p. 125) define vulnerabilidade como “...conjunto de fatores que predis põem a criança para desenvolver uma perturbação, implicando a existência de fatores de risco”.

As crianças reagem de maneira diferente aos fatores de risco, consoante as suas características pessoais, mas segundo Ramos (2004, a), crianças sujeitas a ambientes adversos, também podem desenvolver a capacidade de ultrapassar essa adversidade e surge então o conceito de resiliência que é, “...um processo dinâmico e adaptativo que compreende a adaptação positiva numa situação de adversidade em que os acontecimentos vividos pelo individuo podem contribuir para o seu desenvolvimento social, afetivo, cognitivo e físico”. Ramos (2004, a, p.133).

Para um desenvolvimento saudável, as crianças necessitam de um ambiente de apoio e suporte, papel desempenhado pela família e que é fundamental para os níveis de saúde dos seus membros, englobando não só as necessidades materiais mas também as de afeto, apoio, cuidados e orientação.

A vinculação da criança, passa pelos contatos afetuosos com a mãe ou com outros prestadores de cuidados e é um conceito geralmente utilizado, para descrever a relação afetiva privilegiada que a criança estabelece com a mãe ou com outra pessoa significativa nos primeiros anos de vida: “A vinculação pode não ser apenas sobre uma figura exclusiva. As relações de vinculação podem fazer-se com várias figuras estáveis do meio da criança: mãe, pai, avós, irmãos ou outros membros da família”. Ramos (2004, a, p.164).

“A necessidade de dependência da criança, principalmente no início de vida é uma realidade do passado biológico da espécie humana, e essa necessidade primária e biológica de dependência, de proteção e de afeto, originam os laços de vinculação e o sentimento de segurança, fundamentais na organização psíquica da criança” (Ramos 2004, b, p.150).

A mesma autora afirma que “...os estudos transculturais têm demonstrado a universalidade da vinculação através das culturas e o equilíbrio entre os aspetos universais da teoria da vinculação e as particularidades e determinantes culturais, os quais permitem às crianças uma melhor adaptação ao seu meio ambiente” (Ibidem, p. 169) e que um dos riscos básicos para as crianças, é o estabelecimento de vinculações inseguras e negativas, entre estas e os cuidadores na primeira infância.

No entanto para a autora, a enculturação e a socialização são responsáveis pela introdução do indivíduo num determinado contexto cultural desde o seu nascimento e têm uma função humanizadora, desenvolvendo e estruturando os indivíduos através dos padrões culturais transmitidos pelas várias interações do indivíduo, com o seu meio familiar, social e comunitário.

“A solidez destes vínculos e de segurança afetiva, construída nos primeiros anos de vida, o sentimento da criança ser amada e reconhecida, a disponibilidade e adaptação da mãe, pai, ou substituto às necessidades da criança e a qualidade dos cuidados prestados, constituem fatores básicos de proteção, de desenvolvimento, de autonomia, de resiliência, condicionam as escolhas objetivas futuras do adolescente e do adulto e a coerência e competência dos comportamentos de mãe e de pai” (Ramos, 2004, b, p.150).

As famílias provenientes de outros contextos culturais trazem com eles as suas crenças e a sua cultura. Apesar do fenómeno de aculturação ser mais visível nos jovens, os pais tentam sempre difundir nas suas crianças, aquilo que lhes foi transmitido nas suas culturas e países de origem pelos seus progenitores. O espaço familiar e os modelos socioculturais familiares, são elementos básicos para a estruturação psicoafectiva da criança.

“Os cuidados à criança, as práticas de maternagem e os estilos interativos inscrevem-se, pois, num conjunto de tradições, de representações culturais, enraizadas no contexto histórico-cultural de cada sociedade, e de técnicas do corpo, incorporadas muito cedo pela criança, constituindo um domínio complexo, onde interagem a dimensão pessoal e fantasmática dos indivíduos e a dimensão social e cultural dos grupos humanos” (Ramos, b, p.150).

Quanto ao processo de aculturação, (Ramos 2004, a, p.217), cita Herkovits (1938) que definiu aculturação como: “...o conjunto de fenómenos que resultam do

contacto direto e contínuo entre grupos de indivíduos de culturas diferentes, com mudanças subsequentes nos tipos e modalidades culturais de um ou dos restantes grupos”.

Os jovens estão particularmente sujeitos aos fenómenos de aculturação provocados pela partilha de instituições, nomeadamente as escolas, integrando-se assim muito cedo com os grupos autóctones e assimilando a sua maneira de estar e a sua cultura.

Para Berry et al (1997) citado por Ramos (2006), as mudanças comportamentais, (nomeadamente, na linguagem, nas atitudes, na identidade) e o stress de aculturação, constituem dois tipos de respostas psicológicas à aculturação. Vários autores têm estudado os efeitos sobre o comportamento parental, muito em particular maternal, da mudança brusca de meio físico e sócio cultural, originado pela migração segundo os grupos e modos de aculturação. (Ramos, 2004, 2008).

A mesma autora refere Berry (1989) que ao estudar as relações entre os emigrantes e as sociedades de acolhimento, distingue quatro tipos de estratégias de adaptação que resultam em quatro modos de aculturação.

1º - Assimilação. Processo unilateral, pelo qual os membros de um grupo social, geralmente minoritário, se apropriam dos elementos culturais de um outro grupo.

2º - Integração. Manutenção parcial da identidade cultural do grupo étnico/cultural de origem, com uma participação mais ou menos ativa dos indivíduos na nova sociedade.

3º - Separação. Quando o individuo tenta preservar a sua identidade cultural, fechando-se na sua cultura de origem, sem procurar estabelecer relações com os membros da cultura dominante.

4º - Marginalização. O grupo dominante impede o individuo de participar no funcionamento das instituições e na vida social do grupo” (Ramos 2006, p.336).

Relativamente aos comportamentos familiares, mais concretamente às práticas de cuidados maternos, encontramos diferentes modalidades de aculturação. *“Esta poderá constituir uma aculturação caracterizada geralmente por uma aliança harmoniosa das práticas tradicionais, (modo de transportar a criança, massagens,*

embalar na rede, nos braços, nas costas, manutenção da língua materna), com as práticas originárias da maternidade e do desenvolvimento, como a utilização de tecnologia doméstica e o recurso às estruturas de saúde e socioeducativas, disponíveis no país de acolhimento” (Ramos, 2006, p.339).

A transmissão intergeracional de saberes sobre cuidados infantis é muito importante. Ramos, (2004, b, p.151) afirma que: *“Espelho de culturas e tradições, as práticas de cuidados às crianças, inscrevem-se num conjunto de representações culturais e familiares e de técnicas de corpo, transmitidos de geração em geração no seio de famílias, no decurso de interações e rotinas quotidianas com a criança, desempenhando um papel fundamental na estruturação cultural e psíquica da criança e na socialização precoce”.*

Pela análise dos artigos consultados, os seus autores defendem como ideia padrão que os avós são responsáveis pela transmissão de valores sociais e culturais aos seus netos, que quando chegam à idade adulta, valorizam muitas vezes os valores intergeracionais adquiridos.

No entanto, a globalização e a crescente diversidade cultural vem tornar as comunidades, locais e fechadas a uma cultura nacional, a uma maior abertura e convívio com outras culturas trazidas pelos emigrantes.

Segundo Ramos (2011, p.189), as políticas europeias estão cada vez mais atentas à multiculturalidade e afirma que a UNESCO na Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural reconhece a diversidade cultural como, *“...uma das fontes de desenvolvimento entendido não só como crescimento económico, mas, também, como meio de acesso a uma existência intelectual, afetiva, moral e espiritual satisfatória”*

A globalização tem contribuído para a alteração do estatuto e da imagem do Outro, como ser diferente, tornando-o mais próximo e presente no quotidiano.

A mesma autora, cita a Convenção para a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais da UNESCO que concilia a defesa de duas visões que são:

“1- Universalismo, com a defesa dos valores universais da paz, da solidariedade, da justiça e dos direitos do homem.

2 - Particularismo, com a liberdade de cada um expressar a sua cultura e decidir as suas escolhas.

Esta convenção tem como objetivo criar condições que permitam às culturas desenvolverem-se e interagirem abertamente, de modo a um enriquecimento mútuo” (Ramos, 2011, p.192).

“Uma pedagogia da relação intercultural, baseada na compreensão, no respeito e reconhecimento do Outro e da diversidade, deverá ajudar cada um a determinar as suas próprias representações, preconceitos, estereótipos e modelos dos seus sistemas de valores”. (Ramos, 2011, p.195).

“O desenvolvimento de competências interculturais é fundamental, para fazer face à diversidade e complexidade que caracterizam a sociedade atual e para a educação de crianças, jovens, adultos e dos cidadãos no geral” (Ramos, 2001, p. 195-196).

Deve-se cultivar nas crianças, o respeito pelo Outro e pelas diferenças, porque estas são agentes de mudança privilegiados e os educadores da próxima geração, podendo influir de forma otimista na diversidade e na multiculturalidade.

2.2 – AVÓS, RELAÇÕES INTERGERACIONAIS E DE GÊNERO

Com o aumento da esperança média de vida, muitos avós assistem ao crescimento de duas gerações de crianças, pois além de serem avós são também bisavós.

A definição de geração segundo Fernandes (1997), é o conjunto de pessoas submetidas a um mesmo acontecimento de origem, durante um mesmo período de tempo e o acontecimento que define a geração é o nascimento.

Ramos (2004, a) refere que o desenvolvimento da criança em idade precoce provoca na família um conjunto de interações com práticas e rituais diários, desde a alimentação higiene e adormecimento, passando pelas actividades lúdicas, hábitos de estimulação, o contacto corporal e práticas de proteção.

Os hábitos e tradições familiares, quer sejam antigas ou contemporâneas, individuais ou coletivas, constituem *“...um domínio complexo, onde interagem a dimensão pessoal e fantasmática dos indivíduos e a dimensão social e cultural dos grupos humanos”* (Ibidem, p.189).

Rey (1999), refere que não há transmissão sem memória e a memória familiar organiza-se à volta de dois grandes eixos: um eixo vertical que é o da transmissão de

saberes, dos valores e dos códigos entre as gerações e um eixo horizontal, que liga a microcultura familiar ao ecossistema sociocultural.

Segalen (1999, p. 105), descreve um estudo realizado em França por Louis Roussel em 1974, sobre a proximidade dos pais e dos filhos casados e revelou que 75% destes viviam a menos de 20 quilómetros dos pais. A mesma autora referiu que outro estudo feito posteriormente revelou resultados muito similares: *“Quando as residências estão muito próximas, (mesma comuna), 90 por cento das pessoas interrogadas vêm a filha pelo menos uma vez por semana, 86 por cento a mãe, 83 por cento o filho e 82 por cento a sogra”*. A proximidade geográfica parece assim promover o contacto e o convívio intrafamiliar, entre avós, pais e netos,

Brazelton e Sparrow (2004), e Ramos (2004 a, 2005), referem que o envolvimento das avós é necessário no mundo contemporâneo, porque os pais perderam o contacto com as tradições de educação de crianças do passado e são confrontados com um conjunto de escolhas, muito confuso para a educação dos seus filhos, entre eles, algumas publicações, a televisão e a internet.

Kornhaber et al (1985), referem que os avós de hoje estão numa posição única para revelar os efeitos emocionais que as mudanças sociais e culturais provocaram na família e que ocorreram durante as suas vidas. A urbanização e a industrialização apenas intensificaram a preferência cultural da autossuficiência e da independência. No tempo da juventude dos avós, a sobrevivência económica da família dependia do suporte mútuo entre gerações e não importava se três gerações vivessem ou não debaixo do mesmo teto. Assim, as adversidades económicas eram ideais para o desenvolvimento de conceções vitais entre avós e netos.

Pinto (1989, p.15) refere o seguinte: *“São eles: as avós como fatores de transmissão cultural, os avós como depositários de história familiar e, finalmente, os avós como elo de ligação entre o passado e o futuro”*.

Ramos (2012, p. 41), afirma que é importante para as crianças as relações intergeracionais, particularmente as existentes entre avós e netos, e que *“Cada criança está inserida numa dada família e cultura e vai estruturar a sua vida psíquica e cultural através da herança psíquica e cultural recebida desde o nascimento e transmitida de geração em, geração”*.

Alguns avós têm a paciência de ensinar aos seus netos práticas ancestrais que nunca tiveram paciência de ensinar aos seus filhos, ou porque estes não queriam aprender, ou porque a autoridade excessiva limitava o erro dos filhos, sendo mais permissivas no erro dos netos.

Sampaio (2008, p.79) destaca o seguinte: *“A transmissão de valores familiares é feita mais por comportamentos do que por palavras: o sentido da passagem transgeracional encontra-se sobretudo em acontecimentos vividos, mais do que em, regras prescritas por adultos”*.

Ramos (2012, p.42), afirma que os avós constituem uma função intimamente ligada à materna ou paterna das quais se diferenciam, *“mas que como aquelas, tem um papel determinante na estruturação psíquica do indivíduo, constituindo-se como mais um elo na cadeia geracional”*.

Os legados que as gerações mais velhas transmitem às mais novas podem ser de três tipos:

“Legados de ordem” – referentes à responsabilidade, à organização, aos costumes e à educação.

“Legados de solidariedade” – que dizem respeito a sentimentos como o amor, a amizade, o respeito e o sentido de justiça.

“Legados de fé” – relativos à espiritualidade e religiosidade. (Vitale, 2000 citado por Ramos, 2012, p.43).

Sampaio (2008, p.83) ilustra o relacionamento dos avós da seguinte forma: *“Os avós mostram um amor incondicional, uma disponibilidade continuada e, acima de tudo, uma tranquilidade relacional baseada na experiência, tornando singular o seu relacionamento com os netos. Em muitas famílias, transforma-se numa ajuda providencial”*.

Na relação mãe e filha, quando nasce um neto existe uma cumplicidade na transmissão de saberes, muitas vezes com uma maior abertura de ambas as partes, passando o conflito intergeracional para segundo plano.

Brazelton (1988, p.22), refere que a futura mãe pode reviver velhos conflitos com a sua progenitora, mas *“Esta necessidade de absorver tudo que possa da sua própria mãe pode surpreender a ambas”*.

Ramos (2004, a), refere Kleinman (1980) que desenvolveu o conceito de sistema de cuidados de saúde, “*Health Care Sistem*”, baseado no popular, tradicional e profissional. O primeiro é informal, onde as avós e as mães com a sua experiência em acontecimentos de vida têm importância na manutenção da saúde das suas famílias. O segundo, mais presente nas sociedades não ocidentais, são os curandeiros que são os principais intervenientes na cura das doenças das populações. O terceiro, que corresponde à medicina científica ocidental, pode por vezes ser uma barreira entre o sistema de saúde e o pensamento das populações, se a comunicação e a relação entre profissionais de saúde e indivíduos não for de confiança. As avós parecem mediar essa comunicação fundindo os seus saberes e experiências com as recomendações dos profissionais de saúde.

A coabitação das diferentes gerações pode ser geradora de conflitos, Ramos, (2004, 2005, 2012). Pinto (1989, p.10), refere que: “*O maior risco, e praticamente inevitável em caso de coabitação permanente, é de ver nascer entre pais e avós uma competição de autoridade e de afeto junto das crianças*”.

Alguns avós não conseguem dissociar o seu papel de avós do de pais, considerando os seus filhos os subordinados que devem obedecer. Este conflito intergeracional ainda é mais intenso se os pais dependerem economicamente dos avós. Ramos (2012, p.45) afirma que: “*A função de avós, conflituosa ou satisfatória, depende fortemente de como tenha sido exercida a função materna ou paterna da qual deriva*”.

A harmonia familiar depende das boas relações intergeracionais e “*...muito embora funcionem como sistema de apoio mútuo, e locus de processos de solidariedade familiar, constituem igualmente, espaços de confronto, de conflito e de ambiguidade*” (Ibidem, 2012, p. 45).

Os conflitos de autoridade podem nascer de problemas insignificantes mas que são exacerbados devido á autoridade exercida. Pinto (1989, p. 11), refere que alguns avós exercem a sua autoridade de uma forma tirânica e alguns pais revelam a sua incapacidade de se libertarem dela. “*Por vezes, disputam-se entre pais e avós verdadeiras competições na procura da afeição da criança. Solicitada ao preço das piores abdições*” e neste caso as crianças são as principais prejudicadas.

Robinson (1989), citado por Ramos (2012, p.45), afirma que “*...os avós que têm um bom relacionamento com os seus filhos adultos e com os cônjuges dos seus filhos,*

têm maior probabilidade de desenvolver uma relação mãos ativa e gratificante com os netos”.

Apesar do conflito de gerações, a questão do gênero apresenta raízes culturais profundas, especialmente na dissociação dos papéis do homem e da mulher. Em relação aos avós, essa diferença ainda é notória mas em relação aos pais, a divisão de algumas tarefas que antigamente eram predominantemente femininas, veio alterar a concepção de que algumas tarefas eram só para as mulheres, até porque a maioria das mães hoje trabalha e não pode acumular todas as tarefas domésticas com as laborais.

Nas questões intergeracionais, a cultura popular acentua um eterno conflito entre sogras e noras ou a maior aproximação das avós maternas aos bebês recém-nascidos, mas nem sempre é assim. Na etnia cigana, as noras vão viver para a casa das sogras e são estas as responsáveis pelo cuidar dos filhos, impondo o seu estatuto de matriarcas.

Pinto et al (1989, p.13), cita Flugel que refere que há três razões que tornam difíceis as relações entre sogros e netos:

A primeira – *“...fixação excessiva do marido ou da mulher aos seus próprios pais”.*

A segunda – *“...transferência sobre os sogros dos sentimentos sentidos pelas crianças em relação aos pais”*

A terceira – *“...projeção sobre os genros e as noras dos sentimentos sentidos pelos sogros em relação aos próprios filhos”*

Existem diferenças entre os avôs e as avós. Ferland (2006, p.50): *“Existem diferenças quanto à forma como avó e avô assumem os respetivos papéis. Westheimer compara a avó ao Ministro da Administração Interna, por se basear no lado afetivo, nas relações entre os membros da família, enquanto o avô desempenha antes o cargo de Ministro dos Negócios Estrangeiros, por ter em consideração as relações da família com o meio exterior”*

António (2004, p.10) no seu estudo sobre a matrilinearidade dos afetos, refere que *“as relações mais afetuosas são com as avós maternas (...), constatando que este tipo de relação é menos sentido em relação ao avô paterno. (...) As mais “respeitosas” são mais representativas no caso dos avós paternos do que nos avós maternos”.*

Sampaio (2008, p.91), afirma que *“A criança é um ser único que recebe influência de duas linhas familiares; a paterna e a materna, em que o avô ou a avó representam uma força apaziguadora que apetece acarinhar”*.

Ramos (2012, p.47), refere que estudos na Europa e nos Estados Unidos e também desenvolvidos por si, evidenciam a importância do gênero especialmente na distinção dos papéis de ser avó e ser avô. *“ Este papel é importante para ambos mas, sobretudo, para a mulher. Estas têm uma tendência a ser mais ativas e participantes, a se envolverem preferencialmente com aspetos emocionais, atividades de maternagem, socialização e práticas educativas quotidianas e cuidados de saúde ao neto ”*.

A autora afirma ainda: *“Os homens participam, sobretudo, nas atividades lúdicas e de lazer, preocupando-se mais com os estudos, o trabalho e o futuro do neto”* (Ibidem, p. 47).

No entanto, podem surgir conflitos e rivalidade entre os avós que pode ser expressa através da disputa da guarda dos netos, ou através de comentários a supostas preferências.

Ferland (2006, p.59), afirma que um estudo francês divulgou que 32% dos avós estão em desacordo com a educação dos seus netos por isso, *“não é de surpreender que a educação da criança se torne frequentemente fonte de desarmonia e faça surgir uma rivalidade”*. Baseando-se na sua experiência, a avó pode considerar ter o melhor método educativo, enquanto a filha ou a nora consideram-no ultrapassado.

A mesma autora, afirma que geralmente as ligações entre os avós e os netos são mais próximas com os avós maternos, do que com os avós paternos e quando a relação da mãe é boa com a sua progenitora, esta recorre mais à mãe do que à sogra.

Podem surgir rivalidades entre os avós que se materializam em aspetos simples, como por exemplo, em dar um presente mais caro ou aumentar a frequência das visitas.

A mesma autora refere também que: *“Dar sistematicamente razão à criança quando se queixa dos pais pode complicar a relação pais/avós. Tal comportamento deixa antever que os avós desejam apropriar-se do neto. Ao criticarem, julgarem e reprovarem os pais, agem de certa forma como se quisessem substituí-los”*. (Ibidem, p.61).

Rodrigues (2008), encontrou referências de algumas avós que afirmaram que ficavam muito magoadas quando viam os pais a repreenderem os netos, mas com os

seus filhos foram firmes e pouco flexíveis. Muitos pais sentem-se desautorizados especialmente quando dizem não e os avós desautorizam essa decisão fazendo a vontade aos netos.

Ramos (2012, p. 46), afirma que: “ *Na sociedade contemporânea tem aumentado o número de avôs e de avós mais jovens e o número de anos que o indivíduo vai viver como avô ou como avó, sendo numerosas e variadas as modalidades de ser avô ou avó*”. Como refere a autora, as relações entre avós e netos têm múltiplos fatores influenciadores desde a cultura, a comunidade, as vivências e experiências passadas.

O ser avô ou avó, parece evidenciar nas pessoas um novo papel social e familiar e o acréscimo de responsabilidades. “ *Ser avô proporciona novas identidades, novos papéis, novas interações, dá um sentido à vida e um desejo de continuidade*”. (Ramos 2012, p. 47).

Algumas práticas de cuidados infantis, continuam a ser transmitidas pelas avós às suas filhas e noras, especialmente os cuidados de higiene e conforto, o manipular, o “*pegar e dar colo*”, a posição correta de amamentação, a distinção do choro do bebé, se chora por fome ou por dor.

Ramos (2012, p.49) cita um filme que realizou na década de noventa chamado “*Grand-parents et petits-enfants. Le renouveau du printemps*” que foca as práticas e interações dos avós com os seus netos: “*Observamos uma riqueza e diversidade de estimulações verbais, físicas, visuais e cinestéticas nas atividades e interação com as crianças*”

A mesma autora observou a harmonia entre a comunicação corporal e cinestética, com a comunicação com a voz e o olhar, caracterizando-o como estilo de maternagem (*próximo/distal*). “ *...em Portugal as práticas e rituais de adormecer a criança são caracterizadas por grande riqueza e diversidade de gestos, técnicas do corpo, estimulações corporais e verbais, acompanhadas de gestos e canções de embalar tradicionais e modernas, estas constituindo repertório afetivo, comunicacional, cultural educativo estruturante e património cultural importante*” (Ibidem, p.49).

Estudos de Ramos (1993, 1994) identificaram o estilo de maternagem português como sendo próximo-distal, ou seja, uma fusão entre o estilo proximal, predominante em África, Ásia e América Latina, e o distal, predominante na América do Norte e na

região norte da Europa, “...coexistem harmoniosamente as interações tácteis, e cinestéticas, características do estilo proximal, e as interações pela voz e pelo olhar, características do estilo distal, particularidades que o distinguem da Europa” (Ramos, 2004, b, p. 164).

Segundo Ramos (2012), as interações dos avós com os netos além de proporcionarem ambientes estruturais de desenvolvimento, afetos e criatividade nas crianças, ajudam ao mesmo tempo a superar as perdas, as fragilidades, as limitações e as agustias do envelhecimento. Para Ramos (2012), a intergeracionalidade, promove a educação, o respeito e a solidariedade entre as várias gerações.

Cabe à família promover as relações intergeracionais entre os seus membros, educar e promover a socialização da criança e o seu crescimento psico/afetivo saudável. “ ...sendo a família o primeiro exemplo de relação intergeracional, a primeira instituição socializadora e educativa e a principal responsável pela transmissão da cultura e dos valores entre as gerações é, sobretudo, na família que estes valores poderão ser verdadeiramente ensinados, cultivados e aprofundados e onde envelhecer com esperança pode ser alimentado” Ramos (2012, p.53).

Silva, (2011, p.50), no seu estudo sobre solidariedade familiar intergeracional, afirma que “...embora seja por vezes defendido que os laços familiares têm enfraquecido em função das mudanças na sociedade atual, os resultados obtidos sugerem que as relações intergeracionais podem até tornar-se mais importantes, nem que seja decorrente de uma convivência mais prolongada entre as diferentes gerações e da providência familiar poder auxiliar, ou por vezes substituir o estado de providência. As famílias têm hoje mais probabilidades de abarcar várias gerações, em resultado do aumento da esperança de vida, da descida dos índices de natalidade e conseqüente envelhecimento da sociedade”.

Uma das preocupações importantes dos avós é um bom futuro para os seus descendentes.

O crescer saudável, o ter sucesso e a possibilidade de deixar um legado familiar, é uma preocupação de quase todos os avós.

Podemos afirmar que: “ Em Portugal, os avós de diferentes classes sociais, residindo em Portugal ou em diáspora, desempenham um papel muito importante nas diferentes etapas da vida. Palavras e gestos de avós fundamentam-se em ternura,

felicidade, idealização, recordações do passado e sonhos de futuro, teias geracionais entre o passado e o presente, a tradição e a renovação...” (Ramos, 2012, p.48).

Para Rodrigues (2008), os avós são os pilares da família, o que significa que são muito importantes para o equilíbrio de todos os seus membros, não só pela ajuda económica mas também pelo legado e individualidade que promovem e cultivam, no entanto, questionando os avós em conversas informais sobre o que é ser avô, muitos responderam: ser avô é ser pai duas vezes.

2.3 – CONTEXTOS DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E ETNOTEORIAS SOBRE CUIDADOS INFANTIS

As etnoteorias, ou teorias populares, (Ramos, 2004, b), contribuem para modelar as condições de desenvolvimento e educação. Para esta autora, envolvem uma transmissão intergeracional de saberes empíricos, feitos no seio da família, que podem sofrer alterações espaço/temporais, em função dos contextos histórico-sociais e ecológico-culturais e respondem a expectativas e valores culturais e a exigências do quotidiano.

O bebé tem necessidade de cuidados realizados num ambiente caloroso, familiar e de ter uma relação próxima, estável e afetiva com a mãe, com o pai ou substituto que por vezes são os avós. A família tem assim um papel importantíssimo no desenvolvimento psicoafectivo da criança.

É necessário para as crianças, existir um sentimento de prazer e satisfação por parte da mãe ou de outros adultos cuidadores, nomeadamente os avós e estes sentem necessidade de se sentir estimulados e enriquecidos pelos seus filhos/netos. É esta reciprocidade que promove um crescimento equilibrado e psicologicamente saudável. (Ramos, 2004, a, b).

As primeiras interações entre cuidadores e crianças, nomeadamente os olhares, os sorrisos, o choro, os primeiros sons e cuidados, são muito importantes.

“A solidez e qualidade dos vínculos, o sentimento de segurança e a competência social construídos no início da vida, a adaptação da família às necessidades da criança e a qualidade dos cuidados prestados, constituem fatores e suportes essenciais de desenvolvimento, de resiliência, influenciam a competência dos comportamentos

maternos e paternos e são elementos fundamentais para a emergência da autoestima, para o estabelecimento de relações significativas, para que a criança aceda às fases posteriores do seu desenvolvimento”. (Ramos, 2004, b, p. 153).

Ramos (2004, b), define vinculação como uma relação afetiva privilegiada, que a criança estabelece com a mãe ou com outra pessoa significativa nos primeiros anos de vida.

A família constitui um espaço privilegiado para um suporte material e afetivo necessário ao desenvolvimento e bem-estar dos seus membros, satisfazendo as necessidades de afeto, cuidados e orientação. Tem também um papel fundamental na educação e socialização das crianças.

O sentimento de pertença a uma família, a uma comunidade e a uma cultura, transmite à criança um sentimento de segurança interna que facilita o seu desenvolvimento e resiliência. (Ramos, 2004, a, b).

Nos primeiros tempos de vida, é a família, particularmente os pais e os avós, os mais bem colocados para fornecer à criança o apoio, o reconforto, a proteção e a segurança emocional necessárias à saúde e desenvolvimento psíquico, físico, de socialização e aprendizagem, através de rotinas diárias e cuidados repetidos. (Ramos, 1993, 2003, 2004, b).

O pai também é importante para a vinculação da criança. *“desempenhando de forma competente os cuidados básicos, as exigências do envolvimento precoce e afetivo e as competências de incitação da criança à autonomia, à segurança e à socialização. O reconhecimento da importância psicológica e social do pai para o desenvolvimento, socialização e educação da criança, está consignado na própria legislação em muitos países”* (Ramos, 2004, b, p. 158).

Como afirma esta autora, em diferentes épocas, sociedades e grupos, os pais desenvolvem representações, etnoteorias, sobre o desenvolvimento infantil, especialmente no desenvolvimento da criança, saúde e educação.

Ramos, (2004, p. 166, 167, b), afirma que *“Inseridas num “nicho cultural e de desenvolvimento”, articulando o universal e o particular, o individual e o coletivo, o público e o privado, estas representações, etnoteorias, influenciam as atitudes e os comportamentos dos pais e dos adultos face à criança, o tipo de cuidados, os estilos*

interativos e comunicacionais, as práticas educativas, assim como influenciam o próprio desenvolvimento e comportamento da criança”.

A relação entre os indivíduos, as famílias e os contextos em que estão inseridos, é uma relação complexa, dinâmica, interdependente e surgiram diversos modelos conceituais, holísticos e sistêmicos que contribuíram para uma melhor compreensão dessas interações.

Ramos, (2004, b), cita Bornfenbrenner (1979), ao acentuar que o contexto familiar e o comportamento dos pais são influenciados pelo contexto ecológico em que vive a criança e a família.

Este modelo ecológico dá ênfase não só às condições em que vivem as crianças e as famílias, mas também como essas condições afetam o seu desenvolvimento e socialização, a sua capacidade de adaptação, os comportamentos familiares. Ramos, (2004, a, b) destaca também o modelo de “*nicho de desenvolvimento*” de Super (1986) e Harkness, (1997).

“ O “nicho de desenvolvimento” tem em conta três subsistemas:

1 – Os contextos físicos/ecológicos e socioculturais nos quais a criança vive o seu quotidiano que determinam o tipo de cuidados e estilos interativos.

2 – As tradições culturais, comportamentos, práticas educativas, de cuidados e proteção. Estes são adaptados aos contextos ecológicos e socioculturais em que vivem os membros da família e a comunidade.

3 – As representações sociais do desenvolvimento e educação, as etnoteorias e crenças dos pais e educadores sobre a criança, o seu desenvolvimento e educação.

Este conceito implica, assim, os meios sucessivos, materiais e humanos, que permitem os cuidados e as aprendizagens adaptados a cada criança numa determinada cultura, cada cultura modelando os métodos e procedimentos que permitem à criança adquirir competências sociais, comunicacionais e cognitivas, o saber e o saber fazer por ela valorizados” (Ramos, 2004, b, p. 174,175).

É importante a análise da forma como diferentes grupos sociais e culturais, concebem e estruturam a educação da criança em idade precoce, para se compreender os processos de desenvolvimento e de educação nas suas particularidades, como destaca Ramos, (1990, 1992, 2004), nos seus trabalhos escritos e fílmicos em Portugal.

Nesses estudos, *“são sobretudo as pessoas mais velhas, de meios rurais e de meios socioeconómicos mais desfavorecidos, aquelas que se mostram mais tolerantes e menos exigentes no que diz respeito às normas de desenvolvimento da criança, considerando que é necessário respeitar o ritmo e a “natureza” da criança, não sendo bom “ir contra a natureza, “ despertar demasiado cedo o bebé, dando sobretudo atenção ao apetite e sono da criança. Estas valorizam principalmente o desenvolvimento físico, a motricidade, sendo considerando um indicador importante de desenvolvimento”* (Ramos, 2004, p.171).

Em Portugal, nos meios económicos mais favorecidos e nas populações mais jovens e de meio urbano, os mesmos estudos revelaram que *“é mais valorizado um bebé ativo, comunicativo, vivo, simpático, alegre, atento, bem desperto, tanto no plano psíquico, como físico. As preocupações referentes à interação, à atenção, à boa disposição, à compreensão, refletem o ideal de desenvolvimento e facilidade para estes”*. (Ramos, 2004b, p.172).

Estes pais estimulam as crianças mais cedo, com brinquedos e jogos pedagógicos e informa-se sobre formas de estimular e cuidar das crianças.

Verificamos assim que, as etnoteorias sobre cuidados infantis, são influenciadas pela cultura, pelo período espaço/temporal, pelos fatores sócio/económicos e religiosos de uma determinada população e são muito importantes, para a compreensão das práticas que influenciam o desenvolvimento físico e psicoafectivo das crianças.

PARTE II - INVESTIGAÇÃO EMPIRICA



Fotografia nº 4 – Interação familiar - Família Almeida

Fonte: fotografia do autor

Data – Dezembro de 2012

CAPITULO 3 – METODOLOGIA

3.1 – OBJECTIVOS

Existem ainda poucos estudos em Portugal sobre os avós. Apesar de se reconhecer a sua importância na sociedade portuguesa, foram apenas editados livros generalistas sobre o assunto, relatando experiências de pessoas próximas dos autores. Existem estudos norte americanos e europeus sobre os avós e os netos, dando ênfase a aspetos como a problemática intergeracional, de género e multiculturalidade.

Na Universidade Aberta no âmbito do Mestrado em Comunicação em Saúde, foram elaboradas duas teses. Uma de Florbela Lança (2005), sobre “*Cuidados Alimentares e Estilos Comunicacionais. Avós – Netos Nos Dois Primeiros Anos de Vida*”, e outra reeditada por nós sobre “*Práticas e Saberes das Avós no Cuidar das Crianças, Uma Abordagem Intergeracional e Intercultural*”. (Rodrigues, 2008).

Querendo dar continuidade à investigação sobre o papel dos avós surgiu a seguinte pergunta de partida:

Qual a importância dos avós para a família e sociedade contemporâneas?

Como pretendemos estudar a importância dos avós nas dinâmicas familiares, na transmissão de saberes sobre cuidados infantis e na solidariedade familiar, (guarda das crianças, apoio aos pais, etc.), e as vivências e expectativas de avós e pais, numa perspectiva intergeracional e intercultural, comparando diferentes contextos sociais e culturais, definimos o seguinte objetivo principal:

- Compreender as vivências, as expectativas e a importância dos avós na família e na sociedade contemporâneas.

Como objetivos específicos definimos os seguintes:

1 – Analisar as vivências e a importância dos avôs e avós, no cuidar e educação das crianças, em diferentes contextos sociais e culturais.

2 – Compreender as diferenças intergeracionais do papel dos avós, no cuidar e desenvolvimento holístico das crianças.

3 – Analisar as representações e práticas sobre cuidados infantis nos diferentes contextos, as suas semelhanças e diferenças no espaço intergeracional e nos diferentes ambientes sócio/culturais.

4 – Compreender a importância dos avós para a família e quais os laços de solidariedade existentes nos diferentes contextos.

5 – Analisar as representações e práticas sobre cuidados infantis nos diferentes contextos e as semelhanças/diferenças no espaço intergeracional estudado.

6 – Analisar as concepções dos participantes deste estudo, sobre a importância do papel dos avós na educação, desenvolvimento infantil e para a sociedade em geral.

7 – Identificar os recursos sociais, educacionais, de saúde etc., existentes nos diferentes contextos estudados, numa perspetiva intergeracional e intercultural.

Esperamos assim, dar visibilidade ao papel ativo dos avós, na construção das sociedades contemporâneas e no contributo para o desenvolvimento e qualidade de vida das famílias e das crianças.

3.2 – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

A metodologia a utilizar nesta investigação é de tipo qualitativa, descritiva, exploratória e etnográfica.

Como estratégia de colheita de dados, foi elaborado um questionário para caracterização sócio/demográfica dos participantes, e foram realizadas entrevistas semi-diretivas, com a ajuda de um guião de entrevista previamente elaborado.

Foi construído um guião específico para as avós, para os avôs, para os pais e para as mães, dando-se ênfase a alguns aspetos intergeracionais e de género.

O questionário foi objeto de uma análise quantitativa e foi utilizado o programa informático EXCEL, e as entrevistas foram sujeitas a análise qualitativa, nomeadamente à análise de conteúdo.

Segundo Carmo e Ferreira, (2005, p.180), “*A descrição deve ser rigorosa e resultar diretamente dos dados recolhidos*”, e segundo Quivy, (1992, p.86), “*...deve-se (...) atingir uma certa qualidade de informação acerca do objeto estudado e encontrar as melhores formas de o abordar*”, daí considerarmos que esta seja a melhor metodologia para o estudo desta temática.

Foram entrevistadas famílias provenientes de diferentes extratos sócio/económicos e culturais, e vivendo em contexto urbano e rural. Os participantes foram entrevistados nos seus contextos de vida utilizando-se uma metodologia

etnográfica. Esta não é uma reflexão abstrata e especulativa sobre o homem, mas sim o contacto e a observação direta dos indivíduos e dos seus comportamentos no seu meio natural, ou seja, nos seus contextos de vida. (Laplantine, 1986).

3.3 - CONTEXTO DO ESTUDO E PARTICIPANTES

Foram realizadas 200 entrevistas e questionários a avós, avôs, pais e mães do mesmo núcleo familiar, mas em relação aos avós, apenas os maternos ou os paternos, consoante estivessem mais presentes junto dos pais.

A escolha de famílias nucleares acompanhou a predominância destas, na sociedade portuguesa atual, comum aos países do sul da Europa, apesar do aumento significativo de famílias monoparentais e dos divórcios em Portugal.

Todas as entrevistas foram realizadas nos domicílios dos entrevistados. Para conseguirmos alcançar mais famílias em contexto urbano, pedimos a colaboração dos primeiros entrevistados, para nos disponibilizarem outras famílias com as características desejadas, pelo que podemos afirmar que foi utilizada a metodologia denominada de “*bola de neve*”, tal como refere Carmo e Ferreira, (1998).

Os participantes desta investigação são famílias residentes nas regiões de Lisboa, Alverca, Almeirim, Rio Maior, Santarém e Salvaterra de Magos.

Consideramos que a cidade de Santarém, apesar da proximidade com as zonas rurais circundantes, já apresenta características contextuais urbanas, semelhantes a outras grandes cidades, assim como Almeirim e Rio Maior.

Para o contexto rural, a escolha do concelho de Salvaterra de Magos e de Santarém, nomeadamente de aldeias circundantes, deve-se à proximidade da residência e do local de trabalho do investigador.

3.4 - PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

Como instrumentos de recolha de dados, optámos pelas entrevistas exploratórias e por questionários.

Neste estudo agrupámos os participantes em quatro grupos: as avós, os avôs, os pais e as mães do mesmo núcleo familiar. Foram realizadas 50 entrevistas a avós, a

avôs, a pais e a mães, perfazendo um total de 200 entrevistas, num total de 50 famílias entrevistadas, 25 famílias residentes em contexto urbano, e 25 famílias em contexto rural.

Como instrumento de recolha de dados optámos por realizar um primeiro questionário, com perguntas fechadas preenchido pelo investigador no momento, para caracterização sociodemográfica da amostra, seguindo-se a entrevista, (Anexo nº 1, 2, 3 e 4).

Todas as entrevistas foram realizadas nos domicílios familiares, tendo sido utilizado um guião de entrevista, específico para cada elemento. (Anexo nº 5, 6, 7 e 8).

Todas as entrevistas foram gravadas em registo magnético e digital, com o consentimento dos entrevistados, salvaguardando-se assim os princípios éticos e deontológicos. Foi também explicado o carácter confidencial das mesmas, para salvaguardar a identidade dos intervenientes.

As entrevistas decorreram de Dezembro de 2012 a Abril de 2013. Este período de tempo foi provocado pela indisponibilidade imediata dos entrevistados, devido às suas actividades laborais, à disponibilidade do investigador e à longa distância de alguns elementos das famílias escolhidas para este estudo.

CAPITULO 4 – CARACTERIZAÇÃO SÓCIODEMOGRÁFICA DOS PARTICIPANTES

Entrevistámos 200 participantes: 50 avós, 50 avôs, 50 pais e 50 mães.

Nesta caracterização, iremos ainda dividir estes 4 grupos segundo o seu contexto demográfico, ou seja, iremos dividir o grupo das 50 avós em 25 avós de contexto urbano e 25 avós de contexto rural, assim como para os avôs, os pais e as mães, para uma melhor análise dos mesmos.

Os questionários aplicados contêm 18 questões fechadas, algumas com mais de uma opção de escolha.

Iremos abordar primeiro o grupo total e depois analisar segundo o grupo correspondente ao contexto urbano e ao contexto rural.

4.1 – CARACTERIZAÇÃO GERAL DOS PARTICIPANTES.

Iremos ilustrar no quadro nº 1 a caracterização geral dos participantes deste estudo.

Quadro nº 1 – Quadro referente à caracterização global dos participantes

Participantes	Número	
Total de participantes	200	
Total de avós	50	
Total de avôs	50	
Total de mães	50	
Total de pais	50	
Média global de idade dos participantes	51, 68 anos	
Naturalidade dos participantes, (por concelhos)	Alpiarça	2
	Angola	2
	Benavente	6
	Cartaxo	2
	Covilhã	1

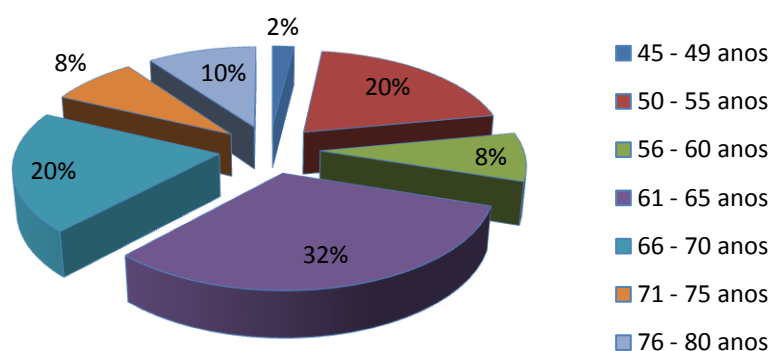
Participantes	Número	
Naturalidade dos participantes (por concelhos), continuação.	Alcoutim	2
	Azambuja	1
	Coruche	4
	Castelo Branco	2
	Crato	3
	Castro Verde	1
	Chamusca	2
	Dili	1
	Estremoz	1
	Entroncamento	2
	Fornos de Algodres	1
	Funchal	1
	Golegã	2
	Las Palmas	1
	Lisboa	31
	Lugo	2
	Lourinhã	1
	Meda	1
	Moçambique	3
	Montijo	1
	Nazaré	4
	Oliveira do Bairro	1
	Peniche	1
	Pombal	1
Peso da Régua	1	
Póvoa de Varzim	1	
Ponte de Sôr	6	
Penamacor	4	
Portimão	1	

Participantes	Número	
Naturalidade dos participantes, (por concelhos), continuação	Rio Maior	3
	Salvaterra de Magos	59
	Santiago do Cacém	3
	Santarém	24
	Sertã	2
	Torres Novas	1
	Torres Vedras	3
	Porto	1
	Vila Franca de Xira	2
	Vila real	1
	Vila Velha de Rodão	1
	Vouzela	1
	Rebordelo	1
	Viseu	2
Residência dos participantes, (por concelhos)	Almeirim	19
	Benavente	4
	Lisboa	32
	Montijo	2
	Santiago de Compostela	2
	Nazaré	2
	Rio Maior	8
	Salvaterra de Magos	75
	Santarém	56

4.2 – CARACTERIZAÇÃO SÓCIODEMOGRÁFICA DAS AVÓS

4.2.1 – Idade das avós

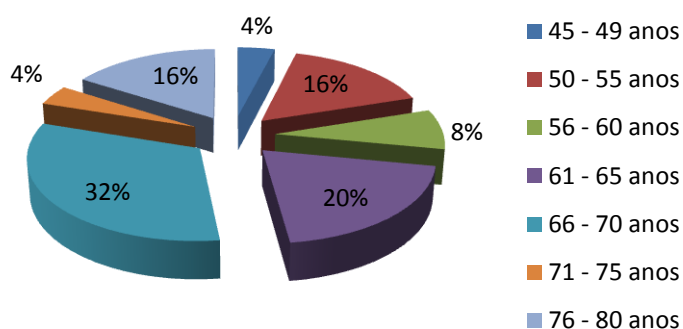
Gráfico nº 1 - Idade das avós



Como ilustra o gráfico nº 1, a faixa etária predominante das avós, situa-se entre os 61 e 65 anos com 32% do total de participantes, referente às 50 avós inquiridas. Apenas uma avó tinha idade inferior a 50 anos, mais precisamente 49 anos pertencente ao grupo do contexto rural. A avó com mais idade neste estudo tem 80 anos e pertence ao grupo do contexto urbano. A média de idade das avós é de 63,84 anos, (avós rurais e avós urbanas).

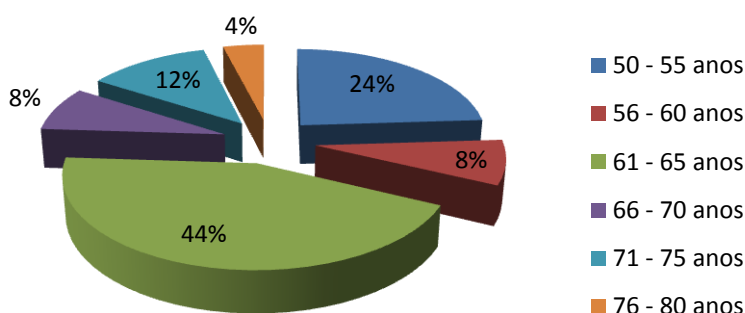
De seguida vamos apresentar as idades das avós nos diferentes contextos.

Gráfico nº 2 - Idade das avós rurais



Verificamos que a maior faixa etária representada, pertence à idade compreendida entre os 66 e os 70 anos com 32% e os menores com 4%, situam-se entre os 45 e os 49 anos e os 71 e os 75 anos. A média da idade das avós rurais é de 65,44 anos.

Gráfico nº 3 - Idade das avós urbanas



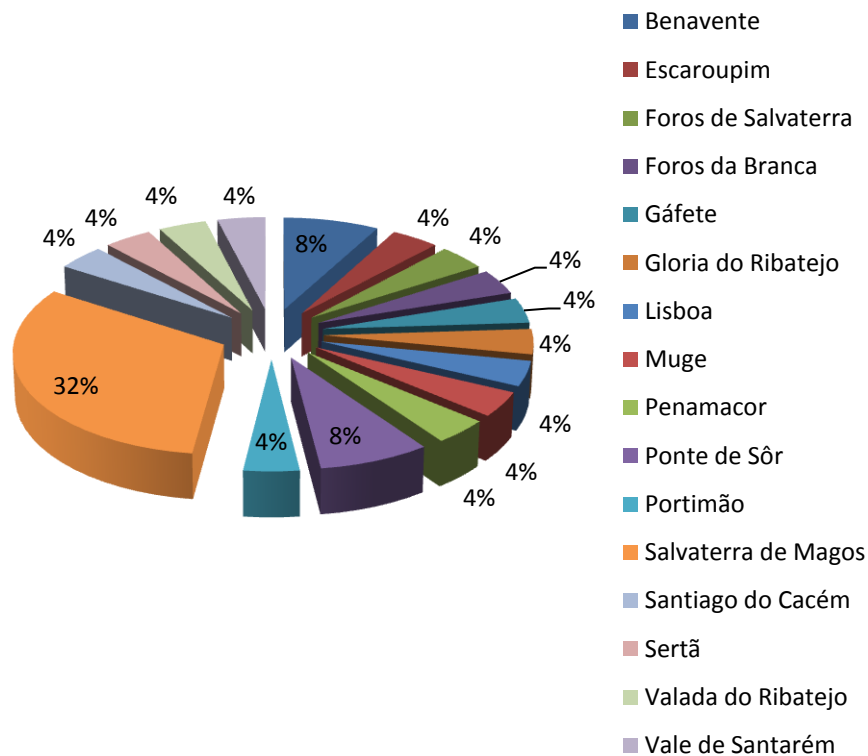
Neste contexto, verificamos que a faixa etária predominante é diferente do grupo anterior e situa-se na faixa etária, compreendida entre os 61 e os 65 anos com 44% do total e neste contexto, nenhuma avó tinha uma idade inferior a 50 anos. A faixa etária menor situa-se entre os 76 e os 80 anos, pertencendo à avó com mais idade neste estudo. A média da idade das avós urbanas é de 62,24 anos, ligeiramente mais baixa que a média de idade das avós rurais.

4.2.2 – Naturalidade e residência das avós

De seguida apresentamos a naturalidade das avós entrevistadas.

Devido à grande diversidade de localidades, optámos por dividir os grupos das avós pelos contextos, urbano e rural.

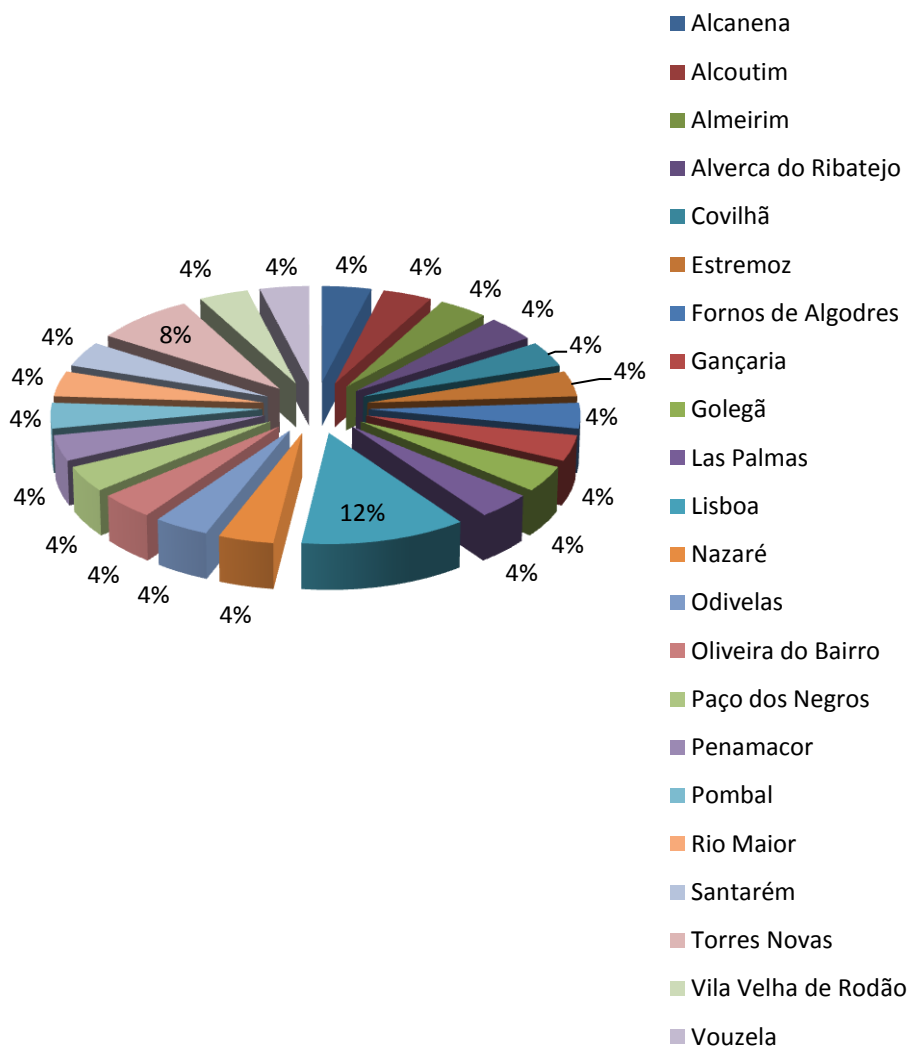
Gráfico n° 4 - Naturalidade das avós rurais



Verificamos que a maioria das avós entrevistadas em contexto rural são naturais de Salvaterra de Magos, o que perfaz 32% do total do grupo e que 5 das avós, são naturais de localidades fora do distrito de Santarém; todas as restantes pertencem a este distrito. De salientar que Escaroupim, Foros de Salvaterra, Gloria do Ribatejo e Muge, são localidades pertencentes ao concelho de Salvaterra de Magos.

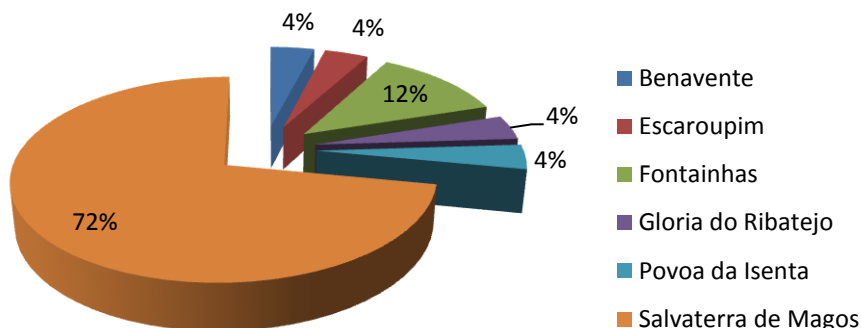
Podemos concluir que o concelho de Salvaterra de Magos está representado pela maioria das avós que são naturais desta região.

Grafico nº 5 - Naturalidade das avós urbanas



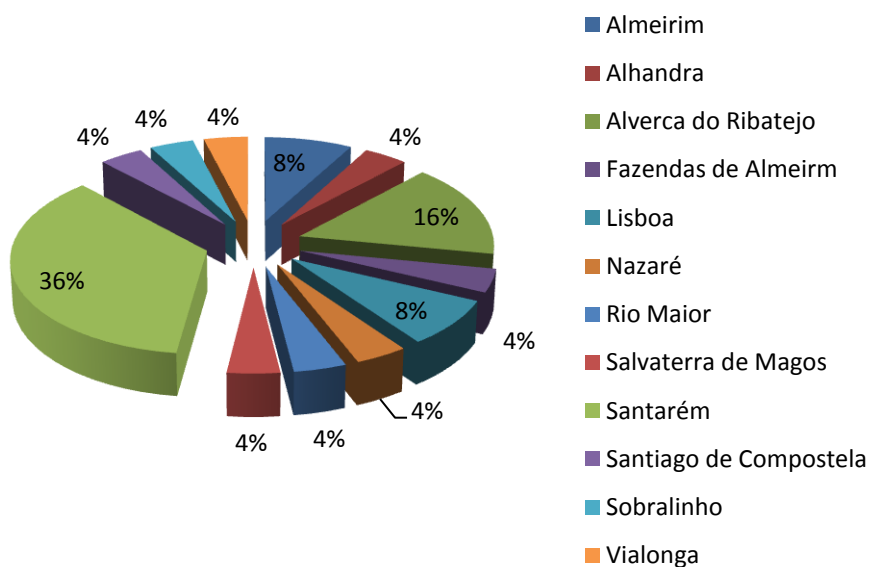
Verificamos que as avós entrevistadas, pertencentes a famílias residentes em contexto urbano, são naturais de localidades muito diversas, não existindo um predomínio de apenas um distrito. Apenas o concelho de Lisboa está representado por 4 avós, sendo 3 de Lisboa e uma avó de Odivelas. Uma das famílias entrevistada é de nacionalidade espanhola. A multiplicidade de distritos, permite-nos concluir que houve uma grande mobilidade por parte das avós deste contexto, desde o local da sua naturalidade até à sua residência atual.

Gráfico nº 6 - Residência das avós rurais



Verificamos que a maioria das avós entrevistadas, 72% das avós rurais, vive em Salvaterra de Magos. De salientar que a localidade de Escaroupim e da Gloria do Ribatejo pertencem ao concelho de Salvaterra de Magos e as localidades de Fontainhas e Póvoa da Isenta, pertencem ao concelho de Santarém.

Gráfico nº 7 - Residência das avós urbanas

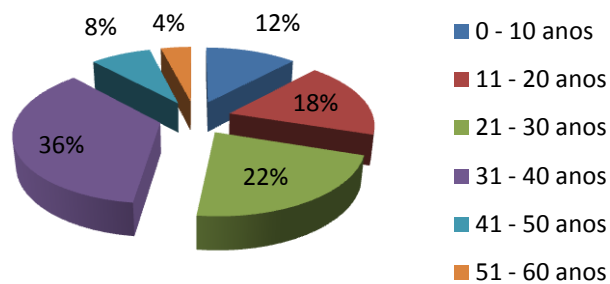


A maioria das avós urbanas entrevistadas vive em Santarém, o que perfaz 36% do total das inquiridas.

Verificamos que algumas avós não vivem em zonas urbanas e deve-se ao facto de considerarmos família urbana, aquela em que apenas os avós ou os pais vivessem

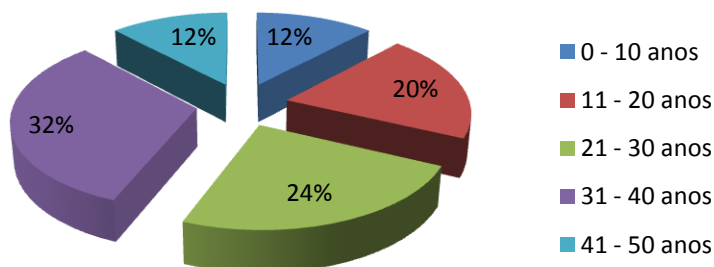
nesse contexto. É o caso das avós que vivem nas localidades de Sobralinho e de Fazendas de Almeirim, mas os seus filhos vivem em Alverca e Alhandra respetivamente. Alhandra, Alverca e Vialonga são zonas da periferia de Lisboa já muito urbanizadas, pelo que caracterizámos como zonas urbanas.

Gráfico nº 8 - Número de anos que as avós habitam nas suas casas.



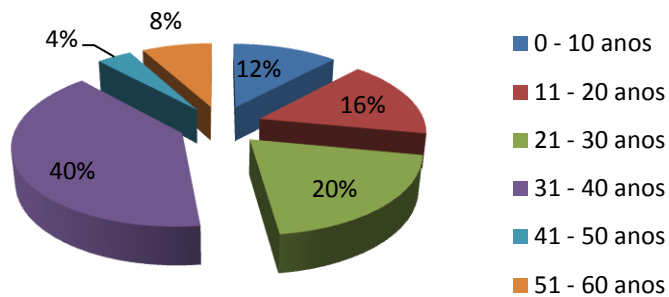
Verificamos que a maioria de todas as avós vive na sua residência num período compreendido entre os 31 e os 40 anos, perfazendo 36% do total da amostra. Com 22% aparece-nos o período compreendido entre os 21 e os 30 anos.

Gráfico nº 9 - Número de anos que as avós rurais habitam na sua casa



Tal como no gráfico anterior, verificamos que a maioria das avós de famílias rurais vive nas suas residências, num período compreendido entre os 31 e os 40 anos, o que perfaz 32% do total da amostra. As avós que vivem num período inferior a 10 anos deslocaram-se, para ficarem mais perto dos seus netos e filhos/filhas, perfazendo 12% do total dos participantes.

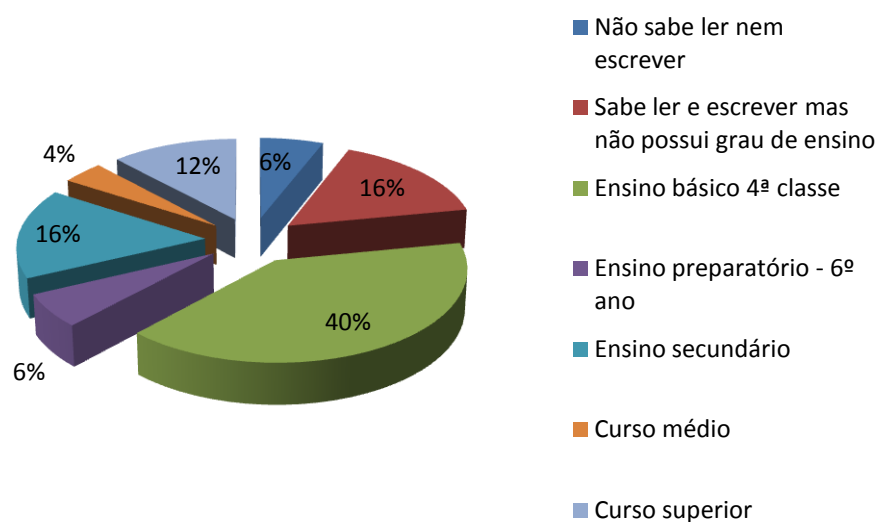
Gráfico nº 10 - Número de anos que as avós urbanas habitam nas suas casas



Verificamos que também as avós de famílias urbanas, vivem nas suas residências no período entre os 31 e os 40 anos, com 40% do total das inquiridas. Também as avós que vivem num período inferior a 10 anos deslocaram-se, para ficar mais perto dos netos. Duas avós viviam há mais de 50 anos na sua casa.

4.2.3 – Habilitações literárias das avós.

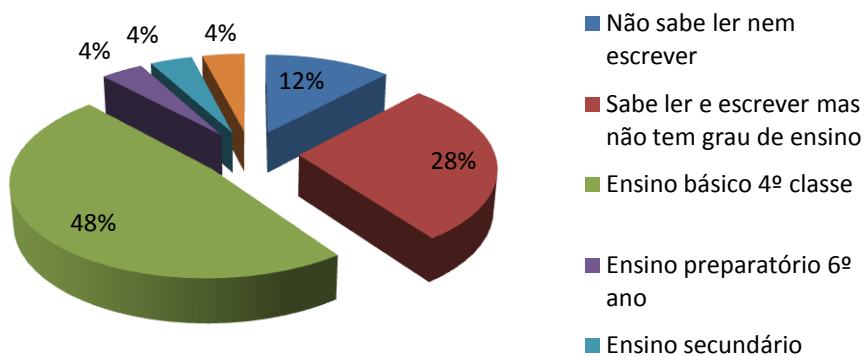
Gráfico nº 11 - Habilitações literárias das avós



Verificamos que a maioria das avós de meio rural e urbano têm apenas o ensino básico, 4ª classe o que perfaz 40% dos participantes.

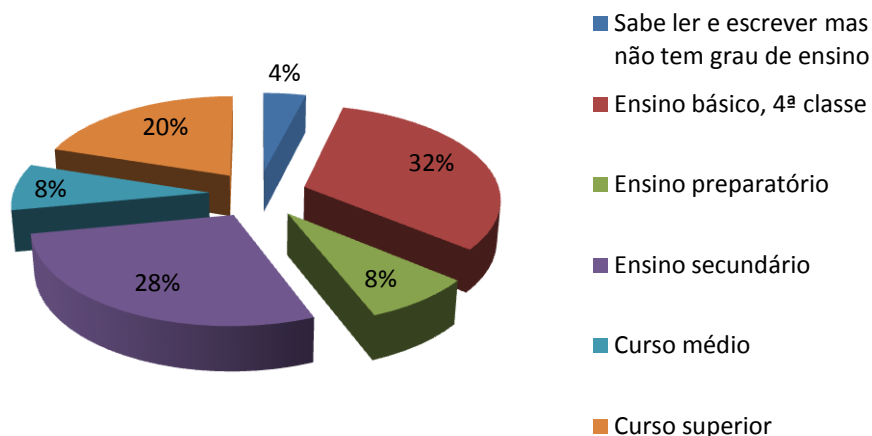
Com curso superior, foram entrevistadas 6 avós e 3 avós não sabem ler nem escrever. Um número significativo de avós, 16%, sabe ler e escrever, mas não concluiu a 4ª classe devido à impossibilidade económica dos seus pais e ao ingresso precoce no mercado de trabalho. Com o mesmo número temos as avós com o ensino secundário completo.

Gráfico nº 12 - Habilitações literárias das avós rurais



Verificamos que a maioria das avós rurais têm o ensino básico, ou seja a 4ª classe o que perfaz 48%. Já as avós que não têm grau de ensino perfazem 40% do total das entrevistadas e destas, 12% ou seja, 3 avós, são analfabetas não sabendo ler nem escrever. Apenas 1 avó tem curso superior.

Gráfico nº 13 - Habilitações literárias das avós urbanas

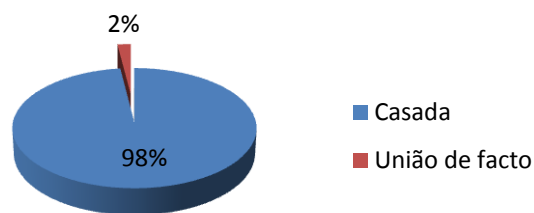


Podemos verificar que existem diferenças notórias em relação a estas e às avós em contexto rural. Se bem que a maioria das avós tenha o ensino básico, com 32% do

total dos participantes deste grupo, apenas 1 avó não tem grau de ensino, mas sabe ler e escrever e 5 avós têm curso superior.

4.2.4 – Estado civil das avós

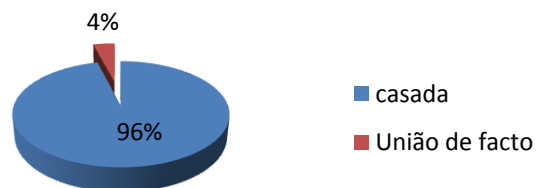
Gráfico n° 14 - Estado civil das avós



Verificamos que 98% do total dos participantes do grupo de avós rurais e urbanas, são avós casadas; apenas uma avó vive em união de facto.

A totalidade das avós rurais é casada o que perfaz 100% do total deste grupo.

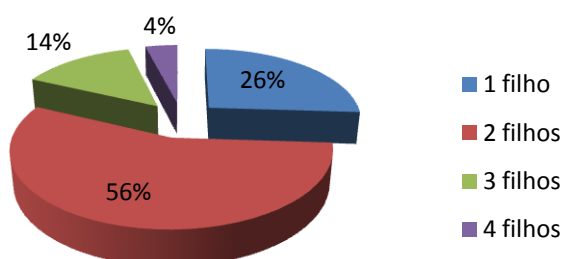
Gráfico n° 15 - Estado civil das avós urbanas



Verificamos que apenas uma avó urbana vive em união de facto.

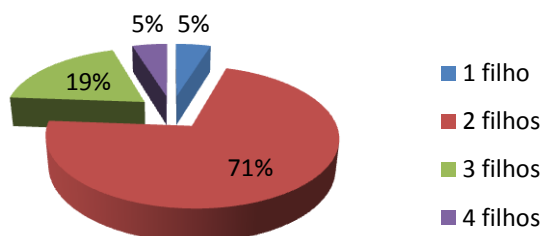
4.2.5 – Número de filhos das avós

Gráfico nº 16 - Número de filhos das avós



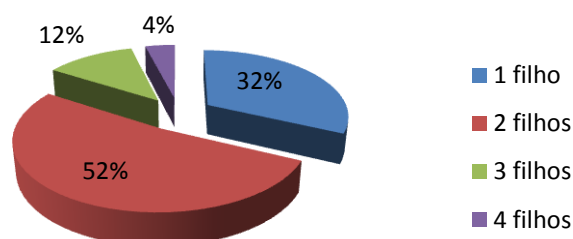
Verificamos que a maioria das avós entrevistadas tem 2 filhos, com 56% do total dos participantes, seguindo-se as avós com 1 filho com 26%; apenas duas avós tinham 4 filhos o que perfazem 4%. A média de filhos das avós é de 1,96 filhos.

Gráfico nº 17 - Número de filhos das avós rurais



Verificamos que a maioria das avós rurais têm 2 filhos, o que perfaz 71% do total deste subgrupo de avós, seguindo-se as avós com 3 filhos com 19% do total da amostra. A média de filhos das avós rurais é de 2,04 filhos.

Gráfico nº 18 - Número de filhos das avós urbanas

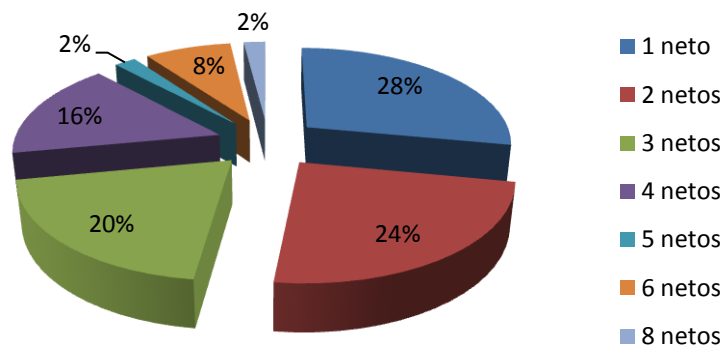


Verificamos que se mantém uma maior percentagem de avós com 2 filhos, com 52% do total deste subgrupo de avós, portanto inferior ao grupo das avós rurais e um número também significativo de avós com apenas 1 filho, o que perfaz 32%, percentagem bastante superior ao grupo das avós rurais.

A percentagem de avós com família alargada é mínima e nenhuma avó entrevistada tinha mais de 4 filhos. A média de filhos das avós urbanas é de 1,88 filhos.

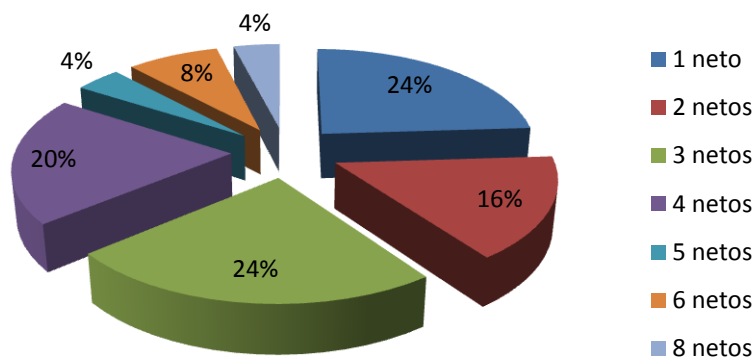
4.2.6 – Número de netos das avós

Gráfico nº 19 - Número de netos das avós



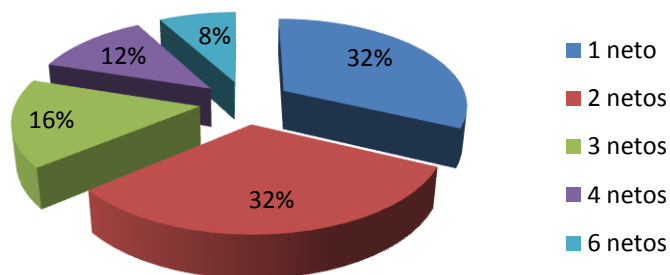
Verificamos que a maior percentagem pertence às avós com apenas 1 neto, o que perfaz 28% do total dos participantes, seguindo-se as avós com 2 netos com 24%; as avós com 3 netos com 20%. A média de netos das avós é de 2,74 netos.

Gráfico nº 20 - Número de netos das avós rurais



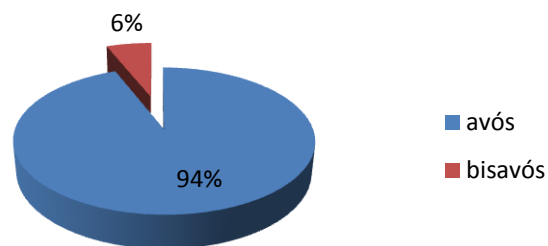
No subgrupo das avós rurais, com 24% temos as avós com 1 neto e com 3 netos; com 4 netos 20% e com 2 netos 16%. A média de netos das avós rurais é de 3,08 netos.

Gráfico número 21 - Número de netos das avós urbanas.



Verificamos nas avós urbanas, que apresentam a mesma percentagem as avós que têm 1 neto e 2 netos com 32% do total dos participantes, seguindo-se as avós com 3 netos. Em relação ao grupo das avós rurais, verificamos que existe um aumento das avós com 1 neto e com 2 netos e um decréscimo das avós com 3 netos. A média de netos das avós urbanas é de 2,4 netos portanto, mais baixa que nas avós rurais.

Gráfico nº 22 - Número de avós que já são bisavós

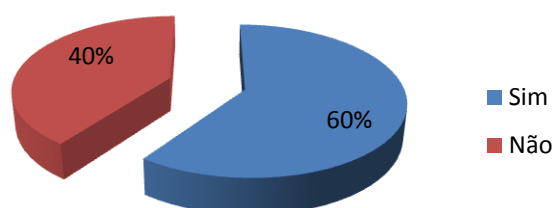


Do total das 50 avós rurais e urbanas, 3 já são bisavós, o que perfaz 6% do total dos participantes, sendo 1 avó urbana e 2 rurais.

4.2.7 – Religião das avós

Todas as avós referiram ter religião, quer as rurais, quer as urbanas.

Gráfico nº 23 - Prática da religião pelas avós



A maioria das avós urbanas e rurais referiu praticar a sua religião, o que perfaz 60% do total da amostra; 40% referiu ter religião mas não praticar. Estas percentagens são iguais nas avós rurais e nas avós urbanas.

Gráfico nº 24 - Prática da religião pelas avós rurais

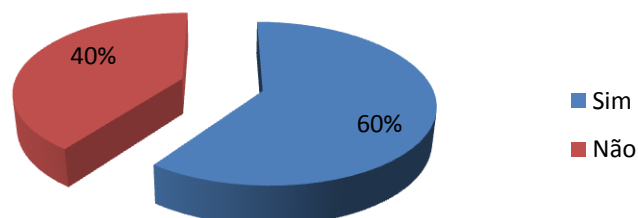
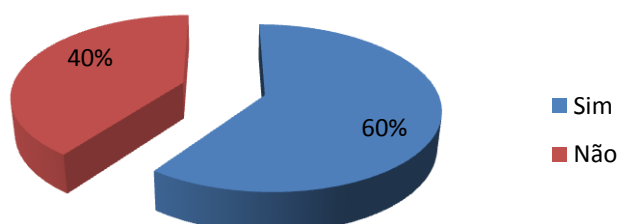
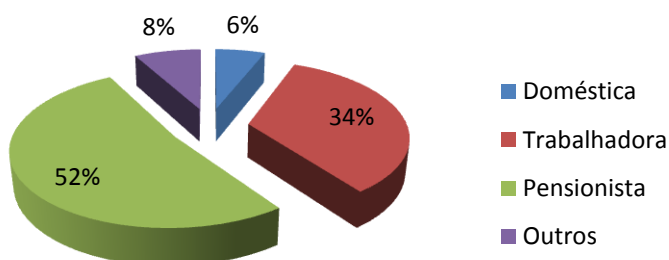


Gráfico nº 25 - Prática da religião pelas avós urbanas



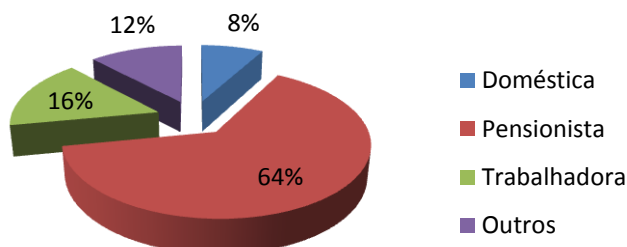
4.2.8 – Situação profissional das avós.

Gráfico nº 26 - Situação profissional das avós



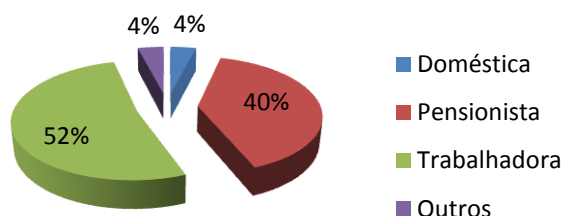
Verificamos que a maioria das avós já está reformada e recebe pensão, o que perfaz 52% do total dos participantes, seguindo-se as avós que ainda trabalham, com 34% do total.

Gráfico nº 27 - Situação profissional das avós rurais



Verificamos que no grupo das avós rurais, a maioria das avós está reformada e recebe pensão, o que perfaz 64% do total dos participantes deste estudo. Apenas 16% das avós ainda trabalha; com 12% do total dos participantes apresenta-se o item “*outros*”, que corresponde a uma avó rural que está desempregada e a duas avós rurais que não recebem pensão, por não terem descontado para a segurança social.

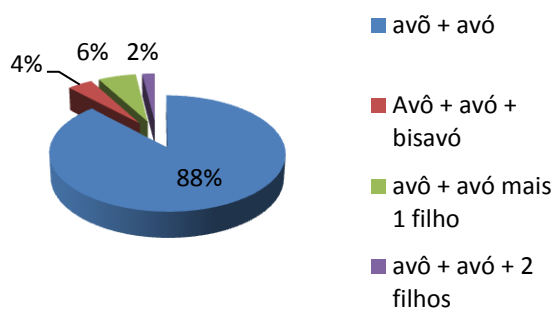
Gráfico nº 28 - Situação profissional das avós urbanas



Ao contrário das avós rurais, a maioria das avós urbanas ainda trabalha, o que perfaz 52% do total dos participantes. Segue-se as avós pensionistas com 40% do total da amostra. Doméstica temos apenas 1 e no item “*outros*”, uma das avós referiu estar a cuidar da mãe a tempo inteiro.

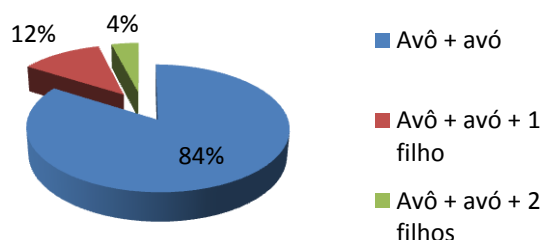
4.2.9 – Composição do agregado familiar das avós

Gráfico nº 29 - Composição do agregado familiar das avós.



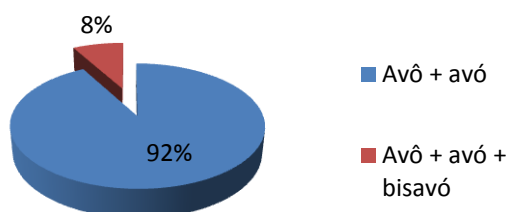
Verificamos que na totalidade das avós urbanas e rurais, uma maioria muito significativa, (88% do total dos participantes), vive apenas com os seus esposos. Com 6% o que corresponde a 3 avós deste estudo vivem ainda com 1 filho; uma avó referiu viver ainda com 2 filhos e duas avós referiram que viviam com a sua mãe.

Gráfico nº 30 - Composição do agregado familiar das avós rurais



Verificamos que no grupo das avós rurais, a maioria, (84% do total dos participantes), vive apenas com os seus esposos no domicílio; 3 avós vivem com 1 filho, (12%) e apenas uma avó vivia ainda com 2 filhos.

Gráfico nº 31 - Composição do agregado familiar das avós urbanas

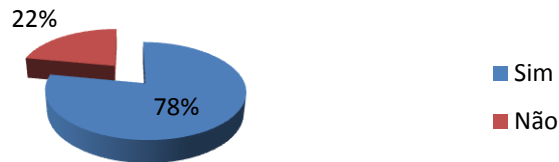


Verificamos que nas avós urbanas, a maioria também vive apenas com os seus esposos, o que perfaz 92% do total dos participantes; apenas duas avós vivem com um dos seus pais. Nenhuma das avós urbanas vivia com filhos no seu domicílio.

4.2.10 – Distância das avós e dos seus netos.

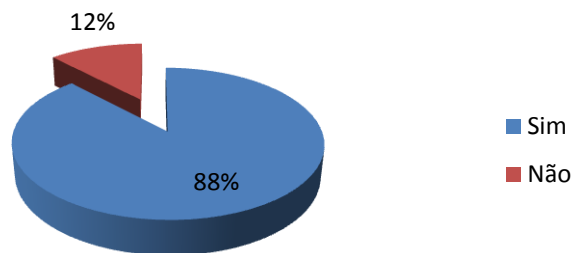
Quisemos saber se as avós habitavam perto dos seus netos.

Gráfico nº 32 - As avós habitam ou não perto dos netos.



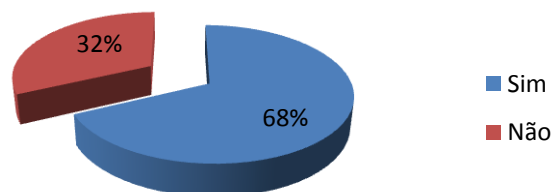
Do total das avós inquiridas, a maioria vive perto dos seus netos, o que perfaz 78% do total dos participantes e 22% referiram viver longe.

Gráfico nº 33 - As avós rurais habitam ou não perto dos netos



Verificamos que no caso das avós que vivem em contexto rural, mantem-se a maioria daquelas que vivem perto dos seus netos com 88% e apenas 12% vive longe.

Gráfico nº 34 - As avós urbanas vivem ou não perto dos netos

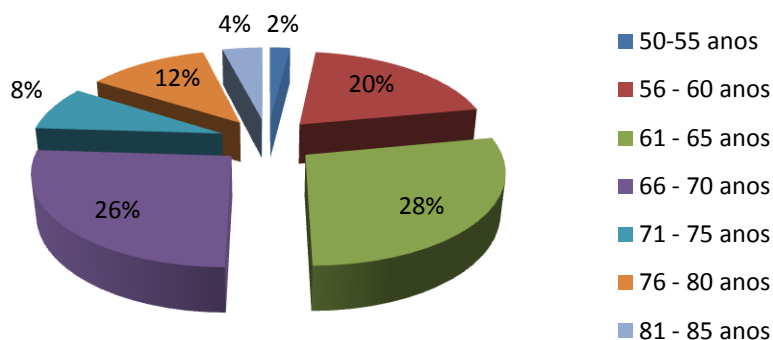


No caso das avós que vivem em contexto urbano, a percentagem das que vivem perto dos seus netos é mais baixa que as avós do grupo anterior, com 68% do total dos participantes e 32% vivem longe, uma percentagem mais elevada que no grupo anterior.

4.3 – CARACTERIZAÇÃO SÓCIODEMOGRÁFICA DOS AVÔS

4.3.1 – Idade dos avôs

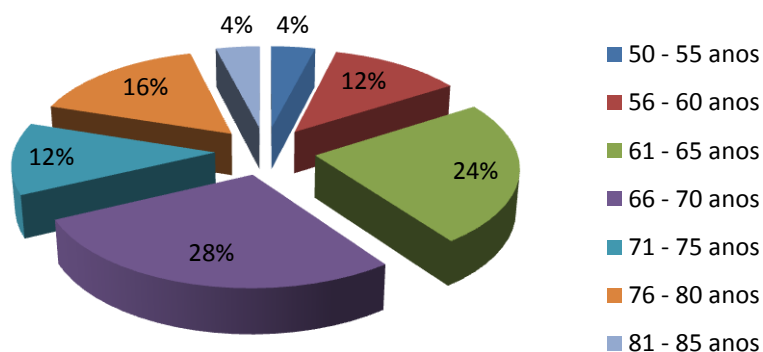
Gráfico nº 35- Idade dos avôs



Verificamos que dos avôs entrevistados, estão em maior número os inseridos na faixa etária dos 61 aos 65 anos, com 28% do total dos participantes, seguindo-se a faixa etária dos 66 aos 70 anos, com 26% do total da amostra e a faixa etária dos 56 aos 60 anos com 20%.

O avô mais jovem entrevistado tem 52 anos e o avô com mais idade tem 83 anos. A média de idade dos avôs é de 66,28 anos, média superior às avós que foi de 63,84 anos.

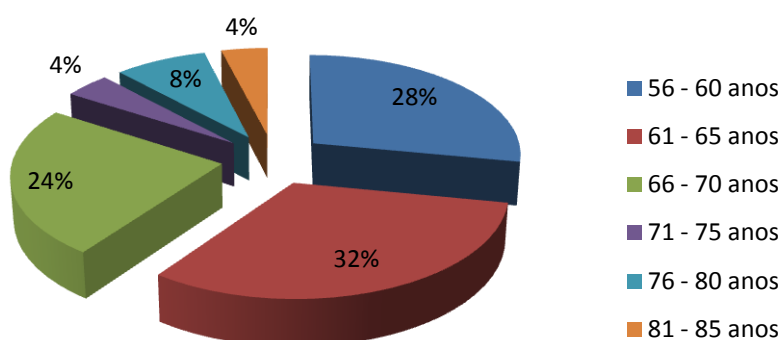
Gráfico nº 36 - Idade dos avôs rurais



Verificamos que nos avôs rurais, a idade mais representada situa-se na faixa etária dos 66 aos 70 anos, perfazendo 28% do total dos participantes, seguindo-se a

faixa etária situada entre os 61 e os 65 anos com 24% e a faixa situada entre os 76 e os 80 anos com 16% do total dos participantes. O avô rural mais jovem tem 52 anos e o avô rural com mais idade tem 83 anos. A média de idade dos avôs rurais é de 67,52 anos, também superior à das avós rurais que é de 65,45 anos.

Gráfico n° 37 - Idade dos avôs urbanos

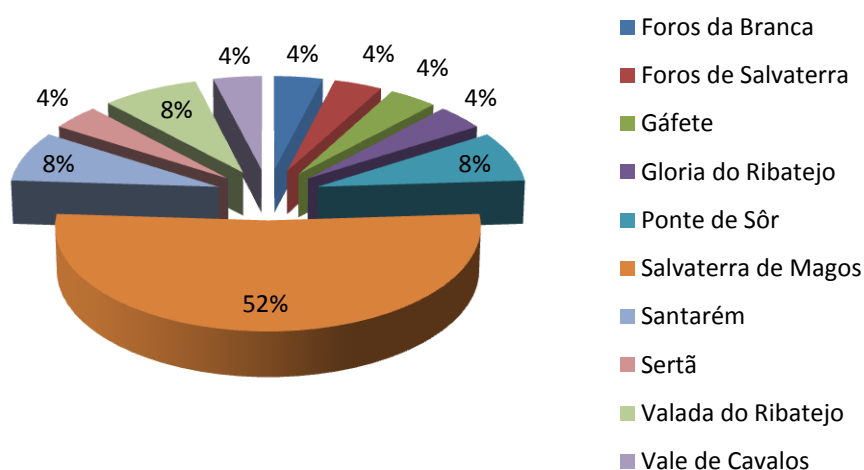


Verificamos que a faixa etária mais representada é a situada entre os 61 e os 65 anos, com 32% do total deste grupo, seguindo-se a faixa etária dos 56 aos 60 anos com 28% e a faixa etária dos 66 aos 70 anos com 24%. Neste grupo não está representada a faixa etária dos 50 aos 55 anos, porque o avô urbano mais novo tem 56 anos e o avô com mais idade tem 82 anos. A média de idades dos avôs urbanos é de 65,04 anos, também superior à das avós urbanas que foi de 62,24 anos.

4.3.2 – Naturalidade e residência dos avôs.

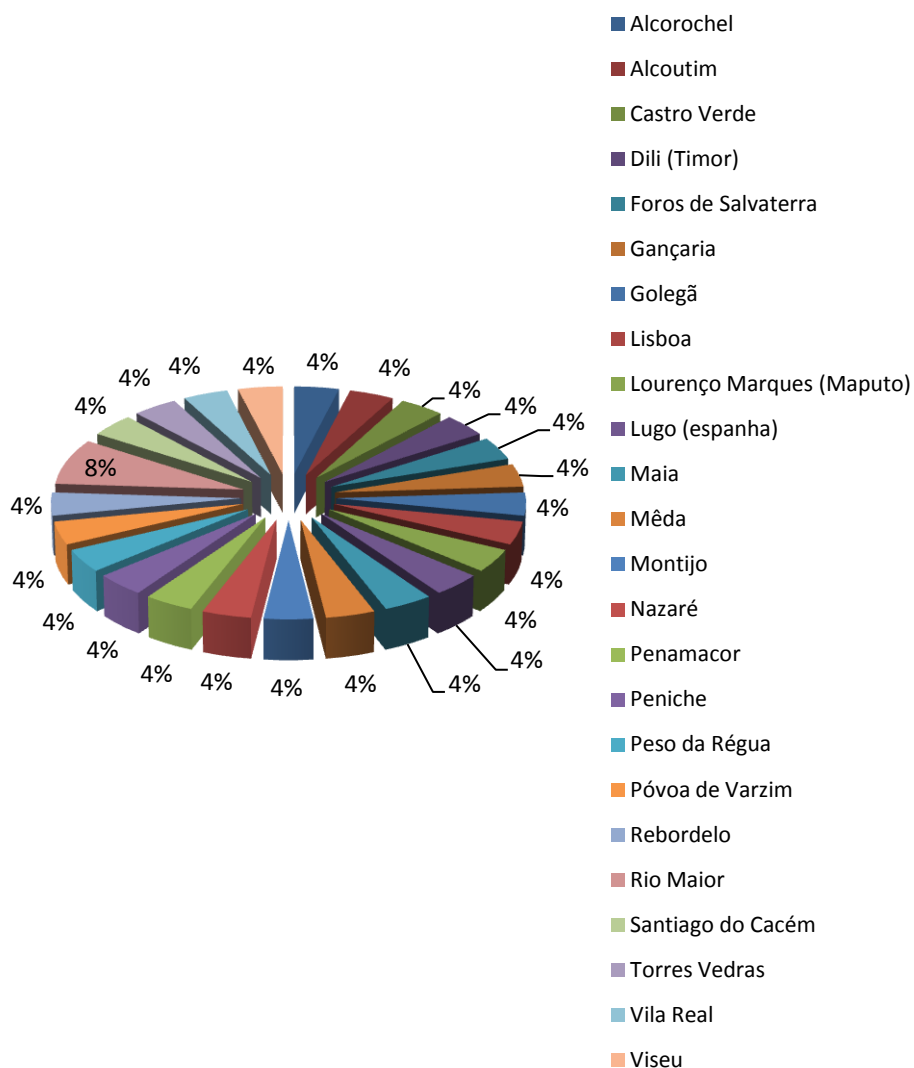
Iremos dividir os grupos dos avôs estudados em dois grupos: o grupo dos avôs que vivem em contexto rural e os que vivem em contexto urbano, devido à grande diversidade de localidades de onde os mesmos são naturais, especialmente os urbanos.

Gráfico nº 38 - Naturalidade dos avôs rurais



Verificamos que a maioria dos avôs rurais entrevistados são naturais de Salvaterra de Magos, com 52% do total do grupo. Apenas Gáfete, Ponte de Sôr e Sertã não pertencem ao distrito de Santarém, o que perfaz 16% do total do grupo, ou seja, 84% dos avôs entrevistados pertencem ao distrito de Santarém. Foros de Salvaterra e Glória do Ribatejo pertencem ao concelho de Salvaterra de Magos, ou seja, 60% dos avôs entrevistados pertencem ao concelho de Salvaterra de Magos.

Gráfico nº 39 - Naturalidade dos avôs urbanos

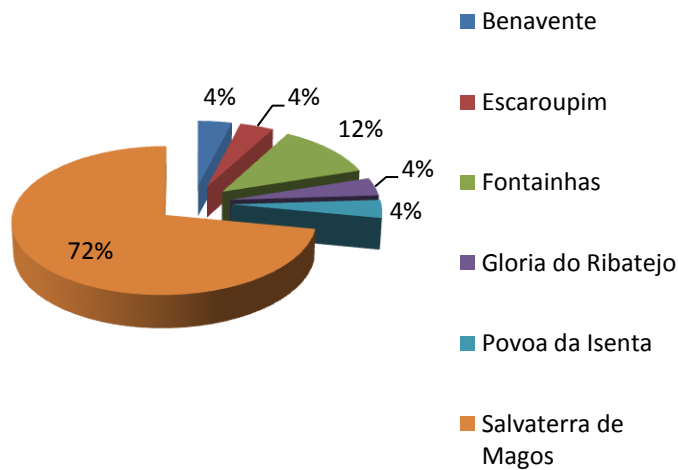


Verificamos que existe uma grande diversidade de localidades dos avôs urbanos. Além da diversidade de distritos, 3 dos avôs nasceram fora de Portugal; um deles nasceu em Timor, na altura colónia Portuguesa, outro em Lourenço Marques, hoje Maputo em Moçambique, mas na altura também uma colónia Portuguesa e um avô em Espanha.

De salientar que exceto os dois avôs naturais de Rio Maior, todos os outros vieram de uma localidade diferente daí a grande diversidade deste gráfico.

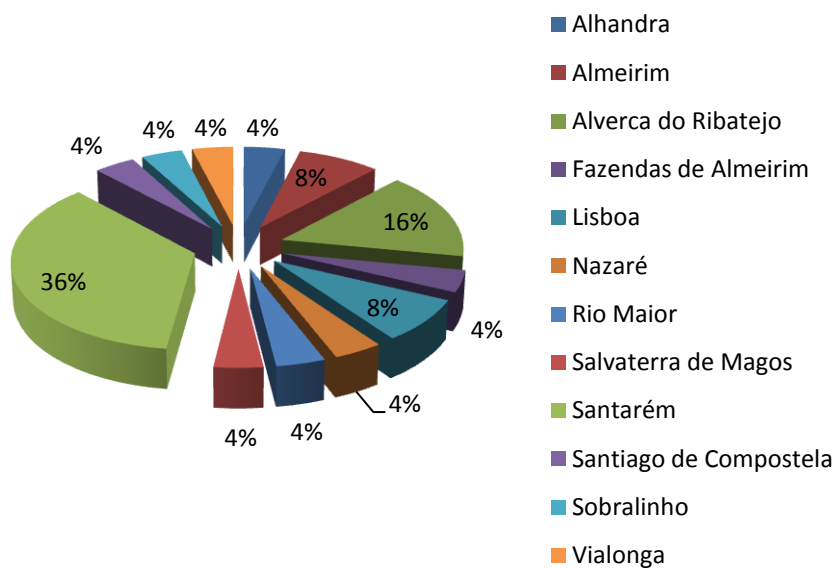
De seguida iremos apresentar a residência dos avôs.

Gráfico nº 40 - Residência dos avôs rurais



Verificamos que tal como as avós rurais, os avôs estão sobreponíveis apresentando os gráficos iguais.

Gráfico nº 41 - Residência dos avôs urbanos

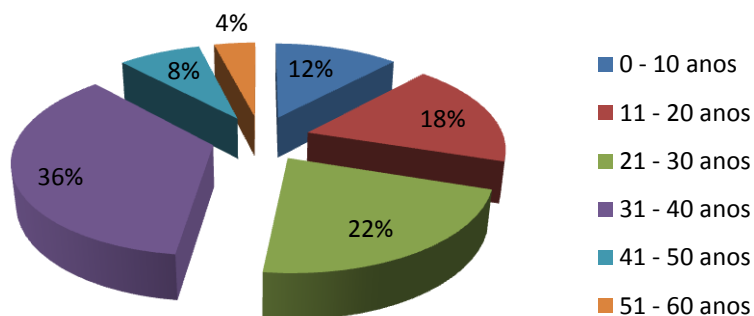


Verificamos que o gráfico nº 56 também está sobreponível ao gráfico nº 7 já comentado anteriormente.

O facto de as respostas serem iguais, prova que os avôs e as avós foram exatos e que de facto vivem juntos.

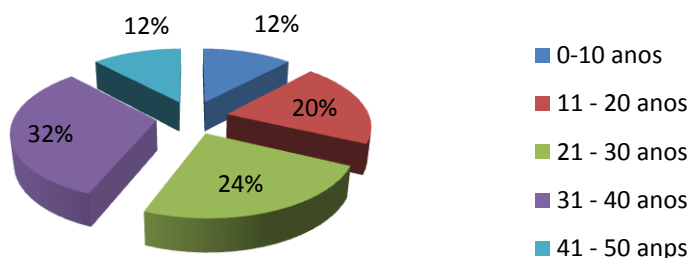
De seguida iremos apresentar, há quanto tempo os avôs vivem nas suas residências e verificar se as respostas destes também estão sobreponíveis com as respostas das avós, tal como nos exemplos anteriores.

Gráfico nº 42 - Número de anos que os avôs habitam nas suas casas.



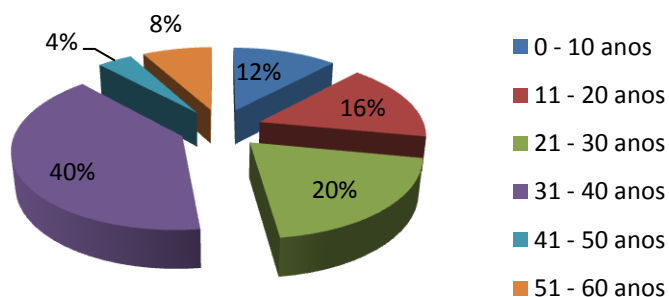
Verificamos que este gráfico está sobreponível ao gráfico nº 8 referente ao número de anos que as avós habitam nas suas casas.

Gráfico nº 43 - Número de anos que os avôs rurais habitam nas suas casas



Verificamos que este gráfico também está sobreponível ao gráfico nº 9.

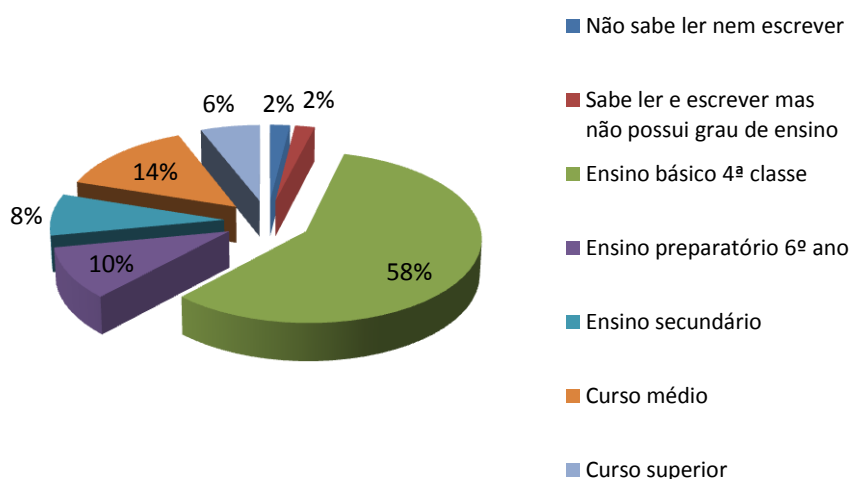
Gráfico nº 44 - Número de anos que os avôs urbanos habitam nas suas casas



Verificamos que este gráfico está sobreponível ao gráfico nº 10 pelo que podemos concluir, que as respostas das avós e dos avôs são coincidentes. Alguns dos questionários foram realizados na presença dos dois cônjuges e foi frequente, a discussão sobre os anos de habitação nas casas, chegando sempre a um acordo sobre as datas.

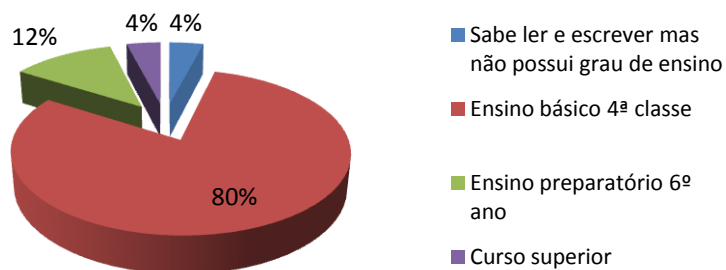
4.3.3 – Habilitações literárias dos avôs

Gráfico nº 45 - Habilitações literárias dos avôs



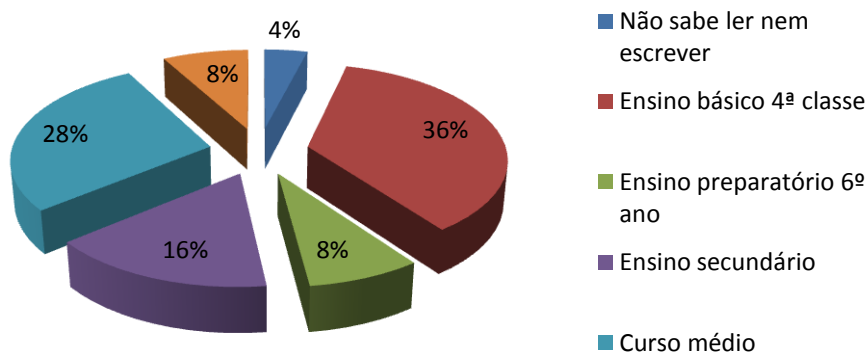
Verificamos que a maioria dos avôs possui o ensino básico, (4ª classe), hoje 4º ano do ensino básico, com 58% do total do grupo. Esta percentagem é mais elevada que nas avós que é de 40%. Segue-se o curso médio, onde alguns davam equivalência ao grau de bacharel, com uma percentagem de 14%, a qual também é mais elevada que nas avós que é de apenas 4%. Com o ensino preparatório existem 10% do total dos participantes, que também é ligeiramente mais elevada que nas avós. Nota-se no entanto que a percentagem dos avôs sem grau de ensino e que não sabem ler nem escrever é inferior ao das avós, com apenas 2% cada.

Gráfico nº 46 - Habilitações literárias dos avôs rurais



Verificamos que no caso dos avôs rurais, 80% possui o ensino básico, 4ª classe, percentagem bem mais elevada que as avós rurais; todos os avôs rurais sabem ler e escrever, apesar de apenas um, não possuir grau de ensino. A percentagem de iliteracia é mais elevada nas avós. Também há mais avôs com o ensino preparatório, (12% do total dos participantes deste grupo); apenas um avô possui curso superior, percentagem igual às avós.

Gráfico nº 47 - Habilitações literárias dos avôs urbanos



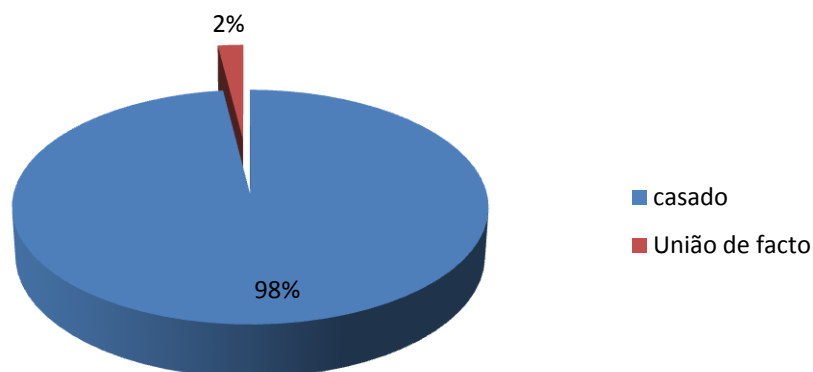
Verificamos que a maior percentagem pertence aos avôs que possuem a 4ª classe, com 36% do total da amostra, menos de metade da percentagem dos avôs rurais e ligeiramente inferior à das avós urbanas. Com o ensino preparatório, a percentagem é ligeiramente inferior aos avôs rurais, mas é a mesma em relação às avós urbanas. Os avôs com ensino secundário perfazem 28% do total dos participantes, percentagem igual às avós urbanas, mas em relação aos avôs que vivem em ambiente rural, nenhum destes possui este grau de ensino, como se pode verificar no gráfico 46.

A percentagem dos avôs com cursos médios é superior às avós, com 28% do total dos participantes do grupo e que nas avós urbanas, é bastante inferior, (apenas 8%) e não existem avôs rurais com cursos médios. Em relação aos cursos superiores, a percentagem é de 8%, percentagem muito inferior às avós urbanas, mas ligeiramente superior aos avôs rurais.

Em relação ao grupo dos avôs que vivem em ambiente rural, existe um avô urbano que não sabe nem ler nem escrever, ao contrário do grupo rural que apesar de não possuir grau de ensino, sabe ler e escrever e esta diferença, também é verificada em relação às avós urbanas, cujo grupo continha uma avó que sabia ler e escrever, mas não possuía grau de ensino.

4.3.4 – Estado civil dos avôs

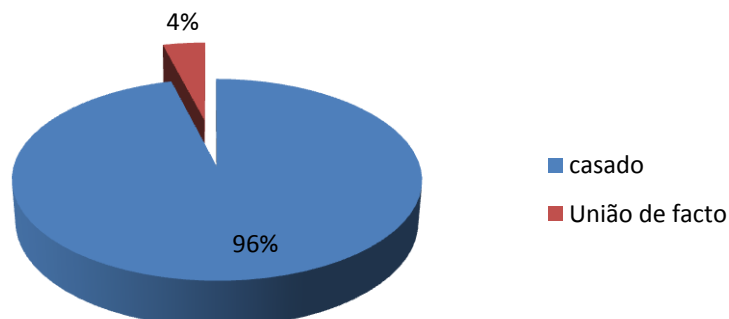
Gráfico nº 48 - Estado civil dos avôs



Verificamos que esta situação está sobreponível às avós, onde apenas um casal vivia em união de facto.

Verificamos que todos os avôs rurais são casados ou seja 100% do subgrupo.

Gráfico n° 49 - Estado civil dos avôs urbanos

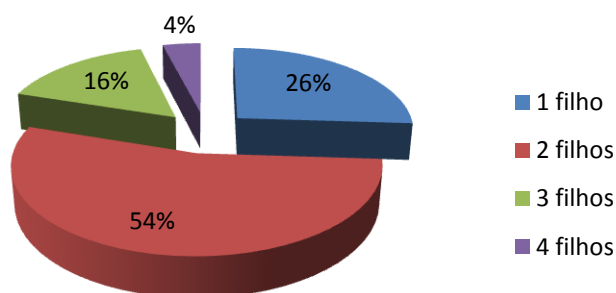


Verificamos que tal como as avós, apenas um casal vive em união de facto e todos os restantes avôs urbanos são casados.

Estes resultados estão sobreponíveis aos resultados das avós.

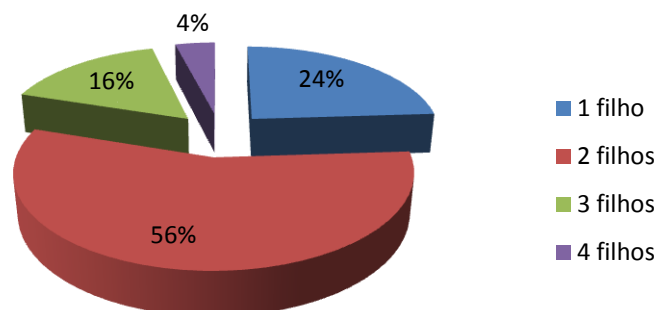
4.3.5 – Número de filhos e de netos dos avôs

Gráfico n° 50 - Número de filhos dos avôs



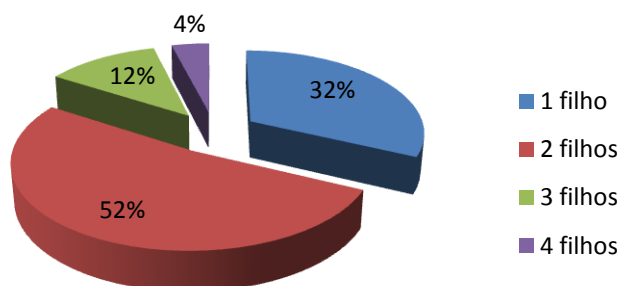
Verificamos que a maioria dos avôs tem 2 filhos, o que perfaz 54% do total dos participantes, seguindo-se 1 filho com 26% do total da amostra e 3 filhos, com 16% do total da amostra e por último, 4% com 4 filhos. Nenhum dos avôs entrevistado tinha mais de 4 filhos. Existem pequenas diferenças em relação às avós e deve-se ao facto, de alguns dos casais de avôs entrevistados terem tido uma primeira relação com outra pessoa. A média de filhos por avô é de 1,94 filhos, ligeiramente inferior à média das avós.

Gráfico nº 51 - Número de filhos dos avôs rurais



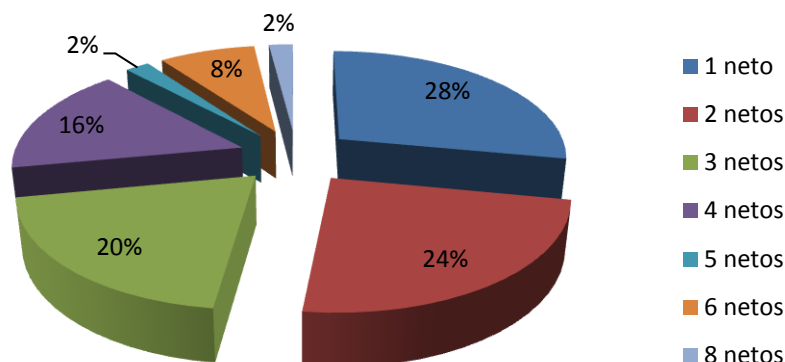
A maioria dos avôs rurais tem 2 filhos, o que perfaz 56% do total dos avôs inquiridos. Esta percentagem é menor em relação às avós, precisamente porque algumas das famílias são reconstituídas e com filhos de uma primeira relação. Seguem-se os avôs com 1 filho, com 24% do total da amostra estudada e com 3 filhos, 16% do total da amostra. Apenas um avô tinha 4 filhos. Média de filhos dos avôs que vivem em ambiente rural é de 2 filhos, ligeiramente superior à média das avós rurais.

Gráfico nº 52 - Número de filhos dos avôs urbanos



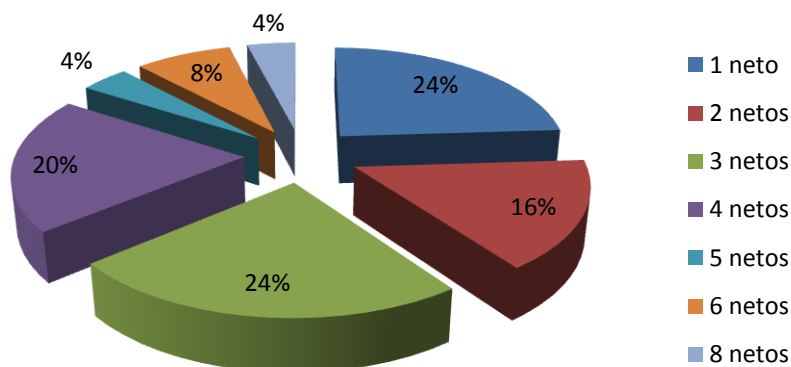
Em relação aos avôs que vivem em ambiente urbano, a maioria também tem 2 filhos, o que perfaz 52% do total do subgrupo; segue-se os avôs com 1 filho, (com 32%) e o número máximo de filhos dos avôs é de 4, apenas uma família. Este gráfico está sobreponível ao gráfico nº 18. A média é de 1,88 filhos, a mesma média das avós. Em relação aos avôs urbanos, nenhuma das famílias entrevistadas era reconstituída.

Gráfico nº 53 - Número de netos dos avôs



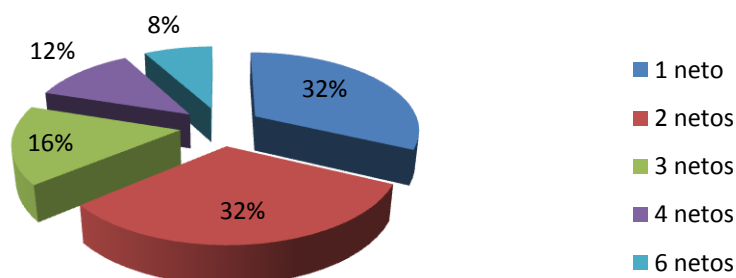
Verificamos que a maior percentagem pertence aos avôs com 1 neto, (com 28%), seguindo-se com 2 netos, (24%), depois com 3 netos, (20%). Este gráfico está sobreponível com o gráfico nº 19 relativamente ao número de netos das avós. De salientar ainda que 2 avôs referiram já ter bisnetos, 1 avô que vive em contexto rural com 1 bisneto e 1 avô que vive em contexto urbano com 2 bisnetos. A média de netos dos avôs é de 2,74 netos.

Gráfico nº 54 - Número de netos dos avôs rurais



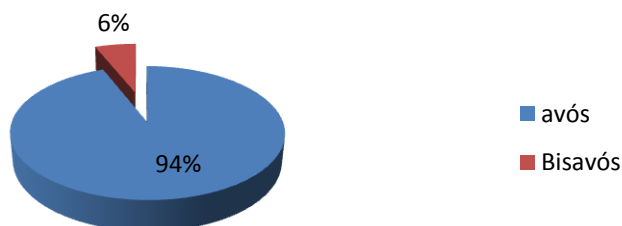
Verificamos que relativamente aos avôs rurais, estão em igualdade percentual os avôs que têm 1 neto e 3 netos com 24% do total dos participantes, seguindo-se os avôs com 4 netos, (20%) e com 2 netos (16%). Este gráfico também está sobreponível ao gráfico nº 20 relativamente ao número de netos das avós. É neste grupo que pertence o avô com mais netos, 8 netos e já com 1 bisneto. A média de netos dos avôs rurais é de 3,08 netos.

Gráfico nº 55 - Número de netos dos avôs urbanos



Verificamos que também estão em igualdade percentual os avôs urbanos com 1 neto e com 2 netos, (com 32%), seguindo-se os avôs com 3 netos. Neste grupo o avô com mais netos tem 6 e referiu ter 2 bisnetos. A média de netos dos avôs urbanos é de 2,4 netos portanto, mais baixa que nos avôs rurais. Este gráfico está sobreponível com o gráfico nº 21.

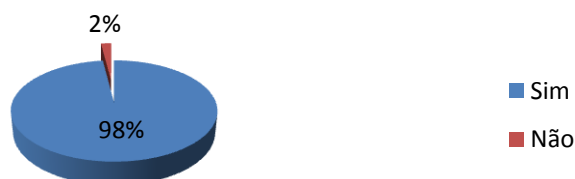
Gráfico nº 56 - Número de avôs que já são bisavôs



Tal como nas avós, 3 avôs referiram já ter bisnetos, 2 avôs que vivem em contexto rural e 1 avô que vive em contexto urbano. Este gráfico também está sobreponível ao gráfico nº 22 referente às avós.

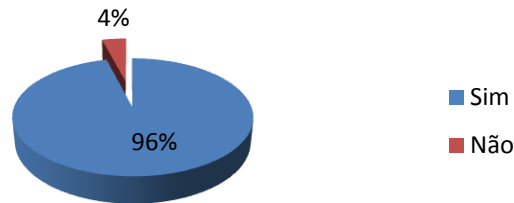
4.3.6 – Religião dos avôs

Gráfico nº 57 - Religião dos avôs



A maioria dos avôs referiu ter religião, perfazendo 98% do total da amostra. Apenas 1 avô referiu não ter.

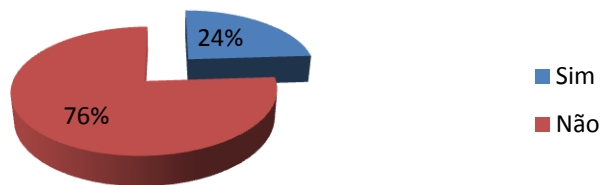
Gráfico n° 58 - Religião dos avôs rurais



Apenas um avô referiu não ter religião, diferindo assim das avós pois todas afirmaram ter religião.

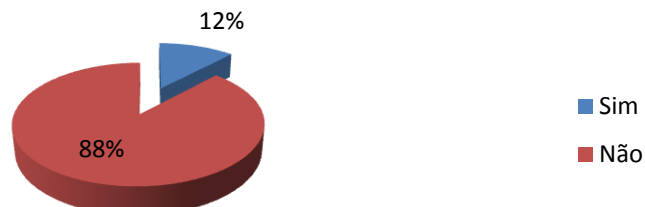
Todos os avôs urbanos referiram ter religião, ou seja, 100% do subgrupo, tal como as avós urbanas também o referiram.

Gráfico n° 59 - Prática da religião pelos avôs



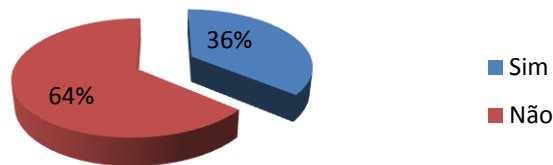
A maioria dos avôs referiu não praticar a religião (75%). Este resultado diferencia-se do resultado obtido com as avós, onde a maioria referiu praticar.

Gráfico n° 60 - Prática da religião pelos avôs rurais



Nos avôs que vivem em ambiente rural, a percentagem dos não praticantes ainda é maior com 88% do total dos participantes. Apenas 3 avôs referiram praticar a sua religião.

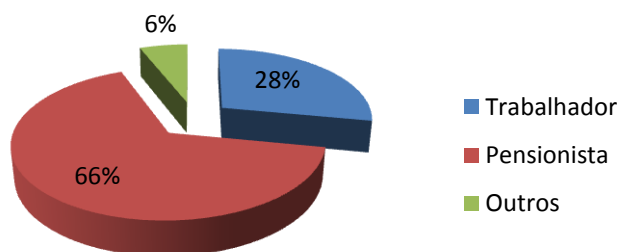
Gráfico nº 61 - Prática da religião pelos avôs urbanos



Verificamos que no caso dos avôs urbanos, a percentagem dos que não praticam a sua religião é de 64% e os que praticam é de 36%, percentagem muito mais elevada em relação aos avôs que vivem em contexto rural, mas mesmo assim, inferior à percentagem das avós urbanas que é de 60% as que referiram praticar a sua religião.

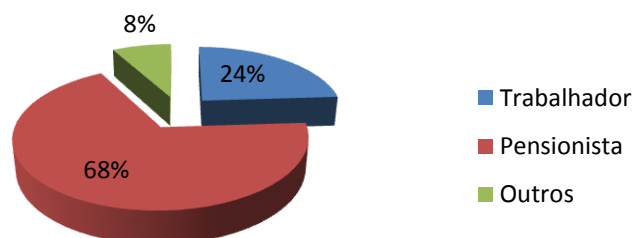
4.3.7 – Situação profissional dos avôs

Gráfico nº 62 - Situação profissional dos avôs



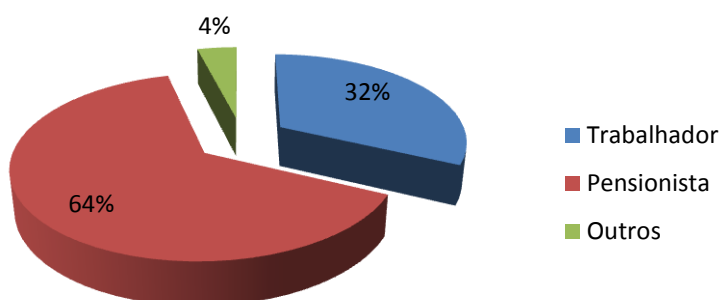
Verificamos que a maioria dos avôs já estão reformados, atingindo os 66%. Esta percentagem é superior às avós que é de 52%. Os avôs que ainda trabalham perfazem 28% do total dos participantes, percentagem inferior às das avós que é de 34%. No item “*outros*” estão os avôs que estão desempregados e que perfazem 6%.

Gráfico nº 63 - Situação profissional dos avôs rurais



Em relação aos avôs que vivem em contexto rural, 68% estão reformados, percentagem ligeiramente superior às avós que é de 64% e os avôs que ainda trabalham perfazem 24%, percentagem superior às das avós que é de 16%. Contudo, não podemos esquecer que algumas avós são domésticas. Os avôs que pertencem ao item “*outros*” estão desempregados, perfazendo 8% do total dos participantes.

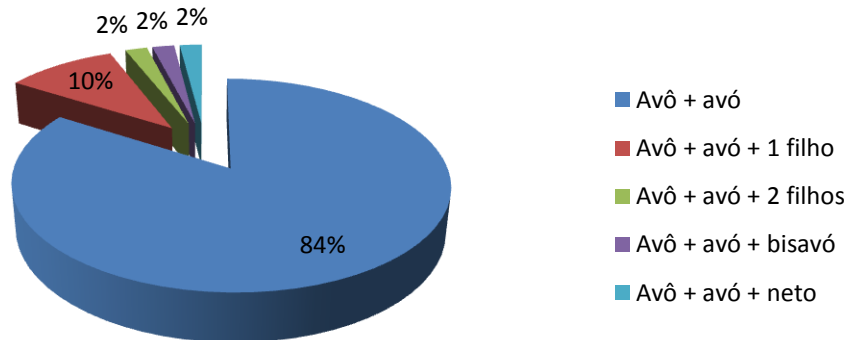
Gráfico nº 64 - Situação profissional dos avôs urbanos



Verificamos que 64% dos avôs que vivem em contexto urbano também já estão reformados, (64%), percentagem muito superior às avós que é de 40%. Os avôs que ainda trabalham perfazem 32% do total do grupo, percentagem superior aos avôs que vivem em contexto rural, mas muito inferior às avós rurais que é de 52%.

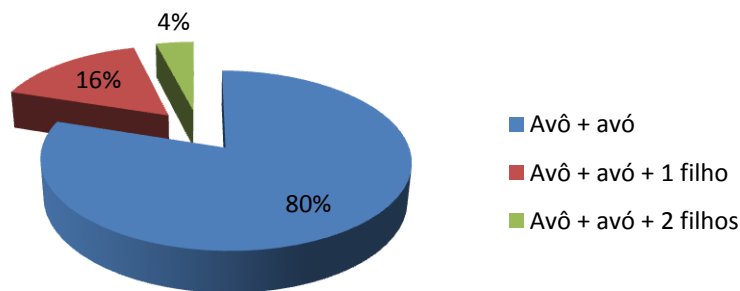
4.3.8 – Composição do agregado familiar dos avôs

Gráfico nº 65 - Composição do agregado familiar dos avôs



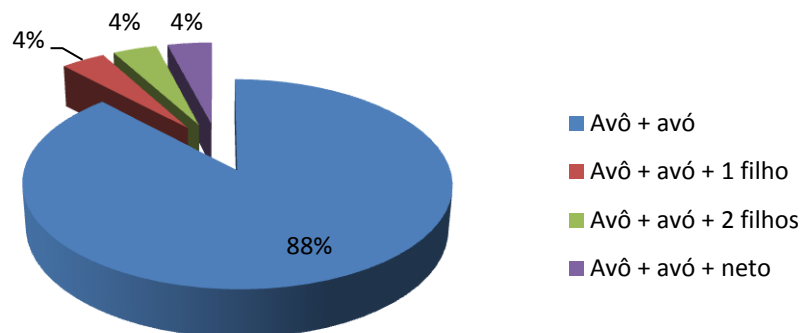
Verificamos que na maioria das famílias entrevistadas, vivem os cônjuges na mesma casa, perfazendo 84% do total deste grupo, seguindo-se os avôs que referiram viver ainda com 1 filho em casa, (10%); 1 avô referiu viver com 2 filhos, outro com a sua sogra e outro com o neto.

Gráfico nº 66 - Composição do agregado familiar dos avôs rurais



A maioria dos avôs entrevistados referiu que viviam apenas com as suas esposas, perfazendo 80% do total das respostas; 16% referiu coabitar com 1 filho e 1 avô referiu coabitar com 2 filhos. Estes resultados são um pouco diferentes relativamente às respostas das avós, sendo inferior nestas a percentagem das que coabitam com 1 filho.

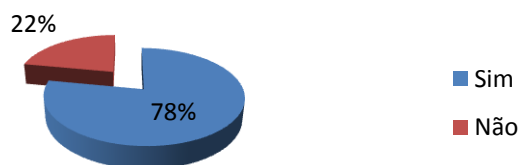
Gráfico nº 67 - Composição do agregado familiar dos avôs urbanos



Nos avôs que vivem em ambiente urbano, 88% referiu viver apenas com a sua esposa e um dos avôs referiu viver com um neto, facto não mencionado pelas avós, daí a ligeira diferença em relação às respostas das avós.

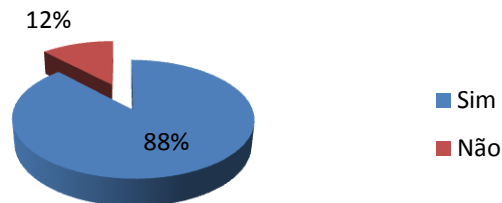
4.3.9 – Distância dos avôs e dos seus netos

Gráfico nº 68 - Os avôs habitam ou não perto dos netos



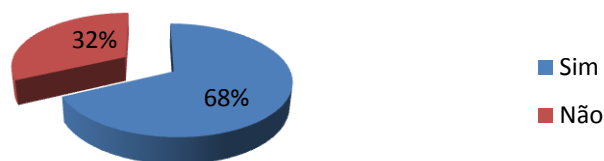
Tal como nas avós, 78% referiu morar perto dos seus netos e 22% referiu morar longe. Este gráfico tem os mesmos valores que o gráfico nº 34 o que prova a consonância das respostas de ambos.

Gráfico n° 69 - Os avôs rurais habitam ou não perto dos netos



Este gráfico também apresenta os mesmos valores que o gráfico n° 33 ou seja, as respostas entre os avôs e as avós estão em consonância onde a grande maioria vive perto dos seus netos perfazendo 88% do total das respostas.

Gráfico n° 70 - Os avôs urbanos vivem ou não perto dos netos.



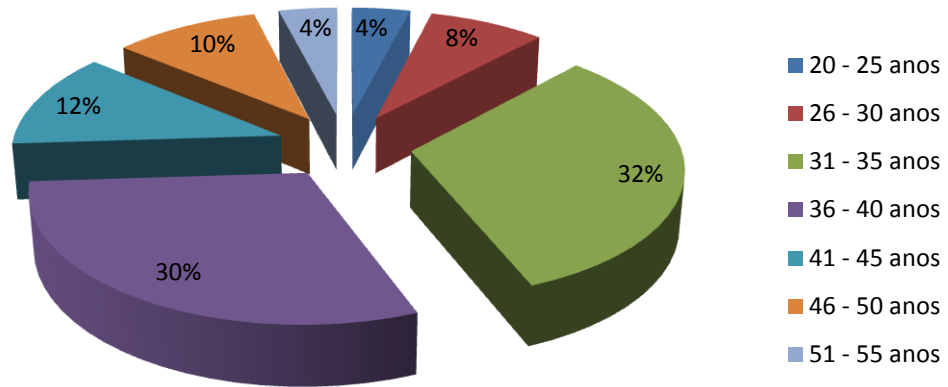
Este gráfico também apresenta os mesmos valores que o gráfico n° 34. Apesar de 68% referir viver perto dos seus netos, a percentagem dos que vivem longe é maior que nos avôs que vivem em contexto rural, perfazendo 32% do total das respostas.

4.4 – CARACTERIZAÇÃO SÓCIO/DEMOGRÁFICA DAS MÃES

4.4.1 – Idade das mães

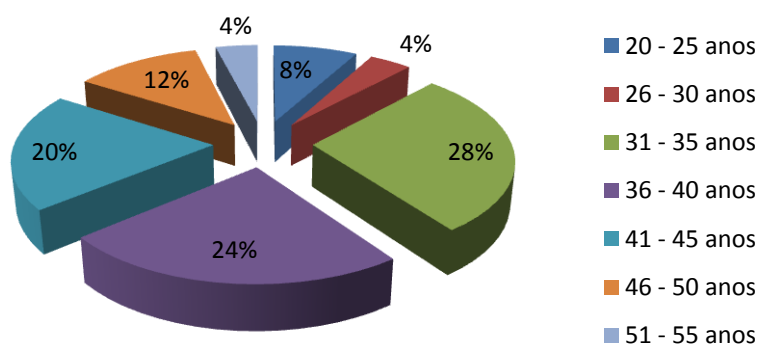
Iremos de seguida, analisar os dados obtidos pelas respostas das mães neste estudo.

Gráfico nº 71 - Idade das mães



Verificamos que a faixa etária mais representada nas mães é entre os 31 e os 35 anos, perfazendo 32% do total dos participantes; segue-se a faixa etária entre os 36 e os 40 anos com 30%; com 12% a faixa etária entre os 41 e 45 anos; com 10% a faixa etária entre os 46 e os 50 anos. Apenas 2 mães tinham menos de 25 anos e 2 mães tinham mais de 50 anos. A média de idade das mães é de 37,44 anos.

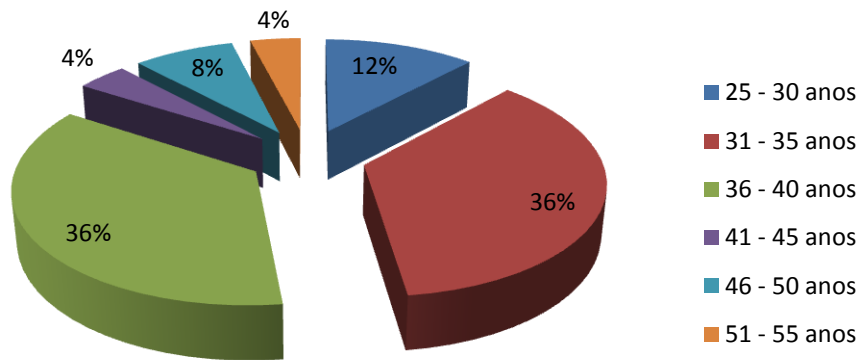
Gráfico nº 72 - Idade das mães rurais



Verificamos que também nas mães que vivem em contexto rural, a faixa etária mais representada é a que se encontra entre os 31 e os 35 anos perfazendo 28% do total dos participantes; segue-se a faixa etária entre os 36 e os 40 anos com 24%. A mãe mais

jovem tem 23 anos e a mãe com mais idade tem 53 anos. A média de idade das mães rurais é de 38 anos.

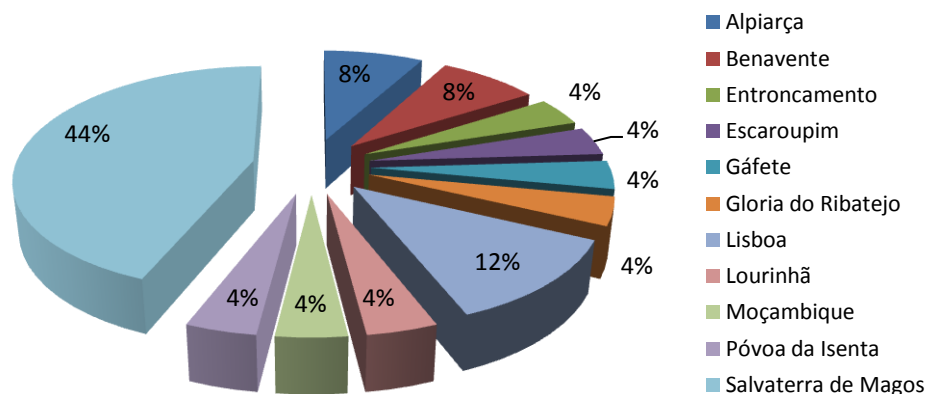
Gráfico nº 73 - Idade das mães urbanas



Verificamos que nas mães que vivem em contexto urbano, encontra-se em igualdade percentual as faixas etárias, situadas entre os 31 e os 35 anos e entre os 36 e os 40 anos, com 36% respetivamente. A faixa etária situada entre os 20 e os 25 anos não está representada neste grupo, porque a mãe mais jovem tem 28 anos e a mãe com mais idade tem 53 anos. A média de idades das mães urbanas é de 36,88 anos.

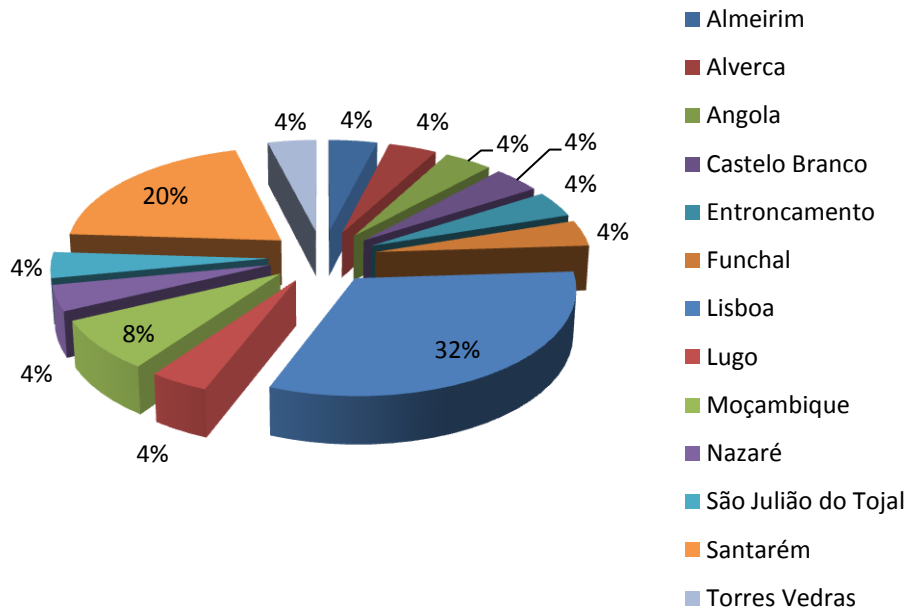
4.4.2 – Naturalidade e residência das mães.

Gráfico nº 74 - Naturalidade das mães rurais



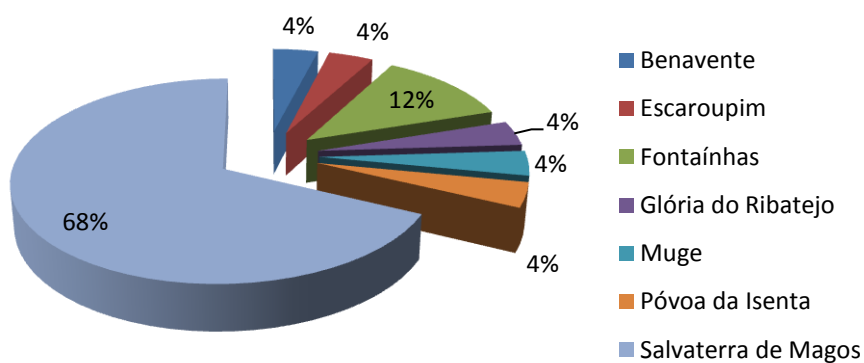
As mães com maior percentagem são naturais de Salvaterra de Magos, com 44% do total dos participantes, seguindo-se as mães de Lisboa com 12% e com 8% as mães naturais de Alpiarça e de Benavente.

Gráfico nº 75 - Naturalidade das mães urbanas



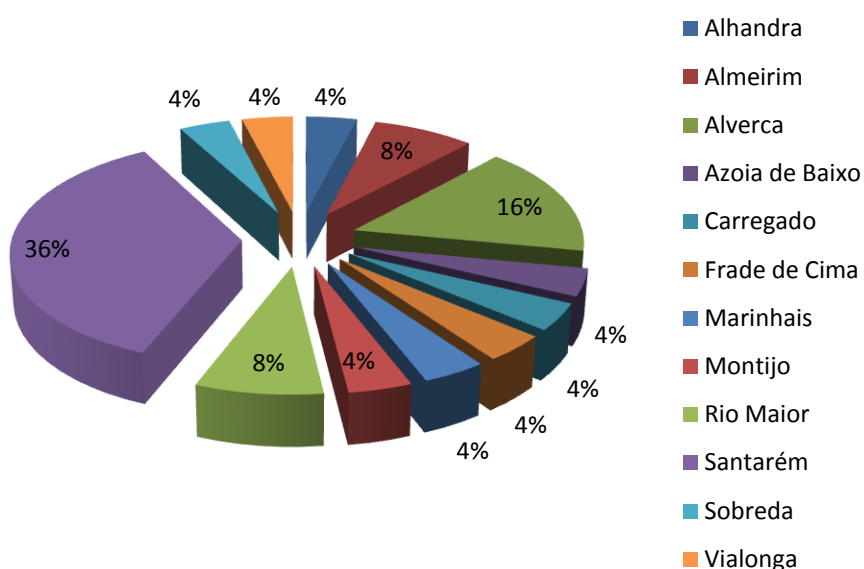
Verificamos que estão mais representadas as mães naturais de Lisboa, perfazendo 32% do total dos participantes seguindo-se as mães naturais de Santarém, com 20% e com 8% as mães naturais de Moçambique.

Gráfico nº 76 - Residência das mães rurais



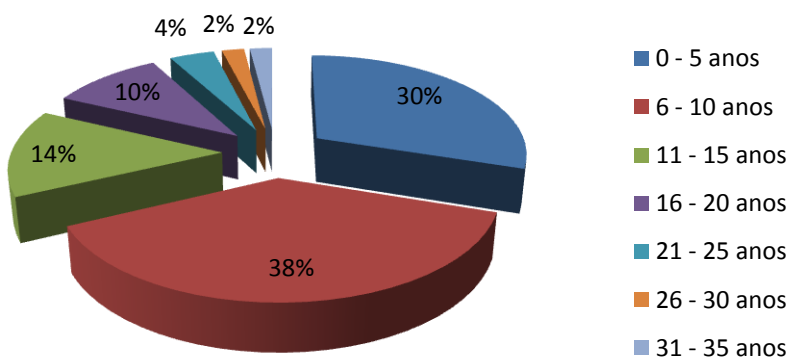
Verificamos que a maioria das mães reside em Salvaterra de Magos, perfazendo 68% do total das respostas, seguindo-se as mães naturais das Fontainhas, concelho de Santarém com 12% do total da amostra. De salientar que Escaroupim, Glória do Ribatejo e Muge pertencem ao concelho de Salvaterra de Magos.

Gráfico nº 77 - Residência das mães urbanas



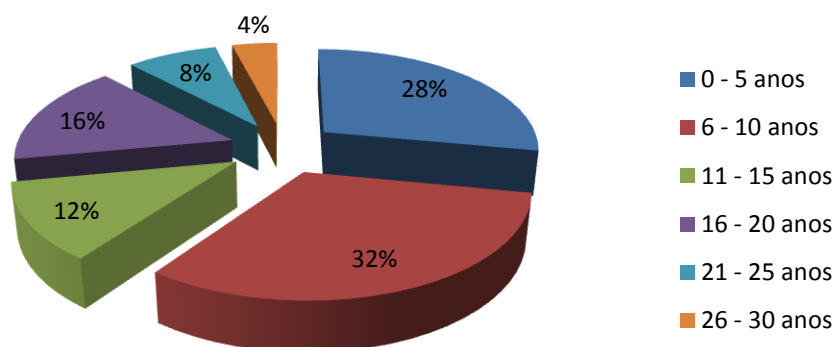
Verificamos que a maior percentagem pertence às mães que residem em Santarém, perfazendo 36% do total dos participantes, seguindo-se as mães residentes em Alverca com 16% e Rio Maior com 8%.

Gráfico nº 78 - Número de anos que as mães habitam nas suas casas



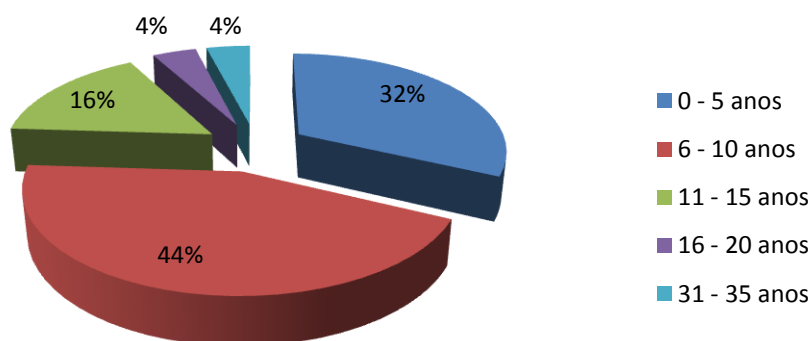
Em relação ao número de anos que as mães habitam nas suas casas, a maior percentagem pertence à faixa entre os 6 e os 10 anos, perfazendo 38% do total das respostas, seguindo-se a faixa entre os 0 e os 5 anos com 30% do total das respostas.

Gráfico nº 79 - Número de anos que as mães rurais habitam nas suas casas



O grupo das mães que habitam em contexto rural, vivem nas suas casas em maior percentagem, o grupo compreendido entre os 6 e os 10 anos perfazendo 32% do total das respostas, seguindo-se o grupo compreendido entre os 0 e os 5 anos com 28%. Neste grupo, a mãe que vive há menos tempo na sua casa, vive há apenas 6 meses e a que vive há mais tempo, vive há 30 anos.

Gráfico nº 80 - Número de anos que as mães urbanas habitam nas suas casas

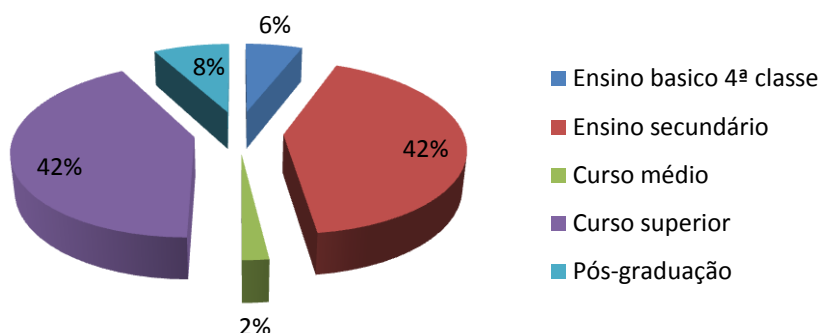


As mães que vivem em contexto urbano, habitam nas suas casas em maior percentagem, na faixa compreendida entre os 6 e os 10 anos perfazendo 44% do total das respostas, percentagem maior em relação às mães rurais. Segue-se a faixa entre os 0 e os 5 anos, também superior ao grupo das mães rurais. Neste grupo não estão

representadas as faixas entre os 21 e os 25 anos e os 26 e os 30 anos. A mãe que vive há menos tempo na sua casa, vive há 2 anos e a que vive há mais tempo vive há 35 anos.

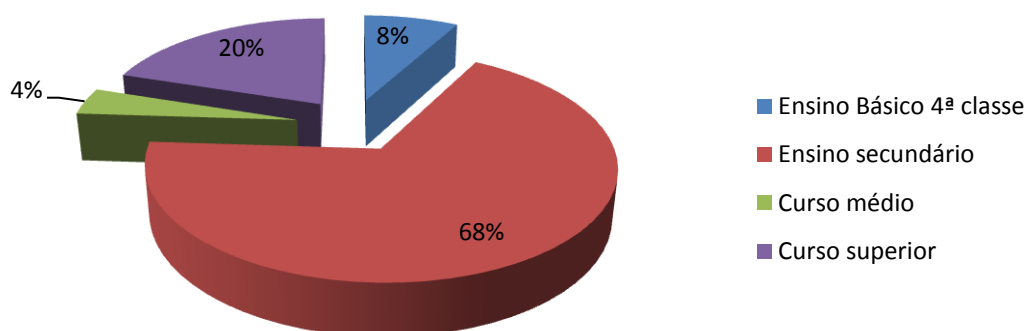
4.4.3 – Habilitações literárias das mães

Gráfico nº 81 - Habilitações literárias das mães



Verificamos que se encontram igualmente representadas, as mães com o ensino secundário e com um curso superior, perfazendo 42% do total das respostas respetivamente. Seguem-se as mães com pós-graduações, (mestrados e doutoramentos), com 8% do total das respostas; 6% tem apenas o 1º ciclo do ensino básico, (4ª classe) e apenas uma mãe tem um curso médio.

Gráfico nº 82 - Habilitações literárias das mães rurais

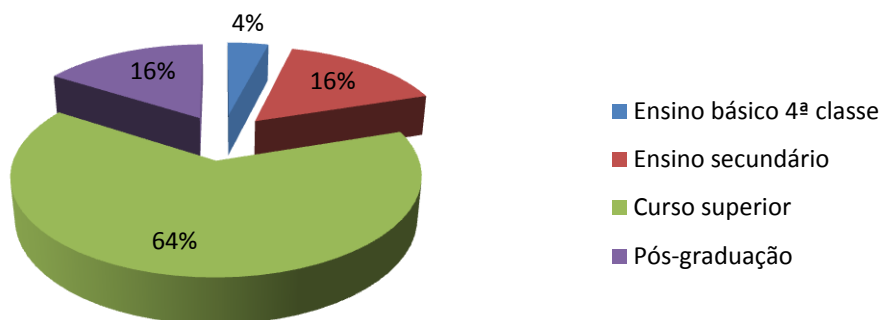


Nas mães que vivem em contexto rural, a maioria possui o ensino secundário, perfazendo 68% do total das respostas, seguindo-se as mães com um curso superior,

perfazendo 20%; com apenas o ensino básico 2 mães (8%) e 1 mãe rural referiu ter um curso médio (4%).

Nenhuma mãe rural possui pós-graduação.

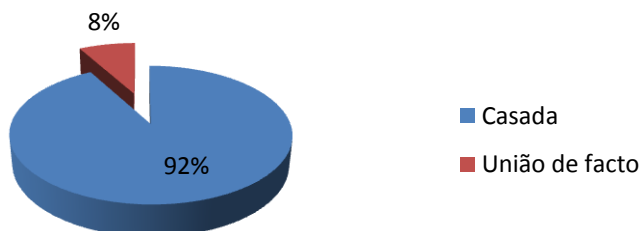
Gráfico nº 83 - Habilitações literárias das mães urbanas.



Existem diferenças notórias entre as mães que vivem em contexto urbano, e as mães que vivem em contexto rural. A maioria das mães urbanas tem um curso superior, perfazendo 64% do total das respostas; com a mesma percentagem, as mães que têm uma pós-graduação, (mestrado, doutoramento) e as mães com o ensino secundário, 16% respetivamente e apenas uma mãe urbana referiu ter apenas o 1º ciclo do ensino básico, (4ª classe).

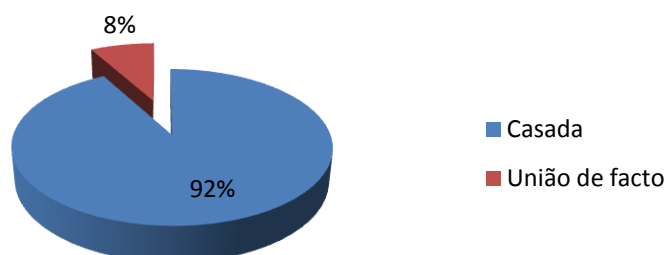
4.4.4 – Estado civil das mães

Gráfico nº 84 - Estado civil das mães



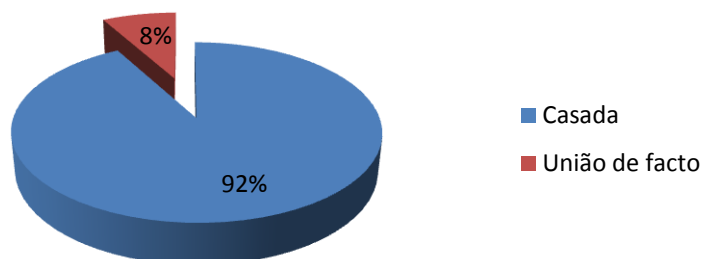
Verificamos que a maioria das mães é casada, com 92% das respostas e apenas 8% vive em união de facto.

Gráfico n° 85 - Estado civil das mães rurais



No grupo das mães que vivem em contexto rural, as percentagens são iguais em relação ao grupo total; 92% são casadas e 8% vive em união de facto.

Gráfico n° 86 - Estado civil das mães urbanas

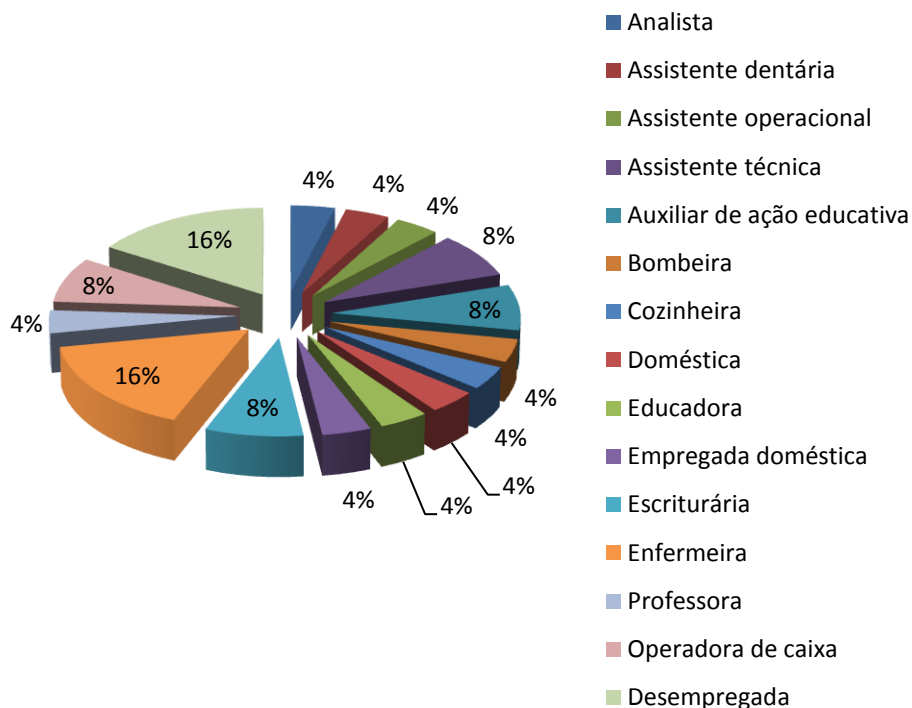


Nas mães urbanas, verificam-se as mesmas percentagens que nos grupos anteriores.

4.4.5 – Profissão das mães

Iremos de seguida analisar a profissão das mães.

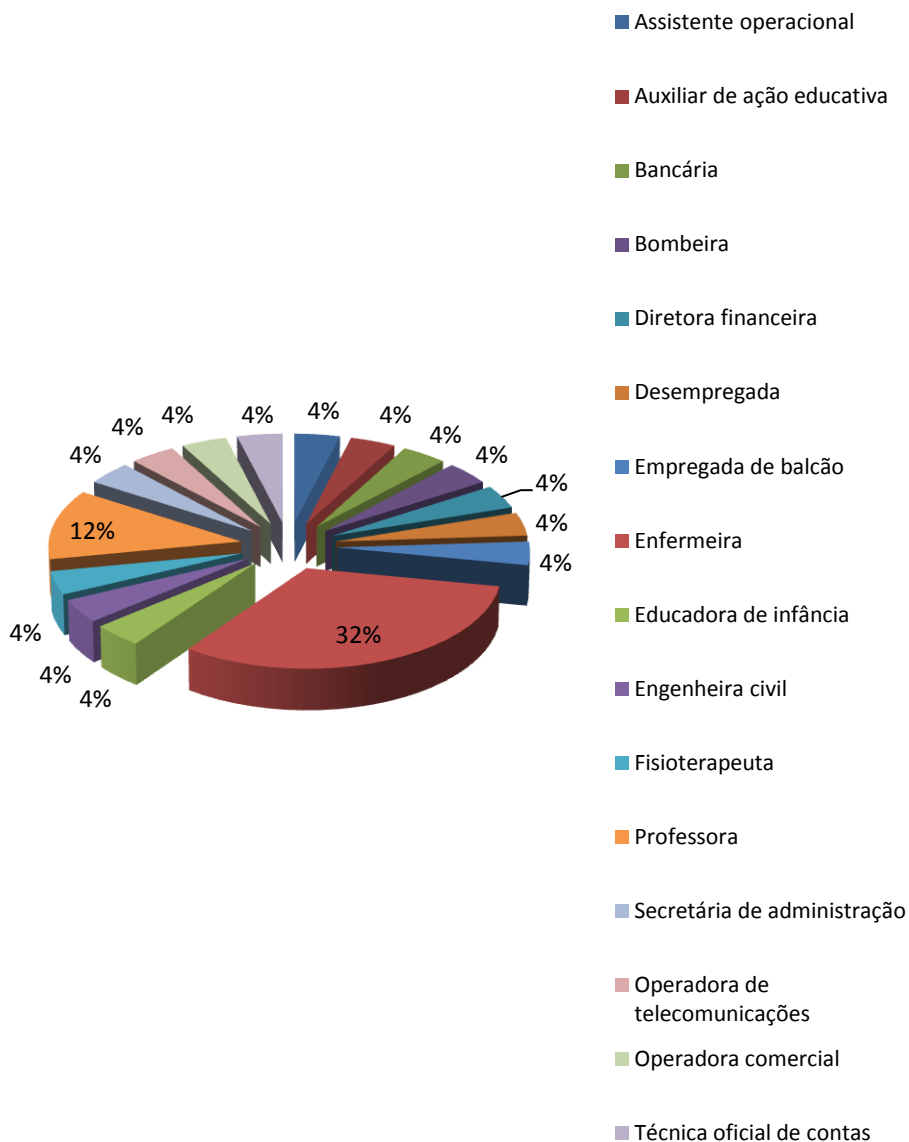
Gráfico n° 87 - Profissão das mães rurais



Em relação à profissão das mães, encontramos com uma maior percentagem as mães que são enfermeiras e as mães que estão desempregadas, perfazendo 16% do total das respostas respetivamente.

Todas as outras profissões estão representadas com 2 mães, (8%), ou 1 mãe (4%).

Gráfico nº 88 - Profissão das mães urbanas

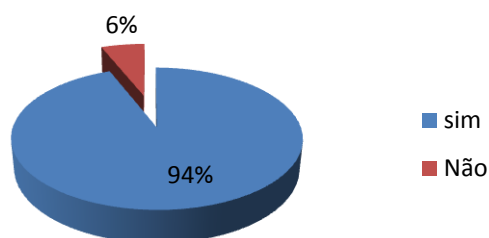


A maior representatividade pertence às mães urbanas que são enfermeiras, com 32% do total das respostas, seguindo-se as mães professoras, perfazendo 12%. Todas as outras profissões estão representadas com uma mãe, (4%).

Existem numerosos nomes para as profissões, pelo que optámos por dividir logo os dois contextos, relativos às mães rurais e às mães urbanas.

4.4.6 – Religião das mães

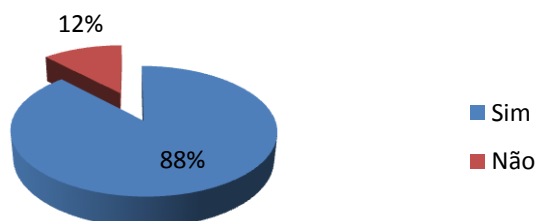
Gráfico nº 89 - Religião das mães



A grande maioria das mães referiu ter religião, perfazendo 94% do total das respostas e apenas 6% das mães referiu não ter religião.

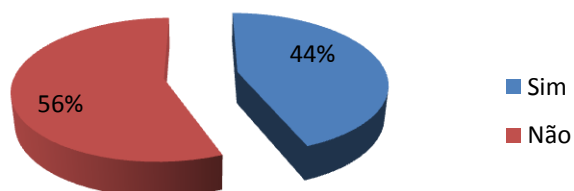
Todas as mães rurais refiram ter religião, perfazendo 100% do total das respostas.

Gráfico nº 90 - Religião das mães urbanas



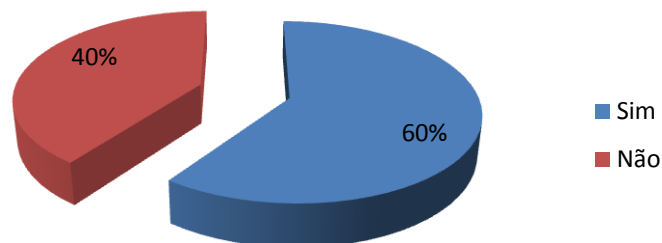
Em relação às mães urbanas, verificamos que a maioria diz ter religião, perfazendo 88% do total das respostas mas 12% referiu não ter religião.

Gráfico nº 91 - As mães praticam ou não a sua religião



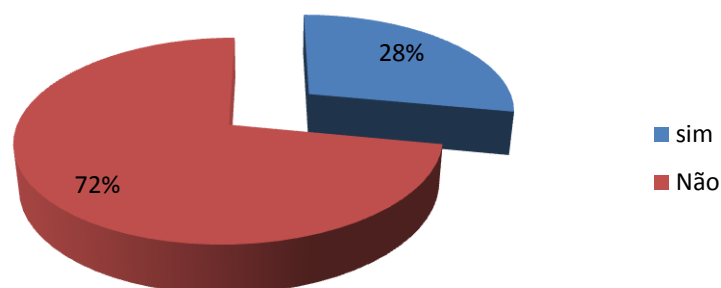
Em relação à prática da religião, 56% das mães referiu praticar e 44% referiu não praticar.

Gráfico nº 92 - As mães rurais praticam ou não a sua religião



Ao contrário do grupo global das mães, a maioria das mães que vivem em contexto rural referem praticar a sua religião, perfazendo 60% do total das respostas e 40% referiu não praticar.

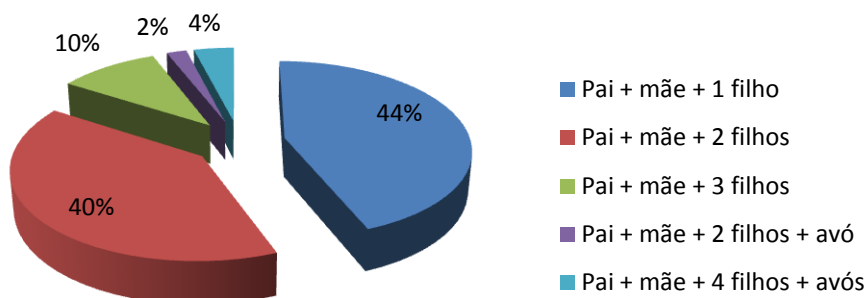
Gráfico nº 93 - As mães urbanas praticam ou não a sua religião



A maioria das mães que vivem em contexto urbano referem não praticar a sua religião, perfazendo 72% do total das respostas e 28% referiu praticar. Observamos uma inversão nas respostas dadas pelas mães dos dois contextos, onde a maioria das mães rurais pratica a sua religião e a maioria das mães urbanas não pratica.

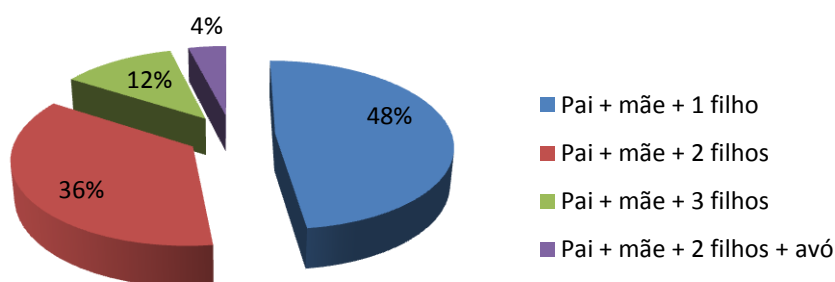
4.4.7 – Composição do agregado familiar e número de filhos das mães

Gráfico nº 94 - Agregado familiar das mães



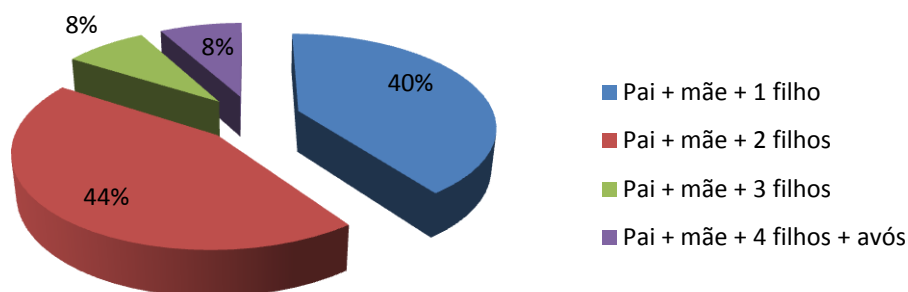
O agregado familiar mais representado é constituído por 3 elementos, pai, mãe e 1 filho, perfazendo 44% das respostas. Os casais com 2 filhos representam 40%; os casais com 3 filhos 10%. Apenas 3 famílias viviam com os avós em casa, uma com 2 filhos (2%) e duas com 4 filhos e os avós (4%).

Gráfico nº 95 - Agregado familiar das mães rurais



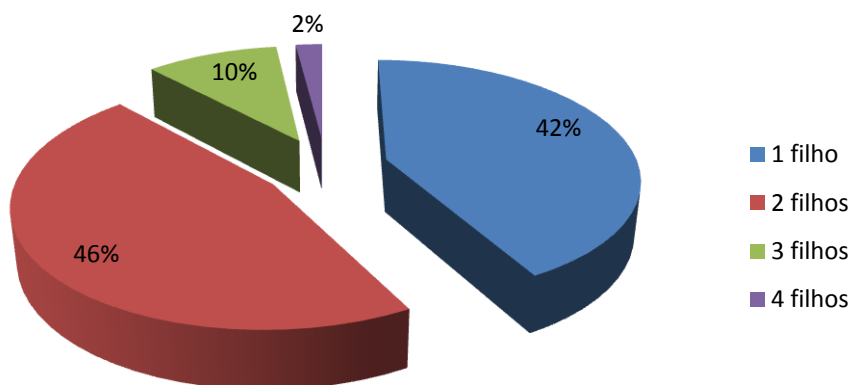
Verificamos que no caso das mães que vivem em contexto rural, mantém-se com maior representatividade os casais com 1 filho, perfazendo 48% do grupo, seguindo-se os casais com 2 filhos, com 36%; os casais com 3 filhos, (12%) e apenas 1 família vive com os filhos e com a avó, (4%).

Gráfico n° 96 - Agregado familiar das mães urbanas



Existem diferenças em relação às mães que vivem em contexto rural, pois em contexto urbano, a maior representatividade corresponde aos casais com 2 filhos, perfazendo 44% do total do grupo e com 40% os casais com 1 filho. Existe portanto uma inversão nestes dois itens em relação ao grupo anterior; com 3 filhos (8%) e a família que tem maior número de filhos tem 4 e vive com os avós no mesmo domicílio, (8%).

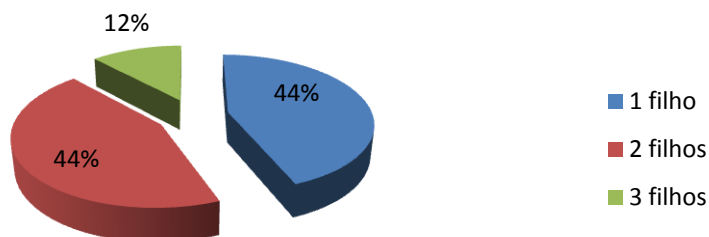
Gráfico n° 97 - Número de filhos das mães



Em maior número estão as mães com 2 filhos, perfazendo 46% do total das respostas, seguindo-se as mães com 1 filho, com 42%. Em menor número as mães com 3 filhos, (10%); apenas 1 mãe referiu ter 4 filhos (2%). A média de filhos das mães é de 1,72 filhos.

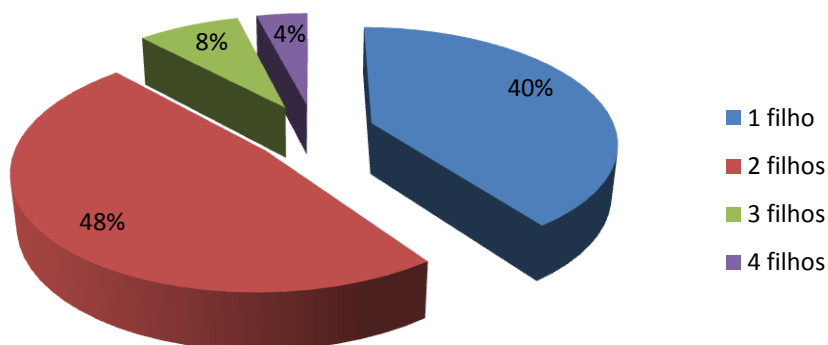
Esta média é ligeiramente inferior á média de filhos das avós, que é de 1,96 filhos.

Gráfico n° 98 - Número de filhos das mães rurais



Nas mães que vivem em contexto rural, encontra-se em igualdade percentual as que têm 1 filho e as que têm 2 filhos, perfazendo 44% das respostas respetivamente. Com 3 filhos apenas 12% das respostas. Média de filhos das mães rurais 1,68 filhos. Esta média é inferior à média de filhos das avós rurais que é de 2,04 filhos.

Gráfico n° 99 - Número de filhos das mães urbanas



Em relação às mães que vivem em contexto urbano, estão representadas em maior número aquelas que têm 2 filhos, perfazendo 48% das respostas, seguindo-se com 40% as mães que têm 1 filho; com 3 filhos 8%. Pertence a este grupo a família mais alargada com 4 filhos (4%). Média de filhos das mães urbanas, 1,76 filhos, ligeiramente superior às mães rurais. Esta média em relação às avós urbanas é ligeiramente inferior, pois apresentavam 1,88 filhos.

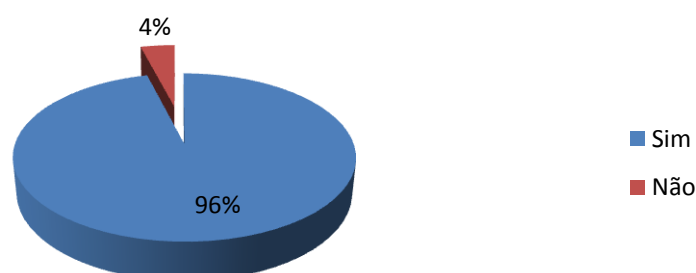
4.4.8 – Tipo de habitação das mães e distância da casa dos avós

Gráfico nº 100 - As mães vivem ou não perto da mãe/sogra



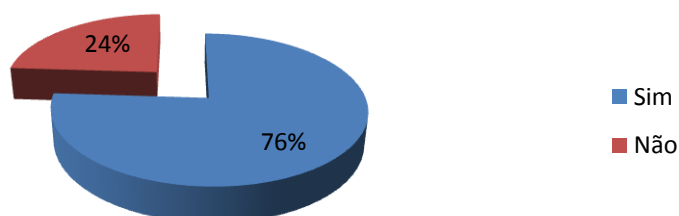
Verificamos que a maioria refere viver perto da sua mãe/sogra, perfazendo 86% do total das respostas e apenas 14% refere viver longe.

Gráfico nº 101 - As mães rurais vivem ou não perto da mãe/sogra



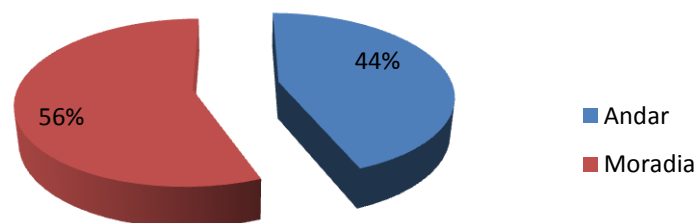
No caso das mães que vivem em contexto rural, a diferença é mais notória pois 96% referiu viver perto da sua mãe/sogra e apenas uma mãe referiu viver longe, (4%).

Gráfico nº 102 - As mães urbanas vivem ou não perto da mãe/sogra



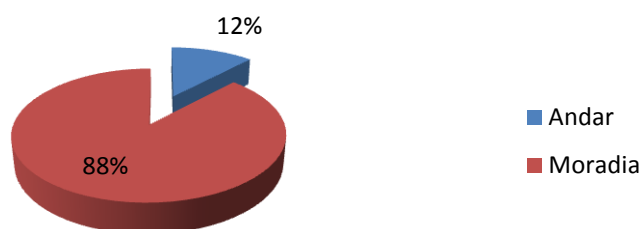
Neste grupo, a percentagem das mães que vive perto dos avós dos seus filhos é de 76% e as que vivem longe de 24%, percentagem muito superior ao grupo das mães rurais.

Gráfico nº 103 - Tipo de habitação das mães



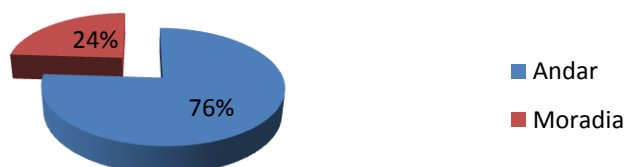
A maioria das mães vive em moradias, perfazendo 56% do total das respostas, enquanto as mães que vivem em prédios de apartamentos perfazem 44% das respostas.

Gráfico nº 104 - Tipo de habitação das mães rurais



As mães que habitam em contexto rural, vivem na sua grande maioria em moradias perfazendo 88% do total das respostas, enquanto apenas 12% vive em prédios de apartamentos.

Gráfico nº 105 - Tipo de habitação das mães urbanas



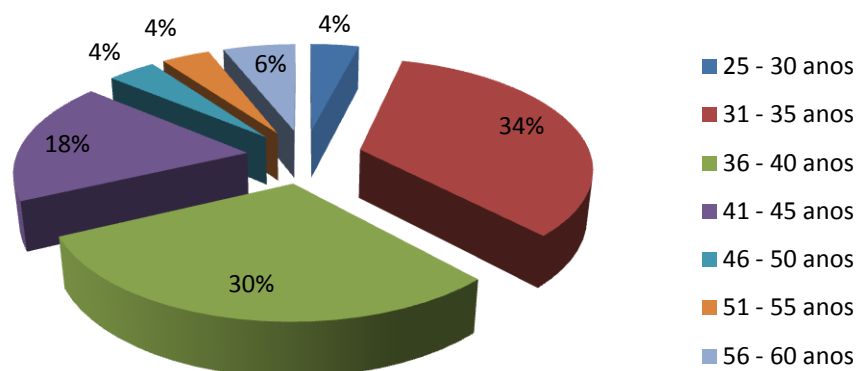
No grupo das mães que vivem em contexto urbano, podemos observar uma inversão, ou seja, a maioria vive em prédios de apartamentos perfazendo 76% do total das respostas, enquanto apenas 24% vive numa moradia.

4.5 – CARACTERIZAÇÃO SÓCIO/DEMOGRÁFICA DOS PAIS

Iremos de seguida analisar as respostas obtidas pelos pais.

4.5.1 – Idade dos pais

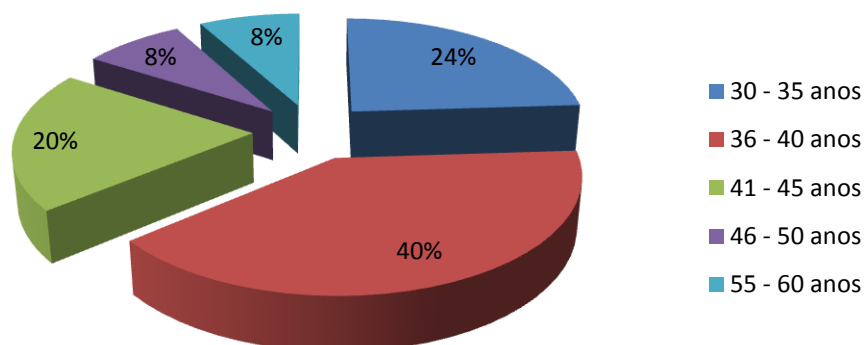
Gráfico nº 106 - Idade dos pais



Verificamos que na idade dos pais, a maior percentagem pertence à faixa etária entre os 31 e os 35 anos, perfazendo 34% do total das respostas; segue-se a faixa etária entre os 36 e os 40 anos com 30% e a faixa etária entre os 41 e os 45 anos com 18% das respostas.

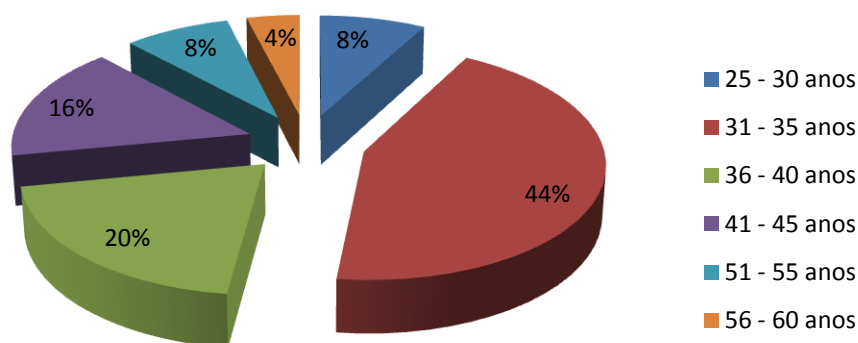
O pai mais jovem entrevistado tinha 29 anos e o mais velho com 59 anos. Média de idade dos pais, 39,18 anos. A média de idade dos pais é superior à das mães que foi de 37,44 anos.

Gráfico nº 107 - Idade dos pais rurais



A faixa etária mais representada nos pais que vivem em contexto rural, é entre os 36 e os 40 anos perfazendo 40% do total do subgrupo; segue-se a faixa etária entre os 30 e os 35 anos com 24% e dos 41 aos 45 anos com 20%; entre os 46 e 50 anos 8% e entre os 55 e 60 anos 8%. Nenhum pai tinha idade inferior a 30 anos. A média de idade dos pais rurais é de 40,52 anos, superior á média de idade das mães rurais que foi de 38 anos.

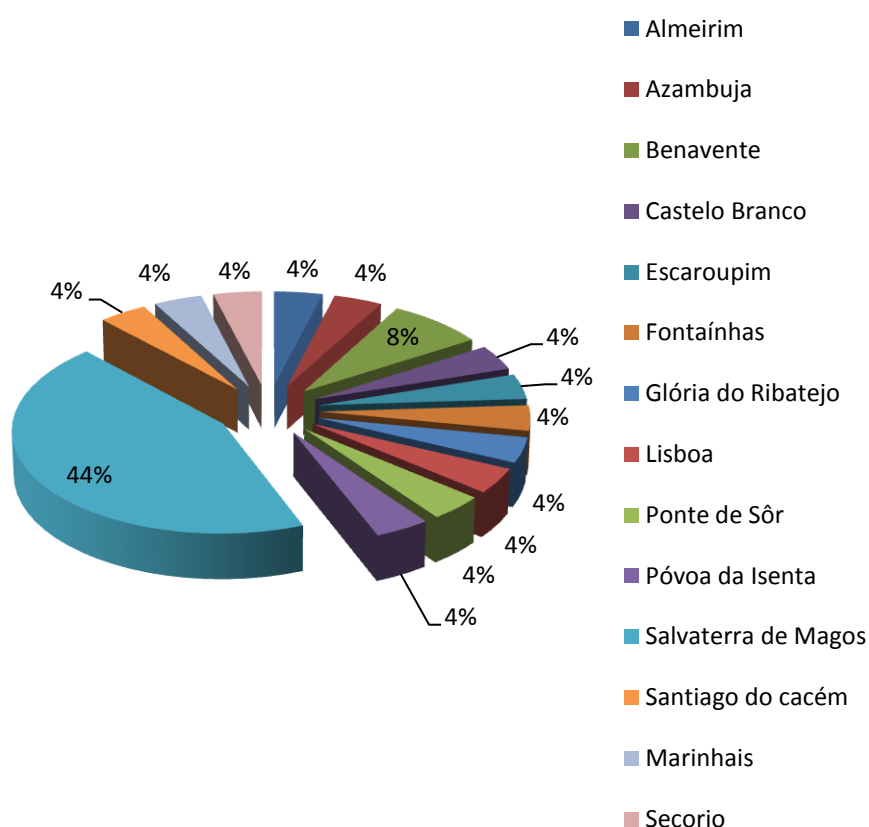
Gráfico nº 108 - Idade dos pais urbanos



Verificamos que a faixa etária mais representada, está situada entre os 31 e os 35 anos, perfazendo 44% do total do subgrupo; segue-se a faixa entre os 36 e os 40 anos com 20% e entre os 41 e os 45 anos com 16%; entre os 25 e os 30 anos, 8%, entre os 51 e os 55 anos 8% e entre os 56 e os 60 anos 4%. Neste grupo não está representada a faixa etária entre os 46 e os 50 anos. Média de idade dos pais urbanos, 37,84 anos, média inferior em relação aos pais rurais, mas superior às mães urbanas que foi 36,88 anos.

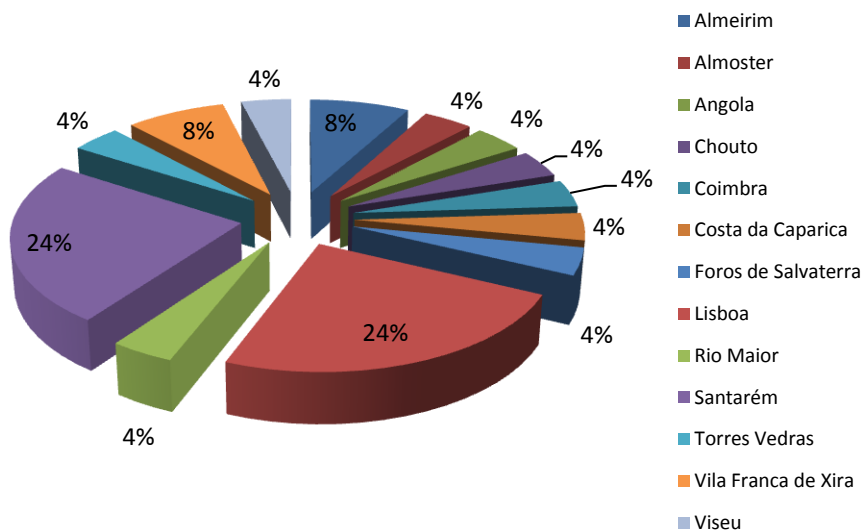
4.5.2 – Naturalidade e residência dos pais

Gráfico nº 109 - Naturalidade dos pais rurais



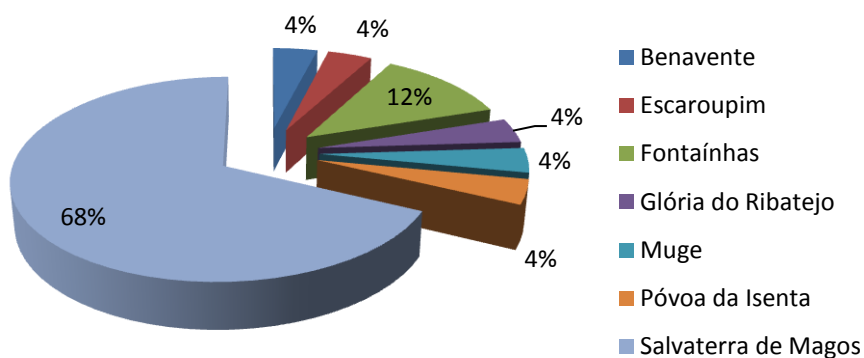
A maior percentagem está representada pelos pais naturais de Salvaterra de Magos, com 44% do total das respostas. Segue-se Ponte de Sôr com 8% e as restantes localidades com 4%. De salientar que Escaroupim, Glória do Ribatejo e Marinhais também pertencem ao concelho de Salvaterra. Fontainhas, Póvoa da Isenta e Secorio pertencem ao concelho de Santarém.

Gráfico nº110 - Naturalidade dos pais urbanos



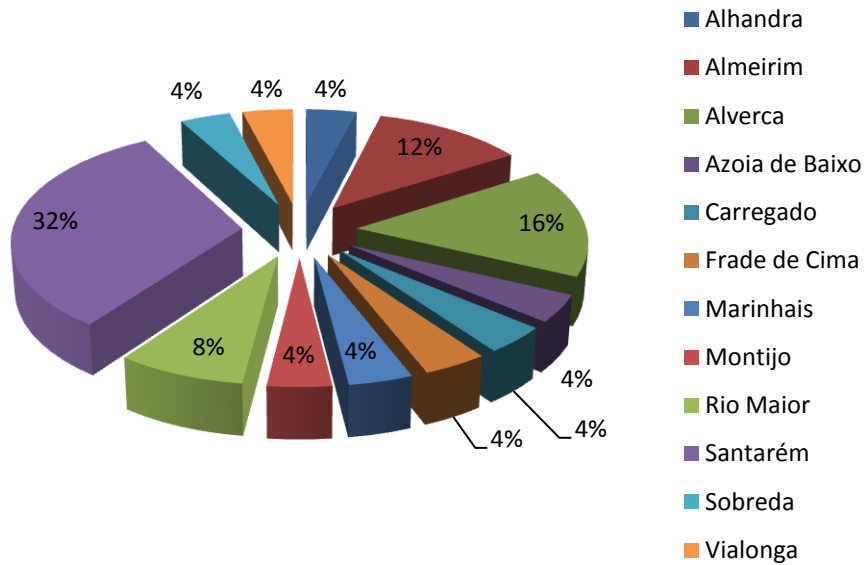
Verificamos que a maior representatividade e em percentagens iguais, são os pais naturais de Santarém e de Lisboa com 24% cada. Com 8% cada, os naturais de Almeirim e de Vila Franca de Xira. Com 4% os naturais das outras localidades.

Gráfico nº 111 - Residência dos pais rurais



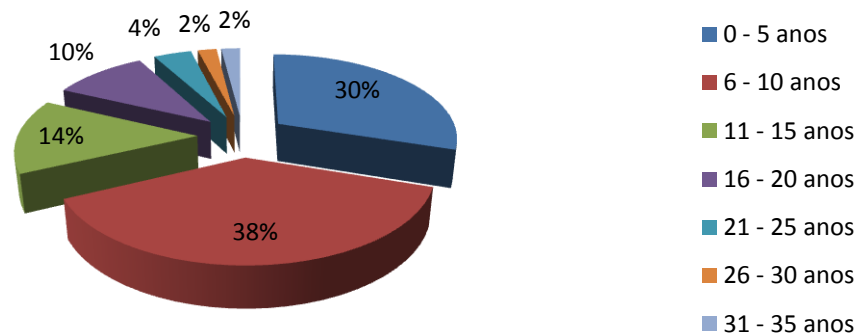
Verificamos que a maioria dos pais rurais reside em Salvaterra de Magos, perfazendo 68% do total do subgrupo. De salientar que Escaroupim, Muge e Glória do Ribatejo também pertencem ao concelho de Salvaterra. Fontainhas com 12% e Póvoa da Isenta pertencem ao concelho de Santarém.

Gráfico nº 112 - Residência dos pais urbanos



Em relação aos pais urbanos, 32% vivem em Santarém mas de salientar que Azoia de Baixo também pertence ao concelho de santarém; com 16% os residentes em Alverca, com 12% Almeirim e com 8% Rio Maior. As restantes localidades perfazem 4% cada.

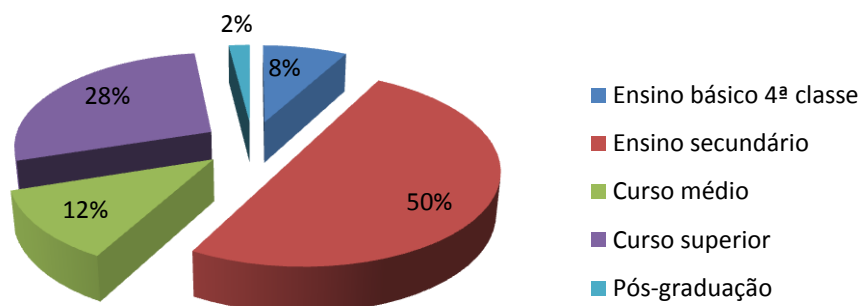
Gráfico nº 113 - Número de anos que os pais habitam nas suas casas



O período compreendido entre os 6 e os 10 anos é o mais representativo, perfazendo 38% do total das respostas, seguindo-se o período entre os 0 e os 5 anos com 30%. Este gráfico é idêntico ao gráfico nº 78, ou seja, as respostas dadas pelas mães quer as que vivem em contexto urbano, quer as que vivem em contexto rural, são as mesmas dadas pelos pais.

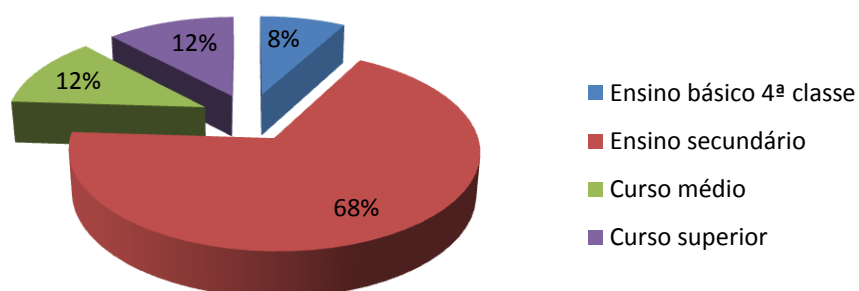
4.5.3 – Habilitações literárias dos pais

Gráfico nº 114 - Habilitações literárias dos pais



Metade de todos os pais, ou seja, 50% do total das respostas, tem o ensino secundário; segue-se os pais com um curso superior que perfazem 28%; com 12% os pais com um curso médio; com 8% os pais apenas com o ensino básico, 4ª classe e 1 pai, referiu ter uma pós-graduação. Em relação às mães, os pais que têm um curso superior são em menor número, pois a percentagem das mães era de 42% e existem mais pais com o ensino secundário. No espaço intergeracional, a diferença de habilitações é muito notória, pois a maioria dos avós apenas tinha o ensino básico, com 58% do total nas avós e 40% do total nos avôs.

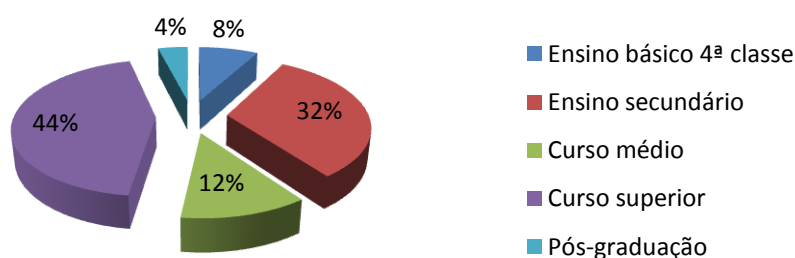
Gráfico nº 115 - Habilitações literárias dos pais rurais



Em relação aos pais que vivem em contexto rural, 68% refere ter o ensino secundário, percentagem igual às mães do mesmo contexto. Com um curso superior 12%, percentagem inferior às mães do mesmo contexto. No espaço intergeracional,

existe uma diferença muito notória entre as habilitações literárias dos avôs rurais e o dos pais rurais, especialmente em relação ao ensino secundário e superior.

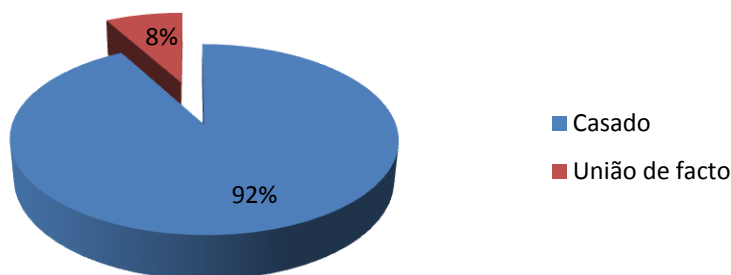
Gráfico n° 116 - Habilitações literárias dos pais urbanos



Em relação aos pais que vivem em ambiente urbano, 44% refere ter um curso superior, percentagem muito superior aos pais que vivem em contexto rural, mas percentagem inferior às mães que vivem também em contexto urbano, pois estas perfaziam 64% do total das respostas. Com o ensino secundário 32%, percentagem muito inferior em relação aos pais que vivem em contexto rural. Também a percentagem de pais com pós-graduação que neste grupo perfaz 4%, é inferior às mães que vivem no mesmo contexto que foi de 16%.

4.5.4 – Estado civil dos pais

Gráfico n° 117 - Estado civil dos pais



Em relação ao estado civil dos pais, 92% referiu estar casado e apenas 8% em união de facto.

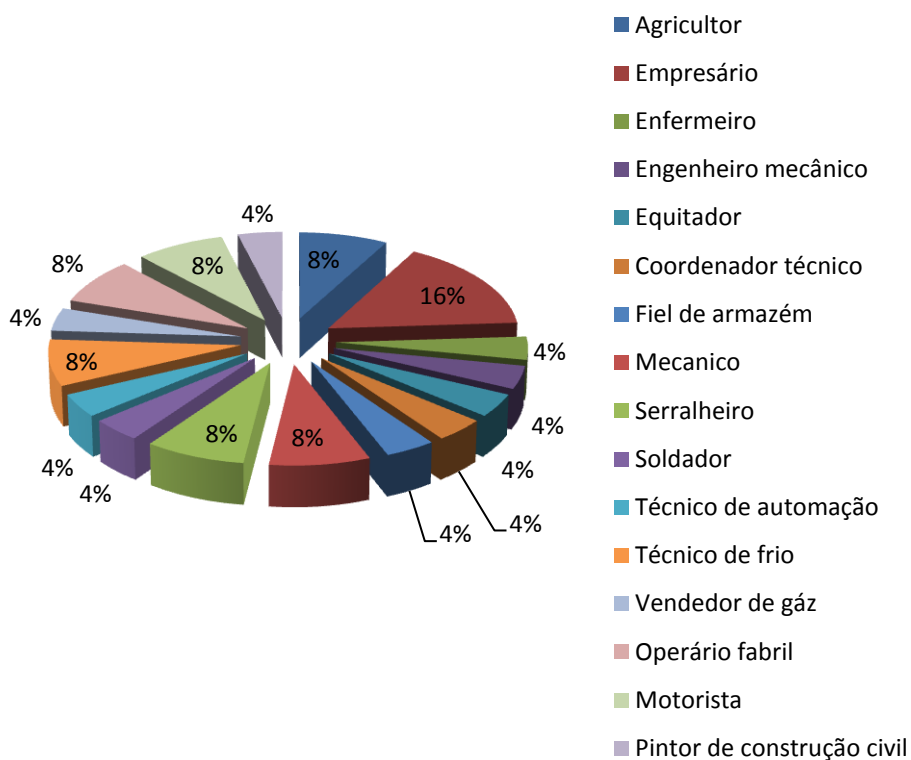
Este gráfico é igual ao gráfico n° 116 ou seja, foram dadas respostas iguais quer pelos pais quer pelas mães. No espaço intergeracional nota-se apenas um ligeiro

aumento em relação às pessoas que vivem em união de facto, apenas 2% do total da amostra nos avós e agora 8% nos pais.

4.5.5 – Profissão dos pais

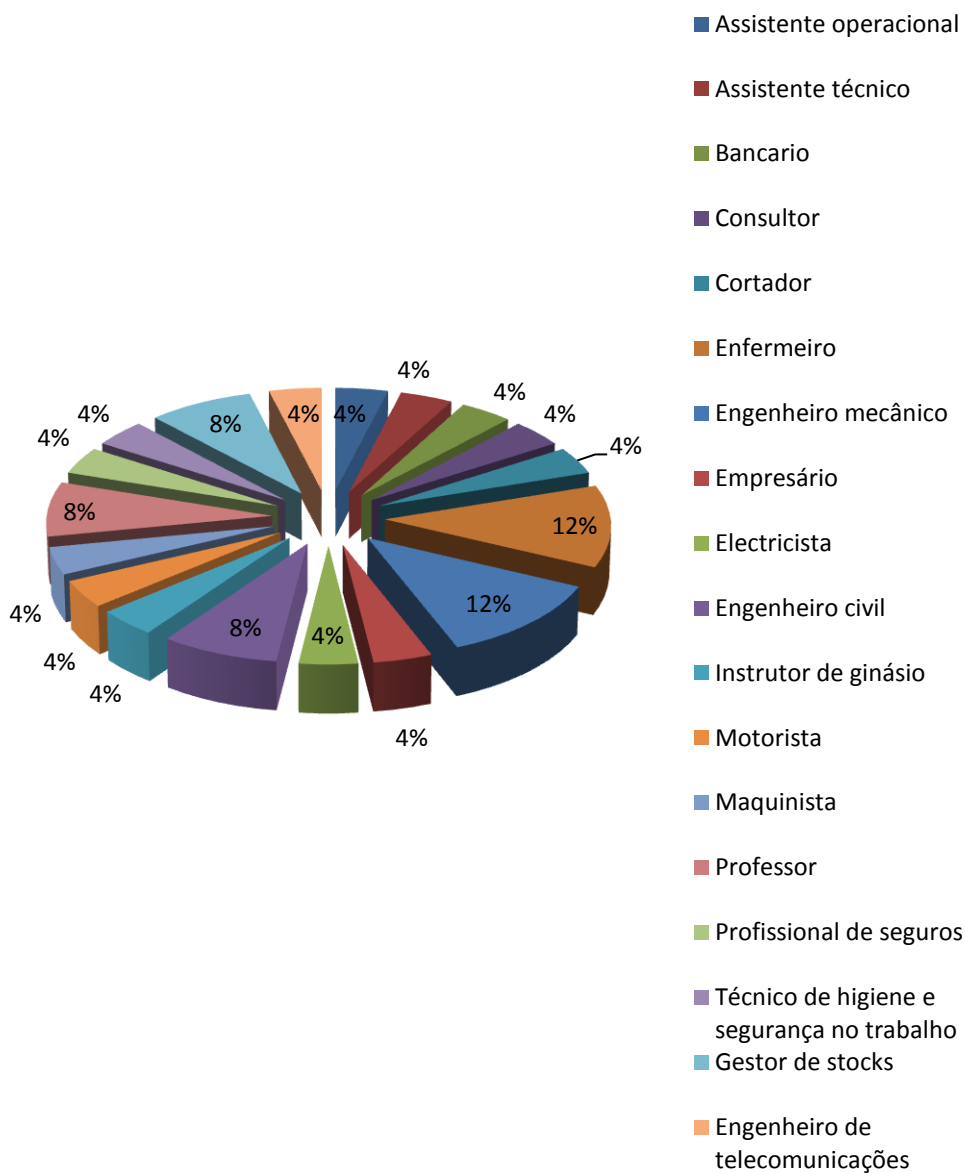
Devido à diversidade das profissões, foi elaborado um gráfico para cada contexto, rural e urbano.

Gráfico nº 118 - Profissão dos pais rurais



Existem diversas profissões dos pais rurais, onde a maior percentagem pertence aos empresários perfazendo 16% das respostas.

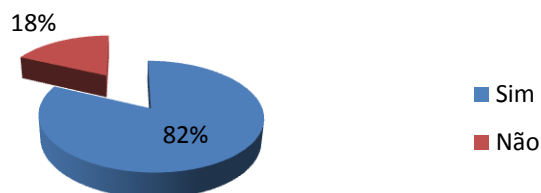
Gráfico nº 119 - Profissão dos pais urbanos



Verificamos que nos pais que vivem em contexto urbano, as maiores percentagens pertencem aos enfermeiros e aos engenheiros mecânicos com 12% cada. Verificamos também, que tanto nos pais como nas mães, existem inúmeras profissões onde se observa uma especificação das suas funções, que devido aos diferentes contextos laborais, têm nomes muito diversos.

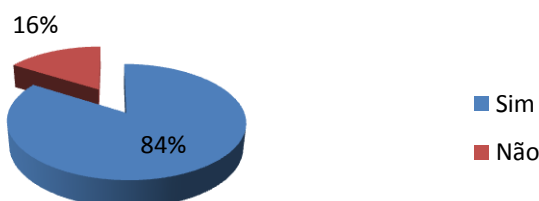
4.5.6 – Religião dos pais

Gráfico n° 120 - Os pais têm ou não religião



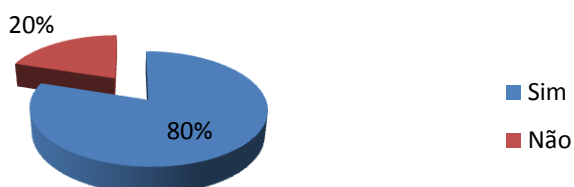
Verificamos que a maioria dos pais refere ter religião, perfazendo 82% do total das respostas e 18% refere não ter.

Gráfico n° 121 - Os pais rurais têm ou não religião



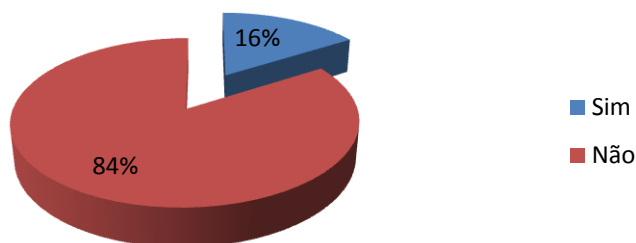
Verificamos que nos pais que vivem em contexto rural, a maioria também refere ter religião com 84% do total das respostas, mas esta percentagem é inferior às mães que foi de 94%; 16% refere não ter religião, percentagem superior às mães.

Gráfico n° 122 - Os pais urbanos têm ou não religião



A maioria dos pais que vivem em contexto urbano também refere ter religião, perfazendo 80% do total das respostas. Esta percentagem é inferior aos pais que vivem em contexto rural e inferior às mães que vivem em contexto urbano. Com 20% os que referem não ter religião.

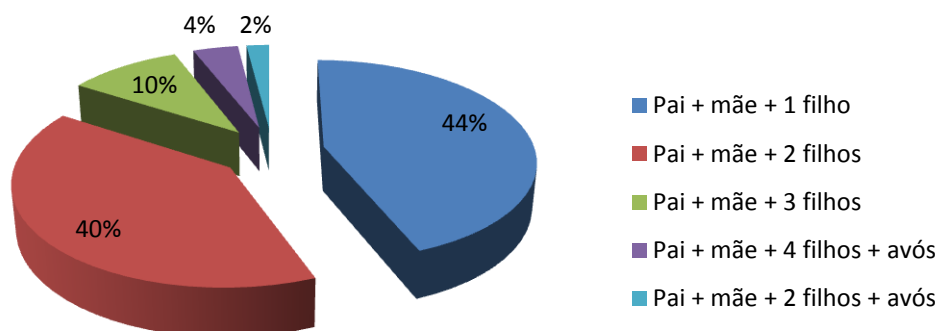
Gráfico n° 123 - Prática ou não da religião pelos pais



Verificamos que nos pais, a maioria refere não praticar a sua religião, perfazendo 84% do total das respostas. Esta percentagem é muito superior às mães, onde 56% referiu não praticar. Em relação aos pais que vivem em contexto rural e em contexto urbano, verificámos o mesmo número de respostas entre os dois grupos portanto, especificamente nos dois contextos, os gráficos são iguais.

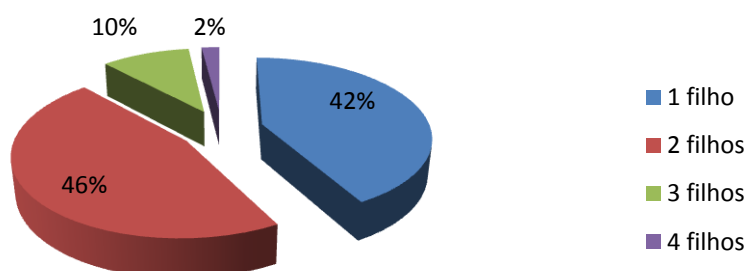
4.5.7 – Composição do agregado familiar e número de filhos dos pais

Gráfico n° 124 - Composição do agregado familiar dos pais



Verificamos que a maior percentagem pertence aos casais com 1 filho, perfazendo 44% das respostas, seguindo-se os casais com 2 filhos, com 40%. Este gráfico é igual ao gráfico n° 94, pelo que concluímos que as respostas dos pais foram iguais às respostas das mães, não havendo necessidade de construir os gráficos específicos para o contexto rural e o contexto urbanos, pois são iguais aos gráficos n° 95 e 96.

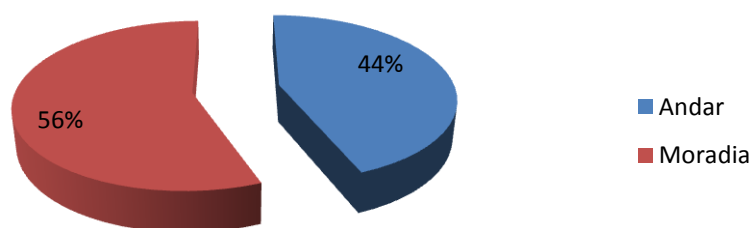
Gráfico nº 125 - Número de filhos dos pais



Verificamos que com 46% do total das respostas, estão os casais com 2 filhos; com 42%, os casais com 1 filho; com 10% com 3 filhos e 2% com 4 filhos. Como as respostas dos pais foram iguais às respostas das mães, este gráfico é igual ao gráfico nº 97. Também as respostas dos pais que vivem em contexto rural e em contexto urbano, foram iguais às respostas das mães pelo que os gráficos dos pais, são iguais aos gráficos nº 98 e nº 99. As médias de filhos também são iguais.

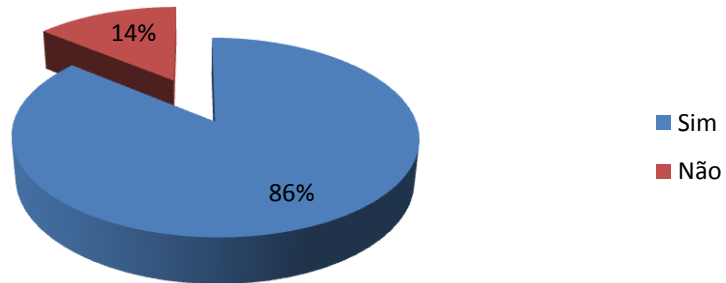
4.5.8 – Tipo de habitação dos pais e distância da casa dos avós

Gráfico nº 126 - Tipo de habitação dos pais



Verificamos que 56% dos pais referiram viver numa moradia e 44% referiram viver num prédio de apartamentos. Estas respostas foram iguais às respostas das mães pelo que, este gráfico é igual ao gráfico nº 103 Também as respostas dadas pelos pais em contexto rural e em contexto urbano, foram iguais às respostas das mães, pelo que os gráficos são iguais aos gráficos nº 104 e 105.

Gráfico nº 127 - Os pais vivem ou não perto da mãe/sogra



Verificamos que a maioria dos pais refere morar perto da mãe/sogra perfazendo 86% do total das respostas; com 14% os que referiram morar longe. As respostas dos pais foram iguais às respostas das mães, pelo que este gráfico é igual ao gráfico nº 100. Também as respostas dos pais que vivem em contexto rural e em contexto urbano foram iguais às respostas das mães dos mesmos contextos, pelo que os gráficos são iguais aos gráficos nº 101 e nº 102.

4.6 – SÍNTESE FINAL

Após a análise quantitativa dos questionários, referentes à caracterização sócio/demográfica dos participantes estudados, verificamos que no espaço intergeracional é notório o aumento da literacia e das habilitações literárias dos filhos em relação aos pais. Esta diferença também é notória nos contextos rurais e urbanos, verificando-se um aumento das habilitações literárias neste último contexto em relação ao primeiro, quer na geração dos avós, quer na dos pais.

Verificámos assim que os avós urbanos têm mais habilitações literárias que os rurais, e neste grupo, a iliteracia é superior nos avós rurais do que nos avós do mesmo contexto.

Os pais que vivem em contexto urbano têm mais habilitações literárias que os pais que vivem em contexto rural e em género, as mães têm mais habilitações literárias que os pais.

O casamento continua a ter muita importância na vida familiar, notando-se apenas um ligeiro aumento na união de facto no período intergeracional, mas tal ainda não é muito significativo.

Surpreende-nos o facto da percentagem de desemprego neste grupo estudado, ser muito inferior à percentagem geral atualmente anunciada pelos órgãos governamentais e de comunicação social.

Em relação à religião e às práticas religiosas, verificamos que apesar de se notar uma pequena diferença intergeracional, em relação ao ter ou não religião, com um aumento pouco significativo dos que referem não ter, este aumento também é mais notório no contexto urbano e em relação ao sexo masculino.

Quanto à prática da religião, verificamos que houve um aumento muito significativo dos não praticantes, especialmente nos pais, e esse aumento é mais visível no contexto urbano.

Em relação à maternidade, a média de filhos nas mães com 1,72 filhos, é inferior à média das avós que é de 1,96 filhos, mas esta diferença é mais notória do contexto rural, onde as mães rurais apresentaram uma média de 1,68 filhos, inferior às avós rurais com 2,04 filhos.

Esta diferença é menos evidente no contexto urbano onde as mães urbanas apresentaram uma média de 1,76 filhos e as avós urbanas, uma média de 1,88 filhos.

CAPITULO 5 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5 – ANÁLISE E RESULTADOS – AVÓS

Neste capítulo iremos apresentar os resultados das avós. Apesar da análise qualitativa ser predominante nesta investigação, sentimos necessidade de ilustrar com alguns gráficos, algumas questões que foram realizadas nos questionários para a caracterização sociodemográfica da amostra. Estes contextualizarão melhor os assuntos que irão ser abordados, fazendo a relação entre alguns dados quantitativos e os qualitativos. Iremos fazer ao longo desta análise, a diferenciação dos temas em relação aos contextos urbano e rural, separando assim as 50 avós que participaram neste estudo, em dois grupos de 25 participantes, ou seja, 25 avós rurais e 25 avós urbanas.

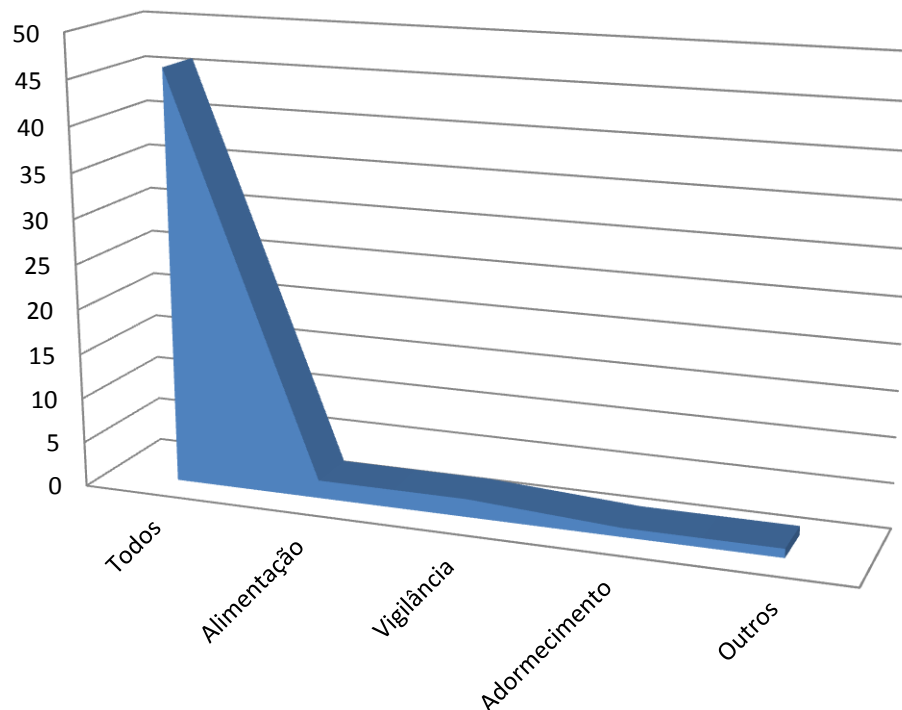
5.1 – CUIDADOS INFANTIS PRESTADOS PELAS AVÓS

Em relação aos cuidados infantis prestados pelas avós, eles parecem ser necessários e importantes, especialmente como forma de apoiar as mães, através da experiência obtida anteriormente quando cuidaram dos seus filhos. Estes saberes são importantes na fase inicial do nascimento, especialmente a fase de lactentes, onde a fragilidade dos bebés provoca alguma insegurança nas mães.

5.1.1 – Cuidados das avós aos seus netos

Que cuidados presta aos seus netos? Esta pergunta foi realizada no questionário para a caracterização sociodemográfica da amostra. Nessa questão, as avós podiam escolher várias opções apresentadas. Foi também abordada essa questão nas entrevistas, pelo que será abordada de maneira qualitativa e quantitativa. Inicialmente iremos apresentar os gráficos correspondentes aos cuidados infantis, à periodicidade desses mesmos cuidados e por ultimo, à abordagem qualitativa desta questão, apresentando os quadros respetivos e as unidades de registo mais importantes.

Gráfico nº 128 - Cuidados prestados pelas avós aos seus netos



	Todos	Alimentação	Vigilância	Adormecimento	Outros
Série1	46	2	2	1	1

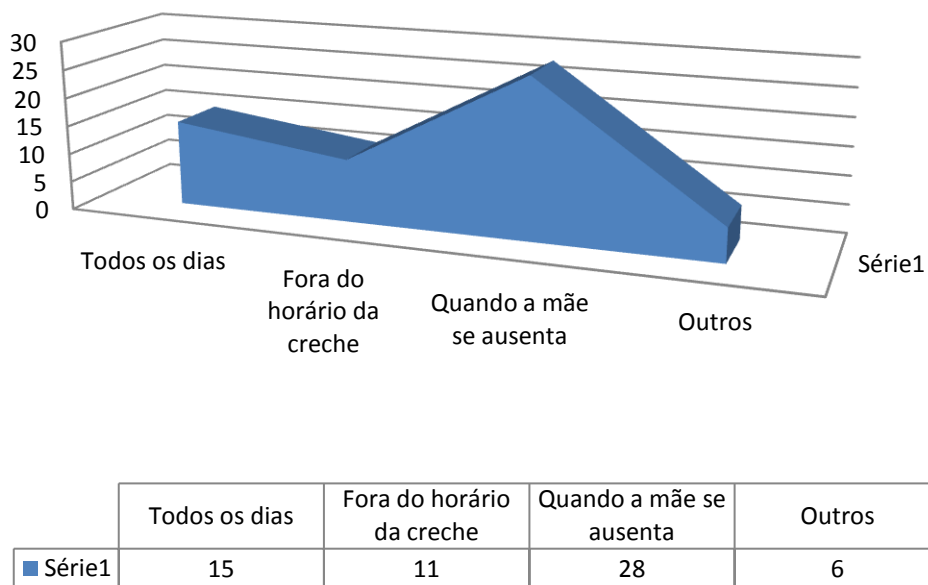
Este gráfico corresponde à totalidade das avós, estando incluídas as respostas dadas pelas avós rurais e pelas avós urbanas.

Verificamos que a maioria das avós presta todos os cuidados aos seus netos com 46 respostas. Apenas 2 avós referiram que davam apenas alimentação e vigilância; uma avó adormecimento; na resposta “*outros*” uma avó referiu que brincava com o seu neto.

A apresentação conjunta das avós que vivem em contexto rural e em contexto urbano, deve-se ao facto das respostas serem idênticas, resultando em dois gráficos muito semelhantes.

De seguida iremos analisar a periodicidade desses cuidados analisando as diferenças entre as avós rurais e as avós urbanas.

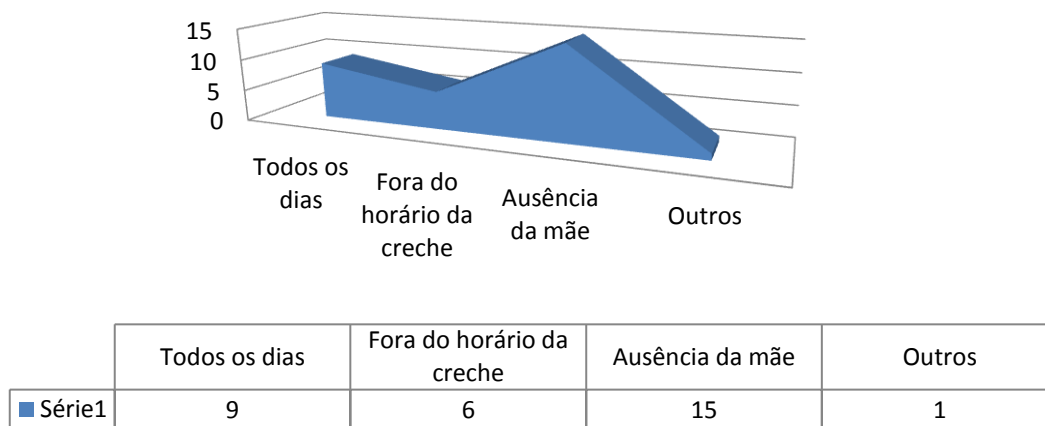
Gráfico nº 129 - Periodicidade dos cuidados prestados pelas avós aos seus netos



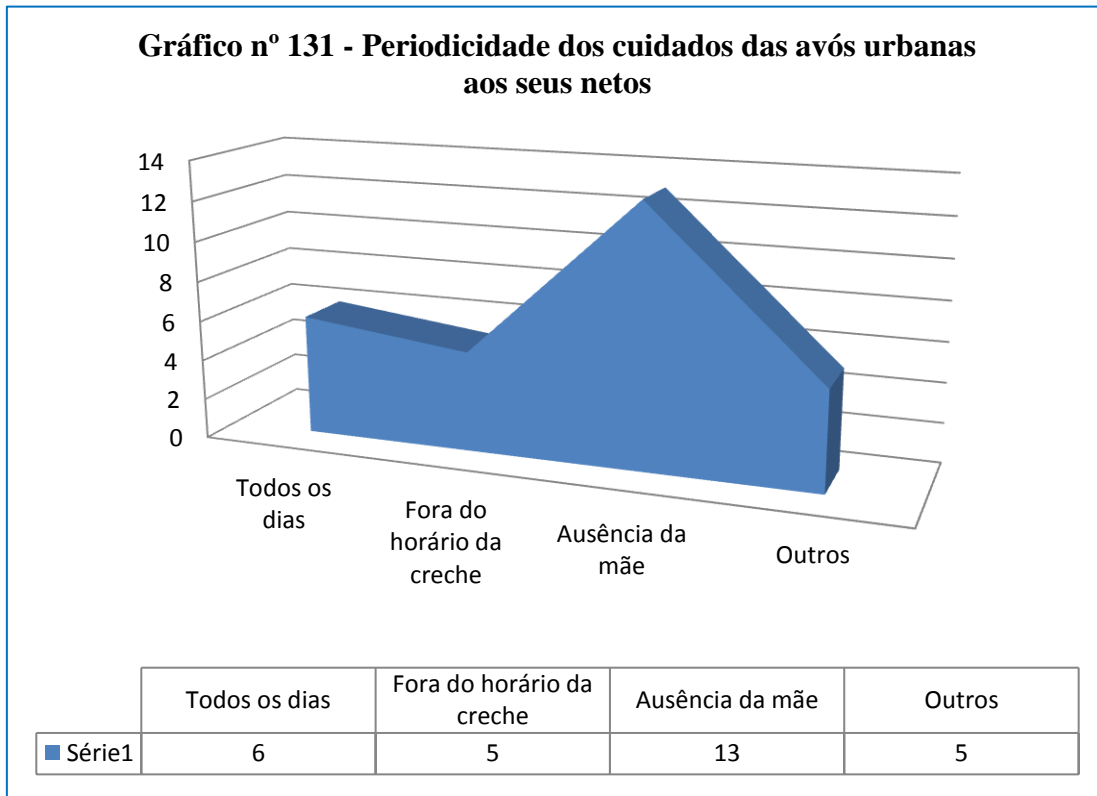
Verificamos que muitas das avós cuidam dos seus netos na ausência das mães com 28 respostas; com 15 respostas todos os dias e com 11 respostas após o horário da creche, por terem uma maior disponibilidade e devido ao horário de trabalho das mães.

O item “*outros*” com 6 respostas, será analisado nos dois gráficos seguintes.

Gráfico nº 130 - Periodicidade dos cuidados das avós rurais aos seus netos



Verificamos que nas avós que vivem em contexto rural se mantém a tendência de cuidarem dos seus netos na ausência da mãe com 15 respostas; com 9 respostas todos os dias; 6 avós referiram que cuidavam dos netos após a creche fechar. Uma avó no item “*outros*”, referiu que ficava com o seu neto depois de o ir buscar à ama.



Tal como nas avós rurais, as avós que vivem em contexto urbano responderam em maior número, que cuidavam dos seus netos na ausência da mãe com 13 respostas; com 6 respostas todos os dias e fora do horário da creche houve 5 respostas.

Nas respostas “*outros*”, duas avós referiram que cuidavam dos seus netos aos fins-de-semana e quando os filhos a iam visitar; uma avó referiu que além dos fins-de-semana também cuidava deles nas férias e uma avó referiu que cuidava do seu neto sempre que necessário.

De seguida, iremos analisar o conteúdo das entrevistas das avós com relatos dos cuidados prestados aos seus netos e a periodicidade dos mesmos.

Quadro nº 2 – Quadro referente aos cuidados praticados pelas avós rurais aos seus netos

TEMA	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Cuidados praticados pelas avós rurais aos seus netos	Todos os cuidados	13
		Acompanhamento	16
		Alimentação	12
		Vigilância	10

Pela leitura do quadro nº 2 e pela análise dos resultados das entrevistas, verificamos que no grupo das avós rurais, 13 referiram prestar todos os cuidados aos seus netos, mas foi dado mais ênfase ao acompanhamento, (16 avós), seguindo-se a alimentação (12 avós) e por último, a vigilância das crianças, (10 avós).

Muitas avós cuidaram dos seus netos, prestando-lhes todos os cuidados, não individualizando os mesmos. Algumas descrevem esses mesmos cuidados, dando ênfase a alguns que acharam ser os mais importantes.

“Todos, fazia tudo. Dava-lhes de comer, dava-lhes banho, vestia-os. Muitas vezes quando o vinham buscar já ele estava todo arranjadinho e pronto para ir para a cama (Risos) ” (Avó rural 1).

“Quando eles andavam na escola, vinham almoçar todos os dias e depois ia levá-los. Quando os pais saiam, ou qualquer coisa, eu ficava com eles e à noite se os pais às vezes iam a um lado qualquer também ficava com eles. Ia às vezes busca-los à creche quando a creche era aqui. O João como tem uma diferença muito pequena da Margarida, o João estava muitas vezes aqui na minha casa. Trazia-o para aqui porque ele era pequenino. Trazia-o muitas vezes para aqui para a minha casa. Portanto nós tivemos assim sempre, uma relação com os três” (Avó rural 2).

“Dou-lhe de comer, vou busca-lo à escola, à pré-escola que ele está na pré-escola e trago-o para casa. Venho dar-lhe o almoço e depois, vou tornar outra vez a levá-lo à escola e torno às três e meia a ir buscá-lo à escola. Estou com ele até a mãe sair lá do emprego. Se for preciso ter que lhe dar o jantar, pois eu até o jantar lhe dou e faço-lhe as coisas todas, dar-lhe banho, faço o que é preciso fazer, faço isso tudo a

ele. Ela coitadinha já é mais velhinha, já tem treze anos, só precisa que eu também lhe faça o almoço. Ela o avô vai lá busca-la ao almoço e isso assim e ela vem do almoço e depois vamos levá-la. Se for preciso ela vai, se for preciso ela não ir à escola na parte da tarde, fica o resto do dia com a gente” (Avó rural 7).

“Ah o que é que lhe fazia? Quer dizer, dava-lhes comida, fazia sopinha, dava-lhe a sopa e por quem tive mais tempo foi o mais novo, até ter um ano, porque mamava. A mãe estava a trabalhar aqui ao pé, ele dormia aqui, dava-lhe o almoço, depois a mãe vinha-lhe dar mama nos intervalos. Os outros, ainda tiveram, sei lá, sete, oito meses, nove, mas depois foram para a creche. Mas também quando estavam constipados, tinham febre, pronto estava sempre com eles à mesma. Cheguei a ficar com os dois, com o do Carlos e com o mais velho do José João “ (Avó rural 10).

“Então, ela vinha às sete e meia da manhã. O pai trazia-a, vinha já com a maminha, porque era maminha quando era pequenina. Eu deitava-a na caminha, tinha uma caminha no meu quarto, deitava-a lá e depois era o biberon, a papinha e a sopinha quando começou a comer. O banho não lhe dava porque a mãe dava-lhe o banho à noite, à noite a mãe é que lhe dava o banhinho, mas durante o dia, pronto, era a bestinha. (risos). Mas ela foi muito boazinha de criança, agora é mais reguila, mas quando era bebé, foi muito calminha. O meu marido trabalhava de noite e mais o meu João Paulo. Quando já trabalhavam na IDAL, trabalhavam, faziam turnos, ela nunca houve um dia que acordasse o avô e o tio. Ó João, eles dormiam de dia e ela portava-se tão bem, tão bem, agora é que é reguila” (Avó rural 14).

Verificamos nestes testemunhos, que as avós rurais substituíam as mães durante o horário laboral destas, prestando cuidados de vida diários aos seus netos, relacionados com alimentação, vigilância, higiene conforto e acompanhamento.

Pelo teor dos sentimentos transmitidos pelas avós em relação às práticas de cuidados, podemos afirmar que sentem prazer e satisfação em realizar esses mesmos cuidados aos seus netos.

O acompanhamento das crianças, quer em casa quer na ida à escola, foi a tarefa mais mencionada pelas avós, mas nunca isoladamente, ou seja, todas referiram um conjunto de cuidados nos quais estava incluída esta atividade. A alimentação e a vigilância também foram práticas que as avós realizaram aos seus netos. Podemos

concluir que na ausência das mães, as avós são as substitutas, satisfazendo todas as necessidades necessárias das crianças.

De seguida iremos analisar os cuidados das avós urbanas.

Quadro nº 3 – Quadro referente aos cuidados praticados pelas avós urbanas aos seus netos

TEMA	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Cuidados praticados pelas avós urbanas aos seus netos	Todos os cuidados	17
		Atividades lúdicas	6
		Ajuda sempre que é preciso	8
		Educação	5
		Vigilância	13

Pela leitura do quadro nº 3 e pela análise das entrevistas, verificamos que as avós urbanas, na sua maioria, referiram praticar todos os cuidados aos seus netos. A vigilância foi referenciada por 13 avós e 8 referiram que ajudavam sempre que verificassem que a sua ajuda era necessária. Por último, 6 das avós referiram promover atividades lúdicas com os seus netos e 5 avós fizeram referência à educação dos seus netos.

“Quer dizer, ao pequenino agora não posso ajudar porque não tenho saúde para isso. Tenho um pequenino com quatro anos, não ajudo nada, mas tenho dois, um com trinta e um e outra com vinte e oito. Ajudei, quer dizer, vivi com eles muito tempo. Os pais saíam de manhã, entravam praticamente á noite, eu ficava com eles todo o dia. Ia levá-los à escola, buscá-los à escola, dar-lhe de comer, lavava-os, tudo. Tinha o cuidado de ficar com eles. A mãe saía descansada e o pai também e eu ficava com eles e fui muito feliz com isso e hoje sinto saudades” (Avó urbana 4).

“Sim, sempre que precisarem, sempre que me pedem e mesmo quando não me pedem, eu vou mesmo agir com todo o gosto” (Avó urbana 7).

“Olhe, todos os que são necessários. Desde bebé que os trato aos três, porque o outro está em Lisboa e está muito próximo de mim e estes desde que nasceram, dou sempre o apoio que é possível. Agora que são maiores e estão na escola, há alguma dificuldade dos pais poderem ficar se estiverem doentes. Se por qualquer motivo os pais não podem estar, eu venho à sexta-feira, venho à quarta, venho à hora, quando eles necessitam e eu disponibilizo-me para estar presente. Só em último caso de não poder, caso contrário estou sempre presente” (Avó urbana 10).

“Era tudo, a comida, era o banho, educá-los também, acarinhá-los, umas palmadas (risos), acarinhá-los, educá-los, e batia-lhes se era preciso” (Avó urbana 13).

“Sim, portanto vou buscá-las à escola quando os pais não podem, levo-as para casa, dou-lhes banho, dou-lhes jantar quando é necessário quando os pais não estão, ou estão ausentes” (Avó urbana 20).

“Ajudo e ajudo em vários sentidos. Eu tinha todo o meu trabalho e quando não estou a trabalhar, tenho todo o tempo disponível. Vou a casa, fico com eles, levo-os ao cinema, levo-os a ver um museu, procuro que eles estejam bastante integrados na vida atual. Pergunto-lhes pela escola, portanto, mesmo quando não estou com eles ao fim de semana. Durante a semana falo com eles, como se sentem, como correu a escola no fim de cada período, como estão as notas, converso com eles, a minha neta que já tem catorze anos, é-me um pouco confidencial, portanto, fez-me bem esta adaptação aos netos” (Avó urbana 22).

“Portanto, veem para aqui, comem aqui, vou buscar a menina à escola, tenho-a aqui toda a tarde e compro-lhe coisas que eles precisam. Os pais felizmente podem comprar, estão a trabalhar, mas mesmo assim gosto sempre de auxiliar” (Avó urbana 24).

Verificamos que as avós urbanas à semelhança das avós rurais, tomam conta dos seus netos quando os pais não estão presentes. Esses cuidados também são semelhantes aos prestados pelas avós rurais aos seus netos, onde se incluem todos os cuidados de vida diários, nomeadamente a alimentação, higiene, conforto, vigilância e acompanhamento das crianças à escola.

Tal como as avós do contexto rural, as respostas das avós urbanas emanam satisfação e alegria na realização dos cuidados aos seus netos.

Sampaio (2008, p. 83), afirma o seguinte: “*Os avós mostram um amor incondicional, uma disponibilidade continuada e, acima de tudo, uma tranquilidade relacional baseada na experiência, tornando singular o seu relacionamento com os netos. Em muitas famílias, transforma-se numa ajuda providencial*”.

O mesmo autor refere ainda o seguinte: “*A ajuda parental à segunda geração é sempre muito mais do que uma simples prestação financeira, porque está carregada de afetividade*” (Ibidem, p.85).

Todas as avós entrevistadas referiram que cuidaram dos seus netos. Umas mais presentes, outras mais ausentes, mas todas parecem ter tido um papel importante junto das crianças e dos pais, tanto os avós de meio rural, como os de meio urbano.

5.1.2 – Onde as avós obtiveram conhecimentos para cuidar dos seus netos

Questionámos as avós querendo saber onde aprenderam a cuidar dos seus filhos e a cuidar de crianças.

Esta questão pretende avaliar a transmissão de saberes intergeracionais entre as avós e os seus familiares.

Quadro nº 4 – Quadro referente às fontes onde as avós rurais obtiveram conhecimentos para cuidar de crianças

TEMA	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Como as avós rurais aprenderam a cuidar de crianças	Mãe	19
		Aprendeu sozinha	4
		Profissionais de saúde	2

Pela leitura do quadro nº 4 e pela análise das entrevistas, verificamos que a maioria das avós rurais, (19), referiu que obtiveram conhecimentos para cuidar de crianças e dos seus filhos, através das suas mães. Algumas avós referiram ter aprendido

sozinhas, sem apoio de ninguém, (4) e apenas foi referido por 2 avós, os ensinamentos dos profissionais de saúde.

“Fui já desde que, desde que comecei a ser mulher. A minha mãe ensinou-me a isso, para poder um dia ser mulher, ter uma vida e fazer as coisas que ela me ensinou” (Avó rural 3).

“Não tive a ajuda da minha mãe. A minha mãe não estava cá. Era eu sozinha. Fui-me habituando. Os primeiros dias estive cá a minha mãe, era aquelas coisas que a gente tinha os filhos em casa e ela ajudava-me a dar banho ao bebé e tudo, mas depois fui eu que, fui indo e pronto. Era eu que cuidava, que os lavava, que os vestia, fazia a roupa e tudo, pronto” (Avó rural 6).

“Eu não aprendi com ninguém, pronto. Depois tive os meus filhos, o mais velho nasceu em Lisboa e depois lá é que me ensinaram, como é que a gente dava banho e como é que tratava deles e aprendi assim. Comecei a tratar deles, foi só assim que aprendi praticamente” (Avó rural 11).

“Eu acho que foi lá em casa da minha mãe, porque era um viveiro de rapazes lá em casa. Foram lá tantos criados. Eu cheguei a viver quando estava lá na loja. Olha se eu agora morresse o meu funeral era só acompanhado de rapazes pequenos, porque todos gostavam muito de mim. A minha mãe também gostava muito de crianças e então se calhar, foi lá em casa dela que eu comecei, que eu ganhei prática e depois à minha neta ainda era melhor. Foram os outros o Eugini, o Damien, a Celinha, o Jorge, tu e o teu irmão, também lá estiveram. Pronto estive sempre com crianças ao pé de mim” (Avó rural 17).

“Eu acho que aprendi com os meus pais. Com eles e depois por sua vez eu continuei com os meus filhos que dentro do possível, soube cuidar deles. Depois com os meus netos continuei e penso que cuido deles bem, mais ou menos bem” (Avó rural 21).

“Olha, aprendi a tomar conta dos mais novos porque eu é que tinha de tomar conta deles e tinha de me desenrascar. Ai mas eu tinha tanto medo que acontecesse alguma coisa. Graças a Deus não aconteceu nada” (Avó rural 24)

Verificamos pelos testemunhos apresentados, que as avós rurais aprenderam a cuidar de crianças com as suas mães. Nalguns casos, a tomar conta de outras crianças, apresentando já o peso da responsabilidade e por ultimo, algumas avós como não

tinham os pais presentes, foram aprendendo a cuidar sozinhas com os ensinamentos dos profissionais de saúde.

A transmissão de saberes intergeracionais entre mãe e filha dominam as unidades de registo.

Quadro nº 5 – Quadro referente às fontes onde as avós a urbanas obtiveram conhecimentos para cuidar de crianças

TEMA	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Como as avós urbanas aprenderam a cuidar de crianças	Aprenderam sozinhas	7
		Aprenderam com as mães	11
		Aprenderam com os avós	7

Pela leitura do quadro nº 5 e pela análise das entrevistas, verificamos que tal como nas avós rurais, as avós urbanas referiram em maior número, os saberes transmitidos pelas suas mães, (11), seguindo-se com igual número de referências, as avós que aprenderam sozinhas a cuidar de crianças e dos seus filhos, (7) e as que aprenderam com as suas avós, por terem tido um maior contato, de que resultou a transmissão de saberes intergeracionais entre avós e netas nestes casos.

“Quero dizer, possivelmente os cuidados que tiveram comigo, da minha mãe dos cuidados que a minha mãe teve comigo e do meu pai” (Avó urbana 3).

“Os meus avós, que eu até aos oito anos fui criada pela minha avó paterna. A partir daí ela ensinou-me e tive sempre a educação que eles me podiam dar e depois, os meus pais” (Avó urbana 7).

“Olhe, eu trabalhei e tenho muitas coisas com filhos, sobretudo os cuidados e senti-me na obrigação de ajudar os filhos. Foi porque também tive os pais que me ajudaram a criar. O meu pai ajudou. Ficava com a Carla quando era pequenina. Depois ficou com o meu Nuno quando era pequenino, porque o meu pai já estava

reformado e a minha mãe estava a trabalhar, eu estava a trabalhar e o meu marido, portanto, o meu pai tinha esse cuidado de mudar as fraldas, dar os biberons e ficou-me um bocadinho com eles. Depois eu acho que aprendemos connosco mesmas e com as nossas mães” (Avó urbana10).

“Foi a vida. Não, ajudou apenas à minha mais velha, que ela esteve cá só dois meses, foi embora fazer quatro anos para a Africa” (Avó urbana 13).

“São coisas que nós vamos aprendendo com os nossos filhos, não é? Aprendemos com as nossas mães e assim” (Avó urbana 15).

“Os meus pais. Lembro os meus avós, pais dos meus pais terem essa atenção connosco e sempre, os meus pais foram sempre muito presentes na vida, nas nossas vidas e nas vidas dos meus filhos. Portanto isto vem passando de geração, porque na minha família é assim desde o início, que é um momento de crença” (Avó urbana 20)

“Comigo própria, não tive ajuda de ninguém. (...) A minha mãe apenas o que me disse foi, ó filha não sejas má, não quero que lhe batas, manda-mos para casa que eu crio-os, mas não quero que lhe batas (risos) ” (Avó urbana 22).

“Já os meus avós. Eu fui criada aqui com eles nesta casa. Eram pessoas muito capazes, muito educadas. Devo muito à minha avó e ao meu avô, aos meus pais também, mas eu já herdei dos meus avós, que eram umas pessoas muito competentes” (Avó urbana 25).

Em relação às avós rurais, as avós urbanas tiveram como transmissores de saberes além das mães, as suas avós ou aprenderam sozinhas a cuidar dos seus filhos.

Não houve referência das avós urbanas aos ensinamentos dados pelos profissionais de saúde.

Os testemunhos vão de encontro ao referido por Ramos, (2012, p. 42) ao afirmar o seguinte: *“Os avós constituem a base do equilíbrio necessário entre o imaginário familiar e os laços de filiação, participando de uma forma consciente e inconsciente na construção psíquica dos netos e na transmissão, constituindo igualmente um apoio emocional, educativo e instrumental importante para os netos e para os pais”.*

Nos próximos dois quadros, quisemos analisar as diferenças entre o cuidar dos filhos e agora dos netos, pelas avós rurais e urbanas.

Quadro nº 6 – Quadro referente às diferenças entre o cuidar dos filhos e dos netos pelas avós rurais

TEMA	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Diferenças entre o cuidar dos filhos e dos netos, pelas avós rurais	Nenhuma diferença	12
		Iguais nalgumas coisas	9
		Mais permissivas como avós	16
		Mais disponibilidade	14

Pela leitura do quadro nº 6 e pela análise das entrevistas, verificamos que as avós rurais referiram em maior número, (16), serem mais permissivas com os seus netos do que foram com os seus filhos; 14 avós referiram terem mais disponibilidade para os seus netos do que tiveram para os seus filhos, 12 avós referiram não existirem diferenças nos cuidados intergeracionais prestados e 9 avós referiram que os cuidados prestados hoje aos seus netos eram iguais nalgumas coisas, como iremos verificar de seguida.

“Às vezes faço. A gente aos netos, tentamos ajudá-los e dar-lhe tudo e para os filhos a gente, sei lá, tínhamos menos paciência e eles não faziam o que eles queriam, e agora o rapaz chega aqui, dá-me conta das portas e dá-me conta das coisas e eu às vezes já nem quero saber nada disso. Já nem me quero chatear com isso e os meus filhos não faziam nada disso. O meu neto tem pai e mãe, não é, os meus filhos também têm pai e mãe e não vou agora dizer que gosto mais do meu neto, não. O amor é igual mas não faço distinção do meu neto para os meus filhos. Quando posso tanto dou aos meus filhos como dou ao meu neto, mas a vida está mudada e agora deixo o meu neto fazer mais coisas que os meus filhos” (Avó rural 3).

“Olha em tudo. Na maneira da gente tomar conta deles, dantes a gente trabalhava, agora estamos em casa, é diferente. Temos mais aquela vontade de estar com os netos. Eu hoje tenho mais, não é sentir, é, tenho mais aquela vontade no dia-a-

dia de estar com os netos. Antigamente a gente andava a trabalhar e só tinha aquele bocadinho porque iam para a ama. Só tinha aquele bocadinho para estar com eles e agora não, tenho mais tempo para estar com eles e sinto muito essa vontade” (Avó rural 7).

“Eu à minha filha, eu tratava dela e isso tudo, mas não tinha tanto vagar para lhe dar o carinho que dou agora aos meus netos. Aos meus netos agora o carinho é muito maior, eu não sei tratar deles sem os apaparicar. Vou tratar deles, sou eu que lhe dou o comer, eu vejo-os eu faço-lhes isso tudo e à minha filha nada disso foi igual. Há mais diferenças do que agora. A minha filha já comia mais o comer que a gente fizesse para a gente comer e eles já são mais diferentes. Não querem aquele comer porque a sopa já não comem, porque se for aquilo é que eu quero e já não quero isto e se tu não me deres isto, eu já não quero comer. Pronto é diferente, é sempre mais diferente agora deles” (Avó rural 10).

“Sei lá, eu, como é que eu hei-de dizer, dos netos talvez houvesse mais paciência, mais paciência. Sim a alimentação era diferente, porque quando o Paulo nasceu e o Emanuel, também já não era aquela alimentação que eu se calhar tive, já era uma alimentação que não lhe dava de tudo a comer. Aquilo que a gente comia era assim, aquelas sopas que a gente fazia mais temperadas para a gente, não fazia-mos para eles pois, já era diferente, já, já era um bocadinho diferente. Por exemplo, os meus dois mais velhos, eu vestia, eu fazia muitas coisas e a mãe era aquela pessoa que aceitava o que eu lhe fazia. (...) Para adormecer eu com os meus filhos era uma coisa que eu tive sempre, deitá-los cedo e com eles acontecia o mesmo. Com estes netos, já não acontece a mesma coisa mas com os mais velhos era assim” (Avó rural18).

“Pois a maneira de vestir não. Eu usei ainda era tudo fraldas de pano. Nunca tiveram fraldas de compra. Sujavam-se eu lavava-as e era assim. Tinha de ter bastantes. A alimentação, isso era igual porque o que se fazia dantes era fazer papas, banana, era sumo de laranja, fazia-se uma papa com a bolacha e pronto, era assim nesse género. A sopa também era mais ou menos como agora pois, fazia-se a sopinha com os legumes, passava-se com o triturador, com o passe-vite que é o que se usava nesse tempo” (Avó rural 21).

“Ah, olha, olha. Os meus comiam, agora estes. Bem agora eles comem bem, mas ela não. Eu acho que eles são um bocado esquisitos na comida. Bem o Miguel não é, o

Miguel até come de tudo, agora a minha Beatriz e a Cristiana, para comer sopa está quieto” (Avó rural 22).

“Dos meus filhos não achei muita diferença ó João. Porque já havia as vacinas, os iogurtes, o leitinho, aquelas papinhas. Nos meus filhos já havia e para a minha neta também. Se calhar agora não sei, mas não achei muita diferença dos meus filhos para a minha a neta” (avó rural 24).

“Olha, eu acho que não. Eu acho que não. Eu acho que é igual. Ensinava-os a estar, ensinava-os na escola, ensinava-os a comer, ensinava-os a estar em casa às horas certas, assim como faço aos meus netos, é a mesma coisa” (Avó rural 25).

Concluimos que em relação ao comportamento das avós rurais, estas hoje são mais pacientes e mais permissivas em relação aos netos. O fator facilitador dessa atitude, é a maior disponibilidade que têm como avós e que não tinham como mães. Em relação aos cuidados de vida diários, foram referidos alguns recursos que melhoraram relativamente as tarefas, por exemplo, as fraldas descartáveis. Existem algumas semelhanças e diferenças na alimentação, relativamente aos alimentos das crianças mais pequenas. A introdução de novos alimentos tem algumas diferenças, mas é referido o cuidado com a alimentação das crianças, distinguindo-a da dos adultos. Em relação ao vestuário, não existem diferenças notórias no período intergeracional.

Ferland (2006, p. 46) afirma o seguinte: *“Em grande parte do tempo de bom humor, são frequentemente mais transigentes do que os pais e a criança reage positivamente a uma tal atitude. (...) Geralmente a relação avó/neto estabelece-se, não sob o modo de conflito, mas sob o da convivência e da indulgência. Esta relação não se baseia no juízo crítico, mas antes no amor incondicional”.*

Salientamos que algumas avós, consideram iguais os cuidados que prestaram aos seus filhos e que agora prestam aos seus netos.

Apesar de algumas diferenças nos cuidados de vida diários às crianças, devido à existência de mais e melhores recursos, a relação afetiva, segundo as avós e a transmissão de afeto, parecem ter aumentado devido a uma maior disponibilidade e paciência, qualidades segundo referiram, mais ausentes nos seus filhos e agora mais presentes nos seus netos.

Iremos de seguida analisar as respostas das avós urbanas.

Quadro nº 7 – Quadro referente às diferenças entre o cuidar dos filhos e dos netos pelas avós urbanas.

TEMA	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Diferenças entre o cuidar dos filhos e dos netos pelas avós urbanas	Nenhuma diferença	9
		Mais disponibilidade para os netos	12
		Diferentes	16
		Mais condescendentes	6

Pela leitura do quadro nº 7 e pela análise das entrevistas, verificamos que a maioria das avós urbanas, (17), referiu que os cuidados que prestaram aos seus filhos, são diferentes dos cuidados que prestam aos seus netos. Essas diferenças foram identificadas como, uma maior disponibilidade hoje para os seus netos, (12) e também uma maior condescendência, (6). Algumas avós, (9), referiram não existir diferenças entre os cuidados prestados aos seus filhos e hoje aos seus netos.

“Quer dizer um bocadinho talvez, porque o tempo também era outro. Eu também fui mais criada com uma madrinha, depois foi a minha filha quando era pequenita tinha problemas de asma, depois o meu filho também teve problemas de convulsões, eu é que cuidava deles e o meu marido estava sempre presente mas ele estava a trabalhar, saía de manhã e eu é que ficava com eles” (Avó urbana 4).

“Não muito diferente, porque eu trato os meus netos tal e qual como tratei os meus filhos. Não há muita diferença só que a diferença que há é que eu de livre e espontânea vontade, há coisas que eu faço sozinha, mas dou sempre conhecimento aos meus filhos, porque acho que eles é que são os pais e eles é que têm a justificação final. Oh mãe pode fazer, oh mãe não há problema nenhum, mas há muita coisa que eu faço que depois nem os consulto, quando chegam digo. Olha, eu dei este medicamento ao menino, vi que o menino não estava bem, limpei o narizinho e essas coisas” (Avó urbana 7).

“Não. Eu sou um bocadinho, sou um bocadinho rígida. Gosto muito de brincar com eles e eles sabem disso. O Sebastião e a Matilde, eu sento-me no chão, deito-me no chão a brincar com eles, mas quando eu digo não, é assim, eu brinco, mas depois se logo a seguir se eu achar e sou mesmo assim, não sou uma avó antiga mas gosto do respeito, gosto de pedir, quando eu digo não é porque é não. Quando eu digo acabou é porque acabou. Não vou atrás daquela brincadeira, brinco mas mesmo com todos os netos, com o outro também, jogo à bola, brinco, vou para a rua, se for preciso deitar-me aqui no chão, andar ali na relva aos pontapés, se houver qualquer coisa que eu digo não, acabou, acabou mesmo, pronto. Gosto muito de brincar com eles, mas gosto que quando eu digo que tem um limite, o limite acabou. Com os meus filhos eu não tinha disponibilidade para este tipo de atividades não é, era diferente” (Avó urbana 10).

“São um bocadinho diferentes, portanto o papel dos pais é sempre diferente. Eu faço o mesmo com carinho, com o mesmo amor com que fazia aos meus filhos, não é? Gosto tanto delas como gosto dos pais. Eu faço-lhe essas coisas todas com muito amor e carinho e ainda lhe digo, gosto tanto delas como gosto dos pais” (Avó urbana 17).

“Um bocadinho, porque quando eu era mãe, eu fui ensinada para casar e ser dona de casa e mãe a tempo inteiro. Hoje as mães trabalham e lá está, a parte das avós que às vezes têm um papel mais ativo, porque os pais precisam de ajuda e com os tempos que vivemos, sempre é mais difícil para os pais e acho que os avós devem estar muito presentes e eu, estou muito presente na vida dos meus netos” (Avó urbana 20).

“Com a minha filha pronto, também tentei não lhe faltar com nada, nem com amor, nem com carinho nem com nada e eu com as netas é a mesma coisa. Eu até costumo dizer, tenho uma filha mas agora fiquei a ter cinco” (Avó urbana 22).

“São um bocado diferentes. Eu quando era mãe era mais exigente com os meus filhos. Também queria que eles andassem todos direitinhos e estava sempre a chamar à atenção. Agora, o senhor sabe que os avós só servem para passear os netos, embora nós damos bons conselhos. Não faças assim, não digas isso, pede desculpa àquela senhora, vai cumprimentar, isto é assim, são miúdos, não é? Mas somos muito mais condescendentes com os netos do que não fomos com os filhos, eu acho que sim e não sou só eu” (Avó urbana 24).

Algumas avós urbanas também consideram que os cuidados que prestam hoje aos seus netos, são diferentes daqueles que prestaram aos seus filhos, mas algumas

também referiram que não existem diferenças nesses cuidados no espaço intergeracional. Afirmaram ser mais condescendentes e mais disponíveis, permitindo alguns comportamentos aos seus netos que não permitiam aos seus filhos. Os resultados das avós urbanas são muito semelhantes aos resultados das avós rurais.

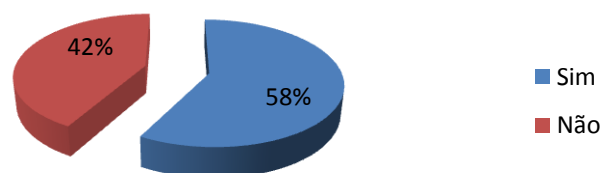
5.2 – SOLIDARIEDADE FAMILIAR, GÉNERO E INTERGERACIONALIDADE

Este subcapítulo, pretende analisar as ajudas familiares nos espaços intergeracionais, primeiro dos pais das avós para as avós e depois das avós aos seus filhos. Pretende também analisar as diferenças dessa solidariedade familiar no mesmo espaço intergeracional.

5.2.1 – Tipos de ajudas dos pais das avós

Questionámos as avós sobre se os seus pais ajudaram a cuidar dos seus filhos. Os resultados são apresentados nos gráficos seguintes.

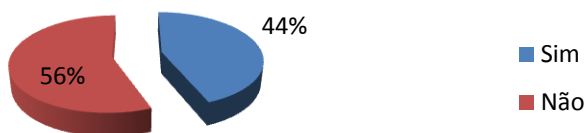
Gráfico nº 132 - Os pais das avós ajudaram ou não a cuidar dos seus filhos.



Verificou-se que 58% do total das avós inquiridas referiu que sim, ou seja, que os seus pais ajudaram a cuidar dos seus filhos e 42% referiu que não obtiveram ajuda por parte dos seus pais, no cuidar.

Iremos verificar se este equilíbrio se mantém no contexto rural e no contexto urbano em separado.

Gráfico n° 133 - Os pais das avós rurais ajudaram ou não a cuidar dos seus filhos.



No caso das avós que vivem em contexto rural, verificamos que há uma inversão em relação ao gráfico anterior que apresentava o total das avós, onde 56% das avós refere que não obtiveram qualquer ajuda no cuidar dos seus filhos, por parte dos seus pais, com 56%, enquanto 44% referiu que sim, que foram ajudadas pelos seus pais.

Gráfico n° 134 - Os pais das avós urbanas ajudaram ou não a cuidar dos seus filhos

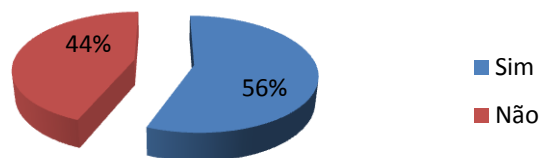


Verificamos que nas avós que vivem em contexto urbano, ao contrário do grupo anterior, os seus pais ajudaram a cuidar dos seus filhos, o que perfaz 72% dos participantes e 28% referiu que não obtiveram ajuda.

Segundo estes dados, podemos afirmar que no cuidar dos netos, os pais das avós urbanas eram mais participativos que os pais das avós rurais. No entanto, verificamos pela naturalidade das avós urbanas, que muitas nasceram em contexto rural, tendo posteriormente ido para contexto urbano em busca de emprego e de melhores recursos e qualidade de vida. Esta solidariedade familiar intergeracional pode ser consequência de uma primeira busca, por parte dos pais, de uma habitação melhor e com melhores condições, para mais tarde poderem habitar com os seus filhos, ficando estes, nesses períodos, ao cuidado dos avós.

De seguida questionámos as avós se tinham ou não sido cuidadas pelos seus avós.

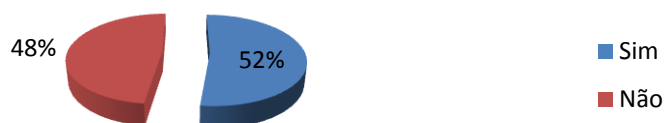
Gráfico n° 135 - As avós foram ou não cuidadas pelos seus avós



Regista-se que 56% das avós inquiridas referiu que sim, ou seja, que tinham sido cuidadas pelos seus avós e 44% referiu que não.

Iremos de seguida analisar as diferenças entre as avós que vivem em contexto rural e as que vivem em contexto urbano.

Gráfico n° 136 - As avós rurais foram ou não cuidadas pelos seus avós



Neste grupo verificamos um equilíbrio mais notório entre as duas respostas, ou seja, 52% referiu que sim, que foram cuidadas pelos seus avós e 48% referiu que não.

Gráfico n° 137 - As avós urbanas foram ou não cuidadas pelos seus avós



Verificamos que nas avós que vivem em contexto urbano, existe um maior desequilíbrio entre as duas respostas mas continua a prevalecer a resposta sim, com 60% das participantes a referirem ter sido cuidadas pelos avós e 40% referiram que não.

Podemos afirmar que os avós ajudaram a cuidar dos seus netos no período intergeracional indicado, ou seja, pelos avós das avós e pelos pais das avós.

Quadro nº 8 – Quadro referente ao tipo de ajudas dadas pelos pais das avós rurais

TEMA	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
RELAÇÕES FAMILIARES	Tipos de ajudas dadas pelos pais das avós rurais	Nenhuma	6
		Cuidar dos filhos	12
		Dar prendas aos netos	8
		Alimentação	17

Pela leitura do quadro nº 8 e pela análise das entrevistas, verificamos que a maioria das avós rurais, (17), recebeu ajudas dos seus pais na alimentação. Cuidar dos seus filhos foi referenciado por 12 avós e 8 referiram que os seus pais davam prendas aos seus filhos.

Apenas 6 avós rurais referiram que não receberam nenhuma ajuda por parte dos seus pais.

“Coitadinha, eu não tinha pai e a minha mãe estava lá em Valada, portanto eu não tive ajuda nenhuma. Às vezes o que tinha era só, quando ela cá vinha é que ela me ajudava nalguma coisa, de vez em quando” (Avó rural 1).

“Nenhumas, porque não podiam. A minha mãe não podia. A minha sogra ajudou, a minha sogra é que me ajudava. Vinha aqui a casa e tudo ajudar quando eu estava doente e ajudava-me. Estava aqui às vezes aos bocadinhos com ele e isso tudo. Chegava a dar prendas a ele, tanto a ele como à minha filha, isso dava. Agora ajudar-me a criar e ir para aqui ou ir para ali não. A minha mãe também estava nos Foros, também não podia fazer muito, mas havia sempre um pacotinho de bolachas, um chocolate para a minha filha” (Avó rural 3).

“Não porque eles estavam longe e o meu marido quando estava perto, tinha de tomar conta deles. Eu trabalhava e a minha mais velha, então eu trabalhei e tive de a trazer sempre atrás de mim, porque a minha mãe isso então, não queria tomar conta dela. Ela não ia trabalhar, mas não queria tomar conta da minha filha e a outra mais nova, eles estavam longe e então também nunca me deram apoio nenhum. Até nem no

inverno a minha mãe ma levava. Eu nunca tive nem uma mãe nem uma sogra que tomasse conta dela, da minha filha” (Avó rural 6).

“Olhe tudo. Desde eu andar a trabalhar e eles ficavam com eles, a nível do custo de vida e essas coisas. Hoje geralmente já não dão tanto a mim, dão mais aos netos, porque ainda oferecem” (Avó rural 9).

“Davam alguma coisa que tinham para comer. Hortaliças, cebolas, batatas, era assim coisas nesse género que eles ajudavam, pois” (Avó rural 11).

“Ah, a minha mãe olhe, não porque eu andei sempre a servir não é, mas depois quando vim para aqui, a minha mãe estava em Benavente, era raro. Era raro ela vir aqui. Umas vezes vinha, outras não vinha era conforme” (Avó rural 19).

“Olha filho, a minha mãe ajudava-me em tudo o que podia, tudo. Ela já vivia comigo, não é, já vivia comigo quando a minha irmã saiu. Então ela ajudava-me em tudo, mesmo economicamente lá da loja. Não podia dar dinheiro porque não tinha, mas da loja dava-me o que podia e assim eu estava lá com ela, por isso era de lá que ela me ajudava” (Avó rural 23).

“Tomar conta deles quando eu estava a trabalhar, dar os almoços, enquanto na hora do meu trabalho e do meu marido, quando eu chegava, eles vinham para casa. Pronto, era assim. Eu agora com os meus netos, talvez ajude mais, ajudo” (Avó rural 25).

Em relação às avós rurais, algumas não obtiveram ajuda dos seus pais, mas muitas delas foram ajudadas no cuidar dos seus filhos, em géneros alimentícios, prendas dos avós aos seus filhos, mas nenhuma mencionou ajudas económicas diretamente.

Neste período intergeracional, parece impor-se o ditado “casamentos, apartamentos”, significando esta frase, a autonomia e o afastamento dos jovens casais dos seus pais, nos aspetos económicos, pois os aspetos afetivos parecem permanecer intocáveis.

Também é dado ênfase à falta de recursos, especialmente económicos, por parte dos pais das avós, pelo que não podiam ajudar da mesma maneira, como as avós ajudam hoje os seus filhos e os seus netos.

No entanto, salientamos os registos de solidariedade familiar, especialmente quando as avós estavam presentes e viviam perto dos seus filhos.

Quadro nº 9 – Quadro referente ao tipo de ajudas dadas pelos pais das avós urbanas

TEMA	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
RELAÇÕES FAMILIARES	Tipos de ajudas dadas pelos pais das avós urbanas	Nenhuma ajuda	5
		Ajudas económicas	15
		Ajudaram a cuidar dos netos	18
		Vivia com os pais	2
		Ensinou a negociar	1

Pela leitura do quadro nº 9 e pela análise das entrevistas, verificamos que a maioria das avós urbanas, (18), referiu que os seus pais ajudaram a cuidar dos seus filhos. Foi referido por 15 avós que as ajudas que recebiam eram económicas, uma avó fez referência aos ensinamentos que a sua mãe lhe transmitiu em relação aos negócios, garantido assim a sua independência económica e 2 avós referiram viver na mesma habitação dos seus pais, daí a partilha diária de todas as tarefas e acontecimentos relativos à solidariedade familiar.

Apenas 5 avós urbanas referiram não ter obtido ajuda dos seus pais.

“Deram-me ajuda financeira. Deram alguma porque eram pobres e deram aquilo que podiam. Deram-me ajuda na educação, deram-me ajuda a cuidar deles, quando eu precisava, deram-me ajuda a ir pô-los e buscá-los à escola quando eu precisava, apesar de eu viver numa aldeia e eles viverem noutra, mas quando se reformaram aí davam uma ajuda maior” (Avó urbana 4).

“Criaram-me os filhos, partilhava a casa, portanto já era uma ajuda não é e partilhar a casa já não tinha aquela responsabilidade. A minha mãe fazia o comer e eu ia trabalhar a tempo inteiro. Saía de casa às oito horas e só chegava às sete, sete, oito horas e quando não tinha, era quase todos os dias, tinha os serões para fazer que era das vizinhas, portanto a minha mãe teria que ir buscar-me os filhos à creche. Quando era o infantário ia buscar à creche, quando era as escolas, era lá próximo, eles vinham para casa. Os meus pais é que os iam buscar, salvo a exceção, se estivessem doentes é

que eu tinha de ir busca-los de manhã, ia levá-los e à tarde os meus pais, ou o meu pai ou a minha mãe iam busca-los. Fazia-me o comer, fazia-me as coisas de casa, eu só tinha que ir ao sábado à praça abastecer, porque dantes era assim não é, ia-se à praça abastecer de peixe e de carne e metia tudo no frigorífico. Depois como eu costumava dizer às minhas colegas e elas diziam-me que eu era uma sortuda, eu nem sabia o que é que ia comer quando chegava a casa, não sabia se era peixe, se era ovos, se era carne, porque eu só tinha o trabalho de por as coisas em casa, a minha mãe é que decidia. Às vezes perguntava-me, ó Maria Júlia o que é que eu hei-de fazer? Ó mãe qualquer coisa, ó mãe, o que a mãe fizer está bem feito. Portanto tive essa facilidade graças a Deus e por isso é que eu também sinto que devo fazer, porque tive essa felicidade de o ter e também a minha vida permite, não é, de fazer essas coisas aos filhos. Mas tive muita ajuda de facto, em termos de educação dos netos, ajudá-los a criar e facilitar-me a vida porque eu sempre, enquanto os meus pais foram vivos, a minha mãe, tive sempre esse privilégio. Até porque eu costumo dizer, eu depois tive que ser costureira, cozinheira à força porque eu tinha sempre a papinha feita, chegava a casa tinha o almoço feito, tinha o jantar feito. Eu cheguei, eles iam almoçar a casa na escola e eu estava a trabalhar, não ia a casa almoçar. Eu estava a trabalhar e eu com a minha mãe é que tínhamos a responsabilidade de ter o comer feito, ou o comer para eles fazerem. Quando a minha mãe trabalhava ainda e o meu pai já estava reformado, era o meu pai que fazia o comer para eles, ou para quando os seus netos chegassem a casa comessem e irem para a escola, portanto, senti esse privilégio graças a Deus” (Avó urbana 10).

“Olha principalmente a cuidar desta mais velha. Deram-me tudo o que era preciso, tudo o que era preciso porque eu também não tinha experiência nenhuma. Eu se ia trabalhar, eles ficavam com ela em casa, o que já foi bom, não é” (Avó urbana 13).

“Portanto, os meus pais monetariamente não me podiam dar muita ajuda porque não tinham, não é? Mas aquilo que eles cultivavam ou que colhiam, tinha em casa. Produtos como azeite, matavam porcos, davam, batatas, cebolas, pronto, quando nós ia-mos lá, porque nós estamos a trezentos quilómetros de distância, não é? E do que colhiam daquelas coisas todas, pronto, quando lá ia-mos, trazia-mos sempre. Gostavam muito que nós trouxéssemos. Estavam sempre a guardar, quando havia um

miminho assim mais coiso, estavam sempre a guardar se lá fôssemos, pronto e para os netos também, é assim” (Avó urbana 15).

“Os meus pais deram-me ajuda monetária, deram-me ajuda em palavras, em ações, como cuidar dos meus filhos, ajudaram-me com a experiência que eles tinham, era das ajudas muito importantes para mim” (Avó urbana 19).

“A ajuda principal que a minha mãe me deu, ela pôs-me a trabalhar logo em muito pequena e a ganhar dinheiro para mim, para eu não precisar dela e isso tem sido uma coisa muito boa ao longo de toda a minha vida, porque a minha mãe era sozinha a trabalhar, a ganhar dinheiro. O meu pai não ganhava, mas também eu era filha única. Eu queria ir para a costura, ainda lá andei um tempinho, pouco, mas depois a minha mãe achava que eu na costura não ganhava para mim, para me manter. Ela queria que eu me mantivesse a mim própria, porque ela queria angariar dinheiro para comprar uma casa, tinha aquela ilusão. Queria e comprou uma casa e queria que eu trabalhasse e eu trabalhava para mim, nunca trabalhei para a minha mãe. Eu ia com ela vender peixe muito pequena e ela dava-me uma caixa de peixe. Toma lá, custa tanto. O que crescer é para ti e orientar-me o dinheiro, que era para guardar para quando eu precisar de comprar as coisas que fossem precisas e foram esses ensinamentos que a minha mãe me deu” (avó urbana 20).

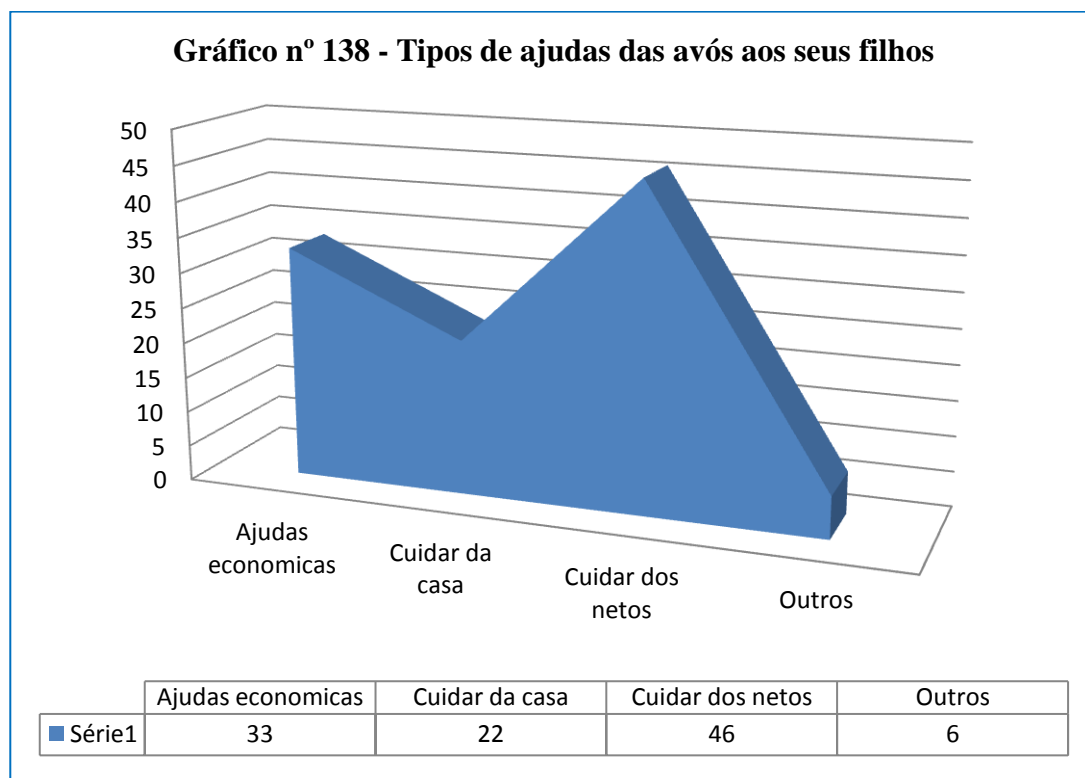
“Nenhuma a respeito de ajudar a filha, a criar a filha nenhuma. Lá está, porque ele estava longe e eu estava cá, porque ajudas eu não tive de ninguém, fui eu própria”. (Avó urbana 22).

Verificamos que existem algumas diferenças entre as avós urbanas e as avós rurais apesar dos cuidados aos netos e as ajudas económicas prevalecerem como as mais referenciadas. Uma avó referiu que a ajuda que obteve foi aprender a ser independente e a negociar.

Fernandes, (2001, p.11) conclui o seguinte: “ *As trocas intergeracionais continuam a ser um aspeto primordial das relações familiares nas sociedades modernas e pós-modernas. O conteúdo e a intensidade, o sentido dos fluxos são alguns dos aspetos a considerar na reconstituição das relações entre as gerações. De modo geral, as trocas concretizam-se em torno do domínio afetivo, da ajuda doméstica e financeira, da guarda das crianças e dos cuidados gerais em caso de doença ou incapacidade”.*

5.2.2 – Tipos de ajudas das avós aos seus filhos

Questionámos as avós em relação às ajudas que davam aos seus filhos e os resultados vão ser apresentados nos gráficos seguintes:



Verificamos que o tipo de ajuda mais referenciado foi o cuidar dos netos com 46 respostas, seguindo-se as ajudas económicas com 33 respostas e depois o cuidar da casa com 22 respostas. O item “*outros*” obteve 6 respostas que correspondem a 4 avós que referiram ajudar com alimentos e 2 avós que referiram ajudar com géneros, roupa ou calçado.

Neste gráfico, estão incluídas todas as avós que vivem em contexto rural e urbano devido à semelhança das respostas dos dois grupos.

Iremos analisar de seguida, as entrevistas realizadas às avós, fazendo uma abordagem qualitativa para esta questão.

Quadro nº 10 – Quadro referente às ajudas das avós aos seus filhos

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
RELAÇÕES FAMILIARES	Ajudas das avós rurais aos seus filhos	Ajudas económicas	20
		Tarefas domésticas	12
		Alimentação	18
	Ajudas das avós urbanas aos seus filhos	Todas as ajudas	15
		Roupa	7
		Ajudas económicas	18

Pela leitura do quadro nº 10 e pela análise das entrevistas, verificamos que a maioria das avós rurais, (20), referiu que as ajudas que davam aos seus filhos eram ajudas económicas. As ajudas na alimentação foram mencionadas por 18 avós rurais e as ajudas nas tarefas domésticas, foram mencionadas por 12 avós rurais.

Quanto ao grupo das avós urbanas, foi referido por 18 avós que ajudavam economicamente os seus filhos, 15 avós referiram dar todas as ajudas que fossem necessárias e 7 avós referiram que davam roupa e outros acessórios de vestuário aos seus filhos e aos seus netos.

“Não, eles é que sabem da vida deles. Quando é assim por exemplo, como agora ela está aqui e eu ajudo. Vou lá a casa e lavo a roupa, faço-lhe um comer para ela comer cá todos os dias, porque ela não pode comer aqui e lavo a roupa da menina, lavo a roupa do menino, faço a vida toda. Agora por exemplo ela vai daqui, amanhã ou no outro dia, se for preciso vou lá, faço o que tenho a fazer, mas depois ela faz a vidinha dela e eu faço a minha” (Avó rural 1).

“Olha às vezes dinheiro quando ela não tem dinheiro e quando ela precisa de comer, diz que não tem comer, a gente vai e vamos ali ao supermercado, aviamo-nos e damos-lhe de comer. Dinheiro também não lhe posso dar muito porque também não tenho, mas na casa, a tratar das roupas dela, das coisas dela. Ainda ontem deixei-lhe a casa impecável, já é bom. Ela daqui a bocado chega a casa é só tomar banho e deitar

porque já está tudo feito, ou fazer o jantar para ela e para o marido. O jantar do filho até já vai feito hoje” (Avó rural 3).

“Tudo. Olha o Emanuel ganha mal. A mãe não pode dar muito porque também não tem, eu também não tenho uma reforma grande e aquilo que tenho, estamos sempre à espera de coisas para pagar ainda da fábrica, de todas essas coisas que nos aconteceram. Dou aquilo que posso dar” (Avó rural 6).

“Falta-lhes a eles dinheiro e que eu tenha dinheiro é dinheiro que eu lhes dou. Só se for preciso de comer, tanto vou comprar, mesmo agora que ele me visse, ele ontem não tinha leite e eu tinha que lhe ir buscar para ele beber. Se ele pelo menos, eles não é tanto, mas se os meninos passassem fome, porque não tinham dinheiro porque os patrões, pelo menos ela, porque não tem tido trabalho e que não tem estado empregada, agora ele tem emprego e o patrão nunca lhe paga o ordenado, nem que eu tirasse da minha boca para lhes dar de comer” (Avó rural 8).

“Não, praticamente dou alguma coisa que eu aqui arranjo, ou assim. Se eu tenho alguma coisa divido com eles, pronto. Alguma coisa da horta, algumas galinhas, ou isto ou aquilo. É só o que tenho assim mais nada” (Avó rural 14).

“A alimentação, uma sopinha e tal, o que puder. Roupa para ele e para os netos, de vez em quando, não é sempre não é e mesmo para ele também” (Avó rural 19).

“Olha filho dou-lhes de comer todos os dias. Dou de comer a eles todos os dias, a eles todos. Ao João Paulo, à Ana Lúcia. Pelo menos o almoço ou às vezes, todos os dias, dei isto até eles casarem, à neta, e depois não vem só a neta, vêm as amigas da neta. Ainda há bocado estavam ali duas a lanchar. Ó avó a gente vai lanchar. Está bem filha vai lanchar. Quer dizer, eu tento ajudar, mas também tento apoiá-los quando eles têm algum problema, quando, nas minhas fracas posses dou o que tenho, mas tento ajudá-los” (Avó rural 23).

“Que ajudas é que dou? Eu como digo, as ajudas é nós estarmos presentes e ajudá-los e ouvi-los e perguntar se estão bem, se estão mal e se for preciso, lá está, monetariamente se for preciso. Se nós pudermos porque nós também não podemos, não é, já somos os dois reformados, mas eu se eu puder, eu, principalmente se precisarem de uns sapatos, de umas calças, ah eu não olho para trás, eu dou. Estou lá e estou

sempre atenta a isso, se têm ou não têm a comida e a roupa, principalmente nos mais novos. Estou muito, muito atenta a isso” (Avó rural 25).

Concluimos que as ajudas das avós rurais aos seus filhos são enormes. Ajudas económicas, alimentação, vestuário, cuidados infantis, as avós acabam por ser essenciais nas atividades diárias familiares.

Em relação às avós urbanas, iremos ilustrar as unidades de registo encontradas.

“Que tipo de ajudas? O que é que eu posso dar aos meus filhos? Ajudo na altura das aulas, enquanto posso. Agora com estes cortes não sei o que é que me vai acontecer, mas sempre que começam as aulas, eu gosto de dar um envelopezinho para a ajuda dos livros. Eu dou-lhes sempre tudo quanto posso. É preciso comprar os livros, comprar não sei quê, não dou assim quantidades grandes, é mesmo, não, mas se for preciso, na altura das férias, na altura do Natal, que há sempre, havia, não é, havia, havia, (risos), agora eu não posso dizer que há, havia, se era preciso um frigorífico, eu ajudava assim, dava-lhe ou uma televisão. É assim, muitas coisas, tantas coisas, a um e a outro” (Avó urbana 10).

“Hoje a ajuda que lhes posso dar, dos meus netos é a parte pessoal, embora monetária. Lógico se eles gostam disto ou daquilo, tudo o que eu puder, eu compro, ensinando sempre que as coisas não se querem para já. Foi assim que me ensinaram. É ter mais uma vez a frase da minha mãe que a gente dizia. Mãe, nós vimos umas calças à boca-de-sino. Portanto, naquela idade, ou uma blusa e a minha mãe dizia: está bem, quando a mãe puder a mãe vai comprar e eu e a minha irmã mais nova, que temos cinco anos de diferença, a minha mãe daí a uma hora podia dizer. Meninas, vamos às compras e nós dizíamos, mas a mãe disse: quando? Quando a mãe puder, pode ser daqui a uma hora e eu fiz sempre isso com os meus filhos e graças a Deus, também aos meus netos e isso é muito importante para mim” (Avó urbana 21).

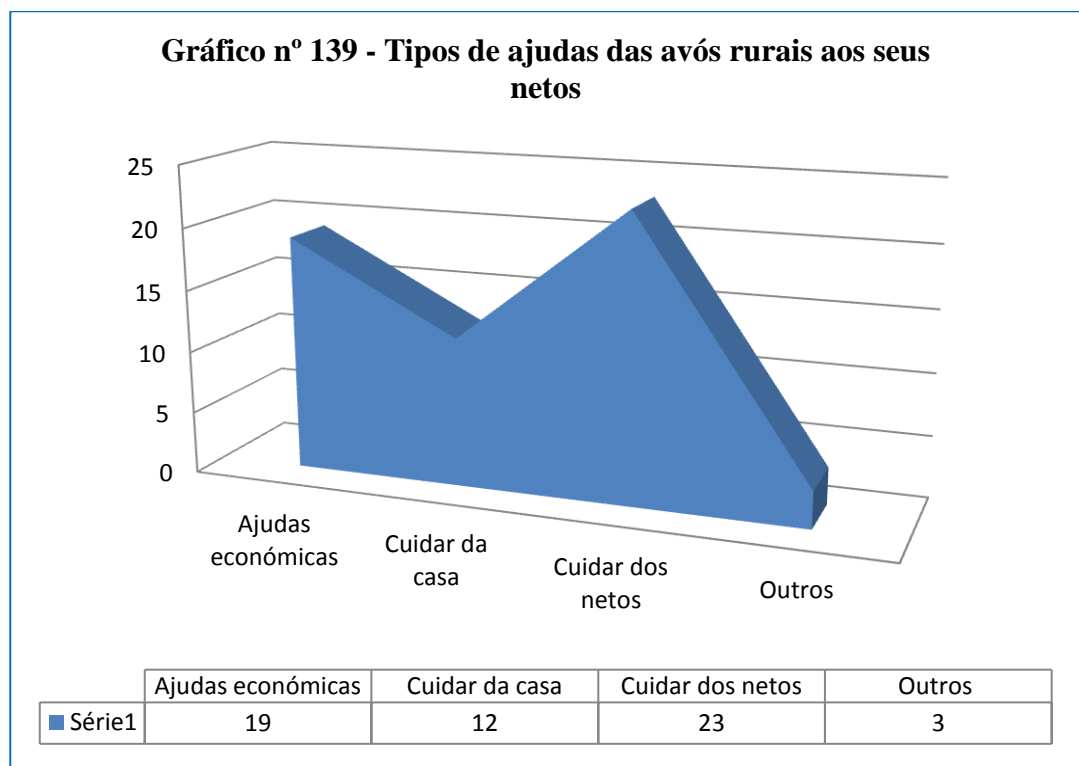
“ Em tudo, na casa, com a filha, na roupa, em tudo naquilo que eu posso, em tudo” (Avó urbana 22).

Quando questionámos esta avó sobre o reconhecimento dessa ajuda, a resposta foi: *“Eu penso que sim, eu penso que sim, só ela é que pode responder se reconhece, não sei. Não digo que haja uns que reconheçam mais do que outros, mas, (risos) isso agora”.* (Avó urbana 22).

As ajudas das avós urbanas aos seus filhos são similares às ajudas das avós rurais, exceto os cuidados à casa dos filhos que não foi mencionado pelas avós urbanas.

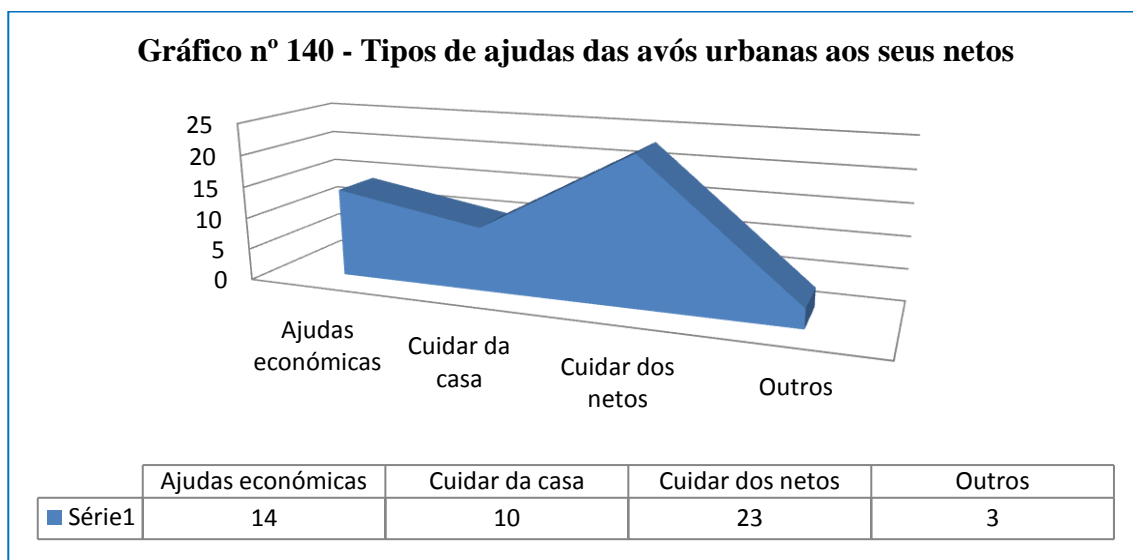
Os dados qualitativos sobre as ajudas das avós aos seus filhos, obtidos nas entrevistas, estão sobreponíveis aos dados quantitativos ilustrados pelo gráfico nº 138, apesar dessas ajudas estarem mais detalhadas nas entrevistas.

Salientamos também o facto de existir alguma apreensão, por parte dos avós, em relação à crise económica que o nosso país atravessa e o impacto que poderá ter nas ajudas das avós, especialmente no futuro.



Verificamos que nas avós que vivem em contexto rural, a ajuda mais mencionada é o cuidar dos seus netos com 23 respostas, seguindo-se as ajudas económicas com 19 respostas e por ultimo o cuidar da casa com 12 respostas. Na resposta “*outros*”, duas avós referiram que ajudavam os seus netos com alimentação e uma avó referiu que ajudava o seu neto dando-lhe vestuário e calçado.

Gráfico nº 140 - Tipos de ajudas das avós urbanas aos seus netos



Nas avós que vivem em contexto urbano, verificámos que o cuidar dos netos continua a ser a ajuda mais mencionada com 23 respostas, seguindo-se as ajudas económicas com 14 respostas e o cuidar da casa com 10 respostas. Na resposta “*outros*”, duas avós referiram ajudar também com alimentos e uma avó referiu ajudar com roupa e outros acessórios.

5.2.3 – Diferença intergeracional do papel de avó

Analisaremos de seguida as diferenças do papel das avós, no espaço intergeracional situado entre os pais das avós e as avós. A abordagem foi efetuada, tendo em conta os diferentes contextos, urbano e rural.

Quadro nº 11 – Quadro referente à diferença intergeracional do papel das avós rurais

TEMA	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
RELAÇÕES FAMILIARES	Diferença intergeracional do papel das avós rurais	Papel igual	18
		Hoje é mais importante	7

Pela leitura do quadro nº 11, verificamos que a maioria das avós rurais, (18), referiu que não existem diferenças nos papéis das avós no espaço intergeracional, no entanto, 7 avós que vivem neste contexto, referiram que o seu papel de avó hoje, é mais importante do que o dos seus pais.

“Era igual. Era a mesma coisa. Ela quando soube que tinha outro bisneto, ela todos os dias, não mora ao pé de mim, mas ela todos os dias, todos os dias, quando abala daqui, está sempre a telefonar. Como é que está o menino, como é que não está o menino. Tem sempre essa preocupação. E mesmo ela diz, sentia amor pelas filhas, mas os netos, hoje parece que tem mais” (Avó rural 1).

“Não, era igual, até era muito engraçado. A minha mãe quando cá estava, os meus filhos quando entravam em casa, nunca chamavam pela mãe, chamavam sempre era pela avó” (Avó rural 5).

“Não sei, não faço ideia. No princípio, sei lá, lá isso pronto, ela era muito comichosa a fazer aquilo que podia aos netos, os que estavam lá perto dela mas acho que é igual, acho que não mudou” (Avó rural 8).

“Ai eu, mais ou menos. Bem ajudo mais os meus do que o que ela me ajudou a mim, lá isso é verdade” (Avó rural 11).

“Não, eu acho que não. Bem a minha Ana Lúcia adorava a avó e o meu João Paulo também. Esta não demonstra gostar muito de mim, mas eu sei que gosta. Eu ainda ontem fui ao médico por causa daquilo e ela, assim que veio da explicação disse logo ao pai, vou já telefonar à avó a ver o que é que médico disse, por isso, é assim mais despegada, mas eu sei que ela gosta de mim. Acho que não houve assim muita diferença. Tanto faz eu como a minha mãe, a minha mãe com os meus filhos e eu com a minha neta era-mos, somos muito unidos estás a perceber, muito mesmo” (Avó rural 23).

“Eu acho que sim, porque a vida é outra. Eu, possivelmente não precisei monetariamente tanto dos meus pais porque a vida era diferente, mas hoje, principalmente a filha mais nova, precisa que eu a ajude mais do que os meus pais me ajudaram” (Avó rural 25).

Segundo os registos das avós rurais, o papel das avós no espaço intergeracional é maioritariamente igual. As desigualdades são provocadas pela melhoria dos recursos

das avós de hoje e por isso, podem considerar que o seu papel é mais ativo na contemporaneidade.

Quadro nº 12 – Quadro referente à diferença intergeracional do papel das avós urbanas

TEMA	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
RELAÇÕES FAMILIARES	Diferença intergeracional do papel das avós urbanas	Mais dedicadas	14
		Avós mais presentes hoje	12
		Mesmo papel	6

Pela leitura do quadro nº 12 e pela análise das entrevistas, foi referido por 14 avós urbanas que hoje, as avós são mais dedicadas e 12 referiram que estão mais presentes junto dos seus filhos e netos. Foi referido por 6 avós urbanas que o papel intergeracional das avós é o mesmo e não sofreu alterações.

“Acho que as avós têm sempre, como é que eu hei-de explicar, têm sempre valor, têm sempre um valor de cuidar dos netos, de olhar por eles, têm sempre os netos no “gasgalho”, (garganta), falando à portuguesa” (Avó urbana 3).

“ Não. Era igual, eu aprendi com ela, era igual” (Avó urbana 6).

“Não. Acho que a geração era diferente na altura, apesar de os meus pais serem muito meigos para os netos. No caso do meu pai só conheceu duas netas, mas da minha mãe, eles eram muito meigos para os miúdos e tudo. Mas eu estou mais presente atualmente do que eles estavam, porque eu estou ao pé dela e eles estavam a trezentos quilómetros de distância, não é? Claro que era diferente. Depois quando a minha mãe estava connosco, já estava todos os dias com eles, pois já lhe fazia tudo e pronto era muito meiga com eles, gostavam muito da avó e tudo” (Avó urbana 12).

“Portanto, quando no papel da minha mãe que era a avó dos meus filhos, eu tinha, digamos, as mães era muito jovens e não tínhamos tanta, não é bem experiência, digamos, não tanto tato em determinadas situações que as nossas mães têm, porque já passaram. Acho que a vida é que nos ensina em muita coisa no dia-a-dia, em tudo o que

se passa e portanto, a minha mãe foi muito importante, porque se eu tivesse uma dívida qualquer, eu sabia que ela estava ali e tinha sempre a palavra certa quando eu precisava e portanto, o facto das avós no papel de hoje são importantes de maneira diferente, porquê? Porque os pais estão muito ocupados e são as avós por vezes que têm que dar o apoio. Na casa dos meus dois netos, sou eu e a minha comadre, apesar de nos meus netos, a minha filha e o meu genro fazem o possível para estarem presentes. Os meus netos em relação ao pai, o pai diz, está dito, eles estão mais crescidos, agora ele, adotou uma postura, não lhe fazemos queixas, nós contamos com eles, eles têm que saber quais são as regras. Nisso contou o meu papel. Isso conta quando estou com os meus netos. Eu tenho total responsabilidade como se fossem os meus filhos. É um pouco mais de preocupação, porque nos meus filhos, eu é que mando, eu é que decido. Os meus netos apesar de eu tomar a decisão, estão sempre, sei lá, alguma coisa que possa, ou que os jovens hoje revoltam-se com facilidade e que possa criar alguma coisa, a minha neta entende que sou um pouco da cumplicidade dela, não é que a minha filha não, mas é assim, o meu genro tem um emprego por conta própria que lhe rouba muito tempo, mas os meus netos têm bastante respeito pelo pai, pela mãe e pelos avós. Por isso acho que é um papel muito importante sim, que temos tido um acompanhamento o mais juntos possível” (Avó urbana 20).

“Ai como avós eram todas dedicadas aos netos, ai Jesus, se eram, eram muito, muito. Tanto para os filhos, mas eu acho que eram mais para os netos do que para os próprios filhos, até o meu pai”. (Avó urbana 22).

Verificamos que também as avós urbanas, referem que hoje têm um papel mais ativo no cuidar e educação dos seus netos que tinham os seus pais, apesar de reconhecerem a importância das interações dos seus pais com os seus filhos e da dedicação, que apresentavam às crianças.

5.2.4 – Importância das avós na família quando eram jovens mães

Nesta análise, pretendemos dar visibilidade ao papel da mulher na família, identificando os múltiplos papéis do género feminino no cuidar e na gestão familiares.

Quadro nº 13 – Quadro referente ao papel das avós rurais na família, quando eram mães jovens

TEMA	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
RELAÇÕES FAMILIARES	Papel das avós rurais na família quando eram mães jovens	Domésticas	8
		Trabalhadoras e domésticas	17

Pela leitura do quadro nº 13 e pela análise das entrevistas, verificamos que a maioria das avós rurais, (17), trabalhavam e realizavam as tarefas domésticas em simultâneo e 8 avós rurais, referiram que quando eram jovens mães, não trabalhavam e dedicavam-se exclusivamente a cuidar dos seus filhos e das tarefas domésticas.

“Tinha de fazer tudo em casa. Limpava, lavava, tomava conta dos filhos. Na educação é que eramos os dois. Era eu mais o meu marido, mas ele, por exemplo, o meu marido hoje, convive mais, como já está na pré-reforma, vive mais o crescimento dos netos cá em casa, do que antigamente os filhos, porque saía de manhã e entrava à noite e outras vezes tinha noites que entrava no sábado, o trabalho dele chegava às duas ou às três da manhã e quando chegava, já o menino estava a dormir. Era um tempo diferente. Só tinha uma coisa, se fosse preciso ir com o menino ao hospital ou ao médico, ou outra coisa qualquer, isso em primeiro lugar estava o filho” (Avó rural 1).

“Tinha de fazer isso. Tratar das minhas filhas, lavá-las, dar-lhe banho e dar-lhe lá o jantar e o almoço. Se fosse a hora de almoço se ela viesse almoçar a casa, tinha de lhe dar o almoço e levá-la. Se tivesse que a levar comigo, tinha que à hora de almoço lhe dar de comer a ela e ir trabalhar” (Avó rural 5).

“Pois, era tratar da casa e era os filhos e ter sempre o comer a horas quando o marido chegava a casa, que ainda hoje ao meio dia e meia hora, está lá o almoço na mesa” (Avó rural 10).

“Então, olhe, ainda ia para o campo, nunca tinha trabalhado no campo, foi a primeira vez que eu trabalhei no campo, foi quando vim cá para Salvaterra. Pronto e depois estive aqui no, havia aqui um aviário nisto do Pamplona, depois dali é que vim aqui para a minha patroa e tenho estado até lá hoje, até hoje, já quase há trinta anos.

Os meus filhos ficavam com a minha sogra e eu quando chegava, é que ia fazer as coisas da casa e ficar com eles” (Avó rural 17).

“Um dia era assim, pronto, quando me levantava, não era, se eles iam para a escola levantava-os para irem para a escola não é. Quando andavam na escola iam para a escola. A minha mãe ia, era assim, era conforme, se me levantava, se podia, se eu precisava de ficar um bocadinho mais em casa, ia a minha mãe abrir a loja e assim eu ficava a despachar as coisas. Eles depois iam para a escola ou para a creche, ou assim, não era e depois eu estava na loja, depois eu atendia as pessoas, fazia o almoço, fazia o jantar, depois, era assim, era tudo. (risos) ” (Avó rural 22).

“Sim, trabalhei sempre, desde os meus dezassete anos. Casei e depois tive os meus filhos e continuei sempre a trabalhar, sempre. Trabalhava de noite, quando era preciso trabalhar de noite. Quando era preciso, trabalhava de dia e o meu marido tomava conta deles durante a noite. Sim fazia, fazia tudo e preocupava-me com eles bastante” (Avó rural 25).

As avós rurais entrevistadas trabalhavam e cuidavam das tarefas domésticas ao mesmo tempo. Algumas avós, especialmente com mais idade, não trabalharam quando tinham os filhos pequenos e por isso eram domésticas. Salientamos o facto de não referirem nesta pergunta as ajudas dos esposos. Estas apenas foram referidas quando perguntámos diretamente, que tipo de ajudas é que os esposos davam às avós.

Quadro nº 14 – Quadro referente ao papel das avós urbanas na família, quando eram mães jovens

TEMA	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
RELAÇÕES FAMILIARES	Papel das avós urbanas na família quando eram mães jovens	Papel multifacetado	9
		Não sabe explicar	1
		Trabalhava e cuidava da família	8
		Doméstica	7

Pela leitura do quadro nº 14 e pela análise das entrevistas, o papel multifacetado da mulher foi referenciado por 9 avós urbanas e 8 referiram acumular o trabalho e os cuidados familiares, referindo o seu papel de trabalhadoras e domésticas ao mesmo tempo. O trabalho doméstico exclusivo, foi referenciado por 7 avós e apenas uma avó referiu não saber explicar, mesmo depois de a pergunta ter sido reformulada durante a entrevista.

“Não lhe sei explicar isso” (Avó urbana2).

“Sim. Sempre trabalhei. Era importante, era chegar a casa, tratar dos filhos, tratar da casa, tentar organizar a minha vida pessoal dos meus filhos, dar atenção ao meu marido porque isto tudo é preciso e entre os dois, sempre conseguimos desempenhar as nossas funções como pais” (Avó urbana 5).

Era, quer dizer, eu era uma pessoa em casa. O meu marido trabalhava mas pronto, os homens hoje são mais, partilham mais a casa, ajudam as mulheres. Naquele tempo, há quarenta anos, era aquela coisa, o homem trabalha e põe o dinheiro em casa e a mulher é que gere a casa e faz as coisas. O meu pai, até eu chegava a dizer que estranhava o meu pai, porque o meu pai foi sempre muito daquele tipo, não era machista mas era, o homem era homem, a mulher é que carregava e então eu estranhei quando ele foi avô e ficou em casa. Eu estranhei como é que ele mudava as fraldas aos netos, e dava os biberons, e dava a papa. Tudo o que era impensável ele ter feito aos filhos, fez depois aos netos. Ele em casa, pois eu tinha que sair de manhã para ir trabalhar, porque é como eu digo, tinha dois filhos, o marido estava na tropa quando casei, portanto era só o meu ordenado, era a Carla e o marido, depois foi para o Ultramar eu ainda tinha de trabalhar para, quando estive em Lisboa, para poder facilitar a vida também para ele. Eu habituei-me a ser muito independente, porque eu trabalhava para poder ajudar. Assim o núcleo estava em volta de mim, pois, é tratar dos filhos, é tratar do marido, enquanto ele não trabalhou, porque ele depois veio de África, teve em África na tropa, foi quando acabou a independência, pois quando chegou cá, estive desempregado e eu grávida do segundo filho e eu, foi assim um bocadinho complicado, até que foi assim, não digo supermulher, mas tive que trabalhar assim umas horinhas extras a mais, para poder fazer frente a isso tudo. E enfim, recebi, pelo menos” (Avó urbana 10).

“Toda a gente diz hoje que trabalha muitas horas e eu então, se fosse a contar as horas de trabalho já fazia um jejum de milhões de horas. Começávamos às seis da manhã, acabávamos à meia-noite, uma hora, conforme. Mas isto era todos os dias, não era agora, hoje é hoje, era todos os dias do ano. Nem feriados, esses dias eram os piores” (Avó urbana 16).

É assim. Quando era mãe, quando eu era jovem, fui criada e principalmente na minha família, só os homens é que estudavam. Nós éramos da classe média, só os homens é que estudavam, as mulheres podiam estudar para serem professoras ou educadoras de infância, porque eu sou das netas mais novas, as minhas primas mais velhas nem sequer isso. Éramos para ter uma família, ser esposa e mãe. Eu fiz esse papel até o meu filho ter três anos. Sempre me disseram para continuar a estudar para ser educadora de infância, mas eu nunca quis continuar a estudar. Foi opção minha, não é que os meus pais não quisessem, mas eu não queria. Depois os tempos evoluíram, a mulher começou a trabalhar, portanto é muito importante a ligação entre mãe e filha e a relação entre os filhos e os avós. Acho que hoje em dia, está-se a perder na sociedade esse valor, o que é o respeito. Os meus filhos ficavam encantados com as coisas que eles contavam, do tempo em que eu era jovem. Eu às vezes brincava com eles, fui preparada para ser dona de casa nunca para trabalhar. Os tempos mudaram e eu tinha o meu filho com três anos, quando me empreguei” (Avó urbana 20).

“Trabalhei sempre. Tinha de fazer tudo. Era trabalhar, era cuidar da filha, era levantar-me cedo e deixá-la a dormir, porque era porteira para fazer a minha vida, enquanto ela estava na camita e fazia tudo, era trabalhar e tudo, eu era a porteira do prédio, fiz tudo”. (Avó urbana 22).

Pudemos concluir que as avós quando eram jovens mães, tinham um papel muito importante como cuidadoras, gestoras e muitas trabalhavam. Algumas avós urbanas também foram domésticas e algumas nunca trabalhavam e outras, não trabalharam apenas quando tinham os filhos pequenos, voltando a trabalhar com eles mais crescidos.

O trabalho doméstico ainda era predominantemente feminino no tempo das avós, estando incluídos os cuidados infantis.

Kientz, (1983, p.100), afirma o seguinte: *“Situação difícil, em que a mãe tem de se partilhar, ao ser confrontada com esta equação cujo enunciado é aparentemente simples, mas que nunca está completamente resolvida: ser mãe, criar os seus filhos e*

trabalhar profissionalmente. É importante lembrar, naturalmente que, para resolver a equação, se pedirá muitas vezes ajuda à avó”.

O papel multifacetado da mulher, foi ilustrado pelas unidades de registo das avós de ambos os contextos, rural e urbano, apesar de algumas avós terem referido que os seus pais não ajudaram, ou ajudaram menos que agora.

5.2.5 – Recursos das avós quando eram jovens mães

Que recursos existiam quando as avós eram jovens? Nesta análise, além de identificar os recursos, ou a falta deles em relação à contemporaneidade, pretendemos também dar visibilidade às dificuldades e ao modo de vida nesse período de tempo.

Quadro nº 15 – Quadro referente aos recursos das avós rurais quando eram jovens mães

TEMA	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
RELAÇÕES FAMILIARES	Recursos das avós rurais quando eram jovens	Inexistência de eletricidade	6
		Recursos iguais aos de hoje	7
		Mais recursos hoje	17
		Inexistência de água canalizada	4

Pela leitura do quadro nº 15 e pela análise das entrevistas, verificamos que a maioria das avós rurais, (17), refere que hoje existem mais recursos do que existiam quando eram jovens mães, mas 7 avós referem que os recursos são iguais no período intergeracional. Foi referido por 6 avós rurais, a inexistência de eletricidade quando eram jovens mães e a inexistência de água canalizada por 4 avós.

“Foram criados dentro de uma casa normal, com as condições todas como hoje” (Avó rural 1).

“Não, agora há mais recursos, além de nessa altura, as pessoas não serem talvez tão exigentes como são agora, está a perceber? A gente contentava-se com aquilo que tinha” (Avó rural 5).

“Eu acho que as pessoas agora são mais ajudadas. Uma mãe só não faz à filha o que não pode e as nossas mães antigamente, não queriam saber disso. Por isso, elas são mais ajudadas. Elas se não tiverem uma máquina, a gente tinha de lavar numa pedra e elas agora têm uma máquina de lavar. Se elas não tiverem, a gente vai comprar e vamos ajudá-las a comprar e isso, para elas se poderem governar e não andarem a penar o que a gente andou a penar” (Avó rural 8).

“Tinha, agora na minha mãe não. Ainda tinha de ir à fonte buscar água e ir lá lavar. Dantes havia uns tanques para lavar a roupa, era onde a gente ia lavar a roupa” (Avó rural 17).

“Ainda não tinha luz, a gente tinha era a luz do candeeiro a petróleo” (avó rural 20).

“No meu princípio de casada, eu passados nove meses tive o João e no meu princípio de casada, eu não tinha máquina. Pronto os tempos eram outros, não havia máquina de lavar, não havia televisão, mas depois mais tarde, fui adquirindo isso tudo e passados uns aninhos tinha. Tinha mais ou menos o que era preciso para a casa funcionar” (Avó rural 25).

Verificamos que nas avós rurais, existem mais recursos na contemporaneidade. Recursos que ajudam essencialmente nas tarefas domésticas e no lazer.

As dificuldades económicas iniciais, próprias de um jovem casal, não permitiam a aquisição de ajudas mais modernas para as tarefas domésticas. Muitas zonas mais remotas, ainda não dispunham de obras de saneamento básico e as pessoas tinham de contornar essas limitações.

Com a melhoria da qualidade de vida e ao longo do tempo, as avós, ou seja, os casais, iam adquirindo essas ajudas técnicas que hoje são consideradas imprescindíveis para o dia-a-dia funcionar. A esperança de um futuro melhor foi ilustrada pela avó rural 8, ao referir *“...não andarem a penar o que a gente andou a penar”*, demonstrando a dificuldade existente na realização de algumas tarefas manualmente, normalmente sujeitas às intempéries climáticas, hoje feitas no conforto do lar.

Quadro nº 16 – Quadro referente aos recursos das avós urbanas quando eram jovens mães

TEMA	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
RELAÇÕES FAMILIARES	Recursos das avós urbanas quando eram jovens mães	Inexistência de máquina de lavar roupa	8
		Mesmos recursos hoje	7
		Inexistência de água canalizada	13
		Inexistência de eletricidade	13

Pela leitura do quadro nº 16 e pela análise das entrevistas, verificamos que foi referido por 13 avós urbanas não terem água canalizada nem energia elétrica quando eram jovens mães, o que lhes dificultava as tarefas domésticas. A máquina de lavar roupa veio facilitar o trabalho doméstico e a inexistência deste eletrodoméstico, foi referido por 8 avós. Algumas avós urbanas, (7) referiram existir os mesmos recursos neste espaço intergeracional.

“Os recursos não eram muitos. Uma vida simples. Não se passava mal. Nessa altura não havia aquelas coisas nas casas de banho como há hoje, era tudo diferente, mas, fazia-mos a higiene como era preciso” (Avó urbana 5).

“Tinha tudo. Água, esgotos, cuidados de higiene, sempre tive tudo” (Avó urbana 8).

“Não tinha, não. Quando eu era miúda, tinha que andar a palmilhar assim uma distanciazinha para ir a um chafariz buscar os garrações. Não tínhamos água canalizada, era uma casa da camara, mas foi o meu pai que a construiu toda, era toda em pedra. Havia aquilo que se chamava as barracas, que eram todas construídas em madeira. A minha era toda construída em pedra, mas tinha um quintal grande. Foi o meu pai que a construiu, que era num terreno camarário e então não tínhamos água,

não tínhamos luz, isto há sessenta anos, não é, então eu tinha que ir a uma distância grande buscar a água” (Avó urbana 10).

“Quando estive cá antes de ir para Moçambique não. Queria água tinha-mos de a acartar, maravilha. Luz era ou petróleo ou azeite não havia mais nada” (Avó urbana 16).

“Na casa dos meus pais, de início na aldeia onde eu morava, não havia luz quando eu era pequena. Depois, maior, já havia. Nem havia água canalizada, nem esgotos, era num meio rural. Depois antes de casar, já havia a luz e agora já há água canalizada. Lá agora já há essas coisas” (Avó urbana 19).

“Tinha. Quando vim morar para esta casa, esta casa já tinha tudo isso. Aliás muitas casas da Nazaré já tinham tudo, só aquelas casas mais pequenas que só se vivia lá no verão, algumas é que não tinham. Não tinham casas de banho, não tinha. Quem morava só no verão, havia umas cabanas com umas casinhas de banho, que tinha um esgoto com água mas não era casa de banho. Agora até isso já acabou, mas nós sempre tivemos sempre” (Avó urbana 21).

“Tinha água e luz mas quando nasceu a minha filha, não tinha máquina de lavar, só tive máquina de lavar quando ela tinha aí uns cinco aninhos; tinha de lavar num tanquesinho, era tudo”. (Avó urbana 22).

“É assim, na casa dos meus pais, que é uma casa que o meu avô construiu, uma casa muito antiga, sou dos tempos em que havia aquelas banheiras enormes, uns chuveiros pendurados no teto em que se punha lá água quente e fria. Sempre tivemos esse privilégio, talvez por a minha família ser mais ou menos abonada. O meu pai quando casou levou o dote dele, nunca trabalhou para ninguém, era um agricultor abastado. Sempre teve gente a trabalhar para ele, ele nunca trabalhou para ninguém. Sempre foi uma pessoa que deu as ordens e nós tivemos esse privilégio, ter todos a cuidar de nós. Todas essas pequenas coisas que pareciam que não era importantes, mas que nós tínhamos e graças a ele, sempre tivemos, mas conheci pessoas muito pobres” (Avó urbana 23).

Concluimos que muitas avós urbanas, tal como muitas rurais, não tinham os recursos que têm hoje, como água canalizada e energia elétrica. Apesar da melhoria dos recursos, as avós urbanas com menos idade, referiram ter já todos os recursos que têm hoje, quando eram jovens mães. Também temos de salientar o facto de muitas das avós

urbanas, terem vivido em zonas rurais e terem-se deslocado mais tarde para as zonas urbanas, em busca de melhor qualidade de vida.

A avó urbana 23 salienta na sua unidade de registo, as diferenças de recursos mais notórias nas pessoas economicamente mais desfavorecidas, o que não sendo o seu caso, não deixou de observar e comentar.

5.2.6 – Diferença intergeracional dos cuidados aos mais idosos

Ao elaborarmos esta questão, pretendíamos saber se a união familiar e a convivência intergeracional, era mais notória na geração anterior do que agora na contemporaneidade.

A necessidade de institucionalização das pessoas idosas é um drama nos dias de hoje, devido à indisponibilidade familiar dos cuidadores informais. Iremos analisar as respostas das avós em relação a esta problemática.

Quadro nº 17 – Quadro referente aos cuidados prestados às pessoas mais idosas no tempo dos pais das avós rurais

TEMA	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
RELAÇÕES FAMILIARES	Como eram cuidadas as pessoas mais idosas, no tempo dos pais das avós rurais	Estavam com a família	17
		Algumas ainda trabalhavam	8

Pela leitura do quadro nº 17 e pela análise das entrevistas, verificamos que a maioria das avós rurais, (17), referiu que quando eram jovens, as pessoas mais idosas estavam com a família e eram ajudadas pelos vários elementos. O facto de algumas pessoas idosas, ainda trabalharem apesar da idade, foi referido por 8 avós.

“Ainda tínhamos os filhos pequenos e já tínhamos o pai do meu marido muito doente. A gente ia lá todos os domingos e fazia-lhe tudo o que podia a ele. Levava-mos a comida, tratava da passarada, lavava a roupa, já o ajudávamos assim nesse sentido.

Depois foram os meus, mais tarde, já os meus filhos eram maiores. Também ainda cuidámos da minha mãe. Andaram depois pelas nossas casas. Iam ficando em casa de cada filho” (Avó rural 2).

“Ah, por exemplo, a minha mãe cosia e era costureira. Havia pessoas mais velhas, umas que andavam no campo, outras pessoas que faziam dias e iam trabalhar a dias. A minha mãe trabalhava em casa porque era costureira. Por exemplo, a minha avó lavava roupa para fora. Olha a minha avó lavava roupa para fora ia para o Tejo e pronto. Era uma pessoa velha mas até era uma pessoa cheia de genica e fazia uma vida mais aberta do que agora. As pessoas agora por tudo falam, as pessoas agora, só porque, está bem que há televisão e naquela altura não. As pessoas chegavam à tarde até se encontravam todas à porta a conversar, era assim, era um meio pequeno “ (Avó rural 5).

“Não. Ficavam em casa com os filhos. Os filhos é que tomavam conta das mães e tomavam conta dos pais, não é como agora. Agora são reformados, têm a reforma e isso assim, mas põem-nos no lar com o dinheiro deles e com o dinheiro que dão. A gente antigamente não era assim. A minha avó morreu em casa da minha mãe e o meu avô também e a minha mãe é que tratou deles, sempre. Nunca foram para sítios nenhuns. Deixava-se de trabalhar, tinha só o ordenado do meu pai e ela é que tomava conta deles, e dava-lhe o tratamento, lavava-os, tratava deles na cama, fazia tudo que agora fazem eles no lar” (Avó rural 17).

“A minha avó esteve sempre com a gente, mesmo quando eu era solteira. A minha avó não. Graças a Deus não. Nem a minha avó nem a minha mãe” (Avó rural 19).

“Olha João eu já tenho falado nisso. Eu acho que sim. Eu acho que sim e eu já tenho falado nisso. É assim, os idosos não saíam da casa deles para nada, ficavam ali. Conheci inclusivamente uma tia minha que andava uma semana em casa de um filho, outra semana em casa de outro filho, outra semana em casa de outro filho e era assim que os idosos andavam. Dali do seio da família não saíam, pronto e era assim que os idosos estavam. O último filho, eu acho por aquilo que eu conheci à minha volta, o ultimo filho, ficava sempre em casa do idoso quando casava. Ficava lá, pronto e o idoso estava sempre protegido, dali não saía e ali estava até morrer. Muitas vezes morriam acamados e muitas vezes pronto, hoje a medicina é diferente, mas naquela

altura havia os AVC's e nem se sabia o que era não é? Oh, era uma coisa que lhe dava, e eles ficavam ali acamadinhos e ali morriam, mas limpinhos, arranjadinhos e no quentinho da casa deles. Assisti muito a isso. Assisti à minha, próximo de mim. Assisti, inclusivamente ao meu avô, que nunca viveu assim muito perto de mim, mas quando veio para o pé dos filhos, como tinha cinco filhos e já era viúvo, andava assim, limpinho, muito arranjadinho, quer dizer, permaneceu sempre em casa de um filho, mas ia muita vez almoçar ou jantar a casa dos outros filhos e pronto, dali não saiam e a família era assim muito unida, muito junta e muito unida” Avó rural 25)

No grupo das avós rurais, verificamos que as pessoas idosas não eram institucionalizadas e esse medo prevalece um pouco nos relatos obtidos.

Quadro nº 18 – Quadro referente aos cuidados prestados às pessoas mais idosas no tempo dos pais das avós urbanas

TEMA	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
RELAÇÕES FAMILIARES	Como eram cuidadas as pessoas mais idosas, no tempo dos pais das avós urbanas	Famílias mais unidas	3
		Viviam com poucos recursos	12
		Viviam mal	3
		Viviam integrados na família	7

Pela leitura do quadro nº 18 e pela análise das entrevistas, foi referenciado por 12 avós urbanas os poucos recursos económicos das pessoas mais idosas. A integração das pessoas mais velhas na família, foi referenciado por 7 avós e 3 avós referiram que quando eram jovens, a família era mais unida, mas o mesmo número de avós referiu que as pessoas idosas vivam mal, com dificuldades e poucos recursos.

“Os meus avós, viviam à luz do petróleo, não havia luz elétrica, não havia ferros elétricos era tudo a carvão e a lenha, não havia nada de esquentadores e nada dessas coisas. Era a braseira e comia-se da hortazita, que se plantava” (Avó urbana 8).

“Os meus pais sempre viveram com água e esgotos, sempre tiveram condições. Eu acho que elas vivem mais ou menos bem, dentro dos possíveis delas, das suas possibilidades. Eram gente pobre, gente que viviam do trabalho, do seu dia-a-dia, mas dentro das suas possibilidades viviam bem” (Avó urbana 11).

“Mal. Viviam mal. O pouco que tinham se fosse hoje, toda a gente é rica, toda a gente estraga. Naquele tempo tinha que se poupar e mesmo assim, não chegava onde havia de chegar. Era muito diferente do que é hoje. Hoje toda a gente é rica, qualquer cachopo hoje tem cinco euros no bolso. A gente para ter cinco tostões. Eu ainda sou do tempo em que se ganhava dez escudos a trabalhar durante o dia de sol a sol. Se fosse hoje devia de ser uma rica coisa. Hoje qualquer cachopo, qualquer pessoa ganha cinco euros à hora, quando se ganha num dia mais do que a gente ganhava num mês. Depois ainda dizem que está mau, pois está, está mau porque eles ganham vinte e destroem trinta e cinquenta, por isso é que está mau” (Avó urbana 16).

“Viviam como eu descrevi. Não tinham água em casa, tinham de ir buscar às fontes, tinham que lavar a roupa à mão, não havia máquina, não havia eletricidade. Lá, pronto, as pessoas viviam no campo, trabalhavam no campo, por vezes tinham que levar os filhos com elas porque tinham que ir trabalhar, que era o caso dos meus pais. Nós com dois anos ou três anos, já andávamos atrás dos meus pais no campo. Eles a trabalhar e nós com eles, porque não tinham onde nós ficarmos, porque não havia lá creche, não havia essas coisas. Nós tínhamos que ir com eles, tinham que nos levar, não é? E as pessoas tinham que fazer, vinham do campo, porque tinham que fazer o comer, tinham que lavar a roupa, tinham que ir buscar água para beber, para lavar as coisas em casa, para tudo, essas coisas todas” (Avó urbana 20).

“ Eu talvez acho que sim, que eram mais unidas do que são agora. Eu ainda sou muito agarrada à família, mas eu acho que sim, que são mais independentes, não é como era bem antigamente, quando nós fomos criados” (Avó urbana 22).

“Viviam completamente integradas na família. O meu avô António era um ancião. Era uma pessoa, como é que eu hei-de dizer, dentro da família a palavra dele eram palavras sábias. O meu avô António, o pai do meu pai, ele tinha quatro filhos, depois teve a minha tia e a palavra dele toda a gente ouvia, eram palavras muito sábias. O pai da minha mãe, o meu avô Manuel, também. Sempre integrados na família, faleceram lá na casa do meu avô António, com a minha mãe e minhas tias sempre

presentes. O meu avô Manuel já faleceu em casa dos meus pais, porque a minha mãe tinha duas irmãs que faleceram antes. A minha avó Teresa tinha o meu padrinho que era o filho, o irmão mais novo da minha mãe e já foi a minha mãe, que criou o meu padrinho e que lhe fez o casamento. Portanto, o meu avô António passou a viver também na nossa casa e a minha mãe cuidou sempre dele, até à hora da morte” (Avó urbana 21).

Verificamos que as avós urbanas descrevem as condições austeras e difíceis em que viviam os seus pais, ao contrário das avós rurais que deram mais ênfase à unidade familiar. Algumas avós urbanas também referiram o facto das pessoas mais velhas viverem integradas na família, nunca sendo mencionada a institucionalização das pessoas mais idosas.

Meneses, (2012, p.28) afirma o seguinte: *“Por tradição, os idosos, o mesmo é dizer, os avós, são muitas vezes identificados como um grupo de doentes e de acamados, que aguarda, e que até quase anseia, pelo termo da existência, dado o peso insuportável da dor e do sacrifício. De facto, nas sociedades cheias de jovens, como eram as nossas comunidades de outrora, os velhos equivaliam a uma minoria social, talvez que a pender para o inútil, porque já improdutiva, mesmo após uma vida de canseiras e de realizações”.*

A institucionalização das pessoas idosas hoje, ao contrário das gerações anteriores, deve-se ao facto da indisponibilidade da mulher, como cuidadora das crianças e dos idosos, porque trabalha e porque como assalariada, não consegue conciliar todas essas tarefas.

5.3 – CUIDADOS TRADICIONAIS PRESTADOS ÀS CRIANÇAS PELAS AVÓS.

Por vezes, a falta de recursos levava a que as pessoas utilizassem algumas práticas, no cuidar da saúde dos seus familiares incluindo as crianças. Alguns de eficácia duvidosa, outros que já foram abandonados pelos riscos e pelo descrédito da sua eficácia, mas ainda são utilizados alguns, que apesar dos médicos não os aconselharem, continuam a ser praticados pela crença de que fazem bem e são eficazes no problema de saúde.

Nalguns casos, a própria ciência estuda a eficácia de alguns métodos ancestrais utilizados, tentando explicar a sua eficácia/ineficácia e fazendo o estudo benefício/custo tão em voga nos dias de hoje.

Alguns pediatras aceitam algumas destas práticas e mezinhas, sabendo o benefício de algumas ou utilizando-as como placebos, muitas vezes para sossegar os ânimos dos avós, se bem que no estudo anterior realizado por Rodrigues, (2008), sobre práticas e saberes das avós no cuidar dos netos, verificou-se que as avós cumpriam quase escrupulosamente todas as recomendações médicas, com receio de que fossem responsáveis por alguma ocorrência anormal, no processo de doença dos seus netos.

Mas quanto aos cuidados de vida diários das crianças, a maioria das avós fazia-se valer da sua prática e experiência e faziam-na prevalecer sobre as suas filhas e estas, acabavam por aceitá-las quando verificavam a sua eficácia.

Algunas dessas práticas tradicionais misturavam também as crenças religiosas e eram acompanhadas de rezas.

Lopes, (2012, p. 156), afirma o seguinte: *“O uso de recursos vegetais é tão antigo como a humanidade. Desde muito cedo, a espécie humana soube retirar do meio, produtos ou bens, que contribuíssem para o seu bem-estar físico e ou espiritual”*.

Dias, (2005), cita um estudo realizado por Braga numa comunidade rural, em que as pessoas utilizam diferentes recursos para se cuidar: a “biomédica”, a “tradicional” com produtos “caseiros” e as pessoas distinguem as doenças que são de médico e as que não são de médico.

O autocuidado, segundo essa comunidade, distinguia a categoria da doença como natural ou como influência de divindades e bruxarias.

Ainda Dias, (2005), cita Amaral que afirma que a coexistência de diferentes medicinas, todas elas interessadas em aliviar o sofrimento provocado pela doença, remete para diferentes interpretações culturais do corpo e da doença.

Iremos analisar de seguida as práticas tradicionais que as avós prestaram aos seus filhos, aos seus netos e as que foram prestadas pelos seus pais.

Quadro nº 19 - Quadro referente aos cuidados tradicionais prestados pelas avós rurais aos seus filhos

TEMA	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Cuidados tradicionais prestados pelas avós rurais aos seus filhos	Xarope de cenoura	16
		Xarope com mel	15
		Chás	19
		Papas de linhaça	5
		Papel pardo e azeite quente	7
		Tintura de iodo	6
		Mel	19
		Limão com açúcar	7
		Massagem com azeite	16
		Água de malvas	9
		Panos encarnados para o sarampo	5
		Fio na testa para os soluços	6
		Xarope de piteira	6
		Nenhum	2

Verificamos no quadro nº 18 que dos cuidados tradicionais que as avós rurais prestaram aos seus filhos, é mais referenciada a utilização de chás de plantas e do mel, com 19 unidades de registo. Também são muito referenciadas as utilizações do xarope de cenoura, dos xaropes com mel, a infusão de malvas e xaropes de gato. Como meios físicos, podemos salientar a massagem com azeite, papas de linhaça aplicadas na região torácica, papel pardo com azeite e tintura de iodo. Como meios coadjuvantes para alívio dos sintomas das doenças, salientamos os panos vermelhos, em que as crianças com sarampo eram envolvidas e o fio de cobertor na testa, para parar os soluços. Apenas 2 avós rurais referiram não ter utilizado nenhum cuidado tradicional aos seus filhos.

“Isso não. Isso assim para cuidar deles já não. Ia ao médico. Quando era preciso, lá ia ao médico” (Avó rural 2).

“Por exemplo, quem era o médico do Paulo era o doutor Marçal e o Paulo sofreu muito de otites, tinha muitas constipações. O que ele mandava pôr era papas de linhaça. Papas de linhaça era o que ele mandava pôr. Quando era nos ouvidos era assim, pôr coisas não havia cá antibióticos” (Avó rural 5).

“Os meus filhos era o azeite quente direto. Quando lhes doía a garganta, era o azeite morno em cima do papel pardo e era um lencinho de flanela apertado no pescoço. Era um risquinho muito ao de leve de tintura de iodo, como é que eu hei-de dizer, assim com uma percentagem pouca de tintura e um bocadinho de álcool, ou água, para fazer uns risquinhos no peito assim em xadrez por causa da tosse” (Avó rural 21).

“ O azeitezinho quente (...). No peitinho, no narizinho, na barriguinha quando tinham dores na barriga, isso pronto era e aquele xaropezinho com a cenourazinha com açúcar amarelo. Se tinha comichãozinha, a minha Ana Lúcia tinha muita, tinha lombrigas, tinha muita comichão e então, eu lavava-a com água das malvas, não sei se fazia bem se fazia mal, mas era assim, pronto”. (Avó rural 14).

Fotografia nº 4 – Malvas “*Malva Silvestri*”



A água de Malvas era utilizada como anti-inflamatória e cicatrizante nas inflamações cutâneas. Fazia-se uma infusão fervendo as folhas verdes e utilizando de seguida aplicando cataplasmas sobre as zonas afetadas.

Acreditava-se, que a utilização de panos vermelhos para embrulhar as crianças e a utilização de cortinas vermelhas para tornar o ambiente o mais avermelhado possível, ajudava a curar o sarampo.

“Quando tiveram sarampo era meter coisas encarnadas., O Zé teve, não foi? Olha punha aí tudo encarnado para passar o sarampo, (risos). (...) Esfregava assim no soluço para ver (risos) uma coisinha assim na testa encarnada para passar. O que é que querem. Ai pois é, hoje também se faz, há pessoas que não fazem isso, mas eu faço”. (Avó rural 7).

“A gente embrulhava assim numa coisa, num cobertor vermelho é que a gente os enrolava com o sarampo. Enrolávamo-los e depois ali estavam três dias enrolados naquele, a gente chamava-lhe uma saia de baeta. Era sempre o que a gente procurava era sempre uma saia de baeta, que era para enrolá-los e eles estavam sempre enrolados naquilo, que era para o sarampo sair. Ao fim de três dias, o sarampo abalava porque eles não tinham nada dentro, com eles, saia no vermelho da saia daquilo da baeta”. (Avó rural 4).

A baeta é um tecido têxtil geralmente de lã pesada e grossa que para curar o sarampo tinha de ser de cor vermelha.

Além da cenoura, para a realização dos chamados lambedores, há a referência de outra planta, a que as pessoas chamam de piteira e que é um cato da espécie *“Opuntia Ficus Indica”* e segundo os botânicos, foram plantas introduzidas na Europa pelos navegadores Espanhóis, pois estas plantas são nativas da América, especialmente do México e outros países Latino-Americanos.

Esta espécie está a ser introduzida em Portugal, como cultura devido aos seus frutos que são comercializados nas grandes superfícies. Os habitantes da ilha da madeira são muito apreciadores destes frutos, que se chamam tabaibos.

Segundo os relatos das avós, penduravam-se as folhas e aplicavam-se vários golpes na superfície, deixando escorrer a seiva para dentro de um recipiente que já continha açúcar, de preferência açúcar “amarelo”.

Esta planta como retém muita água nos seus segmentos, facilitava a confeção do xarope, que muito rapidamente escorria e fazia assim um xarope eficaz, como fluidificante de secreções e para a tosse das crianças.

Fotografia nº 5 – *Opuntia Ficus Indica* (Piteira)



Começaram a ser introduzidas plantações desta planta no Alentejo, devido ao seu crescente valor comercial e devido à sua ação anti erosiva nas zonas semidesérticas.

“Então a gente ia agora à farmácia comprar remédios para isso? A gente fazia os xaropes, ou fazíamos daquelas piteiras que a gente punha, tirava-mos os picos e depois espalhávamo-las todas com açúcar, dentro de um prato e aquilo ia escorrendo aquele molho que era o que a gente dava de xarope para eles tomarem. Havia a cenoura, que agora, ainda agora andam a fazer, já há pessoas que fazem. As cenouras, a gente debulhava as cenouras, cortava-as às rodelazinhas e punha-as dentro do prato com o açúcar e era o que a gente dava a eles. Fazíamos o chá do limão com o açúcar ou com o mel e a gente dava também às crianças mais pequeninas. Agora é que não, agora é tudo os médicos, agora vai tudo ao médico e vai-se à farmácia. Vai-se aos médicos, ah, isso não se pode dar porque é assim ou porque é assado e a gente dantes, era o que a gente fazia aos nossos filhos.” (Avó rural 4).

O mel, o limão e os chás feitos com a casca deste fruto, pertencem aos cuidados tradicionais, ainda hoje muito utilizados como complemento aos medicamentos farmacêuticos.

Os chamados *lambedores*, ou seja, xaropes feitos com plantas e açúcar, continuam a ser um complemento largamente utilizado e também divulgado em blogs

na internet. Basta procurar no motor de busca Google, “xarope de cenoura” e disfrutar de receitas e comentários sobre a sua eficácia.

Lopes, (2012, p.156) afirma o seguinte: *“Apesar de nas últimas décadas do século XX o êxodo rural dos povos ocidentais ter quase esvaziado de populações humanas, os espaços rurais, nem por isso deixou de aumentar o consumo humano de plantas silvestres ou espontâneas. (...) Quanto a estas, o cabaz da oferta no mercado é cada vez mais vasto; proliferam as ervanárias com variados produtos de fitoterapia, aromoterapia, etc.”*

Também as pessoas sabem que muitos medicamentos têm os seus princípios ativos oriundos de plantas, tal como a aspirina, cujo ácido acetilsalicílico era extraído do salgueiro, ou a beladona, onde eram extraídas substâncias utilizadas em cardiologia, nomeadamente digitálicos.

Quadro nº 20 - Quadro referente aos cuidados tradicionais prestados pelas avós urbanas aos seus filhos

TEMA	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Cuidados tradicionais prestados pelas avós urbanas aos seus filhos	Nenhum	4
		Xarope de cenoura	6
		Leite com limão e mel	4
		Cobertor vermelho no sarampo	2
		Massagem abdominal	6
		Voltar o bucho	2
		Talo de couve com azeite	8
		Xarope de nabo	2
		Xarope de agrião	1
		Gemada	6
		Adormecimento	2

Verificamos no quadro nº 20, que as avós urbanas referem em menor número a utilização de práticas tradicionais em relação às avós rurais, no entanto, salientamos a utilização do talo de couve com azeite, (8), para estimulação rectal em casos de obstipação dos bebés, a utilização de xaropes de plantas, especialmente de cenoura, (6), agrião, (1) e nabo, (2) e o leite com mel e limão, (4) e as gemadas, (6). Como meios físicos, a utilização dos cobertores e roupas vermelhas nas crianças com sarampo, (2) e uma prática tradicional suis-generis denominada “voltar o bucho” ou “bucho volto”, (2). Foi feita referência ao adormecimento, (2), como uma prática tradicional de cuidados infantis. Neste grupo das avós urbanas, 4 referiram não ter prestado cuidados tradicionais aos seus filhos.

“Quando os meus eram pequenos, havia aquela coisa de no sarampo vesti-los de encarnado. O Victor nunca teve sarampo. A Telma teve sarampo vinte e quatro horas. Apareceu-lhe aquilo, era o pijama encarnado, era o cobertor que eu tinha também encarnado, era tudo, a cachopa estava toda encarnada. Eu fui ao médico na Africa do Sul, com a cachopa toda encarnada metida num cobertor e tudo encarnado, o médico chamou-me maluca. Disse-me logo que isto era só portugueses. Só os portugueses é que se prestavam para estes papéis. Foi assim mesmo. Então deu-lhe uma vacina e no outro dia ela já não tinha nada” (Avó urbana 4).

“A minha mãe é que uma vez a Carla tinha qualquer coisa, uma dor e vi a minha mãe aquecer o azeite quente, para dar uma massagem na barriga. Não sei o que é que ela fez. Foi a minha mãe eu nunca fiz. Eu pessoalmente, nunca fiz, mas a minha mãe dizia que era cólicas ou não sei quê, então punha o azeite e fazia uma rezazinha, não me pergunte qual, porque ela fazia e eu não sei fazer e então ficava assim a massajar a barriga da Carla. Da Carla e do irmão também fazia. Isso era a minha mãe, não era eu” (Avó urbana 10).

“Voltei-lhes muita vez o bucho, (risos), muita vez. Quando elas começavam a andar com febres ou estava a ver os pés se estavam certos, juntava e esfregava, carregava no estomago com ele em cima do joelho e umas vezes passava e outras não passavam. Os antigos diziam que era bucho volto. Punha-se direitinho no chão, o miúdo juntava os pés, une-se os dedos assim. Se o dedo estiver certo, mas havia sempre desvios, quando era assim, havia sempre um que era mais comprido do que o outro e ele depois, punha-se em cima da barriga dos cachopos e carregava-se e fazia-se

deslizar na barriguita. Se chegássemos a tempo, usavam-se umas faixas, que é quase igual a isto, usavam-se uns panos, um pano que fosse assim quadrado e posto assim, fazia assim uma largurazinha para segurar aqui, que era para não se mexer, para a barriga ficar lá no sitio e também havia quem levantasse a espinha, também era assim, lá era os dedos dos pés, as costas, os braços eram levantados, sentavam-se assim direitos numa coisa mais ou menos à altura dos joelhos e levantavam-se os braços para cima. Os músculos eram mexidos depois de os ver deitados, mas de maneira que se tivesse um dedo maior do que o outro, depois enfiava os dois braços, mais ou menos a mesma coisa, puxava pelos braços e carregava para cima, ali nas costas, nas costelas, mandavam fazer os braços até que desse, até que dessem os nervos certos e pronto. Mezinhas caseiras. Ah para fazerem cocó, às vezes metia-se um talinho de couve no rabo, untava-se com um bocadinho de azeite” (Avó urbana 16).

“Quando estavam constipados, nós ao nabo, tirava-mos a tampa assim por cima do nabo, tirava-mos aquela polpa de dentro e enchíamos com açúcar mascavado. Depois aquele molho a gente dava-lhe para a tosse. Quando estavam constipados, fazíamos xarope com cenoura e açúcar e xarope com agriões. Fervíamos os agriões ali, depois punha-se um bocado de mel, portanto, esses cuidados assim e quando a minha filha era pequena, eu dava-lhe a gema do ovo que a médica disse mesmo que era melhor que lhe estar a passar vitaminas, que aquilo tinha muita. A gema do ovo batida com um bocadinho de açúcar, eu fazia-lhe que eram as vitaminas. Ela dizia, se eu hei-de estar a passar vitaminas, a senhora bate uma gemazinha de ovo e vá-lhe dando e é muito bom. Eu fazia-lhe isso, ainda hoje ela gosta disso” (Avó urbana 19).

“Nunca, nunca fiz isso. No tempo em que eu era mais nova, tinha até pessoas de família e amigas da minha mãe que eram dadas a essas coisas (...) Eu tenho família bem chegada que uma prima minha, quando as filhas eram mais pequenas e estavam a vomitar ou mal dispostas, iam com elas para uma senhora fazer uma reza e umas coisas, eu quando estava mal disposta ia procurar o médico, nunca fui a essas coisas. É uma maneira de muitas pessoas dizem que é, eu tenho uma amiga também que é muito religiosa, é muito da igreja, mas quando os netos estavam mal dispostos a vomitar, uma dor aqui, uma dor ali, lá iam para uma senhora que faz os curativos. Eu nunca fiz nada disso, nem as minhas filhas, não são dessas coisas”. (Avó urbana 17).

À noite, antes de se deitar, nós antes de os pais se deitarem, dávamos um biberão com leite e víamos a posição em que a criança estava deitada, se arrotava e esses cuidados que tiveram todos comigo e que eu tive com meus filhos e que tive com os meus netos, os meus pais também tiveram connosco” (Avó urbana 21).

“Fazia o xarope para a tosse com a cenoura, o leite com o mel e o limão, isso fiz. Esfregar-lhe a barriga, fazia-lhe massagens e assim” (Avó urbana 22).

“ Uma vez, nas mesas que haviam com centro de vidro, ele tinha começado a caminhar, pôs as mãos e o vidro passou-lhe por cima, ele aí passou a vomitar tudo e o meu marido, que não é tão religioso nem tão praticante como eu, foi a uma vizinha minha que conhecia uma senhora que tratava o bucho, que nunca tinha ouvido falar e eu recorri “ (Avó urbana 24).

Podemos verificar que as riquezas de algumas práticas ancestrais foram realizadas por avós em meio rural, pois algumas delas só se transferiram para os meios urbanos depois de casarem e terem filhos, levando consigo o legado de saberes tradicionais transmitidos pelas suas mães.

Uma das avós referiu algumas práticas que foram realizadas à sua filha em África, nomeadamente Moçambique, cujo interior pobre em recursos de saúde, aumentava a procura por parte das mães de cuidados de saúde tradicionalmente realizados pelos autóctones.

Quadro nº 21 - Quadro referente aos cuidados tradicionais prestados pelas avós rurais aos seus netos

TEMA	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Cuidados tradicionais prestados pelas avós rurais aos seus netos	Nenhum	14
		Azeite na barriga	6
		Chás	7
		Fio de cobertor na testa para os soluços	4

Pela leitura do quadro nº 21 e dos resultados da análise das entrevistas, verificamos que 14 avós rurais dizem não prestar nenhum cuidado tradicional aos seus netos, enquanto a maioria, (17), refere fazê-lo. Os cuidados tradicionais realizados são: Chás, (7), azeite na barriga, (6) e fios de cobertor na testa para os soluços, (4).

“Punha. Eu ainda faço isso ao meu neto pequeno, ao bisneto, que é um rapaz que se ri comigo quando eu lhe faço isso e aquilo passa” (Avó rural 5).

“Não, com os meus netos não faço porque tenho medo. Com os meus filhos usei alguns mas agora não. Nem sei o que é que a minha filha diria, se me visse a fazer essas coisas agora. O meu marido quando eu fazia alguma coisa aos meus filhos, chamava-me maluca, mas o que é certo, é que com eles resultava, agora com os meus netos tenho medo. Também agora há outras coisas que dantes não haviam, não é? ” (Avó rural 7).

“Não, usei com as minhas filhas, agora com os meus netos não usei” (Avó rural 10).

“Usei e ouvi logo ralar da minha nora (...) fiz massagens no umbigo, com um bocadinho de azeite e o meu filho fartava-se de ralar, ela não tem nada que meter azeite no umbigo, é pá mas é para passar aquela moinha, aquela...” (Avó rural 21).

“Ah usei e falei-lhe a ela. A menina está assim e ela fazia. Eu sei que a Ana Lúcia fazia, não sei se ela te disse, mas ela fazia. O azeitinho quente então era fatal” (Avó rural 23).

“Ah isso sim, às vezes ainda faço. Quando o Gabriel está com tosse ou qualquer coisa, faço os xaropes de cenoura, ainda agora, mas recorremos sempre aos outros, não é, são, não sei se são melhores mas pelo menos são mais práticos”. (Avó rural 25).

Observamos que as avós apenas praticam cuidados tradicionais aos seus netos, cuja eficácia comprovaram nos seus filhos. Os mais utilizados, são os *lambedores* e as massagens e uma avó, referiu até que a sua nora e o seu filho não gostavam que fossem utilizadas.

No espaço intergeracional, verificamos uma diminuição na utilização das práticas tradicionais pelas avós rurais aos seus netos, devido ao facto de existirem mais recursos de saúde, nomeadamente medicamentosos e são utilizados também aqueles cuja eficácia é comprovada pelos pais.

Quadro nº 22 - Quadro referente aos cuidados tradicionais prestados pelas avós urbanas aos seus netos.

TEMA	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Cuidados tradicionais prestados pelas avós urbanas aos seus netos	Nenhuns	9
		Talo de couve	6
		Chá de ervas	10
		Xarope de cenoura	13

Pela leitura do quadro nº 22 e pela análise das entrevistas, verificamos que o cuidado tradicional mais utilizado pelas avós urbanas é o xarope de cenoura, (13), seguindo-se os chás de plantas, (10) e o talo de couve. No entanto, 9 avós urbanas referiram não utilizar nenhum cuidado tradicional com os seus netos.

A utilização de um talo de couve embebido em azeite, era prática corrente para os problemas de obstipação dos bebés, pois aos estimular a zona retal, ajudava a expelir os gases que provocavam cólicas abdominais. Hoje utiliza-se a cânula dos micro-clisteres bebé-gel que produzem o mesmo efeito.

“Mezinhas caseiras eu não. Ah para fazerem cocó, às vezes metia-se um talinho de couve no rabo, unta-se com um bocadinho de azeite. Cheguei a fazer aos meus netos, mas hoje as coisas estão mais modernas” (Avó urbana 6).

“Creio que não. Não me lembra, elas não estão assim muito ao pé de mim” (Avó urbana 14).

“Fazia o xarope de cenoura ao meu neto, isso fazia. A mãe não gostava muito, mas mal também não lhe fazia. Se fez bem aos meus filhos, também faz bem aos meus netos” (Avó urbana 17).

“Não, só com as mais velhas fazia chá de cidreira, para fazer à minha neta que ela vinha aflita da barriga (risos) ” (Avó urbana 22).

Verificamos que as avós urbanas, tal como as avós rurais, apenas fazem aos seus netos práticas tradicionais, cuja eficácia foi comprovada com a utilização nos seus filhos.

Resumem-se a *lambedores*, chás e estimulação retal. Esta última realizada por uma avó há já algum tempo.

Quadro nº 23 - Quadro referente aos cuidados tradicionais prestados pelos pais das avós rurais

TEMA	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Cuidados tradicionais prestados pelos pais das avós rurais	Folhas de eucalipto	6
		Enxúndia de galinha	7
		Papas de linhaça	7
		Velas de sebo	2
		Café quente com banha	1
		Tintura de iodo	6
		Gemada	7
		Pomada de alcatrão	1

Pela leitura do quadro nº 23 e pela análise das entrevistas, verificamos que os cuidados tradicionais prestados pelos pais das avós rurais são variados, como por exemplo, foram referidos por 7 avós, a enxúndia de galinha, as papas de linhaça e as gemadas. A utilização de folhas de eucalipto e a tintura de iodo foi mencionada por 6 avós. Menos referidos foram as “velas de sebo”, (2), o café quente com banha, (1) e a pomada de alcatrão, (1).

“Lembro. Eu era muito atreita a tosse, constipava-me, tinha tosse, tinha aí cinco ou seis anos e ela coitada, estava deitada, ouvia-me tossir, levantava-se, tinha uma cozinha em que tinha que ir pela rua, para ir a essa cozinha e ia fazer lume, porque não tinha fogão, ia fazer lume e ia aquecer um bocadinho de leite quente e fazia uma gemada com uma gema de ovo e dava-me, com aquele leite quente, para passar a tosse, outras vezes era com mel, era as mezinhas que ela me fazia.” (Avó rural 1).

“O meu pai, só me lembro que o meu pai quando a gente estávamos constipados, o meu pai fazia, ia às folhas de eucalipto, fazia, nós apanhávamos aquele vapor e era assim, mas não era nada como aquelas máquinas agora, que fazem aquele vapor, que os meus netos têm e era assim que o meu pai fazia, quando a gente estávamos constipados e tínhamos aquela falta de ar e aquela coisa toda” (Avó rural 20).

“ A minha avó, tinha essa coisa de aquecer as papas em cima do fogareiro e depois, era envolvido em panos quentes de lã e depois punha-se em cima, era isso que a gente tinha, (...), era as velas de sebo derretidas e postas em papel pardo e eram postas em cima, (...), mas era o que havia, também eu já tenho mais de setenta anos não é, (...), as constipações, quando havia constipações, era café quente que havia sempre na cafeteira, já era mais crescidinha nessa altura, com uma colherinha de banha, era o que curava as constipações, era assim, era o que a gente fazia, alguma vez havia cá antibióticos? Havia muita gente que morria com coisas assim, porque não havia cá antibióticos nem nada dessas coisas” (Avó rural 21).

“Em pequenina? Olha, antigamente, quando éramos pequenos, havia a tintura de iodo, não é, que se usava assim para por no peito, nas costas, aquele algodão que se ia à farmácia buscar, o algodão que lhe chamavam o algodão iodato, que se metia entre dois paninhos e se metia nas costas ou no peito. Sim lembro-me dessas coisas, lembro-me, lembro-me. Metia-se no leite uns pinguinhos de tintura, qualquer coisa assim que se metia, era uns pinguinhos de tintura de iodo no leite, não sei se era bom se era mau, mas os nossos pais davam-nos aquilo quando estávamos engripados, quando estávamos constipados, quando estávamos assim nessas coisas, sim essas coisas assim. Lembro-me, lembro-me, havia as papas de linhaça, que se aplicava também nessa altura, pois, não havia o que há hoje, não é, eu, eu até ouvia a minha mãe dizer quando eu era pequena, seis anos, sim, tive muito mal, com uma, uma angina diftérica, muito mal, portanto como não havia o que há hoje, não é, eu estive na eminência de morrer. Pronto, por acaso havia um médico cá muito bom que lhe chamavam o doutor Roberto, que era um belíssimo médico e que na altura foi ele próprio que me levou a Santarém, para eu, para ver o que é que me podiam fazer e nessa altura, era a penicilina é que, pronto e eu graças a Deus, olha, cá estou, correu bem. (Avó rural 19).

Há cerca de 40 anos, ainda se vendia nas farmácias algodão impregnado de tintura de iodo, que se aquecia e se colocava sobre o peito das crianças durante a noite, como medicamento para as infecções respiratórias. Algumas mães impregnavam elas próprias o algodão em rama, que ainda hoje se vende, com a tintura de iodo aquecida e que ficava mais barato que o de compra já feito.

Uma avó conta a experiência da sua alergia ao iodo.

“Eu sou alérgica ao iodo, mas só soube aos quarenta e cinco anos, que era alérgica ao iodo e então diziam que eu tinha eczema escrupuloso e que me fazia falta a praia. Felizmente nunca ia à praia e quando ia nas festas, nos passeios da catequese, que era quando eu ia à praia, eu vinha lá cheia de bolhas porque era alérgica ao iodo, pronto e então, depois eu naquelas fases, aquilo durava uns oito dias, aquelas bolhas, aquele comichão e eu lembro-me que a minha mãe tinha, não sei quem é que lhe receitou, uma pomada de alcatrão e a minha mãe coitadinha, só punha aquilo quando eu já estava a dormir, porque aquilo era um cheiro e pronto e nem sei se me fazia bem, porque a minha mãe ensinou-me, que foi uma injeção qualquer estragada que me deram quando eu era pequena, mas aquilo devia de ser era uma injeção à base de iodo e que me fez aquela alergia e quando eu punha o mercurocromo, ou tintura, ou qualquer coisa, pronto, ficava assim. Então o meu pai tinha muitos cuidados e às vezes, até era depois com a minha mãe, tinha de ser, dar-me banho com água de cãezinhos de adeus, sabe o que é? É uma erva que tem assim umas coisinhas, não é bocas de lobo destas de jardim era umas que há, que nascem assim.” (Avó rural 10).

Não foi possível identificar esta planta, pois a entrevista foi realizada no inverno e esta avó não conseguiu encontrar nenhuma planta, para poder ser fotografada e identificada.

Quadro nº 24 - Quadro referente aos cuidados tradicionais prestados pelos pais das avós urbanas

TEMA	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Cuidados tradicionais prestados pelos pais das avós urbanas	Avó não se lembra	5
		Azeite quente	5
		Cuidados ao umbigo	3
		Talo de couve	8
		Chá de limão	4

Pela leitura do quadro nº 24 e pela análise das entrevistas, a prática mais mencionada pelas avós urbanas é a utilização do talo de couve, (8), o azeite quente, (5), o chá de limão, (4) e os cuidados ao umbigo, (3). Algumas avós urbanas, (5), referiram não se lembrar desses cuidados tradicionais que os pais lhes prestaram.

“Não, se quer que lhe diga, não me lembro, eu até se quer que lhe diga nem me recordo praticamente de ter estado doente. Eu sei que a minha mãe me curou gripes e quando estava constipada era o chazinho de limão, com casca de limão, era a folha de limoeiro, era isso que nos fazia ” (avó urbana 22).

“Não, não, a minha mãe, a minha mãe é que uma vez a Carla tinha, tinha qualquer coisa uma dor e vi a minha mãe aquecer o azeite quente, para dar uma massagem na barriga, não sei o que é que ela fez. Foi a minha mãe, eu nunca fiz, eu pessoalmente nunca fiz, mas a minha era, a minha mãe foi, dizia que era cólicas ou não sei quê, então punha o azeite e fazia uma rezazinha, não me pergunte qual porque ela fazia e eu não sei fazer e então ficava assim a massajar a barriga da Carla, da Carla e do irmão, também fazia essa coisa, mas isso era a minha mãe, não era eu ” (Avó urbana 5).

De seguida apresentamos uma prática ancestral de cuidados ao coto umbilical.

“A dar-lhe o banhinho, a arranjar-lhe o umbigo, com a borra da candeia dos azeites...(…). Então, molhava-se o dedo no azeite da candeia, depois passávamos o azeite pelo umbigo até aquilo cair ” (Avó urbana 6).

A mesma avó acentua a diferença intergeracional nos cuidados às crianças.

“Ah, hoje, agora quando vêm do hospital, já vêm quase capazes, até já nem trazem umbigo, (risos). É um bocadinho diferente. Diferente em tudo, a educação que hoje se dá a um cachopo, é diferente daquela que nós dávamos aos nossos filhos e que nos deram a nós, que eles hoje se deixarem, põem logo um pé em cima do pescoço, logo assim que começam a andar”. (Avó urbana 6).

“Olhe não me lembro, se quer que lhe diga não me lembro assim de nenhuma coisa que a minha mãe me tenha feito. Se calhar até fazia, mas eu era pequena e são coisas que já têm muito tempo” (Avó urbana 13).

As práticas tradicionais realizadas pelos pais das avós parecem ter sido esquecidas, ou porque as avós perderam na sua memória ou porque eram muito pequenas. A transmissão intergeracional desses cuidados foi realizada pelos testemunhos dos cuidados que as avós prestaram aos seus filhos.

A nossa conclusão coincide com uma afirmação de Lopes, (2012, p.157). *“A aculturação da sociedade moderna e urbana, juntamente com o referido êxodo humano e com o fato de estes saberes serem tradicionalmente passados por via oral, prevalecendo hoje sobretudo nos idosos, tem-se vindo a traduzir numa crescente erosão dos conhecimentos tradicionais”*

As gerações mais novas, não interiorizam a importância da etnobotânica nas suas práticas, mesmo que as avós indiquem ou colham as plantas para o caso específico de saúde em causa, o que contribui para o seu esquecimento, mesmo nas avós que vivem em contexto rural, que neste estudo compreende uma zona do Ribatejo, tradicionalmente agrícola e em contacto com a natureza.

Apesar da existência de ervanárias e de superfícies que vendem produtos ditos “naturais” à base de plantas, estes são mais utilizados pelos adultos para uso próprio, do que propriamente em crianças, devido às dúvidas sobre a sua eficácia nalgumas situações de saúde infantil. A utilização de produtos farmacêuticos, mesmo com princípios ativos extraídos de plantas, são preferidos para as crianças, pois contêm embalagens mais atrativas e dão mais segurança aos pais.

Mas mesmo as avós entrevistadas em contexto urbano tiveram contacto com práticas tradicionais, nas localidades onde viveram quando eram pequenas.

5.4 – CUIDADOS PRESTADOS PELOS ESPOSOS DAS AVÓS

Mais uma vez, pretendemos analisar a questão do género, neste caso o masculino, em relação às práticas de cuidados.

O cuidar infantil, outrora da responsabilidade da mulher, parece ter sido alterado desde que a mulher passou também a trabalhar.

Pretendemos saber, que cuidados foram prestados pelos avós aos seus filhos e que ajudas davam às avós, segundo a perspetiva destas. Iremos abordar os contextos urbanos e rurais separadamente.

Quadro nº 25 – Quadro referente aos cuidados prestados pelos esposos das avós rurais e urbanas.

TEMA	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
RELAÇÕES FAMILIARES	Que cuidados prestavam os esposos das avós rurais	Ajudar na alimentação	6
		Cuidar dos filhos	12
		Vigilância	14
		Nenhuma ajuda	7
	Que cuidados prestavam os esposos das avós urbanas	Alimentação	5
		Nenhuma ajuda	12
		Mudar a fralda	3
		Deveres escolares	5
		Ajudavam no que podiam	9

Pela leitura do quadro nº 25 e pela análise das entrevistas, verificamos que as avós rurais referem mais vezes a vigilância, (14), como a tarefa em que os seus esposos mais as ajudavam no cuidar infantil. Também muitas avós, (12), referiram que os seus esposos as ajudavam a cuidar dos seus filhos em variadas tarefas e 6 avós, referiram que

os seus esposos as ajudavam a dar alimentação aos seus filhos. O facto de os esposos não prestarem nenhuma ajuda no cuidar dos seus filhos, foi referenciado por 7 avós.

Quanto às avós urbanas, um número significativo, (12), referiu que os seus esposos não lhes davam nenhuma ajuda a cuidar dos seus filhos, mas 9 avós referiram que os seus esposos ajudavam no que podiam, 5 avós referiram que os seus esposos ajudavam os seus filhos nas tarefas escolares e na alimentação e 3, referiram que ajudavam mesmo a mudar as fraldas quando tinham os filhos bebés.

“Ele, quer dizer, pronto, ele às vezes vinha comer, se eles estavam a chorar muito, agarrava-os um bocado para eu pôr a mesa e de noite, o Carlos então quando acordava, via-se que estava com fome, ele tinha que estar a acalentá-lo ou vinha ele fazer o biberon e ficava eu a acalentá-lo e a mudar-lhe a fralda. Ele acordava várias vezes de noite e então era assim, essas ajudas também que ele dava, pois” (Avó rural 1).

“ Não, nunca me ajudou em nada, nadinha” (Avó rural 2).

“Ah o meu marido ajuda-me, pelo menos quando eu às vezes estou atrapalhada ele faz-me às vezes o comer, ajuda-me na cozinha (...) o meu marido é que me criou a minha filha. O meu marido ajuda mais do que o meu genro; ele ajuda a cuidar do filho, toma conta dele e cuida dele, agora a fazer outras coisas como o meu marido faz, comer, lavar louça, apanhar a roupa, ele não faz nada disso, é diferente do meu marido. ” (Avó rural 3).

“Ó pá olhe, nunca foi. Não tinha jeito. Hoje tem mais jeito para os netos” (Avó rural 8).

“Quando eu ia para o tanque ele é que tinha de tomar conta deles, para não caírem ou não me saírem para a rua, nem saírem para lado nenhum. Ele é que tomava conta deles. Se eu precisasse de ele lhes dar o comer, deixava-lhes o comer em cima da mesa, eu ia fazer as outras coisas e ele tomava conta deles para eles comerem” (Avó rural 20).

“Ajudava, quer dizer, não ajudava como agora o meu genro ajuda, mas ajudava, porque ele tinha um trabalho na fábrica, trabalhava por turnos, mas não ajudava como agora. Agora ajuda muito mais. Como avô, ajuda muito mais agora. Não sei se é por ter mais disponibilidade, ajuda muito mais agora como sendo avó e ele avô ajuda muito mais” (Avó rural 23).

“Dava-lhes banho, quando nós chegávamos os dois a casa à tardinha. Dava-lhes banho, tratava deles, pronto, os homens antigamente não eram assim muito dados como são hoje, mas sim, dava-lhes banho, tomava conta deles. Quando eu andava a trabalhar de noite ele ficava durante a noite com eles. No outro dia, ele ia trabalhar lá ia a minha mãe busca-los para os levar para casa dela, pronto e tomar conta deles, até eu vir outra vez de manhã e pronto, era assim” (Avó rural 25).

“O meu marido também ajudava quando podia. Estava a trabalhar, eu estava todo o dia com ele. Agora é diferente, os homens têm que ajudar as mulheres” (Avó urbana 3).

“Ajudou naquilo que podia, mas ajudou mais quando tivemos o segundo e o terceiro filho, porque no primeiro filho foi um bocadinho diferente, estava-mos na casa de meus pais e a minha mãe deu-me todo o apoio e toda a ajuda. Entretanto, como começámos a ter a nossa casa e vivíamos mais sozinhos, ele ia-me dando todo o apoio. Foi-se adaptando, eu fui ensinando e até aos dias de hoje, faz tudo como uma mulher” (Avó urbana 7).

Nenhuma, nenhuma, mesmo nenhuma” (Avó urbana 8).

“Nenhuma. Aliás, até o meu marido hoje é diferente para os netos do que era para o filho, quer dizer, não é uma pessoa que tivesse presente cem por cento, mas sempre que tivesse presente, é a mãe, tinha a mãe e a sogra não é e então descartava-se um bocadinho, porque havia lá duas mulheres em casa, porque é que ele ia fazer? Não, nunca foi assim, nem fazia biberons nem teve jeito, muito sinceramente não teve jeito nenhum para isso. Para dar um biberon a um filho nunca teve muito jeito, para mudar a fralda valha-nos Deus porque ainda eram fraldas de pano, quando elas vêm todas borradas. Agora é muito giro porque a gente puxa a fralda e deita fora, agora quando aquilo vinha tudo besuntado e aquilo, ai Jesus, anda cá tu, que as fraldas estão todas borradas. Pronto lá ia eu. Hoje é totalmente diferente, um jovem hoje, um pai hoje é muito diferente do que há quarenta anos atrás” (avó urbana 10).

“À mais velha andou meses que não andava cá, agora à mais nova, chegou a limpar-lhe muita vez o cú. Eu não tinha vagar e os dois, quando ela chorava ia lá quem podia, mas ajudava” (Avó urbana 16).

“Hoje é diferente, os jovens hoje ajudam mais, apesar de eu também trabalhar, mas o meu marido não me dava tanta ajuda, como por exemplo o meu genro agora dá à

minha filha. Os rapazes agora ajudam mais, estão mais habituados, porque nós quando éramos jovens, nos nossos pais, no caso do meu marido, a mãe nunca o mandava lavar uma louça e nunca o mandava fazer essas coisas e agora o meu genro não tem complexos, não é? Pôr a mesa ou lavar a louça, ou de fazer qualquer coisa dessas, ele não tem problema nenhum em fazer isso. O meu marido agora se precisar de me ajudar alguma coisa ele também ajuda, mas é diferente do que era naquela altura” (Avó urbana 19).

“Muito diferente. Os maridos hoje, alguns fazem tanto ou mais do que as mães. No meu tempo não. O meu marido se fosse preciso pegar ao colo, levar aqui ou ali, agora aquele tratamento em dar-lhe banho, mudar a fralda e essas coisas ele não fazia porque não vinha habituado, não era hábito na altura, havia um ou outro que fazia mas era muito raro. Hoje os maridos ajudam e acho muito bem” (Avó urbana 21).

“Ai se fosse preciso a mudar-lhe a fralda, isso não havia problema, arranjar-lhe o leite, quando começou a beber na canequinha, porque ele mamou até tarde, isso ajudou-me. Hoje talvez ajude mais, porque talvez seja diferente, eu era nova, mas ajudava-a muito na escola, ajudou-a muito, acompanhou-a muito na escola, foi ele, não fui eu ”. (Avó urbana 22).

Verificamos que as ajudas dos avôs no cuidar dos seus filhos já tinham visibilidade para as avós, mas muitas delas referem, que hoje os homens ajudam mais do que no tempo em que eram jovens mães. Verificamos que alguns avôs não ajudavam a cuidar dos seus filhos por serem consideradas tarefas da esfera feminina, outros pelo menos, ajudavam na vigilância, quando as avós estavam ocupadas com outras tarefas domésticas.

Ramos, (2004 b) afirma que os cuidados quotidianos prestados à criança pelo pai e pela mãe, asseguram ao bebé um apoio psicológico e físico, proporcionam segurança por meio da qual a criança vai adquirir o sentimento de existência e são importantes para a criança tomar consciência das suas capacidades, para agir sobre o meio e autonomizar-se.

Os cuidados infantis começaram a ser partilhados por ambos os pais, porque a mulher que tradicionalmente era doméstica, era responsável pelos cuidados infantis. No entanto, era economicamente inviável para as famílias a mãe não trabalhar, o que

obrigou a uma adaptação e partilha das tarefas domésticas, nomeadamente o cuidar infantil.

Salientamos também que nos meios rurais, os homens que prestavam cuidados infantis ou que realizavam tarefas domésticas, via posta em causa a sua masculinidade e a sua reputação como o líder da família. Hoje tal já não se passa com os jovens pais, que realizam essas mesmas tarefas sem a carga cultural negativa associada.

5.5 – RECURSOS DE SAÚDE NO PERÍODO INTERGERACIONAL

Iremos analisar de seguida os recursos de saúde existentes no tempo das avós e compará-los com os recursos existentes na contemporaneidade.

Quadro n° 26 – Quadro referente aos recursos de saúde no tempo das avós

TEMA	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Recursos de saúde no tempo das avós rurais	Inexistência de especialidades médicas	3
		Inexistência de Urgências	4
		Pediatra particular	17
		Centro de Saúde	12
	Recursos de saúde no tempo das avós urbanas	Hospital	15
		Médico particular	8
		Pediatra	16
		Médico de família	1

Pela leitura do quadro n° 26 e pela análise das entrevistas, verificamos que o recurso de saúde mais utilizado pelas avós rurais para os seus filhos foi o pediatra particular, (17), e o Centro de Saúde, (12). Houve referência à falta de alguns recursos

nomeadamente a inexistência de serviços de urgência, (4) e de especialidades médicas, (3).

As avós urbanas fizeram referência em maior número ao pediatra, (16), ao hospital, (5) e ao médico particular (8). Houve apenas uma referência à utilização do médico de família.

“Pois, a gente mais ou menos já tinha porque ia-se ao médico, marcava-se a consulta, e depois às vezes se era uma constipação, olha avia-se a mesma coisa que o médico receitou em tal altura, fazia-se assim essas coisas e é assim. Ia a Santarém, era o Dr. Mário Costa, era esse nome” (avó rural 1).

“Ir ao médico, a minha mãe era doente ali do doutor Carvalho, lembras-te? Ainda ele tinha aqui o consultório cheguei a vir aqui ao doutor Carvalho com a minha mãe. Quando eu estava para nascer, o doutor Carvalho é que a mandou para Lisboa porque ainda não havia cá o parto, maternidade e ela foi de cesariana, ela teve de ir para Lisboa. A minha mãe teve os meus irmãos em Lisboa e depois teve-me a mim, mas foi mandada pelo doutor Carvalho e depois a gente vinha às consultas do doutor Carvalho, que a dona Letinha ainda era lá em baixo o Centro de Saúde e chegou a assistir às consultas muitas vezes” (Avó rural 3).

“Não agora por exemplo, o Paulo é como disse, tinha muitas otites. Eu levava noites inteiras com ele ao colo a chorar, a pôr os pingos e se fosse hoje, ia com ele às urgências e nessa altura não havia. Eu tinha que esperar pelo médico no outro dia de manhã, que era o doutor Marçal e ia com ele. Portanto agora nesse aspeto, há mais recursos porque temos as urgências e nessa altura não havia” Avó rural 5).

“Em Salvaterra ao Centro de Saúde e quando foi da Patrícia que é a mais nova, ia a Vila Franca porque foi lá que ela nasceu e foi lá que ela começou a ser seguida.” (Avó rural 9).

“Ia ao médico. Nessa altura se a gente tosse ou gripe, a nossa mãe já era com xaropes é que tratava disso à gente. Onde é que a gente ia ao médico? Só se fosse assim uma coisa muito grave. Assim tínhamos de ir ao médico. Agora há as Casas do Povo e isso assim, antigamente não havia Centros de Saúde, não havia nada disso. Tinha-mos de ir ao médico particular. Para as nossas mães curarem a gente, era no médico particular. Quando o doutor Marçal veio para cá, foi o médico da casa da minha mãe, era o doutor Marçal” (Avó rural 20).

“Quando eles eram pequenos? Quando eles eram pequenos já havia aqui o Centro de Saúde, portanto havia já o Centro de Saúde para ir com as crianças. Cheguei a ir uma vez ou duas, com o mais velho, ao pediatra, quando achava que ele, pronto, ele tinha muitos problemas de garganta e foi operado com quatro anos, quatro, cinco anos, sim. Fui várias vezes ao pediatra com ele e fui várias vezes ao médico ortopedista, porque naquela altura havia muita criança com os pés chatos. Hoje se calhar já não existe, não sei, mas naquela altura, parece que aquilo que era uma coisa que havia muito. Fui com ele a Montemor várias vezes, fui com ele a Lisboa, havia uns médicos que iam ali a Benavente que também eram especialistas nisso. Sim tive, com o mais velho, com a mais nova não tanto, que ela teve menos problemas nesse aspeto. O João sofria muito da garganta, foi operado à garganta, depois foi os pés, pronto” (Avó rural 25).

No grupo das avós rurais, verificamos que apesar de não haver tantos recursos de saúde como há hoje, iam com os filhos ao médico particular quando os problemas de saúde não podiam ser resolvidos por elas. Referem a melhoria do acesso a cuidados de saúde no espaço intergeracional.

“Os Pediatras, ou se tinha que ir para Alhandra com eles ou tinha que ir para Lisboa. Ia para Alhandra quando eram coisas simples, quando eram coisa mais complicadas tinha que ir com eles para Lisboa, tinha um Pediatra para eles. Aqui em Alhandra, quando eram coisas simples ou para passarem as coisas do leite ou receitas era aqui em Alhandra e quando eram coisas mais complicadas, ia para Lisboa” (Avó urbana 3).

“Já havia pediatra. O meu filho mais velho e a minha filha tiveram pediatra na segurança social. Depois passou ao médico de família. Quando eram casos mais urgentes que não podiam esperar por outro dia, pela consulta, eu ia ao Hospital de Santa Maria com eles e aí resolviam sempre o problema, mas as doenças, eu sei que há outros vírus e outro tipo de doenças que vão aparecendo. Os meus filhos graças a Deus até aos dias de hoje não tiveram esses problemas, a não ser as doenças normais que aparecem na infância” (Avó urbana 7).

“Bem, eu tive a sorte de ter uma boa pediatra no serviço de saúde, na Caixa vá, no Posto de Saúde, que era a doutora Cândida, tive. Ia à Estefânia com o meu Nuno. O meu filho teve o quê Maria Júlia? Teve febre reumática e eu uma vez fui à creche

busca-lo e a educadora disse-me, olhe o Teixeira custa-lhe muito a andar. Elas nem me quiseram dizer nada, porque nessa altura andava muito lá a meningite e então elas pensaram que o miúdo tinha a meningite e eu disse, custa-lhe a andar? Custa-lhe, custa-lhe muito a andar, é melhor levá-lo ao Hospital. Eu levei-o ao hospital e depois é que elas me disseram que estavam com medo que ele tivesse alguma meningite. Então era a febre reumática. Andou um ano a apanhar o Penadur seiscentas e depois quando estava com as crises, porque todos os meses eu ia com ele à Estefânia, quase todos os meses, se era calor, era uma amigdalite, se era frio era amigdalite. Não tenho razão de queixa porque, quer dizer, na zona onde eu vivo, felizmente tenho a Estefânia. Agora tenho São Francisco, tenho o Egas Moniz. Tinha ali uma zona muito pequenina, porque eu moro ali na Ajuda, não sei se conhece, aquela zona ali do palácio da Ajuda, pronto, mas naquela zona ali tínhamos os hospitais todos” (Avó urbana 10).

“Iam ao médico de família. Se houvesse dinheiro, havia bons recursos de saúde em Moçambique. Hoje há mais possibilidade de ir ao médico, mas hoje é assim, médico de família quem os tem, tem, quem os não tem, não tem, mas há alguns que também não valem um pataco. Quando eles são interessados, mas às vezes é, não valem nada quando não são interessados” (Avó urbana 16).

“Desde que eu sou mãe sempre tivemos aqui o posto de saúde aqui em Alverca. Havia lá um pediatra e ia-mos lá com eles e portanto tínhamos direito à consulta, passavam os medicamentos, nós tínhamos que pagar a nossa parte na farmácia, não é? Hospital era o de Vila Franca” (avó urbana 19).

“Nós aqui na Nazaré tínhamos um médico que valia mais sozinho que todos os médicos de família. Era o nosso Dr. Laborinho, José Laborinho. O meu pai era doente eu ia a casa dele a qualquer hora. A minha mãe mandava-me com dez, onze anos, até menos a casa dele chamá-lo e ele vinha, mesmo que estivesse deitado. Vestia um robe, calçava uns chinelos trazia-me de carro e vinha até à casa da minha mãe para nossa casa. Ele fazia todo o trabalho, tudo. É ele e outro, mas ele era mais do que o outro, era o Dr. Pimpão e era o Dr. Laborinho. O Dr. Laborinho era o ai Jesus, aqui da Nazaré. Fazia tudo, não havia médico de família, mais tarde é que começou a haver, já uns anos mais tarde, quando cada qual passou a ter o seu médico de família, não é? Depois destes governos todos, também nesta altura quando não havia médicos de família, ia-mos ao hospital que é muito bom. O nosso hospital era muito bom, lá é que

eram os partos todos, pessoas de fora vinham ter os bebês aqui, porque ele era realmente um médico parteiro que aquilo fazia tudo e fazia tudo a todas as doenças. Não digo doenças mais graves, porque ia-mos para as Caldas ou ia-mos para Lisboa, para o Hospital de Santa Maria. O meu filho teve a meningite, foi para o hospital de Santa Maria e tive lá um mês com ele, mas ainda não tinha médico de família. Quando eu era pequenina havia outro antes do Dr. Laborinho, que era o Dr. Carvalho, esse era o pai dos pobres, só pagava quem tinha dinheiro. Era um médico que nunca enriqueceu, nunca fez nada. A rua transversal até tem o nome dele, a outra transversal mais acima tem o nome do doutor Laborinho“ (avó urbana 21).

“Há mais recursos, eu acho que há. Normalmente quando era assim mais coiso, que eu achava que era mais grave, ou que não havia hipótese de ir ao serviço dele ia à Estefânia com ela, para onde eu caminhava era para a Estefânia. Fui muitas vezes com a minha filha à Estefânia”. (Avó urbana 22).

“É assim, os meus filhos tiveram sorte ou azar de herdar da parte da família da minha mãe, problemas de asma e alergias. Herdaram isso e eu muito cedo tive que fazer a opção de optar por médicos particulares, porque o sistema de saúde não me oferecia na altura dos meus filhos, aquilo que eu precisava para eles. À minha filha apareceu quando devia ter dois anos, ao meu filho apareceu logo aos seis meses de idade, idade diferente. Mas mesmo assim, andou sempre em médicos particulares, apesar de ter uma boa médica de família, a doutora Adelina Fernandes na altura. Costumo dizer se for vivo, onde quer que esteja está num lugar muito bom, porque ele era uma pessoa muito humana. Toda a gente conhece esse médico perfeitamente, da zona de Alverca, toda a gente ia lá. Era um médico muito bom trabalhava na Estefânia e realmente fez milagres. O meu filho fez muita consulta e ele não me cobrou. Agora veio-me à lembrança, era o doutor Ramiro Alves. Ele foi o médico da minha filha, principalmente ela, porque o meu filho conseguiu melhorar” (Avó urbana 24).

Verificamos que muitas avós urbanas recorriam ao pediatra quando os seus filhos estavam doentes. Também foram muito utilizados os médicos particulares. Nas situações de emergência utilizavam os hospitais. Apenas uma avó urbana fez referência ao médico de família. Divulgamos o nome dos médicos devido á forma emocionada que as avós, durante as entrevistas, se mostraram gratas pelos cuidados prestados por esses profissionais de saúde, enaltecendo as suas qualidades técnicas e humanas.

As avós que vivem em contexto rural referenciaram muito pouco o recurso a hospitais, recurso bastante mais utilizado pelas avós urbanas, sendo a distância o fator mais importante desta diferença. O hospital é um recurso existente apenas em meio urbano, se bem que em algumas localidades, existiam os Hospitais da Misericórdia com algumas valências, que têm fechado por falta de recursos.

5.5.1 – Importância dos vizinhos e outros familiares no cuidar das crianças

Pretendemos saber se os vizinhos e outras pessoas de família foram recursos na ajuda ao cuidar dos filhos das avós, quando estas necessitavam de se ausentar.

Quadro nº 27 – Quadro referente à importância de vizinhos e outros familiares no cuidar das crianças

TEMA	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Importância dos vizinhos e outros familiares no cuidar das crianças, das avós rurais	Muito importantes	16
		Nenhuma importância	9
	Importância dos vizinhos e outros familiares no cuidar das crianças, das avós urbanas	Nenhuma importância	4
		Muito importantes	21

Pela leitura do quadro nº 27 e pela análise das entrevistas, verificamos que as avós rurais referiram em maior número, (16), que os vizinhos e outros familiares eram um recurso utilizado para cuidar dos seus filhos, especialmente durante a sua ausência. Algumas avós rurais, (9), referiram que os vizinhos não eram utilizados como recurso.

Quanto às avós que vivem em contexto urbano, a maioria, (21) referem que os vizinhos e os outros familiares, são um recurso muito importante para cuidar dos seus filhos e apenas 4 referiram não ter qualquer importância.

“Não. A gente praticamente ajudava-se um ao outro. Ele, como às vezes trabalhava ali por baixo, na oficina, deixava ali o filho um bocadinho ao pé dele para eu ir às compras e outras vezes ia depois de ele vir para casa. Ia á farmácia e assim, ainda chegou a ir á noite á farmácia, outras vezes ia eu e desenrascava-mos assim os dois com os filhos” (Avó rural 1).

“Tinha, tinha, uma vizinha, quando eu ia trabalhar, a mãe do preto e branco, a senhora Edéria. Eu ia fazer horas para aqui e para ali e ela, quando eu vinha da creche, ela chegou a ficar muitas vezes com a minha filha” (Avó rural 3).

“Não. Não porque a gente ali, sabe que em Salvaterra não é, as pessoas não são assim muito dadas, é bom dia, boa tarde, boa tarde, bom dia, não somos assim muito chegados” (Avó rural 6).

“A gente sempre tinha umas vizinhas que às vezes, a gente queria ir a um lugar qualquer e eles ficavam com eles, ficavam com as crianças à gente. Mas era sempre mais a gente do que a gente entrega-las aos vizinhos” (Avó rural 10).

“Não, não. Tinha que a levar comigo. Ou ficava o pai, ou levava-a comigo. Era sempre comigo que ela andava”. (Avó urbana 22).

“Ajudavam, assim como eu ajudava a tomar conta das outras também. Algumas ajudavam” (Avó rural 23).

“Tinha muita importância. A família estava longe, na altura, mas ajudavam quando era preciso, compareciam e ajudavam” (avó urbana 3).

“Tinha muita importância, porque isso é uma ajuda muito boa. Não são só dois ou quatro-olhos, são mais e há sempre opiniões diferentes. Olha, não faças assim, faz assado, porque assim o menino fica melhor e às vezes, adaptávamo-nos a esse tipo de assunto” (Avó urbana 7).

“Foi, foi muito importante, até porque pronto, eu como vivi sempre, como era costureira e fui a costureira aprendiz, porque começa-se primeiro por aprendiz, o estar a trabalhar com outras mulheres muito mais velhas do que eu, porque eu era miúda e tinha já mulheres mães e nós vamos aprendendo com elas. Até a forma de estar, porque a minha comadre, com quem eu trabalho há quarenta anos, tem seis filhos. Hoje já tem treze netos, portanto, ela tem um filho que é da idade da Carla. Eu sempre convivi com ela e com os filhos a crescer bebés e sempre, portanto, aprendi um bocadinho o que a gente não tem em casa, porque não tinha as mesmas condições que

ela depois tinha. Vai-se aprendendo, vai-se ganhando conhecimentos. Eu acho que é um enriquecer, porque nós trabalhámos com outras pessoas que nos puderam traduzir, ensinar outras coisas que nós não temos, como vou explicar, é importante é, essa vivência” (avó urbana 10).

“Não, quer dizer, cá e lá também por acaso. Lá também tínhamos uma vizinha ou duas, que ajudaram a criar a mais nova, que ela lá é que parava a maior parte do tempo e havia uma vizinha, que morava lá mesmo ao pé da casa dos meus pais e da minha nora e ela lá ficava em casa” (Avó urbana 16).

“Não, vizinhos não. Não me ajudaram a fazer nada na minha casa nem nada disso, eu é que fazia as coisas e faço, não é? Os meus irmãos também não, porque o meu irmão é rapaz, a minha irmã também tinha a vida dela. A única ajuda que ainda cheguei a ter foi da minha mãe, que vivia comigo e viveu trinta e dois anos comigo, depois de ser viúva. O meu pai faleceu ainda novo e ela já faleceu aos noventa e quatro anos, portanto trinta e dois anos a viver comigo, ela era única pessoa” (Avó urbana 17).

“Nós no tempo em que era nova e morava na casa da minha irmã, os vizinhos tinham muita importância para nós, muito mais que agora. As pessoas eram amigas umas das outras, eram vizinhas mas a porta estava sempre aberta. A casa da minha mãe nunca tinha uma chave, estava sempre a porta aberta. Havia estas coisas que agora infelizmente da maneira como as coisas estão, já não pode ser. As vizinhas eram como senda uma família, tudo ajudava em tudo e os vizinhos eram muito importantes. Ainda há comunidades onde isso acontece, em terras mais pequenas, mas agora aqui assim, já está tudo muito individualizado, muito aéreo, não se ligam” (Avó urbana 21).

“A família e os vizinhos é assim, tinham tanta importância porque faziam parte do meu núcleo familiar. É assim, eu moro numa zona onde todos nós convivemos como se fosse uma aldeia e posso dar-lhe um exemplo. Eu quando me empreguei, a minha filha ficou em casa, mas se os meus vizinhos vissem alguém aproximar do meu prédio, eles eram os primeiros a dizer quem era a pessoa. Todos tínhamos um cuidado e uma proteção muito grande, portanto, podia estar descansada que à mínima coisa, os meus filhos estavam lá” (Avó urbana 23).

Verificamos que para a maioria das avós urbanas e rurais, os seus vizinhos foram muito importantes e um recurso muito utilizado.

A cumplicidade entre as famílias que partilhavam o mesmo espaço urbano, segundo os testemunhos e os resultados do quadro nº 27, fazia com que a entreatada entre famílias fosse um recurso bastante utilizado, baseado na confiança e na eficácia.

5.6 – PRÁTICAS MÁGICO/RELIGIOSAS DAS AVÓS PRATICADAS AOS FILHOS E NETOS.

As práticas mágico/religiosas fizeram parte de um legado cultural das gerações mais velhas, especialmente nas zonas rurais com poucos recursos, onde as pessoas recorriam ao sagrado para a resolução dos seus problemas mesmo os de saúde.

A devoção a santos, à Senhora de Fátima e algumas práticas, ainda hoje são mencionadas em conversas informais entre as pessoas e mesmo nos serviços de internamento, visualiza-se a presença de imagens religiosas e de pagelas junto do leito das crianças, tal como constatou Ramos, (1993, 1994, 1995), nas suas investigações escritas e fílmicas sobre cuidados prestados pelas famílias, (avós e pais) às crianças.

O batismo das crianças continua a ser uma prática de festa e reunião familiar importantes, mas já se observam algumas famílias em que deixam essa decisão para mais tarde, para não ser imposta à vontade dos seus filhos.

Na caracterização sócio/demográfica desta amostra, verificámos que existe uma grande diferença, entre as pessoas que praticavam e as que não praticavam a sua religião e que ainda era mais acentuada no espaço intergeracional pais/avós.

No entanto, apesar da crescente descrença em relação à prática religiosa, ainda podemos observar algumas crenças e práticas originais como iremos descrever em seguida.

Quadro nº 28 - Quadro referente às práticas mágico/religiosas praticadas pelas avós rurais aos seus filhos/netos

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Práticas mágico/religiosas praticadas pelas avós rurais aos seus filhos e netos	Nenhuma	4
		Curandeiro	3
		Orações	16
		Devoção a São Baco	8
		Devoção a Nossa Senhora de Fátima	14
		Medalhas	8
		Reza do quebranto	10

Pela leitura do quadro nº 28 e pela análise das entrevistas, podemos observar que das práticas mágico-religiosas praticadas pelas avós rurais aos seus filhos e netos, são enfatizadas as orações, (16) e a devoção a Nossa Senhora de Fátima. Segue-se a reza do quebranto, (10), a devoção a São Baco (8), a utilização de medalhas, (8) e a referência à utilização de um curandeiro, (3). Apenas 4 avós rurais referiram não ter qualquer devoção ou prática religiosa com os seus filhos e netos.

“Assim reza não. A minha mãe fazia às vezes, se havia uma dor de cabeça, benzia. Dizia ela que era benzer do quebranto. Aquelas coisas, fazia aquilo, mas eu assim com essas coisas nunca tive assim muita fé com isso” (Avó rural 1).

“É pá não sei, eu já estou mesmo desiludida com isto tudo, parece que já não acredito em curandeiros, mas não queira dizer que não vá lá, que me veja tão aflita que não possa lá ir ver, mas eles agora coitados, também já estão, já há tão pouco dessas pessoas, já há mais cartomantes do que curandeiros” (Avó rural 3).

“Um as esfregazinhas e às vezes até íamos assim a umas curandeiras, a gente íamos quando elas eram pequenitas, (...) cheguei a ir a uma sim senhora, (...), deu

resultado porque é assim, eu fui a uma curandeira, foi a minha sogra comigo, fomos as duas, e aquilo era um bocadito longe. A miúda deixou o peito aos dois meses, não pegou no peito e eu tinha muito leite e estava lá uma vizinha que fazíamos assim dantes, faziam elas assim, por exemplo eu tinha uma vizinha, ela tinha um filho, eu tinha um filho, mas se a filha, se ela não tivesse leite ou se a minha não queria mamar, mas a minha não quis mamar em ninguém, não mama em ninguém e eu fui mais a minha sogra então a uma, chamava-se uma curandeira, aqui chamam-lhe uma bruxa e lá receitaram-me uma lavagem, dar uma lavagem de rosas brancas, rosas brancas para esfregar o céu-da-boca e mais não sei o quê e refregá-la assim o corpo, assim de arrepio para cima, eram mezinhas que a gente fazia assim”. (Avó rural 11).

No entanto o ceticismo já existia nalgumas pessoas, em relação à eficácia dos curandeiros como iremos ver de seguida.

“Não, não fui, mas fui solteira a acompanhar a minha irmã, A minha irmã começou a ter ataques aos dezoito anos e às vezes até deixava de sair por causa dela. Tinham medo que ela lhe desse um ataque e que lhe dava de repente, dava ameaças e depois ela caía e então depois tinha uma tia que era muito dessas coisas, ah, gente vai aqui, vai ali, o que será isso? Eram ataques epiléticos pronto e então a solução foi depois, o primo é que foi porque tinha lá os comprimidos, foram já, foram dados antes, depois vinham de lá os comprimidos, era a única coisa que havia assim para aquela doença. Assim diabetes não se ouvia falar muito nesse tempo, era mais aquela doença de ataques e ia lá levantar os comprimidos e despachada para Abrantes. Sim e foi assim, dantes a minha tia é que era muito amiga de ir a essas coisas, mas eu nunca tive muita fé e nunca fiquei contente, via que aquilo que não era coisa para curandeiros, era para médicos”. (Avó rural 5).

Com a falta de recursos, o sagrado e o mágico eram aceites e não se podia discutir a sua eficácia pois se não desse resultado, era porque a situação era muito grave ou porque as recomendações não tinham sido seguidas com rigor.

“ Eu tenho, ensinaram-me uma reza e eu às vezes faço, mas é, é muito raro mas quando preciso peço a outra pessoa que faz melhor que eu e que sabe. (...) Utilizo nos meus filhos e às vezes utilizo em mim”. (Avó rural 9).

“Não, quer dizer, o meu João Carlos fez a primeira comunhão e a Profissão de fé, agora o meu Paulo não, nunca caminhou para aí, ele só ia quando a catequista

levava não sei quantos; eu não posso obrigar os meus filhos a ir para aí, pronto, no entanto ele batizou o filho mas não está casado, ele está a viver junto com ela, (...) a mãe nem quer que ele vá, mas ele agora vai, ele vai à catequese vai fazer a comunhão mas é porque ele quer ir, porque no meu tempo eu não obrigava o meu Paulo”. (Avó rural 21).

“O miúdo tinha sonhos muito estranhos, acordava muito assustado e eu tinha umas cruzinhas que havia, que punha debaixo da cama, debaixo do lençol, mas rezas assim não”. (avó rural 21).

Quando há assim, qualquer problema é uma coisa que vem logo à nossa ideia, não é, pedir à Nossa Senhora e principalmente a Hélia nasceu no dia treze de Maio, é qualquer coisa que eu fixei, que me lembro muita vez e que por vezes lhe peço a ela uma vez que ela nasceu no seu próprio dia de aparecimento, não é, por vezes peço, mas eu sou um bocadinho, às vezes também sou um bocadinho dura nisso. Não, não, às vezes por causa dos problemas da vida, pelas coisas da vida, às vezes leva-me a ter assim um bocadinho de revolta, mas isso não quer dizer que eu quando peço, peço que eles que nos ajudem, que lhes dê trabalho, que sim, que, pronto. (...) Sim, também, pelos meus netos, que lhe dê saúde, que não os deixe, que nada lhes aconteça. Lembro-me muita vez de muita criança com problemas, vejo, quando vejo e agradeço, verdade, quando vejo muita criança, que a gente agora tem acesso a isso e vê, muita criança que nasce com problemas, muitos problemas e eu agradeço, a Deus e a Nossa Senhora por ter os meus netos bons, saudáveis e sem problemas. É lembro-me disso muita vez, muita vez”. (Avó rural 19).

Neste caso, a proteção sobre o mal, a oração durante o problema e a expectativa de proteção futura, são desejos de muitos avós.

“Assim reza não, minha mãe fazia às vezes, se havia uma dor de cabeça, benzia, dizia ela que era benzer do quebranto, aquelas coisas fazia aquilo, mas eu, assim com essas coisas nunca tive assim muita fé com isso”. (Avó rural 1).

“O quebranto eu nunca soube rezar, mas sabia de umas vizinhas que sabiam e, e pedia. (...).O Credo em Cruz, Santo nome de Jesus? Às vezes quando os ia a deitar que eles estavam assim parece, Credo, Santíssimo nome de Jesus, Credo, mas eu até nem sou muito dessas coisas, sou mais de entregar a Deus, estás a perceber? (...) Entregar a Deus e o Senhor que guarde. Ainda hoje, João, quando eles saem de casa,

eu os entrego, o João Paulo quando sai, a Ana Lúcia e o Luís e a menina, sei a que horas mais ou menos eles saem, eu entrego-os ao Senhor”. (Avó rural 14).

“Sim rezo. Assim que a criança começa a abrir a boca e a andar ensonada, parece que anda com a lua e eu vou logo rezar e o que é certo, é que o azeite desfaz-se todo na água e a criança parece logo outra, parece logo outra, parece mentira mas é verdade”. (Avó rural 9).

A reza do quebranto é uma reza ancestral para o mau-olhado. Acredita-se ainda nos dias de hoje que algumas pessoas conseguem transmitir energias negativas a outras que são mais sensíveis, especialmente as crianças que são mais vulneráveis.

Existem numerosas fórmulas contra o quebranto, mas uma das mais comuns é a que apresentamos seguidamente, fornecida por uma das avós e que referiu ter-lhe sido ensinada em jovem por uma pessoa muito velhinha, pais dos senhores onde servia como empregada doméstica.

Reza do quebranto:

“Eu te benzo (nome da pessoa), lua, quebranto e inveja.

Lua juntará, quebranto espalhará, inveja cruzará.

Deus é Verbo, Verbo é Deus. Deus te benza (nome da pessoa), benza-te Deus.

Reza-se um Pai-Nosso benzendo a água com a mão e deixa-se cair uma gota de azeite sobre a água, depois observa-se o que acontece e repete-se por três vezes”. (Avó rural 3).

Existem inúmeras fórmulas da reza do quebranto que apesar de serem diferentes, usam-se pelo mesmo propósito. Proteger as crianças do mau-olhado. (Ramos, 1993, 1994, 1995).

Fotografia nº 6 – Avó a fazer a reza do quebranto. Início da reza da água.

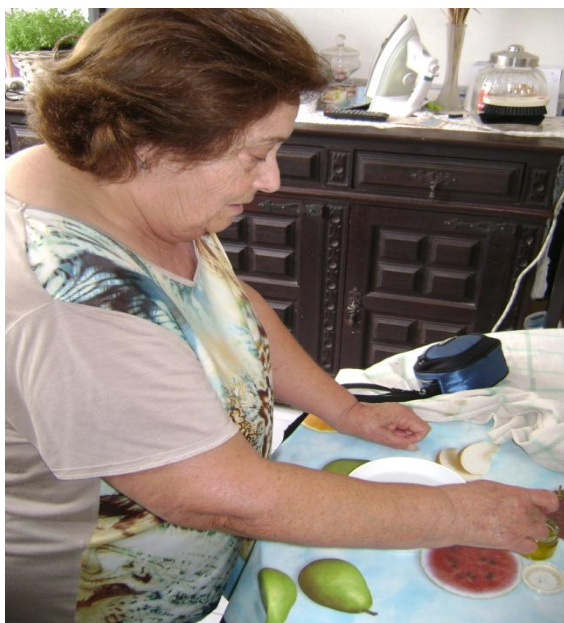


A reza do quebranto tem várias fases. A primeira é a bênção da água e depois coloca-se a gota de azeite na água, num total de três: três orações e três gotas. Se o azeite “*se desfizer*”, ou seja se a gota de azeite ocupar toda a superfície da água, a pessoa benzida está com quebranto, se as gotas se juntarem todas numa só, a pessoa está com a lua ou seja está desorientada e se as gotas se afastarem todas, a pessoa está com inveja, ou seja, alguém tem inveja dela.

Os sinais nas crianças de que têm quebranto são: o bocejar constante, a prostração, as dores de cabeça ou o choro persistente.

Estes sinais também podem ser referidos pelos adultos, acompanhados de um mal-estar sem causa aparente.

Fotografia nº 7 – Colocação da gota de azeite na água.



Fotografia nº 8 – Colocação da gota de azeite na água 2



Algumas avós referiram que no final da oração cortavam as gotas com uma faca em cruz, por três vezes, para que a pessoa que rezasse não ficasse ela com o mau-olhado.

Quadro nº 29 - Quadro referente às práticas mágico/religiosas praticadas pelas avós urbanas aos seus filhos/netos

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Práticas mágico/religiosas praticadas pelas avós urbanas aos seus filhos e netos	Rezas	13
		Oração do quebranto	7
		Espinha caída	3
		Oração de cortar o sol	1
		Oração de coser o entorse	2
		Devoção a Nossa Senhora de Fátima	16
		Imagem do Anjo da Guarda	3
		Oração do Credo	10

Pela leitura do quadro nº 29, verificamos que as avós urbanas referem em maior número, (16), a devoção a Nossa Senhora de Fátima seguindo-se as orações, (13). A oração do Credo é referida por 10 avós, segue-se a oração do quebranto, (7), a utilização de imagens protetoras do Anjo da Guarda, (3), a oração para a espinha caída, (3), a oração de coser o entorse, (2) e por último, (1), a oração de cortar o sol.

Algumas avós referem rezar pelos seus netos mas com alguma descrença, como iremos ver de seguida.

“È assim. A religião que encontrei para mim foi a católica, frequentei a igreja, aos meus filhos sempre ensinei para a religião católica, mas nunca fui uma pessoa muito praticante, fui mais na infância. Na catequese, há sempre aquelas coisas que os nossos pais na educação nos conduzem. E mesmo aos netos também. Também vou ensinando, uma vez, ou outra, se os meninos estão doentes e que eu vejo que o tempo já está a passar demais, peço a Deus no meu pensamento uma rezazinha. Não sou muito para essas muito decoradas, a minha mãe sabia muitas, mas eu pouco sei...”. (Avó urbana 2).

No entanto, algumas avós referem algumas práticas particulares ancestrais.

“Eu vou-lhe dar uma resposta, sabe o que é que eu fazia, rezar o quebranto e a espinhela caída também. Aprendi a rezar o quebranto”. (Avó urbana 1).

O seguinte testemunho, revela bem a diferença de género, neste caso, dos pais da avó, onde a crença religiosa era culturalmente de índole feminina e os homens, ao não praticarem a sua religião ou a sua crença, acentuavam a sua masculinidade.

“Eu também era uma pessoa, lá está, a minha mãe não era praticante, nem o meu pai, mas ainda tenho lá uma imagem grande de Nossa Senhora de Fátima. O meu pai dizia que não gostava dos padres, mas acreditava em Deus. Portanto, os padres eram uns homens como outros quaisquer, não, não para ele. Os homens, o padre não representava Deus e eu fui batizada, casei pela igreja, porque senti que tinha o gosto de casar pela igreja e depois senti gostar que os meus filhos fizessem a comunhão. Foram também batizados e fiz, quer dizer, não foi obriga-los mas quase que, ou por outra, fui eu que os lá pus. Encaminharam-se para igreja e a Carla fez as caminhadas da igreja. O Nuno fez já em adulto, porque o meu Nuno é GNR e depois quis fazer o crisma. Na GNR fez o crisma, porque acho que foram lá fazer a comunhão e assim ele quis fazer. De maneira que, acho que é importante, quer dizer, eu acho que a pessoa, temos que acreditar em alguém, não sei se, como o meu pai dizia, há alguém superior a nós. Eu não sei se é Pedro, se é Paulo, se é Zé, mas sei que há, temos que acreditar, que nós não andamos aqui sozinhos, acho eu. Não sei conter a minha ignorância, mas não, não estamos aqui por, alguma coisa foi, não, não é porque a mãe existiu e o pai existiu, alguma coisa superior a nós, eu acho que nós temos que acreditar” (Avó urbana 10).

No entanto, a mesma avó revela a sua fé e crença na proteção dos seus filhos e dos seus netos através da devoção ao Anjo da Guarda.

“Eu ensinava o Sebastião sim. Eu quando vou a Fátima costumo pedir por todos nós, pelo mundo, mas pelos netos, para que Deus os acompanhe, que Deus os ajude a não, a não cair em tentações, porque é mau. Aqui, quando era o meu Sebastião que tinha sonhos maus, o meu Bastião ainda no outro dia dizia que tinha sonhos maus, então tinha pesadelos, porque viam às vezes qualquer coisa, ou qualquer coisa que se passava e eu dizia, olha então vais ter de rezar ao Anjo da Guarda, para te dar sonhos bons. Está bem avó, então olha, já rezei ao Anjo da Guarda e a mãe, também ensinava o Pai Nosso e a Ave-Maria antes deles se deitarem e então nós habituámo-los a pedir a Deus, a rezarem, pedirem ao Anjo bom para não lhes dar maus sonhos, para dar

sonhos bons. Eles às vezes diziam-me de manhã: ó avó, ontem à noite rezei ao Jesus e não tive sonhos maus. Vês filho, então tens de rezar todos os dias, de maneira que ajudo. E tenho essas recordações deles, de os ajudar (...). Peço sempre por todos, eu quando peço pelos meus, lembro-me sempre que há tantos que precisam da palavrinha de Deus para os encaminhar”. (...) Ofereci aos meus netos, um anjinho da guarda que, eles têm, os três têm esse anjinho. Não é por vaidade, não é por ser prata, mas era, é uma proteção, era aquela coisa que Deus os acompanhe, que Deus os proteja e então é um símbolo. Na cama deles tinham, a Carla deve ter, agora não os põe, mas têm, cada um tem o seu anjinho de prata, que era para os proteger, quer dizer, eu acredito que realmente há sempre alguém que nos possa proteger, não é por, sei lá, às vezes há uma tentação e a gente parece que tem alguém a puxar-nos para não ter, eu pelo menos tenho sentido ao longo da minha vida, que às vezes eu vou mesmo, já sempre a descabrestar e depois parece que tem uma coisa a puxar-nos. Vê lá, pensa lá bem, muito bem para não descarrilares. (Avó urbana 10).

“Nem sei. Bem, sei fazer a reza do quebranto mas o Credo rezei-o muita vez. Quando me vejo aflita, às vezes até parece que tenho a cabeça partida, rezo”. (Avó urbana 6).

“Eu vou-lhe dar uma resposta, sabe o que é que eu fazia? Rezava o quebranto e a espinhela caída também. Aprendi a rezar o quebranto e uma oração que é a reza do sol. Quando eles torciam um pé, rezava a oração de coser o entorse” (avó urbana 22).

“Sim, por vezes se for preciso faço à minha filha, lembra-me muito, lembro-me muito porque ela era muito atacada. Ela própria é que me liga a mim quando está aflita da cabeça, porque a cabeça dela, ela às vezes dizia, ó mãe eu não posso e então, ó mãe vamos rezar o quebranto. (risos). Alguma coisa fazia, não tinha mal nenhum, a minha mãe até fazia com as brasas e o carvão mas se tinha oração ou não tinha, não lhe posso dizer. Por acaso é uma oração que uso muito e também usei quando eles eram pequenos, a oração de coser o entorse, que era feito com uma agulha e um novelo de lã ou de linha” (Avó urbana 23).

Práticas mágico-religiosas de proteção

Recolhemos algumas destas orações, porque foram feitas neste espaço intergeracional e provavelmente irão perder-se já na próxima geração. Desconhece-se a sua origem mas foram transmitidas de pais para filhos.

Oração de Cortar o Sol

São utilizados, segundo nos transmitiu a avó urbana 22, uma faca e um pau de lendroeiro ou aloendreiro, um arbusto comum junto aos ribeiros, especialmente no Alentejo e Algarve.

Esta oração era destinada à proteção de pessoas e animais, que estiveram expostas ao sol demasiado tempo, sendo os sintomas nas pessoas de dores no corpo, dores de cabeça e mal-estar.

Durante o período em que se “*corta o sol*” a faca não é utilizada para mais nada.

Deve ser feita a oração depois, do pôr-do-sol, repetida por três vezes e durante três dias seguidos, num total de nove orações.

Procedimento:

1 – A pessoa benze-se.

2 – Diz-se a oração fazendo o sinal da cruz.

3 - Jesus, que é o Santo Nome de Jesus, onde está Jesus, não entra mal nenhum. Santa Isabel e Santa Iria, pelas ondas do mar ia e com Jesus se encontrou e Ele lhe perguntou: O que tens Santa Isabel? (*Diz-se o nome da pessoa, ou tipo de animal*), está cheio de calma e calmaria, voltai para trás que o curarás.

“Coloca-se o pau na mão esquerda e com a faca na mão direita, como se estivesse a fazer pequenos golpes no pau e vai dizendo:”

4 - Eu te corto Sol quente, Sol ardente, Sol baixo, Sol alto e Sol alterado; Eu te corto da cabeça, dos braços e de todos os membros do corpo; Em louvor de Santa Maria, Pai Nosso e Ave-maria.

5 - Reza-se o Pai Nosso e Ave- Maria.

Oração de coser o entorse

Utensílios utilizados:

1 Novelos de linha e uma agulha com linha.

Oração destinada à proteção de pessoas com entorses em pernas ou braços.

Deve ser feita durante três dias seguidos, repetida três vezes, num total de nove vezes a oração, ou seja, no primeiro dia reza-se a oração por três vezes, no segundo dia mais três e assim sucessivamente.

Procedimento:

Coloca-se o novelo sobre o braço ou perna na zona do entorse, enfia-se a linha no novelo e dá-se uma volta com a linha ao braço ou perna, por cima e por baixo e dá um ponto no novelo. Repete esta ação várias vezes, mas em número ímpar, enquanto vai dizendo várias vezes a oração.

1. - A pessoa que faz a oração benze-se.
2. – A pessoa que tem o entorse diz: Jesus, coso.
3. - Quem faz a oração diz: Carne quebrada, nervo torto, carne quebrada volta a soldar, nervo torto ao seu lugar, Jesus cose pelo osso e eu pelo ar.
4. – Volta ao princípio, três, ou cinco, ou sete, ou nove vezes, mas sempre em número ímpar.

Estas orações eram utilizadas para resolver problemas de mal-estar e de saúde, recorrendo-se às crenças religiosas como coadjuvantes de outros meios tradicionais de cuidados de saúde, devido á falta de recursos. Hoje com certeza, recorre-se em caso de entorse, a uma unidade de saúde para efetuar meios complementares de diagnóstico e medicar com medicamentos que aliviem a dor e os outros sintomas, recursos inexistentes nalgumas regiões há duas gerações atrás.

Também podemos verificar que o repouso é um dos cuidados que os profissionais de saúde recomendam, podendo ou não, receitar um medicamento anti-inflamatório para reduzir a inflamação, o edema e a dor.

Estas práticas religiosas eram um recurso, aliado á esperança da cura por intervenção divina ou sobrenatural, muito utilizadas nas zonas rurais. Desconhece-se a sua origem, apenas que foram passadas de geração em geração e faziam parte das crenças e práticas de saúde de muitas pessoas.

5.7 – O SER AVÓ NA INTERGERACIONALIDADE

Nesta análise, pretendemos saber se o papel das avós sofreu alterações no espaço intergeracional.

Quadro nº 30 – Quadro referente ao papel dos avós na intergeracionalidade

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
AVÓS	O papel dos avós na intergeracionalidade para as avós rurais	Mesmo papel	12
		Ajudam mais hoje	13
	O papel dos avós na intergeracionalidade para as avós urbanas	Mesmo papel	15
		Ajudam mais hoje	10

Pela leitura do quadro nº 30 e pela análise das entrevistas, verificamos que no grupo das avós rurais, 13 referiram que os avós ajudam mais hoje do que ajudavam quando eram mães e 12 referiram que as avós no período intergeracional, têm o mesmo papel.

No grupo das avós urbanas, 15 referiram que as avós têm o mesmo papel no período intergeracional e 10 referiram que hoje, ajudam mais do que ajudavam.

“Eu acho que as avós hoje têm mais possibilidade de os ajudar não é, eu acho que sim. A minha mãe também, quer dizer, teve seis filhos e criou-os sem a ajuda também dos avós. O meu pai quando casou já não tinha mãe, tinha só o pai. A certa altura, ele ainda veio para lá era a gente pequenos, para ele cuidar do pai. A minha avó, a mãe da minha mãe, a mesma coisa. Quando ele vinha para lá, nós, pronto já não cuidava bem da gente, a gente é que tinha ainda às vezes de reparar por ela, porque ela já andava a cair dentro de casa, estava coxa e era assim” (Avó rural 1).

“Acho que é a mesma coisa, é.” (Avó rural 3).

“Considero como sendo a segunda mãe. Segundos pais por exemplo. Para mim foi. Olha, para mim foi, porque eu quando foi da minha mais nova, tive muito leite em casa e a minha mãe esteve com ela quinze dias em Vila Franca. Ia de manhã e vinha á

noite e estive em Lisboa também internada que eu fui operada a um ovário, porque eu tinha um quisto e ela é que estava em casa a tomar conta do meu do meio, com os dentes a romper, por isso foi também muito importante” (Avó rural 11).

“Ah hoje são mais ativos. A gente casava, casaste, pensas na tua vida que eu para mim, abalaste, acabou-se. A gente agora não. Os nossos filhos abalam e a gente está sempre ao lado deles para a gente os poder ajudar” (Avó rural 14).

“Eu acho que sim. Bem olha, eu só não ajudo mais os meus porque não posso, não é e a minha avó penso que seria o mesmo” (avó rural 20).

“Eu acho sim que continuam a ser avós. Pelo menos eu, pela minha mãe, eu estou a falar isto pela minha mãe, porque a minha sogra também era uma boa avó” (Avó rural 23).

“Olha no meu caso, eu nunca dependi da minha mãe, não. Eu casei, vim para a minha casa e mesmo a minha mãe não dava acesso a isso. Eu sabia que ela se preocupava com os netos, isso preocupava-se, quando eles estavam doentes, ela preocupava-se” (Avó rural 25).

Verificamos que nas avós rurais dividem-se as opiniões. Algumas avós referem que o papel é o mesmo, não sofreu alterações no período intergeracional. Outras referiram que hoje ajudam mais, subentendendo que culturalmente não era usual os pais ajudar os filhos como as avós ajudam hoje, eram mais independentes quer economicamente quer familiarmente.

“Foi muito importante, pois tal como eu disse, a minha mãe ajudou-me em tudo o que podia. Bem eu também vivia com ela, mas acho que ela fez por mim o mesmo que eu fiz aos meus filhos, apesar da minha Carla viver longe e eu viver com a minha mãe na mesma casa. Acho que o papel é o mesmo, não acho que eu hoje seja mais importante para minha filha do que a minha mãe foi para mim” (Avó urbana 10).

“O papel da minha mãe que era avó foi bastante importante. Pelo menos ensinou-me muita coisa porque eu fui uma mãe jovem e ela ensinou-me bastante. Agora na altura de hoje, continua a ser importante encaminharmos os nossos filhos. Agora as coisas são mais modernas, são outros pensares, outros diálogos, outras maneiras de agir e às vezes aquilo que a gente sabe de antigamente também ajuda, porque nem tudo o que é moderno é bom” (Avó urbana 12).

“Eu não sei, eu acho que os avós hoje ajudam mais os filhos do que ajudavam no meu tempo. Também não podiam porque os tempos eram muito diferentes do que são hoje. Hoje podemos comprar quase tudo o que precisamos e dantes vivíamos com aquilo que era possível. Não se tinha, não se tinha e pronto. Tanta vez que esperávamos por uma feira importante, para comprarmos mais alguma coisita e era quando nos vestíamos melhor” (Avó urbana 16).

“Acho que é a mesma coisa, não sei, eu acho que é mais ou menos a mesma coisa”. (Avó urbana 22).

Verificamos que nas avós urbanas tal como nas avós rurais, as opiniões estão divididas entre o mesmo papel no espaço intergeracional e algumas referiram que hoje, as avós estão mais interventivas do que estavam os seus pais.

Foram referidas as diferenças de recursos especialmente económicos, referindo que algumas das ajudas não podiam ser dadas, precisamente pelas dificuldades económicas que grande parte das famílias apresentava há duas gerações atrás.

Salientamos também o facto de as avós considerarem que o seu papel mais importante é a ajuda e a solidariedade familiar, nomeadamente as ajudas económicas que segundo referem, são essenciais nos dias de hoje.

A avó rural 14 enfatiza na sua unidade de registo o famoso provérbio *“casamentos, apartamentos”*, salientando o facto dos pais, quando os filhos casavam, desligavam-se das suas preocupações, responsabilizando-os pelos problemas familiares e económicos que adviessem e hoje não, os problemas são resolvidos entre todos os elementos da família, dando visibilidade a uma maior solidariedade familiar.

5.8 – IMPORTÂNCIA DAS UNIDADES DE SAÚDE LOCAIS PARA AS AVÓS

Iremos analisar de seguida, a importância que têm as unidades de saúde locais para as avós e se como recurso são suficientes e têm qualidade, dando uma resposta satisfatória às suas necessidades de saúde.

Quadro nº 31 – Quadro referente à importância das unidades de saúde locais para as avós

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Importância das unidades de saúde locais para as avós rurais	Muito importantes	14
		Não dão resposta adequada	11
	Importância das unidades de saúde locais para as avós urbanas	Não dão resposta adequada	16
		Têm de evoluir mais	3
		São importantes	6

Pela leitura do quadro nº 31, verificamos que no grupo das avós rurais, foi referido por 14 avós que as unidades de saúde locais são muito importantes, mas do mesmo grupo, 11 avós referiram que essas unidades não dão uma resposta adequada às suas necessidades em saúde.

Já no grupo das avós urbanas, 16 avós referiram que as unidades de saúde locais não dão uma resposta adequada às suas necessidades em cuidados de saúde, 3 avós referiram que essas unidades têm de evoluir mais e 6 avós referiram que essas unidades são muito importantes.

“ A minha filha quando o menino está doente vai logo às urgências a Santarém, mas quando vai ao Centro de Saúde, vai fazer as vacinas ou vai fazer a ginástica respiratória com o menino. Sempre fui bem atendida mesmo com o meu filho, por isso, não tenho razões de queixa de ninguém, acho que é muito importante.” (Avó rural 3).

“Ah eu acho que sim. Agora não, no Centro de Saúde não. Para a gente, pelo menos eu lembro-me e recorro sempre ao Hospital de Santarém. Se uma pessoa quer uma consulta de repente, tem de ir para lá às cinco da manhã para apanhar uma desistência. Ora de uma pessoa já está doente, mais doente fica” (Avó rural 9).

“Não então. Faz falta cá é aqui para a gente, valha-me Deus, então se tiram isto à gente a gente vai para onde? Já querem fechar o de Benavente também” (Avó rural 18).

“Ó João, eles dantes também avisavam, pelo menos quando era a dona Celeste, a vacina é dia tal. Mandava um coiso a casa e lembrava e eu agora acho que também fazem isso, porque a minha neta ainda essa vacina que eu há bocado falei, pronto quando é a altura das vacinas, eles mandavam um postal. Ainda no outro dia, lá a mandaram para ir à higienista oral. Lá veio um porque naquela altura não havia isso. Quando foi dos meus filhos não havia isso. Eu tinha que ir era ao dentista a pagar e agora também é. Vão ali á higienista mas se é melhor tem de ser a pagar. Isto é assim João, quem não tem dinheiro, eu não digo ter muito dinheiro mas tem que se ter alguma coisinha” (Avó rural 23).

Ó João, eu acho que a resposta, resposta, não dá. Não dá totalmente resposta. O Centro de Saúde, para já se for dentro das horas normais, são capazes de atender as crianças e pronto, atendem-nas normalmente e como deve ser não é, mas depois, ainda há bem pouco tempo o menino esteve com problemas de garganta, não havia médicos aqui, não havia. A médica era para dar consulta nesse dia, mas não sei para onde é que ela foi, não sei foi para outro lado qualquer, não deu. E ele teve que ir para Benavente e em Benavente, lá está, e lá é que ele foi assistido” (Avó rural 25).

Verificamos que muitas avós consideram os Centros de Saúde importantes apesar de serem um recurso que deveria ser utilizado como preferencial, mas não é utilizado para doenças súbitas, mas sim para vigilância e rotinas, nomeadamente a vacinação, mas reconhecem a sua importância.

“Não, não. Antes pelo contrário, está tudo virado de pernas para o ar. Antigamente vinha o médico a casa ao domicílio” (Avó urbana 7).

“A minha filha nunca chegou a ir muito aos Centros de Saúde, ia ao serviço do pai e portanto era uma diferença grande. Fui uma vez ao Centro de Saúde porque a minha filha nunca mais curava uma gripe que tinha, uma constipação, e a ultima vez que lá fui fiquei muito desgostosa porque a doutora disse-me, ó minha senhora, constipações é o meu ânus. Eu ainda tive para lhe responder, ó senhora doutora deixe andar quieto o seu ânus, porque eu até me queixei, achava que a minha filha já tinha uma pieira e então, foi no Centro de Saúde na Ajuda e perguntei se podia lá ir na

véspera de Natal. Depois marquei consulta no serviço do meu marido e tive logo. Entretanto o médico só me disse, deixe andar a sua filha mais uns dias e vai ver e foi ele que ma tratou. As vacinas, ia acho que era no Dispensário, lá na Ajuda, acho que aquilo era da Santa Casa da Misericórdia, qualquer coisa assim e ela ia lá fazer as vacinas todas” (Avó urbana 10).

“Eu acho que evoluíram já muito daquilo que eram. Mas acho que tem que continuar a evoluir ainda mais, ainda está muito atrasado, sobretudo agora que estão a fechar instituições de saúde, a tirar determinados sectores no Hospital, a reduzir as pessoas. Deve-se investir mais na saúde e na educação deve-se investir muito mais” (Avó urbana 13).

“Não, deu, por acaso até foi bom, a nossa médica era interessada, ainda hoje é a médica da minha, meu e da minha filha” (Avó urbana 15).

“No centro de saúde, os médicos são um bocado descuidados, são, são. Eu tenho um, já tive outro, depois foi-se embora, reformou-se e fizeram de galinha a peru. Tenho agora um que não olha para nós. Quando nós lá chegamos, começa a olhar para o computador e a tocar nas teclas. Olha para o computador e para nós não olha. Chegou ao cúmulo de aqui há um tempo, eu sou hipertensa e tomo um comprimido todos os dias logo de manhã para a tensão alta. O meu médico de família disse-me assim: A senhora tem que cá vir no dia, já não sei quantos, essa data foi em Julho do ano passado, para vir à consulta para os hipertensos. O meu médico foi ao computador e depois disse-me assim: A senhora a sua tensão como é que costuma estar? - Eu tenho um aparelhinho em casa e eu disse-lhe assim: Oh senhor doutor, eu sou uma pessoa que tenho um aparelho, mas raramente verifico a tensão. O marido da João, quando cá está, ele é que gosta de ver aquilo, mas eu, raramente me lembro que aquilo está em casa. Mas eu sinto-me bem, tomo o comprimido, já tive uma altura que não tomei e que me comecei a sentir mal e tive de ir para o hospital. A cabeça parecia que estava a crescer, era a tensão, mas aquele médico, vá lá a atender-me. Perguntou-me se a tensão tem andado boa. - Oh doutor, as poucas vezes que vejo não está má, tomo o comprimido, não é? E tinha aquele aparelho com que se vê a tensão em cima da mesa e vim-me embora e não me mediu a tensão. Veja lá o que ele se interessa por nós” (Avó urbana 21).

“Evoluir, acho que não. Aqui, quando os meus filhos eram pequenos havia médico pediatra e agora atualmente nem há médico pediatra ali no Centro de Saúde. Portanto não evoluíram, antes pelo contrário. Pelo contrário acho que estão é piores. Há menos médicos, a gente para apanhar uma consulta, às vezes tem que ir para lá às três ou quatro da manhã. Pessoas que vão para lá apanhar uma vaga têm de apanhar frio para conseguirem um médico” (Avó urbana 24).

“Eu acho muito importante. Os cuidados evoluíram. Digamos que estamos numa altura em que o facto de eles terem evoluído, hoje tudo passou por um valor e é o facto de ter esse valor. Há muita gente que é descuidado, apesar de não ser muito, mas muita gente que deixa de ir aos médicos hoje. Pois, isso é muito grave, porque nós pensamos que isto já estava ultrapassado e de repente vimo-nos confrontados. As próprias pessoas que trabalham no Centro de Saúde, que eu conheço há alguns anos, se elas tivessem oportunidade de avisar as crianças e os próprios médicos se não verificassem as fichas dos doentes que têm, eles por vezes é que vão à procura de determinadas crianças, porque os pais não vão. Realmente é a falta de dinheiro. Infelizmente, a falta de dinheiro é muito grave. Antigamente a gente não tinha, mas sabíamos conduzir as coisas de outra maneira. Vivemos hoje outros tempos em que tinha tudo e muitos pais, hoje não é pelo facto de ganharem mal, mas é pelos encargos que têm a seu cargo, que os obriga a pôr a saúde de parte e o Centro não consegue corresponder a isso” (Avó urbana 23).

Na opinião de muitas avós, os Centros de Saúde não dão resposta adequada às necessidades de saúde das pessoas, ou porque não dão uma resposta atempada ou porque consideram que a qualidade dos cuidados médicos, não são os desejáveis. Reconhecem que evoluíram no espaço intergeracional e que são importantes, mas necessitam de outros recursos, nomeadamente as urgências hospitalares ou médicos particulares.

Notamos que são as avós urbanas as que mais identificam problemas de funcionamento destas unidades, desejando que um dia possam ser suficientes para atender às suas necessidades, devido à proximidade das mesmas com os seus domicílios.

Segundo o Relatório da Primavera, (2013, p.77), *“Continuam a existir desigualdades no acesso a cuidados de saúde de qualidade. O acesso não é igual para*

todos os cidadãos, uma vez que nalguns casos, algumas listas permanecem abaixo dos 1500 utentes e, noutros locais, continuam a faltar médicos de família, deixando a descoberto muitos indivíduos. Continua por não ser divulgada e continuamente atualizada a informação sobre quantas a viver no território nacional têm e quantas não têm médico de família e acesso a uma equipa de saúde familiar”.

Este relatório patrocinado entre outros, pelo Observatório Português dos Sistemas de Saúde, dá razão ao testemunho de algumas avós.

Não é a pouca importância, é a ineficácia de uma resposta para as situações de saúde de evolução rápida, que as avós referem e que gostariam de poder contar com esse recurso.

5.9 – IMPORTÂNCIA DOS AVÓS PARA AS CRIANÇAS/FAMILIA

Nesta análise, pretendemos saber se as avós se consideram importantes para as crianças e para a família.

Quadro nº 32 – Quadro referente à importância dos avós para as crianças/família

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Importância dos avós para as crianças e família das avós rurais	Mimam mais	14
		Puxam mais pelas crianças	6
		Ensinam os netos	16
		São mais importantes, quando os netos são pequenos	4
	Importância dos avós para as crianças e família das avós urbanas	Dão mais amor e carinho	10
		Importantes para a união da família	4
		Estão mais disponíveis	16
		Preocupam-se mais	8
		Ajudam os netos	12
		Ensinam os netos	8

Pela leitura do quadro nº 32 e pela análise das entrevistas, verificamos que no grupo das avós rurais, as avós consideram que são importantes para as crianças, porque referem que ensinam os netos, (16), mimam mais, (14) e puxam mais pelas crianças (6). Neste grupo, 4 avós fazem referência à sua importância, especialmente junto dos seus netos, quando estes são mais pequenos.

Quanto ao grupo das avós urbanas, estas referem que estão mais disponíveis, (16), ajudam os seus netos, (12), dão mais amor e carinho, (10), preocupam-se mais, (8), ensinam os seus netos, (8) e são importantes para a união familiar, (4).

“As avós acabam por lhes ensinar certas coisas, não é, porque quando são meninas gostam de as ajudar a ensinar a fazer croché, a pregar um botão. Antigamente havia muitas que casavam e nem um botão sabiam pregar, não é, aquelas coisas ainda de outros tempos. As avós às vezes é que ensinavam. Não me aconteceu isso a mim, mas havia muitas que ensinavam a fazer uma camisa para um homem, porque quando não sabiam fazer uma camisa para um homem, já não podiam casar, não é. Não havia coisas feitas, nem havia dinheiro para as comprar. Tinham de comprar o tecido e depois a pessoa fazer a roupa. Eu ainda fiz para o meu marido, calças e camisas, principiante, sem ter andado a aprender” (Avó rural 1).

“São, a gente dá mais meiguices, miminhos, deixa-os fazer muitas coisas que a gente não deixa fazer às vezes os nossos filhos fazer e os netinhos já podem fazer tudo, porque a gente já está numa idade, já vimos as coisas de outra maneira” (Avó rural 3).

“Olhe, eu acho bom. Acho bom, porque deveriam de ensinar às crianças de agora, muitas das coisas que no nosso tempo os nossos pais nos ensinaram” (Avó rural 11).

“Acho, acho que sejam. Puxam muito por eles, porque as crianças, a gente estar com eles, a gente fala para eles e eles conversam com a gente, se eles começam a contar e a falar e se a gente não quer que eles façam assim, estamos sempre a repetir, assim, eu não percebo o que estás a dizer, eu não percebo e eles vão indo, vão indo e vão explicando aquilo que querem à gente” (Avó rural 16).

“Eu acho que sim, que os avós têm. Podem não ter, como é que eu hei-de dizer, eu tenho a quarta classe, não tenho muita, pronto, tenho a quarta classe que naquela altura valia muito, mas a gente tem assim mais um bocadinho de sabedoria e de como é

que eu hei-de dizer João, não é sabedoria, é de, pois sabedoria, tentar ver, fazer ver, ter cuidado. Eu agora com estas coisas da Internet tenho muito medo. Eu tento fazer ver à minha neta, ó filha tem cuidado, olha, não fales com ninguém estranho. Ó pá, julgas que eu sou alguma rapariga pequena? Ela já é uma mulher. Por isso eu acho que têm influência para os encaminhar num sentido. Não é educá-los, como eu já disse, a gente não é educá-los, porque quem os educa é os pais. A gente é não deseducar. Eu no meu ver acho que é isso. Os avós não são educar, é não deseducar, porque há muitos avós que deseducam” (Avó rural 23).

Ó João, os avós são importantes até certa altura, enquanto eles são pequenos, não é, porque enquanto eles são pequenos, eles ouvem-nos e nós conseguimos fazer alguma coisa deles. Portanto na educação, no viver em casa, no estar com a família, depois quando eles são mais velhos, eu ainda não tenho essa noção, não é. Mas possivelmente, irei ter. Eles já fogem um bocadinho dos avós, vão fugir um bocadinho dos avós, vão fazer a vidinha deles, mesmo em adolescentes. Depois vão fazer a vidinha deles, penso eu. A coisa que eu gostava que eles fossem era que fossem sempre amigos. É o que eu digo ao meu Rafael que é o mais velhinho, mais velho em relação ao irmão. Que ele seja amigo da mãe, pronto, porque digo-lhe muita vez que ele seja amigo da mãe, porque a mãe não tem mais ninguém e ele é o mais velho, portanto ele tem que ser amigo da mãe lá em casa e conversar com a mãe e aceitar aquilo que a mãe diz. Pronto, agora assim quando eles são pequenos, a gente consegue fazer alguma coisa deles, quando eles são crescidinhos, olha eles possivelmente já se retiram mais um bocado” (Avó rural 25).

Verificamos que para as avós rurais, os avós são muito importantes na transmissão de saberes, quer de práticas de utilidade diária, quer na socialização das crianças, promovendo o seu crescimento psicossocial.

“Eu acho que os avós estão sempre preocupados ou é por eu ser avó. Se calhar estou a ser egoísta. Acho que é muito importante. Os avós são muito importantes também. Em primeiro lugar estão os pais, a seguir os avós. Estou sempre preocupada com eles” (Avó urbana 6).

“Acho que é importante, muito importante o papel dos avós. Na ajuda de tudo, de os ir pôr à creche, de os ir buscar, passar umas horas com os avós, dormir uma noite ou outra em casa dos avós. Também para dar um bocadinho de alívio aos

próprios pais que também estão a trabalhar, estão cansados e também têm que ter um momento só para eles, tal e qual como eu tive e continuo a ter mais o meu marido. O papel dos avós é muito importante nessa ajuda e hoje cada vez mais” (Avó urbana 8).

“Penso que é importante. É porque é assim, nós por alguma razão, eu falo por mim, não dou a atenção que dava aos meus filhos que dou a estes que eu agora tenho. Não é o tempo do mundo porque ainda trabalho, mas disponibilizo-me quando eles precisam. No meu tempo era os meus pais que se disponibilizavam. Eu acho que os pais, enquanto pais jovens, enquanto os filhos são pequeninos, não têm a disponibilidade que têm os avós, embora a gente como dizem os pais, estragamos os netos. É mentira, a gente não estraga, dá o carinho que os pais não podem dar. O meu pai morreu há vinte anos. O meu pai exigia religiosamente que o Natal e o Ano Novo fossem passados em família e a minha casa era pequenina, a minha casa que era esta onde eu vivo agora. Já lá vivemos sete pessoas, com dois quartos e uma sala. O meu pai dizia que mesmo que fosse ou ali ou no chão, camas, sofás, se não houvesse era os sofás, era camas para os miúdos no chão, cobertores, não sei quê. Pois tinha que ser passado ali o Natal, porque era Natal, era da família. A Pascoa era da família, o aniversário do avô, no aniversário tinham que estar os filhos todos, as noras e os netos, quer eles quisessem, quer não quisessem. Aquilo era religiosamente cumprido, aquilo era sagrado. Eu tinha esse meu irmão que tem a roulotte no parque de campismo. No fim do ano havia umas festas dos campistas; não, era bailaricos e festas e não era pelos bailaricos, mas gostava do convívio, mas não ia porque, ai dele se faltasse ao fim de ano e a minha mãe fazia anos no fim do ano, no dia trinta de Dezembro e então era sempre festejado o dia dos anos da minha mãe. Depois o meu filho nasceu no dia um de Janeiro, portanto juntava-se à festa da minha mãe, a festa do fim do ano e do neto. Mas não era por ai que ele exigia, era porque era família, porque ele, é como eu digo, ele não era católico de ir à missa, mas ele tinha aquela convicção. Era a família, era a mesa da ceia de Cristo, era o ambiente, adorava aquele ambiente de família que eu ouvia às vezes, muitas vezes assim. Ó pai, mas isso é a pressão toda, aquela confusão, porque a minha mãe coitadinha era uma máquina, porque era fazer comer para aquela gente toda e depois acabava-se de comer, adeusinho, passem bem e iam para casa e a minha mãe coitadinha, ficava com aquela loiça toda e quando o meu pai faleceu, diz assim o meu irmão. Olha agora acabou-se, agora o velhote morreu. E foi, o meu pai

faleceu e o meu irmão não se sentiu já na obrigação de ir. Ainda foi, chegámos a passar alguns Natais, mas claro depois os meus filhos também cresceram, também apareceram outras famílias, não é, mas eu notei que o facto de o meu pai desaparecer, acabou-se com aquela responsabilidade“ (Avó urbana 10).

“Avó é avó não é mãe. Ser avó e ser mãe, ó pá, a gente distingue as coisas, não é?” (Avó urbana 16).

“Sim acho que é importante. Porque as minhas netas, pelo menos, gostam muito que os avós brinquem com elas. Tanto eu como o meu marido, ele não é assim tanto de brincar, mas o outro avô, quando lá chega é como eu. Tem que brincar às escondidas com elas, elas gostam que a gente lhes dê atenção. A mais velhinha, a outra entrou para a escola este ano, ainda não é tanto, mas a mais velha, nos problemas da escola e essas coisas temos que lhes ensinar. Ó avó anda cá que tu sabes, anda cá. Ó filha a avó, não sei se sei bem, porque o sistema agora de ensino é diferente, quer dizer, as coisas são as mesmas mas as perguntas são feitas de uma forma diferente. Mas eu às vezes como vou ler o que está atrás, compreendo e depois lá lhe explico e ela diz. Ó avó estava tudo bem tu ainda sabes e eu digo assim. Ó filha, a avó já andou na escola há cinquenta anos, mas pronto ela disse que estava bem, então é porque a avó ainda te sabe ensinar” (Avó urbana 19).

“Eu acho que é muito importante. É uma felicidade muito grande para os pais terem os avós por perto e que se lhes entreguem os meninos. Também conheço avós que não querem saber, interessam-se é por ele, próprios. São um bocado egoístas e também não estão para perder tempo com eles. É beijinho para aqui, beijinho para ali e toca a andar. Não querem estar em casa fechados com eles, não querem que eles sujem nada, nem nada disso, mas é muito importante. Quem tem a felicidade de ter pais por perto para tomar conta dos filhos é mesmo muito importante nos dias de hoje, para quem está empregado e trabalha, senão nem podiam ter filhos” (Avó urbana 21).

“Eu penso que sim, pronto, que pelo menos enquanto são pequeninas, têm quem lhes dê um bocadinho mais de amor, um bocadinho mais de carinho do que muitos pais. Eu penso que sim, estou convencida que sim” (Avó urbana 22).

“É fundamental. É fundamental, acho que é assim. A família é composta por todos nós. A minha neta por exemplo, hoje tem catorze anos. Quando falava no meu avô Joaquim, que era o meu pai e que convivia com pessoas da minha terra, ela dizia.

Eu vou para a minha casa da terra. Portanto é a casa do meu pai, que era o bisavô dela, mas ela, para ela era muito importante e para o meu pai também. Quando eles lá estavam, o meu pai adorava. Portanto era como voltar ao tempo em que tinha os netos. É fundamental que a família esteja unida, que a família se preocupe e que estejam todos realmente muito confiantes, que a família é um elo importante na sociedade, o que infelizmente estamos a perder” (Avó urbana 23).

Verificamos que nas avós urbanas, tal como nas rurais, os avós são importantes na afetividade das crianças, transmitindo-lhes saberes, amor e carinho. Algumas avós referiram também que são eles os responsáveis por manter a família unida, promovendo o convívio entre os seus elementos, num testemunho pleno de emoção.

As interações com os netos também acontecem devido á maior disponibilidade e paciência dos avós.

Lança, (2005) cita Gomes Pedro que afirma que o papel dos avós engloba um suporte emocional para as crianças, sem a preocupação de firmeza em determinadas situações e assim os avós, sentem-se no papel de mimo-dadores e não de educadores. Desempenham um papel fundamental no desenvolvimento afetivo das crianças, sendo fonte de amor e educação.

Ramos (2012, p.47) afirma o seguinte: *“Ser avô proporciona novas identidades, novos papéis, novas interações, dá um sentido à vida e um desejo de continuidade. Junto dos netos, os avós têm uma influência direta e, enquanto pais dos pais dos netos, têm uma influência importante nas atitudes e comportamentos educativos dos seus filhos, agora pais e educadores. Os cuidados dos netos pelos avós, origina múltiplas formas de reciprocidade entre as gerações”.*

As interações entre avós e netos são plenas de emotividade, mesmo quando se ensinam regras e se instituem deveres. Muitas vezes os avós não se sentem incomodados se estes não forem cumpridos pelas crianças.

Foram estas interações que as avós referiram nas unidades de registo.

5.9.1 – Substituição dos avós pela creche segundo as avós

Ao efetuarmos as entrevistas, questionámos as avós, se consideravam a creche, um bom substituto dos avós. Iremos analisar de seguida essas respostas.

Quadro nº 33 – Quadro referente à substituição dos avós pela creche

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	A creche é ou não um bom substituo dos avós para as avós rurais	É um bom substituto	20
		É um complemento	5
	A creche é ou não um bom substituo dos avós para as avós urbanas	É um bom substituto	17
		Não substitui os avós	2
		É um complemento	6

Pela leitura do quadro nº 33 e pela análise das entrevistas, observamos que no grupo das avós rurais é referido que as creches são um bom substituto dos avós, (20) e a creche é um complemento ao papel dos avós (5).

No grupo das avós urbanas, a maioria referiu também que a creche é um bom substituto dos avós, (17), é um complemento ao papel dos avós, (6) mas foi referido por 2 avós que a creche não substitui os avós.

“Pois é tudo. A creche quer dizer, pronto eles ali na creche aprendem outro tipo de coisas e os avós às vezes educam-nos assim de uma maneira um bocado antiquada, não é? Não são todas, mas há avós que é aquelas coisas, como era aqui à uma quantidade de anos e eles numa certa idade, têm que ser, têm que desenvolver também, não é?” (Avó rural 1).

“Ah eu acho que sim que é mais benéfico. Porque as crianças precisam de convívio com outras crianças da mesma idade, está a perceber e lá têm outras regras, enquanto as avós, cantando, um beijinho, estás a perceber?” (Avó rural 4).

“Até para aí para os três anos, com as avós e a partir dos três anos creche porque os ajuda muito” (Avó rural 7).

“É, a creche é, porque os miúdos desenvolvem muito e aprendem muito, têm umas atividades diferentes do que estando com as avós ou com uma ama, porque têm mais desenvolvimento na creche, já vão mais preparados do que quando vão para a escola, já não vão tão acanhados, é isso que eu acho. Na creche há regras e a gente mesmo que lhe queira dar educação não conseguimos, porque eles connosco não têm regras, fazem tudo o que eles querem” (Avó rural 3).

“Acho porque eles aprendem outras coisas. Não há é quem tenha dinheiro para pagar, para tomarem conta das crianças. Não há trabalho nem há nada. Há só mesmo as que vão trabalhar. Também não têm quem tome conta das crianças, têm que as pôr na creche. O dinheiro que elas ganham, também não dá para pagar à creche, está-se a tornar muito difícil porque os ordenados como eles agora estão a pagar, não é, ordenados para estarem a pagar às pessoas, para as pessoas conseguirem pagar a uma creche, pois está tudo a voltar ao fascismo, mas mesmo assim, no tempo do fascismo nunca de passou. Se fosse fome, nunca se passou tanto como se está a passar nesta época que a gente está a atravessar” (Avó rural 8).

“Ah eu gostava de tomar conta mas não posso, também estou a trabalhar. Era melhor, mas infelizmente hoje é assim” (Avó rural 20).

“A minha neta, quando chegou aos três anos foi para a creche. Porquê, porque ela só estava a conviver com adultos e então teve de ir mesmo para a creche, para começar a conviver com crianças. Não é que substituam os avós, eu acho que não, é para ajudarem, pronto a conviver uns com os outros, a conviver com crianças da idade deles e assim, porque aqui na minha casa ela estava aqui comigo era todo o dia, era eu, era o avô, era o tio, era a mãe, não tinha aqui crianças, enquanto lá na loja da Felicidade havia essas coisas” (Avó rural 23).

“Ó João em parte, em parte sim, porque é assim, eles na creche têm disciplina, educam-nos à maneira delas, porque o Rafael, porque o Gabriel, o Rafael esteve na creche particular, era uma creche praticamente particular e social pronto e ele aceitava muito bem aquilo e vinha aqui para casa, a coisa já era diferente. Embora eu não seja avó de mimar assim muito, que eu obrigo-os a determinadas coisas, há isso, sapatos para arrumar, roupa para arrumar, sentados como deve ser à mesa, comerem tudo, não sujarem, limparem, não gritarem não há isso, embora eu às vezes não consiga mas estou sempre atenta a isso. O Gabriel que é o mais novito, tem cinco anos,

foi o ano passado para a escola, para a escola pública e foi um bocadinho difícil porque ele é um bocadinho rebelde nesse aspeto, muito rebelde nesse aspeto e então elas diziam que ele não tinha disciplina, que ele não fazia aquilo que elas pediam, mas era mesmo a própria criança que é mesmo assim. Quando ele diz não, é não, e não faz e pronto. Quando ele diz está bem, já vai fazer, já está um bocadinho diferente, pronto já está diferente, mesmo elas, as educadoras dizem que ele está um bocadinho melhor. Aceita e já está muito diferente da maneira como ele lá entrou. Pronto, eu acho que é totalmente diferente, não é, com os avós aqui em casa eles não nos obedecem, senta-te aí, não sais daí, agora não sais daí, mas eles não obedecem a isso e lá na creche obedecem, portanto eu acho que sim, todas as crianças, todas as crianças que tivessem possibilidades, deviam de entrar numa pré-escola” (Avó rural 25).

Verificamos que as avós rurais consideram a creche como um local de aprendizagem infantil imprescindível para as crianças, nomeadamente no ensino de regras e rotinas onde é necessária firmeza, que as avós reconhecem por vezes não ter. No entanto, podemos afirmar que as avós rurais também acham importantes as interações entre avós e netos e a creche, acaba por complementar a aprendizagem dada pelos avós.

“Não é um bom substituto para as avós. Nas creches eles aprendem a ter regras, aprendem a saber que diz, não mexe, não faz, mas em casa com as avós, não faz e não mexe, têm mais liberdade eles vão e mexem e é preciso ensiná-los mais que uma vez. Acho que não é um bom substituto, porque deve haver uma relação entre a creche e a criança e entre os avós, os netos e a própria creche. Os avós devem dar apoio á própria creche, quando eles precisam da participação dos avós” (Avó urbana 4).

“Olhe, os meus foram para a creche porque na altura os meus pais trabalhavam. Depois a seguir da Carla entrar para a creche, o meu pai ficou reformado. Eu sei que os meus filhos foram com um ano para a creche. As crianças desenvolvem talvez mais em termos de conhecer, em termos de métodos, porque é o respeito, não é, de estarem na creche. Eu não digo que não seja bom, como foram os filhos para a creche, eu não digo, porque os avós em casa, o que é que eles podem ensinar? Ensinam, ensinam o conhecimento que têm, mas em termos de métodos, em termos de disciplina vá, eu digo mais o termo da disciplina. Eu ficava triste quando os meus iam para a creche e apareciam com as pernas todas negras, ui eu ficava piurça,

porque eu achava que tinha lá uma filha e a educadora devia de tomar conta deles, não deixar os outros miúdos baterem. A Carla tinha uma amiga que hoje é amicíssima, tinha umas botas ortopédicas. Aquela rapariga era a João, aquela rapariga, qualquer coisa era à canelada. A minha Carla parecia o mapa de Portugal, até que uma vez fui ter com a educadora, com a diretora da escola e disse à senhora. Diz ela assim, então a Carla que lhe dê também. Eu pensei, olha que isto, então eu venho falar, então eu agora, daqui a bocado anda tudo ao pontapé e à estalada, então não há métodos? Eu realmente penso, hoje penso assim, então como é que elas podem tomar conta de vinte e tal miúdos? Os miúdos cegam-nos. Mas é bom, é bom porque eles aprendem, eu sei que eles aprenderam, por exemplo o comer com a mão, com a faca, com o garfo, os métodos e não sei quê. Então os avós em casa, não tinham essa paciência, não é porque tenham outras tarefas e olha comem aqui e ali não. Ali há um regime, ali aprendem, convivem todos, acho que desenvolvem mesmo até a linguagem e assim, não é, desenvolve-se mais porque eu notei que os meus netos até começaram a falar muito cedo e a andar muito cedo e corretamente. Os meus filhos foi a mesma coisa, porque eu aprendi, eu ensinava-os a corrigir, nunca falei com eles aquela linguagem de bebé, por exemplo a minha Carla dizia, póco, em vez de dizer copo dizia póco e enquanto eu não lhe ensinei a dizer có, có, copo, copo, eu não descansei, porque achava que não deviam de ir para a escola a baralhar a linguagem portuguesa, a não baralharem aquilo tudo e ensinei-lhe, tanto a ela como ao irmão, enquanto havia lá uma miúda que era da idade da Carla que falava tão mal, não era tão mal, era as palavras e ninguém a corrigia e eu dizia muita vez, ó Sandra, não é assim, é assim, mas ainda hoje, ela é uma mulher casada com filhos, ainda hoje não fala bem, (risos) ” (Avó urbana 10).

“Num certo aspeto é. Eles desenvolvem mais na companhia dos outros, mas, para estarem cuidados, se calhar estão melhor com os avós, do que estão na creche” (Avó urbana 15).

“Eu acho que num sentido acho que sim, porque eles convivem. Até quando são bebês, eu acho que o cuidado dos avós há outra preocupação, estamos a tomar conta de um ou de dois, é diferente. Na creche estão muitas crianças a tratarem. A partir dos três anos, acho que já lhes faz falta um bocadinho a creche, para evoluírem com as outras crianças e conviverem aquele bocado, embora para depois nós os irmos lá

buscar e depois estarmos com eles e fazer os outros cuidados que precisam, não é?” (Avó urbana 20).

“Acho que sim. A minha neta está naquela escola e eu gosto da escola. As senhoras bem, também não são muitas crianças e eu acho que as crianças, umas com as outras, precisam de conviver. Eu acho que é muito bom para as crianças. Até é melhor que estar o dia inteiro fechado com as avós em casa” (Avó urbana 21).

“Aí, eu penso que não, eu penso que não deve ser enquanto elas são pequeninas, em casa tenho uma pequenina que tomo conta. Quando forem mais velhinhas devem de ir para aí uns dois aninhos ou assim, para depois se habituarem a ir para a escola”. (Avó urbana 22).

“Eu acho que as duas coisas são necessárias. As avós são muito importantes, mas as crianças precisam de conviver. Precisam de conviver com a família, com os avós, é uma parte fundamental. Mas a creche também é importante para eles na sociedade que hoje temos. Eles têm que conviver com outras crianças. É importante para o desenvolvimento deles, para a linguagem, para todo o esquema de valores da mente, é fundamental, tanto de uma coisa como a outra que estejam interligadas e eu acho muito bem até os lares de idosos, receberem constantemente os grupos de crianças e isso acho que é de uma ternura, porque eles revêem-se que estão ali, é um lar que, infelizmente hoje na nossa sociedade é necessário, mas que as crianças participem da importância da pessoa que tem idade, mas que também são importantes. Acho isso muito bom, de todas as coisas, de todos os lares que têm convivência com os infantários. Acho que quem pensou nisso pensou a cem por cento, muito bem conseguido” (Avó urbana 23).

Verificamos que as avós urbanas consideram as creches, bons locais de aprendizagem para as crianças. Muitas consideram que a idade ideal para os seus netos ingressarem na creche é a partir dos 3 anos. No entanto reconhecem que os avós complementam essa aprendizagem com o afeto, o carinho e a atenção, necessários para um desenvolvimento equilibrado das crianças. Reconhecem que a creche não substitui os saberes transmitidos pela família, mas é um complemento educacional.

Sampaio (2008, p. 85 afirma o seguinte: *“ O papel dos avós na infância dos netos manifesta-se muito para além de uma função de guarda, visível quando os pais se ausentam ou quando os mais novos reclamam os contatos (o que acontece com*

frequência dado o caráter divertido da maioria das relações avós/netos). São educadores por prazer, não por dever ou por missão, exceto nas situações em que substituem os pais por completo”.

Os avós dão continuidade à educação das crianças depois do horário da creche e da escola.

A utilização das creches e jardins-de-infância são um recurso muito utilizado devido ao trabalho dos pais e de alguns avós. Mesmo com este recurso, algumas famílias ainda sentem algumas dificuldades em cumprir os horários destas instituições, que na maioria dos casos, não são flexíveis e não acompanham os horários de trabalho dos pais. Muitas vezes são os avós que vão buscar os netos à escola ou à creche, por estarem mais disponíveis, ou terem um horário de trabalho mais flexível.

No entanto, algumas avós já afirmam as dificuldades económicas que os pais podem sentir ao pagarem a estas instituições, por algumas praticarem já preços elevados em relação aos vencimentos e deixarem de ser um recurso prioritário. Nem todas as creches flexibilizam os seus preços com o valor dos salários dos pais, especialmente as instituições privadas.

Ferland, (2006, p. 28) afirma que: *“Segundo o inquérito francês conduzido junto de várias centenas de famílias e de profissionais da infância, as crianças consideram que, além dos professores, os avós são quem mais lhes ensina. Os avós são para a criança uma fonte de conhecimentos”.*

No entanto e segundo os resultados dos relatos, as avós, tanto as que vivem em contexto rural como as que vivem em contexto urbano, reconhecem que são muito permissivas na imposição de regras aos seus netos e que a creche é uma vantagem nessa aprendizagem. Não substituem o convívio entre crianças da mesma idade, considerando este imprescindível para um crescimento saudável dos seus netos.

5.10 – SER AVÓ: EXPERIÊNCIAS, VIVÊNCIAS E MENSAGENS

De seguida iremos analisar os sentimentos das avós em relação à sua condição. O que sentiram quando foram avós, a partilha de experiências e vivências e por ultimo que mensagens deixar para todos os avós.

Quadro nº 34 – Quadro referente ao que as avós sentiram quando foram avós

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
AVÓS	O que as avós rurais sentiram quando foram avós	Felicidade	19
		Grande alegria	25
	O que as avós urbanas sentiram quando foram avós	Muita felicidade	18
		Grande alegria	24
		Feliz com os netos, triste com o bisneto	1

Pela leitura do quadro, verificamos que as sensações descritas pelas avós rurais no momento do nascimento dos seus netos foram a grande alegria, (25) e a felicidade. Já o grupo das avós urbanas, também referiu uma grande alegria, (24) e muita felicidade, (18), mas 1 avó referiu que ficou feliz com os netos, mas triste quando lhe nasceu o bisneto.

“Foi uma alegria muito grande mas não chorei, o meu marido é que chorou, mas eu não chorei, ele está ali dentro. Lembro, lembro muito bem desse dia. Lembro dele estar agarrado à nora a chorar” (Avó rural 1).

“Senti-me bem feliz, fiquei emocionada” (Avó rural 3).

“Fiquei muito contente. Porque fiquei, porque fui avó cedo, com quarenta e poucos anos, fiquei muito contente. Foi a minha Diana. Eu às vezes digo-lhe assim, pois, pois, eu é que te lavei a primeira fralda, (risos) “ (Avó rural 5).

“Olhe a maior alegria do mundo. Sim, eu fui avó nova tinha quarenta e cinco anos e para mim aquilo foi uma alegria. Sim quando foi da primeira, aquilo para mim era um orgulho, uma coisa louca, a mãe dela estava longe, só a víamos de tempos a tempos, porque eles estavam no Algarve, aquilo para mim era, não tem explicação” (Avó rural 9).

“Ah sei lá, (risos), não sei explicar. Senti uma alegria muito grande pronto. É os primeiros netos não é, a gente sente-se sempre bem” (Avó rural 16).

“Olha ó João, eu quando fui avó, eu ao princípio fiquei assim, parece que fiquei embuchada, não é, fiquei de uma tal maneira contente, mas não era capaz de deitar cá para fora estás a perceber, de deitar para fora. Não era daquelas, ah sou avó e assim, não. Fiquei muito contente e assim mas nem era capaz, tanto que o meu marido depois dizia, ó Queta quando a menina nasceu, tu não exteriorizaste nada assim, mas não fui, eu até não sou uma pessoa de deitar muito cá para fora aquilo e então fiquei assim, e a pouco e pouco, parece que foi nem que eu faltasse lá um minuto, lá em Santarém e cá em casa e isso tudo, mas era assim, fiquei assim em choque. Não é que eu não quisesse ser avó, eu queria, mas naquela altura, não sei se por causa do parto e aquelas coisas todas estás a perceber João, fiquei, pois, fiquei muito contente e o meu marido também” (Avó rural 23).

“Ó João, eu sou uma pessoa que aceito tudo com muita naturalidade e eu até me lembra, até me lembro. Foi aqui nesta casa que eu me lembro que a minha nora, eles são muito de pormenores e então acharam que no dia que nós avós fizéssemos anos de casados e coincidiu, darem-nos a notícia que ia-mos ser avós. Portanto, por acaso nesse dia até ia-mos jantar fora e fomos todos jantar fora, um bocadinho mais satisfeitos, um bocadinho mais contentes, porque enfim, ia-mos ter um netinho, ou uma netinha. Foi uma menina, graças a Deus correu bem, mas, eu não sou, não sou muito eufórica, eu sou uma pessoa calma e muito natural, mas gostei, porque enfim é a vida, é o ciclo da vida e eles sentiram-se felizes e nós também” (Avó rural 25).

Observa-se nas avós rurais, sentimentos de alegria e de muita felicidade com o nascimento dos seus netos, tal como foi partilhado nas entrevistas.

“Ai fiquei muito feliz. Eu fui logo a correr ver o meu neto e até se eu corria. Quando a neta nasceu, faz agora dia onze, vinte e nove anos no dia de S. Martinho, parti este braço, a correr para ir ver a neta” (Avó urbana 3).

“Ah, foi uma felicidade muito grande. Fui avó aos cinquenta anos. Fiz os cinquenta em Fevereiro e fui avó em Março, dia oito de Março. Foi uma felicidade muito grande, muito grande. Era a minha menina, era uma menina, tanto que eu tinha muitas coisas, ainda há pouco tempo disse à Matilde e a Matilde tem um papel escrito.

Eu chamava a florzinha da avó, porque era a minha florzinha, para mim era uma florzinha, não é” (Avó urbana 10).

A próxima avó ficou feliz com o nascimento dos netos mas triste com o bisneto.

Então não me lembro, que alegria, mas agora a ser bisavó a segunda vez, fiquei triste. Ó pá porque eu, uma criança que nasce hoje, pode ter um futuro muito azarento na vida e a minha neta disse-me sempre que não queria ter filhos. Ela nunca quis, não quer ter filhos, quer passear e quer estar livre e quando ela me telefona a dizer que estava grávida, eu disse assim. Ah, então não querias! Aconteceu avó, foi o antibiótico. Ai foi? (risos). Mas eu, sinceramente fiquei triste, porque pode ser um cachopo que aprenda em todo o lado, coisas boas e coisas más e este tempo de agora não ajuda nada as crianças” (Avó urbana16).

“São sensações que nunca esquecem. É verdade, nunca esquecem. Eu não sou muito chorona, mas estava aqui nesta sala e quando a minha filha mais velha, a minha neta tem vinte anos agora e a minha filha diz-me assim. Ó mãe, estou mal, estou mal disposta, ai não sei o que tenho, estou agoniada, veio-me uma azia aqui, uma coisa esquisita. Eu vou e disse-lhe assim naturalmente. Pode ser que estejas grávida. E ela disse-me assim: Ainda não tinha pensado nisso. Vai-se a ver e estava realmente. A mais velha fez vinte anos no dia trinta e um e a mais nova tem vinte e dois meses. Vai de vinte anos a vinte meses” (Avó urbana 13).

“Pronto eu acho que é uma emoção, uma felicidade, uma coisa enorme que nem dá para descrever, creio eu. Não sei, a minha filha foi para a maternidade e depois teve de fazer cesariana, porque ela trazia o cordão à volta do pescoço e estava já com um bocadinho de dificuldade em respirar. Mas eu nem esperei que me ligassem que ela já tinha nascido. Chegou ao meio dia e não diziam nada, eu fui até à Póvoa, apanhei o comboio, ela nasceu lá no hospital da Cruz Vermelha, a mais velha, a mais nova nasceu ali nas Descobertas. Também foi precisamente igual, quando a mais velha nasceu, quando eu lá cheguei à porta do hospital, o meu genro a ligar que a miúda já tinha nascido, ele já tinha ligado aqui para o meu marido e ele disse: Ela assim que almoçou, disse, não, eu vou-me embora, não estou bem aqui e ele disse, olhe, acabou mesmo agora de nascer. Ainda a minha filha estava pendurada e tinha as pernas dormentes quando eu cheguei ao pé dela. Ele estava já cá à porta e então ele disse. Eu vou aí buscá-la a baixo, acabou de nascer, mesmo agora. Veio mesmo agora para o

quarto. Quando foi da mais nova, também fui e cheguei lá e ela ainda estava no quarto, não tinha ido para bloco, que também fez cesariana e ainda lhe fui dar um beijinho e estive lá um bocadinho com ela. Depois fomos lá para uma sala onde via o espelho do berçário. Ela, quando nasceu, trouxeram-na para ali, para estar a ver o bebé através do vidro e assim foi. Eu quando assim é, não consigo estar aqui quieta à espera, tenho que ir” (Avó urbana 21).

“Muita felicidade, foi uma felicidade. Quando as fui ver fui ao pé das minhas filhas e disse graças a Deus têm cara de serem perfeitinhas” (Avó urbana 22).

“ Ah isso foi como voltar a ser mãe. Só passar por aquele período de angústia de, está tudo a correr bem, não está? É como se fosse mãe novamente com uma coisa acrescida, que tenho que começar a pensar na minha filha e tenho que começar a pensar na minha neta, mas não passar por cima da minha filha que é a mãe. Eu cheguei a ir com a minha neta para a praia com um mês de idade, quatro mezinhas e uma senhora que foi com a filha dizer-me: Tem uma grande sensibilidade, porque foi avó muito cedo, com trinta e nove anos, mas acho que é uma coisa que vai passando. Eu tenho uma colega que não tem netos. A minha neta nasceu, deixa-me ir contigo para ver a tua neta e eu disse, claro vem comigo. Eu quando cheguei lá não havia ninguém e a gente entrou e estávamos lá descansadas, quando a médica entrou disse, você pensa que a neta é só sua? Porque a gente até se esquece do tempo e havia pessoas cá fora para entrar. Acontece que ser avó é como ser mãe, toda a gente devia e podia. Hoje há muito egoísmo em querer ser pai ou mãe e eu fui criada para ter uma família, para não trabalhar fora de casa e o papel da família foi sempre muito relevante, muito importante. Passei sempre a passar isso aos meus filhos, mas pronto ser avó é ser segunda mãe vai passando é muito especial” (Avó urbana 23).

Pelos relatos das avós, tanto rurais como urbanas, o nascimento dos seus netos foram plenos de felicidade. A ansiedade relatada por algumas avós de ver os seus netos, os momentos de felicidade partilhados com os outros familiares, demonstra que esses dias marcaram muito pela positiva a vida das avós entrevistadas.

Em ambos os contextos, urbanos e rurais, os sentimentos são muito semelhantes como ilustraram as unidades de registo. Foram apenas escolhidas algumas das 50 entrevistas realizadas, para não alongar muito este capítulo, mas foram todos relatos muito participados e emotivos.

Ferland, (2006, p.19) na sua introdução afirma o seguinte: *“Tornamo-nos pais quando o nosso filho nasce; tornamo-nos avós quando, por sua vez, esse filho se torna pai. O novo nascimento ocasiona uma mudança de geração, tanto para uns como para outros. As crianças de ontem tornam-se pais e os seus próprios pais, sem nunca deixarem de desempenhar o primeiro, começam a desempenhar um novo papel”*.

Segundo os testemunhos das nossas avós, essa transição de mãe para avó foi sempre feita com muita alegria e felicidade. Ficou cumprida uma parte da missão de mãe mas vêm aí duas novas missões: a de mãe e a de avó.

Quadro nº 35 – Quadro referente às experiências/vivências das avós

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
AVÓS	Experiências e vivências das avós rurais	Primeiras palavras	16
		Resultados escolares	9
	Experiências e vivências das avós urbanas	Interações com os netos	14
		Primeiras palavras	6
		Escola dos netos	3
		Vigilância dos netos	2

Pela leitura do quadro nº 35 e pela análise das entrevistas, as experiências e vivências que marcaram mais as avós rurais foram as primeiras palavras dos seus netos, (16) e os resultados escolares, (9).

Já o grupo das avós urbanas faz referência às interações com os netos, (14), às primeiras palavras, (6), à escola, (3) e à vigilância dos netos, (2).

“Pois, sei lá, isso às vezes há muitos momentos assim de alegria, coisas que eles dizem, pois, a gente é eles andarem na escola e a gente saber que a escola corre bem, é uma alegria grande” (Avó rural 1).

“Há assim coisas que ele diz; o que ele diz agora é café, agora é que ele está a começar a falar, começo a rir-me muito e acho que são coisas engraçadas, ele diz deixa-me, deixa-me e esta do café, ele há bocado disse ao avô para lhe vestir o casaco para irmos ao café e o avô foi ao café com ele, com este temporal e tudo. Eu tenho sempre alegria quando o vejo, estou sempre com ele gosto muito dele, gosto de ficar a ouvir o que ele diz, as birras dele e tudo, como eu estou lá na creche, estou sempre a vê-lo.” (Avó rural 3).

“Como avó foi o meu neto chamar por mim e quando foi a chamar por mim, depois eu a falar para ele e ele dizer assim, ó avó tu não sabes o que estás, o que estás a dizer para mim e eu fiquei com aquela coisa dele dizer para mim, ó avó tu não sabes o que estás a dizer para mim. Tão pequenino e ele saber dizer aquela palavra e eu fiquei com aquilo na minha ideia, de ele dizer-me aquilo, marcar-me a mim” (Avó rural 8).

“A minha Beatriz, coitadinha ai a minha avozinha (risos). Eu fiquei muito contente. Ela às vezes tem coisas levadas da breca” (Avó rural 13).

“Ai muitas. Quer dizer, convivi assim muito com eles. Ia levá-los à escola, buscá-los, quer dizer, foi uma com cinco dias e agora quando vou a Vila Franca, passo ao pé da escola (e apontando para uma foto do neto), o meu Rui quando estava na escola, tenho muitas saudades desse tempo” (Avó urbana 3).

“Não tive assim nada que me dissesse, desgostei-me. Gostar, gosto, para mim é sempre uma loucura quando estou com ele. A minha Matilde agora já está mais senhorinha, já é diferente, agora o Sebastião é o mote. O Sebastião é o Sebastião. Agarra-se a mim, ainda há bocado a Carla estava a falar, não sei porquê e ele não gostou, não fale assim com a minha avozinha. É assim, acho que não, acho que sim, que tenho sempre boas recordações dos três. Por acaso é uma coisa que eu tenho, os três são muito melosos. A Matilde agora está numa fase mais senhorinha mas sempre foi a minha avozinha, a minha avozinha “ (Avó urbana 10).

“Quando elas são mais pequeninas, agora são mais adultas, quando são mais pequeninas, são assim meiguinhas. A gente pega-as ao colo, pede-lhes um abraço, elas agarram-se ao pescoço e assim, porque quando é na altura das férias, os pais estão a trabalhar e eu costumo levá-las comigo para onde vou. Os pais vão lá ao fim de

semana, pronto, é sempre assim e a gente fica, pronto como gostamos tanto isso marcamos, não é?” (Avó urbana 21).

“Tudo, a minha mais velha quando era pequenina era tudo comigo, ó avó, quero a avozinha, quero a avozinha e estas, estas pequeninas também. Ainda ontem ela esteve a medir o espaço de eu me ir embora ao fim-de-semana e então ontem disse-me logo de manhã assim: Bia, porque elas não me tratam por avó, é Bia; Bia tu não te vais embora hoje pois não? E eu disse, não filha. Depois chegou á noite, a mesma coisa. Bia, tu não te vais embora, não? E isto fica-me cá e outras coisas, fico com pena de me esquecer, porque uma pessoa chega à noite fica muito cansada, é muito complicado, quando elas estão as quatro é muito complicado” (Avó urbana 22).

“As primeiras palavras dos meus netos a chamarem-me avó. Aninharem-se no meu colo, a dar-lhes a primeiras papas. Procuro estar sempre próximo dos meus netos e graças a Deus, até a namorar ao pé de mim. Tenho tido oportunidade de fazer um estudo. Nunca ultrapassar a minha filha, lógico e tenho uma filha muito inteligente e tento confiar em mim e deixar os meus netos, como se estivessem com ela. Eu posso dizer é muito especial é como ser mãe pela segunda vez. Fazendo as coisas com uma experiência de vivência melhor, mas eu também tenho uma responsabilidade muito grande porque não é o nosso filho, é o filho da minha filha, portanto, se a pessoa tem uma responsabilidade maior, até devemos como somos mães, nós respondemos, quando somos avós nós temos essa responsabilidade, respondemos por ela, mas é assim, às vezes acontece com o meu neto; a minha comadre mandou pôr em casa dela em todas as esquinas, uma coisinha redonda para quando eles caíssem e uma vez o meu neto com a minha filha lá, partiu a cabeça e a minha comadre disse-me, ai comadre que bom, que a Ana estava lá porque lá está a nossa aflição, portanto, a gente sabe que tanta vez, somos responsáveis, fazemos tudo por eles, damos a vida, se for preciso por eles, mas se é determinadas coisas, que não aconteça, quando estão connosco que aconteça quando estão com os pais” (Avó urbana 23).

As experiências relatadas nos dois contextos, urbanos e rurais, apresentam-nos as experiências e os momentos especiais de interações entre as avós e os seus netos. As primeiras palavras, a vigilância, a transmissão de saberes, a escola e as relações de proximidade, provam a célebre definição da relação entre avós e netos como a relação *açucarada*.

Essa relação açucarada, pintada com momentos de ternura e de interações únicas em cada família, marcaram pela positiva as suas avós, que acham engraçadas as brincadeiras e a aprendizagem dos seus netos. O ciclo de crescimento repete-se agora com os seus netos, podendo disfrutar novamente desses momentos que são considerados mágicos. Menos disponíveis durante o crescimento dos seus filhos, como nos afirmaram anteriormente, disfrutam agora com mais prazer dos momentos que pensam ter perdido, recuperando a perda anterior com interações ricas de momentos agradáveis e de afeto, que também são muito importantes para o crescimento das crianças.

Sampaio, (2008, p. 91) afirma o seguinte: *“Com os netos, entre o nascimento e os seis anos, a relação com os avós estrutura-se através do olhar e do contato físico. O colo, os beijos e os abraços, criam uma relação de profunda afetividade, correspondente à qualificação de «estragar com mimos», como muitas vezes ouvimos descrever”*.

Já Ramos, (2012, p.42) refere o seguinte: *“A relação e a convivência entre avós e netos são permeadas de significados, de valores, de passagem de testemunho, de saberes, de legados geracionais”* e podemos acrescentar de muitos momentos de felicidade.

Quadro n 36 – Quadro referente às mensagens especiais das avós, para os avós

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
AVÓS	Mensagens especiais das avós rurais, para os avós	Ajudem os netos	18
		Ajudem os pais	12
		Os avós são uma referência	3
	Mensagens especiais das avós urbanas, para os avós	Ajudem os netos e os filhos	16
		Eduquem os netos	6
		Não maltratem os netos	3

Pela leitura do quadro nº 36 e pela análise das entrevistas, as mensagens que as avós rurais deixam a todos os avós são de que ajudem os seus netos, (18), ajudem os seus filhos, (12) e 3 avós referem que são uma referência para as famílias e para as crianças.

O grupo das avós urbanas dá ênfase à ajuda aos netos, (16), à educação dos netos e 3 pedem para que os avós não maltratem os seus netos.

“Sei lá. Quero que eles façam aquilo que possam pelos filhos e mais, há muitos que às vezes os próprios filhos já não são bons pais, não é? E então, os que puderem dar-lhes bons conselhos a eles acho bem” (Avó rural 1).

“ Deixar a todas as avós uma mensagem: que todas sejam como eu e que pudessem ajudar os netos da melhor maneira que possam e a mesma coisa que eu faço; não dou muito, não lhe posso dar mais, mas dou-lhe aquilo que eu tenho e que posso” (Avó rural 3).

“Olha que sejam, como é que eu hei-de dizer, há netos também muito mal criadinhos, os avós fazem-lhe tudo e mais alguma coisa e eles no fim ainda são ruins para os netos. Essa coisa, isso não tenho eu de ser, mas acho que os avós ainda são uma grande referência para os netos. Pronto, eu acho que os avós são uma grande referência para os netos” (Avó rural 5).

“Acho que as avós, costuma-se dizer, as avós são a segunda mãe, não é? Eu acho que nenhuma avó que tenha orgulho nos netos e o neto tenha o orgulho de uma avó, é mesmo a cem por cento, mesmo a cem por cento. Um neto para mim e então netos que sejam dados para os avós, então como eu estou farta de dizer, só se for este agora que desencante com ele, porque a gente é assim, a gente gosta muito dele” (Avó rural 6).

“Dizer que eles estão a precisar de comer que tem de se ajudar, porque a gente não pode abandonar uma coisa que a gente tem. Deitar ao mundo para a gente ajudar, não é só dizer assim, as mães que tratem, não. Os avós também têm de estar sempre ao lado deles, porque senão for os avós, não é só com eles que eles coitadinhos têm as coisas com os pais, porque os outros começaram e este vai acabar, vai afundar isto tudo, vai morrer muita gente, vai ficar muita gente, muita criancinha que vai parar ao hospital e no hospital nem os curam. Vão ficar todos aí encrequelhadinhos com fome,

porque há muita criança que quer comer e já não têm dinheiro para comer e têm uma carinha já tão enfiadinha, que até faz impressão” (Avó rural 8).

“Olha que ajudem os netos e ajudem os filhos no que a gente puder, tem de se ajudar, pouquinho mas ajuda-se” (Avó rural 13).

“Eu sou muito fraca avó para mensagens, mas olha que deem. São mães e são avós não é, são mães duas vezes se calhar não é e então a gente já sabe. Eu por mim faço tudo pela minha neta e se calhar as outras avós, é o que eu posso dizer, fazer tudo pelos nossos, tudo no bem, só no bem. Olha filho, não sei dizer mais nada” (Avó rural 23).

“É pá os avós de hoje, eu a mensagem que eu deixo aos avós de hoje é os netos precisam muito, os filhos inclusivamente também. Muitos precisam dos avós. Os avós acho que estão sempre presentes, quando eles pedem qualquer coisa e eu acho que sim, que devem fazê-lo, devem fazê-lo. Devem dar apoio às crianças para as crianças se sentirem felizes no seio dos avós, do pais, da mãe e da família, para eles não se sentirem excluídos e não andarem nas ruas. Portanto eu acho que sim, que elas devem apoiar e procurar conversar com eles que ainda hoje eu estive a conversar com o meu, porque ele às vezes vem assim um bocadinho, a cabeça dele dá muitas voltas e depois como o pai não está com a mãe e para ele, aquilo torna-se um bocadinho difícil e ele é uma criança que no imaginário dele, ele no imaginário dele, imagina muita coisa, ele é uma criança muito esperta e ele imagina muita coisa e então quando ele vem com problemas, se vem assim chateado ou aborrecido, eu pergunto-lhe, falo com ele, pergunto-lhe, embora ele não queira. Pergunto-lhe e isto correu bem, não correu bem e é isso que os avós têm de fazer, quando estão perto dos netos. Portanto é isso, dar apoio, conversar com eles e para se ir vendo se eles precisam de alguma coisa, porque a vida hoje está muito difícil, muito, muito, muito difícil, portanto é isso, é o que faço, é o que faço. Estou sempre atenta, por exemplo, aos mais novos é isso que faço e pronto e quando é preciso, eu estou sempre ali, sempre. Ainda hoje eu perguntei se ela tinha recebido o ordenado, precisamente, se tens comida em casa, se tens aquilo que é preciso. Ò mãe tenho tudo, não falta nada, pronto tudo bem, pronto é isso e é isso que eu acho que todos os avós deviam de o fazer. Pronto é isso” (Avó rural 25).

Assistimos a mensagens muito importantes em conteúdo de solidariedade intrafamiliar, dadas pelas avós rurais.

“Ai quero, quer dizer, como eu que nunca esqueço dos meus netos e que façam o mesmo e que ajudem o que puderem” (Avó urbana 3).

“Quero, olhe, eu vejo tanta coisa, tanta criança, tanta coisa maltratada, que eles coitadinhos não pediram para nascer e acho que era nosso dever, protege-los enquanto pequeninos e depois dar-lhes asas para eles voarem, para eles fazerem as asneiras. Mas eu acho que uma criança, precisa tanto, tanto, tanto de nós, que acho que devíamos olhar mais para eles enquanto são pequeninos. Não os abandonar, não os deixar, não sei, acho que não tem, como é que eu hei-de explicar, os avós modernos hoje, não tiveram o tempo que eu tive, possivelmente dos antigos avós, porque antigamente era tarefa por tudo e por nada. Agora não se bate porque é mau, é feio o professor dar uma palmada e depois os miúdos gritam e batem no professor. Mas depois quando chega a altura do professor dar uma reguada, aquilo não se pode bater porque vai logo para tribunal ou não sei das quantas. Mas eu acho que isso faz falta nas alturas certas, não é? Os avós também se tiverem de ralhar também devem de ralhar. Não é o meu caso, se tiver que ralhar com eles, ralho, mas nunca lhes bati. Eu não bato nos netos. Também acho que nunca bati nos filhos também. Uma palmada dava, agora bater propriamente não. Acho que eu gostava que realmente os avós, quem tem avós, que ajudassem a criar os netos. São os futuros. São o futuro de amanhã e eu vejo muitas crianças com uns fins tão tristes, às vezes pelos avós. Há pouco tempo ouvi uma avó que ajudou a dar caminho a uma neta. Foi num rio, ou foi agora no verão passado ou que é que foi, gostava que estes futuros meninos fossem felizes, porque eu fui feliz à minha maneira e muito pobre mas fui feliz. Não tinha nada, em relação a estes hoje, não tinha nada, nem semelhança. Mas fui feliz e não tinha avós, era os pais, era o exigir dos pais, mas fui feliz e eu hoje vejo as crianças que não são felizes, não têm o acompanhamento, não têm, não sei, gostava que fossem felizes. Aquelas que puderem dar o apoio aos netos e ajudar os filhos, isso não, porque no fim de contas a gente se ajuda os netos é porque estamos a ajudar também os filhos, não é. Que pudessemos fazer alguma coisa pelos nossos meninos, que eles coitadinhos não pediram para vir ao mundo” (Avó urbana 10).

“Que sejam avós e que se for preciso cuidem dos netos, mas não os estraguem, é só o que tenho a dizer. Vejo muitas avós que não querem saber ou estragam-nos e eu aos meus, se eles se portavam mal, dava-lhes uma palmada fosse à frente de quem

fosse. Não admito que uma criança seja mal-educada comigo ou não faça aquilo que eu quero, é só isso, não digo mais nada” (Avó urbana 14).

“Que tenham muita paciência com os netinhos e que brinquem com eles como eu brinco. Eu faço e brinco como quando era miúda. Comecei logo a trabalhar em pequenina e nunca me deixaram assim muito ser criança. Eu desde que tenho netos, há vinte anos atrás, esta minha neta mais velha ainda foi quem usufruiu mais de mim, pois eu tinha vinte anos a menos do que tenho agora, tinha cinquenta e quatro, ainda andava muito nova. Eu aqui nesta casa, eu corria tudo com ela, jogava-mos às escondidas, punha-me debaixo da cama, metia-me dentro dos guarda-vestidos, nós fazia-mos tudo e mais alguma coisa e agora faço na mesma. Quando ela for maior, faz com as outras, mas já tenho menos energia, mais idade, já há coisas que não consigo fazer, estou mais cansada, sinto no coração já aquele toque. Mas com a mais velha, aqui nesta casa, aquele guarda-vestidos que ali está, estava-mos sempre lá enfiadas dentro, ou ela ou eu e debaixo da cama. Tudo o mais fazia-mos tudo e quero ver se tenho força para fazer isto com a mais nova também. Daqui a mais um aninho ou isso, já brincamos que ela está quase a fazer dois. Mas tenho muita paciência e às vezes devia ter mais paciência com os nossos netos que o que tivemos com os nossos filhos. A educá-los para serem certinhos e os netos já é uma brincadeira para eles e para nós. Somos também crianças, já estamos a ficar crianças. Portanto os avós que tenham muita alegria quando estão a tomar conta dos netos. Não estejam tristes nem com mau modo, porque há pessoas que nunca mais vêm a mãe e estas coisas assim que eu conheço e estou farta dela, mais isto e mais aquilo. Eu não, nunca estou cansada. Eu achava que, vou-lhe contar aqui uma coisa. Sábado, eu e o meu marido, mas eu e o meu marido ao sábado, levantamo-nos às quatro menos um quarto da manhã e às cinco horas já estamos a sair à rua. Vamos trabalhar e chegamos a casa às três da tarde, portanto quantas horas são? São onze. São onze horas saídas fora de casa e quando eu estou sozinha com eles as coisas são diferentes. Quando é fim-de-semana, quando vem a João, quando vem a Biti, que é a outra, o meu filho que vive cá, que raramente cá come, mas os irmãos que cá tem também vem para cá, somos catorze e eu venho de trabalhar desde as quatro da manhã, venho para a cozinha fazer comida para todos, para o jantar e para abrir esta mesa e ficar isto tudo cheio e nunca me canso e nunca estou mal disposta. Ponho lá uns CD’s, no rádio da cozinha para eu estar a trabalhar e

a cantar a acompanhar a música e assim estou. O meu marido cansa-se mais e chega a certa hora vai-se deitar. Mas também não se incomoda, fecha a porta do quarto e dorme. Elas às vezes põem-se assim, não façam barulho, está o avô a dormir, aí não façam tanto barulho, eu digo não o barulho dos meus netos não me fazem dores de cabeça. É um barulho que eu gosto, não me incomoda. Não, eu gosto, nunca estou mal disposta com os meus netos, nem estou cansada. Mais tarde ou mais cedo, olha mãe dá banho ao menino e dá-lhe jantar que nós vamos sair. Tudo bem, é sempre assim, é sempre com bom modo, que é isso que interessa, portanto é isso que eu quero que os avós façam para não estar aborrecidos com os netos, são a nossa maior alegria” (Avó urbana 19).

“Sim eu acho que todas as avós, eu peço por mim, porque estou a falar e é aquilo que eu sinto ainda e creio que todas as avós se calhar sentiram o mesmo que eu. Há pessoas mais ligadas não sei, mas acho que sim que devem acompanhar o crescimento dos netos, devem-se dedicar a eles, porque nós, como os anos vão passando e eles vão crescendo e depois nós mais tarde, até sentimos uma certa pena se calhar de não dar mais quando eles eram mais pequenos, como o caso dos nossos filhos. Vi-os crescer e tudo e eles tomam a vida deles e essas coisas e com os netos acontece a mesma coisa, não é? Embora já tenhamos outra idade, eles vão crescendo mas depois eu digo, quando eu não puder andar, vocês têm que me ajudar pois já és crescida e vai buscar a avó e elas, ó avó a gente faz-te isso tudo. Nós ficamos todas contentes e eu acho que todos os avós, acho que têm um papel importante na criação dos netos. Também há casos em que há avós que não podem estar perto dos netos e é assim.” (Avó urbana 21).

“Os avós que façam o que puderem pelos netos e pelos filhos, que é muito importante, porque os filhos devem de precisar” (Avó urbana 22).

“Sim, os avós de hoje que tenham muita atenção e que estejam muito presentes na vida dos netos, porque nesta sociedade têm uma importância vital. As avós têm de estar muito presentes na vida dos netos, que os netos saibam respeitar os avós, que os avós consigam ir, porque os pais estão muito ocupados, têm que contar com os avós e que as avós sejam realmente uns pais não residentes mas uns pais iguais em toda a responsabilidade, porque quer dar ao neto, cultura, conhecimento, acompanhá-los em

todos os sentidos, porque a sociedade em que vivemos necessita disso” (Avó urbana 23).

5.11 – SINTESE FINAL - AVÓS

As avós reconhecem a sua importância para as famílias e para as crianças.

Têm a convicção de que continuam a ser transmissoras de saberes sobre cuidados infantis, imprescindíveis para as mães, especialmente nos primeiros meses de vida dos filhos.

Verificámos que as práticas tradicionais de cuidados diminuíram no espaço intergeracional, devido a melhores recursos de cuidados de saúde e farmacêuticos.

Verificámos que eram muito utilizados quando as avós eram pequenas, também muito utilizados pelas avós nos seus filhos, mas houve um acentuado decréscimo dos mesmos em relação aos seus netos, sendo utilizado apenas aqueles que deram mostras da sua eficácia nos filhos das avós, resumindo-se a lambedores e chás.

A utilização de práticas mágico/religiosas pelas avós têm ainda muito significado nos seus netos, mas são também menos utilizados, apesar de muitas avós referirem que rezam pelos seus netos e realizam ainda com muita frequência, rezas de quebranto e outras orações tradicionais.

O recurso de saúde mais utilizado pelas avós nas doenças dos seus filhos, foi o médico pediatra ou médico particular e as urgências hospitalares. Reconhecem a importância das unidades de cuidados de saúde primários, Centros de Saúde, mas a maioria referiu que estes não dão resposta às suas necessidades, especialmente referido pelo grupo das avós urbanas.

Referiram que as creches são instituições muito importantes de aprendizagem infantis, especialmente na aquisição por parte das crianças de regras e rotinas, mas continua a ser responsabilidade da família e especialmente dos avós, a transmissão de afetos e valores, também importantes para o desenvolvimento equilibrado das crianças.

As avós referem que os seus esposos, ajudam mais agora a cuidar dos seus netos do que ajudaram nos seus filhos e os homens na contemporaneidade, ajudam muito mais as suas esposas nas tarefas domésticas e cuidados infantis, maioritariamente femininas na geração anterior.

Nos seus testemunhos, registaram alguns momentos únicos de interações com os seus netos e família, descrevendo essas mesmas interações, adicionando os sentimentos que foram sentidos nesses momentos.

Descreveram o momento em que foram avós, como um dos momentos mais importantes da sua vida, acompanhados com descrições desses momentos de grande alegria e felicidade.

Terminaram com mensagens sobre as suas expectativas em relação ao que deveria ser o papel dos avós na sociedade, demonstrando que é um papel muito importante e imprescindível.

Para finalizar, iremos ilustrar com alguns testemunhos, dificuldades sentidas pelas avós transmitidas nas entrevistas, que pela sua riqueza, não pudemos deixar de apresentar neste estudo.

O primeiro testemunho, é de uma avó que conta as dificuldades sentidas quando não existiam recursos para cuidar de crianças e como era resolvido o problema.

“Como eu tinha muitos irmãos, eu era a mais velha deles e tinha que tomar conta de três porque a gente só tinha a diferença de dois anos cada um. Eu era a mais velha deles e tinha de tomar conta deles e tinha que lhes dar o comer. Ela deixava o comer deles e eu é que tinha de dar de comer. Ela foi trabalhar, agora há escolinha, há as avós que sempre pronto, sempre ajudam mas antigamente as avós não ajudavam os filhos. Agora há as avós a ajudarem, mas dantes nem davam confiança. Iam e punham a gente lá debaixo do chapéu e depois só o capataz que a gente tinha é que ia dar uma reviravolta, para saber como é que eles estavam, não andasse alguma cobra de roda deles ou algum bicho. Era só assim, eu tenho medo é que eles vão tornar ao tempo daquilo que a gente passou” (Avó rural 6).

O próximo testemunho é de uma avó revoltada com as decisões políticas governamentais de austeridade que afetam a vida familiar.

“Eles então querem que a gente ajude os filhos que não têm trabalho. Ajudam é aqueles que estão a tirar aos velhos esse dinheiro que é para ajudar os filhos. O que ajudam os velhos? Ajudam os filhos a ajudarem aquelas crianças. E o nosso governo não vê aquilo que está a fazer. O nosso governo quer matar os velhos e quer matar os novos. Diz que há pouca gente nova, mas a pouca gente nova que há ele está a acabar com eles. Acaba com eles porque acaba com os velhos. Umas porque começam a tirar o

dinheiro aos velhos, o pouco dinheiro que os velhos têm. Muita gente nova não tem trabalho. Não tem trabalho, não têm de comer para dar aos filhos. Os avós com o pouco que têm é que vão ajudando a dar de comer àquelas crianças, mas daqui a pouca nem eles já têm para dar às crianças nem têm para eles. O nosso governo é isto que está a fazer. Eles é que deviam de passar aquilo que a gente passámos. Antigamente, a gente podia-mos criar coisas para a gente comer e agora não se pode criar porque eles não deixam. Está-se a pagar às pessoas para não se semear, a gente alguma vez tinha precisão deles irem buscar tanta coisa lá fora? Não tínhamos, com tanta terra que a gente tinha aí para semear batatas, vem tanta batata de fora para quê, se o nosso país tem para aí terreno para essas coisas todas? Então a gente tinha alguma vez precisão disso, não tinha, pois, não tinha precisão” (Avó rural 8).

O terceiro testemunho advém de uma pergunta que efetuámos a uma avó, questionando se a ajuda que dava aos seus filhos era reconhecida e a resposta foi a seguinte:

Se é reconhecida, eu penso que sim, embora não se manifeste. Lá está a maneira de ser das pessoas não é, mas eu acho que sim, principalmente a mais nova que é quem precisa mais de mim. Eu acho que é reconhecida, mas como ela ainda é nova, não é, não se manifesta assim muito, mas eu acho que sim, eu acho que sim, ela agradece e ainda há bem pouco tempo, pronto, dizia que enfim, que nós, que agradecia muito aquilo que os pais faziam por ela, numa conversa que houve aqui em casa, mas que ela também gostava de ter a vida dela normal e que ninguém se metesse na vida dela. Mas sim, mas ela agradece e é isso. Aquilo que nós fazemos, eu acho que sim. E nunca se vai esquecer que quando ela precisa de uma sopa, de uns sapatos, do pagamento de uma luz como eu já disse, do pagamento de qualquer coisa, mãe põe-me aí dinheiro no meu telemóvel, mãe empresta-me aí, dá-me aí dez euros porque ainda não recebi, porque primeiro que paguem o ordenado também é um problema, eu cá estou. Nunca lhe digo que não. Se eu tiver cinco, dois e meio é para ela, dois e meio é para mim. Sou mesmo assim, não quero, é como a gente diz. Não, eles nasceram, mas eles não pediram para nascer e é assim. Nós gostamos de os ver bem-dispostos, não os gostamos de ver a chorar, a gente não os teve para eles serem infelizes. A gente teve-os para eles serem felizes e eu estou sempre a tentar isso porque gosto de os ver bem-dispostos. Não os fiz para eles serem infelizes, mas os problemas da vida acontecem. Os

problemas da vida, eles têm mesmo que ter os seus problemas, não é, embora às vezes nós não sabemos tudo, porque como eu disse, o João passou por um problema e a mulher com um problema muito grave e foram eles que talvez nos deram mais conforto, para nós não nos deixarmos ir abaixo. Principalmente a minha nora. Não os quero ver a chorar. O problema que me apareceu, apareceu. Eu não os quero ver a chorar, portanto, tudo vai correr bem tudo vai passar, e pronto. Portanto, nós preocupámo-nos muito, bastante até com eles. Eu sou assim, eu preocupo-me muito. Há pais que talvez nem tanto, são conforme as maneiras de ser, mas eu acho que os pais se preocupam sempre, uns mais atentos que outros, mas sim” (Avó rural 25).

O próximo testemunho relata um pouco a vida dos Avieiros da aldeia do Escaroupim. Denominam-se Avieiros, as pessoas que se deslocaram de Vieira de Leiria para as margens do Tejo, porque como eram pescadores, o rio oferecia-lhes águas mais calmas que o mar, local de naufrágios e de tragédia humana, ao contrário de uma vida, que apesar de continuar a ser rude, era mais calma. A vida destas pessoas é muito bem retratada pelo escritor Alves Redol no seu romance, *Avieiros*.

“Por exemplo, era os meus pais e os pais dele. Eles eram pescadores e viviam era dentro do barquinho, portanto, nunca mais tinham a vida que a gente tinha. Depois quando nós já tínhamos aí dez ou onze anos, já eles tinham outra certa idade, já vinham para as casinhas deles lá do Escaroupim, no Verão. Eles iam lá para os lados de Vila Franca para a pesca e era diferente. Agora a vida está melhor nesse aspeto. Mesmo agora que eles andem à pesca, já nunca mais dormem no barco, ou seja, já vêm sempre dormir a casa. É diferente” (Avó rural 1).

O próximo testemunho relata a experiência de uma avó com o nascimento do seu neto num país estrangeiro, na Holanda e a experiência da avó, na educação do controle de esfíncteres.

“O Rafael nasceu na Holanda, eles estavam na Holanda. Portanto, a minha filha e eu pela primeira vez, fui à Holanda, coincidiu o voo marcado precisamente com o dia do nascimento do Rafael. Portanto na véspera, eu soube que a Hélia estava com dores para ter a criança. Portanto, eu daqui dizia, aguenta, vai, isso vai correr bem. Ó mãe, está assim, ó mãe, estou assim. Lá os enfermeiros, lá é muito diferente, muito diferente. As enfermeiras vão a casa, não tem nada a ver com isto aqui. As enfermeiras vão a casa, como é que está, mas vai aguentar mais uma horazinha, faça assim, vá

tomar um banho, vá, não sei quê, pronto, as enfermeiras foram lá. No outro dia nós tivemos voo para lá e fomos para lá imediatamente. Eu saí do avião, o pai do miúdo foi buscar a gente ao avião e ela tinha acabado de ter o bebé. Portanto nós chegámos lá ao meio dia e ela nasceu às nove da manhã. É uma coisa que marca, é uma coisa que nós nunca mais nos esquecemos, não. Depois há todo aquele círculo, imediatamente o bebé veio logo, a mãe sai, não tem problema, não tem febre, não foi cortada, não sei quê, imediatamente, ele veio para casa. Vêm ver se o carro tem condições e com as cadeirinhas para trazer o bebé e pronto. Tudo isso aconteceu com o nascimento do Rafael, que foi um acontecimento que para mim não era normal nem eu pensava que me ia acontecer isso, mas pronto. Depois quando lá chegámos, ela chegou a casa com o bebé e passado uma hora já estavam enfermeiras lá. Portanto, enfermeiras para ver como é que estava o problema dela e a pediatra para ver com duas enfermeiras, para ver o bebé. Pois eu, certas coisas, eu nunca tinha visto, não estava habituada a isso aqui. Tive os meus filhos, tive o tempo que tive nos hospitais e depois vim para casa sozinha e desenrasquei-me a tomar conta deles e a dar-lhe banho. Lá não. Está uma semana, o tempo que a pessoa quiser, dentro do seguro, que o seguro paga, não é. Nós tivemos lá quinze dias, aquelas enfermeiras iam lá todos os dias, dar banho ao bebé, limpar a casa, passar a ferro durante umas horas, durante as horas da manhã, pôr o menino a mamar, esperar de dar o banhinho, pôr o bebé a mamar, ver como é que ele reagia, todas essas coisas. Eu nunca tinha visto, cá no nosso país e lá naquele país eu vi e não tiveram lá mais tempo, acho que foi uma semana, porque para já ela era Portuguesa, não estava habituada àquele ritmo, não é, e depois nós estávamos lá e então ela durante uma semana, foi durante uma semana, teve lá as enfermeiras, iam lá prestar-lhe esses serviços todos. Depois eu com a minha experiência dos meus filhos, os meus netos foram diferentes, principalmente nas fraldas, o que eu acho uma coisa tão normal, porque eu, eles tiraram as fraldas, nós com a nossa experiência tirávamos, começávamos a tirar as fraldas ali um ano, um ano e tal, mas os meus dois netos, embora nós quiséssemos fazer isso e tirar-lhe as fraldas, mas eles nunca se habituaram a fazer o cocó no bacio. O Rafael veio da Holanda com três anos, depois foi para a creche. Nesse ano foi logo para a creche. Ele, já se sabe, com três anos elas não queriam fraldas pronto, ele habituou-se a fazer o xixizinho já, pronto foi-se habituando, mas no que diz respeito a fazer o cocó, ele aguentava, aguentava o máximo lá na

creche, para não fazer, chegava aqui, já com três, quatro, cinco, cinco anos, ó avó, ó avó já fiz à crescidinho e era na fralda. Chegava a casa e eu punha-lhe a fralda e ele ia para um cantinho do quarto fazer o cocó, na fralda. Pronto, foi uma coisa que eu com os meus filhos, não aconteceu, mas nós deixámos que isso acontecesse, pronto, era assim, não fazia grande problema por causa disso, ele queria assim, ele um dia, é o que a gente achava, ele um dia há-de largar isto. No dia que ele fez os cinco anos em Maio e a mãe faz também anos em Maio, no dia dos anos da mãe, eu disse-lhe para ele, ele pediu-me a fralda e eu disse Rafael, fralda, ai a avo hoje, a avó hoje não te vai por a fralda. Olha, vamos fazer uma coisa, a avó não te põe fralda, a mãe hoje faz anos e tu vais dar uma prenda de anos à mãe, vais fazer o cocó na sanita. E ele aceitou tão bem e fez, e fez, foi da ideia dele, e ele fez, sentou-se na sanita e fez o cocó. E eu bati palmas, fiz uma grande festa, muito bem, muito bem Rafael. Ó João, eu depois eu disse à mãe, contei à mãe o que tinha acontecido, pronto e a mãe também ficou muito contente e depois eu disse-lhe para ele, estás a ver, o teu cocózinho agora vai pelos canos, olha o avô está à pesca e o cocó vai lá ter com o avô. O avô está à pesca (risos), pronto e ele ficou muito contente e a partir daí, no outro dia, a mãe ainda me disse, ó mãe o Rafael está-me a pedir uma fralda, mas não lhe vais dar a fralda, se ele ontem fez na sanita hoje vai outra vez fazer à sanita, porque ele vinha da creche e vinha com aquele sentido, pronto a partir desses dias, mas foi com cinco anos e é engraçado que com o Gabriel, foi aos cinco anos que ele começou a fazer cocó na sanita, porque até ali era fralda também, pronto há crianças e há crianças. Pronto é estas coisas e eu até aceito, não faço grandes alaridos, não faço grandes barulhos e até aceito” (Avó rural 25).

6 – ANÁLISE E RESULTADOS - AVÔS

Vamos iniciar a análise das entrevistas efetuadas aos avôs. Vamos apresentando ao longo deste capítulo, as diferenças entre os avôs pertencentes ao contexto rural e contexto urbano.

6.1 – IMPORTÂNCIA DOS AVÓS PARA OS AVÔS

Iremos analisar de seguida porque é que os avôs acham que são importantes.

Quadro nº 37 – Quadro referente à importância dos avós para os avôs

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
RELAÇÕES FAMILIARES	Importância dos avós para os avôs rurais	Ajudam em tudo	8
		Dão assistência à Família	4
		Tomam conta dos netos	7
		Dão amor aos netos	6
	Importância dos avós para os avôs urbanos	Muito importantes	12
		Acompanham os netos	6
		Educam os netos	7

Pela leitura do quadro nº 37 e pela análise das entrevistas, verificamos que para os avôs rurais, os avós são importantes porque ajudam em tudo, (8), tomam conta dos netos, (7), dão amor aos netos, (6) e dão assistência á família, (4).

O grupo dos avôs urbanos refere que os avós são muito importantes, (12), educam os netos, (7) e acompanham os netos, (6).

“Eu acho que é muito importante, na medida em que os avós têm pelos netos quase amor, como têm pelos filhos e querem tão bem aos netos, como querem aos filhos e procuram ajudá-los, ajudá-los na medida em que estão a ajudar os netos, estão a ajudar os filhos” (Avô rural 2).

“É pá ajudam em tudo, pronto a tomar conta dos miúdos, dos netos e a ajudar a família, principalmente a filha”. (Avô rural 3).

“Ajudamos naquilo que podemos não é, eu agora já estou reformado e vou buscá-los à escola, tomo conta dele, porque a minha neta já é mais velhinha não é, mas o mais novo tem de andar sempre debaixo de olho para não fazer mal, é muito traquinas e em tudo o que for preciso. Eu e a minha mulher é que tomamos conta deles, quando os pais estão a trabalhar” (Avô rural 4).

“Porque os pais têm a vida deles e nem sempre podem dar assistência e neste caso, tem que ser os avós; no nosso caso é o máximo que se pode dar, para os acompanhar para a escola, para ir busca-los, levá-los” (Avô rural 13).

“Os pais trabalham. Todos os pais trabalham, todos os pais têm as suas coisas e os avós, se não houver avós hoje presentemente no nosso país, os pais têm muita dificuldade com os filhos em crescerem, mesmo muita dificuldade. A gente vê, todos o dizem, não é. Onde é que eles vão pôr as crianças? Os ATL estão cheios, andam ali, andam aí a fazer o quê pela vila? A fazer palermices, portanto os avós são um pouco fundamentais na criação das crianças, agora” (Avô rural 14).

“Acho que têm um papel muito importante, pelo menos no meu caso. Como já estou reformado, tenho disponibilidade, tenho tempo, vou buscar os netos, vou levá-los e não só, não é? E muito mais coisas” (Avô rural 17).

“Eu acho que é super importante, da maneira como o país está e como se está a pôr, acho que é essencial mesmo e tem que ser com a força dos avós a ajudar cada vez mais, quer na educação, quer em tudo. Infelizmente há pessoas que não podem, não é o nosso caso, que podemos ajudar, não no aspeto social, mas a nível monetário. Está mal para toda a gente, mas dentro do possível, fazemos tudo para que não falte nada aos nossos filhos e nossos netos. Temos mais netos” (Avô urbano 1).

“Acho sim senhor. Tem muita importância, porque os pais hoje, a vida está diferente. Os pais vão trabalhar e os avós sempre dão um acompanhamento aos netos” (Avô urbano 2).

“Porque acho que é uma educação que o avô dá aos netos, uma ajudazinha também, junto com os pais, em conjunto com os pais” (Avô urbano 6).

“O apoio que damos aos netos. O apoio que eu dou, porque tenho uma neta que tem um anito e está lá com a gente todo o dia. É um apoio muito bom. Bato à porta e ela sabe que àquela hora eu vou almoçar e está sempre ali, a jeito para aquelas brincadeiras que a gente tem às vezes” (Avô urbano 13).

“Agora da maneira que a vida está, é importantíssimo, porque atualmente os avós é que estão a aguentar praticamente muitas casas de família” (Avô urbano 19).

Pelos resultados apresentados no quadro nº 37, constatamos que os avós atribuem importância, aos cuidados que prestam aos seus netos e às ajudas que dão aos seus descendentes e à família.

Quadro nº 38 – Quadro referente à importância dos avós no período intergeracional

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
RELAÇÕES FAMILIARES	Importância de ser avô na intergeracionalidade, para os avós rurais	São mais importantes hoje	17
		A importância é igual	8
	Importância de ser avô na intergeracionalidade, para os avós urbanos	São mais importantes hoje	14
		Eram mais importantes antigamente	4
		A importância é igual	7

Pela leitura do quadro nº 38 e pela análise das entrevistas, os avós rurais consideram que o papel dos avós hoje é mais importante do que era quando eram pais, (17), mas alguns, (8), referiram que esse papel é igual no período intergeracional.

A maioria dos avôs urbanos refere que os avós são mais importantes hoje, (14), alguns referem que a importância é igual no período intergeracional, (7), mas 4 avós urbanos referem que antigamente o papel dos avós era mais importante do que é hoje.

“Acho que agora o papel do avô é mais importante. Dantes os pequeninos eram criados, faz de conta que era uma bola, pronto, iam para aqui ou para ali e andavam uns com os outros e andavam na rua e agora não” (Avô rural 1).

“Acho que é a mesma coisa. Eu lembro-me muito da minha mãe, que ela tinha uma adoração muito grande pelos filhos e muito amor pelos filhos e sofria muito pelos filhos, não é? O meu pai já não era tanto assim, é um homem que viveu quase sempre afastado da família e por isso não estava tão próximo de nós, como a minha mãe. Acho que a importância dela era a mesma que eu tenho hoje como avô ou a minha mulher” (Avô rural 2).

“Não, acho que são mais importantes nesta época, na medida em a vida está a decorrer, se os filhos tiverem o apoio das mães é sempre melhor” (Avô rural 3).

“Ah, agora são mais importantes. Alguma vez os meus pais ou os meus sogros ajudavam a tomar conta dos meus filhos quando a gente ia trabalhar? Tínhamos de os levar para o campo com a gente, porque naquela altura não havia dinheiro para amas, nem havia ninguém para tomar conta deles e nós estávamos sozinhos. Agora são mais importantes, porque se não for a gente o que é que vai ser deles? Eu lembro-me que a gente punha-os à sombra ali e pronto” (Avô rural 4).

“Hoje talvez seja muito mais derivado às vidas, porque dantes, as vidas eram tão arrastadas que também não havia possibilidades de os avós ajudarem os netos” (Avô rural 5).

“Eu acho que é mais importante agora por causa da segurança, os meus pais não tinham hipótese de me acompanhar como eu posso acompanhar agora” (Avô rural 13).

“Eu penso que na nossa geração era diferente, era uma geração completamente diferente. A gente andava à vontade, não tínhamos problemas, ninguém fazia mal à gente, é pá, era tudo diferente. Hoje não, hoje já há tanta coisa, tanta coisa para levar as crianças para maus hábitos, que eu acho que esta geração está uma geração estragada, está uma geração estragada, está” (Avô rural 14).

“Talvez hoje, porque hoje é mais complicado. É mais complicado para os rapazes, não é, há mais desvios. Antigamente não, antigamente a gente saía da escola e era trabalhar. Não havia hipótese. Não havia hipótese nem havia meios para haver desvios para isto ou para aquilo, para drogas, ou coisa do gênero, não é? E hoje já é preciso ter muito cuidado com isso” (Avô rural 17),

“Daquilo que eu penso e que me lembre, é mais importante agora, porque só conheci a minha avó. A minha avó trabalhou mais que agora, mas era diferente. A maior parte das senhoras naquela altura, ninguém tinha trabalho. Trabalhavam em casa. A minha mãe criou nove filhos e ainda criou dois sobrinhos, mas esteve sempre em casa. Trabalhou toda a vida. Por isso agora da maneira que isto está, se não forem os avós não sei como será possível. A minha filha, por exemplo, numa semana sai de casa às seis da manhã, na outra semana chega a casa de noite e daí que os avós têm de ajudar. Eu faço com todo o gosto, mas acho que não há volta a dar, ou havia de haver uma volta a dar” (Avô urbano 1).

“Eu acho que talvez na geração dos meus pais fosse totalmente diferente do que agora, porque os tempos eram outros e portanto, quer dizer, havia mais disponibilidade dos avós para tratar tanto dos netos como dos filhos, do que agora. É essa a minha opinião” (Avô urbano 2).

“Eu acho que agora. Porque a vida é mais difícil, está tudo pior, há fome e tenho a impressão que no tempo dos meus avós, faltava dinheiro, mas comer havia” (Avô urbano 11).

“Agora. Na geração dos meus pais era mais diluída a proteção dos avós aos netos. Hoje é mais próximo. Estão a contar mais com a família, do que antigamente se contava” (Avô urbano 19).

“Eu acho que pronto, em princípio eu penso que são iguais embora lá na aldeia os nossos pais, derivado ao trabalho que tinham, o apoio de pais para filhos era menos do que agora. Pronto a gente ia para a escola e à noite eram pessoas também de outra educação, não tinham a mesma que têm agora “ (Avô urbano 20).

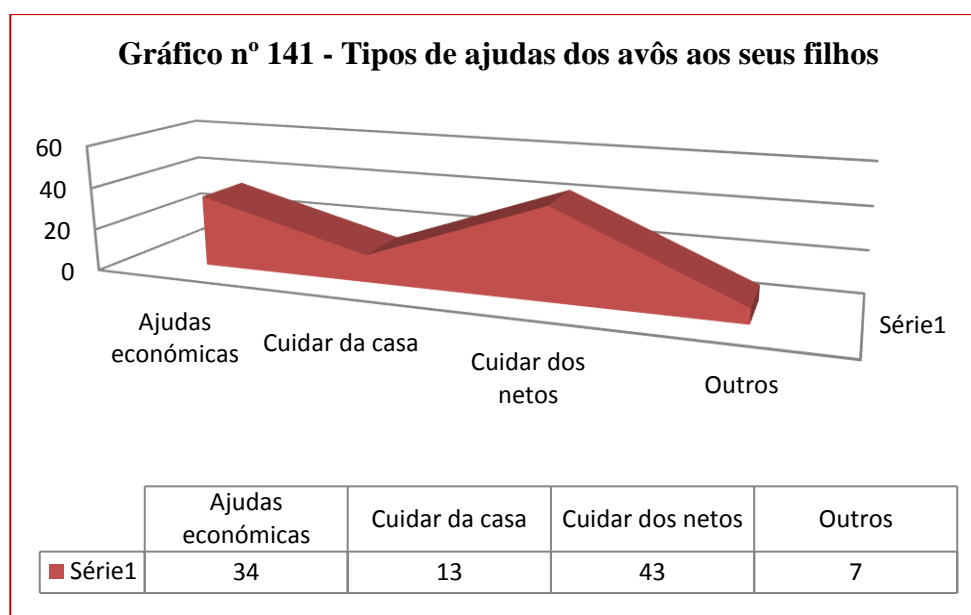
Os avós, tanto os que vivem em contexto urbano como os que vivem em contexto rural, como evidencia o quadro nº 38, consideram que o seu papel é mais importante hoje, do que na geração anterior e atribuem essa importância às ajudas, referindo que ajudam mais hoje, do que foram ajudados pelos seus pais.

No entanto, alguns avós referiram que esse papel é igual no espaço intergeracional e que não sofreu alterações. Poucos avós, referiram que o papel de ser avô é hoje menos importante.

6.2 – AVÔS E SOLIDARIEDADE FAMILIAR

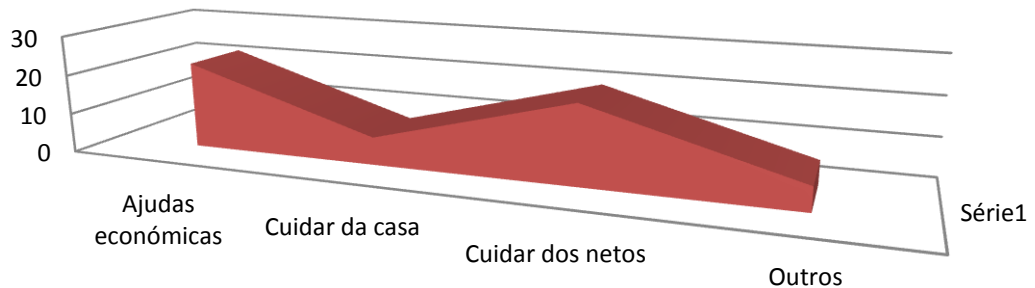
Iremos analisar de seguida, quais as ajudas que os avós dão aos seus filhos e a importância das mesmas.

Nestas questões, foi realizada uma abordagem quantitativa onde os avós podiam escolher mais de uma resposta em simultâneo, tendo resultados os seguintes gráficos:



Verificamos que o cuidar dos netos, foi o item mais referido pelos avós com 43 respostas, ligeiramente inferior às avós que foi de 46 respostas; seguem-se as ajudas económicas com 34 respostas, ligeiramente superiores às respostas das avós, que foram 33 respostas. Em relação ao cuidar da casa, houve 13 respostas por parte dos avós, inferior ao número de respostas das avós que foi 22 respostas. As respostas do item “*outros*”, irão ser analisadas nos dois gráficos seguintes.

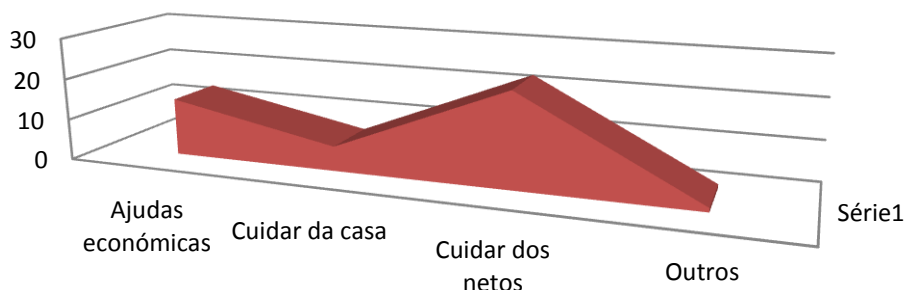
Gráfico nº 142 - Tipos de ajudas dos avôs rurais aos seus filhos



	Ajudas económicas	Cuidar da casa	Cuidar dos netos	Outros
■ Série1	22	7	20	6

Verificamos que houve 22 respostas por parte dos avôs que vivem em ambiente rural, relativamente às ajudas económicas, número superior em relação às avós rurais que foi de 19 respostas. Em relação ao cuidar dos netos, 20 respostas, número também ligeiramente inferior em relação às avós. Em relação ao cuidar da casa, houve 7 respostas por parte dos avôs, número inferior às avós que foi de 12 respostas. No item “*outros*”, com 6 respostas, 5 avôs referiam ajudar com alimentos e um com valores materiais.

Gráfico nº 143 - Tipos de ajudas dos avôs urbanos aos seus filhos



	Ajudas económicas	Cuidar da casa	Cuidar dos netos	Outros
■ Série1	14	6	23	1

Em relação aos avôs urbanos, verificamos que o cuidar dos netos foi a ajuda mais referida com 23 respostas, número ligeiramente superior aos avôs que vivem em contexto rural, mas igual às avós que também vivem em contexto urbano. Seguem-se as ajudas económicas com 14 respostas, número inferior aos avôs que vivem em contexto rural e igual às avós urbanas. Quanto ao cuidar da casa, 6 respostas, número ligeiramente inferior aos avôs que vivem em ambiente rural e inferior às avós urbanas. Na resposta “*outros*”, um avô referiu ajudar com roupa e acessórios.

Quadro nº 39 – Tipos de ajudas dos avôs aos filhos

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
SOLIDARIEDADE FAMILIAR	Tipos de ajudas dos avôs rurais aos filhos	Ajudas económicas	15
		Bem-estar	4
		Géneros alimentícios	6
	Tipos de ajudas dos avôs urbanos aos filhos	Vigilância dos netos	16
		Ajudas económicas	13
		Géneros alimentícios	6

Pela leitura do quadro nº 39 e pela análise das entrevistas, verificamos que a maioria dos avôs rurais ajuda economicamente os seus filhos (15) e em géneros alimentícios, (6). Foi referido por 4 avôs rurais que ajudavam os seus filhos, dando-lhes bem-estar, mas associado às ajudas económicas e ao acompanhamento dos netos.

Os avôs urbanos referem em maioria, a vigilância dos seus netos, (16), como a ajuda principal que dão aos seus filhos, mas as ajudas económicas também foram referidas (13) e as ajudas em géneros alimentícios, (6).

“Dou monetariamente, quando eles estão aflitos e quando precisam e que eu posso. Sempre os ajudo e estarei sempre disposto a ajudá-los” (Avô rural 2).

Este avô rural iniciou a descrição das ajudas que dava ao filho mais novo, ainda menor. Só depois é que descreveu a ajuda que dava à filha, já mãe e comparou com as ajudas que lhe dava o seu pai.

“ É pá, ajudas, geralmente é aquilo que posso não é. Algum dinheiro para eles irem a algum lado, ainda hoje ele vai a uns anos de um colega de escola, quer dizer, não pode ser muito, mas vai dar para o jantar, para ele se entreter lá um bocadinho e ir para a escola não é? Livros e tudo, ele anda a praticar desporto, futebol e pronto, sou eu é que pago, não é? Pago a inscrição, pago tudo, mensalmente dez euros para ele andar lá entretido não é? Não é que seja o futuro dele. O futuro dele era estudar e ir tirar algum curso, mas ele não anda lá com muita vontade, mas enfim, ele não gosta muito de estudos. À minha filha, as ajudas que a gente pode dar, às vezes a gente compra alguma carne, às vezes algum dinheirito, pronto que ela às vezes precisa, não é assim muito mas, é raro, é raro eu dar, agora, eles já estão mais equilibrados não é? Foi mais no princípio. Na altura do meu pai pronto, era uma altura diferente, ganhava menos não é? E ele não me dava assim dinheiro, como eu dou agora ao meu filho para ele fazer algumas coisas, não é? Vá lá ele manter a casa, já não era nada mau, haver uma sopita para a gente comer. Tinha alturas, também ele punha-se um bocadinho nos copos, não é? Tinha alturas que ele ia trabalhar e o patrão não lhe pagava, chegava a estar meses sem receber e a gente ficava a dever assim às lojas, como temos aqui em Salvaterra algumas pessoas, umas já morreram, por acaso até posso dizer o nome delas (...), depois a minha mãe ia pagando aos poucos conforme podia, não é? E a gente teve de se aguentar, agora geralmente já não é assim, é um bocado diferente, a gente agora já não vamos às lojas, não é? Vamos aos hipermercados, compramos, pagamos logo, e um dia quando não houver, olha, temos de nos aguentar com aquilo que temos. ” (Avô rural 3).

“Eu ajudo-os naquilo que posso. Vou pôr o meu neto à escola, vou buscá-lo para vir almoçar e depois vou pô-lo à tarde outra vez. Se é preciso alguma coisa vou comprar, alguma coisa de comer para nunca lhes faltar nada, porque a minha filha e o meu genro, às vezes não recebem a tempo e horas e é muito difícil ter dinheiro para as despesas todas. Se não for a gente, não sei como é que seria. (...) A gente dantes casava

e tinha de se desenrascar sozinho. Tínhamos de ir trabalhar e quando não havia, não havia. Alguma vez os meus pais ou os meus sogros vinha perguntar se a gente precisava de alguma coisa? Naquela altura era casamentos, apartamentos e nada de confusões” (Avô rural 4).

“Que tipo de ajudas? Pá, o tipo de ajuda é, praticamente o bem-estar e monetariamente, mas eles têm que se governar a eles próprios” (Avô rural 5).

“É pá, ajuda financeira não porque a coisa está má. É mais na base da alimentação e roupa e o que a gente lhe pode dar (...) Sim, os meus pais nessa altura não podiam dar porque não tinham, (risos), não tinham e a gente agora faz tudo para tentar harmonizar a coisa, não é” (Avô rural 7).

“Ajudas? Olha em tudo. Eles vêm comer aqui a casa, têm uma casa arrendada dou-lhe o dinheiro a eles, eles é que ficam com o dinheiro e sempre que eles pedem e que precisem, eu estou cá para os ajudar. Hoje é completamente diferente. Quando casei, tive que andar a trabalhar aí, para poder comprar as coisas. O meu pai, pronto a vida também é totalmente diferente, é claro que a vida é diferente, mas hoje a gente pode ajudar os filhos e a gente ajuda, naquela altura eles não podiam coitados e a gente tinha de se desenrascar, é assim. ” (Avô rural 14).

“Aos meus filhos? É pá é como já disse, eu ao meu filho não posso ajudá-lo. Posso ajudá-lo por exemplo, se ele precisar, ou se precisar que eu vá com a mulher ou com a neta ou coisa do género a qualquer lado. Praticamente é as ajudas que dou e é a minha neta que vem aqui dois ou três dias por semana, vem aqui almoçar. Eu vou lá praticamente vê-los. Como moram aqui perto, vou praticamente lá todos os dias a casa, estou lá um bocadinho, converso e tal e pronto, é isso. Agora os meus netos da minha filha é como tu vês, vou buscá-los de manhã, vou levá-los à escola, depois vou buscá-los e hoje ficam aqui em casa, porque a minha filha amanhã tem de se levantar cedo para ir para o trabalho e depois, eu é que de manhã os levanto, é que os visto, é que lhes dou o pequeno-almoço e depois vou levá-los à escola” (Avô rural 17).

“Como já disse, passo aqui horas com ele. A minha filha está a trabalhar, a minha mulher também a trabalhar e eu tenho um horário em que passo todas as tardes aqui em casa, então entretenho-me a ir buscá-lo à escola, fico com ele a ver os bonecos. Ajuda de forma monetária não, infelizmente, sou funcionário público e ganho

trezentos ou quatrocentos euros a menos que ganhava há dez anos, por aí pouca ajuda posso dar” (Avô urbano 1).

“Hoje a ajuda é mais monetária. Damos dinheiro no dia de anos, pelo Natal, pela Páscoa, quer dizer, praticamente nós vivemos na nossa casa e cada um seguiu a sua vida e portanto, ajuda direta digamos assim, só quando eventualmente um sai e que precisam que os netos fiquem com a gente, o que é muito raro acontecer. De resto, a ajuda aos filhos, hoje precisamente com a nossa idade, praticamente já não é nenhuma (...) Os meus pais viviam com a gente, portanto é totalmente diferente. Os pais viviam com a família, aqui viviam connosco, aqui morreram e é totalmente diferente da vida de hoje, é uma ajuda diferente “ (Avô urbano 2).

“Ajudo com coisas para comer. Às vezes vou ao supermercado e compro o que faz falta, outras dão-me coisas e eu levo para os meus filhos” (Avô urbano 21).

Muitos dos avôs que vivem em contexto rural, referem que ajudam os seus filhos economicamente e alguns com géneros alimentícios. Muitos avôs que vivem em contexto urbano referem que ajudam na vigilância dos seus netos, dão ajudas económicas também e alguns com géneros alimentícios.

Verificamos que os avôs rurais dão mais ênfase às ajudas económicas, enquanto os avôs urbanos dão ênfase à vigilância das crianças. As ajudas em géneros alimentícios contribuem para um melhor equilíbrio da economia familiar, custos suportados em grande parte pelos avôs.

6.3 – AVÔS E CUIDADOS INFANTIS

Iremos de seguida, analisar os cuidados prestados pelos avôs no espaço intergeracional e as diferenças dos mesmos.

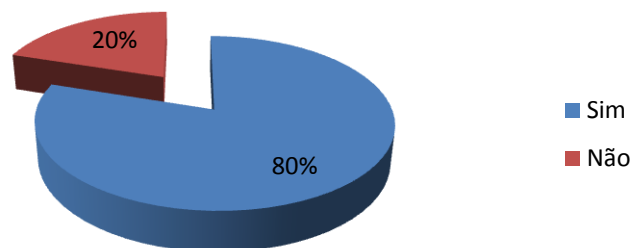
Por tradição cultural, os cuidados infantis eram da responsabilidade das mulheres, avós e mães, mas e os homens? Será que na geração dos avôs os cuidados prestados por estes são relevantes?

Iremos também analisar as diferenças de género, entre alguns dados obtidos nos questionários efetuados para a caracterização sociodemográfica da amostra.

6.3.1 – Cuidados dos avós aos seus filhos

Em primeiro lugar, pretendemos saber se os avôs ajudaram ou não a cuidar dos seus filhos.

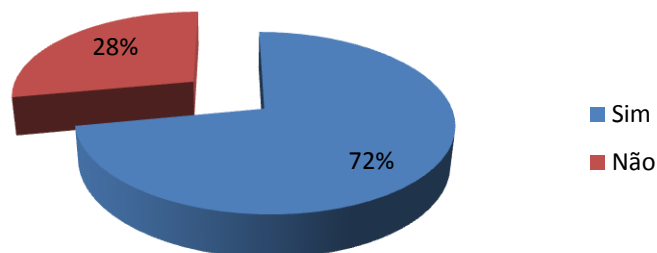
Gráfico nº 144 - Os avôs ajudaram ou não a cuidar dos seus filhos



Verificamos que a maioria dos avôs referiu ter ajudado a cuidar dos seus filhos perfazendo 80% do total dos inquiridos e apenas 20% referiu não ter ajudado.

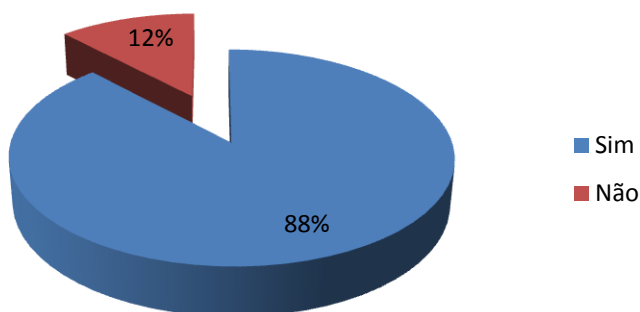
De seguida, iremos ver as diferenças entre os avôs que vivem em contexto rural e em contexto urbano.

Gráfico nº 145 - Os avôs rurais ajudaram ou não a cuidar dos seus filhos



Verificamos que 72% dos avôs que vivem em contexto rural, referiram ter ajudado a cuidar dos seus filhos e 28% referiu não ter ajudado.

Gráfico n° 146 - Os avôs urbanos ajudaram ou não a cuidar dos seus filhos



Verificamos que 88% dos avôs que vivem em contexto urbano, referiram ter cuidado dos seus filhos e 12% referiu não ter cuidado.

De seguida, iremos analisar as unidades de registo construídas pelas respostas dadas pelos avôs nas entrevistas.

Quadro n° 40 – Quadro referente aos cuidados prestados pelos avôs aos seus filhos

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Cuidados prestados pelos avôs rurais aos seus filhos	Dar banho	3
		Imobilizar a criança	2
		pouca ajuda	8
		Vigilância	8
		Todos os cuidados	4
	Cuidados prestados pelos avôs urbanos aos seus filhos	Ajudou pouco	11
		Todos os cuidados	8
		Vigilância	6

Pela leitura do quadro n° 40 e pela análise das entrevistas, verificamos que alguns avôs rurais, (8), reconhecem que ajudaram pouco a cuidar dos seus filhos, ou

porque trabalhavam e estavam ausentes, ou porque culturalmente os cuidados infantis eram da esfera feminina e da responsabilidade da mulher. No entanto, a vigilância foi referida por 8 avôs rurais, a prestação de todos os cuidados por 4 avôs, o banho das crianças foi referido por 3 avôs e a imobilização das crianças para as mães puderem prestar cuidados, ou para manter um ambiente seguro, por 2 avôs.

Quanto aos avôs urbanos, 11 reconheceram ter ajudado pouco a cuidar dos seus filhos, mas 8 avôs urbanos referiram ter prestado todos os cuidados e 6 apenas vigilância.

“Pouco ou nada, porque havia uma vida profissional muito ativa, no qual eu hoje torço muito as orelhas, não é? Não tinha vagar, tinha muito pouco contacto porque a minha vida profissional obrigava, ocupava-me todo o tempo” (Avô rural 2).

“A mudar-lhe a fralda, pelo menos, a ajudar, não é a mudar, não é? Segurava-o e a mãe é que lhe mudava a fralda; o banho, também lhe cheguei a dar. Cheguei a dar, quer dizer, a ajudar a mãe a dar-lhe banho. Cheguei-lhe a dar o biberon” (Avô rural 3).

“Ajudava a tomar conta deles e fazer aquilo que podia. Eu como era campino, passava muitos dias no campo longe, mas quando vinha a casa tomava conta deles. Quando a minha mulher ia para o campo, eu lembro-me que iam com a gente e púnhamo-los à sombra e ficavam debaixo de uma árvore” (Avô rural 4).

“Eu? A ficar com eles a acalentá-los, enquanto a mãe fazia o trabalho da casa, mas pronto era só nas horas vagas, porque tinha o meu emprego, tinha de ir para a oficina, não podia ajudar mais e a mãe como estava em casa, tinha mais tempo para cuidar deles do que eu” (Avô rural 5).

“É pá eu dava pronto. Quando era, quando eram mais pequeninos era dar leite, a mulher não podia sozinha, eram gémeos e tinha que ser ela a tratar de um e eu tratar de outro, choravam e eu tinha que ir dar o leite, ajudar o outro, não é? E a gente tratávamos a coisa a meias, pronto, para não faltar nada aos putos. Infelizmente um faleceu, não é?” (Avô rural 7).

“Ajudei pois, então, ora bem. Sempre que vinha do trabalho, ia a casa da minha sogra buscá-los, porque ela dava-lhe lá o almoço não é, eles iam para a escola e ela dava-lhes lá o almoço e eu, quando chegava do trabalho, a minha mulher andava a trabalhar por turnos na IDAL, eu ia buscá-los, tomava conta, dava-lhes banho, tomava

conta deles, dava-lhes jantar muitas vezes e ficava com eles. Quando a minha mulher andava a trabalhar de noite, quem ficava com eles, era eu “ (Avô rural 17).

“ Pouco, porque quando o meu mais velho nasceu, estávamos em casa dos meus sogros e quando o miúdo ainda não estava a chorar, já a minha sogra estava a pegar nele ao colo. Então eu não ia pegar nele, ou estava a dormir ou ia ver televisão” (Avô urbano 1).

“Ajudei quer dizer, ajudei pouco ou quase nada. Estava mais entregue à mãe, eu ia trabalhar, mas nas doenças e muitas vezes, eu estava a dormir a descansar e ela tomava conta da minha filha, que tinha asma e ela passava as noites com ela ao colo e eu nem dava por isso” (Avô urbano 2).

“À mais velha, fui para Africa era ela pequenina e ela ainda cá ficou, por isso não ajudei muito. A outra, até fraldas lhe mudava e tudo, (risos), era o que era preciso” (Avô urbano 6).

“Ajudei dentro do possível, porque eu quando os meus filhos tinham oito ou nove anos, fui obrigado a emigrar, fui obrigado a embarcar, onde andei vinte anos e tinha contratos de nove meses, dez meses, seis meses e pronto, quando cá estava dava a assistência que podia, lá não podia. A assistência que dava era monetariamente, era a única maneira que podia fazer” (Avô urbano 19).

“Ajudei. Ajudei a tomar conta deles quando a mãe não estava e ver se não faziam nada de mal e essas coisas” (avô rural 22).

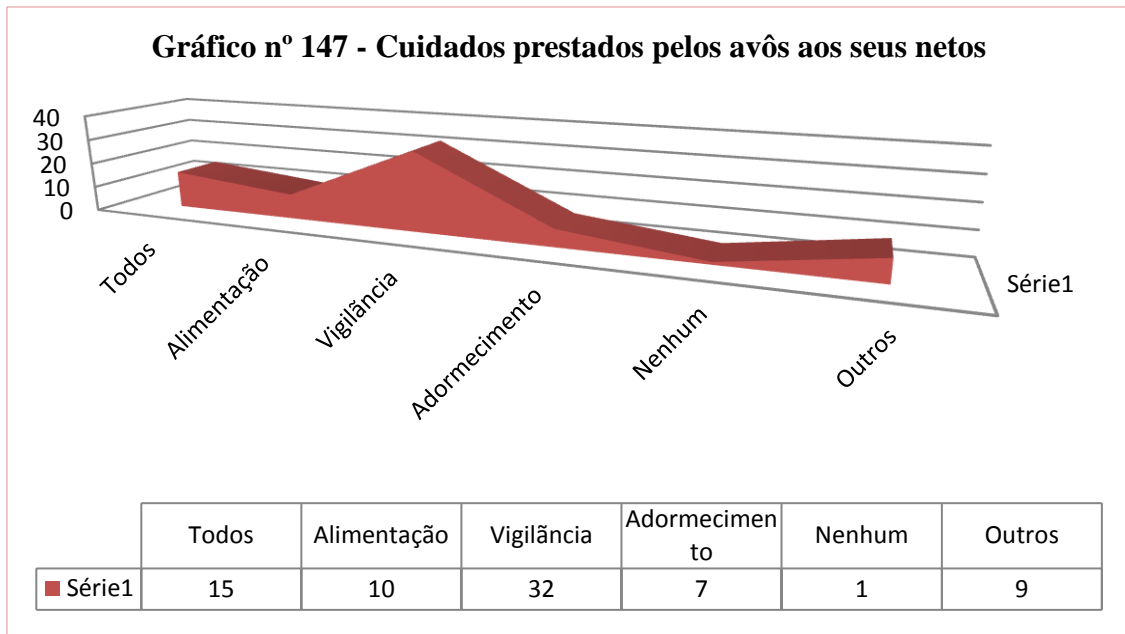
Verificamos que alguns avôs ajudavam pouco a cuidar dos seus filhos, atribuindo a causa à sua atividade laboral.

Alguns avôs prestavam vigilância na ausência das esposas e surpreendentemente, alguns avôs referiram ter prestado todos os cuidados necessários aos seus filhos, substituindo as suas esposas sempre que necessário.

6.3.2 - Cuidados dos avós aos seus netos

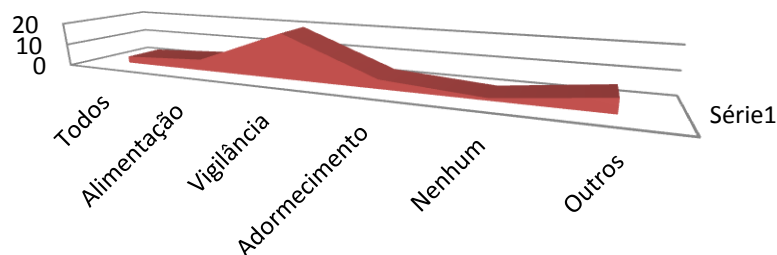
Iremos de seguida, analisar os cuidados que os avôs prestam aos seus netos.

A primeira abordagem será quantitativa, ilustrada com gráficos construídos a partir das respostas dos avôs. Estes podiam escolher mais de uma opção nas questões apresentadas.



Verificamos que o cuidado mais prestado pelos avôs aos seus netos é a vigilância com 32 respostas. Segue-se a opção, todos, com 15 respostas, referente a todos os cuidados necessários às crianças; com 10 respostas a alimentação; Com 7 respostas o adormecimento. Apenas 1 avô referiu que não prestava cuidado nenhum. Na opção outros, que perfaz 9 respostas, 7 referiram que iam buscar e levar os netos à escola e 2 referiram as brincadeiras, ou seja, brincavam com os seus netos. De salientar que nas avós, a maioria referiu prestar todos os cuidados aos seus netos, ou seja, uma percentagem muito maior.

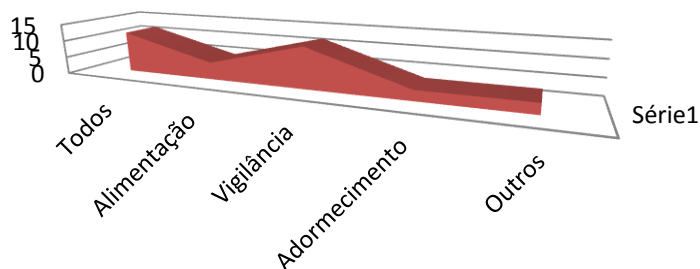
Gráfico nº 148 - Cuidados prestados pelos avôs rurais aos seus netos



	Todos	Alimentação	Vigilância	Adormecimento	Nenhum	Outros
■ Série1	3	5	20	4	1	6

Verificamos que nos avôs rurais, o cuidado mais prestado às crianças é a vigilância com 20 respostas, seguindo-se a alimentação com 5 respostas e o adormecimento com 4 respostas. Apenas 3 avôs referiram prestar todos os cuidados e 1 dos avôs referiu não prestar nenhum cuidado. Na resposta “*outros*”, 5 avôs referiram ir buscar e levar os netos à escola e 1 avô referiu brincar com o seu neto.

Gráfico nº 149 - Cuidados prestados pelos avôs urbanos aos seus netos.



	Todos	Alimentação	Vigilância	Adormecimento	Outros
■ Série1	12	5	12	3	3

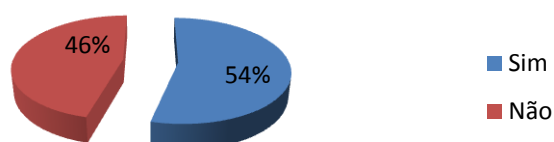
Verificamos que as respostas dos avôs que vivem em contexto urbano foram diferentes, em relação às respostas dadas pelos avôs que vivem em contexto rural. Com

12 respostas, a vigilância e a prestação de todos os cuidados; com 5 respostas a alimentação; com 3 respostas o adormecimento; no item “*outros*”, 2 avôs referiram ir buscar os netos à escola e 1 referiu brincar com o seu neto.

6.3.3 – Cuidados prestados pelos avós dos avôs

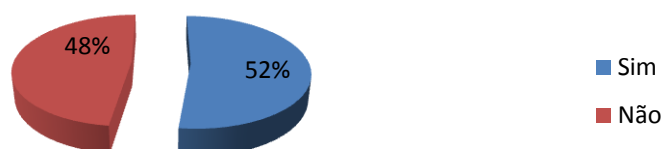
E os avôs foram cuidados pelos seus avós? E os pais dos avós ajudaram a cuidar dos seus netos? Iremos analisar de seguida esta problemática.

Gráfico nº 150 - Os avôs foram ou não cuidados pelos seus avós



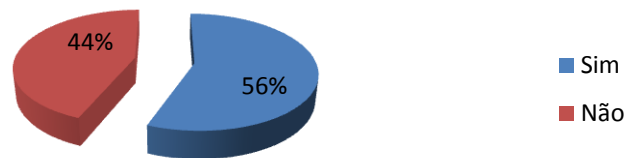
Verificamos que a maioria dos avôs referiam ter sido cuidados pelos seus avós, perfazendo 54% do total das respostas e 46% referiu não ter sido. Estas percentagens foram similares às das avós, em que 56% respondeu que tinha sido cuidada pelos avós e 44% respondeu que não.

Gráfico nº 151 - Os avôs rurais foram ou não cuidados pelos seus avós



Nos avôs que vivem em contexto rural, 52% referiram ter sido cuidados pelos seus avós e 48% referiu não ter sido. Esta percentagem é igual às avós rurais.

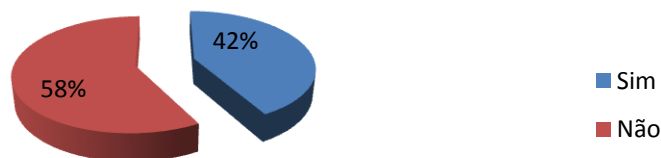
Gráfico nº 152 - Os avós urbanos foram ou não cuidados pelos seus avós



Nos avós que vivem em ambiente urbano, a percentagem dos que foram cuidados pelos seus avós é ligeiramente maior com 56% do total das respostas, mas em relação às avós, é ligeiramente inferior pois 60% das avós referiu ter sido cuidada. Os avós que não foram cuidados perfazem 44% dos respondentes.

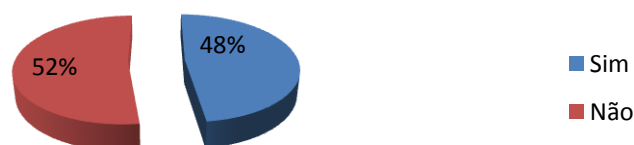
E os pais dos avós ajudaram a cuidar dos netos? Iremos analisar esses dados de seguida.

Gráfico nº 153 - Os pais dos avós ajudaram ou não a cuidar dos seus filhos



Verificamos que 58% referiu que os seus pais não ajudaram a cuidar dos seus filhos, enquanto 42% refere ter recebido essa ajuda. Em relação às respostas das avós, existe uma inversão nas respostas, pois 58% das avós referiu que os seus pais ajudaram a cuidar dos seus filhos.

Gráfico nº 154 - Os pais dos avós rurais ajudaram ou não a cuidar dos seus filhos



Verificamos que 52% referiu não terem obtido ajuda dos seus pais para cuidar dos seus filhos, mas é mais notório, o equilíbrio entre as duas respostas nos avôs deste contexto. Em relação às avós do contexto rural, existe também este equilíbrio, pois 56% respondeu que não obtiveram ajuda dos seus pais.

Gráfico nº 155 - Os pais dos avôs urbanos ajudaram ou não a cuidar dos seus filhos



Neste gráfico, verificamos que 64% dos avôs inquiridos respondeu que não tinham tido ajuda dos seus pais, para cuidar dos seus filhos. Em relação às avós, as respostas estão invertidas, ou seja, 72% das avós que vivem em contexto urbano, referiram que foram ajudadas pelos seus pais. No entanto, em ambos os contextos urbanos, existem os maiores desequilíbrios entre as duas respostas.

Quadro nº 41 – Quadro referente aos cuidados prestados pelos avôs dos avôs

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Cuidados prestados pelos avôs dos avôs rurais	Todos os cuidados	3
		Vigilância	4
		Alimentação	4
		Nenhuns	14
	Cuidados prestados pelos avôs dos avôs urbanos	Nenhuma ajuda	18
		Todos os cuidados	2
		Ajudaram pouco	5

Pela leitura do quadro nº 41 e pela análise das entrevistas, verificamos que a maioria dos avôs rurais, (14), refere não ter sido cuidado pelos seus avós, ou porque não estavam presentes ou por falecimento. No entanto, foi referido por 4 avôs ter sido prestada vigilância e alimentação pelos seus avós e 3 avôs rurais, referiram mesmo que lhes foram prestados todos os cuidados.

Os avôs urbanos, referiram na sua maioria, (18) que não foram cuidados pelos seus avós, 5 referiram que os seus avós ajudaram pouco a cuidar deles e apenas 2 avôs urbanos, referiram que lhes foram prestados todos os cuidados pelos seus avós.

“Não porque eu não tive avós. Os meus avós já eram falecidos” (Avô rural 2).

“Sim, geralmente a minha avó, porque o meu avô morreu ainda eu era pequenito, trabalhava na casa Sousa, era lá, trabalhava lá nos cavalos, pronto, tomava lá conta do gado. A minha avó ajudava a tomar conta de mim, dava-me de comer também, chegava a almoçar lá e também, da parte da minha mãe, era o filho mais velho, da parte dos meus tios têm mais velhos do que eu” (Avô rural 3).

“Eu lembro-me da minha mãe contar, quando nós eramos pequeninos, a mãe desse rapaz, que era da minha idade, dava-me de mamar a mim e dava de mamar a ele, mamávamos os dois e ficávamos ali à sombra de uma árvore. Deixavam ali a gente deitados, debaixo de uma árvore ou qualquer coisa. No inverno não, no inverno estávamos mais em casa não é? Agora há umas mas dantes não. No inverno ficávamos com uma avó ou com outra pessoa; é pá isto agora tomaria a gente, ter naquele tempo o que tem hoje. Quando foi o vinte e cinco de Abril é que havia estas coisas, isto é só após o vinte e cinco de Abril, porque antes disso não havia ninguém. O trabalho era assim, agora não, agora nem sabem o valor que têm e da maneira que isto se está a pôr...” (Avô rural 4).

“O horário de trabalho antigamente era de sol a sol, a gente trabalhava de sol a sol, não havia esta coisa de ter as oito horas não é? Mas trabalhava-se à mesma para não faltar nada aos netos, nem aos filhos nem aos netos” (Avô rural 7).

“Os meus avós trataram. A minha avó é que tomava conta de mim, porque o meu pai e a minha mãe iam trabalhar e eu ficava aqui, porque eles não andavam cá na vila, estavam no campo e eu ficava com a minha avó. Com a minha avó e com a minha tia, ficava na mesma casa, dos avós” (Avô rural 14).

“Agora, os meus netos é como tu vês, vou buscá-los de manhã, vou levá-los à escola, depois vou buscá-los e hoje ficam aqui. Ficam aqui em casa, porque a minha filha amanhã tem de se levantar cedo para ir para o trabalho e depois eu é que de manhã os levanto, é que os visto, é que lhes dou o pequeno-almoço e depois vou levá-los à escola” (Avô rural 17).

“Só conheci mal uma avó. Mas lembro-me dela. Não ajudou, porque eu sou de Vila Real e os meus pais vieram para Lisboa e só me lembro de ir lá passar férias” (Avô urbano 1).

“Não ajudaram muito. Não ajudaram muito, porque tinham que trabalhar e a minha mãe muitas vezes, deixava-me com as minhas vizinhas. Elas é que me ajudaram a criar. A minha mãe, claro também tinha que trabalhar e então a ajuda tinha que ser pouca, mas as vizinhas ainda ajudaram muito, porque por exemplo, vou-lhe contar só uma história. A minha mãe ia vender ao mercado e não tinha com quem me deixar, mas tinha um casal amigo em que me ia lá pôr, dentro de uma alcofa em casa deles, até ela vir do mercado” (Avô urbano 19).

Em relação aos cuidados prestados pelos avós aos avôs, muitos afirmaram não ter recebido nenhuns cuidados, atribuído como causas, a indisponibilidade e os horários de trabalho ou a ausência, devido à distância do domicílio ou a falecimento precoce. Alguns afirmaram que sim, especialmente vigilância e alimentação, mas especialmente pelas avós.

Como o horário de trabalho decorria do nascer ao pôr-do-sol, as crianças ou iam com os pais para os locais de trabalho, para uma ama, ou ficavam a cargo de uma vizinha.

A dificuldade em arranjar um local onde os filhos pudessem ficar, aumentou quando as mulheres entraram no mercado de trabalho e tinham de trabalhar os dois cônjuges.

6.3.4 - Diferenças nos cuidados prestados pelos avôs aos seus filhos e aos seus netos

O quadro seguinte ilustra as diferenças, entre os cuidados prestados pelos avôs aos seus filhos e agora aos seus netos.

Quadro nº 42 – Quadro referente à diferença dos cuidados dos avôs aos filhos e aos netos

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Diferenças nos cuidados dos avós rurais, aos filhos e aos netos	Ajuda mais os netos	14
		Nenhuma diferença	2
		Mais disponibilidade	4
		Mais paciência	5
	Diferenças nos cuidados dos avós urbanos, aos filhos e aos netos	Mais disponibilidade	6
		Mesmos cuidados	2
		Mais paciência	4
		Ajuda mais os netos	13

Pela leitura do quadro nº 42 e pela análise das entrevistas, verificamos que a maioria dos avôs rurais, (14) ajuda hoje mais os seus netos do que ajudaram os seus filhos, sendo que 4 avôs rurais, referem ter hoje mais disponibilidade (4) e mais paciência, (5). Apenas 2 avôs rurais referem não existir diferenças, entre os cuidados que prestaram aos seus filhos e que hoje prestam aos seus netos.

Quanto aos avôs urbanos, a maioria também refere que ajuda mais os netos do que ajudaram os seus filhos, (13), referindo ter mais disponibilidade (6) e mais paciência, (4). Também neste grupo, 2 avôs urbanos referiram que não existiam diferenças, entre os cuidados que prestaram aos seus filhos e que hoje prestam aos seus netos.

“É pá, sou capaz de ajudar mais ao neto porque, a avó também está sempre a dizer, olha dá aí de comer ao miúdo, faz isto e aquilo e eu pronto, agarro nele ao colo e dou-lhe de comer e dantes não, dantes era ela” (Avô rural 3).

“Ah, é muito diferente. A gente dantes não tinha tempo e tinha sempre coisas para fazer e agora já estou reformado, já tenho mais tempo que dantes não tinha, não é?” (Avô rural 4).

“Pelo menos tenho mais vagar, às vezes tenho mais vagar do que tinha antes” (Avô rural 5).

“Eu acho que sim, que a gente está a ajudar mais que ajudavam antigamente. Eles também não podiam, naquela altura quem é que podia? (risos) Chegámos a ir para o tomate e eles ficavam dentro de uma caixa de tomate e eu tive que trabalhar. (risos). Eram tratados lá pela mulherzita que lá estava no meio do tomatal, que era a que estava a fazer o comer, essa é que tratava deles não é? Porque a gente tínhamos que ir à luta ” (Avô rural 7).

“Talvez, talvez, porque eu, também vamos ver, a vida também era outra, eu trabalhava e agora não trabalho. Na altura em que trabalhava era mais a mãe, porque eu estava ligado ao trabalho e não tinha tanto tempo para eles. A neta apanhou uma transição, já estava mais disponível para poder ajudar, é diferente. Mas ajudava a neta como ajudava os filhos e isso foi tudo, quando as amamos sempre” (Avô rural 14).

“Porque tenho mais disponibilidade para isso, não é? Quando era mais novo, quando trabalhava não é? Quando era dos meus filhos ajudei muito também, mas era diferente. Quando a mãe estava em casa, eu estava mais livre e ia para aqui ou para ali e pronto. Quem tomava mais conta deles era ela. Quando era necessário tomava eu, agora os meus netos, os meus netos, (risos), praticamente sou eu. Sou eu e a avó é que tomamos conta deles” (Avô rural 17).

“Não, eu penso que não. Eu sempre ajudei no que pude às minhas filhas e aos meus netos quando precisam, também” (Avô urbano 6).

“Não, é a mesma coisa. Eu ajudava naquilo que podia e hoje é a mesma coisa. Não tenho jeito para algumas coisas, mas tenho para outras” (Avô urbano 13).

“ Ah hoje é diferente. Hoje tenho mais paciência do que tinha antigamente. Alguma vez eu deixava os meus filhos fazerem o que fazem hoje os meus netos? Nem pensar, nem pensar” (Avô urbano 19).

Podemos afirmar que os avôs ajudam mais a cuidar dos netos hoje do que ajudaram a cuidar dos seus filhos, atribuindo como causas, terem mais disponibilidade e paciência.

6.3 5 – Importância dos avôs junto dos netos

Segundo os avôs, quais os benefícios para as crianças, se estas estiverem junto dos avós?

Quadro nº 43 – Quadro referente aos benefícios da presença dos avôs junto dos netos

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Benefícios da presença dos avôs rurais junto dos netos	Mais respeito das crianças	2
		Ensinam coisas antigas	4
		Dão amor	12
		Complementam os pais	7
	Benefícios da presença dos avôs urbanos junto dos netos	Ensinam os netos	7
		Apoiam os netos	4
		Afeto	9
		Educação	5

Pela leitura do quadro nº 43 e pela análise das entrevistas, verificamos que os avôs rurais consideram que a sua presença junto dos netos é benéfica, porque lhes dão amor, (12), são um complemento educacional dos pais, (7), lhes transmitem saberes antigos intergeracionais (4) e ajudam as crianças a respeitar as pessoas, especialmente as mais velhas.

Quanto aos avôs urbanos, referem que lhes dão afeto, (9), transmitem-lhes saberes, (7), educam os seus netos (5) e dão-lhes apoio, (4).

“ Eu acho que sim, a gente dá-se muito bem os dois, geralmente ele tem mais respeito é a mim, dou-lhe todo o apoio, a brincar, a jogar à bola, tudo, ele gosta muito de mim. Eu acho que é muito importante o apoio do avô para os netos ”. (Avô rural 3).

“Porque é que eu digo isso? Porque os avós quase que gostam mais dos netos do que gostavam dos filhos” (Avô rural 7).

“Porque a presença dos avós ensina-lhes muita coisa antiga que elas desconhecem, nomes, tudo, incluindo até às vezes na parte literária que eles desconhecem, porque nós com a quarta classe, dávamos coisas e fizemos coisas na quarta classe que elas hoje têm muito mais habilitações e desconhecem, não sabem” (Avô rural 13).

“É, desde que não interfira na criação deles. O miúdo tem o seu ser, por exemplo, eu vejo pela minha neta, ela tem treze anos e a gente, temos um papel fundamental nela, na criação dela, mas também não podemos estar a interferir em determinadas coisas, para não as podermos estragar. Temos que ter compreensão naquilo que fazemos, isso é um papel mais do pai e da mãe, mas a gente aqui temos, pronto, temos de ajudar naquilo que pudermos” (Avô rural 14).

“Acho que sim, não só a nível de educação mas ensinar. Ensiná-los a respeitar, a respeitar as pessoas mais velhas e dar-lhe carinho. Dar-lhe aquilo que eles necessitam e aquilo que muitas vezes, são os avós é que lhes dão, porque os pais não têm, muitas vezes não têm disponibilidade para isso. No caso destes meus netos, dos rapazes, são pais separados. O pai é um, não interessa agente estar a dizer o que é, mas pronto, eu é que sei e de maneira que é muito importante, eu creio que é muito importante, os avós junto dos netos” (Avô rural 17).

“Acho que sim, porque podemos transmitir os conhecimentos e portanto explicar-lhes a vida. Acho que os avós têm sempre uma experiência de vida para transmitir aos netos” (avô urbano 2).

“Eu acho que é importante uma relação entre neto e avós e deve-se insistir, não é um afastamento (...) Ganham confiança com os avós e aprendem muito com eles, que já são velhos, (risos) ” (Avô urbano 6).

“Isso é imprescindível. Nos aspetos da educação como do afeto, que é imprescindível, porque é uma mais-valia para os nossos filhos e para os nossos netos. Nós, avós, termos os nossos netos, para também ajudar a educar” (Avô urbano 19).

“Eu acho que sim. Eles sentem-se bem ao pé da gente. Claro a gente também os apoia. Por exemplo, ainda ontem o meu filho, o meu neto, o meu genro, a minha filha,

vieram de Fátima e ele também foi. Trazia as filmagens lá da Cova de Iria e esteve-me a explicar as coisas de Fátima, todo contente”. (Avô urbano 20).

A transmissão de afeto, de saberes, as interações familiares e educacionais, são os benefícios apontados pelos avôs, em relação aos benefícios obtidos pelas crianças, estando na sua presença.

6.3 6 – Substituição dos avós pela creche segundo os avôs

A questão colocada aos avôs pretendia analisar o que estes sentem, pelo facto dos seus netos frequentarem a creche em vez de serem cuidados por eles.

Quadro nº 44 – Quadro referente à substituição dos avós pela creche

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	A creche como substituição dos avós, segundo os avôs rurais	Convivem mais com outras crianças	10
		Bom local de aprendizagem	5
		Substitui as avós quando estas trabalham	3
		Os pais ficam mais descansados	2
		Os avós são melhores	5
	A creche como substituição dos avós, segundo os avôs urbanos	Aprendem mais	9
		Contactam com outras crianças	10
		São ambos importantes	6

Pela leitura do quadro nº 44 e pela análise das entrevistas, podemos verificar que os avôs rurais consideram a creche um bom substituto dos avós, porque as crianças convivem umas com as outras, (10), é um bom local de aprendizagem, (5), substitui os avós quando estas têm de trabalhar (3) e é um local onde os pais ficam mais descansados, (2). No entanto, 5 avôs rurais consideram que é melhor para as crianças ficarem com os avós, do que irem para creche, (5).

Quanto ao grupo dos avôs urbanos, é benéfico para os seus netos o contato com outras crianças, (10), a creche é um local onde as crianças aprendem mais, (9), mas alguns avôs urbanos, (6), referem que tanto os avós como as creches são importantes e complementam-se.

Um dos avôs referiu que a creche era um bom local de convívio entre as crianças. *“Eles com os avós não têm tanto, como é que eu hei-de dizer, convivência com as outras crianças, não se habituam a certas coisas estando só com a avó, com a avó é só aquele ambiente, se tiver numa creche tem mais ambiente com outras crianças, diverte-se mais, sempre aprende mais outras coisas”* (Avô rural 3).

“Não, quer dizer, eles lá sempre aprendem mais algumas coisas que a gente não lhe pode ensinar, não é, mas pronto faz falta, mas acho que não substitui os avós. Antigamente só os filhos dos ricos é que estudavam, os pequeninos não tinham hipótese. Eu estou em ver que isto, quando a gente sair disto, vai voltar tudo ao mesmo” (Avô rural 4).

“Isso é uma boa pergunta, é uma boa pergunta. É porque hoje toda a gente tem uma vida diferente do que era dantes. Toda a gente tem uma vida ocupada. É por essa a razão que os netos e os filhos têm de ir para a creche. Dantes não havia creche mas os avós estavam, pelo menos as pessoas da parte feminina, estava mais em casa do que hoje. Hoje toda a gente tem um emprego, tem trabalho e então têm que ir por os filhos à creche, para toda a gente ganhar dinheiro. Mas a minha opinião, desde que as pessoas sejam de bom senso, os avós não levam nem encaminham nem dão maus conselhos aos netos, é só bons conselhos e por vezes eles na creche, aprendem costumes, que não deviam aprender por causa dos outros, são muitos á mistura” (Avô rural 5).

“Porque a juventude, esta juventude moderna, os pais modernos, já têm essa compensação. Acho que isso é uma compensação, embora paguem, os que podem

pagar, acho muito bem, porque estão todos descansados, porque estão dentro de uma creche não é, é mesmo assim” (Avô rural 7).

“Eu penso que sim, desde que seja uma creche boa eu penso que sim, porque vamos lá ver, os miúdos na creche são capazes de aprender outras coisas que os avós se calhar não lhe dão, não estamos tão despertos, ou preparados, ou vamos lá, até estamos preparados para ajudar as crianças, mas por outro lado é melhor. É melhor porque é o seio, o seio maternal e paternal que está cá em casa e a gente trata de outra maneira, enquanto lá é outra educação. Mas também é preciso, são precisos os dois, mas a creche, se uma creche for bem conduzida, tiver lá educadoras com competência e não sei quê, é bom, eu acho que é bom para as crianças” (Avô rural 14).

“É, quer dizer, é na questão de por exemplo, para eles aprenderem a serem mais disciplinados e sempre vão tendo outras regras que a gente em casa não lhes dá, não é? Não é o não conseguir, é diferente. É diferente, porque o meu neto se o avô manda fazer qualquer coisa, mas se ele entender que não faz, o avô às vezes não o obriga, não é, outras vezes obriga, mas raramente obriga, porque o neto agarra-se ao avô e o avô quebra. Quebra e faz-lhe as vontades” (Avô rural 17).

“A creche num aspeto sim. O meu neto não falava quase nada e desde que foi para a creche, desenvolveu a fala e teve outro desenvolvimento. No amor e outros afetos, com os avós é outro aspeto” (Avô urbano 1).

“Nos tempos de hoje, acho que sim e devia haver até mais creches. Porque é como digo, os pais, dantes a mulher trabalhava em casa, fazia o comer e tomava conta dos filhos. Hoje os casais trabalham os dois, portanto as crianças não podem ficar sozinhas, então têm que ir para uma creche. Acho que o trabalho da creche, no meu entender, é benéfico para a criança porque têm contacto com as outras crianças e tudo” (Avô urbano 2).

“Talvez em prática eles aprendam melhor lá. Já não digo carinho, mas acho que faz bem. Faz falta uma creche para as crianças, crescerem também um bocadinho uns com os outros, terem o convívio uns com os outros, as crianças umas com as outras e com os avós, vão aprendendo coisas que eles não aprendem lá, mas a gente depois ensina à nossa maneira, (risos). É importante, tanto os avós como a creche, acho que é muito importante” (Avô urbano 6).

Podemos afirmar, que os avôs reconhecem a creche como um local de aprendizagem para as crianças e que é necessário o convívio para o seu desenvolvimento, mas também afirmam que a afetividade e a transmissão de valores, são da responsabilidade dos avôs e dos pais e não das instituições.

6.3.7 – Presença dos pais junto dos filhos no espaço intergeracional

Questionámos os avôs, em relação à presença ou ausência dos pais junto das crianças. Será que quando os avôs eram pais, estavam mais ausentes ou mais presentes, em relação aos pais contemporâneos?

Quadro nº 45 – Quadro referente aos pais estarem mais presentes ou mais ausentes no espaço intergeracional

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
RELAÇÕES FAMILIARES	Pais mais presentes ou mais ausentes, segundo os avôs rurais	Presença igual	5
		Mais presentes hoje	16
		Mais presentes antigamente	4
	Pais mais presentes ou mais ausentes, segundo os avôs urbanos	Mais presentes hoje	18
		Mais ausentes	7

Pela leitura do quadro nº 45 e pela análise das entrevistas, observamos que os avôs rurais referem na sua maioria, (16), que estão mais presentes hoje junto dos seus netos do que estavam com os seus filhos. Apenas 5 avôs rurais referem que sua presença é igual no espaço intergeracional e 4 referem, que estavam mais presentes com os seus filhos.

Quanto ao grupo dos avôs urbanos, observamos que também a maioria, (18), refere que estão mais presentes hoje, junto dos netos do que estavam com os seus filhos e 7 avôs urbanos, referem que estão mais ausentes hoje junto dos seus netos do que estiveram com os seus filhos.

“Acho que não, acho que é igual, deve ser mais ou menos, têm o trabalho deles, só á noite quando vêm, ou vão as avós buscá-los, ou vão às creches buscá-los, mas acho que não, têm mais tempo” (Avô rural 3).

“Estão. Estão mas a gente dantes trabalhava de sol a sol e eles agora têm um horário diferente que a gente dantes não tinha, não é? Agora é diferente” (Avô rural 4).

“Hoje os pais ajudam mais do que ajudavam antigamente. Antigamente era muito mais falso. A gente chegava a uma certa idade e uns para irem para a primária, tinha de se fazer um grande sacrifício e os pais não se ralavam muito com a gente, não é? O meu pai ralou-se, o meu pai ralava-se mais a minha mãe” (Avô rural 7).

“Os pais antigamente eram muito mais presentes do que hoje. Não é o caso da minha filha e do meu genro, que são pessoas bastante presentes, mas eu vejo o que a gente vê na televisão pá, porra, é impressionante o que se passa hoje. Dantes não se passava nada disto, não é? É completamente diferente” (Avô rural 14).

“Estão mais ausentes, noto isso. Estão os dois a trabalhar e só regressam a casa ao fim do dia” (Avô urbano 2).

“Os pais hoje? Eu penso que na minha geração já começou a mudar muito. Antigamente, antes de eu ser homem, ainda em criança, não se via um pai a pegar num filho ao colo nem nada disso. Na minha geração é que eu já comecei a pegar na minha filha. Eles chamavam, ah ele é um maricas e não sei quê, mete as filhas ao colo, (risos), mas era verdade. Havia esse preconceito. Depois, na minha geração, já a partir dali até, aliás um primo meu mais velho, ele era mais velho, cinco anos do que eu, ele chegava a apaparicar o filho quando eu era assim mais jovem, eram cinco anos de diferença e ele andava assim com a criança e não sei quê. Depois da minha filha nascer é que eu vi que era bom, soube dar o valor que ele dava ao filho, (risos), antes disso não dava, porque não era coisa de homens”. (Avô urbano 6).

“Muito mais presentes. Não estão mais presentes porque têm o seu trabalho, mas estão muito mais presentes atualmente, do que antigamente estavam” (Avô urbano 19).

Muitos avôs afirmaram, que os pais estão mais presentes hoje do que antigamente, mas alguns afirmaram também, que hoje os pais estão mais ausentes porque trabalham ambos.

A presença dos pais hoje, está relacionada com a sua maior disponibilidade para os cuidados infantis, quer sejam os cuidados de vida diários, quer sejam as actividades escolares e extracurriculares, consideradas da responsabilidade da mulher no período intergeracional anterior.

Um dos avôs relata as diferenças culturais sentidas, pelo facto dos pais interagirem com os seus filhos. O dar colo era uma prática pouco aceite na sua comunidade, quando era jovem pai, conotada até de forma muito negativa pelos outros membros.

6.4 – TRANSMISSÃO DE SABERES INTERGERACIONAIS E DIFERENÇAS DE GÉNERO NO CUIDAR

Que saberes é que foram adquiridos pelos avós e agora transmitidos aos seus netos? Iremos analisar a transmissão de saberes e qual a importância destes, segundo os avôs.

Quadro nº 46 – Quadro referente aos saberes adquiridos pelos avôs, através dos seus avós

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
AVÓS	Saberes adquiridos pelos avôs rurais, pelos seus avôs	Nenhum	12
		Não conheceu os avós	4
		A relacionar-se com as pessoas	9
	Saberes adquiridos pelos avôs urbanos, pelos seus avôs	Nenhuns	8
		Deram educação	11
		Respeito	6

Pela leitura do quadro nº 46 e pela análise das entrevistas, verificamos que o grupo dos avôs rurais refere que não adquiriu nenhum saber transmitido pelos seus avós. Neste grupo, 4 avôs referem mesmo que não conheceram os seus avós, mas 9 referiram que aprenderam a relacionar-se com as outras pessoas.

Quanto ao grupo dos avôs urbanos, 11 referiram ter obtido educação dos seus avós, 6 a respeitar as outras pessoas, ou seja, valores sociais e 8 referiram não ter obtido nenhum saber dos seus avós.

“Não conheci nenhum deles. Não posso ter aprendido nada” (Avô rural 2).

“A minha avó, que me tivesse ensinado? É pá não me lembro agora disso” (Avô rural 7).

“Vamos lá a ver o que eu aprendi com o meu avô. Era uma pessoa, o meu avô era uma pessoa muito austera, não se podia fazer nada ao pé dele e eu aprendi com ele, eu até ia ali para a adega com ele e aprendi a maneira de ser, como é que ele tratava as pessoas. Era uma pessoa muito rude, no fundo era um coração mole, as pessoas iam lá, ó senhor Zé, arranje-me aí um bocadinho de carvão, arranje-me aí isto, ele era tudo, estás a perceber e eu aprendi com ele aquela maneira de ser dele, dele agir e de seguir. A minha avó era diferente, era uma pessoa completamente diferente, era uma pessoa que estava sempre sentada no fogão e eu fugi dela, tinha sete anos naquela altura, fugi para o campo” (Avô rural 14).

“Ah não. Aquilo que eu me recordo dos meus avós, deste meu avô que morreu, já morreu aqui em Salvaterra, aqui em casa da minha tia, este convivi, convivi mais com ele, não é, porque ele veio para aqui tinha eu os meus doze, treze anos e vivi com ele até ir para a tropa. Depois, quando eu estava na tropa, foi quando ele morreu. Da parte da minha mãe, com o meu avô praticamente não convivi nada, porque ele andou na guerra de França, na primeira guerra mundial e depois quando veio, veio mutilado, veio assim um bocado apanhado do cérebro, pronto, veio assim um bocado maltratado e durou pouco tempo. Durou pouco tempo e o tempo que durou, estive de cama, estive uns poucos de anos acamado. A minha avó da parte da minha mãe, é que eu depois tive assim uma certa convivência com ela, porque ela vinha muita vez a casa da minha mãe e eu convivia com ela, convivia com ela muito. Ensinou-me o dia-a-dia e preparou-me para vida. Foi ela que me preparou para a vida” (Avô rural 17).

“Sim. Uma delas por exemplo, é que ensinaram-me sempre a respeitar as outras pessoas, a não fazer maldades. Quando fazia maldades, ia ser castigado e foi sempre uma coisa que me ficou na cabeça e hoje infelizmente, o que eu vejo é que as pessoas que fazem mal, a maior parte delas não são condenadas, especialmente há uma Lei que a Lei é igual para todos, mas eu vejo que há duas Leis: há as Leis para os ricos e as Leis para os pobres. A Lei dos ricos, podem roubar, podem matar, podem fazer tudo, que nada lhe acontece; o pobre tem que pagar pelos outros. Portanto há duas Leis neste País” (Avô urbano 2).

“Eles morreram, minha avó, tinha eu onze anos, o meu avô tinha eu doze. Aprendia muita coisa que eles me ensinavam, para o bem, para o mal nunca. Não batas àquele, não faças assim, não faças assado, aquilo que tu não gostas que te façam a ti também não podes fazer, essas coisas assim” (Avô urbano 6).

“Nenhuns, não conheci os meus avós” (Avô urbano 10).

Podemos afirmar que os saberes adquiridos pelos avôs dos seus avós foram essencialmente valores relacionais, educacionais e morais.

Não foi referenciada nenhuma prática especial, nem nenhum saber específico fora do âmbito relacional.

O saber relacionar-se com outras pessoas era considerado benéfico e facilitador nos negócios, onde era esperado de uma forma recíproca, seriedade nesses mesmos negócios. O não saber relacionar-se com outras pessoas, provocava um maior isolamento e perda de oportunidades.

A relação negocial eficaz, especialmente nas zonas rurais, mostrava o caráter da pessoa e mostrava essa característica à comunidade, dando uma maior visibilidade social e como consequência, mais benefícios, mas estavam plenos de rituais, que eram transmitidos especialmente aos mais jovens pelos avôs.

O cumprimento dos valores sociais era o objetivo principal na transmissão de saberes, por parte dos avós.

Mesmo os aspetos profissionais, não foram mencionados como tendo influenciado os avôs nas suas profissões.

Iremos de seguida, analisar que saberes é que os avôs transmitem aos seus netos e analisar as diferenças intergeracionais dos mesmos.

Quadro nº 47 – Quadro referente à transmissão de saberes dos avôs aos netos

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
AVÓS	Saberes transmitidos pelos avôs rurais aos netos	Brincar e jogar	7
		Nenhum	1
		Andar de bicicleta	3
		Educação	7
		Dar cultura geral	3
		Prepará-los para a vida	2
		Conduzir veículos	1
		Agricultura	1
		A pescar	1
		A ser arrumado	2
	Saberes transmitidos pelos avôs urbanos aos netos	Aconselhamento	7
		Educação	7
		Valores	5
		Jogos	4

Pela leitura do quadro nº 47 e pela análise das entrevistas, verificamos que nos saberes transmitidos pelos avôs rurais aos seus netos, estão incluídos os jogos e as brincadeiras (7) e em igual número, (7), a educação. O ensinar cultura geral e ensinar a andar de bicicleta, foi referido por 3 avôs rurais, a preparar os seus netos para a vida, (2), a pescar, na agricultura e a conduzir veículos, (1). Apenas 1 avô rural referiu não transmitir nenhum saber aos seus netos.

Quanto ao grupo dos avôs urbanos, 7 referiram dar aconselhamento e educação aos seus netos, 5 referiram que lhes transmitiam valores sociais, 4 ensinavam jogos e 2 referiram que ensinavam os seus netos a serem arrumados.

“Não, porque tenho muito pouco tempo, quer dizer, eu embora esteja mais próximo dos meus netos agora, a avó está muito mais próxima deles. Eu apenas quase faço o papel de assistir e dar apoio mais nada” (Avô rural 2).

“ Por enquanto olha, é estar aí a brincar, a jogar à bola e às vezes a ralar com ele, que é para ver se ele aprende a ficar sossegado; eu digo, está sossegado e ele por vezes encolhe-se e às vezes faz umas birrazinhas, não sei, é dias ” (Avô rural 3).

“Que eles não perdessem a memória, do que foi a sua família e o que a gente passou e tento acompanhá-los e ensiná-los a terem maneiras e nas coisas da vida. Pelo menos à mais velhinha, porque este ainda é muito pequenino para estas coisas, ainda não entende” (Avô rural 4).

“Coisas que eu aprendia, costumes do que era a vida de antigamente, do que eram as vidas de antigamente e do que são as vidas de agora e então eu transmito-lhes isso, o que é que a vida, os costumes, as vidas, o que é que era dantes e o que é que é agora. Falo isso muito com eles (...) O que é que lhe ensinava? Sei lá, eu até pego no carro e ensino-os a conduzir, aqui na horta ensino-lhes a dizer que uma couve que se põe com a raiz para baixo e não com o espigo para baixo e que é para cima e qualquer coisa que eu possa ensinar até aqui na oficina. Porque é que eles não aprendem? É assim que se faz e lá por eles andarem a estudar devem de aprender outra coisa qualquer, porque o aprender não ocupa lugar. É essas coisas que eu gosto de transmitir” (Avô rural 5).

“Ensino, tento, tento ensinar. Às vezes, o mais velho a pescar, o Miguel, a andar de bicicleta e agente, pronto, ensina-lhe aquilo que pode, não é” (Avô rural 7).

“Ensino, ensino tudo. Ainda ontem ela estava ali a estudar história e eu estava-lhe a explicar aquilo que sei, ou do que sabia. Até era sobre Hitler e eu estava a tentar explicar-lhe e sempre que posso, explico-lhe coisas” (Avô rural 14).

“Ensino, então não ensino. Ensino muita coisa. Eles às vezes já têm a mania que sabem, que sabem isto e que sabem aquilo e que sabem aqueloutro e eu muitas vezes digo, olha que não é assim, olha que é desta maneira, olha que é daquela maneira, olha que, pronto, pelo menos tento. Tento elucidá-los daquilo que pode acontecer, pelas coisas não é, para eles não caírem em certas e determinadas esparrelas. Este é muito pequenino ainda não compreende, mas, já não é parvo nenhum. Agora o outro mais velho, o mais velho tem presunção, tem a mania que já sabe tudo, que já sabe muita coisa” (Avô rural 17).

“Ao meu neto ainda é muito pequeno, no entanto ensino-lhe a arrumar os brinquedos, mas se ele não quer arrumar eu arrumo e de vez em quando, não faça isso, para ele perceber” (Avô urbano 1).

“Explicava-lhe isso, até que dei-lhe sempre bons conselhos para continuar a não fazer mal a ninguém, a cumprir as suas obrigações e a estudar e portanto, a serem os homens de amanhã. Nada de drogas, sempre por um caminho correto e certo e felizmente, tenho sorte com os filhos e os netos que tenho” (Avô urbano 2).

“Tem cuidado, olha que é as drogas que desgraçam uma pessoa. É pá, vocês por esse caminho nunca vão. Se precisarem de alguma coisa que o avô possa ajudar peçam, mas para isso vocês nunca pensem ir. Graças a Deus, penso que nenhum dos seis netos que tenho, nenhum entrou por esse caminho, graças a Deus. Também os pais preocupam-se, dão-lhes outras atividades, não os deixam muito também, andar assim à vontade e preocupam-se com a hora de sair da escola, a que horas é que entram e essas coisas todas. Eu acho que é bom e acho que tenho dois genros espetaculares, mesmo este, é muito amigo dos meus netos e tudo” (Avô urbano 6).

“Educação. Não gosto que os meus netos sejam mal-educados. Estou sempre a repreendê-los especialmente se tratam mal a avó. Fico muito chateado quando eles não querem cumprimentar uma pessoa, fico mesmo chateado” (Avô urbano 13).

“Olha, gosto de lhes transmitir os valores da vida. A cordialidade, a partilha, a educação, o serem educados para as outras pessoas, terem cuidado com as drogas e com as companhias, essas coisas. Gosto de lhes fazer ver as coisas, que é feio mentir, é feio roubar, ainda um dia destes ficou chateado comigo, porque estava a fazer batota no jogo das cartas e eu não deixei passar e fiz-lhe ver, que ser batoteiro era feio, se calhar alguns até ensinam os netos a serem batoteiros, (risos) ” (Avô urbano19).

“Olhe ensino-lhe jogos e acompanho-o ao futebol. Ele treina numa equipa de futebol infantil e sou eu que o acompanho. Estou sempre a incentivá-lo para ele fazer as coisas bem-feitas e a dar-lhe coragem. Gosto muito de ver o meu neto jogar e de o acompanhar, gosto mesmo muito” (Avô urbano 24).

A maior parte dos saberes transmitidos pelos avôs, estão relacionados com os valores e com o aconselhamento. São saberes que os avôs referem ser da sua responsabilidade, apesar dos pais também intervirem. Apenas alguns avôs referiram as atividades ao ar livre e jogos.

As atividades ao ar livre foram mais referenciadas pelos avôs rurais, o que é espetável e um avô referiu que ensinava os seus netos a conduzir veículos motorizados, nomeadamente tratores, saberes também transmitidos pelo avô aos seus filhos, quando eram pequenos.

Ramos, (2012, p.43) afirma o seguinte: *“As atividades intergeracionais proporcionam um espaço em que as diferentes gerações, respeitando as diferenças e conhecimentos, criam um espaço comum de troca mútua de saberes e afetos, de solidariedades e de diálogo entre os mais velhos e os mais jovens a partir dos conhecimentos e experiências de cada um.”*

Em relação ao género, iremos abordar o que os avôs referiram, em relação à maior ou menor importância das avós em relação aos avôs, no cuidar das crianças. As avós, normalmente estão mais presentes na fase de latência das crianças e mais interventivas, quando estas ainda não são autónomas na locomoção.

Quadro nº 48 – Quadro referente à maior ou menor importância das avós em relação aos avôs, no cuidar infantil

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	No cuidar das crianças, as avós são mais ou menos importantes que os avôs, em contexto rural	Avô é mais paciente	4
		Avó mais presente	8
		Avó é mais importante	9
		Complementam-se	4
	No cuidar das crianças, as avós são mais ou menos importantes que os avôs, em contexto urbano	Papéis iguais	3
		Avós mais importantes	18
		Mais importantes, porque são mulheres	4

Pela leitura do quadro nº 48 e pela análise das entrevistas, verificamos que os avôs rurais reconhecem que a avó é mais importante no cuidar das crianças, (9), está mais presente, (8), é mais paciente do que o avô (4) e neste grupo, apenas 4 avôs rurais referem que ambos se complementam.

Quanto ao grupo dos avôs urbanos, a maioria (18), reconhece que as avós são mais importantes no cuidar das crianças, 4 referem que são mais importantes porque são mulheres, entendendo que prestar cuidados infantis são tarefas femininas e apenas 3 avôs urbanos, referem que no cuidar infantil, os papéis de ambos os avós são idênticos.

Um dos avôs referiu ser mais paciente que a avó, como iremos observar no seguinte relato:

“Ela até tem inveja do miúdo, porque ele gosta mais de mim, porque eu pronto, não ralho assim tanto como ela, ela grita muito e ela, eu até digo que ela tem inveja, o miúdo tem alguma coisa vai logo para o meu colo, beijo-o e tudo e às vezes a ela, nem a ela lhe dá beijos, não sei o que é que ela lhe fez; mas também gosta dela, porque eu às vezes digo assim: Tiago vai lá dar um beijinho à avó e ele vai lá, mas ele gosta mais de mim, isso não haja dúvida” (...) Eu acho que a gente tem amor aos filhos, mas às vezes a gente tem uma coisa pelos netos também, às vezes ralha com os filhos por certas coisas, mas ela, nós às vezes ralhamos com ele e ela vem por trás abraçá-lo e dizer: ai o meu netinho e tal, mas ela também ralha tanto com ele, ainda ralha mais do que eu, mas eu quando ralho, ele fica logo quieto e ela quando ralha não, ele não aceita. (Avô rural 3).

“Acho que sim acho que sim. Há coisas que só elas é que sabem fazer, não é?” (Avô rural 4).

“Quer dizer, decerto são iguais, mas embora as avós, por sua vez, podem ter mais possibilidade em dar mais carinho aos netos, falar com eles, lavar-lhe a cara, lavar-lhe os pés, vestir-lhe outra roupa, zelarem mais por eles, serem mais presentes com os netos, que o avô não é? Pelo menos no meu caso, é!” (Avô rural 5).

“As avós sempre, sempre. A avó é sempre avó não é, o avô é já mais para outras coisas, já é mais complicado nesse sentido, não é? Agora a avó ajuda mais, na maneira de vestir, na maneira de calçar, na maneira até da comida, ensinar coisas, têm mais paciência” (Avô rural 7).

“Eu acho, sei lá, é outra maneira de ser, é outra paciência, é pá, pronto, isto o ser mulher, já nasce com a mulher. O avô pode gostar muito da criança, mas não tem certas aptidões que a avó tem, é totalmente diferente. (...) Eu acho que a mulher está sempre mais presente nas crianças do que o avô. O avô pronto, acompanha mas é completamente diferente da mulher. A mulher tem sempre outra coisa, até mesmo no caso, por exemplo, do avô para o rapaz, não é o meu caso que eu tenho só raparigas, é capaz sim, é capaz de ir com ele. É pá olha vou-te levar à bola, eu estou a falar disto porque só tenho raparigas e é natural que a avó tenha outra à vontade com a neta que não tem o avô, não é? Os rapazes, não sei, só tenho mulheres” (Avô rural 14).

“Eu acho que se complementam, não é? Eu acho que sim. Pelo menos no meu caso, pelo menos no meu caso. Agora os outros, os outros não sei, mas no meu caso, tanto a minha mulher como eu complementamo-nos e um faz umas coisas e eu faço outras. Ela conversa com eles, eu também converso com eles e pronto, mas por exemplo de manhã, quem lida com eles, praticamente, sou eu. Ela levanta-se sempre mais tarde, eu é que os acordo, eu é que os visto, o grande, o maior, o mais velho, já não é preciso eu vesti-lo, porque ele já se sabe vestir sozinho, eu é que o visto, eu é que trato dele, eu é que muitas vezes lhe dou banho e pronto e dou-lhe o pequeno-almoço e depois vá, escola” (Avô rural 17).

“ No meu caso é totalmente igual. Está aqui a minha mulher, a minha filha, o meu genro e sabem que eu já mudei as fraldas ao meu neto muitas vezes, dei-lhe banho, vestia-o, despia-o, fazia tudo” (Avô urbano 1).

“Ah sim naturalmente é a mulher que deu á luz a criança, tem mais aquele amor maternal que não existe no homem” (Avô urbano 2).

“Não, eu acho que são iguais. É pá, elas de uma maneira e os avôs de outra. Eu acho que todos nós devemos de contribuir sempre para o bem deles” (Avô urbano 6).

“ Isso não tem comparação. Basta serem mulheres. Ah, pois não tenha dúvidas disso” (Avô urbano 19).

A questão do género tem muita importância como vimos, para os cuidados infantis. Segundo os avôs, as mulheres são mais importantes para as crianças porque algumas tarefas são exclusivamente femininas. Alguns avôs urbanos referem que a importância é igual, porque os papéis se complementam, mas a maior parte dos avôs entrevistados, atribuiu maior importância às avós nos cuidados às crianças.

Ramos, (2012, p. 47) salienta a importância do género, afirmando o seguinte:

“Investigações na Europa e nos EUA, evidenciam que o género também tem a sua influência nos papéis de ser avó e ser avô. Este papel é importante para ambos mas, sobretudo para a mulher. Estas têm tendência a ser mais ativas e participantes”

6.5 – CUIDADOS DE SAÚDE INFANTIS E INTERGERACIONALIDADE

Analisaremos de seguida, as diferenças existentes entre os cuidados de saúde infantis, os recursos e a qualidade dos mesmos, no espaço intergeracional. Abordaremos os cuidados de saúde tradicionais que foram prestados aos avôs, como complemento aos que foram mencionados pelas avós.

6.5.1 – Cuidados de saúde infantis no espaço intergeracional

Segundo os avôs, como evoluíram os cuidados de saúde quando os seus filhos eram pequenos, em relação aos cuidados prestados hoje aos seus netos? Os recursos melhoraram em qualidade e em quantidade? Iremos analisar de seguida esses dados.

Quadro nº 49 – Quadro referente ao que pensam os avôs dos cuidados de saúde hoje

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	O que pensam os avôs rurais dos cuidados de saúde, hoje	Estão melhores	18
		Maior proximidade médico/doente antigamente	1
		Estão a piorar	6
	O que pensam os avôs urbanos dos cuidados de saúde, hoje	Estão maus	1
		Estão melhores	10
		Evoluíram muito	8
		Melhores pediatras	6

Pela leitura do quadro nº 49 e pela análise das entrevistas, verificamos que os avôs rurais referem na sua maioria, que os cuidados de saúde hoje estão melhores. No entanto, 6 avôs rurais referem que os cuidados de saúde estão a piorar e 1 referiu que antigamente existia uma maior proximidade entre médico/paciente.

Quanto ao grupo dos avôs urbanos, 10 referem que os cuidados de saúde hoje estão melhores, 8 referem que evoluíram muito no espaço intergeracional, 6 que referem que existe hoje melhores pediatras e apenas 1 avô urbano, refere que os cuidados de saúde hoje estão maus.

“Bem, nós vivemos aqui numa terra, onde um médico foi fantástico e dispunha de todo o tempo, dispunha quase vinte e quatro horas para apoiar, para curar os seus doentes. Eu acho que antigamente havia talvez, uma proximidade maior entre o médico” (Avô rural 2).

“Ah estão muito melhores, dantes nem havia médico não é? Mas as coisas parece-me que estão a ficar mais difíceis, porque eu acho que quem tem dinheiro está safo, agora quem não tem, tem de se sujeitar ao que há, não é. Primeiro que uma pessoa arranje uma consulta, tem de ir para o Centro de Saúde às cinco da manhã e se um gajo já está doente, mais doente fica” (Avô rural 4).

“Desde o meu tempo evoluiu, evoluíram um bocado. (...) Há mais recursos do que havia no meu tempo (...) Quando eu tinha que ir ao médico, eu ia ao médico, pagava a consulta e ia à farmácia, aviava e pagava tudo por inteiro. Não havia subsídio do Estado, não havia nada” (Avô rural 5).

“É pá, os cuidados de saúde já evoluíram mais não é? Mas muito mais, muito diferentes. Hoje é mais fácil, antigamente não. Eu acho que as doenças foram sempre as mesmas, só que hoje está muito mais evoluído, temos muito mais acesso a irmos ao Centro de Saúde, para ir aos hospitais não é? Há outra colocação que não havia antigamente, a gente antigamente quem era riço aguentava, quem não era, morria” (Avô rural 7).

“Julgo que sim, eu acho que melhoraram pá, acho que sim, acho que há mais coisas e mais médicos, acho que sim, a saúde já está, está um bocadinho melhor, não está como a gente queria, mas está muito melhor” (Avô rural 14).

“Hoje, quer queiramos quer não, embora haja muita dificuldade, mas estou convencido, estou convencido não, eu tenho a certeza que hoje a coisa está muito

melhor do que era antigamente, não é? Mas não tem, não tem mesmo comparação nenhuma. Basta que as crianças hoje nascem, são logo vacinadas e há mais disponibilidade pronto, há outros meios que não havia, que nem sequer havia no meu tempo. No meu tempo o que é que havia? Eu uma vez parti um pé e o meu pai teve de andar alguns oito quilómetros, comigo às costas numa bicicleta, para ir à Chamusca a um médico e depois da Chamusca é que fui para Santarém, ainda para o hospital velho antigo” (Avô rural 17).

“A esse nível não sei responder. Mas está bera, porque se não tiver dinheiro não consegue uma saúde como deve ser. Se formos ao hospital temos que pagar tudo, comprar comprimidos é como está tudo em geral” (Avô urbano 1).

“Muito melhores, quer dizer, os cuidados infantis estão muito melhores. Antigamente morria muita gente, crianças com doenças que não havia tratamento para elas. Eu recordo-me de uma criança, que morreu lá ao pé de mim de um colega, que era o garrotilho e depois da Segunda Guerra Mundial, com a descoberta da Aspirina resolveu muita coisa. Os Antibióticos e essas coisas todas vieram salvar muitas crianças. Acho que as crianças estão mais protegidas hoje, no aspeto dos cuidados de saúde, do que antigamente” (Avô urbano 2).

Este avô, apesar de ter uma opinião favorável em relação aos cuidados de saúde, refere que os recursos antigamente eram melhores, como iremos ver.

“Recordo-me que até na minha terra, existia o Hospital, porque eu fui lá quando era miúdo. Parti um braço e fui lá tratado na Golegã e chegava-se a fazer operações e tudo. Hoje, todos esses Hospitais já não funcionam ou estão á mesma a funcionar como Centros de Saúde ou Lares e portanto, nós hoje corta-se um dedo e vamos lá para cascos de rolha a Torres, a nove quilómetros. É isso que eu noto, tenho pena, porque por mim como aconteceu isso, eu fui tratado na minha terra com Hospital e acho que todas as terras deviam ter um Hospital, para as pessoas se deslocarem e serem tratadas como deve ser, coisa que hoje isso não acontece” (Avô urbano 2).

“Eu acho que evoluíram um pouco. Pelo menos antigamente, não tínhamos médica de família. Agora existe isso e facilita um bocadinho. Antigamente era tudo muito pior, pagava quem tinha dinheiro e quem não tinha, às vezes coitados com muitas dificuldades, vendiam tudo por uma doença ou então morriam sem assistência nenhuma. (...) Nisso o meu pai, posso dizer, teve sempre muito cuidado com a gente.

Uma doença, uma coisa qualquer, andava sempre a bater, mas levava sempre a gente ao médico, sempre, sempre. E enquanto outras pessoas que eu conhecia, com menos recursos, ou não sei quê, às vezes coitados, alguns chegaram a morrer” (Avô urbano 6).

“E de que maneira. A pediatria foi uma coisa que evoluiu muito. Qualquer pediatra hoje consegue detetar, aquilo que antigamente andavam meses e meses a detetar e acabavam por morrer as crianças. Hoje, basta-se ver a mortandade que existiu há vinte anos atrás ou a que existe hoje, para saber que alguma coisa evoluiu” (Avô urbano 20).

“Sim, sim. Evoluíram muito. Antigamente só sobreviviam aqueles que eram fortes. Na minha criação, quem não era forte morria. Lá na aldeia lá em Trás-os-Montes, então andava descalço, aquilo não havia as condições que há hoje, não é?” (Avô urbano 20).

Podemos afirmar que segundo a maioria dos avôs, os cuidados de saúde evoluíram existindo hoje mais e melhores recursos.

Alguns afirmam que pioraram porque se tem de pagar, atribuindo a esse fato ter ou não ter cuidados de saúde com mais qualidade.

Alguns avôs fazem referência a algumas experiências que passaram, referindo que hoje o acesso a cuidados de saúde, poderá ser dificultado por problemas económicos das pessoas, apesar dos bons recursos existentes.

No entanto, alguns referenciam que os poucos recursos económicos já influenciavam negativamente o acesso a cuidados de saúde, pois além de existirem menos recursos, os cuidados tinham de ser pagos e o facto de ter ou não dinheiro, podia fazer a diferença entre a vida e a morte.

É também referido a existência de mais e melhores medicamentos, especialmente antibióticos e vacinas, melhorando assim a prevenção e a cura das doenças.

6.5.2 – Cuidados tradicionais prestados aos avôs

Iremos analisar de seguida, os cuidados tradicionais prestados aos avôs quando eram crianças.

Quadro nº 50 – Quadro referente aos cuidados tradicionais prestados aos avôs

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Cuidados tradicionais prestados aos avôs rurais	Nenhuns	3
		Bruxarias	4
		Chás	7
		Leite quente com aguardente	3
		Cerveja preta com ovo	4
		Xarope de piteira	6
		Folhas de eucalipto	5
		Pelo de rabo-de-gato com azeite	1
		Água de Malvas	8
		Enxundia de galinha	5
		Alfavaca da cobra	1
		Papas de linhaça	3
		Ventosas	3
		Óleo de fígado de bacalhau	2
		Pano vermelho no sarampo	3
	Cuidados tradicionais prestados aos avôs urbanos	Não se recorda	4
		Mergulhar as crianças no mosto do vinho	1
		Enxundia de galinha	5
		Chás	11
		Rodelas de cebola	3
		Tutano dos ossos	1
		Água de Malvas	5
		Ir ao endireita	1

Pela leitura do quadro nº 50 e pela análise das entrevistas, verificamos que os cuidados tradicionais prestados aos avôs rurais são bastante diversos, desde a utilização de plantas, tais como, Malvas, (8), chás, (7), xarope de piteira, (6), folhas de eucalipto, (5) e alfavaca da cobra, (1). Foi também feita referência a alguns alimentos e bebidas, nomeadamente leite quente com aguardente, (3), cerveja preta com ovo (4) e óleo de fígado de bacalhau, (2) conhecido como tendo muito mau sabor. Como meios físicos, foi referido a utilização de ventosas (3) e os panos vermelhos para o sarampo, (3). Outras mezinhas referidas, as papas de linhaça, (3), o pelo de rabo-de-gato com azeite e a enxundia de galinha. Houve 4 referências à utilização de bruxarias e apenas 3 avôs rurais referiram não lhes ter sido aplicado qualquer cuidado tradicional.

Quanto ao grupo dos avôs urbanos, a maior referência é à utilização de chás de plantas, (11), água de malvas, (5), rodela de cebola, (3), a utilização da enxundia de galinha (5) e do tutano dos ossos (1). Foi referido por 1 avô urbano o recurso do endireita, quando existiam problemas articulares ou musculares e também por 1 avô a utilização do mosto do vinho nas adegas, para mergulhar as crianças quando apresentavam atraso no andar ou dificuldades na locomoção. Apenas 4 avôs urbanos não se recordam de lhes terem sido prestados cuidados tradicionais.

“Mezinhas, a minha mãe não era assim de mezinhas nem dessas coisas. Mas que ela tinha muito cuidado com os filhos tinha, quando tínhamos qualquer problema levava-nos logo ao médico” (Avô rural 2).

“Às vezes faziam tratamentos daqueles, tipo daqueles que a gente dizia de bruxaria, punham copos na cabeça, para curar umas coisas mas a minha mãe também me levava ao médico, mas era mais coisas tradicionais. (...) Sei lá davam-me chás e outras coisas para beber, às vezes quando uma pessoa tinha dores de barriga, agora vai-se logo ao médico e eles não, davam um chazinho qualquer de ervas que eles conheciam, pronto, tanto que a gente tinha aí um ervanário, que era o Albano que morava ao pé do campo da bola, andava sempre com os cunhados às ervas e eles é que sabiam dessas coisas ” (Avô rural 3).

“Lembro-me do leite quente com aguardente para as gripes, da cerveja preta com um ovo batido, dos chás e o xarope da piteira e as folhas de eucalipto” (Avô rural 4).

“Espetar um prego, uma espetadela num pé, ir com um pelo do rabo de um gato e azeite bastante quente que a gente até atirava-mos ali dois berros, mas diziam que era para combater o tétano que aquilo desinfetava, porque não havia outro desinfetante. Havia uma inflamação qualquer no corpo, lavar com água das malvas que era outro desinfetante. Sei lá, havia outras coisas, papeira, para a papeira pôr banha, banha era uma banha de galinha numa folha de couve quente. No outro dia a garganta, a constipação já estava muito melhor. Havia, essas mezinhas, alfavaca da cobra para muitas dores, para a dor de barriga e para os intestinos, ah ah ah, que hoje ninguém, os mais novos, ninguém sabe disso, não é?” (Avô rural 5).

“Mezinhas assim, quando tínhamos dores de barriga, esfregava a barriga com azeite, (risos). Havia, tosse convulsa, quando era tosse convulsa era uma piteira cortada ao meio, tirava-se os picos e depois cortava-se aquilo assim ao comprido, era borrifado com açúcar amarelo e a tosse ia-se embora, principalmente a tosse convulsa, era uma das melhores mezinhas que estava aí” (Avô rural 7).

“As papas de linhaça, punha aqui no peito que a minha mãe me punha, (risos), oh e mais, era lá aqueles remédios que quando a gente se aleijava nos pés, tinha de meter o pé dentro de água e sal, para estar ali de molho. Determinadas coisas, pôr ventosas, ainda levei ventosas, uma vez até foi a minha avó é que mas pôs e outra coisa que eu tomei muito, que vocês hoje não ouvem falar, o óleo de fígado de bacalhau. Lembro-me tão bem quando era mais pequeno e eu não podia com aquilo nem por nada, mas a minha tia obrigava-me a tomar aquilo que aquilo até fazia bem, era tudo coisas e com o sarampo, estar com um pano encarnado assim à frente, porque a gente fica todos encarnados, não é? Belos tempos, belos tempos” (Avô rural 14).

“Tantas, para a tosse por exemplo, era o limão, o mel, a cenoura cortada às rodelazinhas e com camadinhas de açúcar por cima e depois deixar secar aquilo tudo, fazia aquele xarope, aquele lambedor e depois a gente, bebia aquilo às colheres e era bom, aquilo fazia bem e outros, chás, chá de folha de oliveira, chá de laranjeira, chá de, sei lá, tanta coisa, tanta coisa que a minha mãe fazia e que a minha avó fazia, ainda me lembro muito bem disso. E até a minha sogra, até mesmo a minha sogra, ainda me lembro dela fazer essas mezinhas, não é, o chá, as folhas de eucalipto fervidas e depois estar ali a receber aquele vapor, para descongestionar o nariz e a garganta” (Avô rural 17).

“Olha a minha mãe, tinha um irmão meu, quando às vezes lhe dava uma dor no pescoço e ficava assim com a cabeça de lado, às vezes a gente até a brincar com ele dizia: ah cabeça à banda e ficava com aquela cabecinha, (risos), quando matava uma galinha, punha enxundia de galinha pendurada assim num aramezinho, num sítio a arejar, num barracão, numa divisão e depois esfregava-lhe aquilo. Aquecia aquela enxundia da galinha e esfregava-lhe o pescoço com aquilo e depois atava-lhe um pano, tipo flanela, ao pescoço e aquilo passava. Era isso e era quando se assavam umas queixadas do porco, ficava aqueles ossos e ficava uma massa dentro da queixada do porco. Ainda me lembro, que minha mãe e a minha avó guardavam aquilo e depois, partiam aquilo com um martelo e utilizavam para essas dores e essas coisas assim. Lembro-me que uma vez, estava com uma dor de cabeça e foi lá uma vizinha da minha mãe e disse-lhe: olha, cortas uma cebola ao meio e pões-lhe aquelas partes cortadas em cima nessas frentes e atas assim, uma toalha turca à cabeça do garoto e deixa estar. E assim foi, isto aos seis anitos e o que sei é que passou. Ah e está aqui a minha irmã, ela tinha uma filha, que era deficiente, nasceu com uma deficiência e faleceu agora há pouco tempo. Era muito enfezadita, não cresceu como as outras crianças, ela era muito fragilzita e quando ela era pequena, a minha irmã e o meu cunhado, lembro-me disto, levavam-na aos lagares de Alcanede, para ela tomar banho do sumo de uva, porque quando pisavam as uvas, mergulhavam a garota lá naquele depósito onde pisavam as uvas e diziam que ganhava força nas pernas. A garota quando era pequena, não andava nem nada, só muito depois é que começou a andar e naquela altura, diziam que fazia bem. Até houve um médico que a mandou. Eu lembro-me da minha irmã me contar isso e havia outras crianças, quando nasciam com paralisias iam lá, mas tinha de ser só naquela altura quando pisavam as uvas. Eles pisavam as uvas e agarravam na miúda e mergulhavam-lhe as pernitais naquele sumo. Mas ela foi sempre enfezadita, estava toda deformadinha. Mesmo agora depois de adulta, estava cada vez pior e ela tinha epilepsia. Agora deu-lhe uma coisa, não sei se foi um ataque, se foi outra coisa, mas ainda veio cá o INEM, ainda a reanimaram, mas quando a minha sobrinha saiu daqui, ela já ia morta, já ia muito branca. Para mim, a minha sobrinha já ia morta (chora emocionado)” (Avô urbano 6).

“Sim lembro. Por exemplo, uma vez caí a jogar à bola e fiquei com este dedo assim torto e fui a um endireita. Lá na altura não havia médicos como há agora, não é?

E pronto, o gajo endireitou-me o dedo e pôs-me aqui um ovo com ligadura e tal e pronto, assim foi” (Avô urbano 20).

Verificamos que as práticas tradicionais descritas pelos avôs são tão ricas e variadas, como as descritas pelas avós.

6.6 - SER AVÔ: EXPERIÊNCIAS, VIVÊNCIAS E MENSAGENS

Iremos analisar de seguida, os benefícios da presença dos avôs junto dos seus netos e quais os ganhos obtidos pelas crianças por esse convívio. Uma das questões efetuadas teve enfoque sobre os que os avôs sentiram, quando nasceu o primeiro neto. As respostas obtidas, depois de analisadas, ilustram o significado e a importância que esse acontecimento teve na vida dos avôs como pessoas e o impacto na Família.

Também as experiências que tiveram com os seus netos permanecem na memória de uma maneira positiva ou negativa, como iremos ver.

Por último, que mensagens deixam os avôs aos avós, ilustrando as expectativas que esta condição tem na cultura social dos entrevistados.

Quadro nº 51 – Quadro referente à presença ou ausência dos avôs junto dos netos

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
RELAÇÕES FAMILIARES	Os avôs rurais, deveriam estar mais presentes ou ausentes junto dos netos	Mais presentes	14
		Estão o suficiente	6
		Menos presentes	5
	Os avôs urbanos, deveriam estar mais presentes ou ausentes junto dos netos	Mais presentes	16
		Estão o suficiente	9

Pela leitura do quadro nº 51 e pela análise das entrevistas, verificamos que a maioria dos avôs rurais afirma, que os avós deveriam de estar mais presentes junto dos netos, (14), mas alguns, (6), referem que estão presentes o suficiente e 5 afirmam que deveriam de estar menos presentes.

Quanto ao grupo dos avôs urbanos, a maioria refere que os avós deveriam de estar mais presentes junto dos netos (16) e 9 referem que estão presentes o suficiente.

“Nem mais nem menos, eu acho que o que se faz hoje é correto, está bem” (Avô rural 2).

“A presença é mais pelos pais e pelas mães, que têm de tomar mais conta deles; a gente deveria de estar mais presentes, mas também da maneira como a vida está, uns moram longe e outras coisas, a gente não dá para estar mais presentes, mas acho que sim, havíamos de estar todos presentes uns com os outros, mais convivência” (Avô rural 3).

“Acho que sim, acho que sim e eles precisam da gente não é? E é sempre uma alegria estar com eles, para mim é” (Avô rural 4).

“Se estivessem, estavam sempre mais resguardados, para mim” (Avô rural 5).

“Acho que sim, os que podem não é, os que podem. Acho que aprendem, para os putos, estarem mais, é pá, mais acolhidos, mais protegidos, os avós são os segundos pais não é?” (Avô rural 7).

“Deviam, deviam, eu acho que sim. Acho que quanto mais presentes os avós tiverem, melhor. Mas a gente sabe que hoje isso é muito difícil, a gente depois de ver, depois de vermos os casos na televisão, vemos que felizmente ainda há avós presentes, mas uma grande parte as pessoas esquecem-se. Hoje a gente vê que as famílias estão desligadas, não há o espírito de família. É pá, andam para aqui, há vinte anos que não vê o filho, há trinta anos que não vê o irmão, é pá mas o que é isto? Dantes isto era impossível, dantes não havia nada disto” (Avô rural 14).

“No meu caso, eu não posso fazer mais não é, no meu caso eu não posso fazer mais e já faço muito e já faço muito. (chora emocionado). Acho que todos os avós deviam de estar junto dos netos, como eu estou com os meus” (Avô rural 17).

“No geral sim, porque por vezes e eu já morei numa aldeia mais pequena que Vialonga e muitas pessoas, iam pôr os netos à creche e iam para o café e passavam lá horas, mas cada qual é como cada um” (Avô urbano 1).

“Eu acho que sim, mas os pais muitas vezes têm a sua vida. A família é diferente têm a vida constituída, embora eles não se esqueçam de nós, temos sempre presente os filhos com a gente, quando há festas, quando há passeios. Mas é uma vida diferente, não vivemos na mesma casa, vivemos separados, embora na mesma terra, mas há quem viva pior, quem tenha os filhos emigrados lá fora que estão mais longe que nós aqui, felizmente” (Avô urbano 2).

“Eu acho que é sempre bom a presença do avô para o neto, para o ajudar, para o ensinar, para essas coisas todas” (Avô urbano 6).

“Ah mais presentes, deviam de estar mais presentes, para lhes darem amor e carinho que é o que eles precisam. As crianças precisam de estar junto dos avós. Está bem que os avós gostam mais de estar junto dos netos mas faz-lhes bem, não é? Acho que lhes faz bem. Nós só queremos o bem para eles, só o bem e mais nada” (Avô urbano 9).

“Eu acho que deviam de estar mais presentes porque só lhes faz bem não é? Os avós só ajudam” (avô urbano 18).

“Estou com ele quase todos os dias, quase todos os dias mas se pudesse estava sempre com ele” (Avô urbano 21).

Muitos avós referiram que deveriam de estar mais presentes junto dos netos e que estes obteriam ganhos em afetividade. Alguns referiram que estavam o suficiente porque convivem com os seus netos quase diariamente.

Quadro nº 52 – Quadro referente ao que os avós sentiram quando foram avós

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
AVÓS	O que os avós rurais sentiram quando foram avós	Alegria	21
		Emocionou-se	3
		Embebedou-se	1
	O que os avós urbanos sentiram quando foram avós	Muita alegria	19
		Muito orgulho	4
		Felicidade	15

Pela leitura do quadro nº 52 e pela análise das entrevistas, verificamos que no grupo dos avôs rurais, a grande maioria referiu que quando foram avôs sentiram uma grande alegria, (21), alguns (3) emocionaram-se, (choraram) e 1 avô rural referiu que apanhou uma bebedeira nesse dia.

Quanto ao grupo dos avôs urbanos, os sentimentos descritos foram muita alegria, (19), felicidade, (15) e muito orgulho, (4).

“Sei lá, o primeiro foi a Diana e fomos imediatamente vê-los, não é, no dia do parto. Sentimos muita alegria, cuidávamos dela e lembro-me portanto duma história, em que estávamos na praia juntos e os pais quiseram ir dar um passeio, ausentaram-se e deixaram ficar a neta. Ela chorou tanto, tanto, tanto, que tivemos que lhes telefonar e dizer para eles voltarem novamente, porque ela nunca mais se calava” (Avô rural 2).

“É pá senti alegria, fiquei contente; fiquei contente mesmo”. (Avô rural 3).

“Ah foi uma grande alegria, uma grande alegria, (chora emocionado), foi uma das maiores alegrias que tive na minha vida” (Avô rural 4).

“Uma grande alegria (...) Lembra-me muito bem. até chorei, ah, ah, ah, até chorei de alegria” (Avô rural 5).

“Uma alegria pá, não tem, não tem perguntas é a melhor alegria que a gente tem, somos duas vezes pais. É, quase sempre me lembro disso, a alegria que foi nesse dia” (Avô rural 7).

“Uma alegria muito grande. É uma grande alegria. Lembro-me perfeitamente desse dia. Quando é que foi? Foi há bocado, ou foi ontem, quando estivemos a falar disso? A sensação que foi quando ela nasceu, sei lá, ela estava ligada com seis horinhas, era uma coisa tão pequenina, (chora emocionado)” Avô rural 14).

“Sei lá. Fui avô a primeira vez foi da minha neta. Foi uma alegria, uma alegria sei lá, nem tem explicação. Basta que quando nasceu, foi no hospital em Santarém e quando a minha nora que teve uma certa dificuldade para a ter, esteve umas poucas de horas para ter a rapariga e depois, teve de ser cesariana, não é e veio uma enfermeira, veio uma enfermeira negra até, não me lembro do nome dela, mas veio cá fora dizer: olhe, já tem lá uma rapariga. E eu fui logo o primeiro a chegar ao pé dela. Vinha ela embrulhada num cobertor e fui o primeiro a vê-la a chegar. Fui o primeiro a chegar ao pé dela, fui eu. Depois é que veio o pai a correr e é que foi a minha mulher, mas eu fui o primeiro a pegar nela e fui o primeiro que chegou ao pé dela” (Avô rural 17).

“Ó João, ó João, posso dizer? Posso dizer? Não há problema? Olha nesse dia apanhei uma puta de uma grande tosga que foi até cair de cú. No outro dia tinha uma dor de cabeça tão grande que nem conseguia abrir os olhos, mas estava tão feliz, tão feliz que não quis saber disso para nada” (Avô rural 19).

“Quando fui avô é assim. Antes se ser avô fui pai de três filhos e quando eles nasceram foi de muita alegria. Quando nasceu o primeiro neto se o amor não foi mais é igual, porque a idade é outra” (Avô urbano 1).

“É pá uma felicidade grande. Primeiro a felicidade dos filhos quando nascem. Tive a infelicidade da primeira filha ter nascido morta por negligência da parteira, que dantes os partos eram em casa. Portanto, não havia aquela eficiência que há hoje, que vão para as Maternidades. Depois dessa felicidade dos filhos, tive depois a felicidade de ser avô, é uma coisa que não se esquece” (Avô urbano 2).

“Muito orgulho. É aquela coisa, é pá, já fico mais velho, já sou avô, mas ao mesmo tempo, estou todo contente porque já nasceu um neto. É mais uma geração que vem. Lembro-me bem desse dia. (Chora emocionado) ” (Avô urbano 6).

“Foi uma alegria grande, pois agora já tenho quatro não é? Mas quando foi o primeiro, é pá, foi espetacular. Foi no dia trinta e um de Dezembro para passagem de ano, tanto que às dez da noite a gente lembra-se sempre” (Avô urbano 20).

Muitos avôs emocionaram-se com esta pergunta. O avô urbano (22) nem conseguiu responder, porque chorava e não conseguia falar. Pelos relatos e análise de conteúdo apresentada no quadro nº 52, podemos afirmar que o momento do nascimento dos netos, é um momento de extrema felicidade e que marcaram os avós como um dos dias mais felizes das suas vidas, comparável para alguns com o dia do nascimento dos seus filhos.

Estas emoções sentidas pelos avôs são iguais às sentidas pelas avós, mas durante as entrevistas, os avôs emocionaram-se muito mais, exteriorizando esses sentimentos de uma maneira mais exuberante.

Quadro nº 53 – Quadro referente às experiências/vivências dos avôs

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
AVÓS	Experiências e vivências dos avôs rurais	As primeiras palavras	6
		As respostas	7
		Transmissão de saberes	4
		Felicidade de os ver bem	7
		Um acidente	1
	Experiências e vivências dos avôs urbanos	Doenças dos netos	4
		Bofetada do pai ao neto	1
		Dar de comer aos netos	12
		As primeiras palavras	8

Pela leitura do quadro nº 53 e pela análise das entrevistas, verificamos que as experiências que marcaram os avôs rurais nas interações com os seus netos foram: As respostas das crianças, (7), o sentimento de felicidade em ver os seus netos bem-dispostos e com saúde, as primeiras palavras e a transmissão de saberes e aprendizagem das crianças. Apenas 1 avô rural referiu ter experienciado um pequeno acidente que o marcou pela negativa.

Quanto ao grupo dos avôs urbanos, a maior referência foi ao facto de dar alimentação aos seus netos (12) e as primeiras palavras, (8). Como experiências negativas, houve referência às doenças nos netos (4) e ao facto de um pai ter dado uma bofetada ao filho e de como esse episódio influenciou negativamente o avô, (1).

“A gente às vezes estava aqui a ensiná-lo a dizer avô, avô e às vezes pronto, só passado algum tempo é que ele dizia avô, mas fui eu sempre o primeiro, tanto que ela tem inveja.” (Avô rural 3).

“Sim este reguila e as respostas que ele me dá. Às vezes até penso como é que uma coisa tão pequena tem respostas para tudo. É o meu ai Jesus” (Avô rural 4).

“Têm sido, têm sido praticamente todas, todas as coisas que têm feito têm sido boas. Não me tratam mal, não me respondem, até às vezes, quando eu estou mais irritado, posso dizer; não mexas aí, anda para aqui, ou não vás depressa. Há até aqueles que são refilões mas não tem sido o meu caso. Eu até tenho uma coisa engraçada, eu tenho uma tradição do meu sogro, que eu até tenho isso aqui no jornal “O Mirante”, por causa do tempo. Olha, agora a propósito do tempo que está e quando é pelo fim do ano, ou seja na noite de Natal, como está o tempo é isso que vai comandar muito, por uma grande estação do ano e eu até tenho isso no jornal. Houve um dos netos meus que se interessou muito por isso: Oh avô como é que você faz? Eu gosto, estou-me a interessar por isso e tal. Os outros não ligaram nenhuma àquilo e aquele interessou-se. Foi uma coisa que me marcou, que eu até tenho dito muitas vezes, olha, agora tive um neto que está a querer seguir os passos do avô, porque isso foi uma tradição dos meus pais e do meu sogro (...) Pelas vésperas de Natal, á meia-noite e pelo ano novo também, mas no Natal é o principal e este ano aqui está a mostra. Onde ficou na noite de Natal veio esta tempestade que veio no sábado, veio dali” (Avô rural 5).

“A melhor alegria que eu tenho, é vê-los bem, não é? É vê-los com saúde e pronto a correr e a saltar. Isso, já fico porreiro, já fico satisfeito, é uma alegria. Uma brincadeira ou outra que surge, não é? De repente, achamos graça porque eles são novos e ficamos muito contentes não é?” (Avô rural 7).

“É pá, há um episódio. Olha, foi a minha neta, foi assim; o que me marcou mais foi ela uma vez que foi à pesca com o pai e o pai, a fazer um lançamento, eu não sei como é que ele arranjou aquilo e espetou o anzol no dedo da rapariga e então ele todo atrapalhado veio ter comigo, não é? Como é que tirava o anzol? Eu primeiro fiquei assim atrapalhado também, não é? Porque uma coisa que o anzol tem é uma barbela e aquilo é difícil de tirar, mas depois eu lá com um alicate daqueles de cortar, de cortar arame, cortei o anzol e depois puxei pela outra ponta, quer dizer, a parte que tinha a

barbela, cortei com o alicate e depois, puxei a outra parte com o alicate. Mesmo assim depois ainda teve de ir para Benavente, porque podia apanhar alguma infeção, ou alguma coisa qualquer, mas felizmente correu tudo bem. Ó pá, é uma aflição e de que maneira, se aquilo apanha a criança por um olho era uma carga de trabalhos, não era, calhou a ser um dedo” (Avô rural 17).

“É assim, tenho muito convívio com os meus netos, mas um dia com o meu neto mais velho, ele partiu os dentes e eu não disse nada a ninguém. Mas estava incomodado, porque quando são problemas de saúde fico preocupado. Se for preciso, tomo conta dos meus netos vinte e quatro horas, mas se algum tiver febre, eu digo logo que não o quero cá, porque não consigo estar com eles, sozinho” (Avô urbano 1).

“Tive. O meu genro não é aquela pessoa de bater numa criança nem nada, mas uma vez, no meu neto mais velho, não sei o que é que o garoto lhe fez, deu-lhe uma chapada, assim na face da cara e garoto aparece-me aqui com a cara inchada. Eu fiquei assim surpreso, o que se passa? Foi o meu pai. É pá, até me vieram as lágrimas aos olhos, porque é que aquele homem fez isto? Não o condeno por isso, porque a gente às vezes também perde a cabeça por uma resposta mal dada. Não sei o que é que ele lhe fez, mas alguma coisa ele lhe fez, para ele ter que fazer aquilo ao filho porque ele adora o filho” (Avô urbano 6).

“Olha quando ele estava a aprender a falar e dizia as palavras mal ditas, eu achava-lhe tanta graça, tanta graça, que passava horas a rir-me porque puxava por ele e ele continuava” (Avô urbano 19).

“A coisa que me marca como avô é, quando eles vão almoçar lá com a gente e eu tenho a oportunidade de brincar lá com eles e dar-lhes de comer. Agora até ao mais pequenino eu dou, mas agora já comem pela mão deles. Mas quando a gente está a dar de comer e às vezes não querem comer com a avó e comem comigo, está a ver aquelas coisas, o que é normal, eu fico muito satisfeito” (Avô urbano 20).

Os relatos, mostram-nos que presenciar o desenvolvimento dos seus netos marca os avôs pela positiva. O crescer, o desenvolver, a vivacidade deles, dão muita felicidade. Alguns relatos marcaram pela negativa devido a acidentes ou a comportamentos reprováveis pelos avôs.

Ramos (2012, p.47) afirma que: *“Ser avô proporciona novas identidades, novos papéis, novas interações, dá um sentido á vida e um desejo de continuidade”*

O desejo de continuidade está associado ao desejo de saúde, do neto ser saudável, ao desejo de felicidade, do neto ser feliz, que são expectativas muito importantes para os avôs.

De seguida, iremos apresentar as unidades de registo relativas às mensagens dos avôs para os avós no geral. O que esperam os avôs do seu papel e da sua importância e que desejos esperam encontrar no papel dos outros avôs.

Quadro nº 54 - Quadro referente às mensagens especiais dos avôs para os avós

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
AVÓS	Mensagem especial dos avôs rurais aos avós	Força para ajudar os descendentes	15
		Amem os netos	18
		Deem amor e carinho	13
		Zelem pelos netos	11
	Mensagem especial dos avôs urbanos aos avós	Ajudem os netos	14
		Ensinem os netos	9
		Não abandonem os netos	5
		Façam o melhor que possam	2

Pela leitura do quadro nº 54 e pela análise das entrevistas, as mensagens que os avôs rurais deixam a todos os avós é de que amem os netos, (18), deem força para ajudar os descendentes, (15), deem amor e carinho (13) e zelem pelos seus netos, (11).

Quanto ao grupo dos avôs urbanos, as mensagens para todos os avós são: ajudem os netos, (14), transmitam saberes (9), não abandonem os netos (5) e façam o melhor que possam, (2).

“Bem a mensagem especial que eu posso deixar, é que nunca deixem de amar os netos e que dentro da medida do possível, ajudem o mais que possam” (Avô rural 2).

“Que tenham sempre força para dar apoio aos netos e auxiliar os filhos” (Avô rural 3).

“Que ajudem sempre os netos como eu ajudo os meus, e que lhes deem carinho. Eles é que um dia vão pagar por isto tudo” (Avô rural 4).

“Aos avós de hoje? A mensagem é que não se esqueçam dos netos e quando vejam que os netos, que infelizmente hoje, aquilo que a gente vê e ouve na comunicação social é que há tanta gente, cegos, os avós até a procederem mal para os netos. Que haja mais bom senso e que zelem pelo bem deles e que zelem por eles, até eles atingirem ao menos uma certa idade. A mensagem que eu deixo é essa. Que sejam mais humanos, que há muita gente que não, que a gente vê que não são humanos” (Avô rural 5).

“Acho que os avós devem, todos eles, ter uma certa alegria como eu tenho e trazer os netos com a gente, os que puderem, não é? Para estarem com eles, darem-lhe o que têm de lhe dar, o máximo que poderem. Dar-lhe carinho, amor e para a frente Portugal” (Avô rural 7).

“É pá, olha que sejam amáveis com os netos. Todos aqueles que se esquecem dos netos, que tenham pelo menos o cuidado de os ver. Hoje o problema da família é essencial na sociedade e nem que não seja pelos filhos, pelo menos pelos netos, para que eles quando forem crescer se lembrarem dele, se lembrarem do avô e dizer assim: olha pá, o meu avô, quando eu era pequenino, fez-me isto assim e assado, portanto é uma recordação que eles depois ficam do avô. Acho que isso é o essencial” (Avô rural 14).

“Eu gostava que os avós de hoje, estando a ajudar os netos, estão a ajudar os filhos, porque peço que ajudando este nosso mundo da maneira que ele está, estamos a ajudar as crianças. Que possam dar amor, porque os netos não têm culpa de como isto está” (Avô urbano 1).

“Que ensinem os seus netos que são os homens de amanhã e que portanto, ensinem tudo o que há de melhor na vida. Não os encaminhem para as drogas, mas para fazerem uma vida sã, saudável e que portanto, dentro das normas, respeitem as outras pessoas, especialmente os mais velhos” (Avô urbano 2).

“Quero. Que nunca abandonem os netos, pelo menos, nas horas difíceis, nos momentos mais difíceis que eles passem. Nunca os abandonem” (Avô urbano 6).

“Deem toda a tenção aos netos, pelo menos os meus merecem e os dos outros também. Ajudem naquilo quem puderem, eles são as melhores coisas da vida e o futuro de amanhã” (Avô urbano 10).

“Quero é que eles façam o melhor que podem, porque os netos, ao fim e ao cabo são filhos dos filhos não é? E a gente normalmente com os netos faz coisas que não fazia aos filhos. Quando é com os filhos às vezes era uma estalada aos netos não, nunca” (Avô urbano 20).

São relatos muito similares aos relatos das avós como pudemos constatar nos testemunhos e no quadro nº 54.

6.7 – SÍNTESE FINAL - AVÔS

Verificamos que os avôs afirmam ser muito importantes para os netos, para a família e intervêm ativamente na solidariedade familiar, com as suas ajudas que reconhecem, são essenciais para manter o equilíbrio económico e familiar.

Reconhecem que ajudam mais a cuidar dos seus netos do que ajudaram a cuidar dos seus filhos.

Foram praticados muitos cuidados tradicionais pelos pais dos avôs, cuja riqueza e descrição é sobreponível aos relatos das avós.

Referem que os cuidados de saúde melhoraram no espaço intergeracional, existindo hoje melhores e mais recursos.

Reconhecem também que o papel das mulheres é mais importante nos cuidados infantis, apesar de também considerarem muito importantes as relações que têm com os seus netos, contribuindo para o seu crescimento saudável e equilibrado.

O dia do nascimento dos seus netos, foi um dos dias mais importantes nas suas vidas, por sentirem muita felicidade e emoção nesse momento.

Terminaram com mensagens, sobre as expectativas em relação ao que deveria ser o papel dos avós na sociedade, reconhecendo que este papel é muito importante.

Para finalizar, registamos alguns testemunhos de avôs que consideramos importantes, quer pela sua opinião sobre a conjuntura social, quer pelas dificuldades

passadas e que os transformaram como pessoas, devido às adversidades e dificuldades vividas.

O primeiro testemunho pertence a um avô rural, campino, que faz alusão às diferenças sociais intergeracionais, às dificuldades e às políticas sociais contemporâneas.

“Antigamente havia trabalho para toda a gente e agora não há. Dantes havia trabalho toda a gente trabalhava, se não tinham no inverno tinham de verão. Há muita gente que anda a pedir ajuda, muita gente já. O pouco que a gente ganha é tão esticadinho, que no tempo do Salazar não era bem assim. Hoje está-se a ver coisas que antigamente nunca se viu e no tempo do Salazar, olha o Mário Soares disse isso, nem no tempo do Salazar se viu pessoas irem aos contentores buscar comer. Antigamente toda a gente semeava, fazia-se em África e depois na CEE. Agora com os euros, eles é que estragaram isto tudo. Então a gente anda a pagar para não semear? Devíamos cada vez semear mais, então a gente dantes semeava e exportava para fora, a gente tinha alguma precisão, com o país que a gente tem, estar a mandar vir farinha da Rússia? Se isto não andar para frente, ó João, se isto não andar para a frente, as pessoas não têm dinheiro. Que futuro é que têm as crianças? Isto já nem é, se isto não andar para a frente que futuro é que têm as crianças? Não têm futuro nenhum. As pessoas que não tiverem possibilidades de pagarem alguma coisa, não têm possibilidades de estarem a pagar e ficam aflitas, pá” (Avô rural 4).

O próximo testemunho, salienta a diferença de recursos no período intergeracional e o que pode provocar a falta de alguns recursos na contemporaneidade.

“As pessoas não estão como dantes. Dantes toda a gente era mais pobre do que é hoje, mas eram mais unidos, havia mais bom senso, havia mais humanidade. Hoje não, hoje é tudo mais comodista e isto é só para ver: Olha, esta agora de faltar a luz. Há três dias que estou sem luz por causa da tempestade; (houve uma tempestade de ventos muito fortes no inverno que provocou a queda de árvores e postes de tensão elétrica). Eu estou aqui á luz de um candeeiro e não me estou a preocupar muito, porque os gestores sabem que mais dia, menos dia, as pessoas têm de me dar a luz, porque eles andam a atender a outros. Mas como eu vivi trinta anos sem luz, não é verdade, sei dar o valor. Agora as pessoas que nasceram já com a luz e agora se lhes falta a luz duas horas, ficam todos apoquentados, Não têm luz. Parece que falta logo a

vida. Porque eu passei por isso, não é verdade? Á luz do petróleo, à luz da candeia do azeite, à luz de uma carqueja a arder no lume e estou cá, não morri por causa disso. Mas hoje não, é um país pobre, somos todos pobres mas devem sentir que são todos ricos em relação há setenta anos. Em relação há setenta anos, estamos todos ricos, é o que eu tenho para dizer é isso, o meu ponto de vista é este” (Avô rural 5).

O próximo relato conta a história da rudeza da vida de um avô e como ele preparou o futuro do seu filho.

“A minha história, eu saí da escola aos onze anos, terminei a escola, o meu pai era negociante, eu morava em Ponte de Sôr e uma das feiras principais era em Santarém e aos onze anos, puseram-me a pé atrás de animais, bois, com onze anos, a caminho de Santarém. Abalava na quinta-feira de madrugada, chegava aqui no domingo de manhã e parte das vezes não vendia-mos e fazia o inverso. Fiz isso desde os onze anos até ir para a tropa aos vinte anos. Todos os meses, duas vezes. Nem me lembro, julgo que nem nunca estive doente para não vir. Foi uma história que me magoou bastante e em que eu sofri muito, porque cheguei a sair à quinta-feira de manhã com o gado, a chover, chovia os três dias, quinta, sexta, sábado e toda a noite de domingo e regressar a casa com a mesma molha. Hoje com setenta e seis anos, ando mal aqui dos joelhos, mas às vezes admiro-me como é que tenho resistido. Era uma das coisas que eu queria relatar, porque as pessoas às vezes dizem que é história. Eu sofri muito. Tínhamos uma vida, nunca passámos fome, graças a Deus. O pai podia não ter dinheiro para comprar umas botas ou uns sapatos, mas fome, isso é que não. Era a maior preocupação dos meus pais, do meu pai principalmente. Pode faltar o que quiser; comer tem que estar na mesa, ali. E então penei muito nessa vida. Depois ingressei então na minha vida profissional, tropa, policia e lá permaneci trinta e dois anos até me reformar. Eu explico isto às minhas netas e até quase o filho, o filho já não apanhou isso, quando eu me ponho a contar estas histórias, este passado meu, eles julgam que é uma história, levam aquilo como uma história, só que eu digo, olha que isto não é uma história, é real o que o avô penou. Portanto, Deus queira que vocês nunca, nem semelhança, passem aquilo que o avô passou. Digo isto a todas as minhas netas. Estudem, estudem para não passarem por isto. O meu filho protegi-o em parte, talvez com exagero, com medo do tempo antigo, porque nós só pensávamos no futuro, o que é que vai ser do futuro. Hoje em dia percebo, que só se vive o presente. A maior

parte do povo português só vive o presente, não vêm o futuro, e nós, era sempre para o futuro, por isso, há bocado, disse que o meu filho podia ter estudado mais, mas ele tinha a hora marcada, porque eu sabia a que horas ele saía do liceu e já estava aqui a mãe e já tinha um serviço destinado para ele fazer. Por isso, ele aprendeu a fazer de tudo. Desde tratar de porcos, frangos, galinhas, cães e fazer tudo da agricultura, o meu Ramiro aprendeu a fazer tudo” (Avô rural 16).

O próximo testemunho relata um episódio que marcou o avô, que foi cuidado pelos seus avós mas fugiu com medo de uma reprimenda.

“Eu lembro-me desse dia, da minha avó me cascar. Queria-me bater não sei porquê, por causa da escola, não sei o que é que foi e eu disse assim, espera aí que eu te digo, não tive mais nada, fugi para o campo atrás de uma bicicleta. Foi engraçado, aquilo é na antiga praia doce, o meu pai estava lá a tomar conta da vinha do Rui e eu cheguei ali, tinha sete anos, cheguei ali à vala, passei, ah vou ter com o meu pai, vou ter com o meu pai, mas tenho medo. Vem um pescador que era do Escaroupim, de bicicleta, já velhote também, espera aí que eu te digo, agarrei-me ao suporte dele e ele aí vai, o homem coitado, fartou-se de ralar mas eu continuei. Espera aí, onde é que tu vais? E eu nem uma nem duas, sempre calado. Quando chegou ao pé da vinha, larguei aquilo logo e ele perguntou outra vez, então pá, onde é que tu vais? E eu direito ao meu pai, quando cheguei ao meu pai levei uma data de bofetadas nas ventas, (risos)” (Avô rural 14).

O próximo testemunho ilustra a cumplicidade que os netos tinham com os avós, cumplicidade essa que não tinha com os seus pais, porque não era permitido aos pais serem permissivos.

“Aprendi com o meu avô, quando ia fazer uma gemada, era um ovo batido com açúcar e depois chamava-me: anda cá, bebe aqui um bocadinho. Aquilo tinha muita espuma, ficava assim com um bigodinho e ele dizia. Há, já estás a ver que já tens um bigode? (Risos) A minha avó, lembro-me de ela estar no forno, eu queria ajudar, eu com seis anitos e ela sempre a ralar comigo. Tinha assim um forno onde fazia a comida para os porcos e logo ali, tinha os animais e ela ia fazer outras coisas e os porcos faziam muito barulho, porque estavam para ir comer, não é? E eu, disse cá para comigo. Ó Zé espera aí que eu já te digo, vou já enganá-los. Punha um bocadinho de água, assim onde eles comiam e vou buscar uma coisa de cinza, daquelas do forno,

punha lá e os porcos vinham todos a correr e pensavam que era farelo, vinham para comer e ficavam a olhar para mim. A minha avó vem lá toda chateada, ai malandro o que é que tu fizeste, então agora tenho de ir tirar esta água toda, eu tinha aí seis anitos, eu ainda não andava na escola (risos). Ela coitadinha, com aquelas maldades nunca me lembro de ela me dar um estalo nem nada. Aliás o meu pai era o que acalcava mais, dava por todas. Uma vez, deu uma tarefa ao meu irmão tão grande e mandou-o pela janela para a rua, que o garoto até perdeu os sentidos por um bom bocado e a minha mãe, coitadinha, muito aflita, nem sabia o que havia de fazer. Acho que o meu irmão a partir daí já nunca mais foi o mesmo” (Avô urbano 6).

7 – ANÁLISE E RESULTADOS - MÃES

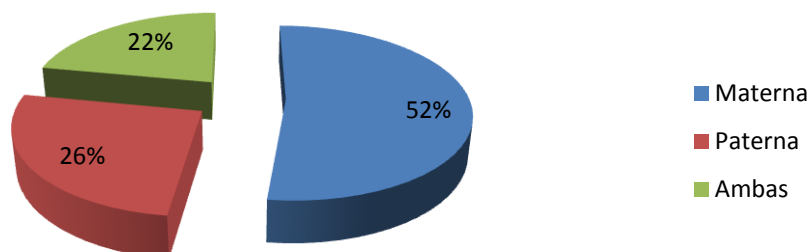
Tal como nos grupos anteriores, iremos apresentar os resultados obtidos pelas entrevistas efetuadas às mães. Ao longo da discussão, iremos comparar os contextos rurais e urbanos e iremos apresentar alguns gráficos para melhor ilustrar os resultados das temáticas.

7.1 – MÃES E CUIDADOS INFANTIS

Iremos abordar o tema dos cuidados infantis e qual a importância das avós para as mães, nesse processo de transmissão de saberes e experiências.

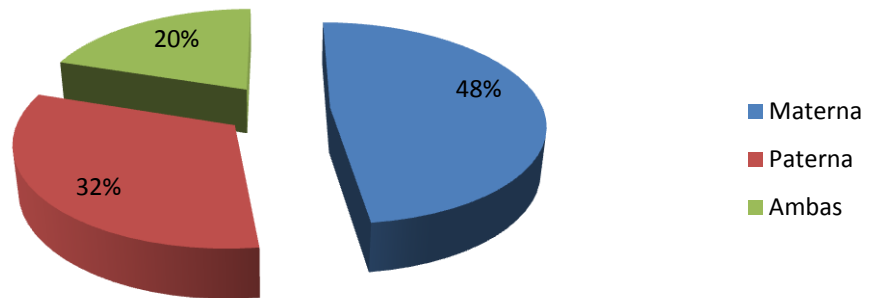
Através do questionário, quisemos saber qual das avós está mais presente, a materna ou a paterna, nos cuidados aos netos.

Gráfico nº 156 - Qual das avós está mais presente no cuidar dos filhos



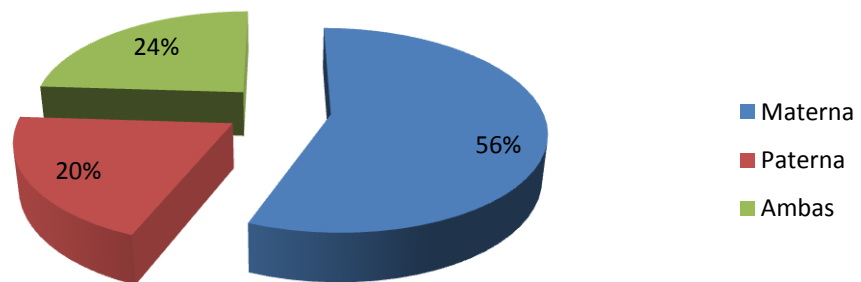
Segundo as mães, a avó materna é a que está mais presente, perfazendo 52% do total das respostas, seguindo-se a avó paterna com 26%; com 22% das respostas estavam presentes, ambas as avós.

Gráfico n° 157 - Qual das avós está mais presente no cuidar dos filhos das mães rurais



No contexto rural, a avó materna continua a estar mais disponível para os netos com a percentagem mais elevada (48% do total das respostas); a avó paterna perfaz 32% e ambas as avós perfazem 20%.

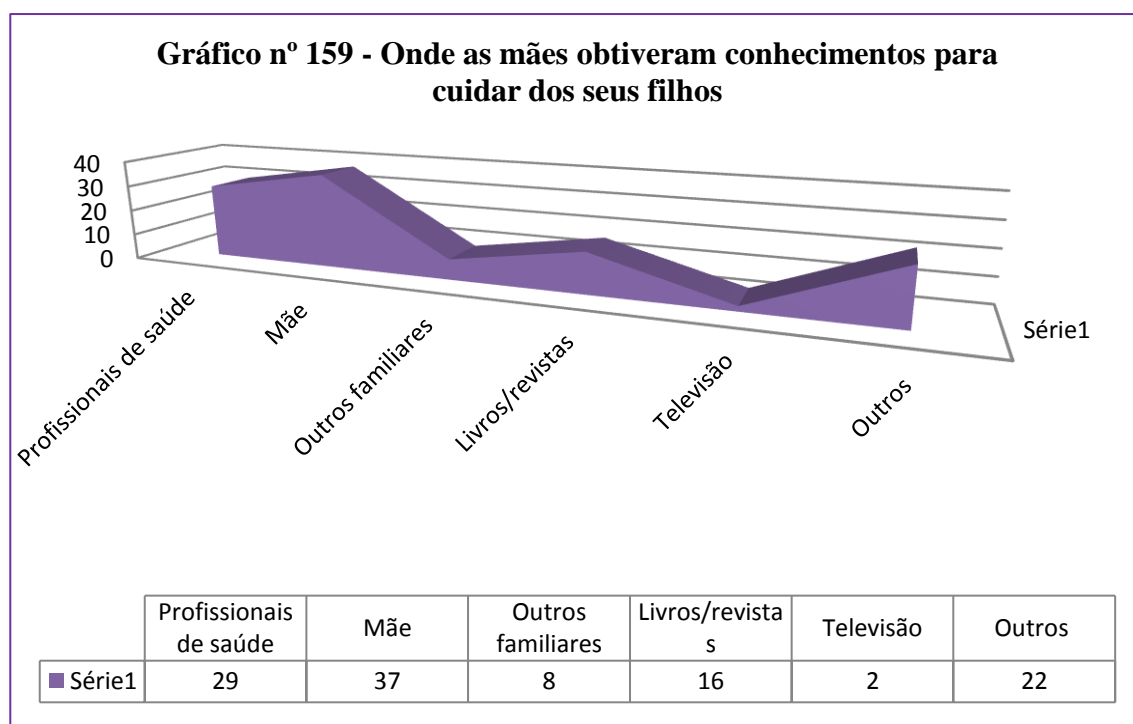
Gráfico n° 158 - Qual das avós está mais presente no cuidar dos filhos das mães urbanas



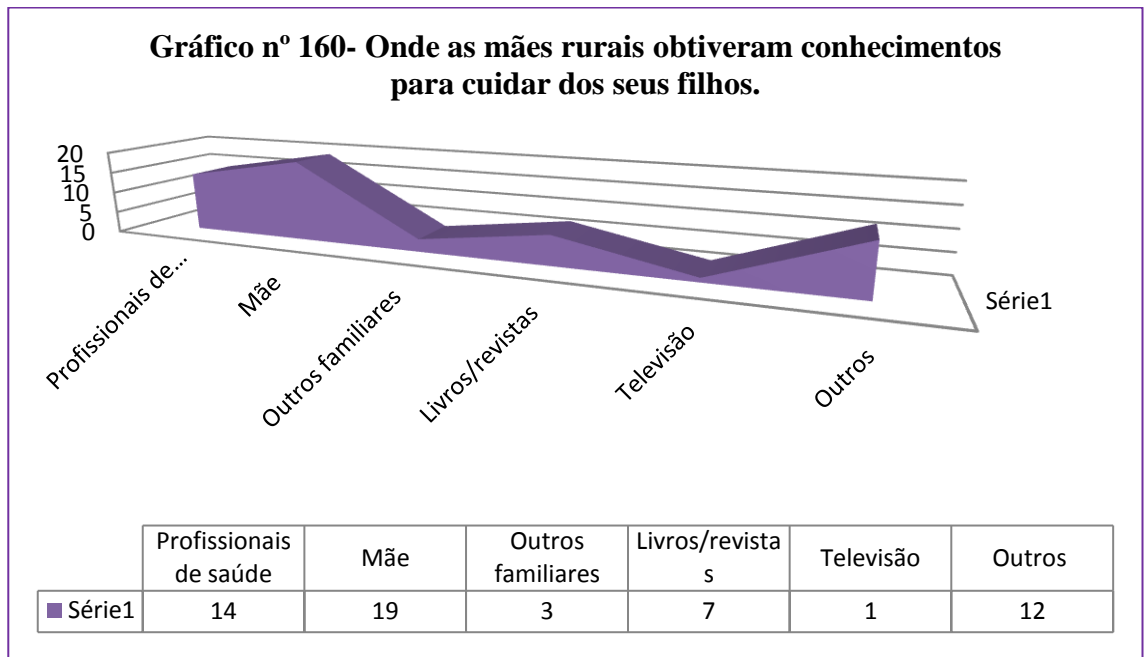
Verificamos que a avó materna continua a atingir a maior percentagem de disponibilidade, mas neste contexto urbano mais elevada, perfazendo 56% do total das respostas, seguindo-se ambas as avós com 24% e a avó paterna com 20%.

7.1.1 – Onde as mães obtiveram conhecimentos para cuidarem dos seus filhos.

Iremos analisar de seguida, as respostas obtidas nos questionários elaborados para a caracterização sociodemográfica da amostra e que continham esta pergunta. Iremos analisar em primeiro lugar o grupo total e depois os subgrupos rurais e urbanos.



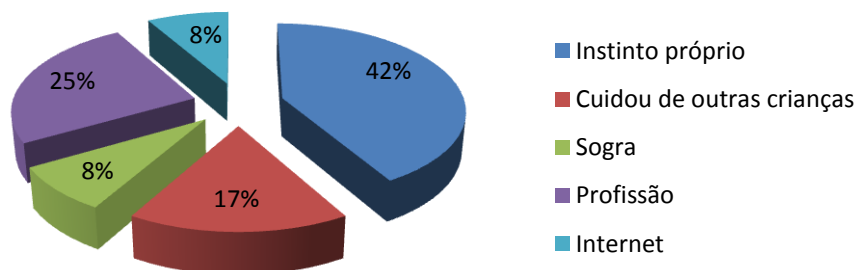
A maioria das mães referiu que obtiveram conhecimentos para cuidar dos seus filhos através das suas próprias mães (37 respostas). Seguem-se os profissionais de saúde com 29 respostas e depois o item “*outros*” com 22 respostas, que iremos analisar de seguida em cada contexto, rural e urbano. Seguem-se os livros e revistas com 16 respostas, outros familiares com 8 respostas e a televisão com 2 respostas.



Verificamos que nas mães rurais, o maior número de respostas refere-se aos conhecimentos obtidos através das suas próprias mães com 19 respostas, seguindo-se os profissionais de saúde com 14 respostas, o item “*outros*” com 12 respostas, os livros e as revistas com 7 respostas, outros familiares 3 respostas. Apenas uma mãe referiu que obteve conhecimentos também pela televisão.

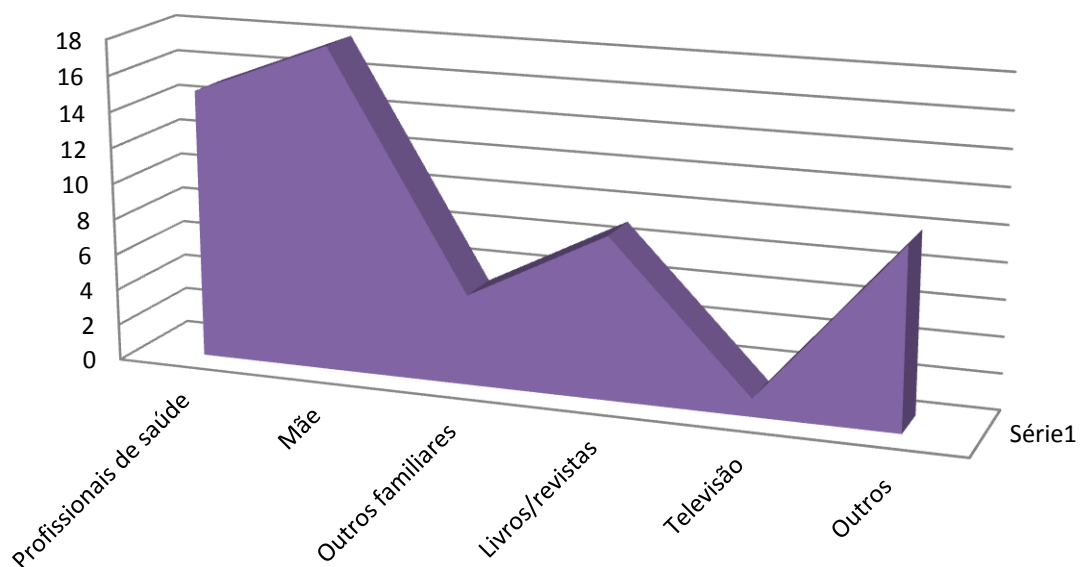
Iremos analisar o item, “outros”, no gráfico seguinte:

Gráfico nº 161 - Outros locais onde as mães rurais obtiveram conhecimentos para cuidar dos seus filhos



Das 12 respostas que as mães referiram no item “*outros*”, 5 mães referiram que aprenderam a cuidar dos seus filhos por instinto, referiram mesmo instinto maternal, perfazendo 42% do total das respostas; seguiram-se as mães que profissionalmente cuidavam de crianças, (3 respostas); com 2 respostas temos as mães que cuidaram de outras crianças quando eram jovens; uma mãe referiu que foi através da sua sogra e, outra mãe, através da internet.

Gráfico n° 162 - Onde as mães urbanas obtiveram conhecimentos para cuidar dos seus filhos

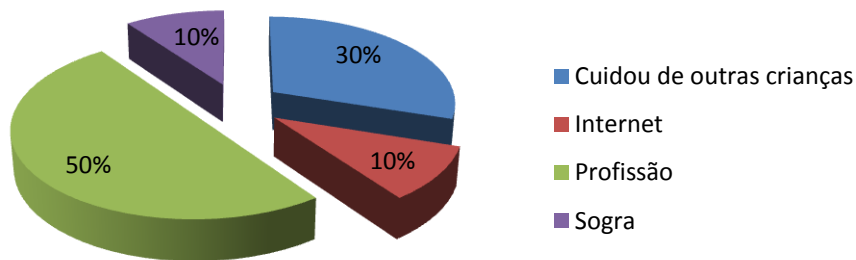


	Profissionais de saúde	Mãe	Outros familiares	Livros/revistas	Televisão	Outros
■ Série1	15	18	5	9	1	10

As mães urbanas, também referiram em maior número que obtiveram conhecimentos para cuidar dos seus filhos através das suas próprias mães, (18

respostas), seguindo-se os profissionais de saúde com 15 respostas; o item “*outros*” com 10 respostas; livros/revistas com 9 respostas; outros familiares com 5 respostas; apenas uma mãe também referiu que obteve conhecimentos através da televisão.

Gráfico nº 163 - Outros locais onde as mães urbanas obtiveram conhecimentos para cuidar dos seus filhos



Das 10 respostas que as mães urbanas deram no item “*outros*”, 5 mães referiram que foi a própria experiência profissional que lhes permitiu cuidar dos seus filhos, perfazendo 50% das respostas; 3 mães referiram que tinham cuidado de outras crianças quando eram mais jovens, (30%); uma mãe referiu que obteve conhecimentos através da sua sogra, (10%) e outra pela internet, (10%).

Concluimos que na transmissão intergeracional, os saberes transmitidos pelas avós às suas filhas, foi o mais mencionado pelas mães e por isso, a fonte mais importante, que iremos analisar de seguida.

7.1.2 – Importância dos saberes da mãe/sogra para as mães.

Iremos analisar de seguida, que importância tem para as mães a transmissão de saberes por parte das avós, sobre os cuidados infantis dos seus filhos e se esses mesmos saberes, ainda são atuais ou já estão desatualizados.

Quadro nº 55 – Quadro referente à importância dos saberes da mãe/sogra para as mães

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Importância dos saberes da mãe/sogra, para as mães rurais	Ensinaram a cuidar dos bebês e das crianças	18
		Transmitiram calma	6
		Complementaram os saberes	5
		Pouca importância	2
	Importância dos saberes da mãe/sogra, para as mães urbanas	Manter a calma	16
		Cuidar das crianças	12
		Pouca importância	5

Pela leitura do quadro nº 55 e pela análise das entrevistas, a transmissão de saberes das mães e sogras, foram importantes para que as mães rurais cuidassem dos bebês e das crianças, (18); esses saberes também foram importantes ao transmitir calma, (6), foram um complemento aos saberes das mães rurais, (5). Apenas 2 mães rurais referiram que os saberes das suas mães e sogras foram pouco importantes.

No grupo das mães urbanas, os saberes das suas mães e sogras foram importantes para manter a calma, (16), ajudaram as mães a cuidar dos seus filhos, (12) e apenas 5 mães urbanas referiram que os saberes das suas mães e sogras tiveram pouca importância.

“Olhe por exemplo, eu às vezes ando atrapalhada sempre com a roupa, se é pouca roupa, ou muita roupa, chego à minha sogra e peço-lhe; às vezes não sei o que é que ele tem, a minha sogra vai lá e ajuda-me e eu pergunto-lhe, é quase tudo a minha sogra e a minha mãe não é tanto, porque mora mais distante. (...) Olhe por exemplo, eu às vezes não sei o que é, quer dizer, não é não saber, o lavar dos biberons, apesar de

que a gente esterilize, a minha sogra diz, se lavares com água e sal ficam bons, uma coisa que eu não sabia que antigamente se fazia; ele andou noites sem dormir e a minha sogra disse, se o meteres para os pés, porque antigamente se fazia assim, as coisas de antigamente, que eu sendo mais jovem não sei e a minha sogra vai-me dizendo o que é que tenho de fazer” (Mãe rural 1).

“Aprendi como é que se muda uma fralda com a minha mãe, quando o meu irmão era pequenino. Com a minha sogra foi o que é que se deve dar o que não se deve dar, aprendi muita coisa” (Mãe rural 3).

“Ah, aprendi como cuidar delas e tratar delas, como se deve tratar uma criança normalmente, os cuidados a ter com os filhos, desde o banho até ao comer, até vestir, calçar e pôr a dormir” (Mãe rural 4).

“Outra maneira de tratar, o não entrar em pânico, de estar logo os dois ao mesmo tempo a chorar ou os dois ao mesmo tempo a comer, ter um bocadinho de calma, principalmente tentar conversar com um enquanto estou a tratar do outro. Acho que foi isso, a maneira como elas nos ensinaram e tratar deles com calma e aqueles ensinamentos que elas nos vão transmitindo, que é às vezes difícil de falar, mas que é importante ficar” (Mãe rural 7).

“Complementaram aquilo que eu fui sabendo, complementaram muitas coisas, elas me ajudaram, aquelas coisas que a gente às vezes pensa por causa da febre, pronto, o que fazer, eu só tenho uma filha, não é? E portanto tudo era novidade e muitas vezes, elas ajudaram nessas coisas, na comida” (Mãe rural 19).

“Eu como já lidava com crianças desde os dez anos, nem nunca senti necessidade de perguntar o que é que devo fazer, quando havia uma situação de aflição eu própria é que reagia” (Mãe rural 5).

“Talvez não, porque a minha mãe, quer a minha mãe quer a minha sogra, já tinham sido mães há tantos anos, não é? E acho que elas lidaram um bocadinho a medo, acho que tive de ser eu mesmo. Hoje sim, mas de início, logo quando ela era recém-nascida e veio para casa, o primeiro banho fui eu que dei; enchi a banheira de água, aquilo foi um tormento, porque a criança fugia-me todo o tempo, não é, eu sem prática nenhuma e elas só diziam, não, não, dá tu, dá tu, porque elas, pronto, o Luís também não, quando ela era muito pequenina, não, também não, tinha receio de lhe

tocar, depois já sabia tudo, mas de início também não. Mas lá está, nessa área tive de ser eu a tomar a coragem e a pronto” (Mãe rural 14).

Em relação às mães urbanas temos os seguintes testemunhos:

“Sim, o saber da minha mãe era importante e aprendi bastantes coisas que são atuais, aprendi a ter calma quando eles estavam doentes e aprendi a resolver as coisas com mais calma” (Mãe urbana 1).

“Ah, com a minha sogra de todo, agora com a minha mãe, aquilo que eu aprendi, prende-se com a vivência que tive com o meu irmão, que é praticamente quatro anos mais novo do que eu e a maneira como lidava que era diferente. Eu sei que são tempos muito diferentes, pela maneira como lidou comigo e como lidou com o meu irmão. Agora concretamente, eu não digo que com os miúdos mais novos, nós eramos os mais novos na família, não era essa a área dela, ela trabalhava em costura, portanto aquilo que eu fui aprendendo, foi exatamente como baby-sitter, como educadora de crianças e isto foi muito nova, quando tinha aquele sentimento de alguma responsabilidade e sempre fui muito certinha. Eu fui monitora desde muito cedo, passei de ser uma das meninas das colónias, para ser uma das monitoras, ou auxiliar de monitora nas colónias e servia todos os anos, portanto, desde sempre tenho este gosto, e aprendi muitas coisas sobre crianças à custa dessas minhas experiências, que foram muito individuais. A minha mãe não teve tanto a ver com esses saberes” (Mãe urbana 5).

“Sim, basicamente porque nós, especialmente o primeiro filho, sentimo-nos absolutamente perdidos, achamos que tudo vai cair, (risos), estamos em pânico não é? Qualquer coisa que eles tenham e pronto, elas como passaram, ajudam-nos a cuidar e auxiliar e a não entrar em pânico e achar tudo normal. Nós achamos tudo especialmente pelo, pelos primeiros, passámos ali por uma situação complicada, achámos que ia cair o mundo. Só quando chegámos à Estefânia é que achámos que o nosso mundo afinal não ia cair, havia situações um bocadinho mais complicadas, mas pronto, eles foram um apoio muito grande, para suportar isto tudo” (Mãe urbana 6).

“Aprendi a cuidar dos meus filhos. Foi ela que me ensinou a lavar, a vestir, a pegar ao colo, a dar de mamar, a distinguir o choro, se chorava porque tinha fome ou se chorava porque tinha dores, ensinou-me tudo” (Mãe urbana 21).

A maioria das mães refere que as avós ensinaram a cuidar das crianças, especialmente as mães rurais. As mães urbanas, referem que as avós foram muito importantes no manter a calma, perante as situações que aparentemente para as jovens mães pareciam difíceis e incontroláveis, o que evidencia a importância da experiência das avós, em relação aos cuidados infantis.

Podemos afirmar que as necessidades das mães em relação ao saber cuidar de crianças, situam-se na fase de latência dos seus filhos, especialmente nos primeiros dias e meses e é mais acentuada no primeiro filho, o que vai de encontro aos estudos internacionais, (Ramos, 1993, 2004).

Quadro nº 56 – Quadro referente à atualidade dos saberes da mãe/sogra para as mães

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Os saberes da mãe/sogra são ou não atuais para as mães rurais	São diferentes	7
		São atuais	12
		Estão desatualizados	3
		Desatualizados na alimentação	3
	Os saberes da mãe/sogra são ou não atuais para as mães urbanas	Estão atuais	17
		Os da mãe são atuais, os da sogra não	2
		São desatualizados	6

Pela leitura do quadro nº 56 e pela análise das entrevistas, verificamos que para as mães rurais, os saberes da sua mãe e sogra estão atualizados, (12), são diferentes, (7) e apenas 3 mães rurais referem que os saberes das suas mães e sogras estão desatualizados e 3 referem que estão desatualizados apenas na alimentação.

Já no grupo das mães urbanas, a maioria refere que os saberes das suas mães e sogras estão atuais, (17), os saberes das mães estão atualizados mas os da sogra não (2). Apenas 6 mães referem que os saberes das suas mães e sogras estão desatualizados.

“Algumas coisas principalmente na minha sogra, já estão. A minha mãe é mais jovem, mas já estão desatualizadas. Há coisas que ela ainda pensa como antigamente, mas há outras coisas que é mais, pronto que é mais atual, mas há muita coisa que a minha sogra ainda pensa como antigamente” (Mãe rural 1).

“É assim, não estão desatualizados mas se calhar diferentes, porque dantes era uma coisa e agora já é mais à frente, já é mais (...). Por exemplo quando o Tiago era bebé, as cólicas, se calhar dantes não sei como é que elas faziam, se era com o termómetro, se era outra coisa e agora já não, é com o bebé-gel e corta-se o fundo como me ensinaram” (Mãe rural 3).

“É assim, eu ainda vou muitas vezes buscar certas coisas que elas me ensinavam e que me lembro que me faziam a mim. Quando há dores de barriga, quando há uma tosse, elas vão buscar xarope de isto e aquilo, que a gente, há dias e dias que não vai à farmácia e se a gente vai buscar umas mezinhas que elas dantes nos faziam, resulta melhor, eu penso que sim” (Mãe rural 7).

“Não, o vestir e o despir não. A alimentação, acho que sim, porque depois era diferente, a nossa alimentação era completamente diferente da delas, porque introduz-se as coisas a pouco e pouco, introduz-se primeiro para ver se faz alergia; primeiro a carne e depois o peixe, mas introduz-se a pouco e pouco, para ver se faz, se faz alergia. Depois introduz-se outras coisas, a minha mãe aprendeu, voltou a aprender, e aprendeu outra vez, a minha mãe e a minha sogra não é?” (Mãe rural 14).

“Algumas coisas já estão desatualizadas, mas muitas coisas ainda complementam aquilo que nós lá vamos sabendo. Na alimentação, por causa da introdução das sopas e isso tudo, elas às vezes tinham umas ideias diferentes, sobre o que o pediatra às vezes dizia” (Mãe rural 19).

“Às vezes quando tenho alguma dúvida, neste aspeto das doenças e preciso de uma opinião. Agora os saberes da minha sogra não, porque é uma pessoa com setenta e tal anos, mas os da minha mãe sim, são bastante atuais e conto muito com eles” (Mãe urbana 2).

“Ah, os saberes delas estão um bocadinho descontextualizados. São pertinentes, principalmente na postura e na conduta de vida, mas em termos práticos, às vezes ficam um bocadinho aquém, porque as coisas evoluíram muito e ficam um bocadinho bloqueadas, nomeadamente, tudo o que tem a ver com novas tecnologias. Os meninos também hoje em dia, são muito mais expeditos e lidar com esta forma de estar na vida também é difícil e é diferente, porque os meninos anteriormente não eram tão astutos, na maneira de falar e não eram tão estimulados e isso dá argumentos aos miúdos, que nos fazem ficar um bocadinho a nós, sem argumentos e é nesse sentido, é que às vezes ficam um bocadinho descontextualizados, porque aquilo que é agora, não é muito diferente daquilo que foi, a forma como se faz e a forma como é dito é que é, é diferente” (Mãe urbana 5).

“ Acho que são atuais, acho que ainda hoje vão servir para depois passar para os meus filhos, quando eles não tiverem de beber leite. Vamos fazer a açorda, a primeira comida, acho que são e acho que é muito importante para eles também manterem esse contacto ” (Mãe urbana 6).

A maioria das mães considera que os saberes das avós ainda são atuais. Este facto, parece estar relacionado com a idade das avós, porque algumas das mães que referiram que os saberes estavam desatualizados, referiram também a diferença de épocas, o que evidencia a idade mais avançada das avós e as diferenças intergeracionais.

Apesar da maioria das mães, evidenciar os saberes adquiridos pelas suas mães e pelas suas sogras, as diferenças mais notórias, estão relacionadas com alguns recursos que hoje existem e com as recomendações dos profissionais de saúde, nomeadamente os pediatras, que recomendam algumas práticas desconhecidas para as avós de hoje e que lhes são transmitidas pelas suas filhas, contradizendo um pouco as práticas mais tradicionais, nomeadamente nos cuidados com a alimentação dos bebés e com a introdução de novos alimentos.

7.1.3 – Cuidados tradicionais prestados pelas mães

No próximo quadro, analisaremos quais os cuidados tradicionais que as mães ainda praticam aos seus filhos e o que pensam da sua eficácia.

Quadro nº 57 – Quadro referente aos cuidados tradicionais prestados pelas mães

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Cuidados tradicionais prestados pelas mães rurais	Nenhuns	8
		Xarope de cenoura	12
		Ferver os biberons	1
		Massagem com azeite quente	4
		Água de malvas	3
	Cuidados tradicionais prestados pelas mães urbanas	Água com farinha	4
		Esfregar com álcool	2
		Xarope de cenoura	16
		Chás	8
		Leite com mel	4
		Rodelas de batata	1
		Açorda	1

Pela leitura do quadro nº 57 e pela análise das entrevistas, verificamos que o cuidado tradicional mais utilizado pelas mães rurais é o xarope de cenoura, (12) a massagem abdominal com azeite quente, (4), a infusão de malvas (3) e a fervura dos biberons, (1). Neste grupo das mães rurais, 8 referem não utilizar nenhum cuidado tradicional nos seus filhos.

Quanto ao grupo das mães urbanas, o xarope de cenoura é o cuidado tradicional mais utilizado, (16), seguindo-se a utilização de chás de plantas, (8), a água com farinha, (4), o leite com mel, (4), a massagem com álcool (2) e 1 mãe urbana, referiu utilizar a açorda na alimentação do seu filho pequeno e 1 mãe, a utilização de rodelas de batata.

“ Olhe, a minha sogra antigamente, os biberons esterilizavam-se dentro de um tachinho, a água era metida a ferver dentro de uma cafeteira e essas coisas todas para a minha sogra, ainda hoje são importantes. Não há uma cafeteira elétrica, mete-se

dentro da cafeteira, lava-se e é só assim, é metido a esterilizar; tem que ser dentro de um tachinho e não pode ser de alumínio, é assim, tem de ser de esmalte, essas coisas todas para a minha sogra ainda hoje são importantes (...) Olhe, não limpo o meu filho com toalhetes. É com uma coisinha, com uma esponja porque é assim, depois este rabo, aqui mesmo que haja toalhetes, não os uso. Esterilizo num tachinho de esmalte com água fervida dentro da cafeteira, não é na cafeteira elétrica porque assim é que é melhor, lavo com água e sal por causa das enterites, essas coisas todas que elas me querem ensinar, e eu sigo ao máximo” (Mãe rural 1).

“Essa da barriguinha, sofri muito com eles porque eles tinham muitas cólicas, era o Aerohom que eles nos mandavam dar, mas as dores de barriguinha continuavam lá e a minha mãe, chegava às vezes à noite, ela agarrava no bebé, ela lá punha um bocadinho de azeite quentinho na mão, esfregava-lhe a barriguinha e aquilo automaticamente passava logo, tanto numa, como noutra aquilo era logo” (Mãe rural 7).

“Usei, usei com a minha sogra. A Beatriz com os dentes, ela foi muito ruim dos dentes e quando nasceu, quando lhe começou a aparecer então foi rápido, em seis meses nasceu-lhe a dentição toda e ela, o xixi dela era muito ácido e o cocó também e ela assava muito e eu usava bastante a água das Malvas e fazia extremamente bem. Ela, qualquer coisinha, ficava com marca na pele dela e é muito sensível e era a água das malvas para tudo e quando era pequenina, quando ficava muito entupida, nós tentávamos aspirar o nariz e não sei quê, mas eu usava azeite quente no nariz, sim, por fora, para fazer bem, diziam também que era bom e uma coisa era certa, o ranhinho começava a correr, não sei, mal não fazia. Cheguei a esfregar-lhe azeite no peito também, quando ela tinha para aí três, quatro anos, mas fazia tanto que ela quando tinha um bocadinho de tosse dizia assim: ó mãe tanto azeite, isso passa? Sentia aquele quentinho e depois ficava na cama e acalmava-lhe a tosse e ela mesmo dizia, (risos). Também cheguei a dar-lhe xarope de cenoura, a minha sogra fazia muito, aliás mesmo sem tosse ela fazia, porque a Beatriz adorava, era gulosa e pedia-lhe e ela fazia” (Mãe rural 14).

Em relação às mães urbanas iremos apresentar alguns cuidados tradicionais.

“Por exemplo para a diarreia, água com farinha e açúcar, sei lá, tanta coisa que eu ainda faço, quando a pessoa está com gripe, esfregar-se com álcool e mais coisas que eu agora não me lembro” (Mãe urbana 1).

“Xarope de cenoura, que se chegou a fazer uma vez ou duas. Se tiver febre não fazemos um chá de qualquer coisa. Temos o Brufen e o Ben-u-ron, se tiver uma dor a mesma coisa, se por exemplo o menino está com febre, para ajudar a baixar a temperatura a tal toalha com água tépida nas axilas e na testa. São aquelas coisas que acho que nunca estão desatualizadas, porque até os médicos e enfermeiros nos aconselham” (mãe urbana 2).

“A minha mãe não é muito de mezinhas, nunca foi. Tirando o belo do leite com mel e do chá bom para tudo e mais qualquer coisa, não há assim mais nada. Nem dos xaropes, não. O meu pai trabalha no âmbito da farmácia, portanto, eu sempre tive disponível, toda a panóplia de medicamentos possíveis e imaginários. Eu era só ir ao pediatra dizer preciso disto e era isto que se dava, portanto, mezinhas em concreto, tirando estas pequeninas coisas, por exemplo, não é uma mezinha, é o Vick Vaporub, não é uma mezinha, mas já não se usa tanto atualmente. A minha mãe costumava pôr isso aos meus filhos, por exemplo, assim de mais mezinhas, não me lembra assim de nenhuma (...) Era as rodelas de batata nas dores de cabeça, quando eu estava com aquelas minhas crises de rinite alérgica e que aquilo não adiantava nada, mas eu volta e meia tinha assim umas rodelas de batata espetadas e tirando isso assim, não me lembro de mais nada.” (Mãe urbana 5).

“Sim especialmente os alimentares, porque em suma, o meu primeiro filho não gostava de leite, nasceu a não gostar de leite, eu também não gosto e então é complicado um bebé não gostar de leite, ou seja, não gostava do meu leite. Depois passámos a dar-lhe o outro leite e então foi um bocadinho aquele auxílio, o médico estava em pânico, ele tinha dois meses e não gostava de leite, então começámos a achar que ele tinha que ir comer uma açorda e comer umas coisas, começou a comer isso tudo muito mais cedo do que os outros bebés” (Mãe urbana 6).

As mães ainda utilizam algumas práticas tradicionais nos cuidados aos seus filhos. O mais referenciado continua a ser o xarope de cenoura e a utilização de algumas plantas nomeadamente chás e infusões. Não há grandes diferenças entre as mães rurais e urbanas. Ambos os grupos utilizam ainda cuidados tradicionais. Constatamos que são

realizadas apenas práticas, cuja eficácia é comprovada pelas mães de hoje, depois de terem sido comprovadas pelas avós nos seus filhos, na geração anterior.

7.1.4 – Semelhanças e diferenças das fontes de saberes das mães.

As duas principais fontes, para a aquisição de saberes sobre cuidados infantis pelas mães, são aqueles que foram transmitidos pelas mães/sogras e pelos profissionais de saúde. Analisaremos de seguida as semelhanças e as diferenças desses mesmos saberes.

Quadro nº 58 – Quadro referente às semelhanças/diferenças entre os saberes adquiridos pelas mães nos serviços de saúde e pelas mães/sogras

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Semelhanças/diferenças entre os saberes adquiridos pelos serviços de saúde e pela mãe/sogra, segundo as mães rurais	Diferentes na atuação das doenças	6
		Diferentes nos cuidados ao umbigo	2
		Iguais na alimentação	14
		Iguais no vestuário	7
		Iguais em tudo	4
	Semelhanças/diferenças entre os saberes adquiridos pelos serviços de saúde e pela mãe/sogra, segundo as mães urbanas	Diferentes em tudo	7
		Complementam-se	12
		Iguais em tudo	6

Pela leitura do quadro nº 58 e pela análise das entrevistas, constatamos que as mães rurais afirmam, que os saberes transmitidos pelas suas mães e sogras e os saberes transmitidos pelos profissionais de saúde, são iguais na alimentação, (14), iguais no

vestuário (7) e iguais em todos os aspectos, (4). No entanto, neste grupo de mães rurais, 6 afirmam que esses saberes são diferentes no cuidar das doenças infantis e 2 afirmam que são diferentes nos cuidados ao umbigo.

No grupo das mães urbanas, 6 afirmam que os saberes adquiridos pelas mães e sogras e pelos profissionais de saúde são iguais em tudo, 12 afirmam que ambos se complementam e ajudam na melhoria dos cuidados infantis e 7 mães urbanas referem que são diferentes em tudo.

O testemunho que se segue, apesar de fazer referência à semelhança dos ensinamentos que a mãe adquiriu, pelos profissionais de saúde e pela sua mãe, evidencia alguma diferença em relação ao que é preconizado pela sua sogra.

“É assim, na minha mãe, as coisas foram iguais, tanto que a minha mãe diz que eu sei amamentar assim como se amamenta no hospital. A minha sogra já acha que a gente por exemplo, o bebê tem de comer, não tenho de acordar de três em três horas, acordando quando tem fome. A minha sogra nunca andou atrás do filho, pelo que ela diz, a fazer um avião, nunca na vida dela; quando ele tiver fome ele come, come aquilo mas come” (Mãe rural 1).

“Não porque elas, quando nós dizíamos que o pediatra tinha dito isto, ou aquilo, elas acabavam por fazer, porque às vezes, tinha que tomar este xarope ou aquele xarope e elas, normalmente davam. Nunca disseram que não. Pronto, na altura delas não era assim” (Mãe rural 19).

“É assim, ela se calhar, a minha mãe é do tipo: quando o Tiago tem um bocadinho de tosse, tens que lhe dar xarope, mas eu espero sempre um bocadinho mais, então se ele estiver a piorar é que lhe dou o xarope, não lho dou logo. Pronto nesse aspecto é um bocadinho diferente, ela quer logo atuar e eu não, espero sempre um bocado, mas por exemplo, na alimentação é igual ao que me dizem no Centro de Saúde e pelos médicos (...) Ah o vestir agora, elas têm a noção de que é mais moderno, por isso logo compra as coisas para ele tudo moderno, ela acompanhou a evolução” (Mãe rural 3).

O próximo testemunho, apesar de considerar os ensinamentos iguais diferencia os cuidados ao umbigo, que sofreram alterações no período intergeracional.

“Ah são parecidos, são iguais. Os nossos serviços de saúde também ensinam muita coisa a nós que os nossos pais também costumam ensinar, também têm essa sabedoria.

(...) Por exemplo, como tratar do umbigo de um recém-nascido. Os nossos pais antigamente, não sabiam como é que isso era tratado e eu hoje, penso nesse cuidado em que a medicina nos ensina como se deve tratar e pronto, sem criar sem infetar nada” (Mãe rural 4).

As mães urbanas deram-nos os seguintes testemunhos:

“Os ensinamentos dados nos serviços de saúde, relativamente à minha mãe são diferentes, sim, porque eu confio mais no médico e não nos tratamentos tradicionais” (Mãe urbana 1).

“A minha mãe é uma pessoa muito atual, como eu, de mente aberta e é uma pessoa que gosta de estar atualizada e as coisas que me ensinaram na maternidade, como o primeiro banho, foi a minha mãe que o deu e eu vi como ela fez e como as enfermeiras fizeram e foi por aí. Por exemplo, eu digo, as enfermeiras ou a pediatra faziam assim, a minha mãe dizia-me: eu no meu tempo fazia assim, mas se te disseram douta maneira, então fazemos como te disseram” (mãe urbana 2).

“Eu acho que se complementam, embora especialmente no primeiro filho ficámos um bocadinho assustados, não é? Porque é assim; chegámos ao médico, isto tem de ser seguido assim religiosamente e eu chegava a casa e ele não bebia leite. Portanto fiquei ali um bocadinho em dúvida. O que é que havíamos de fazer? Vamos arriscar isto, vai fazer mal, o que é que não vai? Andámos ali um bocadinho todos perdidos, um bocadinho perdida, porque dizia, ele chorava com fome, ele mamava e meia hora depois estava com fome outra vez, porque ele não queria leite. Pronto sentíamo-nos um bocadinho perdidas, mas depois de vermos que as coisas, afinal não faziam mal, porque fizemos a primeira experiência e vimos que ele sobreviveu, não morreu por comer isso, acho que as coisas se complementam, embora portanto, o técnico de saúde tenta também que não haja excessos, porque as pessoas chegam ali um bocadinho, mas acho que uma coisa acaba por complementar a outra, não, não faz mal nenhum” (Mãe urbana 6).

Para as mães, os saberes transmitidos pelas avós continuam a ser importantes e complementam aqueles que são transmitidos pelos profissionais de saúde, existindo por vezes dúvidas e ansiedade quanto às diferenças dos mesmos, como refere Ramos, (2004 b, p.162), *“Assiste-se hoje ao abandono de certas práticas tradicionais de cuidados benéficos para a criança...estes fatores têm contribuído para a insegurança parental,*

para que um número importante de famílias, principalmente de mães, sobretudo em meio urbano, tenha dificuldade em encontrar e desempenhar com segurança os gestos necessários aos cuidados a prestar aos seus bebês, divididos entre o saber e hábitos tradicionais transmitidos no seio das suas famílias ao longo das gerações e considerados como ultrapassados e as práticas ditas modernas, que lhes são sugeridas ou impostas, muitas vezes incompreensíveis ou não integradas”. Algumas práticas das avós tendem a evoluir com as recomendações dadas pelas suas filhas que por sua vez lhes foram transmitidos pelos profissionais de saúde.

7.2 – PRÁTICAS E CRENÇAS RELIGIOSAS PRATICADAS PELAS MÃES AOS SEUS FILHOS

Apesar de ser evidente, nos dados analisados na caracterização sociodemográfica da amostra sobre a religião, de que a prática da mesma diminuiu no período intergeracional entre as avós e as mães, iremos analisar qualitativamente, a importância que as crenças religiosas ainda têm na contemporaneidade, especialmente na proteção infantil.

Quadro nº 59 – Quadro referente às práticas e crenças religiosas praticadas pelas mães aos seus filhos

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Práticas e crenças religiosas das mães rurais aos seus filhos.	Nenhuma	8
		Orações	10
		Oração do quebranto	5
		Oração do Credo	2
	Práticas e crenças religiosas das mães urbanas aos seus filhos.	Nenhuma	13
		Mãe acredita mas não pratica	3
		Orações	9

Pela leitura do quadro nº 59 e pela análise das entrevistas, verificamos que no grupo das mães rurais, as práticas religiosas mais referidas foram as orações, (10), a oração do quebranto (5) e a oração do Credo, (2). Neste grupo de mães rurais, 8 referiram não praticar qualquer ritual religioso com os seus filhos.

Quanto ao grupo das mães urbanas, verificamos que a maioria, (13), não praticam nenhum ritual religioso com os seus filhos. Neste grupo, 9 afirmam que rezam pelos seus filhos e 3 mães referiram que têm religião e acreditam, mas não praticam.

Inicialmente, algumas mães rurais pareceram renitentes em assumir a sua religiosidade, mas com o decorrer das questões, acabaram por descrever algumas práticas que a seguir descrevemos.

“ É assim, não porque são as duas, até hoje nenhuma delas é praticante. A minha sogra, pronto é assim, vão à igreja quando eu vou, se tiver que lá ir a uma missa, uma cerimónia, vou. Eu não sou uma pessoa por exemplo de ir todos os domingos à missa, apesar de antigamente andar na catequese e tudo, mas agora já não sou tão praticante como era. (...) Fazem. Isso até eu já sei, já aprendi. Agora quando ele andou com a Lua rezei. (...) Claro então, se deu resultado, pelo menos o quebranto com o meu filho resultou, irá dar resultado também com os meus netos, acho eu” (Mãe rural 1).

“ Não, não. Eu a rezar? Ah já, já rezei muita vez, pedi a Deus para ele ficar bem, quando ele teve os primeiros dias internado, não se sabia o que era e então eu aí passava o dia e a noite lá nos cuidados intensivos, piso três e rezava” (Mãe rural 3).

“ Às vezes lá calha, às vezes lá calha, pedir a uma ou à outra para ela fazer, apesar de não ir tanto por aí, mas de vez em quando há aquelas dores de cabeça, ou aqueles, parece que estão assim meio a cambalear, ou assim, isso é uma camada de quebranto que eles têm, ela lá vai à cozinha, lá faz a mezinha dela e aquilo lá passa” (Mãe rural 7).

“As avós não. Faz mesmo é a mãe, que aprendeu com a minha avó, aprendi com a minha avó. Essa do quebranto acho que nem a minha mãe sabe, não, nunca rezou, mas eu rezei e essa do Credo, sim, também aprendi com a minha avó e faço à minha filha, pronto” (Mãe rural 14).

Em relação às práticas e crenças religiosas das mães urbanas, o primeiro testemunho afirma que a religião não deve ser imposta nas crianças pequenas, mas

apenas quando já têm idade de compreender e que normalmente são influenciadas pelos grupos onde a criança está inserida:

“É assim, eu sou crente mas não incuto isso ao meu filho. Para já, pela idade que ele tem ainda não compreende isso, mas eu acho que não se deve incutir, és cristão, porque não acho bem batizarem as crianças na igreja católica, se depois daqui a meia dúzia de anos eles não aceitam. Quando tiverem idade, então escolham. Se tiverem que ser Cristãos são, se tiverem que ser do Reino de Deus ou Jeová, são. A seu tempo irão perceber. Claro que qualquer pessoa que vai para qualquer tipo de religião é sempre influenciada pela família, pelos amigos e pelas pessoas que os rodeiam. Olha deixa experimentar, olha, há-de ir comigo ao Reino de Deus. Eu não vou nem tenho curiosidade, mas é sempre influenciado por alguém, se a pessoa gostar continua, senão não pratica e acabou-se” (mãe urbana 2).

“Um Anjo da Guarda. Foi a primeira coisa que ela lhes ofereceu, mal eles vieram ao mundo. O Anjo da Guarda que permaneceu no berço deles até eles saírem do berço, até saírem da cama. Portanto, o rezar é uma constante, porque eles vêm-na rezar todas as vezes quando estão lá em casa com ela. Vêm-na rezar e sabem rezar também. E sabem rezar, não só porque eu lhes ensinei, mas também porque, as vezes que estavam com os meus pais, a minha mãe ensinava. O meu pai não é tanto de ensinar a rezar, é mais de contar uma história, é mais de dar um beijinho, de afagá-los na cama, mas não é de permanecer tanto tempo. Também se calhar porque se sente constrangido, porque não faz muito a maneira de ser dele. Agora a minha mãe contribui essencialmente nisso, mas respeita perfeitamente o fato de eu ainda não os ter posto na catequese, porque eu acho que a catequese tem de ter, eu acho que os miúdos aprendem um bocadinho, de uma maneira sem fingimento algum e eu sei que os miúdos podem fazer a primeira comunhão mais tarde e é isso que eu pretendo que os meus filhos façam. É mais terem consciência, não é papaguearem uma coisa só por papaguear” (Mãe urbana 5).

“Embora eu seja uma descrente com a prática da religião em Portugal, mas para mim tem, porque eu acredito, sou católica, não consigo é transmitir-lhes e levá-los nisso, no conceito de sociedade, porque a nossa sociedade não é católica, não pratica. A nossa sociedade é para mostrar e tudo para mim o que se liga à igreja, tem muito a ver com aquilo que as pessoas aparentam e eu não quero isso para os meus filhos, de

aparências e por isso eu quero que eles acreditem que há algo, que acreditem que praticando o bem são sempre compensados, mas não precisam de fazer para mostrarem e depois por trás, praticar o mal, que é um bocadinho encapotado infelizmente na nossa sociedade. Se calhar há zonas rurais onde isso acontece muito menos, agora aqui em Santarém não faço questão mesmo. Eu fiz a primeira comunhão, eles só vão fazer se quiserem, a opção é deles. Quando for o Pentecostes, eu estou na Azoia, coloquei-os à vontade, ia buscá-los e ia pô-los, nenhum dos dois rapazes quis. A rapariga, lá vou tentar que ela vá, mas é sempre por opção. Agora é assim, eles, acho que eles acreditam, porque eu falo-lhes, acham tudo estranho também, não é? É tudo uma coisa, porque não é palpável, eles estão um bocado mais distantes do que é isto, mas também acreditam em algo. O que eles têm é que levar a vida e que respeitem o próximo, é o mais importante que eles têm. Não façam aquilo, que não gostam que lhes façam a vós, é o caminho que eles têm que seguir. Se eles um dia quiserem praticar e seguir é uma opção deles” (Mãe urbana 6).

Salientamos a diminuição das práticas religiosas no período intergeracional. As avós evidenciando-se mais e mais crentes, as mães mais descrentes e menos praticantes.

Observamos que nenhuma mãe urbana fez referência à oração do quebranto, ainda utilizada em meio rural.

Apesar da menor devoção, algumas mães referiram que rezavam e faziam orações pelos seus filhos, especialmente em momentos difíceis.

As orações do quebranto referenciadas são na maioria das vezes realizadas pelas avós, mas a pedido das mães.

As mães que praticam orações de proteção nos seus filhos referiram que mais tarde, também as fariam no s seus netos.

7.3 – IMPORTÂNCIA DOS AVÓS PARA AS MÃES

Porque é que as avós são importantes para as mães? Iremos analisar em primeiro lugar, as entrevistas realizadas às mães sobre a importância que as avós têm para elas e em segundo lugar, as respostas dos questionários, numa abordagem quantitativa, sobre a importância dos cuidados das avós aos seus filhos.

Quadro nº 60 – Quadro referente à importância dos avós para as mães

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
RELAÇÕES FAMILIARES	Importância dos avós para as mães rurais	Transmitem valores intergeracionais às crianças e aos pais	12
		Mimam as crianças	8
		Educam as crianças	7
		Cuidam das crianças	15
		São um recurso importante	7
	Importância dos avós para as mães urbanas	Cuidam bem das crianças	14
		Instituem regras e educam	9
		Fazem parte da família	16

Pela leitura do quadro nº 60 e pela análise das entrevistas, os avós são importantes para as mães rurais porque ajudam a cuidar das crianças, (15), transmitem valores intergeracionais aos pais e aos netos, (12), mimam as crianças, (8), educam as crianças (7) e são um recurso importante, (7).

Para o grupo das mães urbanas, os avós são importantes porque fazem parte da família, (16), são bons cuidadores das crianças (14) e instituem regras e educam, (9).

“Olhe por exemplo, hoje em dia, os níveis financeiros não estão, estamos em crise, logo um dia que eu tenha que ir trabalhar, os meus sogros, neste caso porque as pessoas estão reformadas, ou os meus avós, os bisavós do meu filho, é que me podem ficar com elas até pelo menos aos três anos, que é para depois irem para a creche; para a creche ou para uma escola pública, porque não tenho possibilidades de estar a

pagar a duzentos e trezentos euros, não, não tenho, porque eu estou desempregada; é só o meu marido a trabalhar e eu agora fico com ele, mas um dia que eu arranje trabalho, tem de ser os avós porque o dinheiro pronto, é para as contas e depois a gente tem de comer, porque eu tenho duas meninas” (Mãe rural 1).

“ Têm muita importância, porque eles, como o meu marido disse, transmitem os valores que eles têm e que os avós deles lhes deram e os seus pais e dão-lhe carinho, amor, muita coisa. (...). Por vezes mimam-nos muito, mas eu acho que os mimos nunca são demais, eu acho. Às vezes, nós pais dizemos que às vezes é demais, mas é tão bom quando estamos a dar mimos, eu acho e estamos a receber” (Mãe rural 3).

“Eu acho que são muito importantes, eles são, quando nós não estamos ou quando lhes faltamos com alguma coisa, sabemos que temos ali aquele pilar, que nos ajudam e estamos protegidos por esse sentido” (Mãe rural 4).

“Eu acho que é muito importante, neste caso, a maneira como eles os ensinam, como eles brincam, como eles, neste caso ainda tenho esse privilégio, tanto de um lado como do outro, só que também acho que perde-se muito e eu estou a falar no meu caso. Por agora, tanto a avó materna como paterna, trabalham até parte durante o dia. Praticamente só vêm os netos ao fim-de-semana e o pouquinho tempo que estão com eles, é ao Domingo. Às vezes eles brigam entre aspas e lá vou eu, diz logo a avó, não ralhes com os meninos, deixa estar os meninos brincar, eles tanto dizem não lhe façam mal, mas estão sempre a acarinhá-los porque o pouco tempo que estão com eles é tão pouco, tão pouco, que eles tentam saborear o pouco que têm com os netos, mas eu acho que é muito importante” (Mãe rural 7).

“Para mim são o pilar, acho que sim, eu agarro-me muito aos meus pais e aos meus sogros, sei que posso contar com eles em qualquer altura, tenho muito medo que eles partam. No dia em que isso acontecer, na altura em que chegar, tenho medo, porque são o meu porto de abrigo” (Mãe rural 14).

“São importantes porque é assim, pela idade que têm não é, sabem muito mais do que nós, apesar de nós, como somos mais novos, agora dou mais valor do que se calhar dava há quinze anos atrás ou há vinte anos atrás, porque ouvimos mais, porque já temos outra maneira de pensar e já vimos que eles, pelo conhecimento que têm, nos transmitem algumas coisas” (Mãe rural 19).

“É bastante importante, porque nós podemos descansar com as crianças, podemos cuidar e ter confiança nas pessoas que gostam deles também” (Mãe urbana 1).

“É assim, há avós e avós, porque há as avós que estragam de mimos e há as avós que são retos, como o caso de minha mãe, não há aquele coitadinho, não ralhes ao menino, não, tem que se ralhar na altura e chamar à atenção na altura. No meu caso tanto o meu pai como a minha mãe são retos nisso, não há cá paparicos dos avós que estragam mais. Isso depende dos avós” (Mãe urbana 2).

“A minha sogra quando está connosco tem uma componente que os miúdos adoram, que é a componente lúdica. A minha sogra tem uma simplicidade, tem uma abertura fácil. Senta-se no chão a brincar com os miúdos e disputa os jogos com os miúdos. Os miúdos adoram ter um companheiro, especialmente um companheiro com um grau de inteligência diferente, que disponibilize solucionar problemas que eles às vezes não conseguem solucionar quando estão a jogar. A minha sogra tem essa capacidade de se abstrair de tudo o resto e de brincar muito com eles. Se for preciso vai para a casinha, enfia-se lá dentro da casinha com eles e faz os jogos que eles quiserem. Se é para jogar ao Micado é ao Micado, se é ao Monopólio, é ao Monopólio e ela conhece esses jogos todos, o que é ótimo, pronto, a minha sogra resumindo, é isto. A minha mãe vai um bocadinho para além disso. A minha mãe, neste momento tem uma importância extrema na formação dos meus filhos. Não só na componente lúdica e também não é, porque presentemente tem tanto à vontade para brincar com eles nesse sentido, mas tem uma componente mais formativa, tem a ver com os princípios, com a parte moral, com as regras de estar, de estar em família e de estar em sociedade, a minha mãe fá-los cumprir coisas muito básicas. Muitas vezes é a ponte entre os pais e os miúdos. Para lhe dizer que a Matilde teve agora há pouco tempo, uma situação não muito positiva. Foi um bocadinho insolente e foi até um bocadinho inconveniente. A minha mãe é que fez a ponte com ela, entre mim e a Matilde, porque nós já estávamos completamente de desavenças as duas e as coisas estavam pesadas. Portanto, a minha mãe tem uma importância extrema, não só na formação deles, enquanto pessoas não é, porque a ajuda a criarem regras; vamos arrumar isto, vamos arrumar aquilo. Portanto eu acho que ela devia ser ainda um bocadinho mais exigente, à semelhança daquilo que foi comigo, porque a minha mãe não é tão exigente com os meus filhos como foi

comigo. Isso não há, não há comparação alguma, mas enfim, mas agora temos de pôr a mesa, ter que lavar isto, agora venha cá, venha cá fazer isto, venham ajudar a avó, venham, agora vamos arrumar porque a mãe está quase a chegar, ou o pai está quase a chegar e as coisas têm de estar arrumadas e também, quando eles têm alguns problemas e às vezes dou com eles a confidenciarem com a avó, isto, aquilo, aqueloutro, que não se passou bem e portanto ela tem, ela está muito presente na vida deles” (Mãe urbana 5).

“Para mim é muito importante. Para já eles fazem parte da família, das nossas coisas, não é? Porque não estamos sempre tão perto, porque é uma questão de dar um pulinho e vamos lá. Nós estamos aqui todos perto e traz muita coisa boa, trás muita aprendizagem, trás boa disposição, trás histórias diferentes. Eu lembro-me muito do meu pai, quando a gente está a almoçar, ou assim quando estamos um bocadinho, lá vem uma história que eles fartam-se de rir e acham afinal que o avô era uma peste do pior. Estás tu a falar de mim, quando eu ralho com qualquer coisa, há não pode ser e então e lembras-te do que o avô fazia, ou do que o avô era, lembras-te daquela historia de ele ir despejar não sei o quê e de furar o pneu do não sei quê. Pronto é um bocadinho de tudo aquilo que eles têm que viver. A minha mãe e a minha sogra começam a puxar por eles, complementam com um amor diferente. Eu vejo que o avô é para estragar, eu também vou estragar os meus netos, não quero saber disso para nada, o avô é para estragar. É pá, desde que não vão contrariando muito aquilo que eu acho que é importante para eles, eles têm que mimar mais, eles estão naquela fase da vida deles, que eles têm que dar tudo o que têm que dar. Portanto, a gente não pode nem ficar chateados, nem ofendidos, porque aquilo também não vai muito em contra. Eles sabem que somos nós que pomos as regras, os pais, não é? Sabem que ali têm um carinho, acho que também fiz isso com os meus avós, também com uma avó minha que estendia a asa, não faças isso aos meninos, portanto adorava-a, ela era fantástica, eu também acho que é fantástico os meus filhos sentirem isso não é? Sentirem que vão para o pé do avô Zé e ele abraça, porque coitadinho do menino, também é assim coitadinho, pronto eles têm que sentir isso, acho que é importantíssimo, não vejo nada contra isso e não me incomoda nada” (Mãe urbana 6).

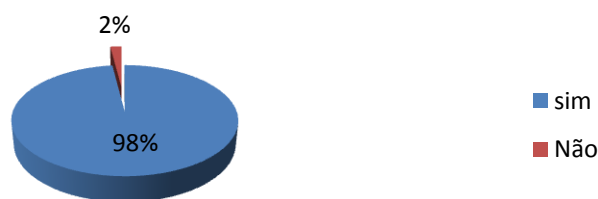
Ao analisar o conteúdo das entrevistas, é ressaltada a importância das relações de afeto, que as mães evidenciam nos seus pais em relação aos seus filhos. Apesar de

também referirem que os avós são um recurso importante para o equilíbrio das suas vidas, a afetividade e cumplicidade entre avós e netos teve mais relevância, assim como a educação transmitida pelos avós às crianças. Evidenciam a chamada “relação açucarada” que tem este nome precisamente, pela grande cumplicidade entre as crianças e os familiares mais velhos. Estas conclusões vão de encontro do que refere Ramos, (2004, b, p.184): *“Para um desenvolvimento saudável, as crianças necessitam de um ambiente favorável e de apoio, desempenhando os adultos, em particular os pais, os avós e a família em geral, um papel fundamental ao nível da saúde dos seus membros, das suas necessidades físicas e materiais, mas também das suas necessidades psicológicas”*.

7.3.1 – Importância que tem para as mães, os cuidados dos avós aos seus filhos

Analisaremos de seguida os dados obtidos nos questionários, tal como referido anteriormente, sobre a importância para as mães, dos cuidados prestados pelos avós aos seus filhos.

Gráfico nº 164 - As mães consideram ou não importantes os cuidados dos avós aos seus filhos



A maioria das mães referiu, que achavam importantes os cuidados prestados pelos avós aos seus filhos, perfazendo 98% do total das respostas. Apenas uma mãe referiu não achar importante, (2%).

Gráfico nº 165 - As mães rurais consideram ou não importantes os cuidados dos avós aos seus filhos

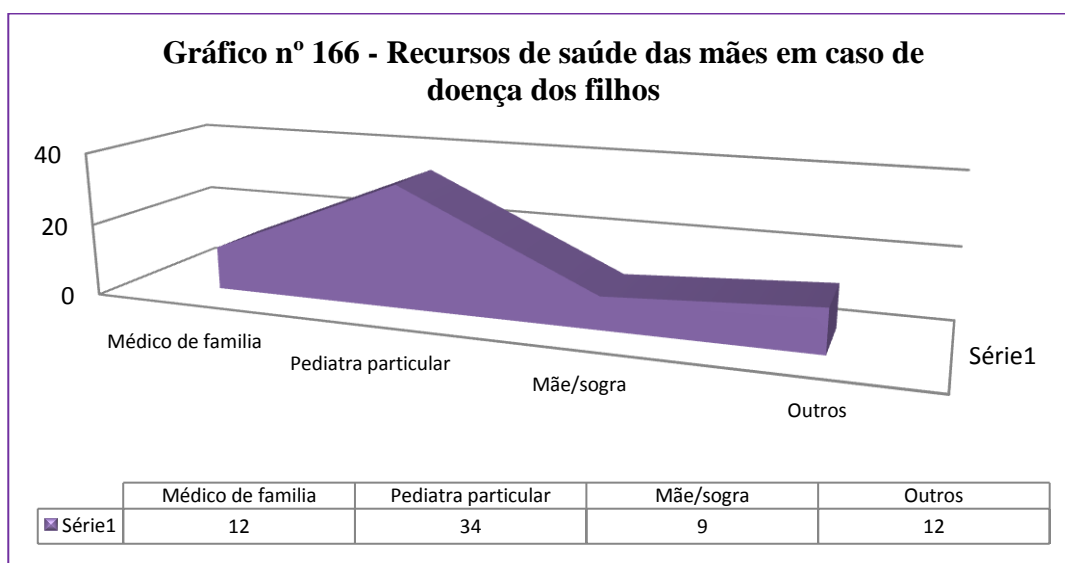


Verificamos que 96% das mães que vivem em contexto rural, referem que são importantes os cuidados pelos avós aos seus filhos e apenas uma mãe referiu que não achava importante, (4%).

Todas as mães urbanas referiram considerar importantes os cuidados dos avós aos seus filhos, com 100% das respostas dadas, não sendo por isso necessário a apresentação de gráfico.

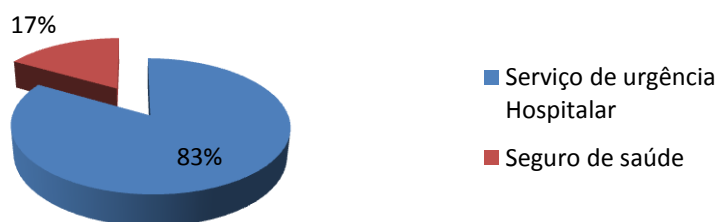
7.4 – RECURSOS DE SAÚDE E CUIDADOS INFANTIS

Iremos analisar de seguida, que recursos de saúde são utilizados pelas mães em caso de doença dos seus filhos e a importância destes



Em caso de doença dos filhos, a maioria das mães recorrem ao pediatra particular com 34 respostas. Em igualdade de respostas (12), está o recurso ao médico de família e o item “*outros*”, que iremos ver de seguida; 9 mães referiram recorrer às suas mães/sogra.

Gráfico nº 167 - Outros recursos de saúde das mães



No item “*outros*”, 10 mães responderam que utilizavam o Serviço de Urgência Hospitalar perfazendo 83% do total das respostas e 2 mães referiram ter seguro de saúde, perfazendo 17% das respostas.

Iremos de seguida analisar os dados das entrevistas para a mesma problemática.

Quadro nº 61 – Quadro referente aos recursos de saúde utilizados pelas mães

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Recursos de saúde utilizados pelas mães rurais	Urgência hospitalar	12
		Pediatra particular	16
		Centro de Saúde	5
	Recursos de saúde utilizados pelas mães urbanas	Centro de Saúde	2
		Seguro de saúde	2
		Urgência Hospitalar	14
		Pediatra particular	18

Pela leitura do quadro nº 61 e pela análise das entrevistas, verificamos que as mães rurais utilizam os seguintes recursos de saúde, quando os seus filhos estão doentes: pediatra particular, (16), urgência hospitalar, (12) e centro de Saúde (5).

Os recursos de saúde utilizados pelas mães urbanas foram os seguintes: pediatra particular, (18), urgência hospitalar, (14), Centro de Saúde, (2) e a utilização de um seguro de saúde, (2).

Também questionámos as mães, sobre a resposta dos serviços de saúde na comunidade e a qualidade dos mesmos, assim como os recursos utilizados em caso de doença dos seus filhos.

“Eu utilizava o médico de família, mas agora vou para um pediatra por causa de isto tudo se ter passado. Ele esteve internado e teve as febres; vou para um pediatra, mas porque os meus sogros e os meus pais possibilitam o pagar a consulta no pediatra, porque senão não podia” (Mãe rural 1).

“Não, por isso é que eu prefiro ir logo para Santarém; aqui não há análises, não há, pronto, eu vou mais para Santarém”. “Eu por acaso agora não tenho utilizado o pediatra particular, vou logo a Santarém” (Mãe rural 3).

“Eu costumo recorrer ao pediatra porque, pronto, parece que estou mais segura. Normalmente, recorro sempre a um pediatra, porque acho que estou mais segura do que recorrer aqui ao Centro de Saúde, no médico de família, porque acho que um pediatra tem muito mais a ver com uma criança. Não quer dizer que estes não saibam, mas eu sinto-me mais segura com um pediatra do que com o nosso médico de família, recorro sempre ao pediatra, normalmente” (Mãe rural 4).

“Às vezes, tentava ir ali à médica de família, quando não conseguia, ia ao pediatra particular, tinha de ser” (Mãe rural 19).

Em relação às mães urbanas referiram o seguinte:

“Aqueles consultas de rotina, das doenças, dores que devem vir agora com os três anos, eu tenho um seguro de saúde e vou a um médico particular. Agora quando são aquelas situações de urgência, dirijo-me ao hospital público (...) Eu não vou com o meu filho a uma urgência se ele tiver febre, eu espero até descer a febre, mas se tiver três ou quatro dias seguidos de febre eu tenho lá médico no serviço de urgência e já sei, se tiver febre tenta-se resolver primeiro em casa. Se for primeiro á urgência certamente vai piorar, porque vem com uma constipação ou com uma virose e é o pior sítio para se estar é numa urgência de um hospital ” (Mãe urbana 2).

“Se tenho, se tenho algum problema de saúde, embora seja funcionária pública, tenho que recorrer ao pediatra e tenho que pagar como tal, não é? Para além disso,

recorro ao serviço de urgência, como a maioria das pessoas que não têm médico de família, pela brevidade, pelos conhecimentos que tenho lá, não é e pela facilidade com que nós nos dirigimos ao serviço de pediatria” (Mãe urbana 5).

“Eles são acompanhados, eles têm pediatra deles, nós tínhamos seguro de saúde e pronto, às vezes também a médica de família, porque eu precisei de ir ao Centro de Saúde e ela acabou por ser uma pessoa da minha confiança” (Mãe urbana 6).

Constatamos que o pediatra particular é o recurso mais utilizado pelas mães. Segue-se as urgências hospitalares nas situações de saúde de evolução rápida, porque os cuidados de saúde primários não dão resposta segundo as mesmas.

Quadro nº 62 – Quadro referente à resposta dos serviços de saúde na comunidade

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Os serviços de saúde na comunidade rural são ou não suficientes	Insuficientes	3
		Não tem razão de queixa	9
		Deviam de dar uma resposta mais rápida	14
	Os serviços de saúde na comunidade urbana são ou não suficientes	Suficientes	5
		São suficientes mas têm maus funcionários	2
		Não dão resposta adequada	18

Pela leitura do quadro nº 62 e pela análise das entrevistas, verificamos que a maioria das mães rurais, afirmam que os serviços de saúde na comunidade deviam de

dar uma resposta mais rápida (14) e apenas 3 afirmam que são insuficientes. Neste grupo de mães rurais, 9 afirmam que não têm razão de queixa em relação aos cuidados de saúde prestados na comunidade.

No grupo das mães urbanas, a maioria (18) refere que os serviços de saúde na comunidade, não dão uma resposta adequada às suas necessidades de saúde e 5 afirmam mesmo que são insuficientes. Houve referência de 2 mães a bons recursos e instalações dos serviços de saúde locais, mas estes têm maus funcionários.

O primeiro testemunho é de uma mãe, que tal como podemos analisar no quadro anterior, utiliza o pediatra particular, pela situação de saúde do seu filho ser mais delicada e porque os seus pais e sogros financiam essas consultas, mas tem uma opinião neutra, em relação aos serviços de saúde locais.

“É assim, eu já apanhei gente boa e gente má. É assim, nunca tive razão de queixa. Só tenho razão de queixa de um médico, que me atendeu mal e eu ainda hoje estou á espera que ele me ligue para marcar uma consulta para eu ter o meu filho, que tem agora cinco anos e dois meses. Acho que há coisas más e há coisas boas, é assim, eu tenho muita confiança nas pessoas que têm o meu filho, até ao dia de hoje não tive razão de queixa” (Mãe rural 1).

“Não, por isso é que eu prefiro ir logo para Santarém; aqui não há análises, não há Raio X , não há nada. Pronto, eu vou mais para Santarém, só que como a vida está, temos de gerir um bocadinho não é, enquanto o Tiago puder ir lá, vai. Aqui é tudo mais lento, tinha de fazer as análises num dia, só no outro é que estavam prontas, a resposta devia de ser mais rápida” (Mãe rural 3).

“Não tenho razão de queixa. O nosso Centro de Saúde até está muito bom, mesmo assim não é dos piores. Há piores, acho eu” (Mãe rural 4).

“Não, não são nada suficientes, nada suficientes. O Centro de Saúde cada vez está a dar menos resposta. O meu filho está doente, tenho de ir para lá às tantas da manhã e não consigo apanhar consulta, tenho que me virar para a urgência. Quando chego à urgência, às vezes faço-me preocupada, tenho que recorrer mesmo para Santarém, tenho que ir mesmo à pediatria para Santarém, tem mesmo de ser. (...) Não, já deixaram de ter essa prioridade, mesmo uma criança agora de cinco anos, que é o caso desta mais pequenina, tenho que ir para lá às seis da manhã ou o pai, apanhar

consulta, porque já não têm essa valia que dantes tinham e agora já não têm.” (Mãe rural 7).

“Não é por não ter tido resposta. Ela desde logo, em recém-nascida, fui ao pediatra com ela e fui ali às consultas normais. O que eu fazia aqui no Centro de Saúde era ir pesá-la, as vacinas, quer dizer, não tenho razão de queixa, não é? Mas nunca recorri muito ao Centro de Saúde para consultas. São aquelas coisas normais. Ela graças a Deus tem sido sempre saudável não é? Mas ia pesá-la porque lá está, não é? Ela sempre engordou bem, não é aquela criança que não desenvolvesse o suficiente, mas acho que sei lá, tinha aquela curiosidade de ir pesá-la todas as semanas, medir, mas pronto, não é que eu tenha razão de queixa ali do Centro de Saúde, não tenho, não é isso, só que eu mesmo, se calhar, nunca recorri muito porque tinha a opção do pediatra” (Mãe rural 14).

“É assim, sempre que eu precisei estiveram lá, pronto. Poderiam ser mais, porque nós temos poucos médicos de família, mas eu, pessoalmente não tenho tido razão de queixa” (Mãe rural 19).

“Os serviços de saúde relativamente aos meus filhos foram bons, o funcional” (Mãe urbana 1).

“É assim, eu acho que são suficientes. As instituições em si são suficientes, o problema são as pessoas que trabalham nelas. As pessoas é que fazem as boas ou más instituições. Eu estou muito contente com o hospital que frequento, mas não estou contente com o meu Centro de Saúde e no entanto, são do mesmo País, do mesmo Ministério, mas o Centro de Saúde simplesmente não funciona. Como sabe, há administrativo e não há médico, não funciona e no hospital onde me dirijo, tanto nas urgências como nas consultas de otorrino, onde ele é seguido, não tenho nada a dizer. Isto vai das pessoas que fazem as boas ou más instituições, isto é o normal, por um Centro de Saúde não funcionar como deve ser e eu estou farta de preencher o livro de reclamações” (mãe urbana 2).

“O Centro de Saúde, que devia de ser a primeira opção, mas neste momento tenho médico de recurso, portanto não tenho opção em concreto, não é? Uso só para fazer vacinação” (Mãe urbana 5).

“No Centro de Saúde só tenho que dizer bem. A minha médica de família é espetacular, é a doutora Olinda, tudo o que eu precisei até hoje, não tenho nenhuma

razão. Desde sempre que eu precisei de ir ao Centro de Saúde, porque ela acabou por ser uma pessoa da minha confiança e sempre que eu precisei dela, ela sempre me auxiliou e não tenho nada a apontar, só tenho de dizer bem. Mesmo pelo telefone, ela mesmo na altura em que era complicado marcar consulta, eu telefonava-lhe, explicava-lhe o que é que queria, ela mandava-me passar lá” (Mãe urbana 6).

“Se o meu filho estiver doente, eu não posso ficar à espera de uma consulta no Centro de Saúde para ele. Se tivéssemos consulta, nem que fosse no dia a seguir, mas as coisas estão mal organizadas e só se houver desistências e para isso, temos de ir para lá muito cedo. Por isso é que eu só uso para fazer as vacinas, mas praticamente para mais nada” (Mãe urbana 14).

“Centro de Saúde? Não. Não, só para as vacinas mais nada. Nós nem temos médico de família, acho que é um médico de recurso, por isso, como é que eu posso utilizar uma coisa que não dá resposta às minhas necessidades? “ (Mãe urbana 21).

Em relação aos Centros de Saúde, verificamos que muitas mães, apesar de referirem que não têm razão de queixa desses serviços, apontam como causa de não utilização, a resposta desadequada às suas necessidades.

Referem lentidão nas respostas, especialmente na obtenção de consultas e na realização de meios complementares de diagnóstico.

Utilizam os serviços de saúde na comunidade, para consultas de rotina, vigilância das crianças e vacinação.

Algumas mães, referiram ter tido boas experiências com esses serviços e utilizam-nos como primeira escolha, mas a maioria referiu utilizar os pediatras particulares e os hospitais, especialmente os serviços de urgência pediátricos.

7.4.1 – Importância dos saberes adquiridos nos serviços de saúde e os transmitidos pelas mães/sogras e outras pessoas.

Em relação á importância dos saberes adquiridos sobre cuidados infantis pelas mães, quisemos saber se eram mais importantes, os que eram transmitidos pelas mães /sogras ou os transmitidos pelos profissionais de saúde, especialmente para os cuidados diários aos bebés.

Quadro nº 63 – Quadro referente à maior ou menor importância, dos saberes adquiridos pelas mães nos serviços de saúde e pelas mães/sogras

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Os saberes adquiridos nos serviços de saúde pelas mães rurais, são mais ou menos importantes que os saberes transmitidos pelas mães/sogras	São ambos importantes	4
		São mais importantes, os da mãe/sogra	16
		São mais importantes, os dos profissionais de saúde	5
	Os saberes adquiridos nos serviços de saúde pelas mães urbanas, são mais ou menos importantes que os saberes transmitidos pelas mães/sogras	São ambos importantes	7
		Mais importantes, os dos serviços de saúde	6
		São um complemento	4
		São mais importantes, os da mãe/sogra	8

Pela leitura do quadro nº 62 e pela análise das entrevistas, a maioria das mães rurais (16), afirmam que os saberes adquiridos pelas suas mães e sogras são mais importantes do que os saberes adquiridos pelos profissionais de saúde. Neste grupo de mães rurais, 4 afirmam que são ambos importantes e 5 afirmam que são mais importantes os ensinados pelos profissionais de saúde.

No grupo das mães urbanas, verifica-se que 8 mães afirmam que são mais importantes os ensinados da sua mãe e sogra, 7 afirmam que são ambos importantes, 4 afirmam que são um complemento aos saberes já adquiridos e 6 afirmam que são mais

importantes os ensinamentos adquiridos nas unidades de saúde e transmitidos pelos profissionais de saúde.

O primeiro testemunho, relata a experiência de uma mãe e a sua interação com a sua mãe/ sogra e as unidades de saúde, prevalecendo no fim a sua tomada de decisão.

“É assim, eu faço tudo o que me dizem no Centro de Saúde, mas por exemplo, quando telefono e acho que não é o indicado, vou lá perguntar à minha sogra ou à minha mãe os conselhos. Conforme o que elas me dão, recorro ao que eu acho que é o mais adequado, mas por exemplo, eu telefono para a saúde 24 e eles dizem: ah se calhar não é preciso ir ao centro de saúde e a minha sogra diz assim: olha que já é 38 e depois ficas lá, é melhor a gente ir aí ter, pronto. E eu venho. Eu ouço o que me dizem nas duas partes e depois faço o que eu acho melhor” (Mãe rural 1).

“Ambos, apesar de no hospital me darem todas as informações, havia sempre qualquer coisinha que faltava que a minha mãe e a mãe do meu marido me transmitiam: olha, não faças assim, faz antes assim. Depois via que era isso” (Mãe rural 3).

“Os dos profissionais de saúde são sempre mais importantes, estamos muito mais à vontade, eles estudaram para isso mesmo (...) Ah, isso os avós são muito mais importantes, até às vezes acho que se eu for pelos médicos, eles até são exagerados nesse sentido e se a gente for pelos pais, eu acho que não há perigo nenhum e resolve-se tudo na mesma maneira” (Mãe rural 4).

“Posso dizer que a pediatra do meu João e do meu Simão foi uma pessoa que sim, ensinou-me bastante, pelo menos a reagir quando há estados febris, porque na primeira febre ficamos logo muito preocupados. Ela não, sempre me deu muita tranquilidade, daí, este menino então, acho que ele nem sabe o que é estar no hospital, o irmão não, o irmão sabe. Mas não, ela era uma pessoa extraordinária” (Mãe rural 5).

“Eu acho que tudo é importante. É importante porque muitas vezes elas são capazes de ver por exemplo, quando ela era mais pequenita, às vezes ou porque mexia mais na orelha e nós não dávamos por isso, olha que ela é capaz de estar com uma otite porque ela anda sempre a mexer. Pronto às vezes chamava a atenção para esse tipo de coisas” (Mãe rural 19).

Em relação às mães urbanas, registamos as seguintes experiências:

“Primeiro os ensinamentos dos serviços de saúde, embora os ensinamentos da minha mãe e sogra também foram importantes por causa da experiência que elas tinham” (Mãe urbana 1).

O próximo testemunho relata as divergências, entre o saber dos profissionais de saúde e a experiência da avó materna, que originou um conflito entre avó/mãe.

“Como bem sabes, a subida de leite no primeiro filho não é logo e já, implica algum tempo e os miúdos têm fome. Eu lembro-me que fui à consulta após cinco dias e fomos saber o teste do pezinho e do diagnóstico precoce e então, eu levei assim um raspanete do Pediatra, o Doutor Rómulo Gonçalves, que disse se eu queria brincar ou não às mãezinhas que davam leite materno. Então disse-me que independentemente de ela chorar um dia inteiro ou uma noite inteira, isso na opinião dele, ela não deveria de fazer suplemento, deveria fazer leite materno exclusivo, que era para eu poder conseguir ter uma boa subida de leite o mais rapidamente possível. Se isso se estava a tornar um problema, era porque eu não estava a conseguir fazer essa subida de leite e eu lembro-me que nesse dia o Pedro foi trabalhar, fez noite e eu fiquei sozinha com a minha mãe. Foi os tais ditos quinze dias que ela lá esteve. Então a Matilde fez gala de fazer reconhecer à vizinhança inteira, eu acho que não houve uma única casa que não tivesse ouvido a Matilde a chorar naquele dia, que existia. Então gritava desalmadamente e eu punha-a ao peito e ela gritava desalmadamente e eu lembro-me que a minha mãe às páginas tantas e eu, tenho uma firmeza como tu bem conheces, é aquela firmeza se é para cumprir e eu lembro-me da minha mãe irromper pelo quarto dentro e dizer: tu não tens consciência nenhuma, tu não tens amor nenhum a essa criança. Tal não era o desespero de a ouvir chorar durante o dia e na noite. Se não tem mais nada para me dizer, saia imediatamente do quarto. No dia seguinte estávamos cada uma para seu lado, não é, e é esse tipo de ajudas que não ajudam nada percebes? Isto na altura tomou proporções dramáticas e tivemos para aí um dia sem nos falarmos, porque toda a gente estava alterada, porque era tudo a primeira vez e porque as coisas estão de maneira diferente e ninguém estava a saber lidar muito bem com as diferenças e pronto, era um bocadinho o tatear do projeto de ser mãe e do projeto de ser avó, mas desde sempre tem havido outras coisas, porque eu não poupo a minha mãe dos meus comentários, do mesmo modo que a minha mãe não se cuida de dizer assim umas daquelas bem grandes, mas temos um relacionamento bastante agradável, quando não

estamos a discutir as duas, que é frequente, quando tu bem pudestes presenciar há bocado, mas pronto é a pessoa, é assim, é a pessoa que está mais presente, é aquela pessoa que mais confiança tenho, mas não deixa de haver alguns berbicachos entre nós as duas” (Mãe urbana 5).

“É um complemento, pronto. É assim, em termos de apoio, claro que foi a minha mãe e a minha sogra não é? Porque se calhar se nós comparamos Portugal com outros países, nós estamos a leste porque se nós formos para Inglaterra, que eu hoje tenho lá a minha irmã e as minhas duas sobrinhas que tiveram agora bebês e a irmã já tem oito anos, não tem nada a ver. Deslocam-se a casa e acompanham a mãe em casa. Isto é a sociedade que nós temos e que nós criamos e não podemos ir contra ela. Por isso é que eu acho que é um bocadinho um complemento, não é? Elas lá acabaram por ter aquilo que os meus pais e a minha sogra me deram cá. Eles lá não têm, porque é uma sociedade um bocadinho diferente e mais distante, porque é a enfermeira que vai explicar como é que põe no peito, como é que faz assim, nós não, é os pais, são os avós. Não é que vão explicar como é que põe no peito, como é que não põe, a dor de barriga a gente faz assim, lá não, vai a enfermeira todas as semanas fazer isso a casa, que eles também não têm quem os acompanhe lá. Há uma distância maior familiar e aqui acaba isso, porque acaba por ser complementar pela própria família. É assim e não acho, acho que as duas coisas se complementam, com o apoio dos médicos no Centro de Saúde e em casa, com os saberes que elas têm e que nos transmitem” (Mãe urbana 6).

“ Os da minha mãe. Quando nasce o nosso primeiro filhos, somos bombardeadas com tantas coisas, que quando chegamos a casa esquecemo-nos de tudo e se não fosse a minha mãe e a minha sogra, eu estava tramada. Nós ficamos tão debilitadas, que não podemos ficar sozinhas em casa nos primeiros dias” (Mãe urbana 19).

Podemos constatar que para as mães, ainda hoje, os saberes transmitidos pelas suas mães e sogras são muito importantes para poderem cuidar dos seus filhos, especialmente nos primeiros meses de vida, ou quando as crianças são pequenas. Referem que as experiências que as avós têm, ajudam-nas a solucionar problemas imediatos e transmitem-lhes segurança.

Em relação às outras pessoas, ou seja, outros familiares ou colegas de trabalho, analisaremos se essa partilha de saberes também é importante para as mães, quando os seus filhos estão doentes.

Quadro nº 64 – Quadro referente à importância dos saberes de outras pessoas para as mães

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Importância dos saberes de outras pessoas para as mães rurais	Foram importantes	17
		Pouco importantes	8
	Importância dos saberes de outras pessoas para as mães urbanas	Nenhuma importância	6
		São importantes	19

Pela leitura do quadro nº 64 e pela análise das entrevistas, observa-se que para a maioria das mães rurais, (17), os saberes das outras pessoas foram muito importantes para si e 8 afirmaram que esses saberes foram pouco importantes.

No grupo das mães urbanas, a maioria (19), também considerou os saberes e experiências das outras pessoas importantes para si e apenas 6 mães urbanas, referiram ser pouco importantes.

“É assim, perguntei quando estava grávida e me disseram que era cesariana, eu a toda a gente perguntei se a epidural custava muito. A cesariana custa muito? E eu fiquei aterrorizada, não havia uma pessoa que me dissesse, olha a minha correu bem. Olha, depois esquece-se tudo, depois esquece isso. Mas eu pergunto muito e como tenho uma prima que teve bebé na mesma altura que eu, são dezanove dias de diferença, a gente fala muito, porque os médicos são diferentes e a gente debate muito o que um diz, o que o outro diz” (Mãe rural 1).

“Sim também, a madrinha do Tiago, também houve muitas vezes que nos ajudou e disse como é que devia de fazer” (Mãe rural 3).

“Eu acho que sim. Se alguém tiver e fale comigo olhe, sou capaz até, pronto se ele estiver na mesma situação, ouvir o caso; não quer dizer que faça igual, mas posso ter mais uma ideia e recorrer a esse sítio” (Mãe rural 4).

“Sim, quando foi do João ele tinha muita sinusite e teve muitas bronquiolites, chegou a estar internado em Santarém várias vezes; é assim, apareciam lá muitos pais, que me davam, eu era muito nova, nem tinha vinte e três anos e ver ali um bebé de mês e meio ligado a soro, para mim foi um trauma muito grande e havia pais que diziam, não se preocupe, ele vai ficar bom. É muito importante, a gente ouvir uma palavra de apoio de alguém” (Mãe rural 7).

“As minhas amigas também eram poucas as que tinham filhos. Eu tinha filhas mais velhas, se calhar elas é que recorreram mais a mim, acabei por não recorrer se calhar assim a ninguém, pelo menos que eu me lembre, penso que não” (Mãe rural 14).

“Sim, isso também ajuda bastante. Eu tenho uma colega que ela, pronto tem duas filhas e acho que sabe tudo. Quando nós não sabemos alguma coisa perguntamos-lhe a ela; consegue estar ali e ver o que é que se passa” (Mãe rural 19).

As mães urbanas revelaram o seguinte:

“Por vezes até complicam, é melhor não ouvir outras pessoas” (Mãe urbana 1).

“Do grupo fui a primeira a ter filhos, portanto, ele é o mais velho. A experiência mais importante foi a da minha irmã, não é? Porque é dez anos mais velha do que eu e eu, com doze ou treze anos, foi quando nasceu o meu primeiro sobrinho, agora as minhas colegas não” (Mãe urbana 6).

“Eu uma vez, vi-me numa situação quando o meu filho tinha seis meses, que numa semana fui com ele oito vezes à urgência e à oitava vez bati o pé, ou me resolviam a situação ou que não saía dali e fui um bocado incentivada pelas colegas” (Mãe urbana 2).

“Praticamente sempre trabalhei em pediatria, portanto, a partilha entre nós colegas que têm os filhos da mesma idade é constante e há sempre um pormenor ou outro, que um pediatra, porque cada criança tem uma particularidade que às vezes nos desperta para as diferenças, se bem que eu sempre fui de discutir muito, porque eu tenho muita confiança com a pediatra aqui em questão e sempre fui de seguir muito a

pediatra dos miúdos, mas há sempre pequeninos pormenores que às vezes fazem a diferença e essa partilha existe e às vezes, saber diferente também possa existir. Portanto é bom partilhar com elas” (Mãe urbana 5).

A partilha de experiências entre colegas ajudou a maioria das mães, quer rurais quer urbanas. Essa ajuda foi importante para algumas mães, na sua tomada de decisão em relação á doença do seu filho. Comparando experiências, quer positivas quer negativas, ajudou as mães a encontrar um ponto de equilíbrio, para poderem atuar nas situações de saúde dos seus filhos.

Poucas mães referiram que essa partilha não tinha importância e algumas referiram até que como tinham os filhos mais velhos, foram elas as transmissoras dessas experiências.

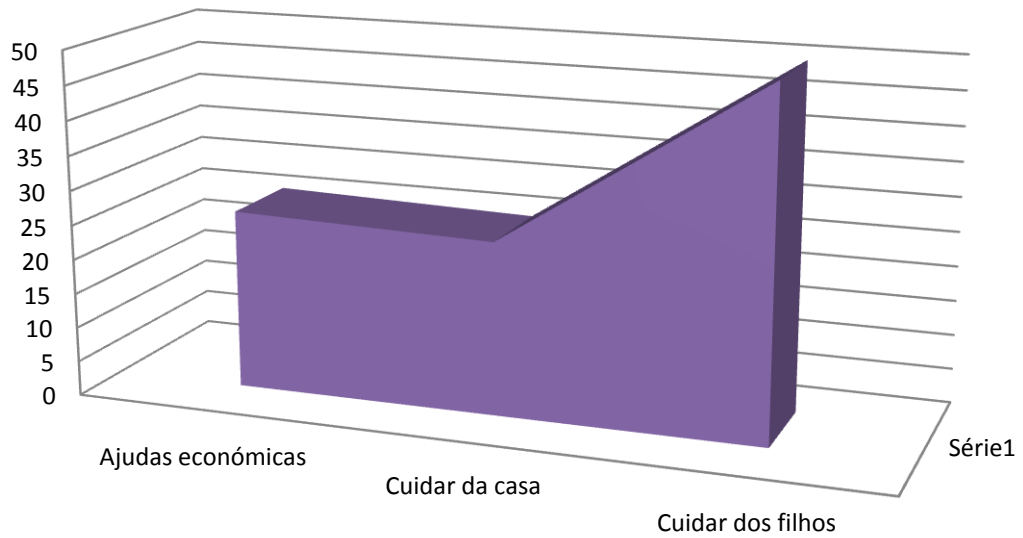
7.5 – AJUDAS DOS ESPOSOS E DOS AVÓS ÀS MÃES

Analisaremos de seguida e em primeiro lugar, que tipos de ajudas os avós dão às mães e em segundo lugar, as ajudas dos esposos, numa análise de género.

7.5.1 – Tipos de ajudas dos avós

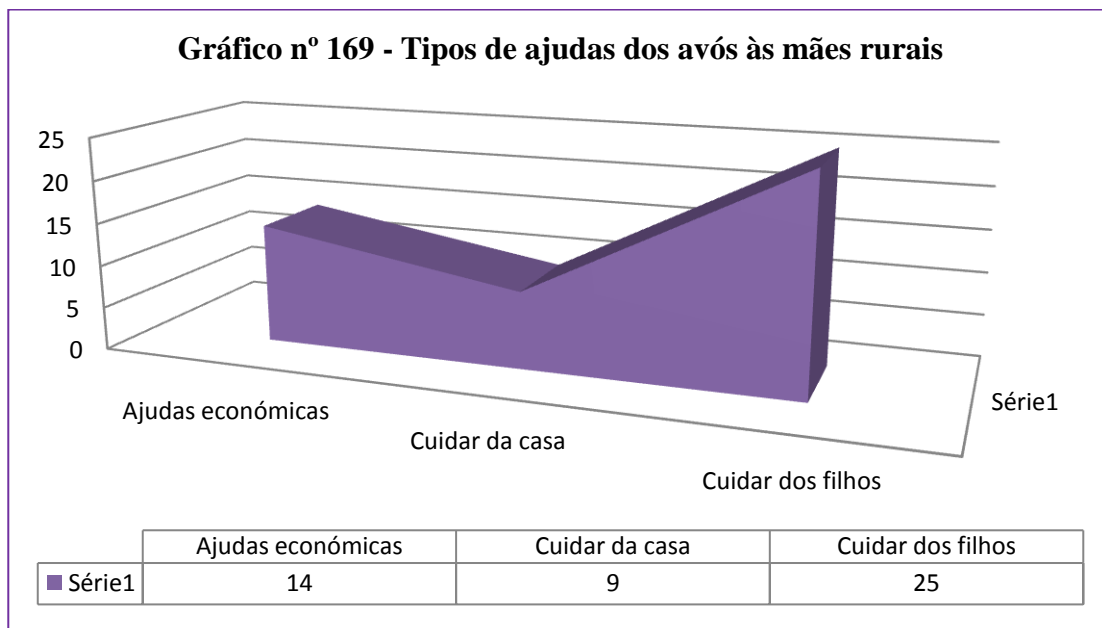
De seguida iremos verificar que tipos de ajudas dão os avós aos netos, aos pais, ou seja, à família em geral.

Gráfico nº 168 - Tipos de ajudas dos avós às mães

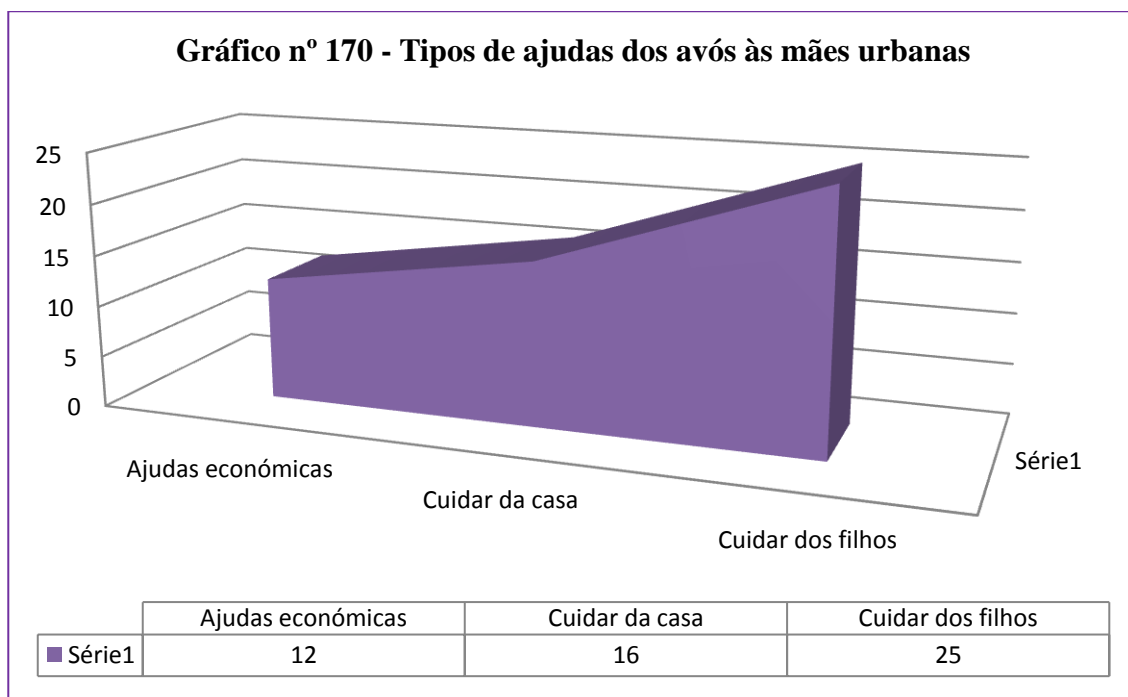


	Ajudas económicas	Cuidar da casa	Cuidar dos filhos
■ Série1	26	25	50

Todas as mães referiram que os avós ajudavam a cuidar dos seus filhos com 50 respostas; segue-se as ajudas económicas com 26 respostas e cuidar da casa com 25 respostas.



Nas mães que vivem em contexto rural, todas afirmaram que os avós ajudavam a cuidar dos seus filhos com 25 respostas, mas as ajudas económicas com 14 respostas, prevaleceram sobre o cuidar da casa com 9 respostas.



Apesar de todas as mães referirem que os avós ajudam a cuidar dos seus filhos, com 25 respostas, o cuidar da casa vem a seguir com 16 respostas e por último as ajudas económicas com 12 respostas.

Iremos analisar de seguida as entrevistas sobre esta temática.

Quadro nº 65 – Quadro referente aos tipos de ajudas que dão os pais/sogros às mães

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
RELAÇÕES FAMILIARES	Tipos de ajudas que dão os pais/sogros às mães rurais	Todas as ajudas	8
		Géneros alimentícios	7
		Cuidar dos netos	14
	Tipos de ajudas que dão os pais/sogros às mães urbanas	Cuidar dos netos	16
		Todas as ajudas	5
		Géneros alimentícios	4

Pela leitura do quadro nº 65 e pela análise das entrevistas, verificamos que a ajuda dada pelos pais/sogros às mães rurais mais referenciada, foi o cuidar dos netos, (14). Todas as ajudas foi referenciado por 8 mães rurais e ajuda em géneros alimentícios por 7 mães.

No grupo das mães urbanas, o cuidar dos netos também foi a ajuda mais referenciada, (16), seguindo-se todas as ajudas (5) e ajudas em géneros alimentícios, (4).

“É em tudo. Olhe a minha sogra, eu estou no hospital e a minha sogra vem cá todos os dias, a minha mãe vem cá todos os dias, a minha sogra vai lá ver se há roupa para lavar, porque o meu marido está em casa, ajuda-me em tudo, tudo, tudo. Ainda hoje cá vieram, passaram ali a uma loja, trouxeram uma prendinha, ajudam em tudo, tudo, tudo os meus sogros ajudam. Eles dão-me casa sem renda, eu não pago renda,

vivo numa casa independente dos meus sogros, mas pronto já eu não pagar renda é uma grande ajuda” (Mãe rural 1).

“Todas, desde económicas, tomar conta do Tiago quando eu vou trabalhar à noite e o Alfredo está fora e na educação também” (Mãe rural 3).

“Isso os meus pais ajudam muito, desde ficar com eles se for preciso, ir buscá-los à escola, dar o almoço, eles são essenciais nesse sentido. Se precisar de alguma coisa eles estão sempre ali” (Mãe rural 4).

“Só se eu precisar de os deixar com alguém, de resto não. Posso trazer umas hortaliçazitas de um lado, umas hortaliçazitas do outro, o que é que eles me podem ajudar mais? Lá nisso, acho que aquilo que eu precisar, se eu disser a um ou disser a outro, tenho as portas abertas e eles nos dão” (Mãe rural 5).

“A vida está muito complicada, ninguém consegue hoje em dia, mas se eu for pedir um prato de sopa para os meus filhotes, eu sei que eles estão lá prontos para isso, estão sempre meio disponíveis. Mas às vezes a gente também estamos a aprender a estar numa sociedade um bocado complicada e a gente ganha medo disso, mas se eu chegar ao pé dos meus sogros, ao pé dos meus pais a dizer que os meus filhos não têm um prato de comer, um pratinho de sopa, sei que eles estão sempre prontos para eles” (Mãe rural 7).

“Ajudam tal como o meu marido disse, dão-lhe o almoço todos os dias, se é preciso ir buscar a Beatriz a algum lado ou levá-la a algum lado, agora ele está um bocado adoentado, não é? Não tem tanta disposição, mas se é preciso ir levar se é preciso ir buscar, pois os meus pais é com os meus pais que eu conto. Se ela tem uma tarde livre, é para casa deles que vai” (Mãe rural 14).

Para as mães urbanas os avós foram importantes pelos seguintes aspetos:

“Os meus pais ajudaram imenso a criar os meus filhos. Ficavam com eles enquanto eu ia trabalhar e isso para mim foi excelente, foi uma mais-valia” (Mãe urbana 1).

“Tem muito cuidado, vai pô-lo à escola, vai buscá-lo quando eu estou ausente ou o meu marido, é ela ou o meu pai, mas de manhã, é sempre a minha mãe que o vai pôr, que o recolhe, faz a higiene pessoal dele, veste-o, dá-lhe o pequeno-almoço, arranja-lhe a mala e às vezes ao final do dia ainda o vai buscar. Substitui a mãe

muitíssimas vezes. E como trabalho como voluntária aos fins-de-semana, chega a estar aqui de sexta até ao domingo à noite” (Mãe urbana 2).

“Os meus sogros dão-nos uma ajuda pontual e é essencialmente monetária, porque gostam de presentear os miúdos na altura dos anos, no Natal e normalmente é uma ajuda monetária. Quando vêm cá, que não é tão frequente, trazem sempre um miminho, ou um brinquedo, ou um doce, porque eles gostavam. Agora estão a entrar naquela fase que já não ligam tanto a brinquedos e gostam de provar as iguarias lá da zona e então, há sempre uma coisinha para eles. Quando estamos de férias e se é férias por exemplo em Cantanhede, na zona da Tocha, quando eu chego a casa do avô do Pedro, eu tenho o frigorífico completamente abastecido e a mercearia também lá está toda, portanto e este é o tipo de ajuda que eles lhes dão. Os meus pais como estão mais presentes, dão uma ajuda tanto monetária, como de bens e materiais, não é? A tal história do cheque na altura da escola, no início da escola, o fazer questão de ir ao supermercado que é a peregrinação dos meus pais ao fim-de-semana, que nós já gozamos com eles, porque não há um único fim-de-semana que não haja uma peregrinação pela manhã ao supermercado, nem que seja para comprar pão e que entretanto atrás do pão vem um leite, vem umas bolachas, vem, sei lá, vem uns iogurtes, vem uma charcutaria mesmo que haja, isso tem que vir, porque nunca falhe, nunca é demais, nunca é demais e depois é naquela fase inicial das estações do ano, em que é preciso comprar uns sapatos, ou é preciso comprar uns ténis, ou é preciso comprar um kispo, ou um casaco de fazenda e que fazem questão de ajudar E já nem dão o dinheiro para a mão, porque podemos não o aceitar” (Mãe urbana 5).

“Ajudam no que podem, desde cuidar deles, na alimentação, alguma verdura, alguma fruta, estão sempre a dar-me coisas, uma sopa, uma carne, um peixe, enfim, ajudam naquilo que eles coitados podem” (Mãe urbana 21).

Ajudar a cuidar dos filhos é a maior referência que as mães de ambos os contextos fazem, em relação às ajudas que os seus pais/sogros lhes dão. Também algumas mães referiram que lhes eram dadas todas as ajudas necessárias e outros géneros alimentícios.

Não houve nenhuma mãe que referisse não ser ajudada pelos seus pais/sogros. No entanto, no espaço intergeracional, algumas avós referiram nunca terem sido ajudadas, ou devido á distância dos seus pais/sogros ou porque culturalmente não era

prática em uso devido à aquisição de independência económica por parte das avós logo a seguir ao casamento.

7.5.2 – Tipos de ajudas dos esposos.

Iremos analisar de seguida que tipos de ajudas dão os esposos às mães.

Quadro nº 66 – Quadro referente aos tipos de ajudas dos esposos às mães

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
RELAÇÕES FAMILIARES	Tipos de ajudas dos esposos às mães rurais	Todos os cuidados	16
		Poucas ajudas	4
		Alimentação e transporte	5
	Tipos de ajudas dos esposos às mães urbanas	Todas as ajudas	18
		Ajudam pouco	4
		Apenas vigilância	3

Pela leitura do quadro nº 66 e pela análise das entrevistas, verificamos que a maioria das mães rurais, (16), referem que os seus esposos ajudam em todos os cuidados aos seus filhos, 5 referem que os seus esposos as ajudam na alimentação e no transporte e apenas 4 mães rurais afirmam que os seus esposos lhes dão poucas ajudas.

No grupo das mães urbanas, a maioria, (18), afirmam que os seus esposos lhes dão todas as ajudas necessárias, 3 afirmam que essas ajudas são apenas a vigilância das crianças e 4 afirmam que os seus esposos as ajudam pouco.

“Olhe, eu vim parar ao hospital tinha o meu filho uns dias de nascido e o meu marido teve de ficar com ele. Em tudo, teve que lhe dar leite, ele teve que lhe mudar a fralda, ele teve que lhe dar o banho, eu sei que posso ir a qualquer lado, que eu sei que o meu marido faz. É assim, mesmo que eu não esteja, está sempre a ver o cachopo e

desenrasca-se em tudo. No comer, em tudo, graças a Deus nisso não tenho esses problemas.” (Mãe rural 1).

“Às vezes, tem dias, às vezes: ó Alfredo vai lá buscar isto: ó pá, fogo, sou sempre eu. Quando eu estou, ele evita mas quando eu não estou ele faz tudo. Quando eu não estou eu sei que estou à vontade com ele, porque ele dá banho, muda a fralda, veste, vai pô-lo a dormir, veste-o, faz tudo.” (Mãe rural 3).

“Quando pode dá-lhe o almoço; o banho não que ele é mais difícil dar-lhe banho, (risos), tomar banho não; mas se tiver que lhe dar comer, ir buscá-lo a algum lado, tratar dele, se for preciso ir com ele para o médico vai, que ele é capaz de socorrê-lo para qualquer lado, seja para aquilo que for” (Mãe rural 4).

“Sim, quando era preciso sim, mas ele tinha a parte da oficina, tinha muito pouco tempo para eles, ainda hoje tem muito pouco tempo para eles. Fui eu sempre que andei mais á frente” (Mãe rural 5).

“Ajudou mais os gémeos, mais nos gémeos, ele ajudou-me bastante nos gémeos. Pelo menos mais durante a noite ajudava-me, quando era a altura de mudar a fralda. Ele, quando era à noite vai mudar as fraldas, aquilo era engraçado, mas ele ajudava-me” (Mãe rural 7).

“Ali os dois primeiros meses, se calhar era, Ficava muito aflito, achava que partia a menina, mas depois, desde de dar banho, a vestir, fazia tudo. O Luís era eu que ficava a fazer o jantar e ele é que cuidava dela. Acho que ele tinha muito mais paciência do que eu, para o banho, ela queria ter o carinho dela para brincar, enquanto, que comigo era assim: despacha-te Beatriz, despacha-te Beatriz” (Mãe rural 14).

“Ajuda. Não é tanto quanto gostava, mas acho que isso é o geral, mas as vidas também são complicadas, também temos todos que trabalhar” (Mãe urbana 2).

“O Pedro assume todas as funções no momento em que eu não estou em casa. No momento em que eu estou em casa, o Pedro assume funções essencialmente de cozinheiro, de dono da casa, trata dos cães, vê se há alguma coisa para fazer em termos de bricolagem, há sempre coisas que se vão partir, ainda agora o candeeiro da Matilde teve de ser arranjado, portanto, assume um papel de pai, mas não tão, não tão de cuidador na altura. Quando eu não estou, o Pedro faz tudo, desde controlar banhos, explica trabalhos de casa, fá-los estudar, vai com eles à natação, à ginástica, ao Inglês,

à viola, vai a todo o lado, portanto, no momento em que eu não estou, ele faz tudo” (Mãe urbana 5).

“Sim, ele não é muito habilidoso com os banhos e com as fraldas, dentro daquilo que ele compreende, é cuidar deles, é mimá-los, é tipo avô, não é bem mas é quase, mas pronto, ajudou-me naquilo que ele podia. Banhos e fraldas era um problema para ele, mas pronto, ajudou, ajudou e ajuda no resto, acompanhá-los que é muito importante não é? Nem todos fazem isso. Como nós temos mais alguma experiência, como eu já vinha com os meus sobrinhos, não é? Ocupamos o espaço que as mães ocupam, que é o nosso espaço, não é? É nosso, (risos), de mãe galinha. Se eles não têm muita aptidão nós digerimos aquilo tudo, depois queixamo-nos de ter muito trabalho mas também a culpa é um bocadinho nossa” (Mãe urbana 6).

Observamos que os pais ajudam a cuidar dos seus filhos. A maioria presta-lhes todos os cuidados e apenas alguns ajudam apenas no acompanhamento e vigilância.

Algumas mães referiram que os seus esposos as ajudam pouco. Estas ajudas são influenciadas pela indisponibilidade dos pais, devido ao seu horário de trabalho. A partilha das tarefas domésticas e as ajudas no cuidar das crianças, são referenciadas pela maioria das mães porque também trabalham, acabam por ter um horário de trabalho semelhante aos seus esposos, pelo que já existe um motivo para essa partilha que na geração anterior, era da responsabilidade feminina.

Aparentemente, deixou de existir o preconceito social em relação ao género e aos cuidados infantis. Cada vez mais se vê os pais a cuidarem dos seus filhos, com a mesma competência das mães. Acompanham estes às consultas médicas e em caso de internamento nos hospitais, substituem as suas esposas em todas as tarefas, ficando muitas vezes durante a noite, dando alimentação, prestando cuidados de higiene e conforto e todas as outras práticas de maternagem, tal como o adormecimento.

7.5.3 - Substituição dos avós pelas creches segundo as mães

Questionámos as mães sobre a substituição dos cuidados prestados pelos avós aos seus filhos, pela creche ou jardim infantil.

Quadro nº 67 – Quadro referente à substituição dos avós pelas creches segundo as mães

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO	
CUIDADOS INFANTIS	Substituição dos avós pelas creches, segundo as mães rurais	São um complemento aos avós	8	
		Os avós são melhores	3	
		A creche é melhor	8	
		São melhores para as crianças depois dos três anos	6	
	Substituição dos avós pelas creches, segundo as mães urbanas	São boas, mas não substituem os avós	4	
		Educam e ensinam a ter regras	16	
		São melhores para as crianças depois dos três anos	2	
		São um complemento aos avós	3	

Pela leitura do quadro nº 67 e pela análise das entrevistas, a creche é um bom substituto dos avós para 8 mães rurais. Neste grupo, 8 mães rurais também afirmam que a creche é um complemento aos cuidados dos avós, 6 afirmam que as creches são melhores para as crianças a partir dos 3 anos e 3 mães rurais afirmam que os avós são melhores do que a creche no cuidar das crianças.

No grupo das mães urbanas, a maioria (16), refere que as creches são melhores a educar as crianças e a ensinarem regras. As creches são boas mas não substituem os avós é referenciado por 4 mães; as creches são um complemento aos avós, é referenciado por 3 mães e as creches são melhores para as crianças a partir dos 3 anos é referenciado por 2 mães.

“É assim, acho que a creche, por exemplo, ensina coisas como a escrever, a lidar uns com os outros, mas ninguém trata os meus filhos, como tratam os meus sogros ou os meus pais, como é óbvio. Ninguém vai lá andar de volta dele se ele cair, ninguém vai lá se ele tiver a chorar, dar-lhe tanta atenção porque são muitos, como dão os meus sogros” (Mãe rural 1).

“Não são substitutos, mas ajudam, ajudam na educação, ajudam no desenvolvimento deles. Eles também precisam da creche, precisamente por isso, pela educação porque têm mais regras, por exemplo; Tiago vai fazer isto e ele vai, ele faz tudo o que elas mandam; pronto às vezes levanta-se mas é mesmo dele; mas aqui não, aqui os avós dizem, Tiago faz isto; têm que repetir se calhar duas vezes e lá não, lá basta uma vez.” (Mãe rural 3).

“É assim, se tiverem essa necessidade, eu acho que as crianças deviam de ter creche ou pré-escola como o Flávio tem, porque acho muito bem que eles convivam com crianças e não só com adultos. Não quer dizer que os avós não sejam importantes, mas eu acho que as crianças devem de conviver com outras, para entrar num estabelecimento de ensino” (Mãe rural 4).

“Tenho pena, que infelizmente tive de pôr os meus filhos na creche, porque nem num lado nem no outro, não podem ficar com eles. Quando doentes elas também já dizem, se estão melhores a gente arranja maneira de ficar, mas é assim, infelizmente tanto de um lado como de outro, elas ainda estão a trabalhar e o pouco tempo que têm com os netos, eu sei que se houvesse essa oportunidade, acho que tanto uma como a outra, preferia largar o trabalho e estar com os netos, eu penso que sim” (Mãe rural 7).

“Não acho nada, porque os bons hábitos, não quer dizer que a gente dê maus hábitos aos nossos filhos, não é? Também não, mas é assim, os poucos bons hábitos que se calhar nós damos, a creche acaba por, eles acabam por perder muito na creche. Mesmo, se calhar porque não podem dar atenção a todos, eles acabam por imitar os outros, uma coisa leva a outra é normal, eles são uns macaquinhos de imitação naquelas idades não é? Pois eu não acho que seja. Se calhar até é bom certas facetas deles, que é bom o contato com os outros miúdos e essas coisas, mas muita coisa e para mais a Beatriz teve um episódio muito negativo, portanto ela e uma amiga conseguiram sair, foi uma situação que me marcou muito na creche, não é? A minha filha conseguiu

sair da sala, da instituição toda, aliás já ia no Jorge das Cenouras, não é? E ninguém deu por nada, portanto foi uma situação assim um bocadinho caricata” (Mãe rural 17).

“É assim, nós tivemos a nossa filha com os avós durante três anos, mas acho que a partir daí faz falta a creche, pelo convívio dos outros miúdos, pelo tipo de regras, pronto e para fazer outro tipo de coisas. Não é que elas também não ajudassem, porque elas compravam-lhe jogos, mas é diferente, pronto, de ter uma educadora de infância que está presente, que estudou, também para puxar pelos miúdos” (Mãe rural 19).

“A creche ou outras instituições de apoio infantil são boas. Eles dizem que as crianças se desenvolvem ao interagirem uns com os outros, no entanto nunca podem substituir uma avó ou um avô” (mãe urbana 1).

“Eu acho que não são um bom substituto, não é substituto. É assim, a creche educa, mete regras, há horas de brincar, há horas de dormir a sesta, há horas de refeição, há horas para tudo. Eles na creche por norma têm a educadora, mas eu tenho por experiência própria, a educadora trata todos por igual. O carinho e o amor são divididos por todos, tal como as chamadas de atenção ou o ralar. Quando ele estava numa ama, em que estava dividido entre a ama e os avós, no meu horário de trabalho e do meu marido, por exemplo, na creche à uma hora da tarde, ele já almoçou e já estão preparados para fazer higiene para irem dormir a sesta. Na ama às vezes dormia à duas, às vezes dormia às três, não é que ela fosse má pessoa, mas também lá o deixávamos à uma e meia ou às duas e as crianças precisam de ter as rotinas incutidas, para serem eles a desenvolverem-se. Para o meu filho, há uma hora para ir para a cama, mas se for preciso está acordado até à meia-noite até cair de sono” (Mãe urbana 2).

“É muito bom, naquela fase em que eles são muito pequeninos e em que as defesas não são as ideais, em que eles têm de ser mais salvaguardados, mas eles não estavam próximos, e não podiam. Faziam sempre questão de estar presentes quando era mesmo necessário, mas não podiam estar sempre presentes. Agora, eu acho que é muito importante a socialização de uma criança e eu acho que os nossos pais e falando dos meus, que não são tão velhos quanto isso, ficam um bocadinho aquém na socialização das crianças, porque os protegem demasiado e a criança precisa de lidar com outras crianças, precisa de aprender regras e você sabe que os avós, são por excelência, um quebra regras e isso nem sempre é uma atitude formativa e construtiva.

Eu sei que a função deles é essa, aliás, eu disse uma vez à minha mãe e com isto eu remato todo o tipo de questões que eu possa dizer. Um dia a minha mãe estava a contrapor, a propósito da Matilde, estava a contrapor uma atitude que eu tinha e eu disse-lhe: o que eu espero de si era que fosse avó, única e exclusivamente avó. Mime-os, faça-lhes as vontades que eles quiserem, mas não deixe de ser avó, a parte de mãe é minha e nessa não lhe dou autorização nem um pouco, que interfira” (Mãe urbana 5).

“Substituto não é, é um complemento, tanto que eu por opção, também porque tinha esse privilégio porque a minha sogra não trabalhava, é um bocadinho daquilo que nós falámos aqui. Vai deixar de acontecer, porque cada vez que nós precisamos de trabalhar até mais tarde e não há tempo. Eu tive o privilégio de ter os meus dois, os meus três filhos na minha sogra, até aos três anos e depois eles foram para uma creche até às três e meia. Eu acho que é um complemento, não é? Agora o que eu percebo hoje em dia é que é impossível para os pais, um dia poderem cuidar dos seus netos, não é? Porque muitos, nessa primeira fase, os pais ainda são jovens e então não estão em casa, têm de trabalhar, deve ser até aos setenta anos, (risos) e portanto não vão poder ter os netos de pequeninos, é impossível” (mãe urbana 6).

Verificamos que as mães consideram a creche como um local de aprendizagem e socialização para os seus filhos, mas atribuem muita importância ao relacionamento dos seus filhos com os avós e ao que estes lhes podem transmitir. É referenciado muitas vezes que os avós dão afeto, valores e carinho e que estes aspetos não são transmitidos nas creches.

As mães evidenciam a importância do convívio dos avós com os seus filhos, porque como familiares, são vetores de transmissão de valores culturais que não podem ser transmitidos por mais ninguém, mas a creche também é mais adequada na aprendizagem de regras e rotinas e os seus filhos, também necessitam do convívio e partilha com outras crianças, para terem um desenvolvimento saudável.

Estes resultados estão praticamente sobreponíveis com os resultados obtidos nas entrevistas dos avós.

Dias, (2012, p.94) afirma o seguinte: *“Não existem dúvidas de que a coabitação ou coresidência apresenta aspetos positivos para todas as gerações. Para os avós, pode significar ter companhia, atenção e cuidados. Para os pais, a certeza de poder contar com seus próprios pais no cuidado com os seus filhos, além do apoio financeiro,*

permitindo-lhes trabalhar ou estudar com mais tranquilidade. Para os netos, a coresidência está atrelada a uma maior taxa de escolarização, redução do trabalho infantil, menor envolvimento em comportamentos de risco como delinquência e envolvimento com drogas, uma vez que são supervisionados e cuidados pelos avós.”

Verificamos que nestes casos, não se trata de coabitação mas de solidariedade familiar intergeracional, mantendo-se os aspetos positivos mencionados pela autora. O reconhecimento de que a presença dos avós junto das crianças, nas horas pré e pós escolares, são benéficas para o crescimento harmonioso das mesmas e foi mencionado nas unidades de registo analisadas.

A transmissão de afeto e de carinho é feita pelos avós e pela família, não pelas instituições escolares ou creches, segundo nos quiseram transmitir as mães nas unidades de registo.

A creche é um local onde se ensinam as crianças a ter regras, segundo alguns registos, devido à maior permissividade dos avós, não contrariando muitas vezes a vontade dos seus netos, mas contrariavam muitas vezes a vontade dos seus filhos.

Ramos, (2012, p.43), afirma o seguinte: *“Numerosas investigações, em diferentes contextos sociais e culturais, confirmam a importância da transmissão intergeracional dos valores e práticas educativas, mostrando que esta transmissão é também involuntária e inconsciente, assim como, evidenciam que o tipo de educação e de cuidados, de que os pais foram objeto na infância, influencia a forma e o estilo como cuidam e educam os seus próprios filhos.”*

A vivência das mães com os seus avós, irá ser analisada de seguida e verificamos que, se as mães reconhecem a importância da transmissão de saberes, de valores e de afetos dos seus pais aos seus filhos, decerto irão também apresentar interações marcadas pelos mesmos valores e dimensões com os seus avós, confirmando as investigações da autora citada anteriormente.

Salientamos também o facto de algumas mães não terem tido os seus avós presentes, ou porque estes faleceram quando eram muito pequenas, não existindo memórias, ou porque não estavam presentes devido a uma grande distância, daí não terem transmitido nenhum episódio em especial.

7.6 – MÃES E AVÓS

Analisaremos de seguida, as experiências e vivências que marcaram as mães com os seus avós e as mensagens especiais que estas transmitem a estes membros das famílias.

Quadro nº 68 – Quadro referente às experiências/vivências das mães com os seus avós

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
RELAÇÕES FAMILIARES	Experiências/vivências das mães rurais com os seus avós	Nenhumas recordações	6
		Ajudas da avó	6
		Fins-de-semana com a avó	4
		Educação da avó	3
		Pão quente	2
		Maior cumplicidade com os avós	1
		Travessuras	1
		Acompanhar os avós nas tarefas	2
	Experiências/vivências das mães urbanas com os seus avós	Saudades dos avós	15
		Cuidar da avó	4
		Alimentação da avó	6

Pela leitura do quadro nº 68 e pela análise das entrevistas, as experiências e vivências das mães rurais com os seus avós foram as ajudas, (6), os fins-de-semana passados em conjunto, (4), a educação recebida pelos avós, (2), o pão quente, (2), o acompanhar os avós nas tarefas, (2), as travessuras (1) e a cumplicidade existente, (1).

Neste grupo de mães rurais, 6 afirmaram não ter quaisquer recordações dos seus avós.

No grupo das mães urbanas, a maioria (15) referiu as saudades dos avós, a alimentação da avó (6) e os cuidados prestados à avó, (4).

“Olhe, o meu avô era uma pessoa que arrebanhava muitas vezes tudo o que era ferro velho dos caixotes. Ele coitadinho já não podia andar, tinha dores e eu ia à uma da manhã com o meu avô à noite, buscar pãozinho à panificadora, acabadinho de fazer. É um amor, o meu avô; dou-me melhor com o meu avô do que com a minha avó. Eles vivem juntos mas eu, falta-me o meu avô falta-me tudo. Ainda hoje tenho um problema e telefono para o meu avô, ou para a minha avó e eles também ajudam. Tenho muitas experiências com o meu avô, mas esta de ir buscar o pão quente à panificadora, àquela hora da noite, mesmo eu sendo muito novinha e ia porque queria, fica-me na memória. Ainda hoje tenho saudades do pãozinho quente” (Mãe rural 1).

“A minha avó para mim era muito importante. Eu lembro-me que a minha avó vinha cá todos os fins-de-semana e trazia sempre uma palete de leite, batatas, ovos, alfaces, tudo coisas que lhe davam, porque ela fazia recados lá na vila dela, nos Foros, e ela trazia para nós porque toda a gente lhe dava coisas e ela trazia para nós. Pronto era também uma ajuda económica que ela nos dava. Aprendi muita coisa, a educação, o respeitar os mais velhos, respeitar os pais, muita coisa. Por exemplo, eu à minha mãe, quando ela ralhava comigo, eu não queria saber, a minha avó não, a minha avó quando ralhava comigo eu obedecia e fazia o que ela dizia e para mim, era muito bom isso. Eu tinha mais respeito à minha avó, ela era a melhor avó do mundo. Eu recebi tantos mimos da minha avó que eu adorava, adorava ir lá a casa dela, só podia ir uma vez por semana e acho que era pouco, mas era só o que eu podia ir e quando eu estive grávida, acho que ela, o orgulho que ela teve ao ver as primeiras ecografias do Tiago, e a primeira vez que ela viu o Tiago, ela já estava muito doente, para mim foi a maior alegria que eu lhe podia dar, porque foi muito importante para ela ver o bisneto. Ao fim de um mês de o Tiago nascer, ela faleceu, (mãe chora emocionada) e pronto, ela já falava muito pouco, parece mentira, mas eu às vezes penso que o Tiago saiu do hospital no dia em que ela faleceu; parece que ela só descansou, quando, pronto, eu não sei explicar. Quando o Tiago estava bem, parece que foi Deus que a chamou. É o que eu

sinto, pode ser uma parvoíce mas eu sinto isso, eu digo muita vez, a minha avó faleceu para o meu filho ficar bem, é o que eu acho, sinto muito isso” (Mãe rural 3).

“Não, eu por acaso com os meus avós não aprendi muita coisa porque fiquei sem eles muito cedo, eu era novinha, por isso, deles tenho poucas recordações” (Mãe rural 4).

“É assim, eu fui criada por avós e tanto, que o meu mais velho até esteve nesses meus avós que me criaram. O Simão já não, porque o meu avô já tinha falecido, mas acho muito importante. Acho que a vida, aquilo que eu sou hoje, mesmo a nível de mãe, posso agradecer muito aos meus avós e penso muito neles e agradeço mesmo muito, tudo o que eles me ensinaram. A minha avó fez de mim uma mulher; ela é que me ensinou a lavar, ela é que me ensinou a passar, ela é que me ensinou o que é que era ser mãe; vamos lá, a minha avó foi uma pessoa muito importante para mim. A minha avó e o meu avô, foram os dois” (Mãe rural 5).

“Engraçado foi quando eu comecei a namorar com o José João, não é? Onde é que a gente se encontrava às escondidas? Não queria que o meu pai soubesse ainda, estava com medo, tinha dezoito anos, era na casa dos meus avós e depois o meu avô, eu com o meu avô, falava como se fosse com uma colega e lembro-me de uma vez ele vir ali, que eles vivem perto da Aldeia do Peixe e o meu avô convidou-o a subir e a partir daí, até começou o namoro em casa, praticamente foi isso. Mas lembro-me do à vontade do meu avô, aquela abertura e não sei, lembro-me deste episódio, mas já tenho muitos; adorava ir à lenha com ele, ia-mos ao rio no trator, eu adorava, levantava-me às cinco da manhã, mas adorava ir à lenha com ele, ele fazia searas e eu adorava andar com ele. O meu avô trabalhava na altura numa quinta e eu nas férias ia para lá. Recordo-me de ir com o radiozinho dele, (que ainda lá está hoje guardado), arrancar milho; o meu avô deixava-me na rega do milho. À sexta-feira, eu andava na escola da Várzea e já tinha ali o meu avô à minha espera, que era para me levar para casa dele, que ele vivia na Aldeia do Peixe e eu na Várzea, para me levar para a casa dele de mota e depois ao domingo à noite vinha-me trazer. Todas as sextas-feiras ele estava á minha espera. São, recordações que ficam. Brincavam muito comigo, mostrava-me como é que era os jogos antigos, o jogo do círculo, o jogo da pedra. Quando os miúdos nasceram, o outro o mais velho fez-lhe carrinhos de madeira para ele brincar. Há coisas muito engraçadas. Até tenho muitas boas recordações dos meus avós, muito, e digo mesmo a

eles, tenho pena que eles não se liguem aos avós como eu fui ligada, porque eu, chegava à sexta-feira e ia dormir para a casa dos meus avós, já não queria saber dos meus pais para nada e eles não são assim, não sei, não foram tão ligados.” (Mãe rural 5).

“Bastantes, eu fui praticamente criada com os meus avós. Lá em Loures eu praticamente estava o dia inteiro com eles. Era eu mais dois primos, a gente fazíamos muitas e havia alturas que a gente, o meu avô trabalhava na UCAL, onde ele morava aquilo tinha assim um bocado de umas hortas e aquilo era tudo a pé e a gente pensávamos em apanhar assim, umas cobrazinhas e essas coisas assim e punha-mos na cana para ir direito à avó, para assustar a avó. A avó fugia e depois vinha o avô atrás da gente de cana, para ver quem é que tinha medo de levar com a cobra. Às vezes era ele e depois pronto, mas os avós são muito importantes, é assim” (Mãe rural 7).

“Sem dúvida, o meu avô paterno. Eu na altura era a menina não é? E então desde andar a cavar ao lado dele, fazer uma enxadazinha pequenininha para eu andar a cavar ao lado dele, meter uma improvisa, (pulverizador), às costas para eu andar a pintar, a caiar, deixava-me fazer tudo não é? Portanto, eu só tenho boas recordações. Não é que não tenha das minhas avós também, mas o meu avô, sem dúvida foi o mais importante. Era a menina pronto, deixava-me fazer tudo e cheguei, como não havia piscinas naquela altura, enchia-me bidons com água para eu poder mergulhar, sei lá, fazia-me tanta coisa” (Mãe rural 14).

“ Saudades da minha avó, muitas saudades. Fiquei muito comovida com a reação dela quando a minha filha nasceu, porque acho que é bom ser avó” (Mãe urbana 1).

“Com a minha avó materna, o que ela me fez a mim, foi o que eu lhe fiz a ela; dar banho, mudar a fralda, porque estive acamada quase os últimos cinco meses de vida. Estava na casa dos meus pais e eu na minha hora de almoço, conjuntamente com o meu pai, dava-lhe o almoço, metia-a na cama e tapava-a. O que ela me fez a mim retribui-lhe eu a ela” (Mãe urbana 2).

Estes testemunhos, evidenciam a cumplicidade e a riqueza relacional que as mães tiveram com os seus avós e a reciprocidade entre as gerações. As ajudas, a permissividade, a cumplicidade, a ternura relacional e a reciprocidade, são evidenciados pelas mães, pelo que podemos concluir que não foi referenciado nenhum aspeto

negativo nas interações mães/avós, como salienta Ramos, (2012, p.47). “*Os cuidados dos netos pelos avós, origina múltiplas formas de reciprocidade entre as gerações*”.

A importância dos avós no espaço intergeracional está ilustrada nas experiências e vivências que nos foram relatadas. O reconhecimento de algumas dificuldades das pessoas mais idosas pelas mães, ainda mais valoriza as interações intergeracionais.

Ramos, (2012, p.42) afirma que “*As gerações mais velhas continuam a ter uma função importante no desenvolvimento, na socialização e na educação das gerações mais novas e na transmissão intergeracional, funções que favorecem o diálogo e a aproximação entre gerações*”.

7.6.1 – Mensagens especiais das mães para as avós

Quer deixar alguma mensagem especial às avós de hoje? Analisaremos de seguida as respostas obtidas nas entrevistas realizadas às mães.

Quadro nº 69 – Quadro referente às mensagens especiais das mães para as avós

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
AVÓS	Mensagens especiais dadas pelas mães rurais aos avós	Que sejam avós	3
		São uma mais-valia	6
		Que sejam como os meus pais e os meus sogros	12
		Que não estraguem os netos com mimos	4
	Mensagens especiais dadas pelas mães urbanas aos avós	Vivam com os netos	16
		Sejam responsáveis	5
		Tentem ser atualizados	4

Pela leitura do quadro nº 69 e pela análise das entrevistas, as mensagens das mães rurais para todos os avós são: que sejam como os pais e os sogros das mães rurais, (12) e que não estraguem os netos com mimos (4) e que sejam avós, (3). Neste grupo de mães rurais, 6 afirmam que os avós são uma mais-valia para as famílias e para as crianças.

As mensagens das mães urbanas para todos os avós são: que vivam junto dos seus netos, (16), que sejam responsáveis (5) e que tentem ser atualizados, (4).

“Olhe, que sejam todos como os meus sogros e os meus pais são, porque eles não me ajudam mais porque não podem. Os meus sogros ajudam-me em tudo, tentam dar o melhor ao meu filho. Mesmo eu às vezes sendo um bocado, é assim, quando estou a quente digo coisas às vezes que não se diz, nem aos meus sogros nem a ninguém, mas os meus sogros ajudam-me muito e eu tive, pronto, complicações com os meus filhos e eles ajudaram-me em tudo. Se todos os sogros e todos os pais ajudarem como os meus me ajudam, o mundo se calhar torna-se um bocadinho melhor. Não havia tanta criança abandonada, porque os meus sogros fazem tudo pelos meus filhos, pelos meus sobrinhos e eu sei que se algum dia me acontecer alguma coisa, os meus sogros e os meus pais estão lá e há muitos, que não estão” (Mãe rural 1).

“Seguirem os passos que têm seguido até hoje, porque eu acho que os avós são muito importantes para os nossos filhos e que lhes deem carinho, amor, educação, que os ajudem em tudo, para eles seguirem um bom caminho e não um mau” (Mãe rural 3).

“Ah, não sejam tão mãos abertas, que eles são. Eles estragam um pouquinho os netos; a gente repreende e eles vão por detrás e pumba dão tudo. Eu acho que eles não deviam de ser assim, estão sempre com as mão abertas, dar-lhes assim mais umas regrazitas, porque a gente temos umas regras que às vezes é o não e eles vão por detrás e fazem outra. Eu acho que eles não deviam de fazer essa parte, estragam um bocadinho, mas pronto, como dizem que os avós são para isso mesmo, temos que aguentar (Risos) ” (Mãe rural 4).

“Para os avós de hoje, para os avós de hoje, que não deixem de ser avós, eles no fundo são os pais substitutos, não é? Se nós faltarmos a quem é que vamos recorrer? Aos avós. Que mensagem é que eu posso dizer? Um obrigado, um agradecimento. Os avós estragam os netos com mimos, muito mesmo. Por acaso, eles é aquilo que eu digo, é um objeto que não é deles e da forma como protegem, por vezes estragam com mimos

(risos). *Aqui os meus sogros então, os meus pais se calhar não porque estão mais longe não é? Mas os meus sogros então, os netos para eles, vê-se mesmo que é ouro, é ouro que brilha nos olhos deles*” (Mãe rural 5).

“Acho que são uma valia muito grande hoje em dia. É pena a sociedade estar a deixá-los um bocado para trás. Acho que são um bocadinho desprezados, mas se a gente pudesse tratar um bocadinho com carinho os avós, se a gente se lembrar que fomos criados com os nossos avós e eles fizeram muito por nós, mesmo na altura em que eles nos criaram, eles apanharam muita dificuldade e tiveram sempre presentes para nós e eu acho que isso para mim é muito importante, muito mesmo” (Mãe rural 7).

“Para elas continuarem a ser as avós, as mães com açúcar, não é? É pá porque são tanto importantes para as mães, para os netos e para a família. Acho que sim, para elas continuarem sempre a ser assim o nosso apoio, porque são muito importantes, muito, fazem-nos falta, muita falta” (Mãe rural 14).

De seguida as mensagens das mães urbanas:

“A mensagem que eu gostaria de deixar para os avós de hoje, é que vivam intensamente, sempre que puderem com os netos e que tentem que os netos tenham uma boa recordação dos avós” (Mãe urbana 1).

O próximo relato trata-se de um acontecimento que marcou a mãe pela negativa, devido à atitude insensata da avó.

“Aos avós de hoje, nem toda a gente está nos tempos de hoje. Tive conhecimento de um caso de uma criança na creche onde está o meu filho, em que a criança só está com os pais ao fim de semana. De domingo à noite até sexta à noite, está sempre com os avós e a avó achou que era importante a criança ir para uma creche, por causa do desenvolvimento das crianças, mas a avó morava a vinte ou trinta metros da creche e como a criança, que precisava de carinho e ficava todos os dias a chorar, pediu a devolução do dinheiro e tirou de lá o menino, porque elas não o sabiam educar e a criança agora, está quatro ou cinco horas de manhã no café com ela. Ora digam lá se não é insensata e irresponsável, porque desde quando é que o menino está melhor no café do que na creche? Ao menos se estivesse em casa com ele ou fosse passear, agora aquela criança passa horas no café e eu não acho nada saudável” (Mãe urbana 2).

“Os avós de hoje têm de caminhar a par e passo o que é difícil. Eu compreendo que isso seja difícil, até nós pais, temos de caminhar a par e passo. Eu às vezes sinto-

me um bocadinho aquém das expectativas dos meus filhos, não em termos de conhecimento, ainda não estou nessa fase em que eles poderão ter mais conhecimentos do que eu, graças a Deus, continuo a completar muito a informação que eles precisam, consigo estar muito à frente deles. Mas virá o dia que se calhar eu estarei ou ao lado, ou um bocadinho abaixo. Eu espero conseguir estar sempre um bocadinho à frente, porque eu também sou muito empreendedora e não me deixo ficar parada, mas os avós então, os avós que não têm grande formação que é o caso dos meus pais, têm que andar muito mais (...) Se querem acompanhá-los a par e passo, têm de se informar, caso contrário, tem que estar presente uma coisa que eu acho que é muito mais importante, que tem a ver com o carinho e com a presença e acima de tudo ser um pilar, porque os meus miúdos, recorrem aos meus pais acima de tudo por serem um pilar, por serem a entidade de respeito. Eles identificam os meus pais como uma pessoa. São pessoas a quem devem muito respeito e que são pessoas, que têm de ser muito consideradas na família e há sempre um pormenor ou outro, um miminho ou outro, que eles percebem que, se não for dessa maneira, não pode ser e a mensagem que eu tenho é essa, é que estejam mais presentes, porque podem não estar tão informados, nem estarem tão à vontade com a evolução destes miúdos, mas quando há uma quebra, quando há um dissabor, que hoje em dia, os miúdos às vezes não têm estrutura para fazer frente às vicissitudes da vida, eles se estiverem lá, é bom, é bom porque normalmente viveram coisas até muito mais dramáticas, com mais limitações e que sabem ter uma perspectiva diferente, às vezes mais básica, mas que faz muito mais sentido, na complexidade do mundo atual” (Mãe urbana 5).

“É assim, os meus pais são da Gançaria e então eu gozava sempre as férias na casa da avó, portanto da mãe do meu pai. É assim, há coisas que marcam e especialmente na alimentação, eu acho que isso então fica para sempre. A minha avó cozinhava lindamente e então lembro-me até hoje, eu não consigo fazer, nem o meu pai consegue, nem ninguém consegue fazer, uma sopa de favas como ela. Tentámos todos. Todos nós já tentámos várias vezes, já demos cabo das favas, mas nunca fica aquele creme aveludado que só ela sabia fazer e tantas coisas. Ela quando estava lá sentadinha na entrada da casa, é assim, tem coisas giras, a mãe do meu pai, que faleceu muito cedo, portanto tinha para ai doze anos, também era assim muito meiguinha, a brindeirinha que foi acabada de fazer com o açúcarzinho e o azeite, são

as coisas que acabamos por nunca esquecer. Era posto açúcar e um fiozinho de azeite, e já estava. Aquilo derretia, estava quente, não é? Derretia aquilo tudo e quando eu estava em casa da avó: quando é que vais cozer pão? Que era para ela fazer aqueles pãezinhos pequeninos, com o fiozinho de azeite e o açúcar” (Mãe urbana 6).

Estas mensagens refletem a afetividade, os desejos e as expectativas que as mães têm em relação ao papel dos avós. Algumas relatam mais as experiências que as marcaram, outras fazem pedidos de solidariedade, outras relatam episódios marcantes mas não deixaram de dar o seu testemunho.

Como salienta Ramos, (2004, 2005, 2012), avós e avôs deixam memórias e recordações diferentes e para toda a vida, nos netos.

7.7 – SÍNTESE FINAL - MÃES

Para as mães, a importância dos avós é muito importante, quer pelas ajudas que dão, quer pelos cuidados que prestam aos seus filhos, quer pela afetividade e valores transmitidos.

Existe uma transmissão de saberes intergeracionais que as mães ainda consideram muito importantes, especialmente nos cuidados aos recém-nascidos. Esta transmissão faz-se mais pelas mães/filhas do que pelas sogras/noras, mas há referências a ajudas importantes também por parte destas.

Os cuidados tradicionais estão a cair em desuso, mas ainda são feitos alguns reconhecidos pela sua eficácia, especialmente pelas avós com o consentimento das mães.

Em relação às práticas religiosas, regista-se um decréscimo das mesmas, mais acentuado no grupo das mães urbanas, apesar de muitas referirem que rezam pelos seus filhos e que a religião é importante na transmissão de valores às crianças. Práticas mágico/religiosas tradicionais, são apenas feitas pelas avós rurais, ou a pedido das mães ou com a sua convívência.

Os recursos de saúde mais utilizados, são os pediatras particulares e as urgências hospitalares. Em relação aos cuidados de saúde primários, muitas mães referem que são utilizados apenas para consultas de rotina ou vacinação, por não darem uma resposta

atempada às suas necessidades. No entanto, continuam a ser o recurso mais importante para algumas mães.

As creches são importantes para o desenvolvimento das crianças, mas as mães reconhecem o valor inestimável da transmissão de afeto e valores, por parte dos avós aos seus netos e contribuem para o desenvolvimento psicoafectivo das crianças. Dissociam os papéis que são próprios dessas instituições, com os dos avós, referindo muitas vezes que ambos são necessários.

As mães, transmitiram-nos experiências marcantes de interações com os seus avós que as marcaram, plenas de relatos de afetividade, cumplicidade e reciprocidade entre ambos, dando assim mais visibilidade à grande importância que os avós têm para as famílias, ao nível das diferentes gerações.

Verifica-se que a família, através das suas diferentes gerações, constitui o principal elemento e espaço de afetividade, desenvolvimento, socialização e satisfação das necessidades fundamentais dos seus membros e de relações privilegiadas, (Ramos, 2004, a, b).

8 – ANÁLISE E RESULTADOS - PAIS

Tal como nos grupos anteriores, iremos apresentar os dados obtidos pelas entrevistas efetuadas aos pais. Ao longo da discussão, iremos comparar os contextos rurais e urbanos e iremos apresentar alguns gráficos, para melhor ilustrar algumas temáticas, tal como nos grupos anteriores.

8.1 – IMPORTÂNCIA DOS AVÓS PARA OS PAIS

Iremos analisar de seguida, a importância que têm os avós para os pais e para as famílias segundo as entrevistas realizadas aos pais.

Quadro nº 70 – Quadro referente à importância que os avós têm para as famílias segundo os pais

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
RELAÇÕES FAMILIARES	Importância que os avós têm para as famílias, segundo os pais rurais	Ajudam as famílias	12
		Ajudam a cuidar dos netos	14
		Transmissão de experiências	5
		Estão presentes nas dificuldades	3
		São os segundos pais	5
	Importância que os avós têm para as famílias, segundo os pais urbanos	Ajudam na educação dos netos	6
		Têm mais disponibilidade para ajudar	13
		Na transmissão de valores	12

Pela leitura do quadro nº 70 e pela análise das entrevistas, para os pais rurais os avós são importantes para as famílias, porque ajudam a cuidar dos netos, (14), ajudam as famílias, (12), transmitem experiências, (5), são os segundos pais das crianças, (5) e estão presentes nas dificuldades, (3).

O grupo dos pais urbanos considera os avós importantes, porque têm mais disponibilidade para ajudar, (13), transmitem valores (12) e ajudam na educação dos netos, (6).

“No aspecto de trabalho, os pais ao trabalharem, é sempre mais uma ajuda que nós temos para não pagar a uma ama, uma creche, é um recurso” (Pai rural 1).

“Em vários. Não só tomar conta deles quando os pais não estão, quando há dificuldades eles estão sempre presentes, mesmo a nível económico e o carinho que eles necessitam, não é só os pais que dão, eles também dão” (Pai rural 4).

“É importante no aspeto em que ajudam-nos na nossa vida, no dia-a-dia que é cada vez mais complicado, mais stressante e é importante que eles nos ajudem também” (Pai rural 5).

“Eu acho que sim porque a seguir aos pais, são os avós. São considerados os segundos pais das crianças e eu acho isso muito importante à data de hoje. É sempre uma segunda ajuda e são considerados os segundos pais das crianças, porque sem eles, acho que a vida não tem razão de ser, não é? Não tem razão de ser” (Pai rural 7).

“No aspeto da transmissão de experiências vividas, hoje e sempre os avós são muito importantes na família” (Pai urbano 1).

“Em todos os aspetos. Mesmo para nos ajudar diariamente na nossa vida, na educação dos netos também” (Pai urbano 2).

“Então, porque dão algum apoio, na disponibilidade de tempo que têm. Os pais, mesmo na situação da mulher trabalhar, cada um tem o seu emprego. As carreiras são direcionadas. Já não se abdica tanto da carreira por causa dos filhos, ou seja, a disponibilidade de tempo é pouca. Além da situação do emprego, os miúdos têm a escola e também o apoio aos pais, é mais nesse sentido. Acho importante, porque pronto, são pessoas conhecidas, de confiança, que podem colaborar, ou seja, é estilo um prolongamento daquilo que nós pensamos e também conseguimos dar formação, entre outras, aos nossos sogros ou pais, daquilo que pretendemos que eles façam com os

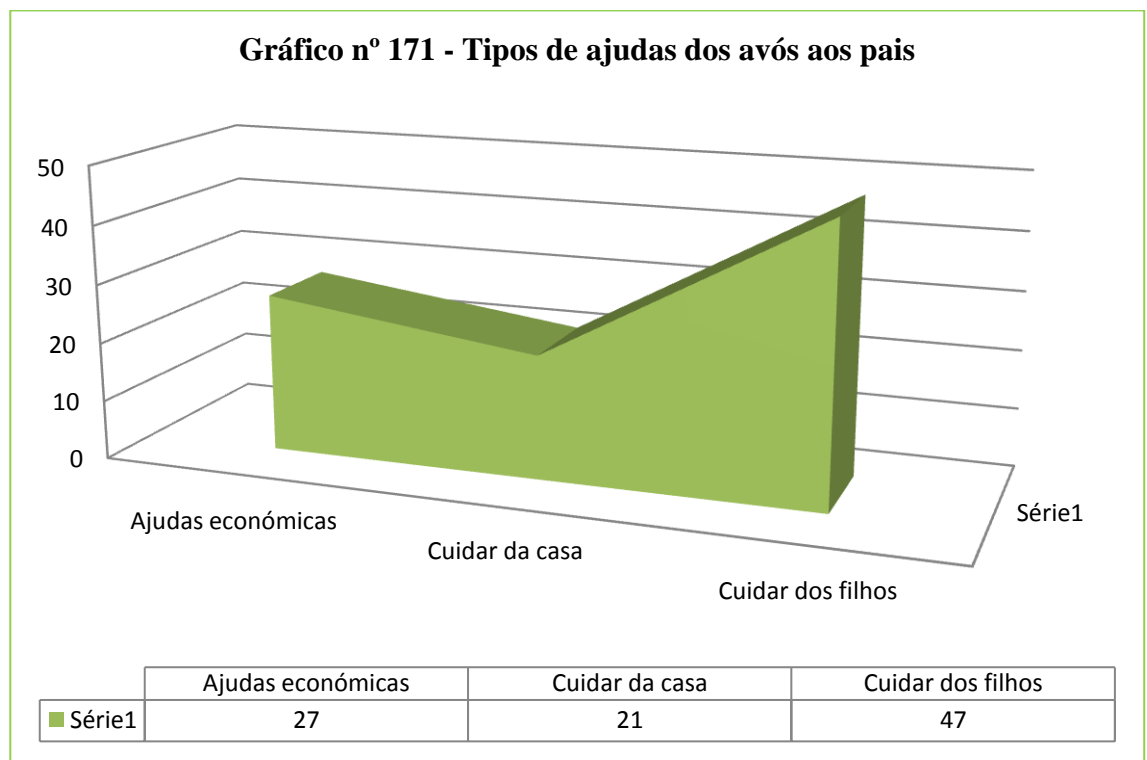
nossos filhos. Por exemplo, ok, vais depender disto, ou daquilo e é exatamente nesse neste sentido. As pessoas estranhas são mais complicadas em ver” (Pai urbano 5).

“Bastante. Na transmissão de valores acima de tudo. Também penso que a nível de conhecimentos, também são pessoas com uma experiência, fruto da idade, bastante grande, portanto, são importantes, nomeadamente na transmissão de valores familiares, acho que são muito importantes” (Pai urbano 10).

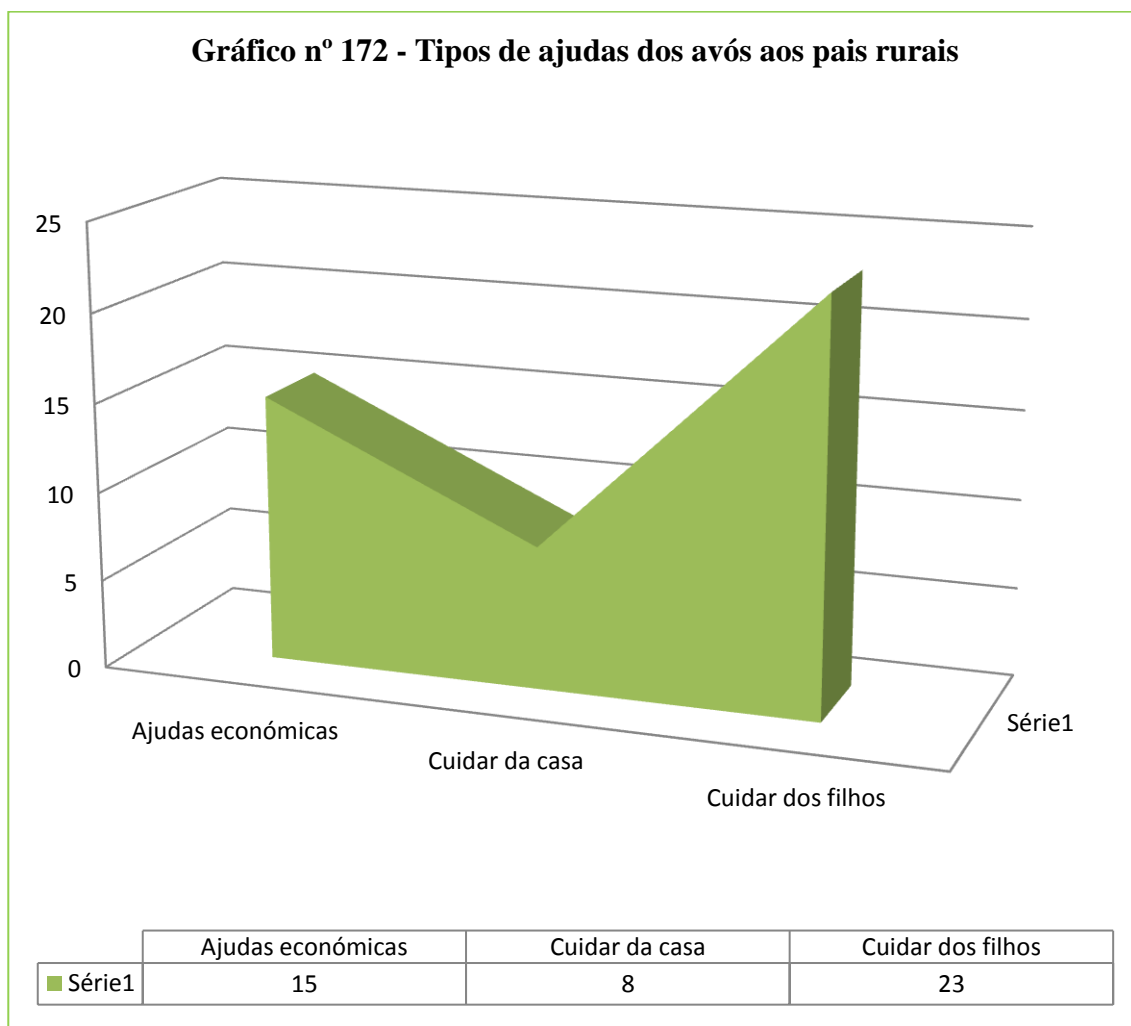
Verificamos que os registos dos pais rurais e urbanos são muito similares, ilustrando bem a importância que os avós têm na sua vida. Em ambos os grupos, verificamos que além da importância económica e presencial para cuidar dos netos, também são importantes no aspeto emocional e afetivo.

8.1.1 – Ajudas dos avós aos pais

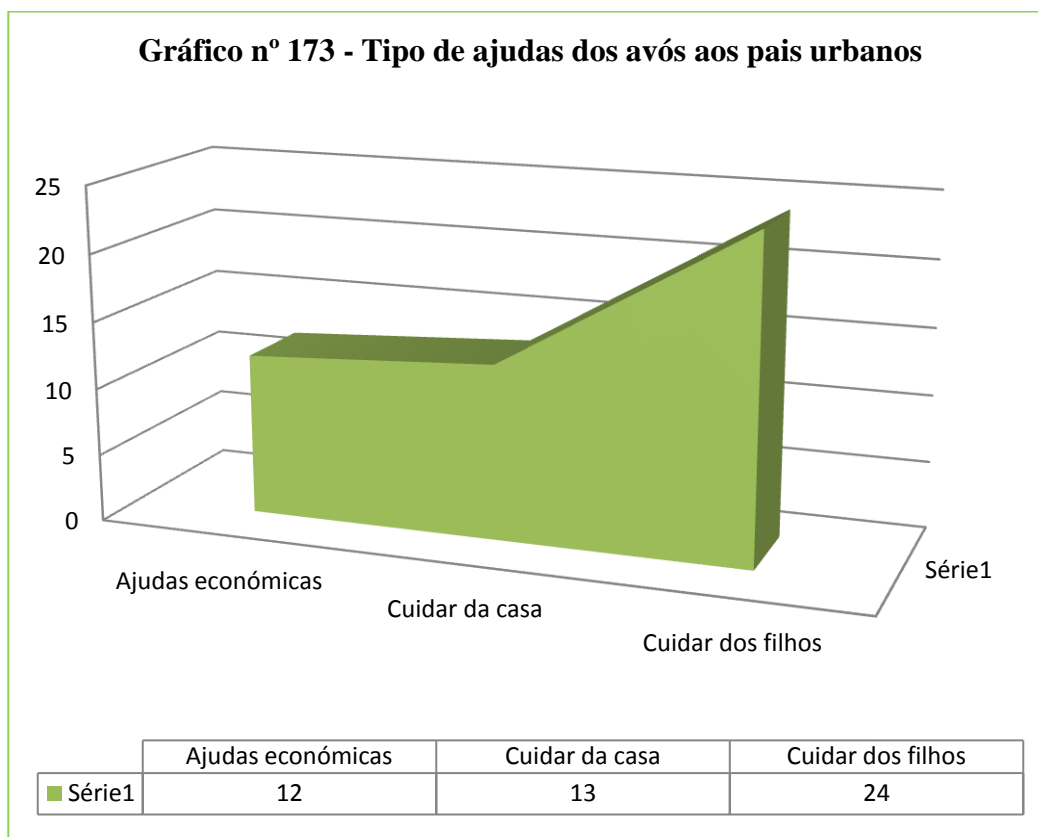
A análise seguinte tem uma abordagem quantitativa, obtida através dos questionários que foram efetuados para a caracterização sociodemográfica da amostra. Nestas questões, os pais podiam escolher mais de uma opção, pelo que se optou pelo seguinte tipo de gráficos.



Verificamos que o maior número de respostas dadas pelos pais referem-se ao cuidar dos filhos pelos avós, com 47 respostas; seguem-se as ajudas económicas com 27 respostas e por ultimo o cuidar da casa com 21 respostas. Estas respostas são praticamente idênticas às respostas dadas pelas mães.



Nos pais que vivem em contexto rural, a ajuda mais referenciada foi o cuidar dos filhos com 23 respostas, seguindo-se as ajudas económicas com 15 respostas e por ultimo o cuidar da casa com 8 respostas.



Nos pais que vivem em contexto urbano, o maior número de respostas referem-se ao cuidar dos filhos, com 24 respostas, seguindo-se o cuidar da casa com 13 respostas e as ajudas económicas com 12 respostas.

Quadro nº 71 – Quadro referente às ajudas que os pais/sogros dão aos pais

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
RELAÇÕES FAMILIARES	Tipos de ajudas que os pais/sogros dão aos pais rurais	Todas as possíveis	7
		Ajudas económicas	8
		Cuidar dos filhos	16
		Transporte	12
	Tipos de ajudas que os pais/sogros dão aos pais urbanos	Conforto familiar	4
		Cuidar dos filhos	16
		Ajudas económicas	10
		Transporte	12

Pela leitura do quadro nº 71 e pela análise das entrevistas, a maioria dos pais rurais afirma que os seus pais e sogros ajudam a cuidar dos seus filhos, (16). Segue-se o transporte das crianças ou de membros da família, (12), as ajudas económicas, (8) e 7 pais rurais afirmam mesmo que dão todas as ajudas possíveis.

O grupo dos pais urbanos afirma que as ajudas que os seus pais e sogros lhes dão são também em maioria, (16), o cuidar dos seus filhos, seguindo-se o transporte, (12), as ajudas económicas, (10) e o conforto familiar, (4).

“É a tomar conta dele e quando é preciso ir buscar à escola vão buscar, quando é preciso levar vão levar, são as ajudas económicas quando é preciso e quando nós estamos enrascados” (Pai rural 4).

“Sim ajudam os filhos a ir buscá-los ou levá-los à escola, porque hoje mesmo durante o dia, tem que se andar com eles para a frente e para trás e nesse aspeto, é importante que eles nos ajudem” (Pai rural 5).

“Ó pá, muito. O pouco que podem ajudar, a gente agradece e é sempre bem-vinda, toda a ajuda é bem-vinda. A gente agora sabe que isto agora está mau e pronto, o que eles puderem ajudar é bom e o que a gente poder ajudar também” (Pai rural 7).

“As ajudas que os pais ou sogros dão são mais na área do acompanhamento e do conforto familiar. Os filhos já estão crescidos e criados. É mais um amparo moral” (Pai urbano 1).

“Os meus pais já não me dão ajuda nenhuma. Os meus sogros dão-me a ajuda de ir buscar o meu filho à creche. Eu trabalho de noite, a mulher trabalha de dia, mesmo na educação e em tudo, passa muito tempo com eles. Ajudam-nos também diariamente” (Pai urbano 2).

“Eles disponibilizam-se essencialmente quando os chamamos. É a nível de tempo, é assim, nós precisamos porque não está cá ninguém efetivamente e queremos que vocês cá venham tomar conta deles, porque estamos os dois a trabalhar ao mesmo tempo. Depois de cá estarem, direcionar-lhes aquilo que precisamos, por exemplo, algum que está a comer menos bem, aqueles cuidados básicos. Também são importantes numa parte da socialização deles, como levá-los a uma festa de aniversário, eles, sei lá, há o presente que a gente quer comprar e sozinhos não compramos e fazemos os presentes conjuntos. Ajudam também na parte económica, sei lá, coisas assim nesse género” (Pai urbano 5).

“Basicamente hoje em dia, aquando das nossas ausências por motivos profissionais, quando não podemos ir buscá-los à escola, acima de tudo nesse tipo de ajudas. Tomar conta deles na nossa ausência” (Pai urbano 10).

Verificamos que em ambos os grupos, os avós são um recurso muito importante e nalguns casos indispensáveis para os pais.

Ajudas económicas, cuidar dos filhos, vigilância e acompanhamento das crianças à escola, são tarefas muito importantes para os pais.

É notória a solidariedade familiar transmitida neste quadro nº 71, reconhecida pelos pais, em relação às ajudas recebidas.

Estas ajudas são responsáveis pelo equilíbrio familiar, quer económico, quer relacional, colocando as crianças e as suas necessidades como prioritárias na família.

8.2 – PAIS E CUIDADOS INFANTIS

Iremos analisar de seguida os cuidados infantis na perspectiva dos pais e qual o papel dos avós nesses mesmos cuidados.

8.2.1 – **Importância dos avós para as crianças segundo os pais**

A importância que têm os avós no cuidar dos filhos na perspectiva dos pais, irá ser analisada de seguida.

Ao ser elaborado o questionário para a caracterização sociodemográfica da amostra, perguntámos aos pais se consideravam importantes os cuidados infantis prestados pelos avós às crianças e todos os pais, foram unânimes em afirmar que consideravam importantes os cuidados dos avós aos seus filhos, perfazendo 100% das respostas afirmativas.

Iremos analisar de seguida a importância que os avós têm para as crianças, segundo as entrevistas efetuadas.

Quadro nº 72 – Quadro referente à importância dos avós para as crianças segundo os pais

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Importância dos avós para as crianças, segundo os pais rurais	Transmitem valores	10
		São uma referência	4
		Estragam com mimos	14
		Ajudam no desenvolvimento dos netos	16
	Importância dos avós para as crianças, segundo os pais urbanos	Têm mais experiência	8
		São mais tolerantes	8
		Transmitem valores	12
		É importante para ambos	2

Pela leitura do quadro nº 72 e pela análise das entrevistas, os avós são importantes para as crianças, segundo os pais rurais, pelos seguintes motivos: ajudam no desenvolvimento dos netos, (16), estragam os netos com mimos dando-lhes afeto, (14), transmitem valores às crianças, (10) e são uma referência, (4).

Para os pais urbanos, os avós são importantes para as crianças porque: transmitem valores, (12), têm mais experiência, (8), são mais tolerantes, (8) e 2 pais urbanos referem que os avós são importantes para ambos, filhos e netos.

“Sim, acho. Acho porque eles já foram pais e continuam a ser pais e nós como estamos a ser pela primeira vez, como é o caso não é? É sempre mais uma ajuda e mais uma experiência” (Pai rural 1).

“Se o meu filho não tivesse os avós presentes, ia perder. Acho que eles são uma imagem muito boa para eles, sei lá, hoje nós vemos os miúdos, a maior parte deles já não, já fazem coisas que não cabe na cabeça de ninguém e ao longo das gerações, as coisas vão-se perdendo e acho que é mais por aí, a transmissão de valores”. (Pai rural 3).

“ Os avós são muito importantes para as crianças, mas também os estragam muito. Os pais educam e os avós, os avós deseducam. A gente diz não e eles vão por trás fazer o que eles querem ” (Pai rural 4).

“Não substituem os pais não é? Isso talvez não porque pai é sempre pai não é? Mas também ajuda, também ajudam no desenvolvimento deles sem dúvida” (Pai rural 5).

“Eu penso até que são muito importantes, porque a seguir aos pais, é o exemplo mais antigo que as crianças têm como referência de vida e isso dá-lhes especial importância” (Pai urbano 1).

“Para já são pessoas com outra idade. Já viveram mais um bocado. Têm outra experiência no modo de os tratar. Qualquer coisa que eles tenham, já sabem minimamente o que é que têm de fazer. Conseguem-nos dar uma maior ajuda, uma mais-valia” (pai urbano 2).

“Acho que todas as experiências que eles podem transmitir, daquilo que já lhes ensinaram a eles. Naquele tempo era assim, a gente fazia assim e também porque os avós, acho que com os netos, são muito mais disponíveis, muito mais tolerantes, muito mais condescendentes, não seguem tão à risca os valores, educam os valores mas também são mais flexíveis. Ensinam também aquelas coisas da unidade, da família, do grupo, o saber estar em grupo” (Pai urbano 5).

“Acho que sim. Aliás até acho que para os dois. Acho que por um lado, para os avós, é uma forma de manterem viva alguma, algum espírito de juventude e se calhar de algum alento, numa fase da vida onde já estão numa fase mais, não quero usar o termo terminal, mas um pouco mais descrente e para as crianças, o convívio com os avós, no sentido em que está alguém que os mima, que os acarinha, que brinca com eles, portanto acho que é muito importante” (Pai urbano 10).

Verificamos que para os pais de ambos os grupos, o convívio dos seus filhos com os avós dá benefícios essenciais às crianças. Ajudam na educação, socialização e na criação de laços afetivos fortes, que são muito importantes para o desenvolvimento psicoafetivo dos seus netos.

Os pais, reconhecem a importância recíproca do afeto transmitido pelos avós e pelos netos e a transmissão intergeracional de saberes e experiências, dos avós aos seus filhos

8.2.2 – Substituição dos avós pelas creches segundo os pais

Iremos analisar, segundo a opinião dos pais, quais as vantagens e desvantagens das crianças irem para a creche em vez de serem cuidadas pelos avós no seu domicílio.

Quadro n° 73 – Substituição dos avós pela creche segundo os pais

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	N° UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Substituição dos avós pela creche, segundo os pais rurais	São um complemento	17
		Não substituem a família	3
		A creche é um bom substituto	5
	Substituição dos avós pela creche, segundo os pais urbanos	São um complemento	20
		A creche é um bom substituto	5

Pela leitura do quadro n° 73 e pela análise das entrevistas, a maioria dos pais rurais consideram que a creche é um complemento aos cuidados dos avós, (17) e não substituem a família, (3). Apenas 5 pais rurais afirmam que a creche é um bom substituto dos avós.

No grupo dos pais urbanos, a maioria, (20), também considera que a creche é um bom complemento aos cuidados dos avós e apenas 5 afirmam que a creche é um bom substituto dos avós.

“É assim, eu tenho duas opiniões. No aspeto de os avós cuidarem deles para os pais andarem a trabalhar e isso assim, acho bem e acho bom e tudo isso, agora para a criança, para o desenvolvimento da criança, também é muito bom conviver com outras

crianças, para depois quando for para a escola já estar mais integrado com crianças e isso assim” (Pai rural 1).

“A creche, pelo desenvolvimento e os ensinamentos que eles têm lá em todas as vertentes e os avós, pelo carinho e o amor que eles dão ao neto. “ (Pai rural 3).

“Ninguém consegue substituir a família, embora tenham outro desenvolvimento na creche que não têm com os familiares, não é? Eles assim nas creches, têm outras atividades que não têm com os avós, mas em questão de alimentação e tudo isso, não, não quer dizer que não sejam cuidados, mas em casa é completamente diferente, porque na altura ele comia, eles estão em casa, à hora do almoço comem bem, se for na creche já não come, faz birra, pelo menos este” (Pai rural 4).

“Sim, são pessoas com formação. São pessoas com formação que ajudam, que fazem várias tarefas durante o dia e que ajudam a desenvolver a criança. Na educação, a creche tem influência, mas se calhar com os pais é diferente não é? Educamos mais à nossa maneira que nós achamos que é melhor e os avós também têm influência nisso” (Pai rural 5).

“Não. Penso que não. As creches não substituem os avós, mas as creches quando muito, serão uma ação complementar aos avós, são coisas diferentes” (Pai urbano 1).

“Por um lado sim, pelo outro lado não. Por um lado, porque as crianças convivem entre si. Ajudaram a desenvolver o nosso filho no falar, que era um bocado trapalhão e hoje, já se notam alguns progressos e está a desenvolver um bocado a língua. Às creches, temos que ter um bocado de atenção, porque algumas creches, a gente só vê que é para nos levar o dinheiro e não fazem a função deles. Agora substituir os avós, acho que não. O amor dos avós, o carinho dos avós, o tratamento dos avós é insubstituível, porque as melhores educadoras de infância numa creche, nunca é igual ao amor dos avós. Mas em tudo há pessoas boas e más, por exemplo dentro das famílias, existem pessoas más como violadores nas famílias e há crianças com esses problemas. A creche é boa mas não é igual uma coisa à outra. O amor dos avós é uma coisa e o tratamento e o crescimento dentro de uma creche é importante, porque evoluem mais um bocado. Têm brincadeiras entre colegas e quando já vão para a escola já têm amigos, é outra a maneira de eles brincarem, mas o amor dos avós é diferente” (Pai urbano 2).

“Não, substituto, substituto, não são. As creches não substituem ninguém. Simplesmente são sítios que dão formação e pronto. Permite a socialização da criança, mas substituir os avós, não substituem. Os avós têm lugar na família e no crescimento da criança e as creches têm outro lugar. Pode haver papéis comuns entre as creches e os avós, mas não substituem. Os avós são pessoas com laços afetivos, as creches eventualmente não são. Se forem creches muito grandes, os laços afetivos, penso eu, são mais frágeis mas têm vantagens, tem todas as vantagens. Não estou a dizer que os avós são inferiores. Eu acho que as creches não substituem mas também não são inferiores. São coisas diferentes, em direções diferentes. Os avós têm uma percepção de uma maneira e os colégios têm de outra maneira. Mas não tem nada a ver, não tem nada a ver da substituição. As creches, penso que é uma coisa mais académica, mais formal, mais física e não sei quê. Os avós, apesar de terem também presença, têm sempre a parte afetiva ligada. Eu sei que assim é o correto, mas permitem fazer determinadas coisas, ou seja, eu acho que as creches existem por causa de toda a formação e os avós têm o seu lugar. Cada um tem o seu lugar fixo. Não há substituto, nem a creche nem os avós” (Pai urbano 5).

“Acho que são complementares. São situações em que ambos são importantes. Nem o dia inteiro na creche sem conviver com os avós, nem o dia inteiro com os avós sem conviver na creche. Acho que o misto das duas coisas é o mais salutar, porque acho que realmente a creche faz bem, no sentido de promover o espírito de equipa com outros miúdos, na partilha e nesses sentimentos. Os avós desenvolvem-nos noutra tipo de sentimentos, se calhar mais íntimos, mais familiares” (Pai urbano 10).

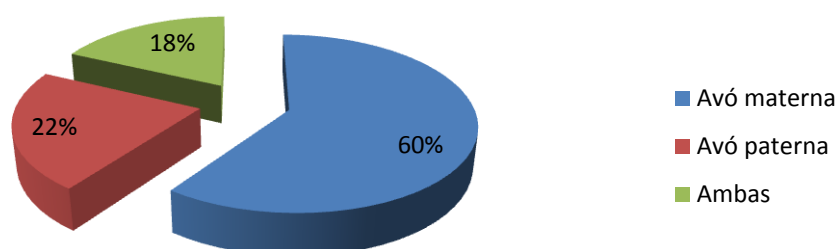
“Acho que as crianças têm de ir para creche. Não é que os avós não sejam bons, mas não dão aquilo que eles precisam. Eles precisam de conviver uns com os outros e ficam mais bem preparados depois, para irem para a escola” (Pai urbano 21).

Verificamos que na opinião da maioria dos pais, a creche complementa os avós no crescimento dos seus filhos. Dissociam os dois papéis, onde os avós são importantes na afetividade e a creche é importante na imposição de regras e rotinas. Muitos pais referiram que é essencial para as crianças, o convívio entre si, o que não é possível se ficarem com os avós em casa.

8.2.3 – Qual das avós está mais presente segundo os pais

Também foi feita esta questão às mães e apenas pretendemos verificar se as respostas estão em consonância.

Gráfico nº 174 - Qual das avós está mais presente no cuidar dos filhos dos pais



Verificamos que 60% dos pais referiu ser a avó materna a mais presente, perfazendo 60% do total das respostas, seguindo-se a avó paterna com 22% e ambas as avós com 18%. As respostas dadas pelos pais foram iguais às respostas das mães, pelo que este gráfico é igual ao gráfico nº 156. As respostas dadas pelos pais que vivem em contexto rural e em contexto urbano, também foram iguais às mães dos mesmos contextos, pelo que os gráficos são iguais aos gráficos nº 157 e 158. Há assim concordância nas opiniões entre pais e mães.

Todos os pais referiram considerar importante o convívio dos seus filhos com os avós, com 100% das respostas.

8.2.4 – Cuidados prestados pelos pais aos seus filhos

Iremos analisar de seguida que cuidados prestam os pais aos seus filhos, numa abordagem quantitativa e qualitativa.

Todos os pais referiram ajudar a cuidar dos seus filhos, perfazendo 100% do total das respostas ao inquérito realizado, para a caracterização sociodemográfica da amostra.

Quadro nº 74 – Quadro referente aos cuidados prestados pelos pais aos seus filhos

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Cuidados prestados pelos pais rurais aos seus filhos	Castigos	2
		Alimentação	18
		Banho	7
		Vestir e despir	9
		Tarefas escolares	12
		Atividades várias	13
	Cuidados prestados pelos pais urbanos aos seus filhos	Banho	8
		Cuidados infantis gerais	16
		Transporte	14

Pela análise do quadro nº 74 e pela análise das entrevistas, verificamos que segundo os pais rurais, os cuidados prestados aos seus filhos foram maioritariamente a alimentação, (18), seguindo-se atividades várias, (13), as tarefas escolares, (12), o vestir e despir, (9), o banho, (7) e castigos, (2).

Para os pais urbanos, as ajudas dadas aos seus filhos foram os cuidados infantis gerais, (16), seguindo-se o transporte, (14) e o banho, (8).

“No banhinho, no comer, agora ainda é pequenina mas no banhinho e no comer e é nessas coisas” (Pai rural 1).

“Sei lá (risos), castigos, como ele é assim um bocado traquina, mas ajudei a dar-lhe alimentação, a higiene também, dei-lhe banho, mudo-lhe a fralda também, visto-o também”. (Pai rural 3).

“A alimentação e o vestuário. Em relação à higiene é mais a mãe, a mãe é que lhe dá o banhinho” (Pai rural 4).

“Costumo levá-los à escola, buscá-los à escola, ajudo também nas tarefas escolares deles, nos trabalhos. É isso, mais ou menos é isso. Quando é nas atividades deles também costumo ir participar nas atividades que eles têm” (Pai rural 5).

“Em que tarefas? Olha de pequenininhos, quando eles nasceram, estava eu sempre lá em cima deles. É pá agora é um bocadinho mais difícil mas pronto, no pouco que faço já vou fazendo, tento explicar-lhe sempre o melhor. Nunca me fez diferença nenhuma. Apesar de quando era os gémeos, que foram os primeiros a nascer, até dava gosto ter um de um lado e outro do outro que era uma sensação espetacular” (Pai rural 7).

“Sim, ajudei nas tarefas normais, mudar-lhe as fraldas, dar-lhe o biberão, dar-lhe banho” (Pai urbano1).

“Às vezes. Não é muitas vezes mas é às vezes. Geralmente, eu era camionista e andava muita vez de noite e de dia. Só estava cá ao fim de semana. Agora trabalho só de noite e durante o dia estou a dormir. Às vezes a dar banho, ir buscar à creche, ir pôr à creche essas coisas” (Pai urbano 2).

“O que é que faço? Para já ajudo naquilo que eles precisam, nas necessidades básicas. Dou-lhes de comer, dou-lhes banho, preocupo-me com os horários, a preocupação da saúde, se estão bem, da higiene e todos os cuidados. Como é que estás fisicamente, se comes bem, se comes mal, essas coisas todas. Depois a sua formação escolar. Preocupo-me com quem andas o que é que andas a fazer, porque é que tens estes resultados, porque não aqueles, não sei quê. Por vezes trabalho com eles na sua formação escolar, trabalhos de casa, ou seja, sei lá? Ajudo em tudo naquilo que posso ajudar. Ajudo também naquilo que eles solicitam. Ajudo-os a brincar, isso também é importante. Sei lá, ajudar em tudo o que é preciso, acho que sim, o que há para fazer fica resolvido. Quando eles eram pequenos fazia as mesmas coisas. Fazia outras coisas, mas sabia sempre que estava a adequá-las às necessidades que eles tinham. Sim, essa coisa de mudar fraldas e dar biberons, fazer sopas, dar sopas, ficar em casa. Lógico que a mãe ficava mais vezes, cuidava mais nas situações de doenças, mas o resto, fiz o que faço hoje, ou seja, eles cresceram, as idades são outras, eu estava presente dentro daquilo que sei.” (pai urbano 5).

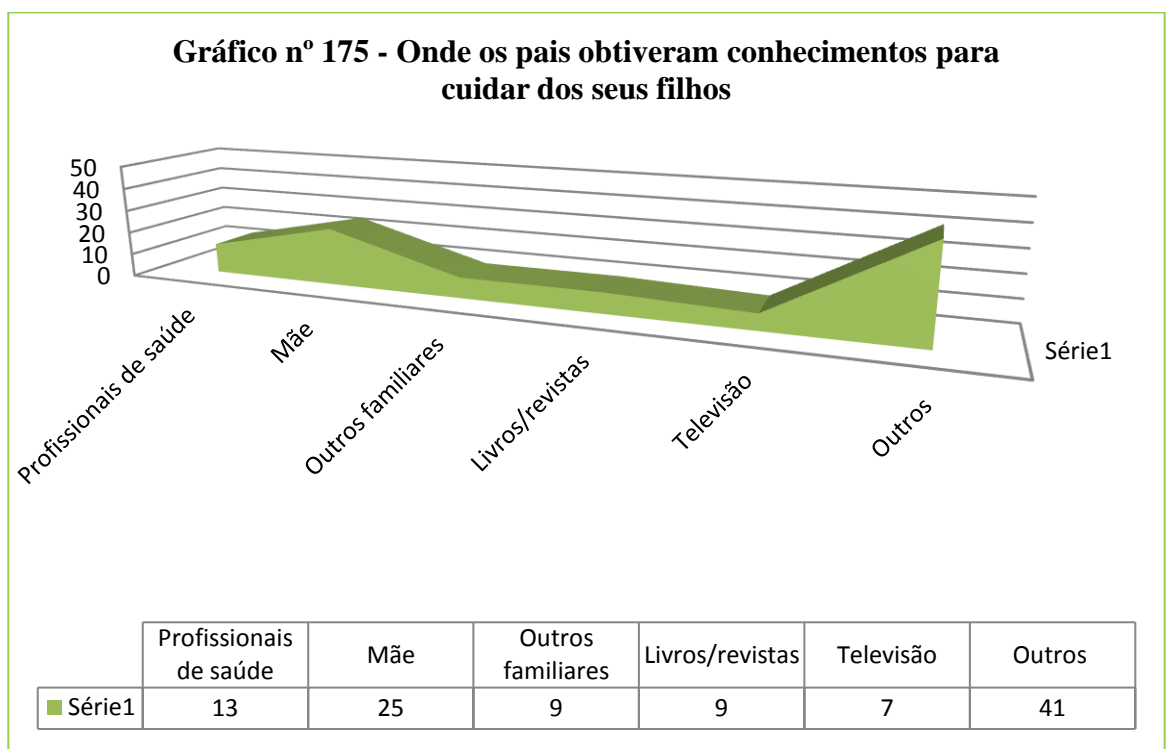
“O que é que eu fazia? Fazia de tudo um pouco. Na questão de dar o biberon, mudei algumas fraldas, portanto esse tipo de tarefas. Bem, fui obrigado, mas fiz mais num do que noutra, tem um bocado a ver com a disponibilidade da minha mulher” (Pai urbano 10).

Observamos que os cuidados que os pais prestam aos seus filhos dependem da sua disponibilidade e da disponibilidade das esposas. Mais presentes nos cuidados infantis do que os avós na sua geração, muitos pais realizam aos seus filhos, todas as tarefas necessárias que na geração anterior eram tarefas consideradas femininas, ou seja, de cuidados infantis, especialmente nos cuidados referentes à eliminação, à higiene e ao vestir e despir das crianças.

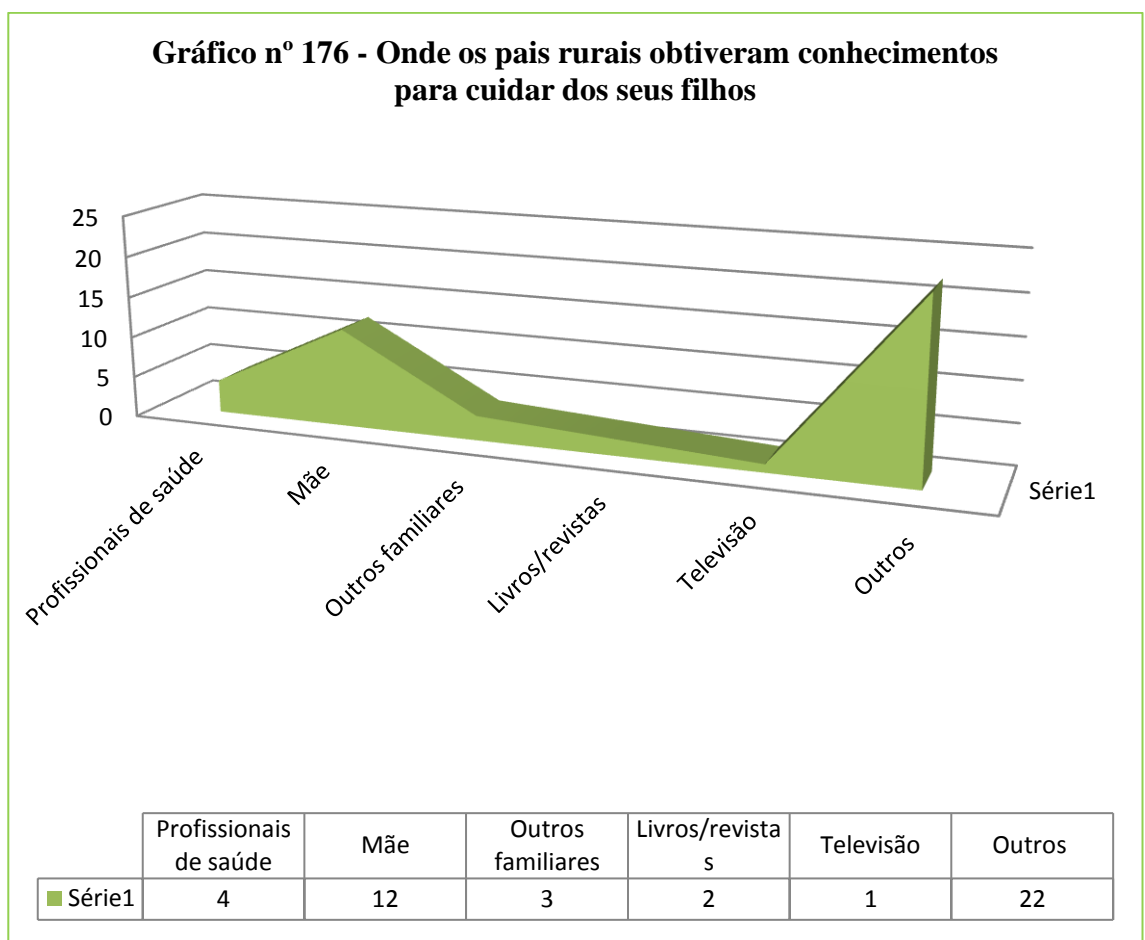
Todos os trabalhos de Ramos, (1993, 1994, 1995, 2002, 2004, a, b,) mostram esta evolução na partilha dos cuidados infantis, onde os pais participam cada vez mais de forma empenhada e competente.

8.2.5 – Fontes onde os pais obtiveram conhecimentos para cuidar dos filhos

Iremos analisar de seguida, quais as fontes onde os pais obtiveram conhecimentos para cuidarem dos seus filhos, nos questionários disponibilizados, podendo ser escolhida mais do que uma opção. Será feita em primeiro lugar, a análise conjunta dos dois contextos, urbano e rural e de seguida a análise separada. O resultado foi o seguinte:

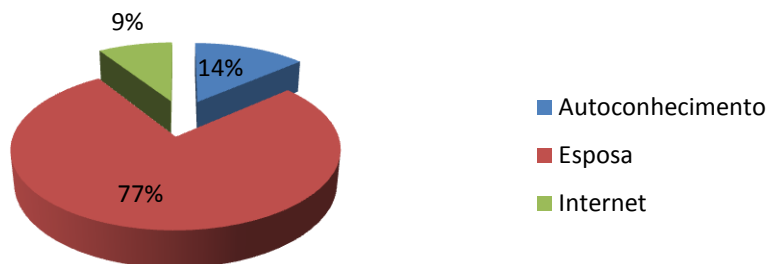


Verificamos que o maior número de respostas foi dado pelo item “*outros*”, com 41 respostas, seguindo-se a mãe com 25 respostas e os profissionais de saúde com 13 respostas. Nota-se nos pais em relação às mães, um acréscimo de respostas em relação à televisão e aos livros e revistas, evidenciando que as mães recorrem mais ao saber das suas mães. A opção “*outros*” irá ser analisada em gráficos próprios de seguida.



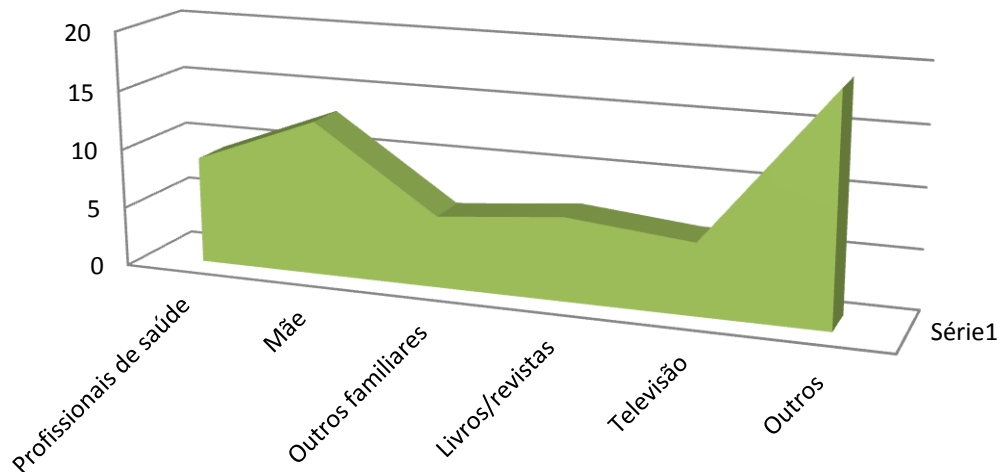
Verificamos que com o item “*outros*” foram dadas 22 respostas pelo que iremos apresentar um gráfico com essas opções. Segue-se a mãe com 12 respostas e os profissionais de saúde com apenas 4 respostas.

Gráfico nº 177 - Outros locais onde os pais rurais obtiveram conhecimentos para cuidar dos seus filhos



Das 22 respostas, a maioria dos pais refere recorrer à esposa para obter conhecimentos com 77% das respostas; com 14% ao autoconhecimento; com 9% o recurso e a utilização da internet.

Gráfico nº 178 - Onde os pais urbanos obtiveram conhecimentos para cuidar dos seus filhos



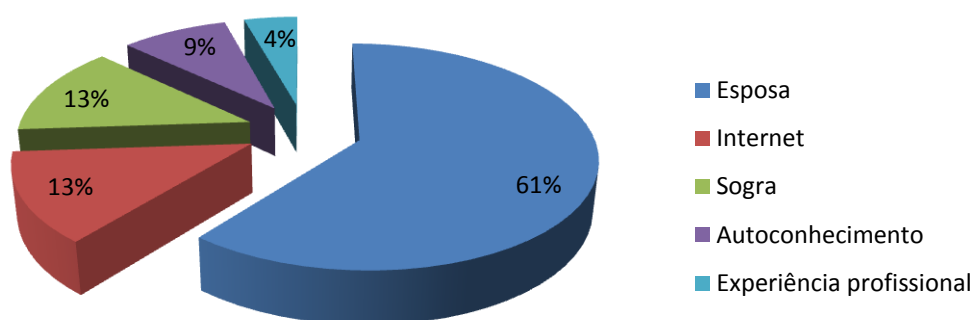
	Profissionais de saúde	Mãe	Outros familiares	Livros/revistas	Televisão	Outros
Série1	9	13	6	7	6	19

Verificamos que nos pais urbanos, o maior número de respostas pertence ao item “*outros*” com 19 respostas; segue-se a mãe com 13 respostas; 9 respostas os profissionais de saúde; com 7 respostas livros e revistas e outros familiares; com 6 respostas a televisão.

Apesar da diversidade de respostas, verificamos que a família continua a ser uma fonte importante de conhecimentos para o cuidar das crianças.

Em todo o mundo, estes cuidados ocupam uma grande parte do tempo que a família dedica à criança e transmitem-se de geração em geração no seio da família. (Ramos, 1993, 2004, a, b).

Gráfico nº 179 - Outros locais onde os pais urbanos obtiveram conhecimentos para cuidar dos seus filhos



Tal como nos pais rurais, o recurso aos saberes da esposa foram muito importantes, com 61% do total das respostas, seguindo-se com 13%, a utilização da internet e a sogra respetivamente; com 9% o autoconhecimento e um pai referiu a sua experiência profissional, (4%).

As respostas de ambos os pais parecem evidenciar a maior experiência das mães em relação aos cuidados infantis, transferindo depois esses saberes aos seus esposos que por tradição cultural, estão menos aptos para cuidar das crianças, mas muito mais interventivos no espaço intergeracional.

Pudemos observar que na linha de transmissão de saberes, a maioria deles é feita de avós para filhas e de filhas para esposos. Na próxima geração, talvez os pais com a

experiência adquirida na contemporaneidade, sejam também transmissores desses saberes aos seus sucessores.

8.2.6 – Cuidados tradicionais realizados aos pais e filhos

Iremos analisar de seguida, que cuidados tradicionais foram prestados aos pais, quais são ainda hoje realizados aos seus filhos e qual a opinião sobre a eficácia dos mesmos.

Quadro nº 75 – Quadro referente aos cuidados tradicionais prestados pelos avós aos pais

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Cuidados tradicionais prestados pelos avós aos pais rurais	Pai não se recorda	8
		Xarope de limão	4
		Xarope de cenoura	17
		Gemadas	4
	Cuidados tradicionais prestados pelos avós aos pais urbanos	Pó de talco	1
		Tapar quando se está com febre	1
		Xarope de cenoura	20
		Óleo de fígado de bacalhau	4
		Chás	10

Pela leitura do quadro nº 75 e pela análise das entrevistas, verificamos que os cuidados tradicionais prestados pelos avós aos pais rurais, foi maioritariamente (17) o xarope de cenoura, seguindo-se o xarope de limão (4) e as gemadas, (4). No grupo dos pais rurais, 8 referem não se recordar desses cuidados tradicionais.

Em relação aos pais urbanos, é referido também maioritariamente a utilização do xarope de cenoura, (20), seguindo-se os chás de plantas, (10), o óleo de fígado de

bacalhau, (4), a utilização de pó de talco, (1) e tapar com roupa quando está com febre, (1).

“Quando estava com uma tossezita, com uma constipaçãozita davam-me os xaropes de cenoura.” (Pai rural 1).

“Não me recordo, se me fizeram não me recordo” (Pai rural 3).

“Por vezes são mais viáveis do que certos medicamentos. Atenção, tudo depende da doença não é? Fizeram-me o xarope da cenoura, o xarope do limão, eram essencialmente essas” (Pai rural 4).

“Sim, por acaso estava-me a lembrar por causa das gemadas, quando às vezes estávamos constipados e faziam aquelas gemadas com açúcar. Por isso, lembro-me da minha mãe ainda me fazer isso, na altura em que eu era pequeno” (Pai rural 5).

“Olha, eu acho bem. São mezinhas antigas que hoje, se calhar, fazem melhor efeito do que fazem os novos medicamentos e era uma-valia, mais porque não se deve perder essas tradições, porque são coisas que de hoje para amanhã vão-se esquecendo, mas elas fazem falta. Para mim lembro-me, quando bebé havia sarampos e havia coisas que eu agora não me consigo lembrar o quê, mas aquelas mezinhas davam sempre certas e resultavam. Hoje temos medicamentos novos, que não faziam o mesmo efeito que aquelas coisas faziam” (Pai rural 7).

“As pessoas às vezes tinham a mania de pôr pó-de-talco, por causa do cheiro e essas coisas” (Pai urbano 2).

“O que é que eu penso? Acho que o conhecimento, a sabedoria comum, esse saber comum, ajuda em algumas coisas. Outras não são assim tão bem aceites, mas também há umas que não fazem nada. É como o Melhoral, não fazem bem nem mal, e pedir-se a Deus, é pá, hoje fiz um xarope de cenoura, não acredito muito no xarope de cenoura mas também não faz mal nenhum. Agora há outros que reprovos mesmo verdadeiramente. Coisas que se faziam no tempo dos nossos pais e dos avós, que agora não se adequam, com ideias malucas, sei lá, para adormecer abanar ou para não sei quê, e que agora temos uma visão diferente de vida. Olha aquela coisa do abifa-te. Aquela de te enfiar na cama quando estavas doente, tapar até ao pescoço, beber coisas quentes e não sair de casa. Sim, hoje em dia já ninguém se tapa até ao pescoço quando está com febre, não é. Aquela transpiração maluca, a pessoa transpirar é que era bom. Não fazemos isso, apesar de toda a gente acreditar que isso funciona, e

fazemos daquela maneira. Mas tentando sempre não ferir suscetibilidades e aproveitando o conhecimento que eles transmitem” (Pai urbano 5).

“Os óleos de fígado de bacalhau. Lembro-me, mas isso, não consegui dar aos filhos, (risos), se não eles vomitavam. O óleo de fígado de bacalhau, aquele chazinho para a febre e para a constipação. Lembro-me de alguns sim, o xarope de cenoura, essas coisas” (Pai urbano 10).

Verificamos que os pais relatam e recordam menos práticas tradicionais de cuidados infantis em relação aos avós.

Apesar de alguns reconhecerem que são saberes que deveriam continuar a ser transmitidos, as práticas utilizadas são mais simples, resumindo-se a chás, *lambedores* e algumas práticas menos usuais nos pais mais velhos, como a utilização do óleo de fígado de bacalhau, sempre associado ao mau sabor deste xarope.

Quadro nº 76 – Quadro referente aos cuidados tradicionais prestados pelos pais aos seus filhos

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Cuidados tradicionais prestados pelos pais rurais aos seus filhos	Nenhum	10
		Rodelas de cebola	4
		Xarope de cenoura	13
	Cuidados tradicionais prestados pelos pais urbanos aos seus filhos	Nenhuns	15
		Xarope de cenoura	10
		Massagem na barriga	3

Pela leitura do quadro nº 76 e pela análise das entrevistas, verificamos que os pais rurais (14), utilizam ainda o xarope de cenoura nos seus filhos e alguns, (4), rodela

de cebola para fluidificar o ar ambiente. Neste grupo de pais rurais, 10 afirmam não utilizar nenhum cuidado tradicional nos seus filhos.

No grupo dos pais urbanos, a maioria, (15), afirma não utilizar cuidados tradicionais aos seus filhos, mas 10 afirmam utilizar o xarope de cenoura e 3 a massagem abdominal nas cólicas dos bebês.

“É assim, eu nas minhas outras duas filhas que já são maiorzitas, os meus pais nesse caso, quando elas estavam com a tosezita e a gente não sabia o que é que devia de fazer, por exemplo, às vezes a gente tinha de ir à farmácia comprar o xarope para a tosse e não sei quê. Podes comprar, mas a mãe faz aqui um xaropezinho de cenoura e tal e é bom. Também ajuda que já tomei, quando era nova e tal e dava-lhes e elas gostavam” (Pai rural1).

“Os avós fazem ele é que não toma, (risos)” (Pai rural 4).

“Nos dias de hoje talvez já não seja tão normal, às vezes quando estão doentes fazer aquelas gemadas e aquelas coisas. Já não é tão normal nos dias de hoje e pelo menos nos meus filhos, não fazem nada disso” (Pai rural 5).

“Faz-lhe a avó. Faz-lhe xaropes de cenoura e quando eles têm tosse, corta uma cebola ao meio e fica de noite, na mesa-de-cabeceira e o que é certo, é que eles ficam melhores” (Pai rural 7).

“Aos meus filhos nunca fiz nada dessas coisas a não ser que a avó faça e eu não veja. Não sou contra, apenas não o vejo fazer, mas se visse aceitava porque confio nos meus pais e nos meus sogros” (Pai urbano 2).

“A avó faz xarope de cenoura quando têm tosse e vi a minha mãe fazer umas massagens à barriga do meu filho, quando era bebé. Dizia que era para as dores porque ele nunca mais parava de chorar e a minha mulher já estava desesperada” (Pai urbano 12).

“Ah não. Acho que a minha sogra faz xarope feito com cenouras cortadas às rodelas e ele toma, mas acho que nem faz bem nem faz mal. Ele gosta, pudera aquilo é doce” (Pai urbano 21).

Verificamos que os pais apenas fazem referência à utilização de xarope de cenoura e pouco mais. Apesar do quadro ser referente às práticas tradicionais efetuadas pelos pais, verificamos que estas são todas realizadas pelas avós e não pelos próprios, pelo que podemos concluir que os mesmos não realizam qualquer prática tradicional.

No entanto, achámos pertinente, o resultado da análise apresentada no quadro nº 76 porque ilustra o desuso acentuado dessas práticas no período intergeracional.

8.2.7 – Importância da religião na proteção infantil para os pais

Iremos analisar de seguida a importância das práticas e crenças religiosas dos pais e qual a importância destas na proteção das crianças.

Quadro nº 77 – Quadro referente à importância da religião para os pais

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Importância da religião para os pais rurais	Nenhuma importância	8
		Muita importância	17
	Importância da religião para os pais urbanos	Alguma importância	10
		Nenhuma importância	15

Pela leitura do quadro nº 77 e pela análise das entrevistas, verificamos que nos pais rurais, a maioria, (17), afirma que a religião tem muita importância e 8 afirmam que não tem qualquer importância na proteção dos seus filhos.

No grupo dos pais urbanos, a maioria, (15) afirma que a religião não tem nenhuma importância na proteção dos seus filhos, mas 10 afirmam que tem alguma importância.

Alguns pais rurais, (8), referiram que para eles, a religião não tinha importância na proteção dos seus filhos, mas depois de interrogados se autorizavam que por exemplo, os avós oferecessem algum amuleto ou alguma imagem religiosa aos netos, as respostas foram afirmativas como iremos observar de seguida.

“Sim, eu também gostava. Como eu fui batizado em pequenino, também gostava que os meus filhos fossem e são, só este por acaso é que ainda não é” (Pai rural 1).

“Não, nenhuma, mas aceitava, isso aceitava, eles por acaso até lhe deram, ele tem lá aquele santinho que ele tem lá” (Pai rural 3).

“Sim, ajuda também a educá-los e a concentrarem-se mais. Penso que tem influência também a religião neles” (Pai rural 5).

“A religião? Tem. Muito importante é muito importante mesmo” (Pai rural 7).

“Eu aceitava. Creio um bocado, mas a religião é quase como um clube de futebol. Ele escolhe quando achar que está na altura de escolher” (Pai urbano 2).

“ Não, na proteção não. Os meus filhos foram batizados e foram batizados porque a mãe acredita e os avós também. Eu também casei pela igreja Cristã, mas se a minha mulher quisesse casar por uma igreja Budista, tinha casado também. Se ela quisesse não casar, não teria casado por igreja nenhuma. Agora tendo em conta os valores religiosos do resto da família, não me faz diferença nenhuma acompanhá-los” (Pai urbano 5).

Não. Aceito perfeitamente e não me oponho a isso. E não tem a ver com descrença minha. A pergunta é se tem para mim particular importância, é não, honestamente. Se há algo que não tenho com os meus filhos é a religião. Se não tenho partilhado e não tenho desenvolvido, tem sido exatamente o campo da religião. São batizados têm essas coisas, portanto esses princípios da igreja, mas não, em termos daquilo que são crenças e essas coisas, não” (Pai urbano 10).

Verificamos que os pais rurais dão mais ênfase às práticas religiosas do que os urbanos. Na análise feita, verificamos que a maioria dos pais não pratica a sua religião e a análise qualitativa, está sobreponível a esses resultados. Os pais referem não se importar que os seus filhos sejam praticantes, mas não influenciam essa decisão, deixando-a para as esposas ou outros familiares.

No entanto, não se importam que os seus filhos usem amuletos ou outros objetos religiosos, oferecidos pelos avós ou por outros familiares.

8.2.8 – Recursos de saúde utilizados pelos pais

Iremos analisar de seguida, que recursos de saúde são utilizados pelos pais e comparar os dados com os obtidos na análise da mesma temática, no grupo das mães.

Quadro nº 78 – Quadro referente aos recursos de saúde utilizados pelos pais

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Recursos de saúde utilizados pelos pais rurais	Centro de Saúde	10
		Pediatra particular	15
		Urgência hospitalar	18
	Recursos de saúde utilizados pelos pais urbanos	Urgência Hospitalar	17
		Pediatra particular	19

Pela leitura do quadro nº 78 e pela análise das entrevistas, verificamos que os recursos de saúde mais utilizados pelos pais rurais são as urgências hospitalares, (18), seguindo-se o pediatra particular, (15) e o Centro de Saúde, (10).

Quanto ao grupo dos pais urbanos, os recursos de saúde mais utilizados são em primeiro lugar o pediatra particular, (17), seguindo-se as urgências hospitalares, (17).

“É Centro de Saúde, pois em diversas ocasiões, como normalmente elas têm sido saudáveis só se for alguma coisa assim mais grave, mas graças a Deus vamos logo ao Centro de Saúde e têm dado uma boa resposta” (Pai rural 1).

“Tenho que ir ao privado. O sistema público é muito raro. Quando vou é logo a Santarém. Eu, em último caso é que vou ao público. Dantes quando não tínhamos o público íamos para o privado. Eu, agora é ao contrário, quando não tenho o privado é que vamos logo para o público” (Pai rural 4).

“Os recursos que eu utilizo, são os tradicionais não é o hospital normal. Vai-se às urgências, numa coisa assim mais grave não é? Numa coisa repentina, costuma ser nas urgências. Outras coisas, vamos ao Centro de saúde, para as vacinas e isso” (Pai rural 5).

“Recorro logo ao Centro de Saúde. Quando não é ao Centro de Saúde é a Benavente, mas quando eu vejo que às vezes são coisas mais graves, que vejo que não vale a pena estar a perder tempo ali, dirijo-me sempre ao hospital mais próximo” (Pai rural 7).

“Pediatria particular. Vou com o meu filho a Santarém à médica, pagamos mas vimos descansados, porque aqui não nos resolvem os problemas. Aí, só vamos às vacinas e mais nada” (Pai rural 18).

“Os recursos de saúde que utilizo, é o hospital e quando são aquelas consultas de rotina, aquelas consultas que marco, vou à pediatra” (Pai urbano 2).

“Recursos recorro ao que o comum cidadão recorre. Vou ao hospital ou vou ao médico assistente com os miúdos, neste caso o pediatra” (Pai urbano 5).

“Neste caso o Hospital Dona Estefânia é que foi utilizado. Foi o sitio onde eles ambos foram operados, portanto e como digo, foi uma situação logo em crianças e que no obrigou a ter que recorrer e correu tudo bem, só podemos dizer bem. Aliás foi uma experiência de vida até muito gratificante. Se calhar, ficámos com a noção de que às vezes os nossos filhos têm situações muito graves e que há pessoas com situações muito mais graves que as nossas” (Pai urbano 10).

“Os meus filhos têm uma pediatra e é lá que eu recorro. Normalmente, podemos telefonar e resolver alguns problemas assim e quando não podem ser resolvidos, vamos ao hospital” (Pai urbano 21).

Quadro nº 79 – Quadro referente aos recursos de saúde serem ou não suficientes para os pais

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
CUIDADOS INFANTIS	Os recursos de saúde, são ou não suficientes para os pais rurais	São suficientes	8
		Insuficientes	17
	Os recursos de saúde, são ou não suficientes para os pais urbanos	Insuficientes	14
		Devia de haver técnicos especializados	5
		São suficientes	11

Pela leitura do quadro nº 79 e pela análise das entrevistas, verificamos que para a maioria dos pais rurais, (17), os recursos de saúde são insuficientes e 8 referem que são suficientes.

No grupo dos pais urbanos, 14 afirmam que os recursos existentes são insuficientes, 11 afirmam que são suficientes e 5 afirmam que deveria de existir mais técnicos de saúde especializados.

“Razoáveis, tendo em conta que não tenho uma utilização desmesurada deles, penso que funcionam bem quer dos centros de saúde, quer a nível hospitalar, tirando aquele senão das filas enormes para ser atendido, facto que devia ser corrigido” (Pai rural 1).

“Sim, são suficientes, acho que sim, quando estão doentes vamos a Santarém ao Hospital, a Santarém sempre; (...) usamos o Centro de Saúde só para a vacinação, mais nada” (Pai rural 3).

“É muito raro ir aqui ao Centro de Saúde. Temos hospitais, mas para sermos melhor atendidos, temos de pagar. Qualquer dia, quando não pudermos pagar que remédio, temos de ir para as filas de espera e sujeitarmo-nos, mas por enquanto, graças a Deus não é preciso” (Pai rural 4).

“É assim, no Centro de Saúde se for assim uma coisa repentina não somos logo atendidos, até porque as crianças já não têm prioridade e temos de estar lá com elas, à espera de uma desistência na sala de espera e assim, vamos logo á urgência porque somos logo atendidos por um pediatra” (Pai rural 5).

“Não, não consegue. Não consegue e às vezes os enganos, ui Jesus. O que puder fazer ali faço, mas quando eu vejo que seja mais grave e que eu diga assim, espera aí, não foi o facto se ser bombeiro, mas às vezes o tempo que estou a perder ali se for logo direto a outro lado, sou atendido mais rápido e consigo, pelo menos, consigo que me atendam a mim e aos miúdos” (Pai rural 7).

“Tento dar-lhe o melhor dos possíveis. Com os cuidados de saúde isto não está muito por aí além. No centro de Saúde nunca temos consulta e os médicos deixam um bocado a desejar” (Pai urbano 2).

“Se são suficientes ou não, não são. Não são porque não têm técnicos da especialidade. Coisas assim do foro mais específico, os acompanhamentos para serem bem-feitos, precisavam de ser feitos mais vezes e terem mais tempo e de mais dinheiro

infelizmente. É preciso ter dinheiro o quer dizer que não é eficaz, não é. Até há poucos técnicos especializados, é uma área em desenvolvimento e como há poucos técnicos especializados, fazem-se valer e bem. Os cuidados de saúde, tanto os cuidados de saúde primários como o hospital em si, isso aí satisfazem. Ele precisa de uma vacina, eles têm vacinas, precisa de ir ao hospital tem médico, tudo ok. Mas cuidados mais especializados, tirando o hospital, só a pagar” (Pai urbano 5).

“Acho que sim, eu acho que sim. Eu acho que se nos compararmos se calhar com outros países, acho que não nos devemos queixar. É logico que nos queixamos, é logico que há e que poderiam haver situações melhoradas, consultas com maior regularidade. Agora as vezes que nós necessitámos e infelizmente foram algumas, porque ambos, os dois primeiros filhos, nasceram com uma deficiência que os obrigou a operações logo muito jovens e a ter que frequentar o ambiente hospitalar e nós, não temos absolutamente nada a dizer sobre eles, antes pelo contrário, só temos a dizer bem” (Pai urbano 10).

Em relação aos cuidados de saúde, o recurso mais utilizado por muitos pais são os pediatras particulares e as urgências hospitalares que segundo eles, lhes dá uma boa resposta para os problemas de saúde dos seus filhos. Quanto aos cuidados de saúde primários, muitos pais referem que não dão uma resposta adequada às suas necessidades. Reconhecem a sua importância, nomeadamente na vacinação, mas não recorrem em caso de doença dos seus filhos.

Quanto aos hospitais, foi referido que foram prestados bons cuidados de saúde e que foi dada resposta adequada aos problemas de saúde das crianças. Não houve referência ao tempo de espera de consultas nos hospitais mas sim nos Centros de Saúde.

8.3 – PAIS E AVÓS

Iremos analisar de seguida, a importância dos avós na transmissão de saberes, nas relações familiares intergeracionais, experiências e vivências importantes que os pais obtiveram com os seus avós e quais as mensagens que estes querem transmitir a todos os avós.

8.3.1 – Saberes transmitidos pelos avós aos pais

Iremos analisar de seguida, que saberes é que foram transmitidos aos pais pelos seus avós.

Quadro nº 80 – Quadro referente aos saberes transmitidos pelos avós aos pais

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
RELAÇÕES FAMILIARES	Saberes transmitidos pelos avós aos pais rurais	Respeitar os mais velhos	10
		Valores	16
		Jogos	5
		A pescar	2
		Nenhuns	2
		Partilhar	14
	Saberes transmitidos pelos avós aos pais urbanos	Nenhuns	8
		A poupar	2
		Valores	16
		Educação	13

Pela leitura do quadro nº 79 e pela análise das entrevistas, verificamos que os saberes transmitidos pelos avós aos pais rurais são na maioria, (16), os valores sociais, seguindo-se a partilha, (14), o respeito às pessoas mais velhas, (10), jogos, (5), a pesca, (2) e apenas 2 pais rurais referiram não ter recebido nenhum saber dos seus avós.

No grupo dos pais urbanos, a maioria (16) também refere os valores, a educação, (13), e a fazer poupanças, (2). Neste grupo, 8 pais referiram não ter sido transmitido nenhum saber pelos seus avós.

“Lembro. Olhe no meu caso, aprendi a pescar com os meus avós. E gosto muito desse hobbie, pescar à cana e à rede mesmo. É mesmo, uma das coisas que tive sempre foi uma semaninha de férias, para ir para a pesca com o meu avô” (Pai rural 1).

“ A minha avó sempre me ensinou a respeitar os mais velhos e a respeitá-la a ela também, a saber cuidar dela; eu ajudei a cuidar da minha avó e do meu avô também. Ensinarão-me jogos que eles faziam dantes e explicavam-me, que aquelas coisas não são assim, eram de outra forma como eram dantes e davam valor às coisas como eram dantes” (Pai rural 3).

“ Nenhuns. Os meus avós faleceram eu também era relativamente criança ainda. A minha avó quando faleceu tinha eu doze anos, estás a ver, não me recordo assim de nada. Já não estava em brincadeiras, no campo. Ela era uma mulher do campo, não tenho assim nada, tirando o Natal e o Ano Novo, que normalmente estávamos juntos” (Pai rural 4).

“Eu com os meus avós nunca lidei muito, porque eu já vim um bocadinho tarde e os meus avós já tinham mais idade, aí já não tinham paciência possivelmente para lidar comigo e nunca tive uma relação também muito forte com eles, porque eles também não viviam perto de mim, não tive tão próximo deles” (pai rural 5).

“Foi sempre o convívio das famílias. Sempre a darem-se bem uns com os outros. O pouco que a gente tinha e aqueles que tivessem mais, eu sempre aprendi assim com eles, podíamos ter pouquinho mas o que tivéssemos a mais, devia de dar para todos. Não interessa se ele fosse rico se fosse pobre, o que interessava era o convívio e pronto e aquela convivência que se tinha, não interessava se era fulano se era beltrano. Não havia diferença nisso, isso não havia” (pai rural 7).

“Não, porque tive pouco tempo com os meus avós e a minha avó era surda-muda” (Pai urbano 2).

“Sei lá, poupar, rentabilizar coisas, não deitar coisas fora. Dizer assim, pá, o dinheiro não é de quem o ganha é de quem o poupa. Aquelas coisas, comer restos, dizer assim, é pá, não se desperdiça nada, o esforço é que é tudo no trabalho, quer dizer, nasce o espírito de sacrifício foi isso que eles me incutiram” (Pai urbano 5).

“A respeitar os outros e a ser educado. A minha avó estava sempre a repreender-me quando achava que eu era mal-educado e eu não gostava, mas hoje vejo que ela tinha razão” (Pai urbano 13).

“Ah os meus avós ensinaram-me a partilha com os outros, especialmente com os meus primos, porque andávamos sempre à briga. Vá lá, não briguem, sejam amigos

mas então o que é isso? Os meus avós educaram-me dentro das regras deles e eu acho que foi bom, foi muito bom para mim” (Pai urbano 23).

Verificamos que a transmissão de valores educacionais como a partilha e o respeito, foram os mais referenciados. Algumas atividades foram menos referenciadas como o ir à pesca ou fazer jogos. Alguns pais referiram que tiveram muito pouco ou nenhum contato com os seus avós.

8.3.2 – Relações avós e netos segundo os pais

Iremos analisar de seguida a opinião dos pais sobre as relações dos seus filhos com os avós, que valores são transmitidos e se a educação transmitida é saudável.

Quadro nº 81 – Quadro referente à opinião dos pais sobre a educação dada pelos avós aos netos

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
RELAÇÕES FAMILIARES	Educação dada pelos avós rurais é ou não saudável para as crianças	Muito saudável	16
		Mimam-nos muito	8
		Não devem contrariar as ordens dos pais	6
	Educação dada pelos avós urbanos é ou não saudável para as crianças	É saudável	20
		Dão muitos mimos	9

Pela leitura do quadro nº 81 e pela análise das entrevistas, a maioria dos pais rurais, (16) afirma que a educação dada pelos avós aos seus filhos é muito saudável, mas 8 afirmam que os avós mimam muito os seus netos e 6 afirmam, que os avós não devem contrariar as ordens dadas pelos pais às crianças.

No grupo dos pais urbanos, a maioria, (20), afirma também que a educação dada pelos avós aos seus filhos é saudável e 9 afirmam, que os avós dão muitos mimos às crianças.

“É. Às vezes no meu caso, que já tenho duas maiorzinhas, eu digo para a mais velha, olha vais para casa da tua avó, porta-te bem e não sei quantos, não moas muito a cabeça à tua avó, antes pelo contrário, vem para casa depois, não é? E ela vem com os miminhos todos. Outras vezes a gente dá-lhe um raspanetezinho e ela, ah a minha avó não ralha comigo e não sei quê. Portanto, fazem-nos malucos, às vezes. Às vezes dormem comigo e é mimos a mais” (Pai rural 1).

“É muito saudável, é verdade, estragam os netos com mimos, nós queremos fazer umas coisas e eles vão por trás e fazem outras, totalmente diferentes daquilo que a gente quer fazer, mas acho que isso é saudável, não é muito preocupante” (Pai rural 3).

“Pois aí nesse aspeto não. Acho que os avós têm que estar, têm mesmo que estar presentes e por vezes saberem pôr-se no lugar deles. Se o pai ou a mãe estão a ralhar, por muito que custe ao avô ou à avó, não é? Quando os pais estão a ralhar eles têm que se encolher um bocado. É uma situação que não acontece, porque às vezes, depois ainda dão mais força e depois alguns viram-se contra os pais, porque sentem a força por parte dos avós. Eu penso que eles pecam por vezes, porque os pais retraem-se nalgumas coisas devido à cultura não é? E os avós acabam por os estragar, porque eu digo que não e depois a avó vai por detrás e vai comprar. Naturalmente não posso, mas amanhã ou outro dia, quando pudermos compramos e a avó vai por trás e compra. Por vezes os avós estragam-nos nesse aspeto ” (Pai rural 4).

“Sim. Às vezes quando eles se portam mal, eles também dão aqueles ralhetes que às vezes damos aos nossos filhos. Eles também já têm dado, eu penso que também é importante a educação que eles dão. Agora se calhar, há certas coisas que não dão tão bem como não é o filho deles, eles sabem que têm um pai, têm um pai e uma mãe neste caso, não é, e há coisas que deixam para nós resolvermos” (Pai rural 5).

“Sim a seguir aos pais são sempre os avós. Nós já puxamos mais porque temos uma maneira de puxar os filhos e os avós têm outras maneiras de querer puxar por eles. Nós puxamos de uma maneira e os avós incentivam de outra. Não há nada mais saudável do que isso” (Pai rural 7).

“Os avós não eram como hoje. Eu lembro-me que o meu pai eram cinco filhos e eu era o neto do filho mais novo, num meio rural. Os avós, o que eles nos permitiam essencialmente era, tentavam dar agradinhos com comida e compensavam-nos no Natal. Tinham o dia-a-dia nas fábricas e é pá temos de trabalhar pá. Não era aqueles avós de hoje, ir ao cinema, nada disso, mas transmitiram-nos pronto, todos esses valores, vai trabalhando muito. Se queres ser alguém tens de trabalhar. Os valores hoje são outros, mas os meus sogros estão atentos e estão em cima dos netos a ensinarem-lhes coisas desse género. Não roubes, não faças mal aos outros, partilha e isso são tudo valores que devem ser ensinados pela família. Os valores que os meus avós me transmitiram, marcaram-me muito e ainda hoje me lembro deles. Se eles brincam com os avós, como às vezes os pais não brincam, passam para aí um quarto de hora a brincar. Isto não é a deseducar. Às vezes noto que eles se calam quando não concordam com coisas que os pais dizem aos filhos, mas deseducar, dizer não, não faças assim, não, acho que não. Acho que contribuem todos, ou seja, toda a família está preocupada com a educação deles e os avós, essencialmente com os valores” (Pai urbano 5).

“Acho que é saudável. Não acho que seja contraproducente em nada. Há teorias de que as pessoas acham que os avós mimam demais os filhos e de que realmente, pronto, os deixam fazer tudo, é a expressão mais utilizada. Eu é aquilo que digo. Acho que é um bocadinho fruto se calhar, de estarem a viver uma situação que para eles se calhar é um pouco como nós pais no último filho. Se calhar valorizamos algumas coisas que não valorizámos no primeiro e isso nos avós, reflete-se em maior intensidade, porque a idade é diferente. Portanto, eu acho que é por aí, agora não vejo que façam algo contraproducente e se o fizerem, nós com certeza também estamos a tempo de o corrigir, não é?” (Pai urbano 10).

“Estragam-nos com mimos. Estão sempre a dar-lhes coisas e a fazer-lhes as vontades todas. Se eu acho saudável? Acho que sim, acho que sim porque recordo-me que os meus avós faziam-me o mesmo e tenho muitas saudades deles. É a chamada educação açucarada que eles lhes dão” (Pai urbano 21).

Verificamos que muitos pais são unânimes em reconhecer que a educação e a presença dos avós são saudáveis para os seus filhos. Apesar de satisfazerem os seus desejos, a cumplicidade e o afeto sobrepõem-se aos mimos.

Quadro nº 82 – Quadro referente à maior ou menor presença dos avós, junto dos netos

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
RELAÇÕES FAMILIARES	Os avós rurais, deveriam de estar mais ou menos presentes junto dos netos	Estão presentes o suficiente	17
		Deviam de estar mais presentes	4
		Estão mais presentes os avós maternos	4
	Os avós urbanos, deveriam de estar mais ou menos presentes junto dos netos	Estão o suficiente	8
		Deviam de estar mais presentes	17

Pela leitura do quadro nº 82 e pela análise das entrevistas, verificamos que a maioria dos pais rurais, (17), afirma que os avós estão presentes o suficiente junto dos seus netos; 4 afirmam que os avós mais presentes são os maternos e 4 afirmam que os avós deveriam de estar mais presentes junto dos seus filhos.

No grupo dos pais urbanos, a maioria refere que os avós deveriam de estar mais presentes junto dos seus filhos; apenas 8 afirmam que os avós estão presentes o suficiente.

“Também estão presentes, estão sempre presentes. Neste caso, estão frequentemente porque moramos no mesmo prédio, nós por cima e eles por baixo” (Pai urbano 1).

“Estão sempre presentes, estão sempre aqui e quando eu preciso de alguma coisa, venho ter com eles” (Pai rural 3).

“Já os do meu lado são mais distantes, agora estes, não há dia nenhum que eles não venham ver o neto” (Pai rural 4).

“Sim estão presentes o suficiente, como também, pronto, se for os avós da parte da mãe não estão tão presentes porque também não estão aqui, mas estes como estão mais próximos, têm sempre a tendência de estar mais presentes” (Pai rural 5).

“Gostava. Gostava porque hoje é difícil não é, hoje não é fácil mas com o tempo, como vemos como isto vai, vai cada vez ser mais difícil, mas gostava que estivessem mais presentes, gostava” (Pai rural 7).

“Mas mais presentes? Já estão. Mais era difícil. Tinham que deixar de trabalhar e não pode ser. Estão sempre presentes, mais era difícil” (Pai urbano 2).

“Gostava que estivessem mais presentes. Claro, a gente não tem tempo e não ter tempo não é só desculpa, são factos. A gente tem horários diferentes e se eles estivessem mais perto ajudariam mais. Estando mais perto, podiam ter um afazer mais ativo, estando longe têm o possível, é isso” (Pai urbano 5).

“Eu gostava e acho que todos nós gostávamos, mas isso é próprio na medida em que as coisas vão evoluindo. Acho que gostávamos todos nós, ou de grande parte das pessoas, de ter uma vida profissional ou até mesmo ao nível das ocupações de todos os tempos, que permitisse se calhar estar mais tempo e estar presente em mais situações. Mas a vida, o dia-a-dia, as correrias, cada vez mais obrigam a que sejam tudo encontros muito fugazes. Tirando aquela fase das festas e dos períodos ou natalícios ou da Páscoa, onde realmente as pessoas estão juntas, ou porque a nível profissional também estão de férias, portanto têm uma disponibilidade um bocadinho diferente. No dia-a-dia é muito difícil conciliar as coisas no sentido de estar mais perto e mais junto” (Pai urbano 10).

Nas unidades de registo analisadas, verificamos que os avós rurais, estão mais presentes junto dos netos do que os urbanos e o desejo dos pais desse contexto, é que estejam presentes sempre que possível, reconhecendo assim os benefícios desse contato entre avós e netos. Muitos contactam com os netos diariamente, mas verificamos que a maior ausência dos avós é em contexto urbano.

8.3.3 – Importância dos avós para a família

Segundo os pais, que importância têm os avós para a família e para manter o equilíbrio familiar? Iremos analisar esses dados de seguida.

Quadro nº 83 – Quadro referente à importância ou não dos avós, para a coesão familiar

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
RELAÇÕES FAMILIARES	Os avós rurais, são ou não importantes para a coesão familiar	São importantes	23
		Podem prejudicar	2
	Os avós urbanos, são ou não importantes para a coesão familiar	São importantes	21
		São importantes se forem isentos	2
		Depende do casal	2

Pela leitura do quadro nº 83 e pela análise das entrevistas, verificamos que para a maioria dos pais rurais, (23), os avós são importantes para manter a coesão familiar. Apenas 2 pais afirmam que os avós podem prejudicar essa coesão.

No grupo dos pais urbanos, a maioria, (21), também afirma que os avós são importantes para a coesão familiar. No entanto, 2 pais deste contexto afirmam que os avós são importantes, se forem isentos e 2 afirmam que a coesão depende do casal.

“Eu acho que sim e é sempre bonito de ver aqueles dias em que há por exemplo, um aniversário de um avô ou de uma avó, reunir a família toda, os pais, os netos, ou se tiver já bisnetos e para os familiares, que estão dias e dias sem se ver, é bonito. Depois encontrar os irmãos ou outras pessoas de família que já não vimos há muito tempo, é bonito” (Pai rural 1).

“Nos dias de hoje, às vezes pode ser prejudicial. Nem sempre ajuda mas depende também, depende das circunstâncias. Depende das circunstâncias que há para resolver” (Pai rural 5).

“É pá, algumas vezes sim e outras vezes não. Isso é como o tempo, é praticamente como o tempo. Umaz vezes, umas vezes são amigos, outras vezes zangam-

se, não sei para quê, mas é sempre uma valia, os avós são sempre uma valia. Hoje temos uns dias bons, outros dias maus, mas isso, hoje é uma coisa, amanhã é outra, mas a coisa está sempre pronta e presente” (Pai rural 7).

“Penso que sim, mas não em todos os casos. Não é fácil para os avós conseguirem ser isentos na apreciação, quer dos filhos quer das noras ou vice-versa e nessa situação, é melhor haver algum cuidado e até algum afastamento dos problemas” (Pai urbano 1).

“Sim, na ajuda que dão. Ao ajudar, mantêm as pessoas unidas e há aquela maneira de reconhecimento por parte de todos” (Pai urbano 2).

“Os avós como avós, não tenho dúvidas nenhuma que eles estão preocupados com as crianças e no funcionamento familiar. Tenho uma noção, que o relacionamento nora sogra é sempre mais distante do que mãe e filha. Pronto é isso que eu creio, mas acho que é geral com todas as pessoas. Deve ser cultural, penso eu” (Pai urbano 5).

“Depende. Voltamos à mesma questão. Depende da relação que o casal tem com os avós, porque há avós e avós e também da legitimidade que dão aos avós, para determinadas situações. O que é que eu quero dizer com isto? Há casais que relativamente à independência familiar, aquando do casamento, continuam a viver a sua vida como se ainda estivessem a viver em casa dos pais. É lógico que isso dá aos pais, se calhar, uma autonomia para ter determinado tipo de atitudes, quando os filhos continuam a viver em casa. Se realmente o casamento marcar alguma, não quer dizer uma distância, mas marcar no fundo o início de um outro lar e que não seja uma continuidade daquele que estava, logicamente que aí eu acho que é possível ver desenvolverem essa coesão, mas um bocadinho com cada qual no seu espaço. Eu acho que é um pouco isso, ou seja, há casais que casam e depois os pais pagam o carro, os pais ajudam até mesmo no aspeto financeiro. É lógico que isso depois legitima-os também para opinar sobre a vida das pessoas, porque são eles que estão a financiar e estou a falar nesse aspeto, porque é o mais fácil de salientar. Se eles depois é que pagam, se calhar acham-se no direito de opinar, porque se eu como avô estou a pagar tudo, então deixem-me também dar a minha opinião. Agora se houver, isto é um exemplo, mas fora do campo financeiro também pode haver outros exemplos. O caso daqueles filhos que têm os netos e depois os vão pôr permanentemente em casa dos pais, é lógico que se calhar o tipo de educação que esses avós dão aos netos, eles têm

que obrigatoriamente ter algum papel nessa educação, algum papel ou alguma influência nessa educação, porque os filhos pura e simplesmente tiveram de mostrar a criança aos avós. Portanto, eu acho que é um bocadinho nesse aspeto, que tem a ver com a tal independência ou não dos avós, o aspeto financeiro é aquele que salta mais à vista não é? Porque esse legitima ainda mais não é” (Pai urbano 10).

Concluimos que para a maioria dos pais, quer do contexto rural, quer do contexto urbano, reconhecem que os avós são importantes para manter a coesão familiar. São responsáveis pela reunião dos seus membros. Alguns pais referem que essa ajuda, depende do facto dos pais serem ou não independentes dos avós, o que pode originar algumas situações de conflito.

Ferland, (2006, p.69), afirma o seguinte: *“Que os avós estejam disponíveis e presentes na vida dos filhos e dos netos é bom. Que o estejam de uma forma simultaneamente discreta e calorosa é ainda melhor. Para o conseguirem, têm de dar prova de tato, de diplomacia e de respeito. Evitarão inúmeros conflitos se estiverem prontos para escutar os pais e disponíveis para dar resposta ao seu apelo, respeitando o que desejam para si como ajuda”.*

A atitude diplomática mas calorosa dos avós, ajuda a manter o equilíbrio e a coesão familiar, necessária também para o crescimento psicológico saudável das crianças, tais como demonstram os estudos de Ramos, (2004, a, b, 2012). As crianças poderão sentir-se rejeitadas sempre que haja conflitos por parte de membros da família, ficando por vezes confusas em relação à razão dos conflitos.

8.3.4 – Experiências/vivências dos pais com os avós

Iremos analisar de seguida, quais as experiências e as vivências que foram importantes para os pais e que ainda hoje recordam dos seus avós.

Quadro nº 84 – Quadro referente às experiências/vivências dos pais com os seus avós

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
RELAÇÕES FAMILIARES	Experiências/vivências dos pais rurais com os seus avós	Ser cuidado pelos avós	20
		Passeios	4
		Pescar	1
	Experiências/vivências dos pais urbanos com os seus avós	Não conviveu com os avós	8
		Férias	6
		Cumplicidade	4
		Fins-de-semana	3
		Doces da avó	4

Pela leitura do quadro nº 84 e pela análise das entrevistas, verificamos que para os pais rurais, as experiências e as vivências que mais recordam com os seus avós, (20), são os cuidados recebidos, seguindo-se os passeios, (4) e a pesca, (1).

No grupo dos pais urbanos, são recordadas as férias, (6), a cumplicidade que tinham com os seus avós, (4), os fins-de-semana passados juntos, (3) e os doces feitos pelas avós, (4). Neste grupo de pais urbanos, 8 referiram que não conviveram com os seus avós, não existindo recordações deles.

“Tirando a pesca, gostava de ir com eles à pesca. Gostava muito de ir para o rio com eles e gostava de mexer no peixe, mas eles às vezes não deixavam, (risos) porque diziam que eu amolecia o peixe todo” (Pai rural 1).

“A minha avó sempre cuidou de mim, sempre esteve presente, sei lá, desde quando andava na primária, levava-me todos os dias à primária e ia-me buscar à primária, preparava-me as minhas refeições todas, mesmo quando já trabalhava, a minha mãe trabalhava e ela é que ia à minha casa tratar da minha alimentação, sei lá, tudo, a minha avó foi mais que minha mãe (risos) ”. (Pai rural 3).

“Sim são vários, especialmente os passeios no campo, os passeios no jardim, jantar juntos, são várias as experiências que tive” (Pai urbano 1).

“Marcaram-me muito, marcaram-me muito. Quando eu penso neles, eu lembro-me de episódios, sei lá, a minha avó a dar uma moeda às escondidas do meu avô, sei lá. Para ir ao cinema, era tudo às escondidas. Fazer uma torta no forno personalizada para mim. Gostas mais com chouriço ou com sardinha ou não sei quê. Agora assim coisas típicas de brincadeiras, cinema e de ir jogar ténis, não tiro o valor, porque a geração é outra, penso eu. Já havia tentativas. No meio rural, toda a gente trabalhava, ninguém pensava, vou passear com o meu neto ao parque. O meu avô fazia lá parte de um grupo que era os Antónios e como eu também sou António, fazia questão que eu fosse com ele, o meu avô materno. O meu avô paterno, eu era muito pequeno quando ele faleceu. Lembro-me que a minha avó, mulher desse meu avô disse para o meu pai, como eu era o neto dos mais recentes, tratava-me se calhar com mais carinho, dava-me mais atenção. Como também tinha uma relação mais próxima com o meu pai, relacionava-se mais comigo. Eu ia buscá-la e ia visitá-la ao fim do dia, mas as relações com ela que eu tinha em garoto, eram praticamente diárias. A gente vinha da escola, tomava lá banho, lanchava lá, comia lá, adeus até amanhã e vinha-me embora. Ao fim de semana, uma dava-me uma moedinha, a outra avó dava-me outra às escondidas do meu avô. Isto era coisas rotineiras de trabalho. Eles não deixavam de trabalhar para fazer qualquer coisa com os netos. Era uma vida seguida, sempre seguida, não havia aquele passar férias com os filhos, não. Nunca passei férias com os meus avós. Eles têm uma casa de praia inclusivamente e não têm passado férias comigo, lá. A gente ia para lá e eles iam lá uma vez só e nem sempre lá ficavam. Não havia assim uns laços estreitos de relação, que permitisse o convívio físico diário. Vivíamos assim todos só, naquela altura era assim mais ou menos. O meu avô não me dava um beijo nem aquelas coisas. Agora não, agora os valores são os filhos, sempre. Há sempre manifestações de afeto diárias constantes. Naquele tempo era de outra maneira, só isso” (Pai urbano 5).

“Uma avó sim, uma avó pelo menos. O meu avô faleceu quando eu era muito pequeno, portanto, ele faleceu extremamente jovem. Lembro-me dele, mas uma coisa muito, muito vaga. Também havia a distância, porque eles não viviam junto a nós. Portanto ao contrário dos meus pais e dos meus sogros que era relativamente fácil chegar até eles, com os meus avós não, não seria assim. Havia alguma distância,

portanto logicamente, tínhamos um ritual de todos esses fins-de-semana ir ter com eles, ir almoçar com eles e estar com eles. Isso lembro-me perfeitamente, mas não mais do que isso. A nível do dia-a-dia, não, não houve esse acompanhamento. É assim, é lógico que transmitiam, mas a última recordação que tenho deles é muito mais o fim-de-semana das brincadeiras, do que propriamente durante a semana na época escolar em que estava longe deles, não é?” (Pai urbano 10).

“Ah, olhe lembro-me de o meu sobrinho arrancar o dedo à minha avó. É o único episódio que nunca mais me vou esquecer, que é a minha avó ir para o hospital com setenta anos, com o dedo cortado que o meu sobrinho arrancou sem querer. Pronto mas foi forte e eu lembro-me da minha avó fazer tortas de laranja magníficas, que eu adoro tortas de laranja, portanto há uma série de coisas e não há nenhuma como aquela. Há muita coisa que eu me lembro e nomeadamente na modesta história de ao fim de semana, ir para casa da minha avó e ter determinado tipo de brincadeiras, isso eu lembro-me perfeitamente, marcou-me e foi uma fase” (Pai urbano 11).

Estes registos referem-se às vivências e interações pessoais dos pais em relação aos seus avós e relatam experiências vividas e a cumplicidade existente. Podemos afirmar que existe ternura e saudade nos relatos dos pais.

Os “mimos” recebidos dos avós podem ser alimentos, doces especiais para os netos, convívio cheio de experiências afetivas e a saudade dos locais de brincadeiras junto ao domicílio das avós.

Os pais que referiram não ter tido experiências e vivências com os seus avós, reconhecem que ficaram mais pobres em afetividade, em relação aos seus filhos, que hoje têm os seus avós presentes e que recebem essa carga afetiva que lhes é benéfica para o seu desenvolvimento psicológico e psicoafectivo.

Os avós, mais pacientes e tolerantes, marcaram positivamente os seus netos, tal como referem os pais de hoje.

8.3.5 – Mensagens especiais dos pais para os avós

Iremos analisar de seguida que mensagens importantes deixam os pais para todos os avós.

Quadro nº 85 – Quadro referente às mensagens especiais dos pais para os avós

TEMA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	Nº UNIDADES DE REGISTO
AVÓS	Mensagens especiais, dos pais rurais para os avós	Devem ser como os avós deles	12
		Disfrutem dos netos	8
		Que durassem eternamente	3
		Ajudem os netos	16
	Mensagens especiais, dos pais urbanos para os avós	Ajudem os netos	18
		Acompanhem os netos	16
		Gozem os netos	11

Pela leitura do quadro nº 85 e pela análise das entrevistas, os pais rurais deixaram as seguintes mensagens para os avós de hoje: ajudem os netos, (16), devem ser como os avós dos pais rurais, (12), disfrutem os seus netos, (8) e 3 pais desejaram que os avós durassem eternamente.

As mensagens do grupo dos pais urbanos foram as seguintes: ajudem os netos, (18), acompanhem os netos, (16), gozem os netos, (11).

“A mensagem que eu deixo para os avós é que eu, eu no meu caso, queria que os meus avós durassem eternamente, mas como sei que não é possível. Continuem, a cuidar dos netos e depois lá vem os bisnetos e é dar o carinho, sempre da mesma maneira que deu aos netos, dar aos bisnetos. E estarem sempre presentes, é isso” (Pai rural 1).

“A mensagem é que eles, pronto, têm que ajudar os filhos, os filhos deles não é? Os filhos dos filhos e que cada vez também é importante estarem mais disponíveis também para poder ajudar. Os pais como estão menos disponíveis para os filhos é

importante, eles também estarem presentes, para eles saberem que têm uma pessoa que olha por eles não é?” (Pai rural 5).

“Olha que estejam sempre presentes na vida dos netos pá. Além do pai e da mãe é sempre uma mais-valia, é isso que eu tento sempre deixar na mensagem, certo?” (Pai urbano 7).

“Acho que são pessoas importantes e que se devem ligar com os netos, devem fazer aquilo que os avós deles fizeram por eles, acho que era um bom exemplo. Se o meu filho não tivesse os avós ia perder muito. Acho que eles são uma imagem muito boa para ele” (Pai urbano 1).

“Que tentem ajudar os netos e os filhos o máximo que puderem. Alguns já fazem muito e só assim se consegue alguma coisa senão é difícil” (Pai urbano 2).

“Sem deixar de viver a vida deles, que acompanhem os netos, sei lá. É isso, não sei o que é que hei-de dizer, ou seja, tenham mais disponibilidade. Não é do ponto de vista egoísta de dizer: ah eles têm mais tempo para os netos e tal. Os avós também têm que viver a sua vida e assim deixar de viver a sua vida, dentro do possível, porque isto não é unidirecional. Há os netos, não é só dos avós para os netos, também é dos netos para os avós, para passarem mais tempo juntos. “ (Pai urbano 5).

“Olhe os avós de hoje, eu acho que a única mensagem, é eles continuarem a ser os avós que são e que no fundo, gozem os seus netos e os seus filhos. Acho que também é pena, não haver condições para que os avós consigam cada vez mais ter o tempo disponível para estarem com os netos, porque á medida que as idades avançam, as pessoas vão trabalhando até mais tarde, porque toda a relação dos avós com os netos, também tem muito a ver com o tempo que eles têm disponível, não é? Se os avós também, por si só, tiverem uma vida profissional muito ativa ainda como avós, logicamente que o tempo que têm para os netos é quase igual ao dos pais, é pouco. Portanto é pena que realmente, eles não possam estar mais com os netos, mas os tempos que estejam, que realmente o aproveitem porque acho que é realmente benéfico, para ambos” (Pai urbano 10).

Pelas mensagens, podemos afirmar que é importantíssimo para os pais a existência dos avós.

Os desejos das expectativas dos avós em relação aos pais estão ilustrados no quadro nº 85 que apresenta as unidades de registo.

8.4 – SINTESE FINAL – PAIS

Verificamos que os pais expressam a importância dos avós em vários aspetos:

Nas ajudas que dão à família e ao casal, ajudas essas expressas em ajudas económicas e de cuidados infantis. Na transmissão de afeto e valores aos seus filhos e na manutenção da união familiar.

Verifica-se uma diminuição muito acentuada das práticas tradicionais de cuidados de saúde, que não são realizadas pelos pais, mas algumas são ainda realizadas pelas avós.

Os pais referem que os recursos locais de saúde, não dão uma resposta adequada às suas necessidades, pelo que utilizam pediatras particulares e as urgências hospitalares, mas reconhecem a importância dos Centros de Saúde para a vacinação e são também recurso único para alguns.

Muitos pais, especialmente os urbanos, não praticam a sua religião mas não se opõem a que os seus filhos a pratiquem, não tomando parte dessas decisões. Os que praticam, referem que a mesma é importante para as crianças.

Alguns dos relatos dos pais, ilustram as interações e vivências que tiveram com os seus avós e como essas os marcaram e ensinaram a crescer e a integrarem-se na vida e no meio cultural envolvente.

CONCLUSÃO

Verificámos neste estudo que existem poucas diferenças na análise realizada, entre os avós que vivem em contexto urbano e os que vivem em contexto rural.

Ao observarmos o local de nascimento dos avós urbanos na caracterização sociodemográfica dos participantes, verificamos que nasceram em localidades muito diversas e que estas se encontram em contexto rural, daí podermos concluir que houve muita mobilidade territorial e que as características dos avós nos dois contextos são muito semelhantes.

Esta mobilidade populacional acentuou-se após a Segunda Guerra Mundial, devido ao empobrecimento do interior rural de Portugal, que dependia apenas da agricultura e não proporcionava qualidade de vida devido à falta de recursos. Os fluxos de pessoas para as grandes cidades, nomeadamente Lisboa, Porto e Coimbra, deveu-se à maior industrialização e comércio e estas cidades, apresentavam recursos que eram inexistentes nas localidades de onde eram naturais, nomeadamente acesso a cuidados de saúde, ensino e emprego.

A esperança de um futuro melhor levou ao fluxo de pessoas do interior para o litoral e um pouco mais tarde, na década de sessenta, a emigração para outros países europeus, nomeadamente a França, Luxemburgo e Alemanha.

Possivelmente, os resultados seriam diferentes se as famílias vivessem sempre em contexto urbano no espaço intergeracional estudado, mas neste estudo, verificámos que o grupo dos avós urbanos provinha de regiões díspares do nosso país, característica social e demográfica predominante.

Os avós reconhecem a sua importância para as famílias e crianças, especialmente dando ajuda económica e material para manter o equilíbrio monetário dos seus filhos e descendentes. Na investigação, muitos avós afirmavam que não podiam dar dinheiro mas davam géneros alimentícios, vestuário, mão-de-obra e tudo aquilo que consideravam necessário para que os seus netos tivessem uma boa qualidade de vida.

As ajudas inter-familiares no espaço intergeracional aumentaram substancialmente, ajudando mais hoje os avós os seus filhos do que eles foram ajudados pelos seus pais. Muitos avós afirmaram mesmo que depois de casarem, toda a economia

familiar era da sua responsabilidade e que viviam com o que existia, muitas vezes com poucos recursos, assegurando apenas a sua sobrevivência e a dos seus filhos.

Podemos verificar neste estudo que na contemporaneidade, os pais são mais dependentes dos avós do que estes foram dos seus pais, ou seja, no espaço intergeracional, a cooperação familiar aumentou substancialmente devido a uma maior estabilidade económica e disponibilidade presencial por parte dos avós.

O nascimento dos netos foi um acontecimento muito importante na vida dos avós, exprimido de forma muito implicada e emotiva esse acontecimento. Reconhecem que apresentam uma maior disponibilidade para cuidar dos seus netos. As avós estão muito presentes nos cuidados ao recém-nascido. Os avós estão mais presentes e são mais permissivos nas brincadeiras e menos rígidos para os seus netos do que foram para os seus filhos. Referiram que o convívio e a educação dada aos seus netos, é muito importante para o desenvolvimento harmonioso das crianças, porque estabelecem um elo de ligação entre pais e filhos, atenuando um pouco o conflito natural existente na descendência direta e transmitem-lhes valores, que consideram os corretos para a sua socialização.

Reconhecem que por vezes desautorizam um pouco as regras impostas pelos pais, criando assim maior cumplicidade com os seus netos, mas não consideram essas práticas nefastas para o processo educacional das crianças.

É notória a melhoria de recursos físicos e materiais de ajuda às tarefas domésticas e dos recursos de saúde no espaço intergeracional. Verificamos que a geração de pais deste estudo, não tiveram as mesmas vivências e dificuldades que tiveram os seus pais e avós.

Os equipamentos de ajuda às tarefas domésticas, nomeadamente a máquina de lavar roupa, reconhecida pelas avós como o aparelho que permitiu ganharem muito tempo livre e qualidade de vida, veio revolucionar o trabalho da mulher. Foram relatados pelas avós, as dificuldades sentidas sem estes recursos e de como tinham de cuidar dos membros da sua família, nalguns casos mesmo sem saneamento básico.

Os recursos de saúde melhoraram em qualidade e em quantidade, segundo a maioria dos avós entrevistados, mas referiram que a acessibilidade a esses mesmos recursos ainda é limitada e poderiam melhorar. Muitos avós já utilizavam o pediatra particular, como recurso na vigilância de saúde dos seus filhos e verificámos, que os

avós urbanos apresentam uma maior acessibilidade a cuidados de saúde mais diferenciados e o recurso a hospitais. Os avós que viviam em contexto rural utilizavam apenas estes recursos, se assim fosse indicado pelo médico ou em situações de saúde muito graves.

Verifica-se ainda uma centralização nos recursos de saúde mais diferenciados e especializados, presentes ainda apenas nas três grandes cidades de Portugal, Lisboa, Porto e Coimbra. Praticamente todas as capitais de distrito apresentam serviços de internamento de pediatria, mas não dão resposta a todas as situações de saúde que requerem cuidados mais diferenciados. O recurso aos pediatras particulares é comum nos dois contextos estudados, como complemento aos cuidados de saúde primários, onde ainda se realizam as consultas de vigilância e onde se ministra o plano nacional de vacinação em exclusivo.

No espaço intergeracional, observa-se um papel mais proactivo dos homens nos cuidados às crianças, realizando todas as tarefas necessárias com competência e substituindo a mãe sempre que necessário.

Também se observa a partilha das atividades domésticas, devido à atividade laboral de ambos os cônjuges, onde se destaca o cuidar da casa, a alimentação e os cuidados infantis. Estes resultados mantêm a tendência verificada por Ramos, (1993, 2004).

Os avós reconhecem que ajudavam pouco as suas esposas, ou porque culturalmente as tarefas domésticas e de cuidados infantis eram responsabilidade da mulher, ou porque esta não tinha atividade laboral recompensada monetariamente e era considerada doméstica, mas aqueles cujas esposas trabalhavam, tinham uma intervenção maior junto dos seus filhos, nomeadamente na vigilância. Os pais contemporâneos dividem as tarefas domésticas e os cuidados infantis, estando mais próximos das crianças e já não tem significado cultural, a distinção de tarefas masculinas e femininas na maioria das famílias estudadas.

Os pais e as avós, afirmam que os avós ajudam mais a cuidar dos seus netos e estão mais presentes nas suas brincadeiras, do que estiveram com os seus filhos. Na intergeracionalidade, os avós afirmaram estar mais disponíveis e terem mais paciência, para executar tarefas infantis com as crianças e tomar parte das suas brincadeiras e este facto, também é reconhecido pelos pais.

Podemos afirmar que as interações entre homens e crianças se acentuaram no espaço intergeracional, onde a questão cultural de género parece ter deixado de ter significado na contemporaneidade, mas teve visibilidade na geração anterior à dos avós.

A utilização de cuidados tradicionais de saúde, muito utilizados pelos pais dos avós devido aos poucos recursos em cuidados de saúde modernos, diminuíram bastante dos avós para os filhos e agora para os netos, sendo apenas utilizados aqueles que no saber empírico dos avós, deram mostras de eficácia, resumindo-se apenas a lambedores e chás de plantas.

As descrições apresentadas mostram-nos a evolução dos cuidados de saúde, especialmente na geração dos bisavôs e avós. Podemos considerar algumas dessas práticas um pouco estranhas nos dias de hoje, mas a única esperança para as pessoas nesse tempo para a cura das suas doenças, baseava-se nas crenças e ensinamentos dos membros mais velhos da família, utilizando os recursos naturais existentes.

Também a religiosidade e a prática de crenças religiosas diminuiu no espaço intergeracional, se bem que se observam ainda, especialmente no género feminino e em contexto rural, algumas práticas mágico-religiosas mais ancestrais, especialmente o ritual do quebranto e a geração de pais apesar de menos praticante, não se opõe à prática religiosa dos seus filhos, mas deixam que essa decisão seja das crianças, especialmente quando elas são mais velhas e em idade de compreender.

As práticas e crenças religiosas são mais importantes para o género feminino do que o masculino, diminuíram em número de praticantes no espaço intergeracional, mas os avós urbanos são praticantes em maior número que os avós rurais.

Ainda se verifica o uso de alguns objetos religiosos oferecidos pelos avós aos seus netos, nomeadamente a figura do Anjo da Guarda ou de Nossa Senhora de Fátima, ou outros santos, como proteção contra o mal que possa atingir os seus netos, tal como constatou Ramos nos seus trabalhos, (2003, 2004). Os pais não se opõem à presença destes objetos junto das crianças.

Em relação aos cuidados de saúde infantis, segundo os intervenientes deste estudo e tal como referido anteriormente, melhoraram substancialmente no espaço intergeracional quer em quantidade quer em qualidade, especialmente em contexto urbano. As referencias aos cuidados de saúde primários foram positivas, se bem que o recurso de saúde mais utilizado pelos pais com os seus filhos, seja o pediatra particular

devido a uma resposta insuficiente dos médicos de família em relação às doenças infantis. Também foram referenciadas dificuldades na obtenção de consultas atempadamente nos Centros de Saúde, sendo este utilizado essencialmente para a vacinação das crianças. Contudo, a maioria dos pais e dos avós estão satisfeitos com os cuidados prestados nestas unidades de saúde e apreensivos em relação ao encerramento de alguns.

Nos cuidados infantis ao recém-nascido, foram importantes para as avós os saberes transmitidos pelas suas mães e sogras sempre que presentes, mas verificámos que algumas famílias, vindas de regiões rurais para as urbanas, sentiram a falta desse recurso, referindo algumas avós que tiveram apenas os ensinamentos dos profissionais de saúde e que tiveram de tomar as decisões sozinhas, referentes aos cuidados a prestar aos seus filhos.

Também foi referido pelos avós, que muitas vezes as crianças mais velhas cuidavam das mais novas enquanto os seus pais iam trabalhar, sendo responsabilizadas desde muito cedo pela segurança dos seus irmãos e familiares, dando-lhes experiência para mais tarde poderem cuidar dos seus filhos.

Na contemporaneidade, as mães continuam a valorizar os saberes transmitidos pelas suas mães, dando-lhes uma importância igual ou mesmo superior aos ensinamentos dos profissionais de saúde. A sua presença constante, especialmente nos primeiros meses de vida dos seus netos, ajuda a diminuir os níveis de stress e de ansiedade das mães, devido à sua experiência e vivências passadas. Apesar de algumas mães considerarem que algumas das práticas das avós já são ultrapassadas, contribuindo para isso também, os ensinamentos feitos pelos profissionais de saúde, nomeadamente os pediatras, alguns cuidados prestados pelas avós resolvem alguns problemas imediatos dos bebés, referindo as mães terem grande gratidão para com as suas avós mães e sogras, pela ajuda prestada. Também estão convictas de que vão continuar esse papel de transmissão de saberes nas gerações futuras. No entanto, a transmissão desses saberes continua a ser predominante no género feminino, apesar dos pais contemporâneos que colaboram nos cuidados, serem cuidadores eficientes dos seus filhos.

A transmissão de saberes sobre os cuidados infantis, das avós para as jovens mães, reveste-se de especial importância para resolver problemas imediatos do quotidiano, mas em caso de doença, recorrem ao médico especialista, nomeadamente o

pediatra, mas as mães reconhecem que os saberes das avós são tão importantes como os dos profissionais de saúde. Estas, quase sempre presentes junto dos seus netos, identificam problemas nos bebés e apresentam a sua resolução às jovens mães e estas, reconhecem a importância desses saberes no seu dia-a-dia, a sua eficácia e importância para a sua qualidade de vida. Muitas vezes, são as avós que influenciam a decisão da criança ser ou não observada por um médico especialista, ao identificarem sinais e sintomas, que requerem o recurso especializado em cuidados pediátricos.

Também as etnoteorias sobre cuidados infantis, influenciam a maneira de cuidar das crianças, através da transmissão intergeracional de crenças e saberes empíricos. Para as mães, os saberes intergeracionais transmitidos pelas suas mães, complementam os saberes transmitidos pelos técnicos de saúde, tal como referido anteriormente, mas irão mais tarde também dar continuidade às suas filhas ou noras, transmitindo esses saberes, evidenciando assim a evolução das práticas de cuidados, adaptadas à evolução socio/cultural e características em que as famílias estão inseridas.

Estas etnoteorias apresentam diferenças regionais, mais acentuadas quanto mais se situarem as localidades no interior, devido à diferença de recursos de saúde e económicos, mas houve uma evolução muito significativa das práticas de cuidados às crianças no espaço intergeracional estudado, num esforço das unidades de saúde, em diminuir as taxas de mortalidade infantil, com a implementação de programas de saúde materno-infantil em todo o país.

Apesar de socialmente ainda permanecerem algumas crenças, sobre as atividades domésticas pertencerem à esfera feminina, o cuidar dos filhos tem sido uma tarefa cada vez mais partilhada por ambos os cônjuges, sofrendo uma evolução intergeracional e de género, importante nesse sentido. Os pais estão cada vez mais presentes na ajuda das tarefas escolares dos seus filhos, nas reuniões da escola, na ida ao médico, no acompanhamento das crianças nas suas actividades extracurriculares e em caso de internamento em unidades de saúde. Muitos pais assistem hoje ao nascimento dos seus filhos o que não se verificava na geração dos avós. Neste estudo, foi partilhado pelas diferentes gerações a importância que tem para as famílias o nascimento de uma criança, mas a estabilidade económica familiar intervém na decisão de ter mais filhos. Esta decisão é da responsabilidade do jovem casal sem a influência direta dos avós.

Verificamos neste estudo, que na contemporaneidade prevalecem os casais com um filho e dois filhos, vindo a diminuir drasticamente o número de filhos por família, no espaço intergeracional. São raras as famílias com três e mais filhos.

O casamento oficial continua a ser predominante nas famílias contemporâneas entrevistadas, existindo apenas um ligeiro aumento de casais que vivem em união de facto, no espaço intergeracional estudado, mas muito pouco significativo.

Também observamos uma maior literacia dos pais em relação aos avós e maior nas famílias urbanas que nas famílias rurais, mas tal facto parece não ter influenciado o número de filhos por casal.

A utilização de creches nas crianças é para os pais e para os avós, um complemento à educação e crescimento da criança. A instituição educativa tem como papéis identificados pelos intervenientes deste estudo, a imposição de regras, a socialização da criança e a aprendizagem de saberes como preparação para a atividade escolar. O papel dos avós é referenciado como sendo no âmbito dos afetos, do carinho e na transmissão de valores e é considerado tão importante como o da creche.

Também foi referenciado por alguns pais e avós, o facto de as creches serem caras e pouco flexíveis no horário de funcionamento e poderem deixar de ser acessíveis para os rendimentos atuais do jovem casal, podendo num futuro próximo, serem os avós os principais cuidadores, ou voltar o recurso a amas, mais baratas e acessíveis, especialmente pela maior flexibilidade em relação ao horário laboral dos casais de hoje.

A maioria dos pais considera o convívio dos avós com os netos, essencial para um crescimento equilibrado da criança e o facto de os avós serem mais permissivos e satisfazerem todos os pedidos dos netos, é saudável para as crianças e alimenta a chamada “relação açucarada” que se estabelece entre os dois.

As narrativas de vida relatadas pelos avós mostram que apesar das dificuldades vividas no seu tempo, estes desejam que os netos não passem pelas mesmas experiências e dificuldades, mas gostam que os seus filhos e netos as conheçam como atos de coragem e de sobrevivência.

Quase todos os avós e pais que conviveram com os seus avós, apresentam memórias de experiências que os moldaram e amadureceram ao longo da sua vida, experienciando momentos de afetividade e de interações únicas, inesquecíveis e muito importantes para o seu desenvolvimento e educação.

Alguns relatos mostram-nos como os avós criavam artefactos para os seus netos e os ensinavam a tomar parte das actividades diárias, destacando assim esta aprendizagem com outras actividades extraescolares.

Este estudo corrobora o estudo de Pires, (2010), que afirma que os avós têm a função essencial de construir a identidade dos seus netos, tornando-os cidadãos competentes e autónomos.

Esta função também é sentida pelos pais deste estudo, considerando os avós peça essencial para o crescimento e educação dos seus filhos, quer pela confiança devido aos laços de sangue que os une, eliminando o medo de maus-tratos, presente sempre que as crianças são cuidadas por estranhos, quer pelos valores e objetivos de vida propostos às crianças, transmitindo a estas, os mesmos valores que lhes foram transmitidos, considerados socialmente corretos e fornecedores de ferramentas essenciais ao crescimento dos seus netos, garantindo assim a sua descendência.

Das mensagens que os intervenientes deixaram para os avós, destacamos no estudo, as que considerámos mais importantes e as dimensões mais referenciadas foram a ajuda física e económica e a afetividade pelo amor e carinho que se espera que os netos usufruam dos seus avós. A esperança de um futuro melhor para os netos com a ajuda dos avós e a presença permanente destes junto das crianças, foram alguns dos desejos referenciados.

A alusão às dificuldades, sentidas no período pré 25 de Abril de 1974 ilustra as histórias transmitidas pelos avós, para que esses exemplos de repressão e desigualdade social não se repitam na contemporaneidade. No entanto, é preocupação da maioria dos avós o futuro dos seus netos, devido à evolução social sentida neste período de crise económica que Portugal atravessa. O desemprego e as dificuldades económicas, sentidas por muitas famílias contemporâneas, faz emergir outra vez o espectro da pobreza e da fome e a desesperança de um bom futuro para as gerações vindouras, preocupação referenciada pelos avós neste estudo. A possibilidade de uma nova escassez de recursos a que as gerações anteriores estavam habituadas, aumenta o receio da falta de preparação das gerações mais jovens, para sobreviver nesse novo contexto e acresce a preocupação de muitos avós contemporâneos, perante as medidas de austeridade frequentemente apresentadas pelo governo, dando uma sensação de impotência aos avós, nas ajudas que estes possam dar no futuro aos seus descendentes.

A preocupação com o futuro foi constantemente referenciada na investigação, assim como as diferenças sociais e vivências sentidas no período intergeracional, desde o papel de género, aos recursos, ao trabalho e organização laboral e familiar.

O grupo constituído pelos avós apresenta uma faixa etária, que inclui a passagem e vivência por alguns acontecimentos históricos que modificaram o contexto sócio/político dessa altura. Podemos mencionar o fim de uma ditadura com a revolução de 25 de Abril de 1974, a democratização de Portugal e o fim da guerra colonial com a independência das colónias portuguesas em África, que hoje constituem os PALOP, países africanos de língua oficial portuguesa. A guerra colonial teve repercussões nas famílias, onde estiveram presentes alguns dos avós entrevistados, nomeadamente algumas alterações comportamentais devido ao stress de guerra, existindo uma associação (APOIAR), que dá apoio a ex-militares presentes nesse conflito armado.

A geração contemporânea dos pais cresceu já num país democrático, acompanhando o fenómeno de globalização e multiculturalidade, que é responsável por modificações sociais e culturais importantes e sem o espectro da guerra. A entrada de Portugal na Comunidade Europeia e as alterações sociopolíticas que daí resultaram, o aumento da migração, assim como a alteração de algumas leis que interferiram na família, nomeadamente a aprovação da lei do aborto e o casamento de pessoas do mesmo sexo, a lei protetora das pessoas que vivem em união de facto e as alterações à lei do divórcio, alterou no espaço intergeracional o papel social das famílias contemporâneas e neste estudo, podemos verificar as diferenças interculturais das duas gerações, especialmente na maior solidariedade familiar intergeracional e no papel mais interventivo dos homens nos cuidados infantis e nas tarefas domésticas. Duas gerações com diferenças culturais notórias. Por um lado os avós, que ainda mantêm os valores associados à família nuclear tradicional por outro, os pais que vivem num período em que Portugal apresenta uma percentagem elevada de divórcios e uma baixa natalidade.

Consideramos que a crise económica atual, influencia a taxa de natalidade especialmente na tomada de decisão em ter o segundo filho e o aumento da idade da reforma, poderá condicionar e limitar a solidariedade familiar intergeracional, com repercussões diretas nos cuidados infantis, limitando os períodos de convívio entre avós e netos, limitando a transmissão cultural intergeracional e tal como foi observado na

pesquisa, as crianças ficarão privadas de atenção, afeto e da transmissão de valores sociais, reconhecidas como muito importantes para o desenvolvimento infantil.

Concluimos que a presença dos avós junto das famílias e das crianças é muito importante para o equilíbrio familiar, para um desenvolvimento psicoafectivo saudável da criança, para a transmissão cultural intergeracional e a construção de uma identidade social própria, importante para uma cidadania mais interventiva.

Nesta investigação, evidenciamos que o papel dos avós na sociedade contemporânea é muito importante.

Em primeiro lugar, os avós são os responsáveis diretos pela manutenção do equilíbrio socioeconómico das famílias, através das ajudas e da solidariedade familiar intergeracional.

Em segundo lugar, foi reconhecida a sua importância para o desenvolvimento harmonioso das crianças, contribuindo para a sua socialização e educação, através da transmissão intergeracional de saberes, valores culturais e sociais.

Em terceiro lugar, os avós também são importantes para os cuidados infantis prestados pelos pais, através da transmissão de saberes e experiências, especialmente no género feminino, sendo ainda um complemento muito importante para as jovens mães, que reconhecem a importância dos saberes das avós e o apoio prestado especialmente nos primeiros meses de vida dos bebés.

Em quarto lugar, também é reconhecida a importância da transmissão afetiva intergeracional, especialmente entre avós e netos, cultivando a chamada “*relação açucarada*”, reconhecida pelos pais como saudável e importante para a harmonia da família e o crescimento da criança, ajudando esta a reconhecer as hierarquias familiares, não como fator de distanciamento hierárquico, mas como aproximador das diferentes gerações.

Em quinto lugar, as interações vividas pelos intervenientes deste estudo com os seus avós, foi plena de situações afetivas importantes, lembradas em episódios descritos, tendo sido dado ênfase às diferenças intergeracionais de recursos e como estas influenciavam as tarefas e o cuidar dos elementos da família, o recurso a saberes práticas e tradições de saúde, nomeadamente a utilização de produtos fitobotânicos existentes, assim como práticas de tratamento e cura utilizando os recursos da época,

muito diferentes dos recursos contemporâneos, apesar de algumas mães e avós ainda utilizarem aqueles cuja eficácia é demonstrada empiricamente.

Em sexto lugar, apesar da diminuição da prática religiosa observada no período intergeracional estudado, as avós ainda continuam a utilizar algumas rezas e a utilizar alguns amuletos de proteção, com a convivência dos pais, apesar destes referirem ter religião mas não serem praticantes.

Por último, esta investigação pretendeu dar visibilidade a algumas histórias de vida narradas pelos intervenientes, ilustrando dificuldades e vivências sentidas, acentuando as diferenças intergeracionais e interculturais, assim como a evolução das condições laborais, sociais e económicas, desejando que no futuro, as próximas gerações não experienciem as mesmas situações e tenham melhor qualidade de vida.

O otimismo inculcado aos netos pelos avós é saudável e faz com que as crianças amem e sejam amadas, aprendem a ouvir e a ser ouvidas, a desejar e a serem desejadas, a valorizar e a serem valorizadas e o convívio das crianças com os avós promove o otimismo. Esta conceção vai ao encontro de Marujo et al (2000) quando defendem uma educação direcionada para o otimismo.

Não nos podemos esquecer, que os valores sociais de uma sociedade são da responsabilidade da família e das escolas e devem ser inculcadas nas crianças, de uma maneira responsável pelos elementos da família em primeiro lugar, sendo os avós o grupo privilegiado para executar essa tarefa.

Como constrangimentos desta investigação, salienta-se as limitações de tempo do investigador dado o seu trabalho em cuidados de saúde, o que inviabilizou muitas vezes o contacto simultâneo com um ou mais membros das famílias entrevistadas, alongando o tempo gasto na colheita de dados, assim como a diminuição do prazo para a finalização da tese pela Universidade Aberta em dezasseis meses.

Todas as entrevistas foram realizadas no domicílio dos intervenientes e nalgumas famílias estudadas, os pais viviam em localidades diferentes dos avós.

Como sugestões de futuros estudos sobre os avós, salientamos a importância dos avós nas famílias reconstruídas, a importância dos avós para as crianças e famílias após o divórcio dos pais, as repercussões das leis laborais na interação dos avós com os netos, a importância dos avós para as mães solteiras e adolescentes e as repercussões económicas na solidariedade intergeracional. Os estudos sobre os avós deveriam ser

mais numerosos, devido à sua grande importância para as famílias e sociedade contemporâneas, como é bem salientado nos resultados e conclusões deste estudo e é um domínio de investigação ainda pouco explorado, sentido especialmente pela pouca literatura sobre o assunto, quer na abordagem sociológica, quer na abordagem psicológica e das ciências da saúde.

Terminamos com um poema que uma avó declamou com muita emoção durante uma entrevista, após muita insistência por parte dos outros elementos da família.

Ser avó é uma paixão.

É uma ternura, uma preocupação.

Dar um abraço, dá-nos força para vivermos com mais intensidade.

A vida dá vida e caminhamos em frente.

Ser avó é muito agradável.

É a melhor coisa do mundo é ter um neto como eu tenho.

É alegria, é felicidade, é amor e quando ele está connosco, enche-nos de orgulho.

Obrigado neto.

Avó rural

BIBLIOGRAFIA

ANTÓNIO, Stella, (2004), **Netos e Avós: A matrilinearidade dos afectos**. Trabalho apresentado no II Congresso Português de Demografia.

BARRADAS, M., C., R., PEREIRA, M., A., RODRIGUES, J., P., V., (2009). O Cuidar Multicultural como Estratégia de Futuro. In, **Nursing. Edição Portuguesa**. N° 252, ano 21. P. 8-15.

BOLANDER, Verolyn Rae; SORENSEN et al, (1998) – **Enfermagem Fundamental: Abordagem Psicofisiológica**. Lisboa: Lusodidacta editores, 3ª Edição.

BOUDON, Raymond, (1995). **Tratado de Sociologia**. Porto, Edições ASA

BRAZELTON, Thomas, Berry, (1988). **O Desenvolvimento do Apego. Uma família em formação**. Porto Alegre, Editora Artes Médicas Sul.

BRAZELTON, T. Berry; SPARROW, Joshua, D.(2004). **A criança dos 3 aos 6 anos. O desenvolvimento emocional e do comportamento**. (2ª Edição). Lisboa, Editorial Presença.

BURGUIÉRE et al, (1986). **Histoire de la Famille**. Volume 2. Paris, Armand Colin Editeur.

CARMO, Hermano; FERREIRA, Manuela Malheiro, (1998). **Metodologia da Investigação. Guia para a auto-aprendizagem**. Lisboa, Universidade Aberta.

CARNEIRO, Roberto (2004). **A educação primeiro**. Coleção FML, n.º 3. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leitão.

CARDOSO, Ofélia, Boisson, (1969). **Psicologia das relações familiares**. Rio de Janeiro, Editora Conquista.

CARVALHO, Ana Maria Almeida; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; RABINOVICH, Elaine Pedreira. (2010). Olhares de crianças sobre a família: um enfoque quantitativo. In **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Vol. 26, nº 3. Brasília.

CHAU, Fernando; SOARES, Cândida; FIALHO, José António Sousa; SACADURA, Maria João. (2012). **O Envelhecimento da População: Dependência, Ativação e Qualidade**. Roberto Carneiro coord. Relatório elaborado pelo Centro de Estudos Dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa. Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa.

CHAUDRON, Martine, (1992). Vie de famille, vie de travail, In François de Singly (coord.), **La Famille. L'état des Savoirs**. Paris, Editions La Decouverte.

CÓDIGO CIVIL PORTUGUÊS. **Decreto-lei nº 47344 de 25 de Novembro de 1966 parte 6**. Retirado do web site : http://www.igf.min-financas.pt/Leggeraldocs/DL_47344_66_COD_CIVIL_6.htm

COTRIM, Rosa Maria da Exaltação; BOROTO, Inovicléia Gonçalves; MAIA, Iara de Oliveira; VIEIRA, Livia Carolina, (2006). **Apontamentos a respeito do papel dos avós no cotidiano familiar das crianças do ensino fundamental**. Ouro Preto, Minas Gerais: Universidade Federal de Ouro Preto.

CRUZ, Braga da. (1995). **Teorias Sociológicas. Os Fundadores e os Classicos**. 1º Volume. 2ª Edição. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

CUCHE, Denys, (2003). **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. (2ª edição). Lisboa, Editora Fim de Século.

DIAS, Cristina Maria de Souza Brito; SILVA, Márcia Andréa Souza e Silva. (2003). Os avós na perspectiva de jovens universitários. In **Psicologia em estudo**. Vol.8. P.55-62. Departamento de Psicologia Universidade Estadual de Maringá.

DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. (2012). A convivência intergeracional nas famílias chefiadas por idosos. In, Natália Ramos et al, A **Voz dos Avós**. Coimbra. Edição da Fundação Pro-Dignitate e Gráfica de Coimbra.

DIAS, Maria Fernanda Barata. (2005). **Saúde, doença e cuidados numa aldeia da Beira Interior**. Dissertação de Mestrado em Comunicação em Saúde. Lisboa, Universidade Aberta.

DUBAR, Claude, (1997). **A Socialização. Construção das identidades sociais e profissionais**. Porto, Porto Editora.

FERLAND, Francine, (2006). **Os avós nos dias de hoje. Prazeres e armadilhas**. Lisboa, Edições CLIMEPSI.

FERNANDES, Ana Alexandre, (1997). **Velhice e Sociedade. Demografia, Família e Políticas Sociais em Portugal**. Oeiras, Celta editora.

FERNANDES, Ana Alexandre, (2001). Velhice, solidariedades familiares e política social. Itinerário de pesquisa em torno do aumento de esperança de vida. In, **Sociologia, problemas e práticas**. Nº 26. P. 39 – 52. Oeiras.

FERREIRA, J. M. Carvalho; PEIXOTO, João; CARVALHO, Anabela Soriano; RAPOSO, Rita; GRAÇA, João Carlos; MARQUES, Rafael. (1995), **Sociologia**. Alfragide, editora McGraw Hill.

FERREIRA, M.; F.;J.; A. (2009). **A Atuação do Serviço Social no Contexto Sociojurídico: O papel dos avós guardiões**. Trabalho apresentado no III Congresso Ibero-americano de Psicogerontologia. São Paulo.

FONSECA, António, (2007). **Envelhecimento e qualidade de vida em Portugal: algumas evidências e outras tantas inquietações.** Comunicação apresentada no 1º Congresso Internacional Envelhecimento e Qualidade de Vida. Instituto Superior Bissaya Barreto, Coimbra.

FRUHAUF, A., Christine; JARROT, Shannon, E.; ALLEN, Katherine, R. (2006). Grandchildren's Perceptions of Caring for Grandparents. In: **Journal of Family Issues.** Volume 27. P. 887 – 911. Sage Publications. University of Florida.

GUIMARÃES, Catarina Castanho; NUNES, Nuno Pavão; CASTANHO, Rita. (2012). Caracterização da população idosa portuguesa e luso-descendente nos EUA. In, Natália Ramos et al, **A Voz dos Avós.** Coimbra. Edição da Fundação Pro-Dignidade e Gráfica de Coimbra.

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA, (s/d). Volume 3. Lisboa/Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia limitada.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2013). Estatísticas Demográficas 2011. In **Destaque; informação à Comunicação Social.** Portal do INE.

ISAMBERT, Fernande, (1971). **Avós Modernos.** Lisboa, Publicações Europa América.

KIENTZ, Annette, (1983). **As insubstituíveis avós.** Lisboa, Publicações Dom Quixote.

KING et al, (2003). Relations With Grandparents. Rural Midwest Versus Urban Southern California, in **Journal of Family Issues.** Volume 24, nº 8. P. 1044 – 1069. SAGE Publications, University of Florida.

KORNHABER et al, (1985). **Grand Parents Grand Children. The Vital connection.** New Jersey, Library of Congress.

LANÇA, Florbela, Freitas, (2005). **Cuidados Alimentares e Estilos Comunicacionais. Avós – Netos Nos Dois Primeiros Anos de Vida.** Dissertação de Mestrado de Comunicação em Saúde. Lisboa, Universidade Aberta.

LA PORTA, Laura Morais, (2011). **Direito de visita dos avós: Lei nº 12.398/2011.** Trabalho de conclusão de curso em Ciências Jurídicas e Sociais da Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

LAPLANTINE, F., (1986). **Anthropologie de la maladie.** Paris, Payot

LEININGER, M., WATSON, J., (1990), The Caring Imperative in Education. New York, **National League for Nursing.** Volume XVI, nº2, Editora APP, Celta Editora, p. 293-323.

LEININGER, Madeleine (1998); Enfermagem Transcultural: Imperativo da Enfermagem Mundial. Lisboa: **Revista Enfermagem.** Nº 10, p. 32 - 36.

LOPES, Carmo. (2012). Passagem de testemunho etnobotânico pelas avós. In, Natália Ramos et al, **A Voz dos Avós.** Coimbra. Edição da Fundação Pro-Dignidade e Gráfica de Coimbra.

MARUJO, Helena Águeda; NETO, Luís Miguel; PERLOIRO, Maria de Fátima, (2000), **Educar para o optimismo. Guia para professores e pais.** Lisboa: Editorial Presença.

MENDES, Maria Filomena. (2012). Crise Aumenta Taxa de Natalidade em Mulheres mais Velhas. In **Diário de Notícias Ciência.** Retirado da web site: http://www.dn.pt/inicio/ciencia/interior.aspx?content_id=2308308&seccao=Sa%FAde&page=-1

MENDES, Maria Filomena; ROSA, Maria João Valente. (2012). **Projeções 2030 e o Futuro. Encontro Presente no Futuro.** Fundação Francisco Manuel dos Santos.

MENESES, Avelino de Freitas de. (2012). Os Avós na Sociedade contemporânea. In, Natália Ramos et al, **A Voz dos Avós.** Coimbra. Edição da Fundação Pro-Dignidade e Gráfica de Coimbra.

MESQUITA, Margarida, Maria, Rosa. (2011). **Parentalidades nas Famílias Nucleares Contemporâneas com Crianças em Idade Pré-escolar. Dimensões, Desafios, Conflitos, Satisfação e Problemas.** Tese de Doutoramento em Sociologia, Especialidade em Sociologia da Família. Lisboa, Universidade Aberta.

MILLS, Terry, L.; WAKEMAN, Melanie, A.; FEA, Christopher, B. (2001). Adult Grandchildren's Perceptions of Emotional Closeness and Consensus With Their Maternal and Paternal Grandparents, in, **Journal of Family Issues.** Volume 22, nº 4. P. 427 – 455. University of Florida, SAGE Publications.

NERY, Anita Liberalesso. (2007). Qualidade de Vida no Adulto Maduro: Interpretações Teóricas e Evidências de Pesquisa. In **Qualidade de Vida e Idade Madura.** 7ª edição. São Paulo. Editora Papirus.

OBSERVATÓRIO PORTUGUÊS DOS SISTEMAS DE SAÚDE. (2013). **Relatório da Primavera 2013. Duas Faces da Saúde.** Obra patrocinada pelo Observatório Português dos Sistemas de Saúde e pela Associação de Inovação e Desenvolvimento em Saúde Pública. Retirado da Web site: <http://www.observaport.org/sites/observaport.org/files/RelatorioPrimavera2013.pdf>

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO. (2013). **Portugal: Monitoring and Improving Quality in Long-Term Care.** OECD/European Commission Publishing. Retirado do website. <http://www.oecd.org/els/health-systems/Portugual-OECD-EC-Good-Time-in-Old-Age.pdf>

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. (2012). **Envelhecimento da população é desafio crescente para sistemas de seguridade social**. Retirado do Website: <http://www.onu.org.br/envelhecimento-da-populacao-e-desafio-crescente-para-sistemas-de-seguridade-social/>

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. CENTRO REGIONAL DE INFORMAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. (2013). **Envelhecimento da população é um dos maiores desafios da Europa**. Retirado do Website: <http://www.unric.org/pt/actualidade/26453-envelhecimento-da-populacao-e-um-dos-maiores-desafios-da-europa>

ORIÁ, M.; XIMENES, L.; PAGLIUCA, L., (2007), Sunrise Model: Análise a partir da Perspectiva de Afaf Meleis in **Revista de Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro jan/mar; 15(1): 130-5.

PEDRO, João Gomes. (2006). O papel dos Avós no Século XXI. In **Povos e Culturas nº 10. Os avós como educadores**. Universidade Católica Portuguesa. Edição da CEPCEP.

PINTO, Segismundo; CORREIA, Alberto; OLIVEIRA, Fernando, C.; COSTA, Acácio, A. (1989) **Avós e Netos**. Porto. Edição da Escola de Pais Nacional.

PIRES, Maria de Fátima Ferrão. (2010). **Presença e papel dos avós: estudo de caso**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, especialização em Formação Pessoal e Social. Universidade de Aveiro.

PRIEUR, Bernard, (1999). Que recebemos da família? In Bernard Prieur (coord). **As heranças familiares**. Coleção Sistemas, Famílias e Terapias. Lisboa, CLIMEPSI editores.

QUEIRÓS, Isabel Maria Ferreira da Silva. (2005). **Natureza e qualidade da relação avós-netos e seu contributo para a auto-avaliação global dos netos.** Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação do Porto.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc, Van, (1992). **Manual de Investigação em Ciências Sociais.** Lisboa, Gradiva Publicações.

RAMOS, Natália, (1993). **Maternage eu milieu portugais autóctone et immigré. De la tradition à la modernité. Une étude ethnopsychologique.** Tese de Doutoramento em Psicologia. Paris, Universidade Rene Descartes. Sorbonne. 2 vol.

RAMOS, Natália, (2001). Comunicação, cultura e interculturalidade: para uma comunicação intercultural. **Revista Portuguesa de Pedagogia.** Ano 35, nº 2. P.155 – 178.

RAMOS, Natália, (2002). Educação, saúde e culturas – Novas perspectivas de investigação e intervenção na infância. **Revista Portuguesa de Pedagogia.** Ano 36, nº 1, 2 e 3.

RAMOS, Natália, (2003). Etnoteorias do desenvolvimento e educação da criança. A perspectiva intercultural e preventiva, in Pires. C. et al (coord). **Psicologia, Sociedade e Bem-estar.** Leiria, editora Diferença.

RAMOS, Natália, (2004 a). **Psicologia Clínica e da Saúde.** Lisboa, Universidade Aberta.

RAMOS, Natália, (2004, b). A família nos cuidados à criança e na socialização precoce em Portugal e no Brasil. A. Cova, N. Ramos, T. Joaquim, (org). **Desafios da Comparação.** Família, mulheres e género em Portugal e no Brasil. Oeiras, Celta Editora.

RAMOS, Natália, (2005). Relações e solidariedades intergeracionais na família – Dos avós aos netos. **Revista Portuguesa de Pedagogia**. Ano 39, nº 1. P. 195 – 216

RAMOS, Natália. (2006). Migração, aculturação, stresse e saúde. Perspectivas de investigação e de intervenção. **Psychologica**. Ano 2006, nº 41. P. 329-350

RAMOS, Natália, (2007). Comunicação e interculturalidade nos cuidados de saúde. **Psychologica**. Ano 2007, nº 45.

RAMOS, Natália, (2008). Migração, Aculturação e Saúde. In Natália Ramos org. **Saúde, Migração e Interculturalidade**. Editora Universitária da UFPB. João Pessoa. P. 45 – 96.

RAMOS, Natália, (2008). Interculturalidade e Comunicação nos Cuidados de Saúde. In Natália Ramos org. **Saúde, Migração e Interculturalidade**. Editora Universitária da UFPB. João Pessoa. P. 97 – 132.

RAMOS, Natália, (2011). Educar para a Interculturalidade e Cidadania: Princípios e Desafios. In Alcoforado et al. **Educação e Formação de Adultos. Políticas, Práticas e Investigação**. Imprensa da Universidade de Coimbra. P. 189 – 200.

RAMOS, Natália, (2012). Avós e netos através da(s) imagem(s) e das culturas. In. Natália Ramos et al. **A Voz dos Avós**. Coimbra, Gráfica de Coimbra e Pro-dignitate. P. 33 – 56.

REGO, Conceição; MENDES, Maria Filomena; CALEIRO, António. (2008). **Acerca da Eficácia das (Recentes) Políticas Publicas de Combate ao Envelhecimento em Portugal: Algumas Lições do Passado**. Trabalho apresentado no III Congresso Português de Demografia.

REY, Yveline. (1999). A transmissão familiar, in BERNARD PRIEUR (coord). **As heranças familiares**. Coleção Sistemas, Famílias e Terapias, nº 5, Lisboa CLIMEPSI editores.

RODRIGUES, João Paulo, (2008). **Práticas e saberes das avós no cuidar das crianças. Uma abordagem intergeracional e intercultural**. Dissertação de Mestrado em Comunicação em saúde, Lisboa, Universidade Aberta.

SAMPAIO, Daniel, (2008). **A Razão dos Avós**. 3ª Edição. Lisboa, Editorial Caminho.

SANTANA, Nívia Cardoso Guirra, (2011). **Criança e Adolescente sob a Guarda de a Avós: Proteção integral, dignidade da pessoa humana e reflexos previdenciários**. Dissertação de Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea. Salvador, Universidade Católica de Salvador.

SEGALEN, Martine. (1999). **Sociologia da Família**. Lisboa, Edições Terramar

SILVA, Ana Mateus, (2012). A Colaboração dos Avós na Educação dos Netos. In **Interfaces Científicas – Educação**. Aracaju, vol. 1 nº 1, P. 67 – 75.

SILVA, Diana Sofia Pereira, (2011). **Solidariedade Familiar Intergeracional de Adultos Emergentes: Análise da Relação entre o Apoio Prestado e Antecipado a Pais e Avós e Variáveis Demográficas e Psicológicas**. Dissertação de Mestrado Integrado de Psicologia. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

SILVA, Flora Cristina Moreira, (2011). **Qualidade de Vida no processo de Envelhecimento e a Integração nos Centros de Dia. (Uma Perspectiva do Utente)**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação – Educação Especial. Lisboa. Escola Superior de Educação Almeida Garrett.

SOEIRO, Maria dos Anjos Santos, (2010). **Envelhecimento Português. Desafios Contemporâneos – Políticas e Programas Sociais – Estudo de Caso.** Dissertação de Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.

TOMEY, Ann, Marriner. ALLIGOOD, Martha, Raile, (2004). **Teóricas de Enfermagem e sua obra. (Modelos e Teorias de Enfermagem.** 5ª edição. Loures. Editora Lusociência.

VEZIN, Annette, (1982). **Quando a mãe trabalha.** Lisboa, Publicações Dom Quixote.

VIEGAS, Patrícia, (2012). **Quanto vale um avô para a família?** Agência Lusa

ENDEREÇOS ELETRÓNICOS

Associação Portuguesa de Demografia

http://www.apdemografia.pt/textos_comunicacao.php?id_actividade=18

Código Civil Português

http://www.igf.min-financas.pt/Leggeraldocs/DL_47344_66_COD_CIVIL_6.htm

Comissão Europeia. Eurostat

<http://epp.eurostat.ec.europa.eu/tgm/table.do?tab=table&language=en&pcode=tps00001&tableSelection=1&footnotes=yes&labeling=labels&plugin=1>

Diário Digital

http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id_news=624064

Diário de Noticias Ciência

http://www.dn.pt/inicio/ciencia/interior.aspx?content_id=2308308&seccao=Sa%FAde&page=-1

Observatório Português dos Sistemas de Saúde. Relatório da primavera 2013

<http://www.observaport.org/sites/observaport.org/files/RelatorioPrimavera2013.pdf>

Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económicos.

<http://www.oecd.org/els/health-systems/Portugual-OECD-EC-Good-Time-in-Old-Age.pdf>

Organização das Nações Unidas

<http://www.onu.org.br/envelhecimento-da-populacao-e-desafio-crescente-para-sistemas-de-seguridade-social/>

Organização das Nações Unidas: Centro Regional da Informação das Nações Unidas

<http://www.unric.org/pt/actualidade/26453-envelhecimento-da-populacao-e-um-dos-maiores-desafios-da-europa>

Portal do Instituto Nacional de Estatística

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main

SIC Noticias

<http://sicnoticias.sapo.pt/vida/2012/07/26/dia-dos-avos-assinala-se-hoje-e-relembra-importancia-dos-mais-velhos-na-educacao-dos-netos>

Wikipédia – Dia dos avós e dos avôs

http://pt.wikipedia.org/wiki/Dia_dos_Av%C3%B4s_e_das_Av%C3%B3s

FILMOGRAFIA

RAMOS, Natália, (1993). **Bercements et berceuses en milieu Portugais**. U-matic, C. 30 min.

RAMOS, Natália, (1994). **Gestes de mères, gestes de pères**, Betacam, SP, C, 45 min.

RAMOS, Natália, (1995). **Maternage Portugais**. Betscam, SP, C. 35min.

RAMOS, Natália, (1995). **Grads-parents et petits-enfants**. Le renouveau du printemps. Betacam, SP, C. 40min.

ANEXOS

ANEXO N° 1

Questionários utilizados para a caracterização sociodemográfica da amostra - Avós

CARACTERIZAÇÃO SOCIO/DEMOGRÁFICA - AVÓS

Idade da avó -

Naturalidade _____

Residência _____

Há quanto tempo vive nessa residência? _____

Habilitações Literárias:

Não sabe ler nem escrever-----

Sabe ler e escrever mas não possui grau de ensino---

Ensino básico (4ª Classe) -----

Ensino Preparatório-----

Ensino secundário-----

Ensino médio-----

Ensino superior -----

Pós-graduação, mestrado, doutoramento-----

Estado civil _____

Número de filhos _____

Número de netos _____

Tem religião?

Sim-----

Não-----

E é praticante?

Sim-----

Não-----

Situação profissional:

Doméstica-----

Trabalhadora---

Pensionista-----

Outra situação----

Qual? _____

Composição do agregado familiar

Habita perto dos netos?

Sim-----

Não-----

Os seus pais cuidaram dos seus filhos?

Sim-----

Não-----

Os seus avós cuidaram de si?

Sim-----

Não-----

Que cuidados presta ao seu neto?

Todos-----

Apenas alimentação-----

Apenas vigilância-----

Apenas adormecimento-----

Nenhum-----

Outros_____

Qual a periodicidade desses cuidados?

Todos os dias-----

Apenas fora do horário do jardim infantil-----

Apenas quando a mãe sai-----

Outros-----

Que tipo de ajudas dá aos seus filhos?

Ajuda monetária-----

Ajuda no cuidar da casa-----

Ajuda no cuidar dos netos na ausência dos pais

Outros_____

ANEXO N° 2

Questionários utilizados para a caracterização sociodemográfica da amostra - Avôs

CARACTERIZAÇÃO SOCIO/DEMOGRÁFICA - AVÔS

Idade do avô -

Naturalidade _____

Residência _____

Há quanto tempo vive nessa residência? _____

Habilitações Literárias:

Não sabe ler nem escrever-----

Sabe ler e escrever mas não possui grau de ensino---

Ensino básico (4ª Classe)-----

Ensino Preparatório-----

Ensino secundário-----

Ensino médio-----

Ensino superior -----

Pós-graduação, mestrado, doutoramento-----

Estado civil _____

Número de filhos _____

Número de netos _____

Tem religião?

Sim-----

Não-----

E é praticante?

Sim-----

Não-----

Situação profissional:

Trabalhador-----

Pensionista-----

Outra situação---- Qual? _____

Composição do agregado familiar

Habita perto dos netos?

Sim-----

Não-----

Os seus pais cuidaram dos seus filhos?

Sim-----

Não-----

Os seus avós cuidaram de si?

Sim-----

Não-----

Que cuidados presta ao seu neto?

Todos-----

Apenas alimentação-----

Apenas vigilância-----

Apenas adormecimento-----

Nenhum-----

Outros _____

Ajudou a sua esposa a cuidar dos seus filhos?

Sim-----

Não-----

Que tipo de ajudas dá aos seus filhos?

Ajuda monetária-----

Ajuda no cuidar da casa-----

Ajuda no cuidar dos netos na ausência dos pais

Outras _____

ANEXO N° 3

Questionários utilizados para a caracterização sociodemográfica da amostra - Pais

CARACTERIZAÇÃO SÓCIO/DEMOGRÁFICA - PAIS

Idade do Pai

Naturalidade _____

Residência _____

Há quanto tempo mora nessa residência? _____

Habilitações Literárias

Ensino básico-----

Ensino secundário-----

Ensino médio-----

Ensino superior-----

Pós-graduação, mestrado, doutoramento--

Estado civil _____

Profissão do pai-----

Tem alguma religião?

Sim-----

Não-----

É praticante?

Sim-----

Não-----

Considera importante os cuidados dos avós ao seu filho?

Sim-----

Não-----

Composição do agregado familiar _____

Nº de filhos _____

Habita perto da mãe/sogra?

Sim-----

Não-----

Tipo de Habitação

Andar-----

Morada-----

Outros----- Especificar_____

Qual das avós está mais presente no cuidar do seu filho?

Avó materna-----

Avó Paterna-----

Ambas-----

Onde obteve conhecimentos para cuidar do seu filho?

Profissionais de saúde-----

Mãe-----

Outros familiares-----

Livros/revistas-----

Televisão-----

Rádio-----

Outros-----

Que tipo de ajudas lhes dão os seus pais/sogros?

Monetárias-----

Ajudam nas tarefas de casa-----

Ajudam a cuidar dos seus filhos

Ajuda a cuidar dos seus filhos?

Sim-----

Não-----

Acha importante o convívio dos seus filhos com os avós?

Sim-----

Não-----

ANEXO N° 4

Questionários utilizados para a caracterização sociodemográfica da amostra - Mães

CARACTERIZAÇÃO SÓCIO/DEMOGRÁFICA - MÃES

Idade da mãe

Naturalidade _____

Residência _____

Há quanto tempo nessa residência? _____

Habilitações Literárias

Ensino básico-----

Ensino secundário-----

Ensino médio-----

Ensino superior-----

Pós-graduação, mestrado, doutoramento--

Estado civil _____

Profissão da mãe-----

Tem alguma religião?

Sim-----

Não-----

É praticante?

Sim-----

Não-----

Considera importante os cuidados das avós ao seu filho?

Sim-----

Não-----

Composição do agregado familiar _____

Nº de filhos _____

Habita perto da mãe/sogra?

Sim-----

Não-----

Tipo de Habitação

Andar-----

Moradia-----

Outros----- Especificar_____

Em caso de doença do bebé a quem recorre?

Médico de família-----

Pediatra particular-----

Mãe/sogra-----

Curandeiro-----

Outros----- Quais?_____

Qual das avós está mais presente no cuidar do seu bebé?

Avó materna-----

Avó Paterna-----

Ambas-----

Onde obteve conhecimentos para cuidar do seu filho?

Profissionais de saúde-----

Mãe-----

Outros familiares-----

Livros/revistas-----

Televisão-----

Rádio-----

Outros-----

Que tipo de ajudas lhes dão os seus pais/sogros?

Monetárias-----

Ajudam nas tarefas de casa-----

Ajudam a cuidar dos seus filhos

Acha importante o convívio dos seus filhos com os avós?

Sim-----

Não-----

ANEXO N° 5

Guião de entrevistas - Avós

GUIÃO DE ENTREVISTA "AVÓS"

QUESTÕES:

- 1 - Ajuda nos cuidados ao seu neto?
- 2 - Quem lhe ensinou esses Cuidados?
- 3 - Esses cuidados são hoje muito diferentes dos cuidados que prestava quando era mãe?
São iguais em quê?
São diferentes em quê?
- 4 - Os seus pais foram importantes no cuidar dos seus filhos?
Porquê?
- 5 - Que ajudas os seus pais lhe deram?
- 6 - Acha que a sua mãe tinha um papel mais importante que tem a senhora hoje no cuidar dos netos?
- 7 - Quando era mãe trabalhava? Qual era o seu papel na família? Podia-me descrever o papel da mulher quando a senhora era jovem? Que recursos tinha nessa altura? Água, esgotos, cuidados de higiene, etc.
- 8 - Como viviam as pessoas mais velhas na família quando a senhora era jovem?
- 9 - Pode-me descrever algumas práticas tradicionais de cuidar das crianças até ao ano de idade que usou? E dessas práticas quais são as que hoje ainda usa?
- 10 - Quando era mãe que tipo de ajuda lhe dava o seu marido no cuidar das crianças. Acha que hoje é diferente?
- 11 - Quanto aos cuidados de saúde, que ajudas tinha nessa altura. Existiam doenças que hoje já não existem? Como eram os cuidados médicos? Onde existia médico?
- 12 - Que importância tinha para si as outras pessoas que a rodeavam por exemplo, família e vizinhos, no cuidar das crianças e da casa?

13 - Que importância tem para si a religião na protecção dos bebés? Recorreu alguma vez a alguém para a ajudar nalgum problema com os seus filhos? E agora com os seus netos? Faz algumas rezas, práticas de protecção ou recorre a alguém para proteger os seus netos?

14 - Diga-me o que pensa do papel das avós quando a senhora era mãe? E nas famílias de agora qual o seu papel?

15 - Acha importante os cuidados de saúde prestados pelos serviços de saúde locais? Centros de Saúde etc. E acha que evoluíram em qualidade?

16 - O que pensa do papel dos avós para o desenvolvimento das crianças? E para a família?

17 - Que tipo de ajuda dá hoje aos seus filhos? Acha que essa ajuda é reconhecida?

18 - Acha que a creche é um bom substituto para as avós?

19 - Descreva-me o que sentiu quando soube que foi avó.

20 - Quer deixar alguma mensagem especial para as avós?

21 - Descreva-me experiências/vivências que teve e que a marcaram como avó.

ANEXO N° 6

Guião de entrevistas - Avôs

GUIÃO DE ENTREVISTA AVÓS

QUESTÕES:

- 1 - Acha importante o papel dos avós para as famílias de hoje?
- 2 - Acha que esse papel era mais importante na geração dos seus pais ou agora?
- 3 - Acha que a presença dos avós junto dos netos é benéfica? Em que aspectos?
- 4 - Que tipo de ajudas dá hoje aos seus filhos? É uma ajuda diferente daquela que lhe deu os seus pais?
- 5 - Os seus avós ajudaram a cuidar de si?
- 6 - Ajudou a cuidar dos seus filhos? E hoje ajuda a cuidar dos seus netos? Acha que hoje é diferente?
- 7 - Acha que a creche é um bom substituto dos avós?
- 8 - Acha que os pais hoje estão mais presentes ou mais ausentes?
- 9 - Lembra-se de algum saber que lhe foi transmitido pelos seus avós? E hoje transmite aos seus netos algum saber?
- 10 - Acha que as avós têm um papel mais importante no cuidar dos netos do que os avôs?
- 11 - O que pensa dos cuidados de saúde infantis hoje? Acha que evoluíram?
- 12 - Ainda se recorda de alguns cuidados tradicionais que lhe foram feitos?
- 13 - Acha que os avós deviam de estar mais presentes junto dos netos?
- 14 - Descreva-me o que sentiu quando foi avô.
- 15 - Quer deixar alguma mensagem aos avós de hoje?
- 16 - Descreva experiências/vivências que teve e que o marcou como avô.

ANEXO N° 7

Guião de entrevistas - Pais

GUIÃO DA ENTREVISTA "PAIS DAS CRIANÇAS"

Questões:

- 1** - Acha que os avós são importantes para as famílias de hoje?
Em que aspectos?
- 2** - Que tipo de ajudas lhes dão hoje os seus pais/sogros?
- 3** - Acha que os avós são importantes no cuidar das crianças e no seu desenvolvimento?
- 4** - Acha que as creches são um bom substituto dos avós?
- 5** - Ajuda a cuidar do seu filho? Em que tarefas?
- 6** - O que pensa dos cuidados tradicionais praticados pelos avós?
Foram-lhe realizadas algumas dessas práticas?
- 7** - A religião tem alguma importância para si na protecção do seu filho? Aceitava que a avó por exemplo desse ao seu filho algum amuleto ou medalha religiosa?
- 8** - Lembra-se de algum saber que tivesse aprendido com os seus avós?
- 9** - Acha que a educação dada pelos avós aos seus filhos é saudável?
- 10** - O que pensa dos cuidados de saúde hoje para o seu filho?
Que recursos utiliza? Acha que são suficientes?
- 11** - Acha que os avós são benéficos para a coesão familiar? Em que aspectos?
- 12** - Gostava que os avós dos seus filhos estivessem mais presentes?
- 13** - Quer deixar alguma mensagem especial aos avós de hoje?
- 14** - Descreva uma experiência/vivência que teve e que a marcou com uma avó/avô.

ANEXO N° 8

Guião de entrevistas - Mães

GUIÃO DE ENTREVISTA " MÃES DE CRIANÇAS"

QUESTÕES:

1 - Qual a importância que a sua mãe ou sogra têm no cuidar do seu filho?

2 - Acha os saberes da sua mãe/sogra importantes para si? Porquê? O que aprendeu com a sua mãe ou sogra sobre crianças? Acha esses saberes ainda actuais? Porquê?

3 - Em relação ao cuidar do seu filho, foi mais importante para si os saberes da sua mãe ou da sua sogra?

4 - Pode-me descrever alguns cuidados tradicionais que ainda utiliza?

5 - Em relação aos ensinamentos dados nos serviços de saúde, ao seu conhecimento e o de sua mãe/sogra, eles diferem em quê? São iguais em quê?

6 - Em relação à religião ela influencia nas práticas de cuidados com o bebé? Recorreu a alguém para rezas ou outras práticas de protecção? Acha que também os vai praticar nos seus netos?

7 - Descreva-me qual é para si a importância das avós na família.

8 - Diga-me o que pensa dos serviços de saúde no apoio ao seu filho. Que recursos de saúde utiliza? Acha que são suficientes?

9 - Quais são os ensinamentos que considera mais importantes para si: os ensinamentos da sua mãe/sogra ou os ensinamentos dos serviços de saúde? E qual o papel das outras pessoas na doença do seu filho?

10 - Acha que a creche ou outras instituições de apoio infantil são bons substitutos das avós?

11 - Que tipos de ajudas lhes dão os seus pais/sogros hoje?

12 - O seu marido ajuda-a a cuidar do (s) seu (s) filho (s)?

13 - Gostaria de deixar alguma mensagem especial para os avós de hoje?

14 - Descreva uma experiência/vivência que teve e que a marcou com uma avó/avô.

